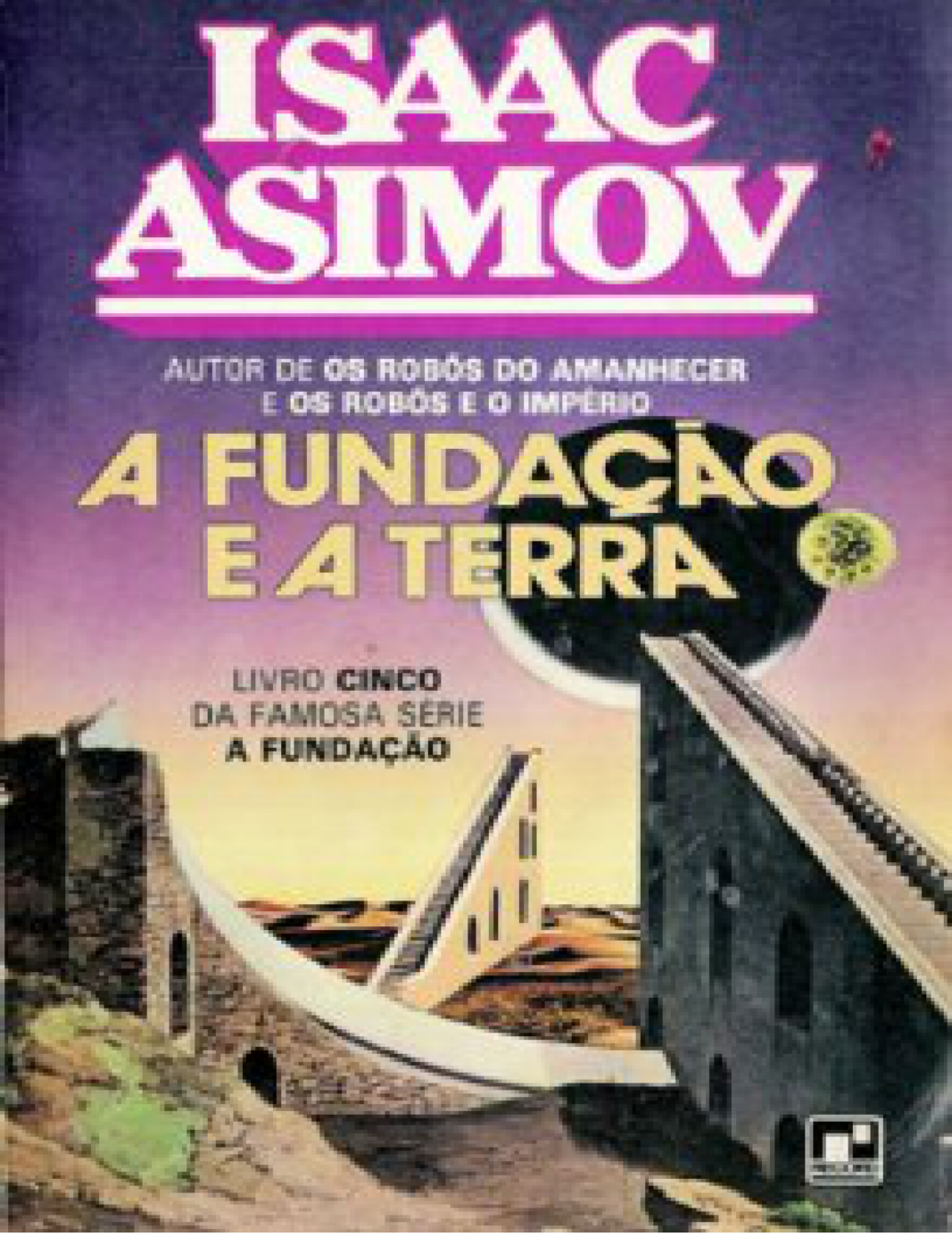
ISAAC ASIMOV

AUTOR DE **OS ROBÔS DO AMANHECER**
E **OS ROBÔS E O IMPÉRIO**

A FUNDAÇÃO E A TERRA

LIVRO **CINCO**
DA FAMOSA SÉRIE
A FUNDAÇÃO



SHOUT
SHARE
IT

Annotation

Golan Trevize, Conselheiro da Primeira Fundação, vê-se diante de uma tarefa assustadora: decidir qual será o futuro da Galáxia. Rejeitando a possibilidade de um Império Galáctico baseado na tecnologia da Primeira Fundação e também a de um Império baseado nos poderes mentais da Segunda Fundação, Trevize escolhe Gaia. O planeta Gaia é um superorganismo, um aglomerado de seres que encontra sua força na unidade mental. Se toda a Humanidade se fundir com Gaia, o resultado será um suprassuperorganismo dedicado ao bem comum, uma entidade que Trevize chama de *Galáxia Viva*.

Qual, porém, a razão pela qual Trevize foi levado a optar por Gaia em vez de uma das Fundações? Estará relacionada de alguma forma à história do planeta de origem da raça humana, que os antigos chamavam de Terra? Trevize não descansará enquanto não conhecer a resposta. Descobrindo que todas as informações a respeito da Terra desapareceram misteriosamente da Biblioteca Galáctica de Trantor, parte de Gaia em busca do planeta "perdido". Enquanto ele e seus companheiros, o historiador Janov Pelorat e a linda mulher de Gaia chamada Bliss, viajam de planeta em planeta, enfrentam uma odisseia da qual depende o destino do Império… e da própria Humanidade.

- Isaac Asimov
  - ○
  - ○ PARTE UM
    - ■ Capítulo 1
      - ■ 1
      - ■ 2
      - ■ 3
      - ■ 4
    - ■ Capítulo 2
      - ■ 5
      - ■ 6
      - ■ 7
      - ■ 8
  - ○ PARTE DOIS
    - ■ Capítulo 3
      - ■ 9
      - ■ 10
      - ■ 11
      - ■ 12
    - ■ Capítulo 4
      - ■ 13

- 14
- 15
- 16
- Capítulo 5
  - 17
  - 18
  - 19
  - 20
  - 21
- Capítulo 6
  - 22
  - 23
  - 24
  - 25
- Capítulo 7
  - 26
  - 27
  - 28
  - 29
  - 30

○ PARTE TRÊS
- Capítulo 8
  - 31
  - 32
  - 33
  - 34
- Capítulo 9
  - 35
  - 36
  - 37
  - 38
  - 39
  - 40

○ PARTE QUATRO
- Capítulo 10
  - 41
  - 42
  - 43
  - 44
  - 45
  - 46
- Capítulo 11
  - 47
  - 48

- 49
- 50
- Capítulo 12
  - 51
  - 52
  - 53
  - 54
  - 55
- PARTE CINCO
  - Capítulo 13
    - 56
    - 57
    - 58
    - 59
  - Capítulo 14
    - 60
    - 61
    - 62
    - 63
    - 64
    - 65
  - Capítulo 15
    - 66
    - 67
    - 68
- PARTE SEIS
  - Capítulo 16
    - 69
    - 70
    - 71
    - 72
    - 73
  - Capítulo 17
    - 74
    - 75
    - 76
    - 77
  - Capítulo 18
    - 78
    - 79
    - 80
    - 81
    - 82
    - 83

- 84
- PARTE SETE
  - Capítulo 19
    - 85
    - 86
    - 87
    - 88
    - 89
    - 90
    - 91
    - 92
    - 93
  - Capítulo 20
    - 94
    - 95
    - 96
    - 98
    - 99
    - 100
  - Capítulo 21
    - 101
    - 102
    - 103
    - 104
- A História por Trás da Fundação

Isaac Asimov
A Fundação e a Terra

À memória de Judy-Lynn del Rey (1943–1986), uma gigante de mente e espírito.

PARTE UM
GAIA

Capítulo 1
Começa a Busca

1

— Por que fiz isso? — perguntou Golan Trevize.

Não era uma pergunta nova. Desde sua chegada a Gaia, ele a fazia frequentemente a si mesmo. Às vezes, acordava de um sono profundo no frescor agradável da noite e encontrava a pergunta ressoando no fundo de sua mente, como um leve toque de tambor: Por que fiz isso? Por que fiz isso?

Agora, porém, pela primeira vez, estava fazendo a mesma pergunta a Dom, o patriarca de Gaia.

Dom podia sentir muito bem a tensão que estava por trás das palavras de Trevize, já que as emoções do conselheiro não tinham segredos para ele. Entretanto, manteve-se impassível. Gaia não devia, *de forma alguma,* intrometer-se nos pensamentos de Trevize, e a melhor forma de evitar a tentação era ignorar teimosamente o que ele sentia.

— Fez o quê, Trev? — perguntou.

Achava difícil usar mais de uma sílaba ao dirigir-se a uma pessoa. Trevize já estava quase se acostumando.

— A decisão que tomei — explicou Trevize. — Escolhendo Gaia como o futuro.

— Você tomou a decisão acertada — disse Dom, sentado, os olhos velhos e profundos encarando o homem da Fundação, que estava de pé.

— Isso é o que *você* pensa — disse Trevize, com impaciência.

— Eu/nós/Gaia sabemos que você está certo. É por isso que vale tanto para nós. Você tem a capacidade de tomar decisões corretas com base em dados incompletos, e você tomou uma decisão. Escolheu Gaia! Recusou tanto a anarquia de um Império Galáctico baseado na tecnologia da Primeira Fundação como a anarquia de um Império Galáctico baseado nos poderes mentais da Segunda Fundação. Você chegou à conclusão de que nenhum dos dois Impérios seria estável por muito tempo. Por isso, escolheu Gaia.

— Isso mesmo — concordou Trevize. — Exatamente! Escolhi Gaia, um superorganismo, um planeta inteiro com um único pensamento e uma única personalidade, de modo que foi preciso inventar o pronome "Eu/nós/Gaia" para expressar o inexprimível. — Começou a andar nervosamente de um lado para outro. — Um dia, Gaia se tornará a Galáxia, um supersuperorganismo que será composto

por todos os planetas habitados da Via Láctea.

Trevize parou, voltou-se para Dom e disse, de forma quase agressiva:

— Sinto que estou certo e você sente também, mas você *quer* que a Galáxia se torne uma realidade, de modo que está satisfeito com a decisão. Por outro lado, há algo em mim que *não quer* que isso aconteça, e portanto não estou preparado para aceitar esta escolha com tanta facilidade. Quero saber por *que* tomei a decisão que tomei. Quero examinar de novo meus motivos até convencer-me de que são razoáveis. Para mim, não basta "sentir" que estou certo. Como posso *ter certeza* de que não cometi um erro? Que é que garante que tomei a decisão correta?

— Eu/nós/Gaia não sabemos por que você sempre chega à decisão mais acertada. Isto é importante, contanto que a decisão seja tomada?

— Você está falando em nome de todo o planeta, não está? Em nome da consciência comum de todas as gotas de orvalho, de todas as pedras, até mesmo do núcleo de metal fundido de Gaia?

— Sim, e o mesmo poderia fazer qualquer parte do planeta na qual a intensidade da consciência comum fosse suficientemente forte.

— Toda essa consciência comum está satisfeita em me usar como se eu fosse uma caixa preta? Enquanto a caixa preta estiver funcionando, não interessa o que existe em seu interior? Pois isso não me agrada. Não gosto de ser uma caixa preta. Quero saber o que há dentro de mim. Quero saber como e por que escolhi Gaia e a Galáxia para o futuro. Só assim ficarei em paz comigo mesmo.

— Por que encara sua própria decisão com tanta desconfiança?

Trevize deu um profundo suspiro e respondeu devagar, em tom incisivo:

— Por que não quero ser parte de um superorganismo. Não quero ser um apêndice insignificante, pronto para ser jogado fora assim que o superorganismo achar que não sou mais necessário.

Dom olhou pensativamente para Trevize.

— Então quer mudar a decisão, Trev? Ainda é tempo, você sabe.

— Gostaria de mudar a decisão, mas não posso fazer isso apenas porque ela não me agrada. Para fazer alguma coisa, tenho que *saber* se tomei ou não a decisão acertada. Não basta *sentir* que estou certo.

— Se você sente que está certo, então está certo.

Sempre aquela voz suave, controlada, que às vezes deixava Trevize ainda mais agitado, tamanho era o contraste com o torvelinho de suas próprias ideias.

Foi então que Trevize declarou, quase num sussurro, quebrando afinal o equilíbrio instável entre o sentir e o saber:

— Preciso encontrar a Terra.

— Porque tem algo a ver com a sua necessidade incontrolável de adquirir novos conhecimentos?

— Porque é outro problema que me preocupa muito e porque *sinto* que existe alguma relação entre as duas questões. Não sou uma caixa preta? Pois eu *sinto* que existe uma ligação. Isso não é suficiente para convencê-lo de que a ligação existe?

— Talvez — afirmou Dom, em tom impessoal.

— Mesmo que tenham se passado milhares de anos, vinte mil, talvez, desde que os povos da Galáxia mantiveram o último contato com a Terra, como é possível que tenhamos todos esquecido o nosso planeta de origem?

— Vinte mil anos é mais tempo do que você imagina. Os conheci-incnlos de que dispomos a respeito dos primórdios do Império são ex-iianamente escassos; existem muitas lendas que provavelmente não contêm nem um pingo de verdade, mas que continuamos repetindo, ou mesmo aceitando como verdadeiras, por falta de um substituto razoável. Pois a Terra é ainda mais antiga que o Império.

— É impossível que não tenha restado nenhum documento. Meu bom amigo, Pelorat, coleciona mitos e lendas a respeito da Terra; tudo o que consegue obter. É seu trabalho e, mais importante ainda, seu passa-tempo favorito. Pois esses mitos e lendas são tudo o que existe. Jamais en-controu um único registro, um único documento a respeito da Terra!

— Documentos de vinte mil anos atrás? As coisas apodrecem, se desfazem, são destruídas pelo abandono e pela guerra.

— Pelo menos, teria que haver registros dos registros; cópias, cópias das cópias e cópias das cópias das cópias; obras escritas há muito menos tempo que vinte milênios. Essas obras foram deliberadamente removidas. A Biblioteca Galáctica, em Trantor, devia ter muitos documentos a respeito da Terra. Eles chegam a ser mencionados em alguns registros históricos, mas não podem ser encontrados na Biblioteca. Simplesmente desapareceram.

— Não se esqueça de que Trantor foi saqueada há alguns séculos.

— Sim, mas a Biblioteca permaneceu intacta. Ela foi protegida pelos membros da Segunda Fundação. Foi a própria Segunda Fundação que descobriu recentemente que as obras que tratam da Terra estão faltando. Os documentos foram removidos de propósito, em época relativamente recente. Por quê? — Trevize parou de andar e olhou fixamente para Dom. — Se eu encontrar a Terra, descobrirei o que esconde...

— O que esconde?

— O que esconde ou o que nela foi escondido. Quando eu descobrir isso, tenho o pressentimento de que saberei por que escolhi Gaia e a Galáxia, mesmo sacrificando a nossa individualidade. Então

poderei *saber,* e não apenas sentir, que tomei a decisão correta. Nesse caso — concluiu, com ar resignado — não haverá mais nada a fazer.

— Se você pensa que é assim — disse Dom — e se acha que deve sair à procura da Terra, é claro que vamos ajudá-lo no que for possível. Essa ajuda, no entanto, é limitada. Por exemplo: eu/nós/Gaia não sabemos como encontrar a Terra no meio dos milhões e milhões de planetas que constituem a Galáxia.

— Mesmo assim — insistiu Trevize — preciso procurá-la. Mesmo que as dimensões da Galáxia tornem a tarefa aparentemente impossível e mesmo que eu tenha de executá-la sozinho.

2

Trevize estava cercado pelo conforto de Gaia. A temperatura, como sempre, era agradável, e havia uma brisa fresca no ar. Nuvens brancas cruzavam o céu, interrompendo de vez em quando os raios do sol. Se a umidade caísse abaixo de um certo nível, certamente uma chuva providencial se encarregaria de corrigir a situação.

As árvores cresciam a intervalos regulares, como em um pomar, o que sem dúvida não ocorria apenas ali, mas em todo o planeta. A terra e o mar sustentavam animais e plantas em números apropriados e com a variedade adequada para manter o equilíbrio ecológico; o número de indivíduos de cada espécie só aumentava ou diminuía muito lentamente, e sem nunca se afastar muito do número ideal. O mesmo se aplicava aos seres humanos que povoavam o planeta.

De todos os objetos que estavam ao alcance da visão de Trevize, o único que destoava era a sua nave, a *Estrela Distante.*

Alguns componentes humanos de Gaia tinham se encarregado da limpeza e manutenção da nave, tarefa que haviam executado com muita eficiência. As reservas de comida e bebida tinham sido repostas, o mobiliário reparado ou substituído, as máquinas verificadas. O próprio Trevize se encarregara de testar o computador da nave.

Não havia necessidade de reabastecimento, já que se tratava de uma das poucas naves gravíticas da Fundação, que aproveitava a energia do campo gravitacional da Galáxia, campo esse suficiente para alimentar, sem nenhuma perda mensurável de intensidade, todas as naves que o Homem seria capaz de produzir em todos os milênios de sua exis-lência como espécie.

Há três meses, Trevize era um conselheiro de Terminus. Em ou-iiíis palavras, ele era um membro do Poder Legislativo da Fundação, em consequência, uma pessoa muito importante em toda a Galáxia.Há três meses? Para ele, era como se tivesse transcorrido no mínimo metade dos seus 32 anos de vida desde a época em que sua única preocupação era a validade ou não do grande Plano de Seldon, seu

único objetivo saber se a rápida escalada da Fundação, de aldeia planetária a soberana da Galáxia, havia sido prevista ou não pelo fundador da psico-história.

Por outro lado, sob alguns aspectos, nada havia mudado. Ele *ainda* um conselheiro. Sua posição e privilégios continuavam intactos, a não ser pelo fato de que provavelmente jamais retornaria a Terminus para reclamá-los. Não se sentiria melhor no tumulto da Fundação do que na ordem artificial de Gaia. Não tinha mais lar; seria um solitário em qualquer ponto do Universo.

Cerrou os dentes e passou a mão com raiva pelos cabelos negros. Em vez de perder tempo se lamentando, era melhor sair à procura da Terra. Se sobrevivesse à busca, teria tempo para sentar-se e chorar, talvez com razões mais palpáveis.

O rosto assumiu expressão decidida e ele se pôs a recordar...

Três meses antes, ele e Janov Pelorat, aquele cientista competente, porém ingênuo, haviam partido de Terminus. Para Pelorat, a descoberta da Terra representaria o grande triunfo de sua carreira de arqueólogo. Trevize o havia acompanhado, usando a motivação do outro para esconder o que pensava ser seu próprio objetivo. Não haviam encontrado a Terra, mas haviam encontrado Gaia. Trevize fora então forçado a tomar a decisão que tanto o atormentava.

Agora era ele, Trevize, que havia mudado de ideia e estava prestes a sair em busca da Terra.

Quanto a Pelorat, ele também tinha encontrado algo inesperado, na forma da adorável Bliss, a jovem de olhos e cabelos negros que também era Gaia, tanto quanto Dom e todos os outros seres a-nimais, vegetais e minerais do planeta. Pelorat, com o ardor peculiar da meia-idade, se havia apaixonado por uma mulher muito mais moça que ele, e essa mulher, curiosamente, parecia satisfeita com a situação.

Era estranho... entretanto, Pelorat parecia radiante e Trevize pensou, filosoficamente, que cada um tem a sua forma de buscar a felicidade. Nisso consistia a individualidade... a individualidade que Trevize, ao optar por Gaia, havia permitido que fosse abolida (com o passar do tempo) em toda a Galáxia.

A aflição voltou. A decisão que havia tomado, que fora forçado a tomar, continuava a incomodá-lo, a persegui-lo sem...

— Golan!

A voz se intrometeu nos pensamentos de Trevize e ele olhou na direção do sol, com os olhos semicerrados.

— Ah, Janov — disse, com um entusiasmo um pouco exagerado, como que para disfarçar os pensamentos sombrios que lhe corroíam as entranhas. Prosseguiu, em tom jovial: — Estou vendo que conseguiu desgrudar-se de Bliss.

Pelorat assentiu. A brisa suave agitava-lhe os cabelos brancos e sedosos. O rosto não havia perdido o ar solene.

— Na verdade, velho amigo, foi Bliss que sugeriu que eu o procurasse a respeito de... a respeito do que vim discutir com você. Não que eu não estivesse querendo falar com você, é claro. Só que, ao que parece, ela pensa bem mais depressa do que eu.

Trevize sorriu.

— Tudo bem, Janov. Suponho que você veio para se despedir.

— Hum... não, não é bem isso. Na verdade, talvez seja o contrário. Golan, quando partimos de Terminus, meu único objetivo era encontrar a Terra. Dediquei praticamente toda a minha vida adulta a essa tarefa.

— E vou levá-la adiante, Janov. Agora, a tarefa é minha.

— Nem por isso deixou de ser minha, meu amigo.

— Mas... — Trevize levantou os braços, incluindo com um gesto todo o mundo que os cercava.

Pelorat declarou, em tom incisivo:

— Quero ir com você! Trevize estava atônito.

— Não pode estar falando sério, Janov! Agora você tem Gaia!

— Um dia voltarei a Gaia, mas não posso deixar você partir sozinho!

— Claro que pode! Sei tomar conta de mim mesmo!

— Não se ofenda, Golan, mas seus conhecimentos são insuficientes. Quem conhece os mitos e lendas sou eu. Você precisa de mim!

— E Bliss? Vai deixá-la aqui? Não acredito... Pelorat enrubesceu.

— Não é exatamente o que eu quero, amigo, mas ela disse... Trevize fez uma careta.

— Será que está tentando se livrar de você? Bliss me prometeu...

— Não, você não entendeu. Escute-me, por favor, Golan. Você tem essa mania de tirar conclusões antes de ouvir a história completa. É a sua especialidade, eu sei, e talvez eu tenha uma certa dificuldade para me expressar de forma concisa, mas...

— Pois então — disse Trevize, em tom carinhoso — explique-me exatamente, da forma que quiser, quais são as intenções de Bliss. Prometo ser paciente.

— Obrigado. Já que está disposto a ser paciente, posso ir direto ao ponto. Bliss quer ir conosco.

— *Bliss* quer ir também? — exclamou Trevize. — Não, não perdi a calma. Estou perfeitamente calmo. Diga-me uma coisa, Janov, por que Bliss quer ir conosco? Estou perguntando a você com toda da calma.

— Isso ela não explicou. Disse que quer falar com você.

— Então por que não está aqui?

— Acho... eu disse que *acho* que Bliss pensa que você não gosta

(folia, Golan, e por isso hesita em aproximar-se. Já fiz o possível, amigo, para convencê-la de que tudo não passa de um mal-entendido. É Inconcebível que alguém possa não gostar de Bliss. Mesmo assim, preferiu que eu falasse primeiro com você. Posso dizer a ela que está dis-posto a recebê-la, Golan?

— Claro que sim... quando ela quiser.

— Vai ser razoável com ela? Bliss me pareceu muito ansiosa. Disse-me que era muito importante que ela fosse conosco.

— Ela não explicou por quê, explicou?

— Não, mas se acha que deve ir, esta deve ser a opinião de *Gaia.*

— Em outras palavras, não posso recusar, não é, Janov?

— É, acho que não, Golan.

3

Pela primeira vez em sua breve estada em Gaia, Trevize entrou na casa de Bliss, que no momento também servia de abrigo para Pelorat.

Trevize olhou em torno. Em Gaia, as casas eram muito simples. Como praticamente não havia tempestades, as temperaturas eram moderadas, até mesmo as placas tectônicas escorregavam suavemente umas sob as outras quando tinham que escorregar, não havia necessidade de construir habitações particularmente resistentes ou que fossem capazes de manter um ambiente confortável dentro de um clima hostil. Era como se o planeta inteiro fosse uma casa, construída para abrigar seus habitantes.

A casa que Bliss possuía dentro dessa casa planetária era pequena, as janelas com campos de força em lugar de vidraças, a mobília esparsa e graciosamente utilitária. Havia imagens holográficas nas paredes; uma delas, um retrato de Pelorat com um ar encabulado. Os lábios de Trevize tremeram, mas ele conseguiu conter o riso enquanto fingia ajeitar o cinto.

Bliss observou-o. A jovem não estava sorrindo, como de costume. Tinha um ar muito sério, os olhos negros bem abertos, os longos cabelos sobre os ombros como uma suave ondulação. Apenas os lábios carnudos, com um toque de vermelho, emprestavam um pouco de cor ao rosto pálido.

— Obrigada pela visita, Trev.

— Janov me disse que precisava muito falar comigo, Blisseno-biarella.

— Entendi — observou a moça, com um leve sorriso. — Se me chamar de Bliss, como todo mundo, tentarei dizer seu nome completo, Trevize.

Bliss gaguejou quase imperceptivelmente ao pronunciar a segunda sílaba. Trevize levantou a mão direita.

— Parece-me um acordo justo. Sei que os gaianos estão acostumados a usar apenas as primeiras sílabas dos nomes próprios em suas conversas mentais, de modo que não ficarei ofendido se você me chamar de Trev de vez em quando. Mesmo assim, eu me sentirei mais à vontade se você me chamar de Trevize sempre que se lembrar. Em troca, chamarei você de Bliss.

Trevize estudou-a, como fazia sempre que se encontravam. Como indivíduo, era uma jovem de vinte e poucos anos. Como parte de Gaia, porém, tinha milhares de anos de idade. Isso não lhe afetava a aparência, mas às vezes fazia diferença no modo como falava e na atmosfera que inevitavelmente a cercava.

Bliss falou:

— Vou direto ao ponto. Você me disse que pretendia procurar o planeta Terra...

— Eu disse a Dom — protestou Trevize, disposto a não ceder a Gaia sem uma perpétua insistência em seu ponto de vista.

— Sim, mas ao falar a Dom, estava falando a Gaia e a todas as partes de Gaia, como eu, por exemplo.

— Você me ouviu enquanto eu estava falando?

— Não, porque não estava prestando atenção, mas mais tarde, se quisesse, poderia me lembrar de tudo o que você disse. Por favor, aceite este fato e deixe-me continuar. Você me disse que pretendia procurar o planeta Terra e insistiu em que se tratava de uma missão muito importante para o futuro da Galáxia. Não vejo como a localização da Terra pode ser importante, mas você tem o dom de sempre acertar em seus palpites, de modo que eu/nós/Gaia temos que aceitar essa opinião. Se a missão é essencial para sua decisão com relação a Gaia, é de importância crucial para Gaia e portanto Gaia deve ir com você, quando mais não seja para protegê-lo.

— Quando você diz que Gaia deve ir comigo, está querendo dizer que *você* deve ir comigo. Certo?

— Eu sou Gaia — disse Bliss, laconicamente.

— Você e todos os outros seres deste planeta. Por que, então, tem que ser você? Por que não escolher outra parte qualquer de Gaia para comigo?

— Porque Pel quer ir com você, e se ele for com você, não ficará satisfeito com nenhuma outra parte de Gaia.

Pelorat, que estava sentado numa cadeira em outro canto da sala (virado de costas, observou Trevize, para o seu próprio retrato holográfico pendurado na parede), declarou com firmeza:

— É verdade, Golan. Bliss é a m*inha* parte de Gaia.

Bliss sorriu subitamente.

— Quando Pel fala desse jeito, sinto uma emoção diferente...

— Vamos pensar — disse Trevize, colocando as mãos trançadas

sobre a cabeça e inclinando a cadeira para trás. As pernas finas da cadeira rangeram ameaçadoramente. O rapaz chegou à conclusão de que a cadeira não era suficientemente forte para aquele tipo de brincadeira e tornou a pousá-la nas quatro pernas. — Você continuará a ser parte de Gaia, mesmo depois que deixar o planeta?

— Não necessariamente. Posso isolar-me, por exemplo, se estiver correndo perigo, para que o perigo não atinja Gaia. Entretanto, só farei isso em caso de emergência. A maior parte do tempo, continuarei a ser Gaia.

— Mesmo se viajarmos no hiperespaço?

— Mesmo assim, embora isso torne as coisas um pouco mais difíceis.

— Preferia que não fosse assim.

— Por quê?

Trevize torceu o nariz, como se estivesse sentindo um odor desagradável.

— Porque isso significa que tudo o que você vir e ouvir em minha nave será visto e ouvido por Gaia.

— Eu sou Gaia; logo, tudo o que vejo, ouço e sinto é visto, ouvido e sentido por Gaia.

— Exatamente. Aquela parede também vê, ouve e sente. Bliss olhou para a parede que o rapaz estava mostrando e deu de ombros.

— Sim, aquela parede também. Ela possui uma consciência minúscula, ou seja, sua compreensão é extremamente limitada, mas suponho que sofra algumas modificações subatômicas em resposta ao que estamos dizendo agora, por exemplo, modificações essas que lhe permitirão desempenhar melhor o seu papel em Gaia para o bem do todo.

— E se eu quiser ficar sozinho? Se eu não quiser que a parede saiba o que estou fazendo?

Bliss pareceu impacientar-se e Pelorat interrompeu bruscamente:

— Você sabe, Golan, eu não queria interferir, já que evidentemente ignoro quase tudo a respeito de Gaia. Entretanto, graças à minha convivência com Bliss, acho que aprendi algumas coisas. Quando você está andando em uma rua movimentada de Terminus, os seus sentidos estão expostos aos mais variados estímulos. Mais tarde, talvez se lembre de alguma coisa que viu ou ouviu. Se o seu cérebro for estimulado corretamente, pode ser até que se lembre de tudo o que viu. A maioria das vezes, porém, você simplesmente não está *interessado*. Você não presta atenção. Você esquece. Com Gaia, deve ser a mesma coisa. Mesmo que Gaia tenha conhecimento de tudo o que você está fazendo, isso não quer dizer que Gaia se *importe*. Estou certo, Bliss querida?

— Nunca pensei nesses termos, Pel, mas acho que tem uma certa

razão. Entretanto, esse isolamento a que Trev... quero dizer, esse isolamento a que Trevize se referiu não faz sentido para nós. Na verdade, eu/nós/Gaia achamos a ideia profundamente desagradável. Não querer participar... não querer ser ouvido... não querer ser visto... não querer compartilhar seus sentimentos... — Bliss sacudiu a cabeça, — Eu disse que podemos nos separar de Gaia em caso de emergência, mas como alguém poderia preferir *viver* assim, mesmo que fosse por uma hora?

— Eu prefiro — declarou Trevize. — É por isso que tenho de encontrar a Terra... para descobrir por que, apesar disso, fiz a escolha que fiz, optando por um destino terrível para toda a Humanidade.

— Não é um destino terrível, mas não adianta discutirmos isso agora. Quero ir com você, não como espiã, mas como amiga. Gaia estará com você, não para espioná-lo, mas para ajudá-lo.

Trevize retrucou, muito sério:

— Gaia poderia me ajudar mostrando-me onde fica a Terra. Bliss sacudiu a cabeça lentamente:

— Gaia não sabe onde fica a Terra. Dom já lhe disse isso.

— Não posso acreditar. Afinal, vocês devem ter registros. Por que não me permitem examiná-los? Mesmo que Gaia esteja falando a verdade quando afirma que não conhece a localização da Terra, talvez eu tenha melhor sorte com os documentos disponíveis. Conheço muita coisa sobre a Galáxia. Pode ser que encontre pistas importantes, pistas que Gaia tenha deixado passar.

— Que documentos são esses de que você está falando, Trevize?

— Registros de qualquer tipo. Livros, filmes, gravações, hologramas, artefatos, qualquer coisa. Desde que cheguei aqui, não vi nada que pudesse considerar como registro... E você, Janov?

— Nem eu — respondeu Pelorat, com certa hesitação. — Mas também não estava procurando.

— Pois eu, sim — disse Trevize. — E não encontrei nada. Nada! Só posso concluir que eles estão escondidos. Por quê? Você pode me explicar por quê?

O rosto bonito de Bliss assumiu uma expressão intrigada.

— Por que não perguntou isso antes? Eu/nós/Gaia não escondemos nada, somos incapazes de mentir. Um Isolado, isto é, um indivíduo separado do todo, pode dizer mentiras. Ele é limitado e sente medo porque é limitado. Gaia, entretanto, é um organismo planetário de imensa capacidade mental e não tem medo de nada. Gaia não tem necessidade de mentir, de falsificar ou omitir os fatos.

Trevize sorriu ironicamente.

— Então por que tiveram tanto cuidado para impedir que eu visse os registros? Dê-me uma explicação que faça sentido!

— É muito simples — disse a moça, abrindo os braços. — Não

temos nenhum registro.

4

Pelorat foi o primeiro a se recuperar da surpresa.

— Minha querida — disse, em tom carinhoso —, é difícil de acreditar. Toda civilização que se preza tem algum tipo de registro.

— Claro que sim — concordou Bliss. — O que eu estava querendo dizer é que não temos nenhum registro do tipo que Trev... do tipo que Trevize está procurando. Eu/nós/Gaia não temos livros, revistas, filmes, gravações, bancos de dados computadorizados, nada disso. Nem esculturas. Foi isso que eu quis dizer. Já que não temos nenhum registro desse tipo, é natural que Trevize não tenha conseguido encontrá-los.

Trevize perguntou:

— Então o que é que vocês têm para substituir os registros convencionais?

Bliss respondeu pronunciando bem as palavras, como se estivesse falando com uma criança:

— Eu/nós/Gaia temos uma memória. Eu *me lembro.*

— Do que é que você se lembra? — quis saber Trevize.

— De tudo.

— Você se lembra de tudo o que aconteceu neste planeta?

— Exatamente.

— Por quanto tempo? Qual a extensão da sua memória?

— Praticamente ilimitada.

— Você se lembra de todos os fatos históricos, biográficos, geográficos, científicos?

— De tudo.

— E tudo nessa cabecinha... — observou Trevize, apontando ironicamente para a têmpora direita de Bliss.

— Não — protestou a moça. — As memórias de Gaia não são limitadas pela capacidade de meu cérebro. Procure entender... — Por um momento, seu rosto assumiu uma expressão formal e mesmo um pouquinho sisuda, quando ela deixou de ser apenas Bliss para tornar-se um aglomerado de indivíduos. — … houve um tempo, antes do começo da história — prosseguiu a moça —, em que os seres humanos eram tão primitivos que, embora pudessem se lembrar dos acontecimentos, não sabiam falar. A linguagem falada foi inventada e serviu para expressar memórias e transferi-las de pessoa para pessoa. Mais tarde, foi inventada a linguagem escrita, que tornou possível registrar memórias e transferi-las de geração para geração. Todo o progresso tecnológico que se seguiu foi no sentido de aumentar a capacidade de armazenar e transferir memórias e tornar mais fácil o

acesso às memórias armazenadas. Entretanto, quando os indivíduos se uniram para formar Gaia, toda essa tecnologia de repente ficou obsoleta. Pudemos voltar à memória, a forma mais antiga de armazenar informações, na qual todas as outras se baseiam. Está entendendo?

Trevize replicou:

— Está querendo me dizer que o conjunto de todos os cérebros de Gaia é capaz de se lembrar de muito mais fatos do que qualquer um dos cérebros isoladamente?

— Isso mesmo.

— Mas se os registros de Gaia estão espalhados por todo o planeta, o que adianta isso para você, como uma pequena parte de Gaia?

— Adianta muito. Qualquer coisa que eu precise saber está guardada no cérebro de alguém, ou, mais provavelmente, no cérebro de muitas pessoas. Se se tratar de um conhecimento básico, como o significado da palavra "cadeira", certamente estará no cérebro de todos os habitantes do planeta. Mesmo que se trate de um conhecimento mais especializado, que esteja guardado apenas em uma pequena parte da mente de Gaia, posso recuperá-lo facilmente, embora possa levar um pouquinho mais de tempo do que se a memória estivesse mais difundida. Escute, Trevize, se você quer saber alguma coisa que não está na sua memória, consulta um livro ou o banco de dados de um computador. No meu caso, eu consulto a mente de Gaia.

Trevize perguntou:

— Como você faz para evitar que todas essas informações peneirem ao mesmo tempo no seu cérebro, fazendo-o explodir?

— Você podia dispensar o sarcasmo, Trevize. Pelorat interveio:

— Vamos, Golan, pare de implicar com a moça.

Trevize olhou de um para o outro e fez um esforço visível para acalmar-se.

— Desculpe. Estou sentindo o peso de uma responsabilidade que não pedi e da qual não sei como me livrar. Talvez por isso possa parecer implicante, mesmo quando não é essa a minha intenção. Bliss, estou realmente curioso. Como é que você faz para absorver os conhecimentos de outros habitantes do planeta sem exceder a capacidade do seu próprio cérebro?

— Não sei, Trevize — respondeu a moça —, assim como você não sabe direito como o seu cérebro funciona. Você sabe qual é a distância do seu planeta à estrela mais próxima, mas este conhecimento não está presente o tempo todo na sua consciência. Você guarda o número em algum lugar e pode recuperá-lo sempre que desejar. Se passar muito tempo sem usar o número, talvez venha a esquecê-lo, mas nesse caso poderá consultar um banco de dados. Considere a mente de Gaia

como um imenso banco de dados que eu posso consultar à vontade, sem necessidade de guardar em minha própria memória as informações que utilizei. Depois de fazer uso de um dado, simplesmente deixo que abandone a minha memória. Na verdade, é como se eu o guardasse de volta no lugar de onde veio.

— Quantos habitantes tem Gaia, Bliss? Quantos seres humanos?

— Cerca de um bilhão. Quer saber o número exato? Trevize deu um sorriso amarelo.

— Sei que você é capaz de me fornecer o número exato, mas me contento com uma aproximação.

— Na verdade — afirmou Bliss —, a população é estável e oscila ligeiramente em torno de um número um pouquinho maior que um bilhão. Para saber qual o desvio em relação à média neste exato momento, eu teria que expandir minha consciência até... até os limites do planeta. É difícil explicar para alguém que não passou pela experiência.

— Parece-me, entretanto, que um bilhão de cérebros humanos ... entre eles, certamente, muitos cérebros infantis... não são suficientes para armazenar todos os conhecimentos acumulados por uma sociedade complexa.

— Acontece que em Gaia não há apenas seres humanos, Trev.

— Está me dizendo que os animais irracionais também participam da memória de Gaia?

— Os cérebros dos animais irracionais têm capacidade muito menor que a dos cérebros humanos, e boa parte do espaço disponível em todos os cérebros, humanos ou não, é usada para guardar memórias pessoais, que são úteis apenas para o indivíduo que as abriga. Mesmo assim, é possível armazenar grande quantidade de informações coleti-vas nos cérebros dos animais, como também nos tecidos vegetais e nas estruturas minerais do planeta.

— Nas estruturas minerais? Quer dizer nas pedras?

— E também nos oceanos e na atmosfera. Afinal, tudo isso também é Gaia.

— Que tipo de informação esses seres inanimados podem guardar? Muita coisa. A densidade de informação é pequena, mas o volume é tão grande que a maior parte da memória de Gaia está guardada nas pedras. O tempo de acesso, porém, é um pouco maior do que o caso das informações armazenadas em cérebros humanos. Por essa as pedras são usadas como uma espécie de arquivo morto... nelas guardamos dados de que necessitamos apenas raramente.

— Que acontece quando morre alguém em cujo cérebro estão guardadas informações importantes?

— Os dados não são perdidos. Quando o cérebro começa a se desorganizar, logo após a morte, as memórias são distribuídas por

outros membros de Gaia. Quando novos cérebros aparecem nas crianças e começam se desenvolver, eles acumulam não apenas memórias pessoais mas também conhecimentos coletivos. O que vocês chamam de educação ocorre automaticamente comigo/conosco/com Gaia. Pelorat interveio:

— Francamente, Golan, acho que essa ideia de planeta vivo é mavilhosa!

Trevize olhou de esguelha para o companheiro.

— Sinto não compartilhar do seu entusiasmo, Janov. Este planeta, por maior e mais variado que seja, na realidade representa um único cérebro. Um! Cada novo cérebro que se forma é absorvido por Gaia. Onde está a oportunidade para que haja oposição, para que haja opiniões contrárias? Quando a gente pensa na história da humanidade, , a gente pensa naquele indivíduo excepcional, cujos pontos de vista foram censurados pela sociedade mas que no final conseguiu vencer e mudar o mundo. Que oportunidade haveria em Gaia para os grandes rebeldes da História?

— Você está enganado — disse Bliss. — Nem todas as partes de Gaia têm necessariamente a mesma opinião.

— As divergências não podem ser muito grandes — insistiu Trevize. — Um organismo repleto de contradições não funcionaria adequadamente. Se ainda existe progresso em Gaia, deve ser muito, muito lento. Temos o direito de impor o mesmo sistema a toda a Galáxia? A toda a Humanidade?

Bliss interveio, sem demonstrar qualquer emoção:

— Agora está duvidando de sua própria decisão? Mudou de ideia agora considera Gaia como um futuro indesejável para a Humanidade?

Trevize cerrou os lábios e hesitou. Depois disse, devagar:

— Gostaria de ter convicção suficiente para voltar atrás, mas não é esse o caso. Tive algum motivo, ainda que inconsciente, para tomar a decisão que tomei. Até descobrir qual foi esse motivo, não estarei em condições de manter a decisão ou modificá-la. Por isso, é melhor voltarmos à questão da Terra.

— Onde você acha que encontrará o motivo que o levou a optar por Gaia, não é mesmo, Trevize?

— É isso mesmo. Acontece que, de acordo com Dom, Gaia não conhece a localização da Terra. Você concorda com ele, suponho.

— É claro que concordo com ele. Também sou Gaia, lembra-se?

— Vocês estão escondendo alguma coisa de mim? Conscientemente, quero dizer.

— Claro que não. Mesmo que Gaia pudesse mentir, não mentiria para *você*. Afinal, dependemos das suas conclusões, e portanto desejamos que elas sejam corretas. Para isso, é necessário que se

baseiem em fatos reais.

— Nesse caso — disse Trevize —, vamos tentar fazer uso da sua memória global. Diga-me há quanto tempo ocorreu, o fato mais antigo de que você se lembra.

Houve uma leve hesitação. Bliss olhou para Trevize com os olhos vazios, como se estivesse em transe. Depois, declarou:

— Quinze mil anos.

— Por que hesitou?

— Levei algum tempo para conseguir a resposta. As memórias muito antigas estão quase todas guardadas na base das montanhas, em lugar de difícil acesso.

— Quinze mil anos, não é? Foi nessa época que Gaia foi colonizada?

— Não, pelo que sabemos o planeta foi colonizado há mais ou menos dezoito mil anos.

— Então não sabem exatamente? Por que você... por que Gaia não se lembra?

— Porque naquela época o planeta ainda não estava suficientemente evoluído para que a memória fosse compartilhada por todos os seres — explicou Bliss.

— Antes de vocês inventarem a memória coletiva devia haver registros em Gaia, Bliss. Registros no sentido normal da palavra... livros, gravações, filmes, etc.

— É provável que sim, mas certamente não sobreviveriam tanto tempo.

— Poderiam ter sido copiados, ou melhor ainda, transferidos para a memória global, depois que ela surgiu.

Bliss franziu a testa. Levou algum tempo para falar de novo.

— Não consigo encontrar nenhum sinal desses registros a que você se refere.

— Por quê?

— Não sei, Trevize. Talvez não fossem muito importantes. É possível que na época em que os registros começaram a se deteriorar Gaia os tenha considerado ultrapassados e não se dera ao trabalho de incorporá-los à memória global.

— Você não tem certeza. Está fazendo suposições, mas não tem certeza. Gaia não sabe o que aconteceu.

Bliss baixou os olhos.

— Só pode ser isso.

— Só? Eu não sou parte de Gaia e portanto não tenho que acreditar nas suposições de Gaia. Eis um bom exemplo das vantagens do isolamento. Eu, um Isolado, sou capaz de imaginar uma explicação alternativa.

— Qual é a sua explicação?

— Bliss, de uma coisa eu tenho certeza: nenhuma civilização avançada é capaz de destruir seus antigos registros. Ao invés de considerá-los arcaicos e desnecessários, a tendência é no sentido de tratá-los com reverência exagerada e fazer tudo para preservá-los. Se os registros da fase que precedeu a memória global de Gaia foram destruídos, essa destruição certamente não foi voluntária.

— Qual é então a sua explicação?

— Na Biblioteca de Trantor, todas as referências à Terra foram destruídas por alguém ou por alguma força que não tinha nada a ver com os membros da Segunda Fundação. Não acha possível que em Gaia, também, todas as referências à Terra tenham sido removidas por alguém de fora?

— Como sabe que os antigos registros continham alguma coisa sobre a Terra?

-- Você mesma disse há pouco que Gaia foi colonizada há cerca de dezoito mil anos atrás. Isto nos coloca em uma época anterior ao estabelecimento do Império Galáctico, no período em que a Galáxia estava sendo colonizada pelos habitantes da Terra. Se não acredita em mim, pergunte a Pelorat.

Pelorat, um pouco surpreso por ter sido chamado a testemunhar, pigarreou e disse, voltando-se para Bliss:

— Assim dizem as lendas, minha cara. Levo essas lendas a sério e acredito, como Golan Trevize, que a espécie humana tenha se originado em um único planeta, o planeta que chamamos de Terra. Assim, os primeiros colonos eram todos da Terra.

— Assim sendo — disse Trevize —, se Gaia foi fundada nos primórdios das viagens hiperespaciais, é provável que tenha sido colonizada por terráqueos, ou pelo menos por nativos de um planeta recentemente colonizado pelos terráqueos. Nesse caso, é evidente que os registros da colonização de Gaia e dos primeiros milênios em que o planeta foi habitado teriam que conter referências à Terra e aos terráqueos. Acontece que esses registros desapareceram. *Alguém* parece estar ativamente empenhado em destruir todas as referências à Terra existentes na Galáxia. Se isso é verdade, deve haver uma razão muito forte.

Bliss protestou, indignada:

— Tudo isso não passa de conjecturas, Trevize. Você não tem nenhuma prova!

— É Gaia que insiste em que possuo o talento especial de chegar a conclusões corretas com base em provas insuficientes. Assim, quando eu chego a uma conclusão, não me diga que faltam as provas!

Bliss ficou calada. Trevize prosseguiu:

— Você agora entende por que eu tenho que encontrar a Terra. Pretendo partir assim que o *Estrela Distante* estiver pronto. Vocês dois

ainda querem ir comigo?

— Queremos — disseram Bliss e Pelorat ao mesmo tempo.

Capítulo 2
Viajando para Comporellon

5

Estava chuviscando. Trevize olhou para o céu cinzento. Usava um guarda-chuva que repelia as gotas, arremessando-as para longe em todas as direções. Pelorat, que não dispunha de uma proteção semelhante, rnantinha-se a uma distância prudente.

— Não vejo razão para você se molhar, Janov — disse Trevize.

— A chuva não me incomoda, amigo — disse Pelorat, com o ar solene de sempre. — É uma chuva fraca e morna. Não está ventando. Além disso, como diz o velho provérbio, "Quando estiver em Anacreon, faça como os anacreonitas".

Apontou para alguns gaianos que se haviam reunido em torno do *Estrela Distante* e os observavam em silêncio. Estavam bem espalhados, como se fossem árvores em um bosque, e nenhum deles usava guarda-chuva.

— Tenho a impressão de que eles não se incomodam de se molhar porque o resto de Gaia está ficando molhado — disse Trevize. — As árvores, a grama, a terra — tudo está molhado, e tudo é parte de Gaia, como os gaianos.

— Acho que faz sentido — disse Pelorat. — Daqui a pouco o sol vai sair e secar tudo num instante. As roupas não vão encolher, não está fazendo frio e como este planeta não tem micro-organismos patogênicos, ninguém vai pegar resfriado, gripe ou pneumonia. Então qual o problema de tomar um pouco de chuva?

Trevize podia compreender perfeitamente a lógica do argumento, mas não queria dar o braço a torcer.

— Mesmo assim, não precisava chover justo na hora em que estamos de partida. Afinal, a chuva neste planeta é voluntária. Gaia não choveria se não quisesse. É como se estivesse querendo mostrar que não tem nenhuma consideração conosco.

— Talvez Gaia esteja chorando de tristeza porque vamos embora — disse Pelorat.

— Pode ser, mas eu não — disse Trevize.

— Na verdade — prosseguiu Pelorat —, provavelmente o solo nesta região esteja precisando de umidade, e essa necessidade é mais importante que o seu desejo de ver o sol brilhar.

Trevize sorriu.

— Você gosta mesmo deste planeta, não é? Quero dizer, mesmo sem pensar em Bliss.

— Gosto, sim — afirmou Pelorat, em tom quase desafiador. — Sempre levei uma vida simples e ordeira, e acho que me daria muito bem aqui, onde o mundo inteiro trabalha para manter a vida simples e ordeira. Afinal, Golan, quando construímos uma casa, ou mesmo essa espaçonave que aí está, tentamos criar um abrigo perfeito. Procuramos equipar esse abrigo com tudo o que achamos que poderá ser necessário. Instalamos controles de temperatura, atmosfera, iluminação e tudo mais, de modo a podermos tornar o ambiente o mais confortável possível. Gaia é uma extensão desse desejo de conforto e segurança: um planeta inteiro zelando por seus habitantes. Que há de errado nisso?

— O que há de errado nisso — disse Trevize — é que a minha casa e a minha nave foram construídas para atender a *minhas* necessidades. Eu não preciso me adaptar a *elas*. Se eu fosse parte de Gaia, então, por melhor que o planeta me atendesse, eu não deixaria de me aborrecer com o fato de que também estaria sendo obrigado a atendê-lo.

Pelorat franziu a testa.

— Na verdade, toda sociedade molda a população de acordo com seus próprios valores. Surgem novos costumes, novas leis, que se encarregam de manter todos os membros dentro de determinados padrões de comportamento.

— Nas sociedades que eu conheço, os indivíduos podem se rebelar. Sempre existem os excêntricos, os criminosos...

— Você *aprova* os excêntricos e criminosos?

— Por que não? Eu e você somos excêntricos. Certamente não somos exemplos típicos dos habitantes de Terminus. Quanto aos criminosos, isso é uma questão de definição. Além disso, se os criminosos são o preço que temos que pagar para termos rebeldes, hereges e gênios, estou disposto a pagar o preço. Eu *exijo* que o preço seja pago.

— Os criminosos são o único pagamento possível? Não podemos ter gênios sem termos criminosos?

— Não podemos ter gênios e santos sem termos pessoas que fujam bastante da norma geral, e não vejo como os desvios em relação à norma possam ser apenas para o lado positivo. Tem que haver certa simetria. De qualquer forma, quero um motivo melhor para a minha decisão de fazer de Gaia um modelo para o futuro da Humanidade do que o fato de que é uma versão planetária de uma casa confortável.

— Meu amigo, não estava de forma alguma tentando convencê-lo a conformar-se com a sua decisão. Estava apenas fazendo um comen...

Interrompeu o que estava dizendo. Bliss aproximava-se a passos largos, o cabelo molhado, o vestido colado ao corpo, realçando os quadris generosos.

— Desculpe o atraso — disse a moça, um pouquinho ofegante. — Minha conversa com Dom levou mais tempo do que eu havia previsto.

— Não sei por quê — disse Trevize. — Afinal, você sabe tudo o que ele sabe.

— Às vezes não interpretamos os fatos da mesma forma. Afinal, não somos idênticos. Escute aqui — disse, com um traço de impaciência na voz —, você tem duas mãos. Ambas são parte de você e parecem idênticas, a não ser pelo fato de uma ser a imagem espelhada da outra. Mesmo assim, você não as usa da mesma forma, usa? Existem algumas coisas que você faz com a mão direita, outras que faz com a mão esquerda. Diferenças de interpretação, em última análise.

— Ela está certa — disse Pelorat, com visível satisfação. Trevize assentiu.

— É uma excelente analogia. Agora podemos subir a bordo? Está chovendo.

— Sim, sim. A nave está pronta para a viagem.

A moça olhou para Trevize e acrescentou, curiosa:

— Você está seco. Está se protegendo da chuva?

— Isso mesmo — disse Trevize. — Não quero me molhar.

— Não acha agradável sentir o corpo molhado de vez em quando? - Acho, sim. Mas quem escolhe a hora sou eu, e não a chuva. Bliss deu de ombros.

— Como quiser. Nossa bagagem já está a bordo. Vamos?

Os três caminharam em direção ao *Estrela Distante*. A chuva tinha quase parado, mas a grama estava bastante molhada. Trevize andava com cuidado, quase nas pontas dos pés, mas Bliss, que havia tirado as sandálias, pisava na grama com os pés descalços, praticamente sem levantá-los do chão.

— É uma sensação deliciosa — disse, ao surpreender o olhar do rapaz.

— Bom para você — disse Trevize, distraidamente. Depois acrescentou, com um toque de irritação: — O que é que esses gaianos estão fazendo em volta da nave?

Bliss explicou:

— Estão registrando este acontecimento, que Gaia considera muito importante. Você tem um grande valor para nós, Trevize. Suponhamos que esta viagem o fizesse mudar de ideia e decidir a favor de uma das Fundações. Nesse caso, a Galáxia jamais seria nossa. Pior ainda, seria o fim de Gaia.

— Então eu tenho o poder de vida e morte sobre Gaia, sobre todo este planeta.

— É a nossa opinião.

Trevize parou de repente e tirou o guarda-chuva da cabeça. O

tempo estava melhorando; trechos de céu azul começavam a aparecer por entre as nuvens.

— Acontece que *no momento* minha decisão é favorável a vocês. Se me matassem agora, tudo estaria resolvido.

— Golan! — exclamou Pelorat, chocado. — Como pode dizer uma coisa dessas?

— Típico de um Isolado — disse Bliss, calmamente. — Precisa compreender, Trevize, que não estamos interessados em você como pessoa, e nem mesmo no seu voto, mas na verdade a respeito do assunto. Você é importante para nós apenas na medida em que nos conduz à verdade, seu voto é importante apenas como indicação da verdade. É isso o que queremos de você; se o matássemos para impedir que mude o seu voto, estaríamos apenas escondendo a verdade de nós mesmos.

— Se eu disser a vocês que a verdade está contra Gaia, concordarão alegremente em morrer?

— Eu não diria alegremente, mas estamos preparados para aceitar a verdade, seja ela qual for.

Trevize sacudiu a cabeça.

— Se alguém quisesse me convencer de que Gaia é um horror e realmente *merece* desaparecer, bastaria me dizer alguma coisa parecida. — Voltando os olhos para os gaianos que os observavam (e, presumivelmente, escutavam) com toda a paciência, perguntou a Bliss: — Por que estão espalhados assim? Por que Gaia precisa de tanta gente? Se um deles observa nossa partida, a informação não é compartilhada com todos os outros seres do planeta? Não pode ser armazenada em um milhão de lugares diferentes, se Gaia assim desejar?

— Estão observando a cena de ângulos diferentes — explicou Bliss. — Além disso, cada um está armazenando as informações em um cérebro ligeiramente diferente. Quando todas as observações forem combinadas, Gaia terá uma compreensão muito melhor do que aconteceu do que qualquer um desses indivíduos, ou mesmo todos eles isoladamente.

— Em outras palavras, o todo é maior que a soma das partes.

— Exatamente. Você está começando a compreender a razão básica para a existência de Gaia. Você, como organismo vivo, é constituído por cerca de cinquenta trilhões de células, mas você, como ser humano, é muitíssimo mais importante que a importância combinada de cinquenta trilhões de células. Certamente concorda com isso.

— Concordo — disse Trevize.

O rapaz começou a subir a escada da nave e voltou-se para olhar para o planeta. A chuva havia emprestado um novo frescor à

atmosfera. O que viu era um mundo verde, fértil, tranquilo e pacífico; um jardim de serenidade no meio de uma Galáxia cada vez mais velha, cansada e confusa.

... e Trevize rezou para que nunca mais tornasse a ver Gaia.

6

Quando a escotilha se fechou, Trevize sentiu como se estivesse se libertando não exatamente de um pesadelo, mas de alguma coisa tão anormal que só agora se sentia livre para respirar à vontade.

O rapaz sabia perfeitamente que um dos elementos daquela anormalidade ainda estava com eles na pessoa de Bliss. Enquanto Bliss estivesse ali, Gaia também estaria. Entretanto, Trevize também estava convencido de que a presença da moça era essencial. Era a caixa preta de novo em ação. Esperava sinceramente que sua confiança na caixa preta não se tornasse excessiva.

Olhou para o interior da nave com visível agrado. Era sua desde que a prefeito Harla Branno, da Fundação, o havia obrigado a deixar Terminus e tornar-se uma espécie de para-raios, atraindo o fogo daqueles que Branno considerava inimigos da Fundação. Aquela missão estava cumprida, mas a nave ainda era sua e Trevize não estava disposto a devolvê-la.

A nave era sua há apenas alguns meses, mas Trevize já a considerava como um lar; a lembrança do antigo lar, no planeta Terminus. se tornava cada vez mais distante.

Terminus! O eixo excêntrico da Fundação, destinado, segundo o Plano de Seldon, a tornar-se um segundo Império, ainda maior que o primeiro, em menos de cinco séculos. Só que ele, Trevize, havia mudado o curso da história. Por decisão própria, estava reduzindo a Fundação a nada e tornando possível o aparecimento de uma nova sociedade, uma nova forma de vida, uma revolução só comparável ao aparecimento dos seres multicelulares.

Agora, estava iniciando uma viagem na qual procuraria provar a si mesmo que havia tomado a decisão correta.

Trevize percebeu que estava divagando e sacudiu a cabeça, irritado. Correu à sala de controle e verificou que o computador ainda estava lá.

O computador estava brilhando; tudo estava brilhando. Os gaianos haviam feito uma limpeza cuidadosa. Os botões que apertou, quase ao acaso, funcionavam perfeitamente. O sistema de ventilação era tão silencioso que teve que colocar a mão sobre as saídas de ar para certificar-se de que estava funcionando.

O círculo de luz do computador era um convite irresistível. Trevize tocou-o e a luz se espalhou para cobrir todo o tampo da

escrivaninha. Podia ver claramente o perfil de duas mãos: direita e esquerda. Respirou fundo e deu-se conta de que havia prendido involuntariamente a respiração. Os gaianos desconheciam a tecnologia da Fundação e poderiam facilmente ter danificado o computador ao limpar a escrivaninha. Até o momento, tudo parecia em ordem. As mãos ainda estavam lá.

O verdadeiro teste, porém, seria colocar as mãos sobre a mesa. Trevize hesitou por um momento. Se houvesse algum defeito, saberia na mesma hora. E daí? Que fazer? Para consertar o computador, teria que voltar a Terminus, e se o fizesse, a prefeito Branno jamais o deixaria sair de novo do planeta. Por outro lado, sem o computador...

Sentiu o coração bater mais forte. Não adiantava adiar o inevitável.

Colocou as mãos sobre as silhuetas em cima da mesa. Imediatamente, teve a sensação de que um outro par de mãos segurava as suas. Seus sentidos se ampliaram e pôde ver Gaia em todas as direções, verde e úmido, os gaianos do lado de fora ainda observando a nave. Quando "olhou" para cima, viu um céu nublado. A um comando mental, as nuvens desapareceram e ele estava olhando para o céu azul, no meio do qual se destacava o sol de Gaia.

Outro comando mental e o céu ficou escuro e coalhado de estrelas.

Mais um comando. Trevize agora estava observando a Galáxia, como uma roda achatada. Testou a imagem computadorizada, alterando sua orientação, modificando a velocidade e o sentido aparente de passagem do tempo, fazendo as estrelas girarem primeiro em um sentido e depois no sentido oposto. Localizou o sol de Sayshell, a maior estrela nas proximidades de Gaia; depois, o sol de Terminus; depois, o sol de Trantor. Viajou de estrela em estrela no mapa da Galáxia que habitava as entranhas do computador.

Retirou as mãos e deixou o mundo real envolvê-lo novamente. Só então se deu conta de que tinha estado de pé o tempo todo, o corpo meio curvado sobre a escrivaninha. Os músculos estavam rígidos; teve que esticar as costas antes de sentar-se.

Olhou para o computador, aliviado. Funcionava perfeitamente. Estava mais dócil que nunca e o que sentia por ele só poderia ser classificado como amor. Afinal, enquanto se davam as mãos, um era parte do outro. Através do computador, sua vontade dirigia, controlava, sentia e era parte de um ser muito mais poderoso. Ele e o computador deviam sentir, em pequena escala (pensou de repente o rapaz, com um sobressalto), como Gaia se sentia, só que em escala muito maior.

Sacudiu a cabeça. Não! No caso do computador, ele, Trevize, tinha controle absoluto. O computador se limitava a obedecer.

Levantou-se e dirigiu-se para a cozinha. A despensa estava bem abastecida com todos os tipos de alimentos. Trevize já havia verificado que sua coleção particular de livros gravados estava intacta, e tinha razoável certeza... não, tinha certeza absoluta de que os gaianos não haviam mexido na biblioteca de Pelorat, caso contrário o outro àquela altura já teria posto a boca no mundo.

Pelorat! Aquilo o fez lembrar-se de uma coisa. Entrou no camarote de Pelorat.

— Há espaço para Bliss aqui, Janov?

— Oh, sim! Não se preocupe!

— Podemos transformar a sala de estar em quarto de dormir para ela.

Bliss olhou para ele, surpresa. — Não preciso de um quarto só para mim. Posso perfeitamente ficar aqui com Pel. Suponho, porém, que não se incomodará se eu usar outros aposentos, como o ginásio, por exemplo.

— Claro que não. Pode usar todos os aposentos da nave, com exceção do meu camarote.

— Muito obrigada. Naturalmente, você também evitará entrar no nosso camarote.

— Naturalmente — concordou Trevize, contrafeito. Olhou para baixo e percebeu que estava com o pé dentro do quarto. Recuou um passo e advertiu, muito sério: — Este não é um quarto de lua de mel, Bliss.

— Pelo contrário, suas dimensões reduzidas o qualificam como tal, como depois que Gaia o ampliou em cerca de cinquenta por cento.

Trevize fez força para não rir.

— Vocês têm que ser compreensivos.

— E somos — disse Pelorat, visivelmente contrafeito com o rumo que a conversa estava tomando. — Por outro lado, meu amigo, gostaria que nos deixasse cuidar de nossa vida.

— Sinto muito, mas não é possível — disse Trevize devagar. — Quero que fique bem claro que esta nave não é um hotel de lua de mel. Façam o que quiserem entre vocês dois, mas não podem esperar privacidade. Está me entendendo, Bliss?

— Este quarto tem uma porta — disse Bliss — e tenho certeza de que não vai nos incomodar quando ela estiver trancada... a menos, naturalmente, que se trate de uma emergência.

— Claro que não vou perturbá-los. A questão não é essa. Os aposentos desta nave não dispõem de isolamento acústico.

— O que você está tentando dizer — disse Bliss — é que poderá ouvir todas as nossas conversas e todos os barulhos que fizermos quando estivermos fazendo amor.

— Sim, é exatamente isso que eu estava tentando dizer. Levando

este fato em consideração, acho que terão forçosamente que limitar suas atividades. Sinto muito, mas não há outro jeito.

Pelorat pigarreou e explicou, meio sem graça:

— Na verdade, Golan, este é um problema que já tivemos que enfrentar. Você deve compreender que as sensações que Bliss experimenta quando está comigo são compartilhadas com todos os seres de Gaia.

— Já tinha pensado nisso, Janov. Preferi não tocar no assunto... imaginando que talvez a ideia não tivesse ocorrido a você.

— Pois estava enganado — disse Pelorat.

Bliss interveio:

— Não fique tão chocado, Trevize. Em um dado momento, milhares de seres humanos em Gaia estão fazendo amor; milhares estão comendo, bebendo ou envolvidos em outras atividades agradáveis. Isto dá origem a uma aura global de prazer que Gaia pode sentir; que todas as partes de Gaia podem sentir. Os animais inferiores, as plantas e os minerais têm prazeres progressivamente mais fracos, mas que também contribuem para uma alegria difusa que Gaia é capaz de desfrutar em todas as suas partes e que não existe em nenhum outro planeta.

— No lugar de onde vim — disse Trevize — temos nossos prazeres particulares, que podemos compartilhar ou não, de acordo com a nossa vontade.

— Se pudesse sentir o que sentimos, veria como são superficiais os prazeres de vocês, Isolados, quando comparados com os nossos.

— Como pode saber o que eu sinto?

— Mesmo sem saber o que você sente, parece razoável supor que os prazeres em um mundo em que as sensações são compartilhadas sejam muito mais intensos que os prazeres em um mundo de Isolados.

— Talvez, mas mesmo que os meus prazeres sejam superficiais, prefiro guardar minhas alegrias e tristezas para mim mesmo e satisfazer-me com elas, e ser *eu mesmo* em vez de tornar-me irmão de sangue de uma maldita pedra!

— Não está sendo lógico — advertiu Bliss. — Tenho certeza de que sente estima pelos minerais que fazem parte dos seus ossos e dentes e detestaria que fossem danificados, embora não tenham mais consciência do que uma pedra do mesmo tamanho.

— Isso é verdade — admitiu Trevize, com relutância. — Mas vamos voltar ao assunto que estávamos discutindo. Não me incomodo se Gaia inteiro compartilha dos seus prazeres, Bliss. O que sei é que *eu* não quero compartilhar. Vamos passar muito tempo em um ambiente confinado e não quero ser forçado a participar das atividades de vocês, mesmo que de forma indireta.

Pelorat interveio:

— Estamos discutindo à toa, meu amigo. Não temos nenhuma intenção de violar a sua intimidade. Bliss e eu seremos discretos, não é, Bliss?

— Como você quiser, Pel.

— Afinal de contas — prosseguiu Pelorat —, devemos passar mais tempo em terra do que a bordo, e após desembarcarmos em um planeta, estaremos livres para...

— Não me interessa o que vocês pretendem fazer em terra — interrompeu Trevize. — Aqui, porém, quem manda sou eu.

— De acordo — disse Pelorat.

— Esclarecido esse ponto, vamos decolar.

— Um momento — protestou Pelorat, segurando Trevize pela manga. — Decolar para onde? Você não sabe onde fica a Terra, nem eu, nem Bliss. Nem o seu computador. Você já me disse que os bancos de memória do computador não contêm nenhuma informação a respeito da Terra. O que pretende fazer, então? Não podemos simplesmente sair navegando por aí ao acaso, meu amigo.

Trevize sorriu para o amigo. Pela primeira vez desde que havia caído sob o poder de Gaia, sentia-se senhor do seu próprio destino.

— Posso lhe assegurar que não pretendo vagar sem rumo, Janov. Sei perfeitamente para onde vamos.

7

Pelorat entrou na sala de comando depois de esperar alguns momentos sem que a leve batida que havia dado na porta fosse respondida. Encontrou Trevize com os olhos cravados em uma tela cheia de estrelas.

— Golan...

Trevize levantou os olhos.

— Janov! Sente-se. Onde está Bliss?

— Dormindo. Ei! Estou vendo que estamos no espaço!

— Isso mesmo.

Trevize não estranhou a surpresa do amigo. Nas novas naves gravíticas, era simplesmente impossível sentir a decolagem. Não havia efeitos inerciais, nem ruído, nem vibração.

Possuindo a capacidade de isolar-se em maior ou menor grau dos campos gravitacionais externos, o *Estrela Distante* levantava voo da superfície de um planeta como se estivesse flutuando em um oceano cósmico. Durante a operação, as forças gravitacionais *dentro* da nave permaneciam inalteradas.

Enquanto a nave permanecia no interior da atmosfera, movia-se devagar, ou seja, o ruído e a vibração do choque das moléculas de ar contra o casco praticamente não podiam ser sentidos pelos ocupantes.

Fora da atmosfera, a nave podia atingir velocidades extremamente altas sem incomodar os passageiros.

Era o melhor que a tecnologia tinha a oferecer em matéria de conforto; Trevize era incapaz de imaginar algo melhor, a não ser, talvez, se a humanidade descobrisse um meio de deslocar-se no hiperespaço sem precisar de naves e sem ter que se preocupar com campos gravitacionais próximos. No momento, por exemplo, o *Estrela Distante* teria que viajar vários dias pelo espaço normal, afastando-se do sol de Gaia, antes que o campo gravitacional fosse bastante fraco para executarem o Salto com segurança.

— Golan, meu caro amigo — disse Pelorat. — Posso falar com você um instante? Ou está muito ocupado?

— Não estou nada ocupado. Depois que forneço as instruções, o computador cuida de tudo. Às vezes parece até que ele adivinha as instruções e as executa antes que eu tenha tempo de terminá-las.

Passou a mão afetuosamente pela superfície da escrivaninha. Pelorat disse:

— Ficamos muito amigos, Golan, no pouco tempo em que nos conhecemos. Custo a acreditar que tenha sido há tão pouco tempo. Tanta coisa aconteceu... Quando penso na minha vida, ocorre-me a ideia estranha de que mais da metade das coisas realmente importantes aconteceu nos últimos meses. Pelo menos, é essa a minha impressão. É quase como se...

Trevize interrompeu-o com um gesto.

— Janov, acho que você está divagando. Começou dizendo que tínhamos ficado muito amigos em pouco tempo. Tem razão. A propósito: você e Bliss se conhecem há menos tempo e ficaram ainda mais amigos.

— Isso é diferente! — protestou Pelorat, embaraçado.

— É claro — prosseguiu Trevize. — Entretanto, o que podemos concluir de nossa amizade recente mas profunda?

— Que se ainda somos amigos, temos que discutir a questão de Bliss, que, como você mesmo disse, tornou-se uma pessoa extremamente importante para mim.

— Entendo. O que há para discutir?

— Sei que você não gosta de Bliss, mas, quando mais não seja em atenção a mim, gostaria que...

Trevize interrompeu-o:

— Um momento, Janov. Não morro de amores por Bliss, mas também não tenho raiva da moça. Na verdade, considero-a bastante atraente, e, mesmo que não fosse assim, tenderia a encará-la com simpatia por causa de você. É de *Gaia* que eu não gosto.

— Mas Bliss *é* Gaia.

— Eu sei, Janov. Isso complica as coisas. Enquanto penso em Bliss

como pessoa, não há nenhum problema. Quando penso nela como Gaia, tudo muda de figura.

— Está sendo injusto com Gaia, Golan. Preste atenção, amigo, vou lhe confessar uma coisa. Quando eu e Bliss temos relações, ela às vezes me deixa penetrar na sua mente por um minuto e pouco. Não pode ser por mais tempo porque ela acha que estou velho demais para me adaptar. Não, não ria, Golan, você também está velho demais para isso. Se um Isolado como eu ou você ficasse por mais que alguns momentos em contato com Gaia, nosso cérebro seria afetado. Se o tempo excedesse cinco minutos, os danos seriam irreversíveis. Ah, se você pudesse experimentar, Golan...

— O quê? Danos irreversíveis no meu cérebro? Não, obrigado!

— Golan, você está se fazendo de desentendido! Estou querendo dizer aquele breve instante de união com Gaia. Não sabe o que está perdendo. É indescritível! Bliss diz que é uma sensação agradável... é como dizer que beber o primeiro gole d'água quando se está morrendo de sede é uma sensação agradável! Não dá para explicar. Você sente todos os prazeres que um bilhão de pessoas experimentam separadamente. Não é um prazer contínuo; se fosse, em pouco tempo você ficaria entorpecido. Não, ele vibra... oscila... tem um estranho ritmo pulsante que toma conta de você. É um prazer maior... não, maior não... é um prazer *melhor* do que jamais você conseguirá sentir isoladamente. Quando ela interrompe o contato, sinto vontade de chorar...

Trevize sacudiu a cabeça.

— Você hoje está muito eloquente, meu caro amigo, mas parece que está descrevendo os efeitos da pseudo-endorfina ou outra dessas drogas que proporcionam alguns momentos de prazer, mas a longo prazo podem levar à loucura e à morte. Não senhor! Não estou disposto a trocar a minha individualidade por um prazer passageiro.

— Não perdi a minha individualidade, Golan.

— Mas por quanto tempo vai conservá-la, Janov? Você vai suplicar por mais e mais da droga até que, finalmente, seu cérebro será destruído. Janov, não permita que Bliss faça isso com você! Talvez seja melhor eu falar com ela...

— Não! Não quero! Golan, você não prima pelo tato e eu detestaria ver Bliss magoada. Posso assegurar-lhe que ela se preocupa comigo e seria incapaz de permitir que eu sofresse algum tipo de dano, físico ou mental, em consequência do nosso relacionamento. Acredite em mim!

— Pois então vou falar com você. Janov, você precisa parar. Há 52 anos que desfruta dos prazeres simples de um ser humano normal.

Não se deixe fascinar por um vício novo e excitante. Terá que pagar o preço, se não agora, em um futuro não muito distante.

— Você não entende, Golan — disse Pelorat em voz baixa, olhando para o bico do sapato. — Vamos encarar as coisas desta forma: se você fosse um ser unicelular...

— Sei aonde quer chegar, Janov. Esqueça. Bliss e eu já discutimos essa analogia.

— Sim, mas raciocine comigo. Imagine uma raça de organismos unicelulares dotados de consciência; suponha que eles se vejam diante da possibilidade de se unirem para formar um organismo multicelular. Não acha que esses seres unicelulares relutariam em abrir mão da individualidade, hesitariam em sacrificar a vontade própria em prol da personalidade de um organismo que englobaria a todos? Como estariam errados! Será que uma célula isolada poderia sequer compreender a maravilha que é um cérebro humano?

Trevize sacudiu a cabeça com veemência.

— Não, Janov, é uma falsa analogia. Os seres unicelulares *não têm* consciência e são incapazes de pensar... ou, se o fazem, é de forma tão rudimentar que não precisamos levar esse fato em consideração. Se esses objetos se combinam e perdem a individualidade, estão na verdade perdendo uma coisa que nunca possuíram. Por outro lado, um ser humano *tem* consciência, um ser humano *é capaz* de pensar. Por isso, ele tem muito a perder renunciando à individualidade e a sua analogia não funciona.

Os dois ficaram calados por um momento. O silêncio era quase opressivo. Afinal, Pelorat perguntou, tentando mudar o rumo da conversa:

— Por que está olhando tanto para o visor?

— Força do hábito — explicou Trevize, com um sorriso. — O computador me assegura que nenhuma nave de Gaia nos seguiu e que não há nenhuma esquadra de Sayshell chegando para receber-nos. Mesmo assim, não tiro os olhos da tela e sinto-me tranquilo ao constatar que está vazia, mesmo sabendo que os sensores do computador são centenas de vezes mais aguçados e mais penetrantes que meus olhos. Além do mais, o computador é capaz de detectar certas mudanças sutis nas propriedades do espaço, mudanças que meus sentidos são totalmente incapazes de detectar. Ainda assim, não consigo desgrudar os olhos da tela.

— Golan, se ainda somos amigos.....

— Prometo a você que não farei nada que possa magoar Bliss. Pelo menos, nada que eu possa evitar.

— Estou falando de outra coisa. Você manteve nosso destino em segredo, como se não confiasse mais em mim. Para onde vamos? Você acha que já sabe onde fica a Terra?

Trevize olhou para o outro com uma expressão de surpresa.

— Desculpe. Acho que fui injusto com você, escondendo-lhe

minhas intenções.

— Sim, mas por quê?

— Boa pergunta. Imagino, meu caro amigo, se não seria por causa de Bliss.

— Bliss? Está querendo dizer que não confia em Bliss? É absurdo!

— Não é isso. De que adiantaria desconfiar de Bliss? Acho que ela seria capaz de arrancar qualquer informação de dentro da minha cabeça, se quisesse. Não, meus motivos são mais infantis. Tenho a sensação de que você só tem olhos para Bliss, de que nem se lembra mais de que eu existo.

— Isso não é verdade, Golan.

— Eu sei, mas estou tentando analisar meus próprios sentimentos. Há pouco você manifestou dúvidas a respeito da nossa amizade. Pensando bem, acho que tenho sentido os mesmos temores. Até agora não havia admitido para mim mesmo, mas sinto ciúmes de Bliss. Talvez tenha procurado "vingar-me" ocultando coisas de você. Que infantilidade, não?

— Golan!

— Eu disse que era infantilidade, não disse? Quem não é infantil uma vez ou outra? O que importa é que nós *somos* amigos. Vamos dar o assunto por encerrado e falar de coisas mais agradáveis. Nosso destino é Comporellon.

— Comporellon?

— Você deve se lembrar do meu amigo, o traidor Munn Li Compor. Nós três nos encontramos em Sayshell.

De repente, uma luz apareceu nos olhos de Pelorat.

— Ah, agora me lembro! Comporellon era o planeta onde nasceram os ancestrais desse seu amigo.

— Onde ele *disse* que nasceram. Tenho razões de sobra para não confiar em Compor. Entretanto, Comporellon é um planeta conhecido e, segundo Compor, seus habitantes sabem muita coisa a respeito da Terra. Pois então vamos até lá investigar. Pode não dar em nada, mas é a única pista que temos.

Pelorat não parecia convencido.

— Meu amigo, tem certeza de que é uma boa ideia?

— Não tenho certeza de nada. Estou apenas seguindo um palpite, na falta de coisa melhor.

— Sim, mas se está disposto a acreditar nas informações de Compor, talvez seja melhor levar em conta *tudo* o que ele disse. Lembro-me de que ele afirmou, com toda a segurança, que a Terra era um planeta morto, que sua superfície estava radioativa... Nesse caso, nossa viagem a Comporellon será perda de tempo.

Os três estavam almoçando na sala de jantar, que havia ficado literalmente lotada.

— Está uma delícia! — exclamou Pelorat, satisfeito. — É parte dos suprimentos originais que trouxemos de Terminus?

— Não é não — respondeu Trevize. — Os suprimentos originais já acabaram há muito tempo. Esta comida foi comprada em Sayshell, antes de viajarmos para Gaia. Exótica, não é? Parece peixe, mas é crocante. E essa verdura? Quando comprei, pensei que fosse repolho, mas tem um gosto totalmente diferente.

Bliss permanecia calada, remexendo a comida no prato.

— Querida, você precisa comer — disse Pelorat, carinhosamente.

— Eu sei, Pel, e estou comendo.

Trevize interveio, com um toque de impaciência que não conseguiu disfarçar:

— Também temos comida de Gaia, Bliss.

— Eu sei, mas prefiro não consumi-la agora. Não sabemos quanto tempo vamos ficar no espaço e mais cedo ou mais tarde terei que me acostumar com a comida dos Isolados.

— Isso é tão ruim? Será que Gaia só deve comer Gaia? Bliss suspirou.

— Na verdade, temos um ditado que diz: "Quando Gaia come Gaia, ninguém sai ganhando nem perdendo". Tudo não passa de uma mudança de forma. Tudo o que como quando estou em Gaia também *é* Gaia e *continua* a ser Gaia depois de ser metabolizado e tornar-se parte de mim. Ao comer, proporciono ao alimento a oportunidade de atingir um nível mais elevado de consciência, embora, naturalmente, parte desse alimento seja transformada em refugo e portanto seja relegada a níveis inferiores de consciência.

A jovem colocou um pedaço de comida na boca, mastigou vigorosamente, engoliu e disse:

— Em Gaia, tudo circula. As plantas crescem e são comidas por animais. Os animais comem e são comidos. Os organismos que morrem servem de alimento para os fungos e bactérias... sem em nenhum momento deixarem de ser Gaia. Nessa vasta circulação de consciência, da qual todos os seres, até mesmo os inorgânicos, necessariamente participam, todos têm ocasião de atingir, periodicamente, níveis elevados de consciência.

— O mesmo se poderia dizer de qualquer planeta — protestou Trevize. — Cada átomo de meu corpo tem uma longa história, durante a qual pode ter sido parte de muitos seres vivos, incluindo seres humanos, e durante a qual também pode ter passado longos períodos como parte do mar, ou em um pedaço de carvão, ou em uma pedra, ou como parte da atmosfera...

— Em Gaia, porém — disse Bliss —, todos os átomos fazem parte

de uma consciência planetária. Esta é a grande diferença entre o meu planeta e o de vocês.

— O que acontece, então, com essas verduras de Sayshell que você está comendo? — quis saber Trevize. — Será que também se tornam parte de Gaia?

— Sim, mas muito devagar. E os refugos que elimino deixam aos poucos de fazer parte de Gaia. Afinal, tudo o que sai do meu corpo perde contato com Gaia, pois apenas os seres com alto nível de consciência, como eu, podem se manter unidos a Gaia através do hiperespaço. É esse contato hiperespacial que faz com que os alimentos de outros planetas se tornem parte de Gaia quando são assimilados pelo meu organismo.

— E a comida de Gaia em nossa despensa? Deixará também aos poucos de ser Gaia? Nesse caso, é melhor comê-la já.

— Não se preocupe com isso. A comida que trouxemos de Gaia foi tratada de modo a continuar a ser Gaia por um longo tempo.

— Que acontecerá se *nós* comermos a comida de Gaia? — perguntou Pelorat. — Ou por outra: o que aconteceu quando comemos a comida de vocês quando estávamos em Gaia? Será que estamos nos transformando lentamente em Gaia?

Bliss sacudiu a cabeça e seu rosto assumiu uma expressão triste.

— Não, o que vocês comeram foi perdido para nós. Pelo menos, a parte que foi metabolizada e incorporada ao organismo de vocês. Os rejeitos continuaram a ser Gaia ou aos poucos voltaram a ser Gaia, mas, em consequência da sua visita, Gaia perdeu muitos átomos.

— Por que isso? — quis saber Trevize.

— Porque vocês não resistiriam à conversão, mesmo que parcial. Eram nossos hóspedes, trazidos ao nosso planeta praticamente contra a vontade, de modo que nos sentíamos na obrigação de protegê-los, mesmo à custa de perdermos alguns fragmentos de Gaia. Foi uma decisão consciente, embora penosa.

— Sentimos muito — disse Trevize. — Tem certeza de que a comida de outros planetas, ou pelo menos algum tipo de comida de outros planetas, não pode fazer mal a *você!*

— Tenho — afimou Bliss. — O que é comestível para vocês é comestível para mim. A única diferença é que além de metabolizar o alimento, tenho também que transformá-lo em Gaia. Isso representa uma barreira psicológica que me tira o gosto pela comida e me faz comer devagar, mas acho que acabarei por me acostumar.

— E as infecções? — perguntou Pelorat, assustado. — Bliss, não sei como não pensei nisso antes! Em qualquer planeta em que pousarmos haverá micro-organismos contra os quais você não terá nenhuma defesa! Qualquer infecção banal poderá matá-la! Trevize, temos que voltar.

— Não se preocupe, Pel querido — disse Bliss, sorrindo. — Os micro-organismos também se transformam em Gaia quando são ingeridos junto com o alimento ou entram no meu corpo de outra forma qualquer. Se se trata de organismos patogênicos, a conversão é acelerada, e depois que passam a ser Gaia, tornam-se inofensivos.

A refeição chegou ao fim e Pelorat bebeu o último gole do seu coquetel de frutas.

— Meus amigos — disse, lambendo os lábios —, acho que está na hora de mudarmos de assunto. Parece que minha única missão a bordo é mudar o assunto das conversas. Por quê?

— Porque eu e Bliss temos a mania de discutir interminavelmente — respondeu Trevize, muito sério. — Cabe a você, Janov, proteger a nossa sanidade. Qual o assunto que deseja propor?

— Dei uma olhada nos livros e descobri que todo o setor de Comporellon é rico em lendas antigas. Ao que parece, a região foi colonizada há muito tempo, durante o primeiro milênio das viagens hiperespaciais. As lendas falam de um fundador chamado Benbally, embora não revelem sua origem. Dizem que o nome original de Comporellon era Mundo de Benbally.

— Que há de verdade nisso, na sua opinião?

— Deve haver um fundo de verdade, mas. não sei até que ponto podemos acreditar nas lendas.

— Nunca ouvi falar de um personagem histórico chamado Benbally. E você?

— Eu também não, mas você sabe que quando o Império entrou em declínio a história pré-imperial passou a ser censurada. Nos últimos e turbulentos séculos do Império, os imperadores fizeram tudo para sufocar o patriotismo local, que consideravam, e com razão, uma influência desintegradora. Assim, em quase todos os setores da Galáxia, os dados históricos de que dispomos começam nos dias em que a influência de Trantor começou a fazer-se sentir e o setor em questão aliou-se ao Império ou foi anexado a ele.

— Não acho que seja tão fácil apagar a história — disse Trevize.

— E não é, mas um governo poderoso e decidido pode enfraquecê-la consideravelmente. Nesse caso, as tradições verbais deixam de ser apoiadas por documentos confiáveis e passam à categoria de simples lendas. Inevitavelmente, essas lendas estão cheias de exageros e retratam o setor como muito mais antigo e importante do que realmente foi. Além disso, por mais tola que seja uma lenda, por mais impossíveis que sejam os fatos relatados, a população local faz questão de acreditar nela por uma questão de patriotismo. Posso lhe mostrar lendas de todos os cantos da Galáxia segundo as quais os primeiros colonizadores eram oriundos da própria Terra, embora nem sempre o planeta original receba esse nome.

— Quais os outros nomes que aparecem nas lendas?

— São nomes os mais diversos. Alguns chamam o planeta de Único, outros de Velho. Outros ainda se referem ao Mundo Enluarado, o que, de acordo com algumas fontes, se deve ao fato de que a Terra possuía um grande satélite.

— Pare, Janov! — exclamou Trevize, com um sorriso. — Se for citar todas as suas fontes, você não acabará nunca. Então essas lendas estão em toda parte?

— Oh, sim, meu caro amigo. Em toda parte! Basta examinar algumas delas para perceber que o Homem tem o costume de começar com uma semente de verdade e cobri-la com camada sobre camada de mentiras agradáveis... como as pérolas que as ostras de Rhampora formam em torno de um grão de areia. Encontrei esta metáfora no livro do famoso historiador...

— Pare de novo, Janov! Diga-me, existe alguma diferença entre as lendas de Comporellon e as outras lendas?

— Oh! — Pelorat levou algum tempo para compreender a pergunta. — Diferença? Bem, eles afirmam que a Terra fica relativamente perto, o que não é comum. Na maioria das lendas que falam da Terra, ou de um planeta semelhante, não é mencionada nenhuma localização específica... é como se estivesse muito distante ou em uma terra de sonho.

— Sim, como havia gente em Sayshell que acreditava que Gaia estivesse localizado no hiperespaço.

Bliss riu.

Trevize voltou-se para ela.

— É verdade! Foi o que nos disseram!

— Não estou duvidando de você. Mesmo assim, não deixa de ser engraçado. Na verdade, este mito é muito conveniente para nós. No momento, só queremos que nos deixem em paz. Se as pessoas acreditam que estamos no hiperespaço, não têm motivo para sair à nossa procura.

— O mesmo se aplica à Terra — disse Trevize, secamente. — As pessoas não têm motivo para sair em busca da Terra se acham que ela não existe, fica muito longe ou está totalmente radioativa.

— Acontece — objetou Pelorat — que os comporelianos afirmam que a Terra não fica longe do seu planeta.

— Sim, mas pensam que ficou radioativa. De uma forma ou de outra, as lendas sempre mostram a Terra como um planeta inatingível.

— Acho que tem razão. Trevize prosseguiu:

— Muitos habitantes de Sayshell acreditavam que Gaia não estava muito distante; alguns chegaram a identificar corretamente a estrela; no entanto, nenhum tinha esperança de visitar Gaia. Os comporelianos podem insistir em que a Terra está radioativa e deserta, mas pode

haver alguém capaz de nos indicar o seu sol. Nesse caso, tentaremos desembarcar na Terra, da mesma forma como desembarcamos em Gaia.

— Gaia estava disposto a recebê-los, Trevize — disse Bliss. — Vocês estavam totalmente indefesos, mas não corriam nenhum perigo, porque nossas intenções eram pacíficas. E se a Terra também for poderosa, mas não tão bem intencionada? O que pretende fazer?

— Seja como for, tentarei o desembarque e aceitarei as consequências. Entretanto, esta é uma decisão *pessoal.* Depois que eu localizar a Terra, vocês poderão continuar comigo ou não. Posso deixá-los no planeta mais próximo da Fundação, ou levá-los de volta para Gaia, e viajar para a Terra sozinho.

— Nem fale nisso, meu amigo! — exclamou Pelorat, indignado. — Jamais pensaria em abandoná-lo!

— Nem eu abandonaria Pel — afirmou Bliss, passando a mão no rosto de Pelorat.

— Está bem. Está quase na hora do Salto para Comporellon. De lá, se tudo correr bem, poderemos ir direto para a Terra.

PARTE DOIS
COMPORELLON

Capítulo 3
Na Estação Espacial

9

Bliss entrou no quarto e perguntou:

— Trevize lhe contou que vamos dar o Salto no hiperespaço a qualquer momento?

Pelorat, que estava lendo, levantou a cabeça e disse:

— Há poucos momentos ele chegou aí na porta e anunciou: “Falta menos de meia hora!”

— A ideia não me agrada, Pel. Não gosto do Salto. Acho a sensação muito desagradável.

Pelorat pareceu levemente surpreso.

— Nunca havia pensado em você como astronauta, Bliss querida.

— Não tenho muita prática, e não estou falando apenas como Bliss. A experiência de Gaia em relação a viagens espaciais é bastante limitada. Por minha/nossa própria natureza, eu/nós/Gaia não mantemos relações comerciais ou diplomáticas com outros planetas. Mesmo assim, precisamos de alguém para guarnecer as estações espaciais...

— Como aquela em que tivemos a felicidade de nos conhecer.

— Isso mesmo, Pel — disse Bliss, em tom afetuoso. — Ou para visitar Sayshell e outros setores do espaço, por várias razões... e geralmente incógnitos. Incógnitos ou não, o fato é que temos que executar o Salto, e, naturalmente, quando uma parte de Gaia executa o Salto, Gaia inteiro sente.

— Sinto muito — disse Pel.

— Podia ser pior. Como a maior parte de Gaia *não está* executando o Salto, o efeito é bastante diluído. Entretanto, tenho a impressão de que sinto mais o Salto do que o resto de Gaia. Como vivo dizendo para Trevize, embora tudo o que existe em Gaia seja Gaia, as diferentes partes não são idênticas. Temos nossas diferenças e meu organismo, por alguma razão, é particularmente sensível ao Salto.

— Espere! — exclamou Pelorat, lembrando-se subitamente. — Trevize me explicou uma vez. A sensação é muito pior nas naves comuns. Nessas naves, o campo gravitacional da Galáxia desaparece quando a nave entra no hiperespaço e torna a aparecer quando ela volta ao espaço normal. É a variação súbita do campo gravitacional que produz uma sensação desagradável. Por outro lado, o *Estrela Distante* é uma nave gravítica. Está isolado do campo gravitacional. Assim, você não vai sentir nada, nem no início nem no final do Salto.

Posso assegurar-lhe, Bliss, por experiência própria.

— É uma ótima notícia, Pel. Gostaria de ter discutido o assunto há mais tempo. Dessa forma, teria poupado a mim mesma muitas horas de preocupação.

— Existem outras vantagens — disse Pelorat, sentindo-se muito orgulhoso em seu novo papel de astronauta experiente. — As naves comuns têm que se afastar das massas grandes, como as estrelas, antes de poderem executar um Salto. Em parte, isto se deve ao fato de que quanto mais próxima estiver uma estrela, mais intenso será o campo gravitacional e mais pronunciadas as sensações do Salto. Além disso, quanto mais intenso o campo gravitacional, mais complicadas as equações que devem ser resolvidas para executar o Salto com precisão.

"Nas naves gravíticas, por outro lado, praticamente não existe a sensação do Salto. A nave dispõe de um computador muito mais avançado que o das naves comuns, que é capaz de determinar os parâmetros do Salto com extrema rapidez, por mais complexas que sejam as equações envolvidas. O resultado é que, ao invés de ter que viajar durante várias semanas no espaço comum para chegar a uma distância segura para o Salto, o *Estrela Distante* precisa viajar apenas dois ou três dias. Além disso, como a nave não está sujeita ao campo gravitacional, não sofre os efeitos da inércia... Confesso que esta parte eu não entendo, mas foi o que Trevize me contou... e portanto pode acelerar muito mais depressa que uma nave comum.

— Tudo isso é muito bom, Pel — disse Bliss. — Trev deve ser muito inteligente, para saber pilotar uma nave tão sofisticada.

Pelorat fez uma careta.

— Por favor, Bliss. Diga "Trevize".

— Eu digo, eu digo. Quando ele não está, às vezes eu me distraio.

— Procure prestar mais atenção. Sabe que ele detesta ser chamado pela primeira sílaba do nome.

— Não é só isso o que ele detesta. Pel, Trevize não gosta de mim nem um pouquinho.

— Está enganada — disse Pelorat, ansioso. — Já conversei com ele a respeito. Não, não faça essa cara. Usei de toda a minha diplomacia, Bliss. Ele me garantiu que não tem nada contra você. O que acontece é que Golan não confia em Gaia e tem medo de se arrepender da decisão que tomou, escolhendo Gaia como o futuro da humanidade. Temos que dar tempo ao tempo. Aos poucos, ele aprenderá a conhecer as virtudes de Gaia.

— Espero que sim, mas não é só isso. Diga ele o que disser, Pel... e não se esqueça de que é seu amigo e fará tudo para não magoá-lo..., a verdade é que Trevize me detesta.

— Não, Bliss, não acredito.

— Só porque você me ama, não quer dizer que todos tenham que gostar de mim. Deixe-me explicar. Trev, isto é, Trevize acha que eu sou um robô.

O rosto habitualmente impassível de Pelorat assumiu uma expressão de profundo espanto. Ele exclamou:

— É inconcebível que Golan confunda você com um ser humano artificial!

— Por quê? Gaia foi colonizado com a ajuda de robôs. É um fato histórico.

— Os robôs talvez tenham ajudado, mas foram *pessoas* que colonizaram Gaia; gente da Terra. É essa a opinião de Golan. Já discutimos várias vezes o assunto.

— Como eu já disse a vocês dois, não há nada na memória de Gaia a respeito da Terra. Por outro lado, existe uma recordação vaga dos robôs, mesmo após três mil anos, trabalhando para completar a transformação de Gaia em um mundo habitável. Naquela época, também estávamos começando a formar a consciência planetária de Gaia. Isso levou muito tempo, Pel, e talvez seja a razão pela qual muita coisa desapareceu da nossa memória. Não é preciso que nossa história tenha sido deliberadamente mutilada, como Trevize parece pensar...

— Sim, Bliss — disse Pelorat, com impaciência —, e os robôs?

— Quando terminamos a construção de Gaia, os robôs foram embora. Não queríamos que os robôs fossem absorvidos por Gaia, pois estávamos convencidos, e ainda estamos, de que a presença de robôs é prejudicial às sociedades humanas, quer seus membros sejam Isolados, quer façam parte de um único organismo, como em Gaia. Não sei como chegamos a essa conclusão, mas é possível que ela tenha se baseado em acontecimentos tão antigos que escapam à memória de Gaia.

— Se você mesma está dizendo que os robôs foram embora...

— E se alguns ficaram? E se eu for um deles... nesse caso, poderia ter quinze mil anos de idade! É disso que Trevize suspeita.

Pelorat sacudiu a cabeça devagar.

— Trevize está errado.

— Como pode ter certeza?

— Bliss, você *não é* um robô!

— Como é que você sabe?

— Eu *sei!* Você não tem nada de artificial!

— Imagine que eu seja uma máquina tão bem-feita, sob todos os | aspectos, que seja impossível distinguir-me de um ser humano. Nesse caso, você não poderia enganar-se?

— Não acho que seja possível construir uma máquina tão perfeita.

— E se *fosse* possível, apesar de tudo?

— Não consigo acreditar.

— Vamos então considerar apenas uma situação hipotética. Se eu fosse um robô, como você se sentiria?

— Ora, eu... eu...

— Para ir direto ao ponto: como você se sentiria se soubesse que estava fazendo amor com um robô?

Pelorat estalou os dedos.

— Você sabe, existem muitas lendas a respeito de mulheres que se apaixonam por homens artificiais e vice-versa. Sempre achei que se tratava de mero simbolismo; nunca imaginei que pudessem ser tomadas ao pé da letra. Naturalmente, Golan e eu nunca tínhamos ouvido a palavra "robô" até pousarmos em Sayshell, mas agora, pensando no assunto, ocorreu-me que esses homens e mulheres artificiais devem ter sido robôs. Aparentemente, esses robôs realmente existiram no passado remoto. As lendas terão que ser reavaliadas...

Pelorat parou de falar e ficou com uma expressão pensativa. Bliss esperou um instante e depois bateu palmas com força. Pelorat deu um pulo.

— Pel, querido! Você está sendo evasivo. O que perguntei foi: como se sentiria se soubesse que estava fazendo amor com um robô?

Pelorat olhou para ela, pouco à vontade.

— Um robô realmente perfeito? Um robô que fosse impossível de distinguir de um ser humano?

— Isso mesmo. Na minha opinião, um robô que não pode ser distinguido de um ser humano *é* um ser humano. Se você fosse um robô assim, não deixaria de considerá-la como humana.

— É o que eu queria que você dissesse, Pel. Pelorat esperou um pouco e depois disse:

— Já que você ouviu o que queria, Bliss, não vai me assegurar que é um ser humano comum e que não precisamos mais lidar com atuações hipotéticas?

— Não. Não vou fazer isso. Você definiu o ser humano como um ser que tem todas as propriedades de um ser humano. Se reconhece que eu tenho todas essas propriedades, não temos mais o que discutir. Temos uma definição prática, e isso é o que importa. Afinal de contas, como vou saber que *você* não é um robô tão perfeito que não pode ser distinguido de um ser humano?

— Eu posso lhe dizer que não sou.

— Ah, mas se você fosse um robô fabricado para imitar um ser humano, poderia ser programado para me dizer que era humano, programado até mesmo para *acreditar* que era humano. Não, Pel, a única definição possível é a definição prática!

Bliss colocou os braços em volta do pescoço de Pelorat e beijou-o na boca. O beijo foi ficando mais apaixonado e prolongou-se até que

Pelorat conseguiu dizer, com voz abafada:

— Prometemos a Trevize que não iríamos transformar esta nave em um hotel de lua de mel.

— Pel querido, não é hora de pensar em promessas!

— Sinto muito, amor. Sei que isso deve irritar você, mas nunca me deixo levar pela emoção. É um hábito arraigado e que deve incomodar bastante as outras pessoas. Nunca vivi com uma mulher que não se queixasse, vez por outra, dessa minha maneira de ser. Minha primeira esposa... não, não seria de bom gosto falar no assunto...

— Talvez não seja, mas não me incomodo. Eu também já vivi com outros homens.

— Oh! — exclamou Pelorat, chocado. Depois, vendo o sorriso nos lábios de Bliss, emendou: — Quero dizer, claro que já viveu. Nunca tive pretensões de ser o primeiro... seja como for, minha primeira mulher não gostava...

— Pois eu gosto. Acho o seu jeito de ser muito atraente.

— Você diz isso só para me agradar, mas acaba de me ocorrer outra coisa. Robô ou humana, isso não importa. Estamos de acordo. Entretanto, eu sou um Isolado. Não sou parte de Gaia. Quando fazemos amor, você está experimentando emoções fora de Gaia, que não podem ser tão intensas quanto as que você experimentaria se fosse Gaia amando Gaia.

— Seu amor me dá prazer, Pel. É tudo o que me importa.

— Mas não é só você que decide. Você é parte de um todo. E se Gaia considerar seu amor por mim uma perversão?

— Se fosse esse o caso, eu saberia, porque sou Gaia. Se sinto prazer quando estou com você, Gaia também sente. Quando fazemos amor, Gaia inteiro participa do nosso ato, em maior ou menor grau. Quando eu digo que amo você, isso quer dizer que Gaia inteiro ama você. Você parece confuso...

— Para um Isolado, Bliss, é difícil entender essas coisas.

— Talvez uma analogia o ajude a compreender. Quando você assobia uma música, o seu corpo inteiro, *você* como um organismo único, sente vontade de assobiar, mas a tarefa específica de assobiar é executada pelos lábios, língua e pulmões. O dedão do seu pé direito não faz nada.

— Pode bater no chão, acompanhando o ritmo.

— Isso não está ligado diretamente ao ato de assobiar. Bater com o pé no chão não é a ação em si, mas uma resposta à ação. Da mesma forma, as outras partes de Gaia podem reagir às minhas emoções e eu posso reagir às emoções de outras partes de Gaia.

— Acho que seria bobagem eu me sentir envergonhado.

— Bobagem completa.

— Mas não posso evitar um estranho senso de responsabilidade. Quanto tento fazer você feliz, na verdade estou tentando fazer felizes todos os seres de Gaia.

— Até o último átomo, Pel querido. E com muito sucesso. Você contribui para aquela sensação geral de prazer que eu deixei você sentir por alguns instantes. Suponho que sua contribuição seja pequena demais para ser medida com facilidade, mas o simples fato de saber que ela está lá deveria aumentar o seu prazer.

— Gostaria de ter certeza de que Golan está suficientemente ocupado com as manobras no hiperespaço para permanecer por um bom tempo na sala do piloto.

— Quer ir para a cama comigo?

— Quero, sim.

— Então pegue uma folha de papel, escreva "Favor não perturbar", pendure do lado de fora da porta, e se ele quiser entrar, problema dele.

Pelorat seguiu o conselho, e foi durante os momentos agradáveis que se seguiram que o *Estrela Distante* executou o Salto. Nenhum dos dois teve noção do momento exato em que o Salto ocorreu; isso seria difícil, mesmo que estivessem prestando atenção.

10

Fazia apenas alguns meses que Pelorat havia conhecido Trevize e deixado Terminus pela primeira vez. Até então, por mais de meio século, ele havia permanecido na superfície do seu planeta natal.

Em poucos meses, pensou Pelorat, havia se transformado em um veterano do espaço. Já tinha visto três planetas do espaço: Terminus, Sayshell e Gaia. Agora, na tela do computador, estava vendo um quarto: Comporellon.

Pela quarta vez, estava um pouco desapontado. Sempre havia tido a impressão de que observar do espaço um planeta habitável significaria observar continentes cercados por oceanos; ou, no caso de mundos mais secos, lagos cercados por massas de terra.

Puro engano.

Se um mundo era habitável, além de uma hidrosfera tinha que ter uma atmosfera. Ora, havendo ar e água, tinha que haver nuvens; havendo nuvens, a superfície não podia ser totalmente visível. Assim, mais uma vez, Pelorat via diante de si um círculo esbranquiçado com ocasionais manchas azuis e castanhas.

Pensou consigo mesmo se seria possível reconhecer um planeta se uma vista de uma distância de, digamos, trezentos mil quilômetros, fosse projetada em uma tela. Como distinguir uma nuvem de outra?

Bliss olhou para Pelorat com ar preocupado.

— Que foi, Pel? Você parece triste.

— Descobri que, vistos do espaço, todos os planetas são iguais. Trevize interveio:

— E daí, Janov? Poderia dizer o mesmo de qualquer litoral de Terminus, quando visto no horizonte, a menos que você saiba o que está procurando: um certo pico de montanha ou uma ilhota com uma forma característica.

— Não é a mesma coisa — protestou Janov, aborrecido: — O que há para procurar em uma massa de nuvens?

— Observe com atenção, Janov. Se acompanhar a forma das nuvens, verá que tendem a formar desenhos simétricos em torno de um centro, localizado perto de um dos pólos.

— Qual deles? — perguntou Bliss, interessada. — Como, em relação a nós, o planeta está girando no sentido dos ponteiros do relógio, estamos olhando, por definição, para o pólo sul, Como o centro das nuvens parece estar a uns quinze graus do terminal, ou círculo de iluminação do planeta, e o eixo do planeta tem uma inclinação de 21 graus em relação à perpendicular ao plano de revolução, estamos no meio da primavera ou no meio do verão, dependendo de se o pólo está se afastando ou se aproximando do terminador. O computador poderia calcular a órbita em questão de segundos. A capital fica no hemisfério Norte, de modo que lá deve ser outono ou inverno.

Pelorat fez uma careta.

— Você é capaz de concluir tudo isso só de olhar para as nuvens?

— Não apenas isso — prosseguiu Trevize —, mas se você observar a região polar, não verá nenhuma abertura nas nuvens, como em outras partes do planeta. Na verdade, as aberturas estão lá, mas debaixo delas há gelo. É uma questão de falta de contraste.

— Ah! Já devia imaginar que os pólos estivessem cobertos de gelo — observou Pelorat.

— Nos planetas habitáveis, pelo menos, isso é a regra — explicou Trevize. — Nos planetas estéreis pode não haver água, ou podemos encontrar certos sinais indicando que as nuvens não são nuvens de água, ou que o gelo não é gelo de água. No planeta que estamos observando, esses sinais estão ausentes; o que vemos são nuvens comuns e gelo comum.

”Outra coisa que se pode notar é o tamanho da região sem aberturas aparentes nas nuvens, que é maior que a média para planetas do mesmo porte. Além disso, a luz refletida pelas nuvens é levemente alaranjada, o que significa que o sol de Comporellon é bem mais frio que o sol de Terminus. Embora Comporellon fique mais perto do sol que Terminus, isso não é suficiente para compensar a menor temperatura do seu sol. Em consequência, Comporellon é um

planeta bastante frio para um mundo habitável.

— Você lê um planeta como quem lê um livro! — exclamou Pelorat, com admiração.

— Não se deixe impressionar — disse Trevize, com um sorriso. — O computador me forneceu todos os dados relevantes a respeito de Comporellon, incluindo o fato de que a temperatura na superfície é relativamente baixa. É fácil deduzir o que já se sabe. Na verdade, o planeta está à beira de uma era glacial e estaria passando por uma, se a configuração dos continentes fosse mais favorável para essa situação.

Bliss fez um muxoxo.

— Não gosto de planetas frios.

— Trouxemos agasalhos suficientes — disse Trevize.

— Não faz diferença. Os seres humanos não nasceram para viver em climas frios. Não temos grossas camadas de pelos ou penas, nem uma camada subcutânea de gordura. Se um mundo é frio, isso revela certa falta de consideração para com suas partes humanas.

— O clima de Gaia é ameno? — perguntou Trevize.

— Em sua maior parte, sim. Existem algumas regiões frias para plantas e animais adaptados ao frio, e algumas regiões quentes para plantas e animais adaptados ao calor, mas quase todo o planeta possui um clima nem muito frio nem muito quente, o que constitui o ambiente mais agradável para muitas espécies, inclusive o homem, naturalmente.

— O homem, naturalmente. Todas as partes de Gaia são iguais, mas algumas, como os seres humanos, são mais iguais que outras...

— Não seja sarcástico — disse Bliss, com um traço de irritação na voz. — O nível e intensidade da consciência são importantes. Um ser humano é uma parte mais útil de Gaia que uma pedra com o mesmo peso, e as propriedades e funções de Gaia como um todo são necessariamente programadas de modo a atender às necessidades dos seres humanos... não tanto, porém, quanto nos mundos dos Isolados. Além disso, existem ocasiões em que as atenções de Gaia se voltam para outros seres. Assim, por exemplo, de tempos em tempos Gaia precisa se preocupar com o seu interior. Não podemos nos dar ao luxo de permitir uma erupção vulcânica desnecessária, não é mesmo?

— Não — concordou Trevize. — Uma erupção desnecessária seria uma lástima.

— Você não aprova os nossos métodos, não é mesmo?

— Escute — disse Trevize. — Temos mundos que são mais frios que a média e mundos que são mais quentes; mundos cobertos de florestas e mundos que não passam de vastas savanas. Não existem dois mundos iguais, e cada um deles é capaz de sustentar milhares de espécies vivas. Estou acostumado ao clima relativamente ameno de

Terminus... na verdade, já interferimos muito com o clima do planeta, quase tanto como em Gaia... mas gosto, pelo menos de vez em quando, de experimentar algo diferente. O que nós temos, Bliss, que Gaia não tem, é variedade. Se Gaia ocupar a Galáxia, será que todos os mundos da Galáxia terão o mesmo clima? A monotonia seria insuportável.

— Se a variedade for desejável, a variedade será mantida — declarou Bliss, muito séria.

— Como cortesia do comitê central? — retrucou Trevize. — Apenas o indispensável para que ninguém morra de tédio? Prefiro deixar por conta da natureza!

— Mas vocês *não deixaram* por conta da natureza! Todos os planetas habitáveis da Galáxia foram modificados. Cada um deles foi descoberto em um estado natural que não era o mais confortável para os seres humanos e cada um deles foi alterado para se tornar o mais próximo possível do planeta ideal. Se este mundo aqui é frio, estou certa de que é porque os habitantes não conseguiram aquecê-lo mais sem incorrerem em despesas excessivas. Mesmo assim, as regiões habitadas certamente dispõem de aquecimento. Assim, pense um pouco antes de falar a respeito das virtudes da natureza!

— Suponho que esteja falando em nome de Gaia — disse Trevize.

— Sempre falo em nome de Gaia. Eu *sou* Gaia.

— Se Gaia está tão certo da sua superioridade, porque pediu que *eu* decidisse? Por que não resolveu tudo sem mim?

Bliss fez uma pausa, como que para colocar os pensamentos em ordem. Depois, explicou:

— Porque não é prudente confiar demais em nós mesmos. É mais fácil enxergar nossas virtudes que nossos defeitos. Estamos ansiosos para fazer o que é certo; não o que nos *parece* certo, mas o que *é* certo, objetivamente, se é que existe uma certeza objetiva. Você parece ser o mais próximo da certeza objetiva que conseguimos encontrar; por isso, deixamo-nos guiar por você.

— Tão objetivamente certo — disse Trevize tristemente — que não consigo compreender minha própria decisão e saio à procura de uma justificativa para ela.

— Você vai encontrá-la — disse Bliss.

— Espero que sim.

— Na verdade, meu amigo — interveio Pelorat —, parece-me que a discussão foi vencida brilhantemente por Bliss. Por que não reconhece o fato de que os argumentos dela justificam sua decisão de entregar a Gaia o futuro da humanidade?

— Porque eu não conhecia esses argumentos quando tomei a decisão! — exclamou Trevize asperamente. — Não sabia quase nada a respeito de Gaia. Alguma coisa mais me influenciou, pelo menos

inconscientemente, alguma coisa que não depende dos detalhes a respeito de Gaia, mas deve ser algo mais fundamental. É isso que preciso descobrir.

— Não fique zangado, Golan — disse Pelorat.

— Não estou zangado, estou apenas tenso. Não é fácil ser o responsável pelo destino da Galáxia.

— Compreendo o que sente, Trevize — disse Bliss —, e sinto que tenhamos sido obrigados a colocá-lo nesta situação. Quando é que vamos pousar em Comporellon?

— Daqui a três dias — disse Trevize — e só depois que pararmos em uma das estações espaciais que orbitam o planeta.

— É apenas uma formalidade, não é? — perguntou Pelorat.

— Nem tanto. Vamos ter que pedir permissão para pousar em Comporellon. A permissão pode ser concedida ou negada...

— Como pode ser *negada* ? — exclamou Pelorat, com indignação. — Com que direito recusariam um visto de entrada a cidadãos da Fundação? Comporellon não faz parte da Fundação?

— Sim e não. A situação é um pouco confusa e não sei exatamente qual a interpretação atual dos governantes do planeta. É possível que nos neguem permissão para pousar, mas não é provável.

— Sim, mas se isso acontecer, o que faremos?

— Ainda não sei — disse Trevize. — Vamos esperar e ver o que acontece antes de pensarmos em planos alternativos.

11

JÁ estavam tão perto de Comporellon que o planeta podia ser visto como um disco, mesmo sem a ajuda do telescópio. Era preciso o telescópio, porém, para enxergar as estações espaciais. Ficavam mais distantes do planeta do que quase todos os outros objetos em órbita e eram muito bem iluminadas.

Como o *Estrela Distante* estava viajando na direção do pólo Sul do planeta, metade do globo estava iluminado. As estações espaciais do lado da sombra eram visíveis como pontos luminosos. Formavam um arco em torno do planeta. Havia seis estações (certamente haveria mais seis na parte iluminada), igualmente espaçadas e girando em torno do planeta com a mesma velocidade.

Pelorat parecia impressionado com o espetáculo. Perguntou a Trevize:

— Existem outras luzes mais próximas do planeta. Sabe o que são?

— Não conheço muita coisa a respeito de Comporellon, de modo que é difícil de dizer. Algumas podem ser fábricas orbitais, outras laboratórios, observatórios ou mesmo cidades. Alguns planetas

preferem manter todos os objetos em órbita, com exceção das estações espaciais, sem iluminação externa. É o que acontece em Terminus, por exemplo. Pode ver que Comporellon é mais liberal, pelo menos sob esse aspecto.

— Em que estação vamos parar, Golan?

— Depende deles. Mandei uma mensagem pedindo permissão para pousar em Comporellon e estou aguardando instruções. Tudo depende do número de naves que estão na fila. Se houver várias naves esperando em cada estação, teremos que ser muito pacientes!

— Até hoje, eu só havia viajado duas vezes pelo hiperespaço — observou Bliss. — Das duas vezes, não fui mais longe que Sayshell. É a primeira vez que me afasto *tanto* de Gaia!

Trevize olhou para ela.

— O que quer dizer com isso? Você não *é* Gaia?

O rosto de Bliss revelou uma leve irritação, mas logo a moça deu um risinho quase envergonhado.

— Tenho que admitir que desta vez você me pegou, Trevize. A palavra "Gaia" tem dois significados diferentes. Pode ser usada para designar um certo planeta, um ser inanimado de forma quase esférica que gira no espaço. Pode também se referir a um ser vivo do qual esse planeta é parte. Na verdade, deveríamos usar palavras diferentes para essas duas entidades, mas nós, gaianos, sempre sabemos a qual dos dois "Gaias" estamos nos referindo. Por outro lado, para vocês, Isolados, essa ambiguidade pode ser motivo de confusão.

— Pois então — disse Trevize —, admitindo que você está a milhares de anos-luz do planeta Gaia, você ainda é parte do organismo Gaia?

— Sim, ainda sou parte do organismo Gaia.

— Sem nenhuma atenuação devido à distância?

— Sem nenhuma atenuação. Já lhe disse que minha ligação com o planeta através do hiperespaço constitui uma complicação adicional, mas continuo a ser Gaia.

— Já lhe ocorreu que Gaia possa vir a tornar-se uma espécie de *kraken, o* monstro marinho das lendas escandinavas, com tentáculos estendendo-se por toda a Galáxia? Basta colocarem uns poucos gaianos em cada um dos mundos habitados e terão a Galáxia nas mãos. Ei, aposto que é exatamente isso que estão fazendo! Claro, deve haver alguns gaianos em Terminus... e outros em Trantor! Onde mais?

Bliss parecia pouco à vontade.

— Já disse que não vou mentir para você, Trevize, mas também não sou obrigada a revelar toda a verdade. Existem algumas coisas que você não precisa saber, entre elas a localização e identidade de todas as partes de Gaia.

— Não tenho o direito de saber o motivo para a existência desses

tentáculos, Bliss, mesmo que não saiba onde estão?

— Não, Gaia acha que não.

— Entretanto, nada me impede de especular. Em minha opinião, vocês trabalham como guardiães da Galáxia.

— Estamos ansiosos para termos uma Galáxia estável e segura; uma Galáxia próspera e pacífica. O Plano de Seldon, pelo menos na forma como foi proposto originalmente por Hari Seldon, tinha por objetivo final o surgimento do Segundo Império Galáctico, um império mais justo e estável que o primeiro. O Plano, que tem sido constantemente modificado e aperfeiçoado pela Segunda Fundação, parece estar funcionando bem até agora.

— Acontece que Gaia não deseja um Segundo Império Galáctico, não é mesmo? Vocês querem uma Galáxia viva!

— Não foi essa a sua decisão? Se tivesse optado pela Primeira ou pela Segunda Fundação, estaríamos trabalhando pela formação do Segundo Império Galáctico!

— Que mal haveria em...

O alarma do computador começou a tocar.

— Agora tenho que ir — disse Trevize. — O computador está me chamando. Deve estar recebendo instruções de Comporellon. Mais tarde continuamos a conversa.

Entrou na sala de comando, colocou as mãos no tampo da escrivaninha e descobriu que o computador já havia recebido as coordenadas da estação espacial onde deveriam atracar.

Trevize confirmou o recebimento da mensagem e sentou-se para pensar.

O Plano de Seldon! Há muito tempo que não pensava nele. O Primeiro Império Galáctico havia entrado em decadência e durante quinhentos anos a Fundação tinha crescido, primeiro em competição com o próprio Império, depois sobre as suas ruínas... tudo de acordo com o Plano.

Tinha havido a interrupção da Mula, que, por algum tempo, ameaçara reduzir o plano a farelo, mas a Fundação conseguira derrotá-lo, provavelmente com o auxílio da misteriosa Segunda Fundação e possivelmente com a ajuda do ainda mais misterioso Gaia.

Agora, o plano estava ameaçado por algo ainda mais sério que a Mula. Em vez de um novo Império, estava para surgir uma entidade nunca vista... uma Galáxia Viva. *Ele próprio havia concordado com essa guinada.* Por quê? Haveria alguma falha no Plano? Algum erro básico?

Por um momento, pareceu a Trevize que existia mesmo uma falha, que ele sabia qual era, que havia levado esse fato em conta ao tomar sua decisão; entretanto, a impressão desapareceu como havia surgido, deixando-o mais confuso que nunca.

Talvez não passasse de ilusão. Afinal, não conhecia nada a

respeito do Plano, a não ser as premissas básicas, que se baseavam na ciência da psico-história. Ignorava tanto os pormenores quanto as equações matemáticas que Seldon havia empregado.

Fechou os olhos e tentou pensar...

Não surgiu nenhuma ideia nova.

Quem sabe com o auxílio do computador? Colocou as mãos sobre a mesa e sentiu as mãos do computador apertando as suas. Fechou os olhos e pensou de novo... . Nada.

12

O COMPORELIANO que subiu a bordo tinha nas mãos uma carteira holográfica que exibia com notável fidelidade a face gorducha, coberta por uma barba rala, e o identificava como A. Kendray.

Era um homem baixinho, de corpo tão roliço quanto o rosto. Tinha um jeito amável e descontraído, e olhou em torno com visível admiração.

— Como conseguiram chegar tão depressa? Só os esperávamos daqui a duas horas!

— Esta nave é um modelo novo — explicou Trevize, em tom polido mas impessoal.

Kendray não devia ser tão inocente quanto aparentava. Entrou na sala de comando e foi logo perguntando:

— Gravítica?

Trevize viu que não adiantava negar o óbvio. Respondeu simplesmente:

— Isso mesmo.

— Muito interessante. Já tinha ouvido falar, mas é a primeira vez que vejo pessoalmente. Motores no casco?

— Motores no casco.

Os olhos de Kendray se voltaram para o computador.

— Os circuitos do computador também?

— Também. Pelo menos, foi o que me disseram.

— Está bem. Vou precisar da documentação da nave: número do motor, local de fabricação, código de registro, etc, etc. Deve estar tudo no computador. Aposto que ele pode me fornecer todos os dados em meio segundo.

Na verdade, o computador levou pouco mais que isso. Kendray olhou em torno.

— Vocês três são as únicas pessoas a bordo?

— Isso mesmo — respondeu Trevize.

— Animais vivos? Plantas? Alguém doente?

— Não, não e não — respondeu Trevize, secamente.

— Hum! — fez Kendray, tomando notas. — Poderia colocar sua mão aqui? Simples rotina. A mão direita, por favor.

Trevize olhou para o aparelho sem nenhuma simpatia. Seu uso estava ficando cada vez mais difundido, e ao mesmo tempo o instrumento estava ficando cada vez mais sofisticado. Era quase possível avaliar o grau de desenvolvimento de um planeta pelo modelo de microdetector utilizado nas estações espaciais. No momento, havia poucos planetas, mesmo entre os mais atrasados, que não estivessem usando algum tipo de microdetector. Tudo havia começado nos últimos anos do Império, quando os diferentes mundos, ao se libertarem do governo central, começaram a se preocupar com as doenças e microorganismos oriundos de outros planetas.

— O que é isso? — perguntou Bliss, em voz baixa, esticando o pescoço para examinar o aparelho, primeiro de um lado, depois do outro.

— Acho que é chamado de microdetector — respondeu Pelorat.

— Não tem nada de especial — acrescentou Trevize. — É apenas um instrumento que verifica automaticamente se você está abrigando em seu corpo algum micro-organismo capaz de transmitir doenças.

— Ele também classifica os micro-organismos que encontra — disse Kendray, com orgulho. — Foi fabricado aqui mesmo em Comporellon... Se não se importa, ainda preciso da sua mão direita.

Trevize introduziu a mão direita no aparelho e uma série de pequenas marcas vermelhas se deslocou no mostrador. Kendray apertou um botão e obteve uma cópia colorida das indicações do instrumento.

— Assine aqui, por favor — disse para Trevize. Trevize assinou.

— Como está minha saúde? — perguntou. — Acha que vou escapar?

— Não sou médico — respondeu Kendray —, de modo que não posso entrar em pormenores. O que sei é que o aparelho não mostrou nenhuma das marcas que fariam com que seu visto de entrada fosse recusado ou você fosse colocado de quarentena. Isso é tudo o que me interessa.

— Sorte a minha — disse Trevize, secamente, sacudindo a mão para livrar-se da leve comichão que a máquina havia deixado.

— Agora o senhor — disse Kendray para Pelorat.

Pelorat introduziu a mão com ar desconfiado e depois assinou o papel.

— E a senhora?

Momentos depois, Kendray estava olhando do aparelho para Bliss e de Bliss para o aparelho.

— Nunca vi nada parecido! Nenhum germe!

— Que bom! — exclamou Bliss, com um sorriso insinuante.

— Uma saúde invejável... — Kendray olhou para o primeiro registro e disse: — Sua identificação, Sr. Trevize.

Trevize mostrou a carteira de identidade. Kendray examinou-a e pareceu surpreso.

— Conselheiro de Terminus?

— Isso mesmo.

— Alto funcionário da Fundação?

— Exatamente. Escute, estamos com um pouco de pressa...

— É o comandante da nave?

— Sou.

— Finalidade da visita?

— Estou aqui em missão confidencial e isso é tudo o que posso lhe revelar. Compreende?

— Sim senhor. Quanto tempo pretende ficar em Comporellon?

— Não sei. Mais ou menos uma semana.

— Muito bem. E o outro cavalheiro?

— Ele é o dr. Janov Pelorat. Respondo por ele. É um famoso cientista em Terminus e veio para cá na qualidade de meu assistente.

— Entendo, senhor, mas preciso ver a carteira de identidade dele. Regulamentos são regulamentos. Espero que compreenda, senhor.

Pelorat mostrou a carteira. Kendray voltou-se para Bliss.

— E a senhora? Trevize interveio:

— Não precisa incomodá-la. Respondo por ela, também.

— Sim senhor. Basta que me mostre a carteira de identidade.

— Sinto muito, mas não tenho nenhum documento — disse Bliss.

— O que foi que a senhora disse?

— Minha amiga esqueceu os documentos em casa — disse Trevize. — Essas coisas acontecem, o senhor sabe. Mas não tem importância. Assumo total responsabilidade.

— Infelizmente, não posso permitir isso — afirmou Kendray. — A responsabilidade é minha. Não se preocupe; não deve ser difícil conseguir cópias dos documentos da jovem. Ela é de Terminus, não é?

— Não, ela não é de Terminus.

— De algum outro planeta da Fundação?

— Também não.

Kendray olhou desconfiado para Bliss e depois para Trevize.

— Nesse caso, a coisa fica mais complicada, senhor conselheiro. Pode levar mais tempo do que eu imaginava. Senhorita Bliss, vou precisar do nome do seu planeta natal e do planeta do qual é cidadã. Só vai poder desembarcar em Comporellon depois que as cópias dos documentos chegarem.

— Um momento, sr. Kendray — disse Trevize. — Não vejo nenhuma razão para a demora. Sou um alto funcionário da Fundação I estou aqui em uma missão de extrema importância. Não posso ser

retido por uma questão burocrática insignificante.

— Não tenho escolha, conselheiro. Se dependesse de mim, já estariam lá embaixo, mas existe um regulamento e sou obrigado a cumpri-lo. Naturalmente, algum membro do governo de Comporellon deve es-lar à sua espera. Diga-me quem é e entrarei em contato com ele. Se ele autorizar, a moça será liberada imediatamente.

Trevize hesitou por um momento.

— Isso não seria político, Sr. Kendray. Posso falar com o seu superior imediato?

— Claro que sim, mas no momento ele está muito ocupado.

— Tenho certeza de que me receberá assim que souber que trabalho para a Fundação...

— Aqui entre nós, conselheiro, isso só servirá para piorar as coisas. Como o senhor deve saber, não fazemos parte diretamente da Fundação; Comporellon é um dos Planetas Associados. Os dirigentes fazem questão de mostrar que não somos títeres da Fundação, mas um mundo livre e independente. Meu superior será elogiado se ele *negar* um favor a um representante da Fundação.

Trevize fez uma careta.

— E você?

Kendray sacudiu a cabeça.

— Não tenho ambições políticas. Para mim, um elogio não significa nada. Por outro lado, detestaria perder o emprego por causa de uma bobagem.

— Sabe que, na minha posição, posso fazer muita coisa por você.

— Desculpe o atrevimento, senhor, mas acho que não pode. Não sei como dizer isso, senhor... mas é melhor que não me ofereça nada de valor. As autoridades não veem com bons olhos os funcionários que aceitam ofertas desse tipo...

— Não estava pensando em suborná-lo. Estava pensando em interceder por você, porque quando o prefeito de Terminus souber que prejudicou minha missão com sua teimosia...

— Conselheiro, estarei perfeitamente seguro enquanto cumprir o regulamento à risca. Se os membros do *presidium* de Comporellon ficarem em má situação com o seu prefeito, problema deles. Por outro lado, o senhor e seu amigo estão liberados. Se deixarem a srta. Bliss na estação espacial, nós nos encarregaremos de mandá-la para a superfície assim que os papéis chegarem. Se, por alguma razão, for impossível conseguir os documentos, nós a enviaremos para o planeta de origem em uma nave comercial. Nesse caso, porém, algum dos senhores terá que pagar a passagem.

Trevize observou como Pelorat havia reagido às palavras do funcionário e disse:

— Sr. Kendray, podemos conversar em particular na sala de

comando?

— Está bem, mas não posso ficar muito mais tempo a bordo.

— Não vai demorar — disse Trevize.

Na sala de comando, Trevize fechou a porta de forma teatral e disse, em voz baixa:

— Já estive em muitos planetas, sr. Kendray, mas nunca vi nenhum lugar que aplicasse as leis de imigração de maneira mais obstinada, especialmente em se tratando de membros da Fundação em missão *oficial*...

— Mas a mocinha não é da Fundação!

— Mesmo assim.

— Conselheiro, essas coisas passam por fases. Tivemos alguns escândalos e no momento as coisas estão apertadas. Se voltar no ano que vem, talvez não haja nenhum problema, mas no momento não posso fazer nada.

— Tente, sr. Kendray — disse Trevize, em tom melífluo. — Vou apelar para os seus sentimentos, de homem para homem. Pelorat e eu estamos nesta missão há muito tempo. Eu e ele. Só nós dois. Somos bons amigos, mas falta alguma coisa, se é que me entende. Pois Pelorat conheceu aquela moça. Não preciso explicar o que aconteceu, mas resolvemos trazê-la conosco. Ela se tornou importante para nossa sanidade mental.

"O problema é que Pelorat tem uma esposa em Terminus. Eu sou livre, você entende, mas Pelorat, não. E ele chegou a uma idade em que os homens ficam... como direi?... em que os homens ficam obcecados por mulheres mais jovens. Não quer largar Bliss de jeito nenhum. Ao mesmo tempo, se a presença de Bliss for conhecida oficialmente, o velho Pelorat vai comer o pão que o diabo amassou quando voltar a Terminus.

"Ninguém será prejudicado, entende? Bliss não tem nada a ver com a nossa missão. Qual a necessidade de mencioná-la? Não pode registrar apenas o meu nome e o do dr. Pelorat? Éramos os únicos a bordo quando nossa nave partiu de Terminus. Para que mencionar a moça? Afinal de contas, ela está absolutamente livre de doenças. Você pôde constatar isso pessoalmente!

Kendray franziu a testa.

— Conselheiro, compreendo sua situação e, acredite, gostaria de ajudá-lo. Se pensa que é divertido ficar de serviço nesta estação meses a fio, está muito enganado. E aqui em cima só trabalham homens... — Sacudiu a cabeça. — Além disso, sou casado, de modo que entendo a enrascada em que o seu amigo se meteu... mas escute, mesmo que eu deixe vocês passarem, assim que descobrirem que a... que a amiguinha de vocês não tem documentos, ela vai para a cadeia, eu perco o emprego e o senhor e seu amigo vão ter muito o que explicar para as

autoridades de Comporellon *e* de Terminus!

— Sr. Kendray, tem que confiar em mim. Assim que pousarmos em Comporellon, tudo estará bem. As pessoas que estão à minha espera são muito influentes. Se for necessário, o que acho muito pouco provável, assumirei total responsabilidade pelo que aconteceu aqui. Além do mais, recomendarei a sua promoção...

Kendray hesitou por um momento e depois disse:

— Está bem. Vou deixar a moça passar, mas fique sabendo de uma coisa: a partir deste momento, estarei planejando uma forma de livrar a cara se alguma coisa der errado. E não moverei um dedo para ajudar vocês. Acontece que eu sei como as coisas funcionam em Comporellon, vocês não sabem e este não é um lugar fácil para as pessoas que saem da linha.

— Muito obrigado, sr. Kendray — disse Trevize. — Não haverá nenhum problema. Pode ficar tranquilo.

Capítulo 4
Em Comporellon

13

Começaram a descida. A estação espacial havia ficado para trás, reduzida a um ponto luminoso. Em poucas horas, estariam atravessando a camada de nuvens.

Uma nave gravítica não precisava descer em espiral para frear, mas também não podia mergulhar depressa demais em direção à superfície. O fato de poder neutralizar a força gravitacional não a tornava imune à resistência do ar. A nave podia descer em linha reta, mas se não tomasse cuidado com a velocidade, arderia em chamas.

— Para onde estamos indo? — perguntou Pelorat, parecendo confuso. — Daqui de cima, tudo parece igual, meu amigo.

— Para mim também — disse Trevize. — Acontece que dispomos de um mapa holográfico oficial de Comporellon, com todos os continentes e oceanos... e também com as divisões políticas. O mapa está na memória do computador, que se encarregará de todo o trabalho. Depois de determinar a nossa posição no mapa, nos guiará direta-mente para a capital.

— Não acha arriscado irmos para a capital? Se o ambiente aqui é hostil à Federação, como aquele sujeito insinuou, na capital será ainda pior...

— Por outro lado, a capital deve ser o centro intelectual do planeta e portanto o melhor lugar para conseguirmos a informação que buscamos. Mesmo que eles não gostem da Fundação, duvido que telham coragem de expressar este sentimento abertamente. Bliss saiu do lavatório ajeitando a roupa e disse:

— Estava pensando... nesta nave todos os excrementos são reciclados?

— Não temos escolha — disse Trevize. — Quanto tempo você acha que duraria nosso suprimento de água se não reciclássemos a urina? Como acha que conseguimos nutrientes para as plantas que cultivamos a bordo? Espero que isso não estrague o seu apetite, minha eficiente Bliss.

— Por que estragaria? De onde você supõe que vem a água e a comida em Gaia, neste planeta em que estamos ou em Terminus?

— Em Gaia, os excrementos estão vivos, não estão?

— Vivos, não. Conscientes. Naturalmente, seu nível de consciência é extremamente baixo quando comparado com o nosso.

Trevize fez uma careta de desagrado, mas não insistiu no assunto.

Disse:

— Vou para a sala de comando fazer companhia ao computador. Não que ele precise de mim...

— Podemos ir juntos? — perguntou Pelorat. — Ainda não me acostumei à ideia de que ele é capaz de cuidar da nave sem a nossa ajuda; de reconhecer outras naves, de evitar tempestades, de... de?

— Pois é bom ir se acostumando — disse Trevize, com um largo sorriso. — Estamos muito mais seguros com o computador nos controles do que se eu assumisse o comando... mas claro, claro, venham. Vão achar interessante.

Estavam sobrevoando o lado iluminado do planeta porque, explicou Trevize, naquele lado o computador podia identificar mais facilmente os acidentes geográficos, comparando-os com os do mapa que estava armazenado na sua memória.

— Isso é evidente — disse Pelorat.

— Nem tanto. O computador também "enxerga" no infravermelho, e portanto poderia também reconhecer os acidentes da face escura. Ocorre, porém, que as ondas infravermelhas têm comprimento maior que as de luz visível e por isso não permitem uma resolução tão boa. Em outras palavras, o computador "vê" um pouco melhor no lado claro. E sempre que posso, gosto de tornar as coisas fáceis para ele...

— E se a capital estiver no lado escuro?

— Depois que o computador descobrir nossa localização no lado iluminado, poderá levar-nos direto para a capital, mesmo que ela este ja do outro lado do planeta. Além disso, muito antes de chegarn ao nosso destino, estaremos recebendo transmissões de microondas q| nos guiarão para o espaçoporto mais conveniente. Assim, não há razão para nos preocuparmos.

— Tem certeza? — perguntou Bliss. — Estou chegando sem nenhuma identificação e impedida, por razões óbvias, de revelar mini origem. Que vou fazer, se pedirem meus documentos?

— Isso não vai acontecer — disse Trevize. — Todos vão pensar que seus documentos já foram examinados na estação espacial.

— Mas e se pedirem?

— Nesse caso, enfrentaremos o problema quando ele surgir. Não vamos nos preocupar com hipóteses remotas.

— Se deixarmos para resolver o problema quando ele surgir, podera ser tarde demais.

— Estou contando com a minha presença de espírito.

— Por falar em presença de espírito, como fez para convencer aquele homem da estação espacial?

Trevize olhou para Bliss e deixou os lábios se expandirem devagar em um sorriso que o deixou parecido com um moleque levado.

— Usei a cabeça, ora! Pelorat insistiu:

— Conte para nós, vamos!

— Custei para achar uma forma de sensibilizar o cara. Tentei intimidá-lo e nada. Suborno, nem pensar. Apelei para a lógica, para lealdade à Fundação. Nada estava dando certo, de modo que use um recurso extremo. Disse para ele você estava traindo sua esposa Pelorat.

— Minha *esposa!* Meu amigo, no momento eu nem estou casado.

— Eu sei disso, mas *ele,* não. Bliss interrompeu:

— "Esposa" deve ser o nome que vocês dão à companheira legal habitual de um homem.

— É um pouco mais que isso, Bliss — disse Trevize. — Esposa é a companheira *legal,* aquela que tem direitos jurídicos reconhecidos.

— Bliss, eu *não tenho* uma esposa — disse Pelorat, nervoso. — Já tive no passado, mas faz muito tempo... se você quisesse passar pe-las formalidades...

— Pel, Pel — disse Bliss, com um gesto de desdém —, por que eu faria uma coisa dessas? Tenho muitos companheiros que estão mais próximos de mim do que o seu braço direito do braço esquerdo. Só os Isolados se sentem alienados a ponto de terem que usar convenções artificiais como um pálido substituto para o verdadeiro companheirismo!

— Mas eu *sou* um Isolado, Bliss querida.

— Com o tempo, você será menos Isolado, Pel. Nunca chegará a fazer parte de Gaia, provavelmente, mas pelo menos terá muitos companheiros.

— Só quero você, Bliss.

— Isso é porque ainda não sabe de nada. Você vai ver! Durante toda a conversa, Trevize estava tentando se concentrar na tela, com uma expressão de tolerância no rosto. Tinham chegado à camada de nuvens e por um momento a tela ficou toda branca.

Hora de mudar para os detectores de microondas, pensou, ao mesmo tempo em que o computador começava a mostrar na tela os ecos de radar. As nuvens desapareceram e a superfície de Comporellon apareceu em cores falsas, os limites entre terrenos de diferente composição, um pouco difusos e trêmulos.

— É assim que vai ficar daqui para a frente? — perguntou Bliss, surpresa.

— Só até atravessarmos as nuvens. Depois, tudo volta à ser como antes.

Enquanto Trevize falava, a nave saiu das nuvens e a visibilidade voltou ao normal.

— Entendo — disse Bliss. — O que não entendo é que diferença pode fazer para o funcionário da estação espacial o fato de Pel estar (ruindo a esposa.

— O que eu disse para aquele tal de Kendray foi que se não deixasse você passar, a notícia a respeito da sua presença a bordo poderia chegar a Terminus e consequentemente à esposa de Pelorat. Isso, por sua vez, colocaria Pelorat em sérias dificuldades. Não expliquei que tipo de dificuldades, mas procurei dar a impressão de que seria algo bem desagradável. Existe uma espécie de solidariedade masculina — prosseguiu Trevize, com um sorriso — que faz com que um homem jamais revele as aventuras sexuais de outro homem. Talvez o raciocínio por trás disso seja de que quem ajuda hoje pode precisar de ajuda amanhã. Suponho que exista uma solidariedade semelhante entre as mulheres — prosseguiu, em tom um pouco mais sério —, embora, não sendo mulher, nunca tenha tido a oportunidade de observá-la de perto.

Bliss parecia horrorizada.

— Está brincando comigo? — perguntou.

— Não, estou falando sério — disse Trevize. — Não digo que o tal do Kendray tenha deixado você passar só para evitar que a esposa de Janov ficasse zangada com ele. Não, a solidariedade masculina deve ter sido apenas o pequeno reforço que faltava aos meus outros argumentos.

— Mas isso é incrível! São os regulamentos que mantêm a sociedade coesa e funcionando. Acha correto desrespeitar os regulamentos por razões fúteis?

— Ora, os próprios regulamentos às vezes são ridículos! — exclamou Trevize, tomando a defensiva. — Poucos mundos dão muita importância à passagem de estrangeiros por seu território, especialmente em períodos de paz e prosperidade, como o que estamos atravessando agora, graças à Fundação. Comporellon, por algum motivo, não segue a regra... provavelmente por causa de uma questão obscura de política interna. Por que devemos ser nós os prejudicados?

— Isso não vem ao caso. Se obedecermos apenas às leis que consideramos justas e razoáveis, nenhuma lei sobreviverá muito tempo, porque não existe nenhuma lei que *alguém* não considere injusta e pouco razoável. Assim, o que começa como uma pequena esperteza acaba sempre em anarquia e desastre, até mesmo para o esperto, já que ele também não consegue sobreviver ao colapso da sociedade.

— As sociedades não são tão frágeis assim. Você está falando como Gaia, e Gaia não pode compreender o que é uma associação de indivíduos livres. Muitas leis que eram justas e razoáveis quando foram criadas deixam de acompanhar a evolução da sociedade e continuam em vigor apenas por causa de inércia. Nesse caso, não é apenas desculpável, é eticamente correto desrespeitar essas leis como

forma de anunciar o fato de que se tornaram inúteis, ou pior ainda, nocivas à sociedade.

— Nesse caso, até o ladrão e o assassino poderiam argumentar que estão sendo úteis à humanidade!

— Você está exagerando. No superorganismo de Gaia, existe um consenso automático quanto às regras a serem seguidas, de modo que não ocorre a ninguém a ideia de violá-las. É como se Gaia estivesse fossilizado. É claro que existe um elemento de desordem na associação livre, mas é o preço que temos que pagar pela capacidade de introduzir novidades e mudanças. No conjunto, não acho que seja um preço muito alto.

O tom de voz de Bliss ficou ligeiramente mais agudo.

— Você está muito enganado se pensa que Gaia estagnou. Nossos planos, nossos costumes, nossas leis estão sendo constantemente reexaminados. Não persistem por pura inércia. Gaia aprende através da experiência e da lógica e muda sempre que considera isso necessário.

— Ainda que seja verdade, o aprendizado deve ser lento e as mu-ilnças raras, porque em Gaia não existe nada além de Gaia. Aqui, como em todos os planetas livres, mesmo quando quase todos concordam, existem sempre uns poucos que discordam. Em alguns casos, esses poucos podem estar certos, e se eles forem muito espertos, muito persis-lentes e estiverem *muito* certos, conseguirão vencer a maioria e serão considerados como heróis pelas gerações futuras... como Hari Seldon, que aperfeiçoou a psico-história, desafiou com suas ideias o gigantesco Império Galáctico... e ganhou!

— Não sei como pode dizer que ele ganhou, Trevize. O Segundo Império planejado por Seldon jamais se tornará uma realidade. Em seu lugar, surgirá a Galáxia Viva.

— Tem certeza? — perguntou Trevize, de cara feia.

— A decisão foi *sua,* e por mais que discuta comigo a favor dos Isolados e da liberdade de que dispõem para cometer crimes e fazer tolices, existe alguma coisa nos recônditos da sua mente que o obrigou I concordar comigo/conosco/com Gaia quando tomou a sua decisão.

— O que está presente nos recônditos de minha mente — disse Trevize, num tom ainda mais desanimado — é exatamente o que estou procurando. A começar por aqui — acrescentou, apontando para a tela, onde uma grande cidade se esparramava até o horizonte, um aglomerado de construções baixas com um ou outro edifício mais alto, cercado por campos de cor castanha cobertos por uma fina camada de gelo.

Pelorat sacudiu a cabeça.

— Que pena! Pretendia apreciar a descida, mas fiquei distraído ouvindo a discussão de vocês...

— Não tem importância, Janov — disse Trevize. — A vista será a mesma quando partirmos. Se você fizer Bliss ficar quieta, prometo que não direi uma palavra.

Pouco depois, o *Estrela Distante* se aproximava do espaçoporto da cidade, guiado por uma transmissão de microondas.

14

Kendray estava de cara amarrada quando voltou à estação espacial e observou o *Estrela Distante* desaparecer ao longe. Seu humor não melhorou até o final do expediente.

Estava se preparando para começar a última refeição do dia quando um dos colegas, um sujeito grandalhão, de olhos vivos, cabelos claros e lisos e sobrancelhas tão louras que eram quase invisíveis, sentou-se na cadeira ao lado.

— Que foi que houve, Ken? — perguntou o outro. Kendray fez uma careta e respondeu:

— Aquela última nave era gravítica, Gatis.

— Aquela nave esquisita, com radioatividade zero?

— Era por isso que não tinha radioatividade. Não precisa de combustível. É gravítica.

Gatis assentiu.

— Aquela que nos pediram para ficar de olho, certo?

— Certo.

— E foi cair nas suas mãos. Sortudo!

— Nem tanto. Havia uma mulher a bordo. Sem documentos. E; eu a deixei passar.

— O *quê?* Escute, não me diga mais *nada.* Não quero saber. Nem mais uma palavra. Você pode ser meu amigo, mas não vai me fazer de cúmplice!

— Não estou preocupado com isso. Não muito. Afinal, eu tinha que mandar a nave lá para baixo. Eles querem aquela nave... eles querem qualquer nave gravítica que aparecer. Você sabe disso.

— Claro, mas pelo menos podia ter detido a mulher.

— Não me deu vontade. Ela não é casada. Eles a trouxeram apenas para... para usá-la.

— Quantos homens a bordo?

— Dois.

— E eles a apanharam só para... para isso? Devem ser de Terminus.

— Isso mesmo.

— Esse pessoal de Terminus é fogo!

— Nem me diga.

— O pior é que sempre se dão bem!

— Um deles era casado e não queria que a mulher soubesse. Se eu prendesse a moça aqui, a mulher dele ia ficar sabendo.

— Ela não está em Terminus?

— Mesmo assim.

— Bem feito para o cara se a mulher dele descobrisse.

— Pode ser... mas *eu* não quis ser o responsável.

— Vai pegar muito mal para você quando descobrirem. Querer livrar a cara de um desconhecido não é desculpa.

— *Você* teria detido a moça? — Acho que sim.

— Não, acho que não. O governo quer aquela nave. Se eu não deixasse a moça passar, os homens poderiam mudar de ideia e ir para outro planeta.

— Será que vão acreditar em você?

— Acho que sim. Sabe, a mulher é de fechar o comércio. Imagine uma mulher daquelas disposta a viajar com dois homens. São uns felizardos!

— Acho que a sua patroa não ia gostar de saber que você pensa assim.

— Quem vai contar para ela? Você? — perguntou Kendray, em tom desafiador.

— Calma, calma! Você sabe que não! — O ar de indignação de Gatis desapareceu rapidamente e ele disse: — O que você fez não vai adiantar nada para aqueles sujeitos...

— Eu sei.

— O pessoal lá de baixo logo vai descobrir a respeito da moça e mesmo que não pegue nada para *você,* com *eles* vai ser diferente!

— Eu sei, e tenho pena deles. Mesmo a presença da mulher não vai ser nada em comparação com os problemas que a nave vaii trazer para eles. O capitão fez alguns comentários...

Kendray interrompeu o que estava dizendo e Gatis perguntou, curioso:

— Que comentários?

— Deixe para lá. É assunto confidencial.

— Não vou repetir para ninguém.

— Nem eu. Mas estou com pena desses dois sujeitos de Terminus!

15

Quem Já experimentou a monotonia do espaço sabe que o único momento emocionante nas viagens espaciais é a hora de pousar em um planeta desconhecido. A superfície se desloca velozmente para trás enquanto você observa manchas de água e de terra, figuras e linhas geométricas que podem representar campos e estradas. De repente, você reconhece o verde das plantas, o cinzento do concreto, o

castanho do solo nu, o branco da neve. O mais interessante, porém, são as regiões habitadas; cidades que em cada planeta têm uma geometria característica, uma arquitetura própria.

Em uma nave comum, haveria ainda a sensação de pousar e taxiar na pista. Com o *Estrela Distante* era diferente. Ele começou a frear, o computador mantendo um equilíbrio delicado entre a força da gravidade e a resistência da atmosfera, até ficar parado acima do espaço-porto. O vento, que soprava em rajadas, havia introduzido uma complicação adicional. Quando o sistema gravítico do *Estrela Distante* era ajustado para neutralizar parcialmente a força da gravidade, a nave não só perdia peso mas também perdia massa, tornando-se portanto muito mais vulnerável ao vento. Assim, tinha sido necessário aumentar a gravidade e usar jatos auxiliares não só para frear a nave como também para compensar a cada instante a força do vento. Sem um computador extremamente rápido, esse tipo de manobra seria impraticável.

A nave foi descendo lentamente, com pequenos movimentos laterais inevitáveis para lá e para cá, até imobilizar-se no centro do quadrado que marcava a posição que o pessoal de terra lhe havia destinado no espaçoporto.

Quando o *Estrela Distante* pousou, o céu azul-claro estava coalhado de nuvens brancas. Mesmo na superfície, o vento continuava forte e, embora não constituísse mais um perigo, provocou um arrepio em Trevize. Ele percebeu imediatamente que as roupas de que dispunham eram totalmente inadequadas para o clima de Comporellon.

Pelorat, por outro lado, olhou em torno com admiração e respirou profundamente, saboreando o ar gelado nos pulmões. Chegou a desabotoar o casaco para expor o peito ao vento. Sabia que em pouco tempo tornaria a abotoar o casaco, mas no momento queria *sentir* a existência de uma atmosfera, o que era impossível a bordo do *Estrela Distante.*

Bliss apertou o casaco contra o corpo e, com as mãos enluvadas, puxou o gorro para cobrir as orelhas. Seu rosto tinha uma expressão aflita; parecia a ponto de chorar. Murmurou:

— Este mundo é mau. Ele nos odeia!

— Não diga isso, Bliss querida — protestou Pelorat. — Tenho certeza de que os nativos gostam deste mundo e de que o mundo... o mundo gosta deles, como você diria. Assim que entrarmos em algum lugar aquecido você vai se sentir melhor.

Abriu uma aba do casaco e ofereceu-a a Bliss, que se aninhou contra o seu peito.

Trevize fez o possível para ignorar o frio. Recebeu um cartão magnetizado de um funcionário do espaçoporto e verificou, com o

auxílio do computador de bolso, se continha todos os dados necessários: número da vaga, nome da nave, número de série do motor e assim por diante. Examinou mais uma vez a nave para ter certeza de que estava bem trancada e depois fez o maior seguro contra roubo que a legislação do planeta permitia (uma providência inútil, na verdade, pois o E*strela Distante* deveria ser invulnerável à tecnologia dos comporelianos e, se não fosse, sua perda seria irreparável).

Trevize encontrou o ponto de táxi no lugar esperado. (Muitas instalações nos espaçoportos eram padronizadas quanto à localização, aparência e modo de usar. Tinham que ser, dada a natureza multiplanetária da clientela.). Chamou um táxi, digitando o destino simplesmente como cidade".

Um táxi deslizou em direção a eles apoiado em esquis diamagnéticos, tremendo com a vibração do motor nada silencioso. Era pintado de cinza escuro e tinha o símbolo de táxi pintado em branco nas portas traseiras. O motorista usava um paletó preto e um gorro branco de pele.

— Parece que as cores nacionais são preto e branco — observou Pelorat.

— Talvez na cidade seja menos monótono — disse Trevize.

O motorista falou através de um pequeno microfone, talvez para evitar abrir a janela:

— Vão para a cidade?

Falava o dialeto galáctico com um sotaque cantado relativamente fácil de entender... o que era sempre um alívio num mundo desconhecido.

— Vamos — respondeu Trevize.

A porta traseira se abriu. Bliss entrou, seguida por Pelorat e depois por Trevize. A porta se fechou e sentiram um bafo de ar quente. Bliss esfregou as mãos e deixou escapar um suspiro de alívio. O táxi começou a andar e o motorista perguntou:

— A nave em que vocês chegaram é gravítica, não é?

— Considerando a forma como pousamos, você ainda tem dúvidas? — disse Trevize, secamente.

— Então é de Terminus? — quis saber o motorista.

— Conhece outro planeta capaz de fabricar uma nave gravítica? O motorista pareceu pensar um pouco enquanto o táxi ganhava velocidade. Então disse:

— Você sempre responde a uma pergunta com outra pergunta? Trevize não pôde resistir.

— Por que não?

— Nesse caso, que diria se eu perguntasse se o seu nome é Golan Trevize?

— Eu diria: Por que está perguntando?

O táxi parou bruscamente e o motorista disse:

— Pura curiosidade! Vou perguntar de novo: Seu nome é Golan Trevize?

— O que é que você tem com isso?

— Meu amigo — disse o motorista —, não vamos sair daqui enquanto não me responder. E se não responder logo, vou desligar o aquecimento do compartimento de passageiros e continuar esperando. Seu nome é Golan Trevize, conselheiro de Terminus? Se disser que não, terá que me mostrar sua carteira de identidade.

— Sim, sou Golan Trevize, e como conselheiro da Fundação, espero ser tratado com todo o respeito que minha posição exige. Se se esquecer disso, poderá se ver em maus lençóis, camarada. E agora?

— Agora posso continuar um pouco mais tranquilo. — O táxi começou a se mover novamente. — Escolho meus passageiros com cuidado — prosseguiu o motorista — e só estava esperando dois homens. A mulher foi uma surpresa e fiquei com medo de ter cometido um engano. Agora que sei que estava certo, posso deixar por sua conta explicar a mulher quando chegar ao seu destino.

— Não sei qual é o meu destino.

— Pois eu sei. Você vai para o Ministério dos Transportes.

— Não é para lá que eu quero ir!

— Isso não faz a mínima diferença, conselheiro. Se eu fosse um motorista de táxi, levaria você para onde me mandasse ir. Como não sou, levo você para onde *eu* quero ir.

— Espere aí — disse Pelorat, inclinando-se para a frente. — Você parece um motorista de táxi. Está até dirigindo um táxi!

— Qualquer um pode dirigir um táxi. Além disso, nem todo carro que parece um táxi tem que ser um táxi.

— Deixe de brincadeiras! — exclamou Trevize. — Quem é você e o que está fazendo? Lembre-se de que terá que prestar contas à Fundação por seus atos!

— Eu, não — disse o motorista. — Meu superiores, talvez. Sou agente da Polícia de Segurança de Comporellon. Tenho ordens para tratá-lo com cortesia, mas terá que ir para onde eu o levar. E não vá tentar nenhuma gracinha, porque estou armado e minhas ordens são para defender-me se for atacado.

16

Depois que o veículo atingiu a velocidade de cruzeiro, passou a mover-se com absoluta suavidade. Trevize ficou muito quieto, tentando pensar. Mesmo sem olhar para Pelorat, tinha certeza de que o outro tinha uma expressão interrogativa no rosto, como quem diz “O que vamos lazer agora?”.

Uma rápida olhadela assegurou-o de que Bliss estava tranquila, aparentemente despreocupada. E por que não? Afinal, tinha um mundo inteiro dentro de si. Gaia inteiro, apesar da distância que a separava do planeta. No caso de uma emergência real, a jovem podia contar com recursos quase ilimitados. O que havia acontecido?

Era evidente que o funcionário da estação espacial, obedecendo ao regulamento, havia enviado uma comunicação a respeito da nave (omitindo Bliss) e essa comunicação havia atraído a atenção das autoridades, especialmente do Ministério dos Transportes. Por quê?

As relações entre Comporellon e a Fundação eram amistosas e ele próprio era um representante graduado da Fundação...

Acontece que tinha dito ao funcionário da estação espacial... Kendray, o funcionário se chamava Kendray... que tinha negócios importantes a tratar com o governo de Comporellon. Naturalmente, era apenas uma tentativa de intimidar o homem. Entretanto, Kendray devia ter comunicado o fato aos superiores, o que certamente despertaria um interesse incomum.

Como não havia previsto isso? Onde estava sua famosa intuição? Gaia dizia que ele era uma espécie de caixa preta, sempre pronto a fornecer a resposta correta. Seria essa realmente a opinião de Gaia? Estaria sendo traído por um excesso de confiança causado por uma superstição estúpida?

O homem que não podia errar... como pudera acreditar em tamanha tolice? Quantos erros já não havia cometido na vida? Por acaso era capaz de prever ao menos o tempo que iria fazer no dia seguinte? Claro que não!

Então era apenas nas grandes decisões que não podia errar? Como ter certeza?

Esqueça! Afinal, o simples fato de haver afirmado que estava no planeta em missão importante... não, as palavras exatas tinham sido "missão confidencial"...

Pois então, o simples fato de haver afirmado que estava ali a serviço da Fundação, em missão confidencial, bastava para atrair a atenção do governo local. Sim, mas até saberem exatamente do que se tratava, teriam que agir com muito tato. Seriam cerimoniosos e o tratariam como alto dignitário de um planeta aliado. Jamais pensariam em raptá-lo ou recorrer a ameaças. No entanto, era exatamente isso que haviam feito. Por quê?

O que os fazia se sentirem tão fortes e seguros para tratarem uni conselheiro de Terminus de forma tão humilhante?

Poderia ser a Terra? A mesma força que mantinha escondido com tanta eficácia o planeta de origem do Homem, a ponto de desafiar os grandes mentalistas da Segunda Fundação, estaria agora trabalhando para evitar que ele, Trevize, continuasse a procurar a Terra? Seria a

Terra onisciente? Onipotente?

Trevize sacudiu a cabeça. Estava ficando paranoico. Começaria a culpar a Terra por tudo o que acontecesse? Passaria a considerar ca- j da contratempo, cada volta do caminho, cada imprevisto como o resultado de maquinações secretas da Terra? No momento em que pensasse assim, estaria derrotado.

Nesse instante, a desaceleração do veículo o trouxe de volta à realidade.

Deu-se conta de que não havia observado, nem mesmo por um instante, a cidade que estavam atravessando. Olhou em torno. Os edifícios eram baixos, mas se tratava de um planeta muito frio... boa parte das construções devia ser subterrânea.

Como no espaçoporto, não viu nenhuma cor além do preto e do branco.

De raro em raro, passava um pedestre vestido com roupas grossas e caminhando a passos rápidos. Como os edifícios, quase todas as pessoas deviam estar debaixo da terra.

O táxi tinha parado diante de um edifício baixo que ocupava uma área considerável e ficava no meio de uma depressão. De onde estavam, Trevize não podia ver o andar térreo. Passaram-se alguns momentos e nada aconteceu. O motorista também estava imóvel, o gorro branco quase encostando no teto do veículo.

Trevize imaginou por um instante como o motorista conseguia entrar e sair do táxi sem tirar o chapéu e depois disse, no tom de irritação controlada que se esperaria de uma alta autoridade que não está sendo tratada com a devida atenção:

— Então, motorista, o que vai acontecer agora?

A versão comporeliana de campo de força que separava o motorista dos passageiros era relativamente sofisticada. As ondas sonoras podiam atravessá-la com facilidade... embora Trevize pudesse apostar que seria invulnerável a objetos sólidos.

— Alguém vem buscá-lo. Não deve demorar.

Nesse exato momento, três cabeças apareceram, surgindo lentamente da depressão onde estava o edifício. Atrás delas vieram os corpos. Era evidente que os recém-chegados estavam usando algum tipo de escada rolante, que a depressão escondia de Trevize.

Quando os três se aproximaram, a porta traseira do táxi se abriu e uma lufada de ar frio invadiu o veículo.

Trevize saltou, depois de abotoar o casaco até em cima. Os outros dois o seguiram, Bliss com visível relutância.

Os três comporelianos não passavam de vultos informes. Usavam roupas muito folgadas, provavelmente com aquecimento elétrico. Trevize olhou-os com desdém. Em Terminus não havia necessidade de roupas aquecidas. A única vez em que pedira emprestado um casaco

elétrico havia sido quando estava passando o inverno em Anacreon, um plane-in vizinho. Não tinha gostado da experiência. O traje se aquecia devagar e quando percebia que estava ficando quente demais, já estava munido em bicas.

Quando os comporelianos chegaram mais perto, Trevize observou, com indignação, que estavam armados. Não pareciam preocupados em esconder o fato. Pelo contrário; os três usavam coldres do lado de fora do casaco.

Um dos comporelianos se dirigiu para Trevize.

— Com licença, conselheiro — disse, rispidamente, ao mesmo tempo em que desabotoava o casaco do outro.

Apalpou o corpo de Trevize com movimentos rápidos e precisos. Examinou os bolsos do casaco. Quando Trevize se recobrou da surpresa, já tinha sido totalmente revistado.

Pelorat, de cara amarrada, estava passando por uma humilhação semelhante nas mãos de um segundo comporeliano.

O terceiro aproximou-se de Bliss, que não esperou até ser tocada. Ela, pelo menos, parecia conhecer as intenções dos desconhecidos, pois tirou o casaco e ficou ali parada, no vento gélido, usando apenas uma roupa leve.

— Pode ver que não estou armada — disse para o comporeliano, em um tom mais gelado que a temperatura que estava fazendo.

Realmente não tinha onde esconder uma arma. O comporeliano sacudiu o casaco, como se apenas pelo peso pudesse saber se continha uma arma (talvez pudesse) e recuou.

Bliss tornou a vestir o casaco e Trevize não pôde deixar de senti certa admiração pelo que a moça havia feito. Sabia que ela detestava o frio e no entanto havia ficado ali, vestida apenas com uma blusa fina e calças compridas, sem demonstrar o menor desconforto. (Então pen sou que talvez, em uma emergência, Bliss pudesse receber calor do res to de Gaia.)

Um dos comporelianos fez um gesto para que Trevize, Pelorat e Bliss o seguissem. Os outros dois comporelianos ficaram mais para trás. Os dois ou três pedestres que estavam na rua não demonstraram nenhum interesse pelo que estava acontecendo. Ou já estavam acostumados ou, o que era mais provável, tudo o que tinham em mente era chegar o mais depressa possível a um lugar abrigado do vento e do frio.

Trevize percebeu que os comporelianos tinham subido por uma rampa móvel. Agora estavam descendo, todos os seis, e passaram por um sistema de portas duplas quase tão complicado quanto o de uma espaçonave. O objetivo, sem dúvida, era não deixar o calor escapar.

De repente, estavam no interior de um grande edifício.

Capítulo 5
A Luta pela Nave

17

A primeira impressão de Trevize foi a de que estava participando de um hiperdrama... mais especificamente, de uma novela histórica passada no tempo do Império. Havia um cenário em particular, com poucas variações (talvez só existisse mesmo um cenário, usado por todos os produtores de hiperdramas), que representava a gigantesca cidade-planeta de Trantor no seu apogeu.

Ali estavam as praças espaçosas, o formigueiro de pedestres, os pequenos veículos correndo nas pistas reservadas para eles.

Trevize olhou para cima, quase esperando ver os aerotáxis entrando em túneis bem iluminados, mas pelo menos aquilo estava ausente. Na verdade, quando a surpresa inicial passou, Trevize se deu conta de que a escala da cena que estava presenciando era muito menor do que se estivesse na antiga Trantor. Afinal, era *apenas* um edifício e não parte de um complexo que se estendia por milhares de quilômetros em qualquer direção.

As cores também eram diferentes. Nos hiperdramas, Trantor era sempre representado em cores incrivelmente berrantes, e os trajes, de tão espalhafatosos, chegavam a ser ridículos. Todas essas cores e babados tinham um significado simbólico, pois serviam para mostrar a decadência do Império e particularmente de Trantor.

Nesse caso, porém, Comporellon não devia ter nada de decadente, pois o uso das cores só servia para confirmar as suspeitas de Pelorat.

As paredes eram todas pintadas em tons de cinza; os tetos eram brancos; as roupas da população, uma mistura de preto, cinzento e branco. De vez em quando aparecia uma roupa toda preta; ainda mais raramente, uma roupa toda cinzenta. Trevize não conseguiu ver nenhuma roupa toda branca. Os padrões, entretanto, eram todos diferentes, como se as pessoas, impedidas de variar nas cores, procurassem outras formas de manifestar sua individualidade.

O rosto dos transeuntes era impassível. As mulheres usavam o cabelo bem curto; o cabelo dos homens era mais comprido, mas puxado para trás para formar um coque. Quando se cruzavam, ninguém olhava para ninguém. Todo mundo parecia ocupado, como se tivesse um objetivo estreito em mente e não sobrasse tempo para mais nada. Homens e mulheres se vestiam da mesma forma; a diferença estava apenas no comprimento do cabelo, no volume dos seios e na largura dos quadris.

Os três foram conduzidos para um elevador que desceu cinco andares. Saíram do elevador e foram levados até uma porta onde estava escrito, com pequenas letras brancas em fundo cinza: “Mitza Lizalor, MinTrans”.

O comporeliano que ia à frente encostou o dedo no letreiro, que, depois de um momento, começou a brilhar. A porta se abriu e eles entraram.

Era uma sala grande e estava quase vazia. A falta de mobília talvez servisse para demonstrar, através do uso imoderado de espaço, a importância do ocupante.

Havia dois guardas do outro lado da sala, imóveis, os olhos fixos naqueles que entravam. O centro do aposento era ocupado por uma grande escrivaninha. Sentada atrás da escrivaninha estava uma mulher corpulenta, de olhos escuros e feições regulares. Duas mãos fortes e capazes, com dedos longos e quadrados, repousavam sobre a mesa.

O MinTrans (Ministro dos Transportes, concluiu Trevize) usava um traje cinza-escuro no qual se destacavam duas grandes faixas brancas, que se cruzavam no peito. Trevize notou que embora o corte do vestido disfarçasse a saliência dos seios, as faixas atraíam a atenção para eles.

O ministro era indubitavelmente uma mulher. Mesmo ignorando os seios, bastava observar os cabelos curtos e as feições delicadas, embora sem nenhuma maquilagem. A voz também era feminina, um rico contralto. Ela disse:

— Boa tarde. Não é todo dia que temos a honra de receber dois homens de Terminus... e uma mulher de origem desconhecida. — Os olhos passearam de um para outro e afinal se detiveram em Trevize, que estava de pé, muito sério, em rígida posição de sentido. — Além de tudo, um dos homens é membro do Conselho.

— Do Conselho da Fundação — completou Trevize, tentando parecer o mais arrogante possível. — Conselheiro Golan Trevize, em missão especial.

— Em missão especial? — repetiu a ministro, interessada.

— Em missão especial — reafirmou Trevize. — Por que, então, estamos sendo tratados como bandidos? Por que fomos sequestrados por guardas armados e trazidos para cá como prisioneiros? O Conselho da Fundação não vai ficar nada satisfeito quando souber disso.

— A propósito — interveio Bliss, sua voz parecendo um pouquinho esganiçada em comparação com a da mulher mais velha —, por quanto tempo vamos ter que continuar de pé?

A ministro olhou friamente para Bliss por alguns instantes e depois levantou o braço, dizendo:

— Três cadeiras! Já!

Uma porta se abriu e três homens, vestidos de acordo com a moda sombria de Comporellon, entraram carregando três cadeiras. Os vigilantes se sentaram.

— Pronto — disse a ministro. — Estão bem, agora? — acrescentou, com um sorriso gelado.

Trevize teve vontade de responder que não. As cadeiras não tinham estofamento e o assento e o espaldar eram retos, sem fazer concessões à forma do corpo.

— Por que estamos aqui? — perguntou.

A ministro consultou alguns papéis que estavam sobre a mesa.

— Pretendo explicar assim que estiver bem certa dos fatos. Sua nave é o *Estrela Distante,* de Terminus. Esta informação está correta, conselheiro?

— Sim.

A ministro levantou os olhos.

— Usei o seu título, conselheiro. Poderia daqui em diante, por cortesia, usar o meu?

— Senhora Ministro será suficiente? Ou existe um título honorífico associado ao cargo?

— Não há título honorífico algum, nem precisa ser tão prolixo. "Ministro" será suficiente, ou "Senhora", se preferir.

— Então minha resposta é: Sim, ministro.

— O capitão da nave é Golan Trevize, cidadão da Fundação e membro do Conselho de Terminus... na verdade, um dos conselheiros mais jovens. E o senhor é Trevize. Estas informações estão corretas, conselheiro?

— Sim, ministro. E como cidadão da Fundação, eu...

— Ainda não terminei, conselheiro. Mais tarde terá oportunidade de apresentar suas objeções. Em sua companhia está Janov Pelorat, cientista, historiador e cidadão da Fundação. É o senhor, não é, dr. Pelorat?

Pelorat não conseguiu evitar um sobressalto quando a ministro voltou para ele os olhos penetrantes. Ele disse:

— Sim, sou eu, minha queri... — Interrompeu o que estava dizendo e começou de novo: — Sim, sou eu, ministro.

A ministro trançou os dedos.

— No relatório que me foi enviado não há qualquer menção de uma mulher. Essa mulher faz parte da tripulação da nave?

— Sim, ministro — respondeu Trevize.

— Então interrogarei a mulher pessoalmente. Como se chama?

— Todos me chamam de Bliss — disse Bliss, sentada muito ereta e pronunciando as palavras com cuidado —, embora meu nome completo seja bem maior, senhora. Quer saber o nome completo?

— Bliss será suficiente, por enquanto. Bliss, você é cidadã da

Fundação?

— Não senhora.

—- De que planeta você é cidadã, Bliss?

— Não tenho nenhum documento de cidadania, senhora.

— Nenhum documento, Bliss? — A ministro fez uma rápida anotação e prosseguiu: — O que estava fazendo a bordo da nave?

— Sou uma passageira, senhora.

— O conselheiro Trevize ou o dr. Pelorat pediram para ver sua identidade antes de você embarcar, Bliss?

— Não senhora.

— Avisou a eles que não tinha documentos, Bliss?

— Não senhora.

— Qual era a sua função a bordo, Bliss?

— Era apenas uma passageira — respondeu Bliss.

— Por que está pressionando a moça? — interrompeu Trevize. — Qual foi o crime que ela cometeu?

Os olhos da ministro Lizalor se voltaram para Trevize.

— O senhor é um estrangeiro, conselheiro, e não conhece nossas leis. Mesmo assim, está sujeito a elas assim que desembarca em nosso planeta. O senhor não traz as leis do seu mundo com o senhor. Esta é uma regra universal do Direito Galáctico.

— De acordo, ministro. Mesmo assim, continuo sem saber qual foi a lei que ela infringiu.

— É uma regra geral na Galáxia, conselheiro, que um visitante de um mundo fora dos domínios do planeta que está visitando deve ter em seu poder um documento de identidade. Muitos planetas fazem vista grossa ao regulamento, seja porque estão interessados em atrair mais turistas, seja porque não dão muita importância à lei e à ordem. Aqui em Comporellon é diferente. Fazemos questão de cumprir a lei. A moça desembarcou aqui sem documentos e portanto infringiu a nossa lei.

— Ela não tinha escolha — disse Trevize. — Eu estava pilotando a nave e decidi pousar em Comporellon. Ela teve que acompanhar-nos. Que mais poderia fazer, ministro? Pedir para ser ejetada no espaço?

— Isso significa que o senhor também infringiu a lei.

— Sou forçado a discordar, ministro. Não sou um estrangeiro aqui; sou um cidadão da Fundação, um dos Planetas Associados, como Comporellon. De acordo com os tratados em vigor, posso me locomover livremente neste planeta.

— Certamente, conselheiro, contanto que disponha de papéis que provem que realmente é um cidadão da Fundação.

— Trago esses papéis comigo, ministro.

— Entretanto, mesmo como cidadão da Fundação, infringiu a lei trazendo com o senhor uma pessoa sem documentos.

Trevize hesitou. O guarda da fronteira, Kendray, tinha dado com a língua nos dentes; não havia sentido em protegê-lo.

— Não fomos detidos na estação espacial e considerei o fato como permissão implícita para trazer a moça comigo, ministro.

— É verdade que não foram detidos, conselheiro. É verdade que a presença da mulher foi ignorada pelas autoridades de imigração. Desconfio, no entanto, de que os funcionários da estação espacial acharam, e com muita razão, que era mais importante assegurar que a nave pousasse no planeta do que se preocuparem com uma jovem sem documentos. Não vou negar que eles tenham quebrado o regulamento, e o assunto terá que ser examinado oportunamente, mas estou certa de que a conclusão será de que a infração foi justificada. Aplicamos a lei com rigor, conselheiro, mas também sabemos usar a lógica.

— Então vou apelar para a sua lógica, ministro — disse Trevize, aproveitando a deixa. — Se na verdade não recebeu nenhuma informação das autoridades de imigração a respeito de Bliss, não tinha meios de saber que estávamos infringindo alguma lei no momento em que pousamos no planeta. No entanto, é evidente que deu ordens para que fôssemos presos assim que desembarcássemos, o que realmente aconteceu. Por que agiu assim, já que não tinha razões para pensar que havíamos cometido algum crime? A ministro sorriu.

— Compreendo sua perplexidade, conselheiro. Gostaria de assegurar-lhe de que o fato de ter em sua companhia uma jovem sem documentos não tem nada a ver com a sua detenção. Estamos agindo em nome da Fundação, como um dos Planetas Associados.

Trevize olhou para ela, atônito.

— Isso é impossível, ministro! É ainda pior. É ridículo! A ministro riu.

— Acho curioso que considere pior uma coisa ser ridícula do que ser impossível, conselheiro. Talvez tenha razão. Infelizmente para o senhor, porém, o que acabei de dizer não é nem impossível nem ridículo. Por que seria?

— Porque sou um representante do governo da Fundação, em missão especial, e é inconcebível que a Fundação tenha motivos para mandar me prender, ou mesmo que tenha autoridade para isso, já que gozo de imunidade parlamentar.

— Conselheiro, o senhor omitiu meu título, mas parece estar muito nervoso, de modo que vou perdoá-lo. Não, a Fundação não me mandou prendê-lo. Entretanto, fui obrigada a detê-lo para poder cumprir a tarefa que a Fundação me confiou, conselheiro.

— Que tarefa, ministro?

— Apossar-me da sua nave, conselheiro, e devolvê-la à Fundação!

— O quê?

— O senhor omitiu meu título pela segunda vez, conselheiro.

Gostaria que esta falta não se repetisse. Por acaso a nave lhe pertence? Foi projetada pelo senhor, construída pelo senhor, paga pelo senhor?

— Claro que não, ministro. Foi cedida a mim pelo governo da Fundação.

— Então, o governo da Fundação tem todo o direito de pedi-la de volta, conselheiro. Trata-se de uma nave muito valiosa, não?

Trevize não respondeu. A ministro prosseguiu:

— É uma nave gravítica, conselheiro. A Fundação tem poucas naves desse tipo. Provavelmente se arrependeram de haver confiado uma dessas naves ao senhor. Talvez os convença a deixá-lo continuar a missão em uma outra nave, mais modesta. De qualquer forma, vamos ter que apreender a nave em que o senhor chegou.

— Não, ministro, não posso entregar minha nave. Não acredito que a Fundação tenha pedido isso à senhora.

A ministro sorriu.

— Não apenas a mim, conselheiro. Não apenas a Comporellon. Temos razões para acreditar que o pedido foi enviado a todos os planetas com os quais a Fundação mantém relações diplomáticas. O que me leva à conclusão de que a Fundação não conhece o seu itinerário e está vivamente empenhada em localizar o senhor. O que me leva a concluir ainda que o senhor não pode ter vindo a Comporellon em missão oficial, caso em que as medidas tomadas pela Fundação não teriam razão de ser. Em outras palavras, conselheiro, o senhor está mentindo.

Trevize disse, com certa dificuldade:

— Ministro, gostaria de ver uma cópia da carta que recebeu do governo da Fundação. Acho que, como acusado, tenho direito a isso.

— Sim, tem todo o direito, se chegar a ser processado. Aqui em Comporellon, procuramos sempre agir de acordo com o regulamento e posso lhe assegurar que os seus direitos legais serão respeitados. Por outro lado, seria muito melhor e mais simples se pudéssemos chegar a um acordo sem a publicidade e a demora de um processo penal. Estou certa de que não interessa à Fundação que toda a Galáxia fique sabendo que está atrás de um conselheiro fujão! Isso colocaria a Fundação no ridículo, o que, em suas próprias palavras, é pior que o impossível.

Trevize ficou calado.

A ministro fez uma pausa e depois prosseguiu, imperturbável:

— Conselheiro, vamos acabar ficando com a sua nave, seja por um acordo informal, seja através da justiça. A penalidade por trazer para cá um passageiro sem documentos vai depender do caminho que o senhor escolher. Se exigir que o caso seja levado aos tribunais, tanto o senhor quanto a passageira serão certamente condenados a longas penas de prisão. Caso, porém, decida entrar em acordo, estamos

dispostos a mandar a sua passageira, em nave comercial, para o planeta que ela escolher. O senhor e seu amigo terão liberdade para acompanhá-la. Se a Fundação concordar, poderemos também emprestar-lhe uma nave das nossas, contanto, naturalmente, que a Fundação se comprometa a devolvê-la. Por outro lado, se, por algum motivo, o senhor não quiser retornar à Fundação, estou autorizada a oferecer-lhe asilo político e, eventualmente, cidadania comporeliana. Como pode ver, tem tudo a ganhar se entrar em acordo conosco e tudo a perder se insistir em seus direitos legais.

— Ministro, agora a senhora exagerou — disse Trevize. — Prometeu-me o que não pode cumprir. Não pode me manter aqui se a Fundação exige que eu seja devolvido.

— Conselheiro, jamais prometo o que não posso cumprir. A Fundação requisitou apenas a nave; no pedido não há nenhuma referência aos ocupantes.

Trevize olhou rapidamente para Bliss e disse:

— Ministro, gostaria de consultar o dr. Pelorat e a srta. Bliss a respeito do assunto.

— Não há problema, conselheiro. Tem quinze minutos.

— Em particular, ministro.

— Serão levados para uma sala e, quinze minutos depois, trazidos de volta para cá. Não haverá nenhuma tentativa de monitorar a conversa; dou-lhe minha palavra. Entretanto, serão vigiados o tempo todo, de modo que seria tolice tentarem escapar.

— Compreendemos, ministro.

— Quando voltarem, estou certa de que concordarão em me entregar voluntariamente a nave. Se deixarem que a justiça siga o seu cur-so, será pior para todos os interessados. Até mais tarde, conselheiro — Até mais tarde, ministro — disse Trevize, procurando esconder a raiva que sentia, já que expressá-la não lhe traria benefício algum.

18

Era uma sala pequena, mas bem iluminada. No interior havia um sofá e duas cadeiras. O silêncio era quebrado pelo ruído macio do equipamento de ventilação. No conjunto, um aposento muito mais acolhedor que o escritório enorme e impessoal do ministro dos Transportes.

Um guarda os havia levado até lá, um homem alto e sisudo, com uma pistola na cintura. Quando entraram na sala, permaneceu do lado de fora e disse com voz grave:

— Vocês têm quinze minutos.

Um instante depois, a porta se fechou com um ruído surdo.

— Espero que não haja nenhum microfone oculto — disse Trevize.

— Ela nos deu sua palavra, Golan! — protestou Pelorat.

— Você julga os outros por você, Janov. A "palavra" da ministro não é suficiente. Ela não hesitaria em faltar com a palavra se isso lhe trouxesse alguma vantagem.

— Não importa — interrompeu Bliss. — Posso isolar totalmente esta sala.

— Você tem um aparelho antiescuta? — perguntou Pelorat. Bliss sorriu, mostrando os dentes muito brancos.

— A mente de Gaia é o melhor aparelho antiescuta que existe, Pel. Ela é enorme.

— Estamos aqui graças às limitações dessa mente enorme — lamentou-se Trevize.

— Que quer dizer com isso? — quis saber Bliss.

— Quando chegou a hora do confronto tríplice, você me tirou das mentes da prefeito Branno e daquele sujeito da Segunda Fundação, Guendibal. Os dois jamais voltariam a pensar em mim, a não ser de forma vaga e indiferente. Ficaria entregue a mim mesmo.

— Tivemos que fazer isso — disse Bliss. — Você é muito importante para nós.

— Sim. Golan Trevize, aquele que nunca está errado. Acontece que vocês não tiraram a nave da mente de Branno, tiraram? A prefeito não perguntou por mim; nem quer saber se eu existo. Entretanto, requisitou *a nave!* Foi a nave que ela não esqueceu!

Bliss franziu a testa.

— Pense nisso — prosseguiu Trevize. — Gaia supôs que eu e minha nave éramos uma coisa só; que se Branno não pensasse em mim, não pensaria na nave. O problema é que Gaia não compreende a individualidade. Cometeu um erro ao pensar em mim e na nave como um único organismo.

— É possível — concordou Bliss, com um suspiro.

— Pois então está na hora de consertar o erro. Preciso da minha nave gravítica e do meu computador; são insubstituíveis. Dê um jeito para que eu não perca a nave! Afinal, Bliss, você é capaz de controlar as mentes humanas!

— Sim, Trevize, mas não usamos esse poder de forma inconsequente. Sabe por quanto tempo o tríplice confronto foi planejado? Calculado? Pesado? Levamos, literalmente, vários anos! Não posso simplesmente chegar agora e mudar os pensamentos de uma mulher só porque você está pedindo!

— É uma emergência!

— Se começássemos a agir assim, onde iríamos parar? — insistiu Bliss; com veemência. — Eu poderia ter agido sobre a mente do

funcionário da estação espacial e ele nos deixaria passar sem problemas. Poderia ter influenciado o falso motorista de táxi e ele nos levaria para onde quiséssemos.

— Já que tocou no assunto, por que não fez isso?

— Porque não sabemos quais seriam as consequências. Não conhecemos os efeitos colaterais, que poderiam muito bem tornar a situação ainda pior. Se eu mudar a mente da ministro, isso afetará sua personalidade como um todo. Ora, como se trata de uma alta autoridade do planeta, os efeitos sobre as relações interestelares poderão ser profundos. Até que todas as repercussões tenham sido devidamente ana-lisadas, não me sinto livre para interferir.

— Então por que veio conosco?

— Porque você está empenhado em uma missão perigosa. Devo proteger a sua vida a todo custo, mesmo que precise sacrificar minha própria vida ou a de Pel. Acontece que sua vida não corre perigo neste momento. Assim, procure encontrar uma saída para a situação, sem a ajuda de Gaia.

Trevize ficou pensativo por alguns momentos e depois disse:

— Nesse caso, vou ter que tentar alguma coisa. Pode ser que dê certo.

A porta se abriu com um rangido e o guarda falou:

— Está na hora.

Enquanto saíam, Pelorat sussurrou:

— Que vai fazer, Golan?

Trevize sacudiu a cabeça e respondeu baixinho:

— Ainda não sei bem. Vou ter que improvisar.

19

Quando entraram de volta no escritório, a ministro Lizalor continuava sentada atrás da escrivaninha. Ao vê-los, a ministro mostrou os dentes em um sorriso forçado.

— Conselheiro Trevize, tenho certeza de que voltou para dizer que concorda com a minha proposta.

— Voltei para discutir as condições, ministro — disse Trevize, com toda a calma.

— Não há condições para serem discutidas, conselheiro. Se insistir em um julgamento, poderemos providenciar um julgamento rápido, no qual será certamente condenado, já que o crime que cometeu ao trazer para este planeta uma pessoa sem documentos não está sujeito a contestação. Findo o julgamento, poderemos confiscar legalmente a nave e vocês três terão que cumprir longas penas na prisão. É isso que o senhor quer, conselheiro?

— Claro que não, ministro. Entretanto, mesmo que eu seja

condenado à prisão, ninguém poderá entrar na nave sem o meu consentimento. Qualquer tentativa de arrombá-la resultará em uma explosão capaz de destruir, não só a nave, mas todo o espaçoporto. Duvido que a legislação local permita a tortura ou outra forma de tratamento cruel como meio de me obrigar a abrir a nave. E se a senhora estiver pensando em infringir a lei, espero que se lembre de que eu sou um cidadão da Fundação; por mais que deseje a nave, a Fundação não pode aprovar que um cidadão seu seja maltratado; seria um precedente muito perigoso. Então, vamos discutir as condições?

— Isso tudo é bobagem! — exclamou a ministro, de mau humor. Se for preciso, pediremos o auxílio da própria Fundação! Eles saberão como abrir a nave ou pelo menos como *obrigá-lo* a abrir a nave!

— Não usou o meu título, ministro, mas parece estar muito nervosa, de modo que vou perdoá-la. A senhora sabe muito bem que a última coisa que faria seria chamar a Fundação, já que jamais pretendeu entregar-lhes minha nave!

Os olhos da ministro se arregalaram.

— Que absurdo é esse que está dizendo, conselheiro?

— O tipo de absurdo, ministro, que talvez não deva chegar aos ouvidos de outras pessoas. Deixe meu amigo e a moça repousarem em um quarto de hotel; eles estão exaustos. Dispense os guardas, também. Podem ficar do lado de fora da porta e deixar uma pistola com a senhora. Estará segura comigo; estou desarmado.

A ministro inclinou-se para a frente.

— Não tenho medo do senhor.

Sem virar a cabeça, fez um gesto para um dos guardas, que se aproximou e parou ao lado da mesa, batendo os calcanhares. A ministro disse:

— Guarda, leve esses dois para o Apartamento 5. Devem permanecer lá, sob vigilância, até segunda ordem. Será pessoalmente responsável pelo conforto e segurança dos nossos hóspedes.

A ministro se pôs de pé e Trevize recuou um passo, apesar de sua determinação de mostrar firmeza. Era uma mulher alta; media pelo menos um metro e oitenta e cinco, a altura de Trevize, se não fosse um pouquinho maior. Tinha uma cintura fina, com as duas faixas brancas circundando-a e fazendo-a parecer ainda mais estreita. Seus movimentos tinham uma combinação de agilidade e vigor físico que fez Trevize estremecer. Não era de admirar que a ministro não tivesse medo dele! Em um combate corpo a corpo, certamente levaria a melhor.

— Venha comigo, conselheiro — disse a ministro. — Se está mesmo disposto a falar bobagens, é melhor conversarmos em particular.

Encaminhou-se para a porta com passos rápidos e Trevize a se

guiu, sentindo-se pequeno a seu lado, algo que nunca havia sentida antes com uma mulher.

Entraram no elevador. Quando a porta se fechou, ela disse:

— Conselheiro, agora estamos sozinhos, mas se tem a ilusão de que pode usar a força para conseguir alguma coisa de mim, esqueça.O senhor parece ser uma pessoa razoavelmente forte, mas asseguro-lhe que não teria a menor dificuldade para quebrar-lhe um braço... ou o pescoço, se fosse preciso. Estou armada, mas não haveria necessidade de usar a arma.

Trevize coçou a cabeça enquanto seus olhos examinavam a ministro de alto a baixo.

— Ministro, acho que sou páreo para qualquer homem do meu tamanho, mas não me arriscaria a uma luta corporal com a senhora. Sei quando estou em desvantagem.

— Ótimo — disse a ministro, parecendo satisfeita.

— Para onde estamos indo, ministro? — perguntou Trevize.

— Para baixo! Lá para baixo! Mas não precisa ficar assustado. Se isto fosse um hiperdrama, eu estaria levando você para um calabouço, suponho, mas não temos calabouços em Comporellon... apenas prisões comuns. Estamos indo para os meus aposentos particulares; não é tão romântico quanto os calabouços do tempo do Império, mas é muito mais confortável.

Trevize calculou que estavam a mais de cinquenta metros abaixo da superfície do planeta quando a porta do elevador se abriu e eles saltaram.

20

Trevize olhou em torno e não conseguiu esconder a surpresa que sentiu.

— Não gosta do meu apartamento, conselheiro? — perguntou a ministro.

— Pelo contrário, ministro. Estou agradavelmente surpreso. A impressão que tive do seu planeta desde que cheguei foi a de um mundo austero, glacial, ascético, que abominava o luxo e a ostentação.

— É verdade, conselheiro. Não dispomos de muitos recursos e nossa vida deve ser tão severa quanto nosso clima.

— Então como a senhora explica isto? — perguntou Trevize. Abriu os braços em um gesto amplo, como que para envolver todo o aposento, onde, pela primeira vez naquele mundo, ele via cores, onde os móveis eram estofados, onde a luz indireta que vinha das paredes era suave, onde o chão era forrado com um campo de força que tornava os passos macios e silenciosos. — Para mim, isto é luxo!

— Conselheiro, como o senhor mesmo disse, abominamos o luxo pelo luxo, a ostentação barata, o desperdício de recursos. Aqui, porém, estamos falando do luxo particular, que tem a sua utilidade. Meu tra-ImIIio é árduo, as responsabilidades, imensas. Preciso de um lugar onde possa esquecer, de vez em quando, as dificuldades de minha posição.

— Todos os comporelianos vivem assim quando estão longe dos olhos da multidão, ministro?

— Depende do posto que ocupam. Poucos têm dinheiro suficiente, mérito suficiente e, graças ao nosso código de ética, desejo sufi-ciente para viver assim.

— A senhora, ministro, tem dinheiro, mérito e vontade suficiente?

— Na vida pública nem tudo são espinhos — disse a ministro. Agora sente-se, conselheiro, e fale-me a respeito das suas fantasias.

A ministro sentou-se no sofá, que cedeu ligeiramente sob seu peso, e apontou para uma cadeira igualmente macia na qual Trevize ficaria voltado para ela a uma distância não muito grande.

Trevize sentou-se.

— Fantasias, ministro?

A ministro ajeitou-se no sofá e apoiou o cotovelo direito em uma almofada.

— Nas conversas particulares não é preciso ser tão formal. Pode me chamar de Lizalor. Vou chamar você de Trevize. Diga-me exatamente quais são os seus planos, Trevize.

Trevize cruzou as pernas e apoiou as costas no espaldar da cadeira.

— Escute aqui, Lizalor, você me disse para escolher entre entregar a nave espontaneamente e submeter-me a um julgamento formal. Nos dois casos, você ficaria com a nave. Mesmo assim, fez tudo o que pôde para me convencer a optar pela primeira alternativa. Chegou a me oferecer outra nave em substituição à minha, na qual eu e meus amigos poderíamos ir para onde quiséssemos. Acenou-me com a possibilidade de conseguir asilo político em Comporellon, caso eu não estivesse em boas relações com a Fundação. Falando de coisas mais triviais, permitiu-me quinze minutos a sós com os meus amigos. Trouxe-me para os seus aposentos particulares e mandou meus amigos para um hotel. Para resumir, Lizalor, o que você quer realmente é que eu lhe entregue a nave sem necessidade de um julgamento.

— Ora, Trevize, não acredita que eu esteja pensando no seu bem?

— Não.

— Nem que eu esteja tentando poupar ao meu governo o tempo e a despesa de um julgamento?

— Não! Minha explicação é outra.

— Qual?

— Um julgamento apresenta uma grande desvantagem: o fato de ser público. Você já se referiu várias vezes ao rigor com que os comporelianos encaram as questões legais; tenho certeza de que seria impossível julgar-me em segredo. Ora, se eu fosse julgado publicamente, a Fundação ficaria sabendo e você teria que entregar-lhe a nave assim que o julgamento terminasse.

— Claro que sim — concordou Lizalor, impassível. — Afinal, a nave pertence à Fundação.

— Por outro lado — prosseguiu Trevize —, no caso de um acordo informal, a questão não viria a público. Você ficaria com a nave, e como a Fundação não seria informada (eles nem mesmo sabem que pousei neste planeta), Comporellon poderia conservá-la indefinidamente. Tenho certeza de que é exatamente isso o que pretende fazer.

— Por que faríamos isso? — perguntou Lizalor, ainda impassível. — Não fazemos parte da Confederação da Fundação?

— Não senhora. Comporellon é um dos Planetas Associados. Nos mapas da Galáxia em que os planetas que pertencem à Confederação são mostrados em vermelho, Comporellon e os mundos que controla aparecem como uma mancha cor-de-rosa.

— Mesmo assim, como um dos Planetas Associados, temos o compromisso de cooperar com a Fundação.

— Verdade? E se o sonho de Comporellon for tornar-se independente, ou mesmo conquistar a liderança? Vocês são um mundo antigo. Quase todos os mundos afirmam ser mais antigos do que realmente são, mas Comporellon *é* um planeta muito antigo.

A ministro Lizalor se permitiu um sorriso triste.

— O mais antigo de todos, se formos acreditar nos mais entusiastas.

— Será que não houve um tempo em que Comporellon comandava um grupo relativamente grande de planetas? Será que não existem muitos entre vocês que sonham em recuperar a glória perdida?

— Como poderíamos perseguir um sonho tão manifestamente impossível? Antes de conhecer bem suas ideias, achava que eram fantasias; agora, tenho certeza.

— Alguns sonhos podem parecer impossíveis, mas acabam se transformando em realidade. Terminus, localizado na borda da Galáxia e com apenas quinhentos anos de idade, o que não é nada para um mundo, controla praticamente toda a Galáxia. Por que Comporellon não pode superá-lo? Hein?

Trevize estava sorrindo. Lizalor continuou séria.

— Terminus chegou à posição que ocupa graças ao Plano de Seldon.

— Esta é uma vantagem psicológica, o fato de muita gente acreditar nesta explicação. É provável, porém, que o governo de Comporellon seja mais cético. Mesmo assim, Terminus desfruta de uma considerável liderança tecnológica. Na verdade, Terminus conquistou a hegemonia da Galáxia graças a sua tecnologia de ponta... da qual a nave gravítica na qual você está tão ansiosa para pôr as mãos representa um excelente exemplo. Terminus é o único planeta da Galáxia inteira que dispõe de naves gravíticas. Se Comporellon conseguisse uma dessas naves e pudesse desmontá-la para ver como funciona, estaria dando um passo gigantesco em seu progresso tecnológico. Não acho que seria suficiente para ameaçar a liderança de Terminus, mas talvez 0 seu governo pense de outra forma.

— Não pode estar falando sério! — exclamou Lizalor. — Qualquer mundo que se apoderasse indevidamente de uma nave da Fundação estaria sujeito a sérias represálias! Acha que correríamos esse risco?

— Se a Fundação não soubesse que a nave estava com vocês, não haveria motivo para represálias...

— Nesse caso, Trevize... supondo que a sua análise da situação estivesse correta..., não seria melhor entregar-nos a nave em troca de vantagens pessoais? Se houvesse algum fundo de verdade no que diz, estaríamos dispostos a pagar-lhe uma soma considerável.

— Como podem ter certeza de que eu não contaria tudo à Fundação?

— Porque nesse caso teria que admitir sua própria culpa.

— Eu poderia alegar que fui forçado a entregar a nave contra a minha vontade.

— Sabe muito bem que a prefeito Branno nunca acreditaria em você. Vamos, faça um acordo conosco!

Trevize sacudiu a cabeça.

— Não posso, ministro. A nave é minha e continuará a ser minha. Como já expliquei, qualquer tentativa de arrombá-la terá como consequência uma enorme explosão. Pode crer que é verdade. Não estou blefando.

— *Você* sabe como abri-la sem provocar explosão. - Claro que sei, mas não vou contar a ninguém.

Lizalor deu um profundo suspiro.

— Sabe que podemos forçá-lo a mudar de ideia... Se não for pelo que podemos fazer a você, será pelo que pudermos fazer ao seu amigo, dr. Pelorat, ou à jovem.

— Tortura, ministro? É assim que vocês agem?

— Não, conselheiro. Não precisamos recorrer a métodos tão primitivos. Sempre existe a Sonda Psíquica...

Pela primeira vez desde que havia entrado no apartamento da ministro, Trevize sentiu um calafrio.

— Duvido muito. O uso da Sonda Psíquica por pessoas não autorizadas está proibido em toda a Galáxia.

— Se não nos deixar alternativa...

— Estou disposto a correr o risco — afirmou Trevize, com toda a calma. — Não vai adiantar nada para vocês. Minha decisão de conservar a nave é tão firme que a Sonda Psíquica destruirá a minha mente antes de conseguir fazer-me mudar de ideia! — *Aquilo* era um blefe, pensou Trevize. — Mesmo, porém, que fossem suficientemente hábeis para me persuadir a abrir a nave e entregá-la a vocês, isso seria inútil. O computador da nave é um modelo novo, que foi programado... não me pergunte como... para trabalhar exclusivamente para mim. É o que se poderia chamar de computador individual.

— Suponhamos, então, que você continue de posse da sua nave. O que acha da ideia de pilotá-la para nós... como cidadão comporeliano? Um salário de príncipe. Todo o conforto. Para os seus amigos, também.

— A resposta é não.

— O que sugere então? Que a gente simplesmente deixe você e seus amigos irem embora? Seria preferível avisar à Fundação que vocês estão aqui e deixar que eles cuidem do resto!

— E perder a nave?

— Se temos que perder a nave, melhor perdê-la para a Fundação do que para um aventureiro qualquer.

— Deixe-me então propor uma solução de compromisso.

— Uma solução de compromisso? Está bem, pode falar. Trevize começou, pronunciando as palavras com cuidado:

— Estou no meio de uma importante missão, que começou com o apoio da Fundação. Parece que esse apoio foi retirado, mas nem por isso a missão deixou de ser importante. Se Comporellon me oferecer: o apoio de que preciso e eu conseguir completar a missão com sucesso, todos só terão a lucrar.

Lizalor olhou para ele, indecisa.

— Quando a missão terminar pretende devolver a nave à Fundação?

— Claro que não. A Fundação não estaria tão empenhada em recuperar a nave se tivesse esperanças de que eu a devolvesse espontaneamente.

— Isso não é a mesma coisa que dizer que nos entregará a nave.

— Depois que terminar a missão, a nave talvez não tenha mais utilidade para mim. Nesse caso, não teria nenhuma objeção a entregá-la a Comporellon.

Os dois se entreolharam em silêncio por alguns momentos.

— Você usou o condicional — disse Lizalor, afinal. — A nave "talvez"... isso não é suficiente.

— Poderia prometer mundos e fundos, mas de que adiantaria isso? O fato de que minhas promessas são limitadas e cautelosas é a maior prova de que estou sendo sincero.

— Faz sentido — concordou Lizalor. — Gostei. Diga-me qual é a sua missão e em que ela beneficiaria Comporellon.

— Não, não, é a sua vez. Você me ajudará se eu lhe mostrar que minha missão é importante para o futuro de Comporellon?

A ministro Lizalor levantou-se do sofá, uma figura alta, majestosa.

— Estou com fome, conselheiro Trevize, e não posso prosseguir de estômago vazio. Vamos comer e beber alguma coisa... com moderação. Depois, discutiremos o assunto.

Nesse instante, Trevize surpreendeu um brilho de antecipação quase canibalesco nos olhos da ministro, algo que o fez cismar por muito tempo.

21

A refeição podia ser nutritiva, mas não agradava ao paladar. O prato principal era uma carne assada com um molho picante, acompanhada por uma verdura que Trevize não conhecia e cujo sabor agridoce considerou extremamente enjoativo. Mais tarde descobriu tratar-se de um tipo de alga.

Como sobremesa, comeram uma fruta que parecia uma mistura de pêssego e maçã (nada má, comparada com o resto) e depois beberam um líquido preto tão amargo que Trevize desistiu na metade e pediu um copo d'água. As porções eram pequenas, mas, dadas as circunstâncias, satisfatórias.

Durante todo aquele tempo, não apareceu mais ninguém. A própria Lizalor tinha esquentado e servido a comida, e foi a própria Lizalor que tirou a mesa e lavou os pratos.

— Espero que tenha gostado do jantar — disse Lizalor, quando voltaram para a sala de visitas.

— Estava ótimo — disse Trevize, sem entusiasmo. A ministro tornou a sentar-se no sofá.

— Vamos voltar ao ponto em que estávamos — disse. — Você sugeriu que Comporellon talvez se ressentisse do papel de liderança exercido pela Fundação em relação à Galáxia como um todo. De certa forma, isto pode ser verdade, mas este aspecto da situação interessa apenas aos que estão envolvidos nas questões de política interestelar, que não são muitos em nosso planeta. Não, o mais importante é que o comporeliano médio está horrorizado com a imoralidade da Fundação. A imoralidade existe em todos os planetas, mas em Terminus parece haver ultrapassado todos os limites. Eu diria que esta é a principal razão para o sentimento anti-Terminus que existe atualmente neste

planeta.

— Imoralidade? — repetiu Trevize, genuinamente surpreso. — Sejam quais forem os erros da Fundação, tem que admitir que ela administra a Galáxia com honestidade e eficiência. Os direitos civis são quase sempre respeitados e...

— Conselheiro Trevize, estou falando de moralidade *sexual*.

— Nesse caso, não entendi mesmo. Somos uma sociedade extremamente moralista do ponto de vista sexual. As mulheres são representadas em todos os órgãos do governo. Nosso prefeito é uma mulher e quase metade do Conselho é composta por...

A ministro fez um gesto de impaciência.

— Conselheiro, está se fazendo de desentendido? Deve saber o que significa moralidade sexual. O casamento é ou não é um sacramento em Terminus?

— O que quer dizer com "sacramento"?

— Existe uma cerimônia formal em que os casais se comprometem a viver juntos?

— Sim, existe. Essa cerimônia tem valor jurídico e simplifica vários problemas legais, como os de impostos e heranças.

— Mas o divórcio é permitido.

— Naturalmente. Seria imoral obrigar duas pessoas a compartilharem a mesma casa quando...

— Não existem restrições religiosas?

— Religiosas? Existem pessoas que ainda praticam certos cultos antigos, mas o que tem isso a ver com casamento?

— Conselheiro, aqui em Comporellon, todos os aspectos do sexo são fortemente controlados. Não pode haver sexo fora do casamento. Sua expressão é limitada mesmo dentro do casamento. Ficamos profundamente chocados com esses mundos, especialmente Terminus, onde o sexo é encarado como simples prazer social e praticado sem nenhum respeito pelos valores religiosos.

Trevize franziu a testa.

— Sinto muito, mas não posso reformar a Galáxia, ou mesmo Terminus... O que tem isso a ver com a questão da minha nave?

— Estou falando da opinião pública a respeito da sua nave e de como ela limita o meu poder de negociação. O povo de Comporellon ficaria horrorizado ao saber que você e seu companheiro trouxeram a bordo uma mulher jovem e atraente apenas para satisfazer aos seus desejos lascivos durante a viagem. Foi por estar muito preocupada com a segurança de vocês que propus um acordo informal em lugar de um julgamento público.

— Estou vendo que aproveitou a interrupção da conversa para pensar em novas formas de intimidação. Quer dizer que agora devo temer um linchamento?

— Estou só explicando como o nosso povo se sente. Como poderá negar que a mulher que veio com vocês não passa de uma conveniência sexual?

— Com toda a facilidade. Bliss é a companheira do meu amigo, o dr. Pelorat. Os dois no momento não têm outros parceiros. Talvez não estejam legalmente casados, mas acredito que, moralmente, a união entre eles é bastante sólida.

— Está querendo me dizer que nunca teve nada com a moça?

— Exatamente — disse Trevize. — Quem você pensa que eu sou? — Não posso saber. Não conheço o seu código moral.

— Deixe-me então explicar que o meu código moral me faz respeitar as companheiras dos meus amigos.

— Você nunca se sentiu pelo menos tentado?

— Não posso evitar as tentações, mas posso resistir a elas.

— Sempre? Talvez não se interesse por mulheres.

— Bobagem.

— Há quanto tempo não faz amor com uma mulher?

— Há vários meses. Desde que partimos de Terminus.

— Não sente falta?

— Claro que sim! — exclamou Trevize, com irritação. — Acontece que não tive escolha!

—- Acredito que o seu amigo, Pelorat, ciente do seu problema, estaria disposto a compartilhar a mulher com você.

— Ele não sabe que eu sofro com isso, mas mesmo que soubesse, não gostaria de dividir Bliss comigo. E nem a mulher concordaria. Ela não sente nenhuma atração por mim.

—- Está dizendo isso porque já tentou conquistá-la?

— Não, eu não tentei conquistá-la. Não preciso tentar conquistá-la para saber. Além disso, também não gosto dela.

— Incrível! Pensei que todos os homens a considerassem atraente.

— Sei que Bliss tem tudo no lugar. Mesmo assim, não é o meu tipo. Para começar, considero-a muito criança, muito infantil em algumas coisas...

—- Então prefere mulheres mais maduras? Trevize parou para pensar. Estaria caindo em uma armadilha? Respondeu, de forma cautelosa:

— Tenho idade suficiente para apreciar mulheres maduras. Que é que isso tem a ver com minha nave?

— Esqueça sua nave, pelo menos por um momento — disse Liza-lor. — Tenho 46 e continuo solteira. Acho que nunca tive tempo para me casar.

— Nesse caso, pelas regras da sua sociedade, você ainda deve ser virgem. Foi por isso que me perguntou há quanto tempo não faço amor? Quer saber minha opinião a respeito do assunto? Pois vou lhe

dizer: sexo não é como oxigênio ou comida. É desagradável passar sem sexo, mas não é impossível.

A ministro sorriu e Trevize viu de novo aquele brilho canibalesco em seus olhos.

— Não me entenda mal, Trevize. O poder tem seus privilégios e é possível fazer as coisas de forma discreta. Faz muito tempo que deixei de ser virgem. Entretanto, os homens de Comporellon são parceiros bastante sofríveis. Aceito a tese de que a moralidade no sentido geral da palavra só pode ser benéfica a um povo, mas neste caso em particular tende a carregar nossos homens de culpa, de modo que eles se tornam tímidos, sem imaginação, lentos para começar, rápidos para terminar, e, de forma geral, extremamente inábeis.

— Quanto a isso, também, não há nada que eu possa fazer — disse Trevize, cautelosamente.

— Está insinuando que a culpa pode ser minha? Que os homens não sentem atração por mim?

— Não foi isso que eu disse! — protestou Trevize.

— Nesse caso, como *você* reagiria, se tivesse a oportunidade? Você, que vem de um planeta imoral, que certamente já passou por um sem-número de experiências sexuais das mais variadas, que vem de vários meses de abstinência forçada na presença constante de uma mulher jovem e bonita. Como reagiria diante de uma mulher como eu, do tipo maduro que você diz apreciar?

— Eu me comportaria com o respeito e a dignidade condizentes com a importância do seu cargo — respondeu Trevize.

— Não seja tolo! — exclamou a ministro.

Levou a mão à cintura. A faixa branca que envolvia o pescoço e o peito ficou visivelmente mais frouxa. As golas do vestido se separaram.

Trevize ficou paralisado. Ela estava planejando aquilo desde... desde quando? Ou estaria tentando conseguir através do sexo o que não conseguira com ameaças?

A parte de cima do vestido se abriu completamente e a ministro ficou ali sentada, nua da cintura para cima, com uma expressão desdenhosa no olhar. Os seios eram uma versão menor da mulher em si: cheios, firmes e imponentes.

— Então? — perguntou.

— Estou deslumbrado! — exclamou Trevize, com toda a sinceridade.

— O que vai fazer a respeito? .....

— O que dizem as regras de conduta locais? — perguntou Trevize.

— O que significam nossas regras de conduta para um homem de Terminus? Como *você* acha que deve reagir? Venha cá. Estou ficando

com frio.

Trevize levantou-se e começou a tirar a roupa.

Capítulo 6
A Natureza da Terra

22

Trevize sentia-se quase como se tivesse sido drogado. Imaginou que horas seriam.

A seu lado estava Mitza Lizalor, ministro dos Transportes, deitada de bruços, com o rosto apoiado no travesseiro, a boca aberta, ressonando ruidosamente. Trevize sentiu-se aliviado por ela estar dormindo. Quando acordasse, esperava que tivesse consciência do fato de que havia adormecido.

Trevize também estava com sono, mas fazia um esforço consciente para manter-se acordado. Era importante que Lizalor não o visse dormindo. Que tivesse a impressão de ter chegado à exaustão, enquanto ele já estava pronto para outra. Era o mínimo que podia esperar de um atleta sexual criado na Fundação; não queria que ficasse desapontada.

Até que, considerando as circunstâncias, ele se havia saído muito bem. Tinha adivinhado, corretamente, que Lizalor, dado o seu tamanho e força física, o seu poder político, o desprezo que sentia pelos homens de Comporellon que conhecera, a mistura de horror e fascinação que sentia pelas supostas proezas sexuais (que histórias teriam contado a ela?, pensou Trevize) dos decadentes habitantes de Terminus, nutria um desejo secreto de ser dominada.

Trevize tinha agido de acordo com essa suposição e, para sua grata surpresa, descobrira que estava absolutamente certo. (Trevize, o homem que não erra nunca, repetiu, em tom de brincadeira.). Além de agradar à mulher, pudera dirigir as atividades de forma a deixá-la esgotada enquanto ele próprio se poupava na medida do possível.

Não tinha sido fácil. Lizalor tinha um corpo maravilhoso (46, dissera ela, mas seu corpo não envergonharia uma jovem de 25) e uma energia quase inesgotável, só superada pelo entusiasmo com que a utilizava.

Na verdade, se ela pudesse ser domada e aprendesse as virtudes da moderação; se com a prática (conseguiria ele próprio sobreviver às sessões de treinamento?) viesse a conhecer melhor seu próprio corpo e o corpo do parceiro, então...

Lizalor parou de ressonar e se remexeu na cama. Trevize tocou-a de leve com a mão e ela abriu os olhos. Trevize estava apoiado em um cotovelo e fez o possível para parecer descansado e cheio de vida.

— Foi bom você dormir, querida — disse. — Estava precisando

descansar.

Os lábios de Lizalor se abriram em um sorriso sonolento e, por um momento, Trevize temeu que fosse convidá-lo para uma nova sessão. Entretanto, ela se limitou a rolar na cama, ficando deitada de costas.

— Eu estava certa... você é um rei do sexo! Trevize tentou parecer modesto.

— Preciso aprender a me controlar.

— Não diga tolices. Você é fantástico! Tinha medo de que aquela mocinha tivesse consumido suas energias, mas você me assegurou que ela pertencia exclusivamente ao seu amigo. Estava falando a verdade, não estava?

— Acha que me comportei como alguém que está saciado de sexo?

— Não, de jeito nenhum! — exclamou Lizalor, com uma sonora gargalhada.

— Ainda está pensando em me submeter à Sonda Psíquica? Ela riu de novo.

— Está maluco? E me arriscar a perder você?

— Seria melhor se você me perdesse temporariamente...

— O quê?

— Se eu ficasse aqui permanentemente, quanto tempo acha que levaria para as pessoas começarem a falar? Por outro lado, se eu partisse para continuar minha missão, poderia voltar periodicamente a Comporellon, e todos achariam natural que nos encontrássemos em particular... além disso, minha missão é realmente muito importante!

Lizalor refletiu um pouco, coçando distraidamente o quadril direito, e depois disse:

— Acho que você tem razão. A ideia não me agrada, mas... acho que tem razão.

— E não precisa ter medo de que eu não volte — disse Trevize — Não, quando sei o que me espera aqui.

Lizalor sorriu para ele, acariciou-lhe o rosto e disse, olhando-o nos olhos:

— Foi bom para você, amor?

— Muito mais que isso, querida.

— Você é da Fundação. Um homem no apogeu da juventude, que passou a vida em Terminus. Deve estar acostumado a mulheres de todos os tipos, com todos os tipos de...

— Jamais conheci uma mulher como você — disse Trevize, com uma convicção que era fácil para alguém que, afinal de contas, estava! dizendo a verdade.

— Oh, está bem. Mesmo assim, você sabe, o hábito é uma segunda natureza, e não consigo acreditar na palavra de um homem sem al-gum tipo de garantia. Você e seu amigo Pelorat poderão

prosseguir nessa missão de vocês assim que me falarem a respeito e eu aprovar, mas a mocinha vai ficar aqui. Ela será muito bem tratada, não se preocupe. Assim, o dr. Pelorat sentirá saudades e se encarregará de exigir frequentes visitas a Comporellon, mesmo que o seu entusiasmo pela missão o leve a ficar afastado tempo demais.

— Isso é impossível, Lizalor.

— Impossível? — repetiu Lizalor, com um olhar de suspeita. — Impossível por quê? Para que precisa da mulher?

— Não para sexo. Já lhe disse isso uma vez e estava falando a verdade. Ela é de Pelorat e não sinto interesse por ela. Além disso, acho que não aguentaria metade do que você fez com tanta desenvoltura ontem à noite.

Lizalor quase sorriu, mas controlou-se e disse, muito séria:

— Que diferença faz, então, se ela ficar em Comporellon?

— Acontece que ela é essencial para a nossa missão. É por isso que deve ir conosco.

— Afinal, que missão é essa? Já é tempo de você me contar.

Trevize hesitou apenas por um momento. Teria que contar a verdade. Não podia imaginar nenhuma mentira que causasse um impacto semelhante.

— Preste atenção — disse. — Comporellon pode ser um mundo antigo, talvez até um dos mais antigos, mas não pode ser *o* mais antigo. Não foi aqui que começou a vida humana. Os primeiros seres humanos neste planeta vieram de outro mundo, e talvez a vida humana não tenha surgido *nesse* mundo, mas tenha vindo de outro ainda mais antigo. Entretanto, essa cadeia tem que ter um fim; se voltarmos cada vez mais no tempo, acabaremos por chegar ao primeiro mundo, o mundo que foi a origem da raça humana. Estou procurando a Terra.

A reação de Mitza Lizalor deixou Trevize estupefato Seus olhos se arregalaram, a respiração disparou e todos os músculos do corpo se retesaram. Ela ficou ali deitada, rígida, com os dois braços levantados em ângulo reto com o corpo, o indicador e o anular de cada mão cruzados.

— Não diga essa palavra — murmurou, com voz rouca.

23

Lizalor não disse mais nada, nem olhou para ele. Os braços desceram devagar, ela girou o corpo e sentou-se na cama, de costas para Trevize, que ficou onde estava, paralisado.

Trevize estava se lembrando das palavras de Munn Li Compor, quando os dois conversavam no Centro de Turistas de Sayshell. Podia ouvi-lo dizer, referindo-se ao planeta dos seus ancestrais, o mesmo

planeta em que Trevize estava agora: “São supersticiosos. Sempre que mencionam esse nome, erguem ambas as mãos com o indicador e o médio cruzados, para afastar a má sorte.”

De que adiantava lembrar-se depois que o mal já estava feito?

— Que palavra eu devia ter usado, Mitza? — perguntou. Lizalor sacudiu a cabeça, levantou-se e saiu por uma porta, que fechou atrás de si. Pouco depois, Trevize ouviu o barulho de água correndo.

Não havia nada a fazer senão esperar, nu, frustrado, pensando a princípio se não seria melhor entrar no chuveiro junto com Lizalor e logo chegando à conclusão de que isso não seria aconselhável. Estranhamente, sentiu uma necessidade imperiosa de tomar um banho.

Lizalor saiu do banheiro em silêncio e começou a escolher uma roupa para vestir.

— Você se importa se eu... ? — perguntou Trevize.

Lizalor não respondeu e Trevize supôs que ela não se incomodasse. Tentou atravessar o quarto com passos firmes, masculinos, mas se sentia como nos dias em que a mãe, aborrecida com alguma peralticesua, resolvia puni-lo apenas com o silêncio, castigo que o deixava desnorteado.

Entrou no banheiro e viu-se em um cubículo de paredes nuas... totalmente nuas. Examinou melhor. Não havia nada.

Abriu a porta, pôs a cabeça para fora e disse:

— Escute, como é que a gente faz para ligar o chuveiro?

Lizalor deixou o desodorante de lado (pelo menos, o que Trevize achou que era um desodorante), foi até a porta do banheiro e apontou, sem olhar para o rapaz. Trevize olhou para o lugar indicado e viu uma pequena mancha rósea na parede. Dando de ombros, inclinou-se na direção da parede e encostou o dedo na mancha. Aparentemente, era tudo o que era necessário, pois imediatamente um dilúvio de jatos finos de água se lançou sobre ele de todas as direções. Sufocado, tocou de novo o lugar e a água parou.

Trevize abriu a porta, ciente de que parecia ainda mais ridículo agora que o frio o fazia tremer, tornando difícil articular as palavras.

— C-como se f-faz para *esquentar* a água?

Lizalor olhou finalmente para ele e o aspecto do rapaz a fez esquecer a raiva (ou medo, ou qualquer que fosse a emoção que estava sentindo) e explodir em uma sonora gargalhada.

— Esquentar a água? Acha que vamos gastar energia esquentando a água de banho? Meu banheiro tem água morna. O que mais você quer? Vocês terminianos são uns molengas! Agora entre aí e lave-se!

Trevize hesitou, mas não por muito tempo, porque não tinha saída. Relutantemente, tornou a tocar na mancha rosada e dessa vez preparou o corpo para o choque. Água *morna?* Descobriu que o corpo

estava coberto de espuma e começou a esfregar-se, calculando que o ciclo de lavar não duraria muito tempo.

Depois veio o ciclo de enxaguar. Ah, água quente... bem, quente, propriamente, não, mas menos gelada que no ciclo anterior. Então, no momento em que se preparava para tocar de novo na mancha e se perguntava como Lizalor havia saído do banho totalmente seca quando não havia nenhuma toalha à vista... a água parou. Seguiu-se um jato de ar que certamente o teria derrubado se não viesse de várias direções ao mesmo tempo.

Era quente; quase quente demais. Era preciso muito menos energia para aquecer o ar do que para aquecer a água, pensou Trevize. Em poucos minutos, estava totalmente seco.

Lizalor parecia totalmente recuperada.

— Como está se sentindo?

— Muito bem — respondeu Trevize. — Da primeira vez, eu estava desprevenido. Você não me avisou que a água era fria...

— Seu molenga — disse Lizalor, em tom carinhoso.

Trevize pediu emprestado o desodorante e depois começou a vestir-se, consciente do fato de que ela tinha roupas de baixo limpas para vestir e ele não.

— Como eu devia ter chamado... aquele planeta? — perguntou.

— Nós o chamamos de O Mais Antigo.

— Como eu iria saber que o nome que usei era proibido? Você me contou?

— Você perguntou?

— Por que iria perguntar?

— Não importa... agora você já sabe!

— E se eu esquecer?

— Não faça isso!

— Qual a diferença? É apenas uma palavra, um som! — exclamou Trevize, com impaciência.

— Existem palavras que não devem ser ditas. Você se sente livre para usar todas as palavras que conhece em qualquer circunstância?

— Algumas palavras são grosseiras, outras inadequadas, outras, em certas condições, podem ser perigosas. A que categoria pertence a palavra... a palavra que eu disse?

— É uma palavra triste, uma palavra solene — explicou Lizalor. — Representa um mundo que foi o berço de todos nós e que não existe mais. Somos especialmente sensíveis porque esse mundo ficava perto de nós. Preferimos não falar dele, mas se isso é necessário, nunca pronunciamos o seu nome.

— Mas por que cruzou os dedos? De que jeito isso afasta a tristeza?

Lizalor enrubesceu.

— Foi uma reação involuntária. Algumas pessoas pensam que essa palavra traz má sorte... e que cruzar os dedos é a única defesa.

— Você acredita nisso?

— Não... ou por outra, sim, de certa forma. — Como se estivesse ansiosa para mudar de assunto, disse depressa: — Por que você precisa de sua amiga de cabelos pretos para encontrar... para encontrar o mundo que está procurando? — Por que não disse "O Mais Antigo"? Será que também dá azar?

— Prefiro não discutir o assunto. Responda à minha pergunta.

— Acho que o planeta de onde ela vem foi colonizado por emigrantes d'O Mais Antigo.

— Como o nosso — disse Lizalor, com orgulho.

— Acontece que, segundo minha amiga, seu povo tem os conhecimentos necessários para compreender O Mais Antigo. Antes, porém, temos que localizá-lo e estudar seus registros.

— Se o que você quer é visitar O Mais Antigo acompanhado por essa mulher, por que veio a Comporellon?

— Para tentar descobrir onde fica O Mais Antigo. Tive um amigo em Terminus que descendia dos comporelianos. Ele me assegurou que boa parte da história d'O Mais Antigo era bem conhecida em Comporellon.

— Verdade? E ele contou a você alguma coisa dessa história?

— Contou. Disse que O Mais Antigo era um mundo morto, totalmente radioativo. Ele não sabia por quê, mas achava que devia ser o resultado de explosões nucleares. Uma guerra, talvez.

— Não! — exclamou Lizalor.

— Não, não foi uma guerra? Ou não, O Mais Antigo não está radioativo?

— Está radioativo, mas não por causa de uma guerra.

— Então como foi que ficou radioativo? Não pode ter sido assim desde o começo, caso contrário seria um planeta estéril.

Lizalor pareceu hesitar.

— Foi um castigo — disse, afinal. — Era um mundo que usava robôs. Sabe o que é um robô?

— Sei.

— Os habitantes d'O Mais Antigo tinham robôs e por isso foram punidos. Todos os mundos que usavam robôs foram punidos e não existem mais.

— Quem os puniu, Lizalor?

— Aquele Que Pune. As forças da História. Não sei. — Desviou os olhos do rapaz e acrescentou, em voz baixa: — Pergunte por aí.

— Bem que eu gostaria, mas perguntar a quem? Existem estudiosos de História antiga em Comporellon?

— Existem, sim. Não são muito populares aqui... mas a Fundação,

a *sua* Fundação, insiste no que chama de liberdade acadêmica.

— Uma insistência bastante louvável, na minha opinião. — Nada que é imposto pode ser louvável.

Trevize franziu a testa. Não adiantava continuar a discussão. Resolveu mudar a abordagem.

— Meu amigo, o dr. Pelorat, é um estudioso de História antiga — começou. — Estou certo de que gostaria muito de se encontrar com os colegas locais. Você poderia arranjar isso, Lizalor?

A ministro assentiu.

— Existe um historiador chamado Vasil Deniador que trabalha na Universidade aqui mesmo na capital. Ele não dá aulas, mas pode contar muita coisa para vocês.

— Por que não dá aulas?

— Não porque seja proibido; é que os alunos nunca escolhem o seu curso.

— Imagino — disse Trevize, esforçando-se para não parecer irônico — que o curso dele não seja propriamente recomendado aos estudantes...

— Por que seria? Ele é um cético. Também temos céticos aqui, sabia? Indivíduos que têm ideias extravagantes e são suficientemente arrogantes para pensar que eles, sozinhos, estão certos, enquanto que a maioria está errada!

— E isso não pode acontecer em alguns casos?

— Nunca! — exclamou Lizalor, com tal veemência que ficou claro que jamais admitiria o contrário. — E com todo o seu ceticismo, o dr. Deniador será obrigado a dizer para vocês a mesma coisa que qualquer comporeliano diria.

— O quê?

— Que se vocês procurarem O Mais Antigo, não o encontrarão.

24

NOS aposentos que haviam sido reservados para eles, Pelorat escutou atentamente a história de Trevize e depois observou:

— Vasil Deniador? Não me lembro do nome, mas pode ser que encontre algum artigo escrito por ele na biblioteca da nave.

— Tem certeza de que não reconhece o nome? Pense!

— Não me lembro, mesmo — disse Pelorat. — Mas afinal de contas, meu amigo, deve haver centenas de cientistas de valor de quem eu nunca ouvi falar... ou ouvi falar e me esqueci.

— Mesmo assim, não pode ser um cientista de primeira linha, caso contrário você o conheceria de nome! — O estudo da Terra...

— É melhor se acostumar a dizer “O Mais Antigo”, Janov. Não queremos ofender os locais...

— O estudo d'O Mais Antigo — recomeçou Pelorat — não é um dos assuntos mais populares, de modo que os cientistas de primeira linha, mesmo no campo da História antiga, não se dedicam a ele. Se quiser interpretar de outra forma, o assunto desperta tão pouco interesse que os cientistas que se dedicam a ele jamais são considerados de primeira linha. *Eu,* por exemplo, não sou considerado por ninguém como um cientista de primeira linha.

— Para mim, Pel, você é um cientista de primeiríssima linha — disse Bliss, carinhosamente.

— Acredito, minha querida — disse Pelorat, com um leve sorriso —, mas você não está julgando minha capacidade profissional.

Era quase noite, a julgar pelas horas, e Trevize sentiu-se um pouco impaciente, como se sentia sempre que Bliss e Pelorat começavam a trocar gentilezas. Ele disse:

— Vou tentar marcar nosso encontro com Deniador para amanhã, mas se ele sabe tanto a respeito do assunto quanto a ministro, vamos sair dê mãos abanando.

— Pode ser que ele nos forneça alguma pista nova.

— Duvido muito. A atitude deste planeta em relação à Terra... é melhor eu também me acostumar a falar por eufemismos. A atitude desta planeta em relação a O Mais Antigo é uma atitude tola e supersticiosa. Mas tivemos um dia cheio e devíamos pensar em comer alguma coisa... a comida daqui é tão sem graça!... e depois dormir. Vocês dois já sabem usar o chuveiro?

— Meu caro amigo — disse Pelorat —, temos sido muito bem tratados. Recebemos instruções de todos os tipos, quase todas desnecessárias.

— E a nave, Trevize? — perguntou Bliss.

— Como assim?

— O governo de Comporellon vai confiscá-la?

— Não, acho que não.

— Que bom! Por que não?

— Porque fiz a ministro mudar de ideia.

— Espantoso! — exclamou Pelorat. — Ela me pareceu uma pessoa difícil de dobrar.

— Não sei, não — disse Bliss. — Pude ler com toda a clareza em sua mente que ela se sentia atraída por Trevize.

Trevize olhou para Bliss com uma irritação súbita.

— Você fez isso, Bliss?

— O que quer dizer?

— Você mexeu com as emoções...

— Não mexi, propriamente. Entretanto, quando percebi que ela sentia atração por você, não pude deixar de suprimir uma inibição ou outra. Foi uma coisa muito pequena. Essas inibições poderiam ter

desaparecido naturalmente e era importante que ela estivesse cheia de boa vontade em relação a você.

— Boa vontade? Foi muito mais que isso! Ela ficou doida para fazer amor comigo!

— Quer dizer que vocês dois... — começou Pelorat.

— Por que não? — interrompeu Trevize. — Ela pode não ser nenhuma jovem, mas conhece bem a arte. Não é nenhuma principiante, isso eu garanto. E nem vou bancar o cavalheiro e mentir para protegê-la. A ideia foi dela... depois que Bliss removeu as inibições... e eu não estava em posição de recusar, mesmo que quisesse, o que não era o caso. Vamos, Janov, não faça essa cara de puritano. Faz vários meses desde que eu estive com uma mulher pela última vez. Enquanto isso, vocês...

— Acredite, Golan — disse Pelorat, envergonhado —, está interpretando mal minha expressão. Não o censuro de modo algum.

— Por outro lado, *ela* devia ser puritana! — disse Bliss. — Queria apenas que ela simpatizasse com você; não esperava provocar um paroxismo sexual!

— Pois foi exatamente o que você provocou, minha pequena metida. A ministro pode ter que desempenhar o papel de puritana em público, mas isso serve apenas para reavivar o fogo que tem dentro de si.

— E assim, contanto que você lhe dê prazer, ela estará pronta a trair a Fundação...

— Ela teria feito isso de qualquer forma — disse Trevize. — Ela queria a nave para... — Interrompeu o que estava dizendo e sussurrou: — Alguém está nos ouvindo?

— Não! — respondeu Bliss.

— Tem certeza?

— Absoluta. É impossível espreitar a mente de Gaia sem que Gaia perceba.

— Está bem. O que eu estava dizendo é que ela quer a nave para Comporellon... uma excelente aquisição para a armada do planeta, não acham?

— A Fundação jamais permitiria isso.

— E se a Fundação não ficasse sabendo? Bliss suspirou.

— Vocês, Isolados, são estranhos! A ministro pretende trair a Fundação para favorecer Comporellon, mas, em troca de sexo, está pronta a também trair Comporellon. E você, Trevize, não hesita em vender seu corpo para conseguir o que quer. Quanta anarquia, na Galáxia de vocês! É o próprio caos!

— Está muito enganada, mocinha... — começou Trevize.

— Não estava falando como mocinha, e sim como Gaia. Eu sou Gaia.

— Então está muito enganado, *Gaia.* Não vendi meu corpo. Ofereci-o espontaneamente. Isso me deu prazer e não fiz mal a ninguém. Quanto às consequências, não nego que tenham sido favoráveis para minha missão. Que mal há nisso? A nave pertence à Fundação, mas foi confiada a mim quando recebi a missão de procurar a Terra. Considero-a minha até terminar a busca; não acho que a Fundação tenha o direito de desistir do acordo. Quanto a Comporellon, não aprecia nem um pouco o domínio da Fundação; pelo contrário, sonha com independência. A seus próprios olhos, é perfeitamente correto enganar a Fundação; não se trata de um ato de traição, mas de um ato de patriotismo. Quem sabe?

— Exatamente. Quem sabe? Em uma Galáxia de anarquia, como é possível separar os atos razoáveis dos que não são razoáveis? Quem decide o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau, o que é útil e o que é inútil? Como explica que a ministro seja capaz de trair seu próprio governo, deixando você ficar com a nave? Será que ela anseia por liberdade pessoal em um mundo totalitário? Devemos considerá-la uma traidora ou uma patriota na oposição?

— Para ser franco — disse Trevize —, não sei se ela resolveu me devolver a nave simplesmente por gratidão pelo prazer que lhe proporcionei. Acho que só tomou a decisão quando lhe contei que estava procurando O Mais Antigo. Para ela, trata-se de um mundo proibido, e nossa nave, por estar sendo usada nessa busca, também se tornou proibida. Tenho a impressão de que Lizalor acha que cometeu algum sacrilégio ao tentar apossar-se da nave. Talvez pense que ao nos deixar ir embora esteja prestando um serviço a Comporellon, livrando o planeta da má sorte de que nós e nossa nave somos portadores. Nesse caso, o ato dela poderia ser considerado como patriótico.

— Mesmo que sua interpretação esteja correta, o que eu duvido, Trevize, a decisão da ministro se baseou em mera superstição. Você admira isso?

— Não admiro nem condeno. Na falta de conhecimentos suficientes, o ser humano sempre recorreu à superstição. A Fundação acredita no Plano de Seldon, embora nenhum de nós seja capaz de compreendê-lo, interpretá-lo ou usá-lo para fazer previsões. Seguimos cegamente o plano graças a nossa ignorância e nossa fé; isso não pode ser chamado de superstição?

— Acho que sim.

— No caso de Gaia é a mesma coisa. Vocês acreditam que eu tomei a decisão correta ao julgar que Gaia deveria absorver toda a Galáxia e transformá-la em um único organismo, mas não sabem por que eu tenho que estar certo, nem quais são os riscos envolvidos. Concordam comigo apenas por causa de ignorância e da fé e chegam a ficar aborrecidos quando eu tento descobrir fatos que acabariam com

a ignorância e talvez tornassem a fé desnecessária. Isso não é superstição?

— Acho que agora ele pegou você, Bliss — disse Pelorat.

— Não concordo — disse Bliss. — Ou a busca não vai resultar em nada ou Trevize encontrará razões que justifiquem sua decisão.

— Bliss, não há nada que apoie esta sua última afirmação a não ser a ignorância e a fé — disse Trevize. — Em outras palavras, superstição!

25

Vasil Deniador era um homem baixinho, de feições miúdas, que tinha mania de olhar para o interlocutor sem mover a cabeça, apenas levantando os olhos. Esse hábito, combinado com o breve sorriso que periodicamente iluminava-lhe o semblante, fazia com que parecesse alguém que está sempre achando graça nas coisas que o cercam.

O escritório que ocupava era comprido e estreito, cheio de fitas magnéticas que pareciam em total desordem, não porque houvesse qualquer indicação concreta disso, mas porque não tinham sido introduzidas até o fim nos seus nichos, o que dava às prateleiras um aspecto irregular. As três cadeiras que indicou para os visitantes não combinavam entre si e davam a impressão de terem sido espanadas recentemente, sem muito sucesso.

— Janov Pelorat, Golan Trevize e Bliss — disse. — Não sei o sobrenome da senhora.

— Todos me chamam de Bliss — replicou a moça, sentando-se.

— Pensando bem, Bliss é mais que suficiente — disse Deniador, piscando o olho para ela. — Uma moça atraente como você não precisa nem de nome.

Os dois homens também se sentaram. Deniador disse:

— Conheço-o de nome, dr. Pelorat. Trabalhou para a Fundação, não é mesmo? Em Terminus?

— Isso mesmo, dr. Deniador.

— Também ouvi falar do senhor, conselheiro Trevize. Soube que não faz muito tempo foi expulso do Conselho e exilado. Gostaria de saber por quê.

— Não é verdade que eu tenha sido expulso. Ainda sou membro do Conselho, embora não tenha data marcada para reassumir minhas funções. Também não fui exilado. Recebi uma missão. É por isso que estamos aqui... talvez possa ajudar-nos.

— Com todo o prazer — disse Deniador. — E a linda mocinha? Também é de Terminus?

— Ela é de outro lugar — respondeu Trevize secamente.

— Ah, é um estranho planeta, esse Outro Lugar! Seus nativos são

uma fauna tão variada... Escute, se vocês dois são de Terminus, a capital da Fundação, e a companheira de vocês é uma jovem muito atraente, e se Mitza Lizalor não nutre uma simpatia especial por nenhuma das duas categorias, como explica que tenham sido tão bem recomendados?

— Acho que ela queria livrar-se de nós — explicou Trevize. — Quanto mais depressa nos ajudar, mais depressa deixaremos o planeta.

Deniador olhou para Trevize por um momento, sorriu ironicamente e disse:

— Naturalmente, não seria difícil para a ministro sentir-se atraída por um tipo como o senhor a ponto de esquecer a sua nacionalidade. Ela gosta de se fazer de vestal, mas tudo tem um limite.

— Não sei do que está falando — protestou Trevize, muito sério.

— E é melhor que não saiba... pelo menos oficialmente. Acontece que sou um cético, acostumado a não me deixar levar pelas aparências. De qualquer forma, conselheiro, qual é a sua missão? Vejamos se posso ajudá-lo.

— Prefiro que o dr. Pelorat fale por mim.

— Como quiser. Dr. Pelorat? Pelorat começou:

— Para ir direto ao ponto, meu caro doutor, dediquei a maior parte da minha vida adulta à busca do planeta em que se originou a espécie humana. Fui enviado, juntamente com o meu bom amigo, Golan Trevize, embora, para ser franco, não o conhecesse até iniciarmos a missão, à procura da... isto é, à procura d'O Mais Antigo.

— O Mais Antigo? — repetiu Deniador. — Você deve estar querendo dizer a Terra.

Pelorat ficou de boca aberta por alguns instantes. Depois disse, com alguma hesitação:

— Estava com a impressão... ou por outra, fui levado a crer... que neste planeta ninguém tinha coragem de...

Olhou para Trevize, como que pedindo socorro. Trevize explicou:

— A ministro Lizalor me disse que essa palavra não era usada em Comporellon.

— Quando vocês falaram na Terra ela fez um gesto assim? — Deniador levantou os dois braços, cruzando o indicador e o anular de cada mão.

— Isso mesmo — confirmou Trevize. — Foi isso o que ela fez. Deniador deu uma risada.

— Bobagem, senhores. Fazemos isso apenas por força de hábito. No interior pode ser que ainda haja alguém que leve essa superstição a sério, mas não aqui, na capital. Não conheço nenhum comporeliano que não diga "terra" quando está nervoso ou irritado. É uma das interjeições mais comuns que nós temos.

— Seja como for — insistiu Trevize —, a ministro pareceu

bastante perturbada quando eu usei a palavra.

— Talvez seja porque ela foi criada nas montanhas.

— Que quer dizer com isso?

— Mitza Lizalor nasceu e foi criada na Cordilheira Central. Lá as crianças recebem uma educação extremamente conservadora... do tipo que deixa marcas para a vida inteira!

— Então a palavra "terra" não o incomoda nem um pouco, não é mesmo, doutor? — observou Bliss.

— Claro que não, minha cara. Já disse que sou um cético. Trevize interveio:

— Sei o que significa a palavra "cético" em galáctico, mas em que sentido ela é usada aqui?

— No mesmo sentido que no seu mundo, conselheiro. Só aceito o que sou forçado a aceitar diante de provas que mereçam uma confiança razoável; meus julgamentos são provisórios, sujeitos a revisão sempre que surgirem novas provas. Naturalmente, isso não me torna muito popular.

— Por que não? — quis saber Trevize.

— Os céticos não são populares em parte alguma. Qual o mundo cuja população não prefere uma crença morna e respeitável, por mais ilógica que seja, aos ventos frios da incerteza?... Veja como vocês aceitam o Plano de Seldon sem nenhuma prova concreta!

— Tem razão — disse Trevize, olhando para as pontas dos dedos. — Ontem mesmo usei o Plano de Seldon como exemplo do que chamo de superstição.

Pelorat interrompeu:

— Vamos voltar ao que interessa, meu caro. O que é que se conhece a respeito da Terra que até mesmo um cético aceitaria?

— Muito pouco — afirmou Deniador. — Podemos supor que a espécie humana tenha se originado em um único planeta, já que seria extremamente improvável que a mesma espécie surgisse independentemente em vários mundos. Podemos chamar de Terra esse planeta original. Ora, em Comporellon, todos acreditam que a Terra fica neste canto da Galáxia, porque os planetas aqui são muito antigos e é provável que os primeiros planetas a serem colonizados tenham sido os mais próximos da Terra.

— A Terra apresenta alguma característica peculiar, além de ter sido o planeta de origem da espécie humana? — perguntou Pelorat, em tom ansioso.

— Está pensando em alguma coisa em particular? — retrucou Deniador, com um sorriso irônico.

— Estou pensando no satélite da Terra, que alguns chamam de Lua. O satélite seria uma característica peculiar, não seria?

— Esta pergunta é tendenciosa, dr. Pelorat. Está tentando colocar

palavras na minha boca.

— Eu não disse por que o satélite da Terra poderia ser considerado peculiar.

— Por causa do tamanho, é claro. Acertei? Estou vendo que sim... Todas as lendas a respeito da Terra falam da grande variedade de seres vivos que abriga e do seu gigantesco satélite, com três mil a três mil e quinhentos quilômetros de diâmetro. A variedade de formas de vida é fácil de aceitar, já que seria uma consequência natural da evolução biológica. Um satélite gigantesco é mais difícil de aceitar. Nenhum outro mundo habitado da Galáxia possui um satélite assim. Os grandes satélites estão invariavelmente associados a gigantes gasosos, inabitados e inabitáveis. Assim, como cético que sou, prefiro não acreditar na existência da Lua.

— Se a Terra é o único planeta que possui milhões de espécies vivas — objetou Pelorat —, por que não pode ser o único planeta habitado que possui um satélite gigantesco? As duas coisas podem estar ligadas.

Deniador sorriu.

— Não vejo como a presença de milhões de espécies na Terra pode vir a criar um satélite do nada.

— Talvez seja o contrário... talvez um satélite gigante tenha ajudado a criar os milhões de espécies.

— Também não consigo imaginar de que forma isso seria possível.

— E quanto ao fato de a Terra ser um planeta radioativo? — quis saber Trevize.

— Este fato faz parte praticamente de todas as lendas — respondeu Deniador.

— Acontece — argumentou Trevize — que a Terra não poderia ter sido radioativa desde o princípio, caso contrário jamais teria sido habitada. Como, então, se tornou radioativa? Uma guerra nuclear?

— É o que a maioria pensa, conselheiro Trevize.

— Pela sua expressão, posso ver que não está de acordo com essa crença.

— Não existe nenhuma prova concreta de que tenha havido uma guerra.

— O que acha, então, que aconteceu?

— Por que teria que acontecer alguma coisa? Talvez a radioatividade da Terra seja tão falsa quanto o seu satélite gigante!

— Poderia contar-nos a história da Terra segundo os comporelianos? — pediu Pelorat. — Através dos anos, tomei conhecimento de muitas lendas sobre a origem da espécie humana. Entretanto, não sei quase nada a respeito dos mitos deste planeta, a não ser pelo fato de que envolvem um personagem misterioso

chamado Benbally.

— Isso não me surpreende. Os comporelianos não gostam de discutir o assunto com estranhos. Superstição, o senhor entende. Estou admirado até mesmo que tenha ouvido falar de Benbally.

— Por outro lado, o senhor não é supersticioso e portanto não se incomoda de falar do assunto, não é mesmo?

— Exatamente — disse o historiador, olhando para Pelorat sem mover a cabeça. — Claro que meus compatriotas não aprovariam, mas sei que deixarão em breve o planeta e se prometerem que não vão revelar onde conseguiram a informação...

— Tem nossa palavra de honra — assegurou Pelorat.

— Então aqui está um resumo do que dizem as nossas lendas, depois de expurgadas de todos os enfeites de cunho moralista. Durante muitos e muitos milênios, a Terra foi o único planeta habitado por seres humanos. Então, há cerca de vinte ou vinte e cinco mil anos atrás, o Homem inventou o Salto no hiperespaço, o que tornou possível as viagens interestelares. Em consequência, vários planetas próximos da Terra foram colonizados.

Os colonizadores que chegaram a esses planetas faziam uso de robôs, que tinham sido inventados na Terra antes da era das viagens interestelares... a propósito, vocês sabem o que são robôs, não sabem?

— Sabemos, sim — respondeu Trevize. — Vivem nos perguntando isso. Sim, sabemos o que são robôs.

— Os colonizadores, que viviam em sociedades altamente robotizadas, conseguiram um grande progresso tecnológico e uma longevidade fora do comum. Com o passar dos anos, passaram a sentir desprezo pelo planeta natal. De acordo com as versões mais dramáticas da lenda, chegaram mesmo a dominar e oprimir os habitantes da Terra.

”Quando a Terra mandou para o espaço uma segunda leva de colonizadores, o uso de robôs foi proibido. Comporellon foi um dos primeiros desses novos mundos. Na verdade, nossos patriotas mais extremados insistem em que Comporellon foi *o* primeiro, mas não há provas concretas de que isso seja verdade. Depois que o primeiro grupo de colonizadores desapareceu...

— Por que o primeiro grupo desapareceu, dr. Deniador? — quis saber Trevize.

— Por quê? Os mais românticos afirmam que eles foram punidos pelos seus crimes por Aquele Que Pune, embora ninguém saiba explicar por que razão Ele esperaria tanto tempo. Mas existe uma razão bem mais lógica. Qualquer sociedade baseada no uso intensivo de robôs está fadada a tornar-se fraca e decadente. A longo prazo, seus membros simplesmente perdem a vontade de viver.

”Depois que o primeiro grupo desapareceu, os colonizadores do

segundo grupo, que não usavam robôs, espalharam-se por toda a Galáxia, mas a Terra tornou-se radioativa e portanto inabitável. Segundo a lenda, os robôs continuaram a ser usados na Terra enquanto ela foi habitada.

Bliss, que estivera escutando o relato com visível impaciência, interveio:

— Dr. Deniador, com radioatividade ou sem radioatividade, com robôs ou sem robôs, a questão mais importante é a seguinte: *onde fica* a Terra? Quais são as coordenadas do planeta?

— Minha resposta é simples: não sei — disse Deniador. — Mas acho que está na hora do almoço. Vou mandar trazer alguma coisa para mastigarmos enquanto continuamos nossa conversa a respeito da Terra.

— O senhor *não sabe?* — repetiu Trevize, indignado.

— Nem eu nem ninguém que eu conheça.

— Impossível!

— Conselheiro — disse Deniador, com um suspiro —, se quer chamar a verdade de impossível, é direito seu, mas não conseguirá nada com isso.

Capítulo 7
Saindo de Comporellon

26

O almoço era uma série de bolinhas crocantes, de cores variadas, que continham diferentes recheios.

Deniador apanhou um pequeno objeto que, ao ser desdobrado, transformou-se em um par de luvas transparentes. Calçou as luvas e os convidados o imitaram.

Bliss perguntou:

— Poderia nos dizer o que há dentro dessas bolinhas?

— As bolinhas cor-de-rosa estão recheadas com pedacinhos de peixe temperado, um dos pratos mais famosos da cozinha comporeliana. As amarelas contêm um recheio muito suave, à base de queijo; as verdes, uma mistura de verduras. São mais gostosas enquanto ainda estão bem quentes. Depois vamos ter uma torta quente de amêndoas e as bebidas de costume. Recomendo a cidra quente. Num clima frio como o nosso, temos o hábito de servir tudo quente, até mesmo as sobremesas.

— O senhor parece ser um bom garfo — disse Pelorat.

— Nem tanto — protestou Deniador.. — Estou procurando ser hospitaleiro. Quando estou sozinho, contento-me com muito pouco...

Trevize deu uma dentada em uma bolinha cor-de-rosa e constatou que o recheio tinha mesmo gosto de peixe, com um tempero forte, de gosto agradável, mas que, pensou, não sairia de sua boca durante o resto do dia e talvez durasse até a manhã seguinte.

Quando olhou para a bolinha que havia acabado de morder, descobriu que a casca tinha tornado a se fechar em volta do resto do recheio. Imaginou então para que serviriam as luvas, já que aparentemente seria impossível sujar as mãos. Chegou à conclusão de que devia ser uma questão de higiene. As luvas tinham sido usadas inicialmente para substituir a lavagem das mãos e mais tarde seu uso havia sido incorporado à etiqueta. (Lizalor não tinha usado luvas no jantar, na noite anterior... talvez por tratar-se de uma mulher das montanhas.).

— Seria considerado falta de educação falar de negócios durante o almoço? — perguntou a Deniador.

— Pelos padrões comporelianos, seria, sim, conselheiro. Entretanto, são meus convidados e têm o direito de se guiar pelos seus próprios padrões. Se acham que uma conversa séria não vai impedir

que apreciem a comida, não tenho nada a opor.

— Obrigado — disse Trevize. — A ministro Lizalor insinuou... não, ela *afirmou* que os céticos são muito impopulares neste planeta. Isso é verdade?

Deniador pareceu animar-se.

— Claro que sim. Ficaríamos muito desapontados se não o fôssemos. Comporellon é um mundo de frustrados! Diz a lenda que antigamente, há muitos milênios, quando a Galáxia habitada era pequena, Comporellon era o centro de tudo. Nunca nos esquecemos disso... o fato de que em todo o período histórico Comporellon jamais passou de um planeta secundário nos parece... quando digo "nós", estou me referindo à população em geral... nos parece uma grande injustiça.

"O que podemos fazer? Antigamente, tínhamos que jurar lealdade ao imperador. No momento, fazemos parte dos Planetas Associados, sujeitos à liderança da Fundação. Quanto mais patente a nossa posição subalterna, mais forte a crença em um misterioso passado de glória!

"Que fazem, então, os comporelianos? Ontem, não tinham coragem de enfrentar o Império; hoje, não podem desafiar a Fundação. Sua válvula de escape, portanto, consiste em nos atacar, já que não acreditamos nas lendas e achamos graça nas superstições.

"Entretanto, estamos a salvo dos efeitos mais sérios dessa perseguição. A tecnologia do planeta está em nossas mãos e controlamos boa parte do magistério das universidades. Alguns de nós, que temos a coragem de externar abertamente nossos pontos de vista, encontram alguma dificuldade para lecionar em público. Meus alunos, por exemplo, preferem se encontrar comigo em algum lugar discreto, fora do *campus*. Caso, porém, fôssemos realmente excluídos da vida pública, a indústria do planeta entraria em colapso e o ensino superior ficaria muito prejudicado. Talvez a ameaça de um suicídio intelectual não os impedisse de dar vazão ao seu ódio... tal é a dimensão da tolice de que são capazes os seres humanos... mas a própria Fundação nos apoia. Assim, somos constantemente criticados, denunciados, reprovados... mas ninguém faz nada a respeito!

— É o medo da opinião pública que o impede de nos revelar a localização da Terra? — perguntou Trevize. — O senhor teme que, apesar de tudo, o movimento contra os céticos possa apanhá-lo se o senhor for longe demais?

Deniador sacudiu a cabeça.

— Não. Não conheço a localização da Terra. Não estou escondendo nada de vocês, nem por medo nem por nenhuma outra razão.

— Escute — insistiu Trevize. — Existe um número limitado de planetas neste setor da Galáxia que possuem todas as características

associadas à habitabilidade, e quase todos devem ser não apenas habitáveis, mas também habitados, e portanto bem conhecidos do senhor. Seria tão difícil assim procurar por um planeta que teria tudo para ser habitável, a não ser pelo fato de apresentar altos níveis de radioativi-dade? Além disso, o planeta estaria acompanhado por um satélite de tamanho fora do comum. Não, a Terra se destacaria claramente, mesmo em uma busca superficial. Encontrá-la seria apenas uma questão de tempo!

— Acontece — replicou Deniador — que, de acordo com os céticos, a radioatividade da Terra e a existência de um satélite não passam de lendas.

— Talvez, mas isso não deveria impedir os outros comporelianos de tentar. Se encontrassem um planeta radioativo de tamanho suficiente para ser habitado, com um grande satélite em órbita, as lendas relativas à antiga grandeza de Comporellon passariam a ser encaradas com muito mais seriedade pelos outros planetas...

Deniador deu uma risada.

— Pode ser que os comporelianos não tentem exatamente por esse motivo. Se a busca não der em nada, ou se encontrarmos uma Terra muito diferente da que é descrita nas nossas lendas, acontecerá o oposto. O passado glorioso de Comporellon cairá em descrédito. Seremos motivo de riso para toda a Galáxia. Meus compatriotas não estão dispostos a correr esse risco!

Trevize pensou um pouco e depois insistiu, em tom ansioso:

— Escute, mesmo que a Terra não esteja radioativa, mesmo que não tenha nenhum satélite, existe uma terceira característica que, por definição, *tem* que existir, independentemente de qualquer lenda. A Terra, por ser o mais antigo de todos os planetas, deve abrigar uma notável diversidade de formas de vida, ou os restos de uma, ou, na pior das hipóteses, os vestígios fósseis de uma.

— Conselheiro — replicou Deniador —, embora Comporellon jamais se tenha empenhado em uma busca sistemática do planeta Terra, viajamos bastante pelo espaço e ocasionalmente temos tido notícia de naves que, por uma razão ou por outra, se desviaram da rota. Os Saltos, como o senhor deve saber, nem sempre são exatos. Mesmo assim, nunca foi descoberto nenhum planeta com as características atribuídas pelas lendas ao planeta Terra, ou que apresentasse uma variedade de formas de vida fora do comum. Assim, se em milhares de anos não foi observado nenhum indício da existência da Terra, estou propenso a acreditar que é impossível encontrar a Terra porque a Terra não está aqui para ser encontrada.

— Mas a Terra tem que estar em *algum lugar!* — exclamou Trevize. — Em algum ponto do Universo existe um planeta no qual a espécie humana e todas as formas de vida a ela associadas tiveram

origem. Se a Terra não fica neste setor da Galáxia, isso não quer dizer que ela não exista.

— Pode ser — concordou Deniador, muito sério —, mas até agora ninguém conseguiu encontrá-la.

— Talvez não tenham procurado direito.

— O que o senhor está disposto a fazer. Desejo-lhe boa sorte, mas não estou disposto a apostar no seu êxito.

— Tem conhecimento de alguma tentativa de descobrir a localização da Terra por meios indiretos, por outros meios que não uma busca direta? — perguntou Trevize.

— Tenho — disseram duas vozes ao mesmo tempo. Deniador, a quem pertencia uma das vozes, disse para Pelorat:

— Está pensando no projeto de Yariff?

— Isso mesmo — confirmou Pelorat.

— Então quer explicar ao conselheiro? Aeho que ele confia mais no senhor do que em mim.

— Você sabe, Golan — disse Pelorat —, nos últimos dias do Império, houve uma época em que a Busca das Origens, como era chamada, tornou-se um passatempo muito popular, talvez como forma de escapar à realidade desagradável do cotidiano. Na ocasião, o Império estava se desintegrando.

”Pois ocorreu a um historiador lívio chamado Humbal Yariff que o planeta original da espécie humana, qualquer que fosse, certamente teria colonizado primeiro os planetas mais próximos para depois colonizar os mais distantes. Em outras palavras, quanto mais longe um mundo estivesse do planeta de origem, mais recentemente teria sido colonizado.

”Suponhamos, então, que alguém verificasse a data de colonização de todos os planetas habitáveis da Galáxia e ligasse todos os que tivessem sido colonizados no mesmo milênio. Haveria uma superfície ligando todos os planetas que foram colonizados há dez mil anos; outra, ligando os planetas que foram colonizados há vinte mil anos; uma terceira, ligando os planetas que foram colonizados há quinze mil anos. Teoricamente, todas as superfícies seriam aproximadamente esféricas e aproximadamente concêntricas. As superfícies associadas a mundos mais antigos teriam, raios menores que as associadas a mundos mais recentes. No centro comum de todas as esferas estaria o planeta de origem... a Terra.

Pelorat olhou para o amigo enquanto desenhava superfícies esféricas no ar com as mãos em concha.

— Está acompanhando o meu raciocínio, Golan? Trevize assentiu.

— Sim, mas suponho que não deu certo.

— Teoricamente, deveria ter dado, meu caro amigo. O problema é que as datas de colonização eram extremamente imprecisas. Todos os

planetas exageravam, em maior ou menor grau, a própria antiguidade, e não havia uma maneira fácil de determinar a data de colonização de forma confiável.

— Por que não usaram o método do carbono 14 em amostras de madeira? — quis saber Bliss.

— Para isso, minha cara — explicou Pelorat —, seria preciso a colaboração do planeta investigado, o que não era fácil de conseguir. Nenhum planeta queria correr o risco de ver abaladas todas as suas tradições; por outro lado, o Império não estava mais em posição de impor sua vontade. Assim, Yariff teve que se contentar com planetas que tinham sido colonizados no máximo há dois mil anos e cuja fundação tinha sido registrada de forma confiável. Não havia muitos desses planetas, e embora estivessem distribuídos de forma aproximadamente esférica, o centro ficava, não na Terra, mas perto de Trantor, a capital do Império, de onde haviam partido as expedições que haviam colonizado esses planetas.

”Esse, naturalmente, era outro problema. A Terra não era o único ponto de origem para a colonização de outros planetas. Com o passar do tempo, outros planetas também se tornaram focos de colonização; quando o Império estava no apogeu, Trantor era o mais importante desses focos. Quando os resultados da investigação foram conhecidos, Yariff ficou desmoralizado e sua teoria tornou-se objeto de ridículo, o que, em minha opinião, foi uma grande injustiça.

— Obrigado pela explicação, Janov. Dr. Deniador, então não me pode fornecer nenhuma informação útil? Sabe de algum outro planeta onde eu possa encontrar alguma pista a respeito da localização da Terra?

Deniador pensou por alguns instantes.

— Hum... — começou, afinal, com muita hesitação — como Cético, quero preveni-lo de que não estou certo da existência da Terra. Entretanto... — Interrompeu-se de novo.

Afinal, Bliss interveio:

— Acho que se lembrou de algo que pode ser importante, doutor.

— Importante? Duvido muito — disse Deniador. — Curioso seria um termo mais apropriado. A Terra não é o único planeta cuja localização constitui um mistério. Existem também os mundos da primeira leva de Colonizadores, os Espaciais, como são chamados em nossas lendas. Alguns chamam os planetas que eles colonizaram de “mundos dos Espaciais”; outros, de “Mundos Proibidos”. Hoje em dia, o segundo nome é mais comum.

”No seu apogeu, diz a lenda, os Espaciais viviam centenas de anos e não permitiam que nossos ancestrais pousassem em seus mundos. Depois que nós os derrotamos, a situação se inverteu. Recusamo-nos a comerciar com eles e proibimos que nossas naves e as dos Mercadores

visitassem os seus planetas. Assim, eles se tornaram Mundos Proibidos. Estávamos certos, diz a lenda, que Aquele Que Pune acabaria por destruir os mundos dos Espaciais. A verdade é que há vários milênios que ninguém ouve falar dos Espaciais.

— Acha que os Espaciais conhecem a localização da Terra? — perguntou Trevize.

— É possível, já que seus planetas são mais antigos do que os nossos. Isto é, se é que ainda existem Espaciais, o que considero extremamente improvável.

— Mesmo que não existam mais, podem ter deixado registros em seus planetas.

— Para ter acesso a esses registros, primeiro seria preciso encontrar os planetas dos Espaciais...

Trevize parecia exasperado.

— Está querendo dizer que as pistas para a localização da Terra podem ser encontradas nos planetas dos Espaciais, para cuja localização não há nenhuma pista?

Deniador fez uma careta.

— Nosso último contato com eles foi há mais de vinte mil anos... Os Espaciais, como a Terra, estão perdidos nas trevas da História.

— Quantos eram os planetas dos Espaciais?

— As lendas falam de cinquenta planetas... um número redondo demais para ser verdadeiro. Provavelmente eram muito menos.

— E o senhor não conhece a localização de pelo menos um desses planetas?

— Talvez sim, talvez não...

— O que quer dizer?

Deniador deu um suspiro e explicou:

— Meu passatempo, como o do dr. Pelorat, é a História antiga. Assim, dedico parte do meu tempo ao exame de velhos documentos. No ano passado, chegou às minhas mãos o diário de bordo de uma velha espaçonave. Os registros, que eram quase indecifráveis, datavam de uma época tão antiga que nosso planeta ainda não era chamado de Comporellon. O nome que usavam era “Baleyworld”, que, a meu ver, não passa de uma versão primitiva do “mundo de Benbally” de nossas lendas.

— O senhor publicou alguma coisa a respeito? — quis saber Pelorat.

— Não — respondeu Deniador. — Como diz o ditado, não gosto de mergulhar sem ter certeza de que a piscina está cheia. Acontece que, de acordo com o diário, o comandante da nave tinha visitado um planeta dos Espaciais e levado com ele uma mulher Espacial.

— Mas o senhor disse que os Espaciais não recebiam visitas! — protestou Bliss.

— Exatamente! Foi por isso que não escrevi nada sobre minha descoberta. Parece impossível. Conheço muitas lendas a respeito dos Espaciais e suas disputas com os Colonizadores, nossos antepassados. Essas lendas existem não só em Comporellon mas também em outros mundos e apresentam muitas variações, mas sob um aspecto estão todas de acordo: os dois grupos, Espaciais e Colonizadores, não se misturavam. Não havia contatos sociais e muito menos sexuais. No entanto, de acordo com o diário da nave, o comandante Colonizador e a mulher Espacial estavam apaixonados um pelo outro. Isto é tão incrível que não vejo nenhuma possibilidade de que a história seja considerada como algo mais que um romance de ficção. Trevize parecia desapontado.

— Isso é tudo?

— Não, conselheiro, há mais uma coisa. Encontrei no diário de bordo daquela nave uma série de números que poderiam ou não representar coordenadas espaciais. Supondo que representassem... como Cético, sinto-me na obrigação de repetir que se trata apenas de uma conjectura... supondo que representassem coordenadas espaciais, poderiam indicar a localização de três dos planetas dos Espaciais. Um deles seria o planeta onde o comandante pousou e de onde partiu com a mulher Espacial.

— Acha possível que mesmo que a história seja fictícia as coordenadas sejam reais? — perguntou Trevize.

— Pode ser — disse Deniador. — Vou dar os números a vocês. Podem usá-los à vontade, mas talvez não os levem a lugar nenhum... Entretanto, fico imaginando...

— Imaginando o quê? — perguntou Trevize.

— E se entre esses números estivessem as coordenadas da Terra?

27

O sol de Comporellon, de cor alaranjada, era maior em aparência que o sol de Terminus, mas estava baixo no céu e dava pouco calor. O vento, que felizmente não era forte, tocou o rosto de Trevize com dedos gelados.

O rapaz estremeceu, apesar do casaco aquecido eletricamente que havia recebido de Mitza Lizalor, que no momento estava de pé a seu lado.

— O sol de vocês não esquenta nada, Mitza — disse Trevize. A ministro olhou rapidamente para o sol e continuou ali parada no espaçoporto quase vazio, sem nenhum sinal de desconforto... alta, corpulenta, usando um traje muito mais leve que o de Trevize. Se estava sentindo um pouco de frio, sabia disfarçar muito bem.

— Na verdade, Trevize, temos um lindo verão. Não é longo, mas

nossas lavouras estão adaptadas ao clima do planeta. Usamos variedades que se desenvolvem muito depressa na estação quente e resistem bem às geadas. Nossos animais domésticos são todos muito peludos; a lã de Comporellon é considerada com justiça a melhor da Galáxia.

Temos também algumas fazendas em órbita onde plantamos frutas tropicais. Na verdade, somos grandes exportadores de abacaxi em conserva! Pouca gente sabe disso. Para muitos, não passamos de um mundo gelado...

— Obrigado por vir despedir-se de nós — disse Trevize. — Obrigado também por nos ajudar em nossa missão. Para minha paz de espírito, entretanto, gostaria de saber se isso não lhe vai causar problemas.

— Não! — respondeu a ministro, sacudindo a cabeça orgulhosamente. — Nenhum problema. Em primeiro lugar, ninguém vai questionar minhas ordens. Sou encarregada dos meios de transporte. Sou eu quem dita as regras a serem cumpridas neste e nos outros espaçoportos, sou eu quem decide quais as naves que podem pousar e quais as que podem partir. O primeiro-ministro me encarregou dessa tarefa e não faz a mínima questão de conhecer os detalhes. Além disso, mesmo que eu fosse interrogada, bastaria contar a verdade. O governo me aplaudiria por não entregar a nave à Fundação. A população também me apoiaria, se chegasse a conhecer os fatos.

Trevize insistiu:

— Concordo em que o governo talvez não quisesse entregar a nave à Fundação, mas tem certeza de que aprovaria o fato de você nos deixar partir com ela?

Lizalor sorriu.

— Você é um homem decente, Trevize. Lutou com todas as forças para não perder a nave e agora que conseguiu o que queria encontra tempo para preocupar-se com o meu bem-estar!

Estendeu a mão para o rapaz, como se estivesse a ponto de fazer um gesto de carinho, mas controlou o impulso com dificuldade. Prosseguiu, de forma mais impessoal:

— Se não concordarem com minha decisão, terei apenas que revelar que vocês estavam, e ainda estão, à procura d'O Mais Antigo. Todos vão dizer que fiz muito bem em me livrar de vocês, com nave e tudo. Vão encenar todo um ritual de expiação, apenas pelo fato de vocês terem pisado no planeta!

— Acha que nossa presença pode trazer má sorte para você e para Comporellon?

— Acho, sim — declarou Lizalor, em tom de desafio. Depois prosseguiu, de forma mais branda: — Você já me trouxe má sorte, pois

agora, que conheci você, os homens de Comporellon vão me parecer mais insípidos que nunca. Ficarei com um desejo insaciável. Aquele Que Pune já providenciou para que isso acontecesse.

Trevize hesitou por um momento e depois disse:

— Não quero que mude de opinião a meu respeito, mas também não quero que se preocupe sem necessidade. Essa história de que minha chegada lhe trouxe má sorte não passa de superstição.

— Aposto que foi o Cético quem disse isso.

— Não preciso de que o Cético me diga.

Lizalor passou a mão pelo rosto, pois uma fina camada de gelo estava se acumulando nas sobrancelhas espessas. Depois, disse:

— Sei que alguns consideram isso superstição. Estou convencida, porém, de que O Mais Antigo traz má sorte. Este fato já foi demonstrado vezes sem conta e nem todos os argumentos engenhosos dos Céticos são suficientes para mudar a verdade.

A ministro estendeu a mão.

— Adeus, Golan. Entre na nave e junte-se aos seus companheiros antes que o seu corpo frágil de terminiano sucumba ao nosso vento frio mas gentil.

— Adeus, Mitza. Espero voltar em breve.

— Você fala em voltar e eu procuro me convencer de que isso será possível. Cheguei a pensar em ir ao seu encontro no espaço, para que a má sorte recaia apenas sobre mim e não sobre meu planeta... mas a verdade é que você nunca voltará.

— Está enganada! Eu voltarei! Não desistiria com tanta facilidade de uma mulher como você! — exclamou Trevize, com toda a sinceridade.

— Não duvido dos seus impulsos românticos, meu galante terminiano, mas aqueles que partem à procura d'O Mais Antigo jamais retornam.

Trevize esforçou-se para evitar que os dentes batessem de frio. Não queria que a ministro pensasse que estava com medo.

— Lizalor, isso não passa de superstição.

— Para mim, é a mais pura verdade.

28

Era bom estar de volta à sala de comando do E*strela Distante*. Podia ser apertada. Podia ser uma bolha de confinamento no espaço infinito. Mesmo assim, era familiar, amistosa, e morna.

— Até que enfim! — disse Bliss. — Estava imaginando quanto tempo você ficaria com a ministro.

— Fiquei morrendo de frio — disse Trevize.

— Estava com medo de que você resolvesse ficar com ela e adiar

a viagem em busca da Terra — disse a moça. — Sabe que não gosto de ler seus pensamentos, mas não pude deixar de perceber a tentação que passou por sua cabeça.

— Tem razão. Senti forte tentação de ficar. A ministro é uma mulher notável, nunca conheci ninguém igual a ela. Bliss, você me fez mudar de ideia?

— Já lhe disse várias vezes que não devo e não vou influenciá-lo de forma alguma, Trevize. Imagino que afinal o seu senso de dever tenha prevalecido.

— Não, acho que não foi isso — disse o rapaz, com um sorriso irônico. — Nada de tão nobre. Acontece que, para começar, eu estava mesmo *morrendo* de frio, e, além disso, ocorreu-me o triste pensamento de que eu simplesmente não tenho preparo físico para viver por muito tempo com uma mulher como aquela.

— Seja como for, você está de volta a bordo — disse Pelorat. — O que vamos fazer agora?

— No futuro imediato, vamos viajar por este sistema planetário até estarmos suficientemente afastados do sol de Comporellon para executarmos um Salto.

— Acha que alguém vai nos deter ou tentar nos seguir?

— Não. Acredito que a ministro está realmente ansiosa para que a gente vá embora o mais depressa possível, de forma a que o castigo d'Aquele Que Pune não recaia sobre o planeta. Na verdade...

— Sim?

— Na verdade, Lizalor tem certeza de que seremos punidos. Acredita firmemente que jamais retornaremos de nossa busca. Isto, apresso-me a acrescentar, não é uma estimativa do meu grau provável de infidelidade, coisa que ela não teve tempo de avaliar. Não, o que ela pensa é que a Terra constitui um símbolo tão terrível de má sorte que os que a buscam não têm chance alguma de sobreviver.

— Quantos comporelianos partiram do planeta em busca da Terra para que ela possa fazer esse tipo de afirmação? — perguntou Bliss.

— Duvido que algum comporeliano jamais tenha partido em busca da Terra. Eu disse para ela que seus temores eram infundados, que tudo não passava de superstição.

— Tem certeza de que acredita nisso, ou ela o deixou em dúvida?

— O medo de Lizalor se baseia apenas na superstição, mas mesmo assim pode ser justificado.

— Está querendo dizer que a radioatividade nos matará se nos aproximarmos demais da Terra?

— Não acredito que a Terra esteja radioativa. Em minha opinião, o que a Terra faz é proteger-se dos intrusos. Lembre-se de que todas as referências à Terra na Biblioteca de Trantor foram removidas. Lembre-se de que nem a memória maravilhosa de Gaia, da qual todo o planeta

participa, desde as pedras das montanhas até o núcleo de metal fundido, é capaz de revelar-nos coisa alguma a respeito da Terra.

"É evidente que se a Terra é suficientemente poderosa para apagar todos os vestígios de sua existência, também é capaz de disseminar a crença de que se tornou radioativa, desencorajando possíveis buscas. Talvez Comporellon fique suficientemente próximo da Terra para representar um perigo especial, que justifique esse esforço extraordinário. Deniador, que é um cético e um cientista, está totalmente convencido de que não adianta procurar a Terra. É por isso que eu acho que talvez a superstição da ministro, afinal de contas, tenha razão de ser. Se a Terra está tão interessada em esconder-se, não seria capaz de matar aqueles que estivessem próximos de descobri-la?

Bliss franziu a testa e começou:

— Gaia...

— Não diga que Gaia nos protegerá — interrompeu Trevize. — Se a Terra conseguiu apagar as memórias mais antigas de Gaia, é evidente que em qualquer conflito entre os dois, a Terra sairá vitoriosa.

— Como sabe que essas memórias foram removidas? — protestou Bliss. — Pode ser que Gaia tenha levado um certo tempo para desenvolver uma memória planetária, de modo que hoje não podemos ler acesso a fatos que ocorreram antes que essa memória estivesse bem desenvolvida. Mas mesmo que algumas memórias tenham sido removidas, como pode ter certeza de que a responsável foi a Terra?

— Não posso — admitiu Trevize. — Estou apenas especulando Pelorat interveio timidamente:

— Se a Terra é tão poderosa e está tão preocupada em resguardar sua privacidade, por assim dizer, de que adianta continuarmos a busca? Você parece acreditar que a Terra será capaz de matar-nos se for necessário para impedir que sua localização seja revelada. Nesse caso, não seria mais sensato desistirmos enquanto ainda estamos vivos?

— Admito que pode parecer assim, mas tenho uma forte convicção de que a Terra existe e de que devo e posso encontrá-la. E Gaia me assegura que quando tenho uma forte convicção, sempre estou certo.

— Pode ser, mas como vamos fazer para sobreviver à descoberta, meu caro amigo? — Talvez a própria Terra seja forçada a reconhecer que eu tenho o dom de sempre tomar a decisão acertada e decida deixar-me em paz. *Por outro lado...* e é isso o que me preocupa... não tenho a menor garantia de que vocês dois vão sobreviver. Venho pensando nisso há algum tempo, mas agora, que você mesmo tocou no assunto, acho que devemos tomar uma atitude. Por que não levo vocês devolta para Gaia e continuo sozinho? Afinal, fui eu, e não vocês, que

achei que era importante localizar a Terra. Então sou eu, e não vocês, que devo correr o risco. Que acha, Janov?

O rosto comprido de Janov pareceu ainda mais longo Quando ele enterrou o queixo no pescoço.

— Não vou negar que esteja com medo, Golan, mas jamais o abandonaria. Para mim, é uma questão de honra.

— Bliss?

— Gaia também não pode abandoná-lo, Trevize. Se a Terra o ameaçar, Gaia fará tudo para protegê-lo. Além disso, como Bliss, quero estar ao lado de Pel; se ele resolveu continuar, devo continuar também.

— Está bem — disse Trevize, muito sério. — Vocês tiveram a sua oportunidade de desistir. Continuaremos juntos.

— Juntos — repetiu Bliss.

Pelorat sorriu e deu um tapinha no ombro do amigo.

— Juntos. Sempre juntos.

29

Bliss disse:

— Olhe para isso, Pel.

A jovem tinha estado manipulando o telescópio, praticamente ao acaso, como alternativa a examinar no vídeo uma das obras da biblioteca de Pelorat a respeito da Terra.

Pelorat aproximou-se, colocou o braço no ombro da moça e olhou para a tela. Um dos gigantes gasosos do sistema planetário de Comporellon estava à vista, ampliado até parecer o grande astro que realmente era.

O planeta tinha cor alaranjada, com faixas mais claras. Visto do plano da eclíptica, e mais afastado do sol que a nave, era um círculo luminoso quase completo.

— É lindo! — exclamou Pelorat.

— A faixa central é maior que o planeta, Pel. Pelorat franziu a testa e disse:

— Sabe que você tem razão?

— Acha que se trata de uma ilusão de ótica?

— Não sei, Bliss. Sou um novato no espaço tanto quanto você... Golan!

Trevize respondeu ao grito com um “Que foi?” pouco entusiasmado e entrou na sala de comando com a aparência um pouco amarrotada de quem estava tirando um cochilo de roupa e tudo... o que era exatamente o que tinha estado fazendo.

— Não brinquem com os instrumentos! — exclamou, mal-humorado.

— É apenas o telescópio — disse Pelorat. — Veja isso. Trevize olhou.

— É um gigante gasoso, aquele que os comporelianos chamam de Gallia.

— Como pode reconhecê-lo com tanta facilidade?

— Na distância a que estamos do sol, e dadas as posições atuais dos planetas, que tive que examinar quando estava calculando nosso curso, é o único gigante gasoso que poderia aparecer deste tamanho no telescópio. Além disso, estou vendo o anel.

— Anel? — repetiu Bliss, surpresa.

— Tudo o que se vê é uma faixa central mais clara, porque estamos olhando para o anel praticamente de perfil. Posso tirar a nave do plano da eclíptica para termos uma vista melhor. Estão interessados?

— Não quero obrigá-lo a recalcular o nosso curso, Golan — disse Pelorat.

— Não se preocupe, o computador fará isso para mim num instante.

Enquanto falava, Trevize sentou-se e colocou as mãos sobre as "mãos" do computador, assumindo o controle na nave.

O *Estrela Distante,* livre de problemas de combustível e de inércia, acelerou rapidamente e mais uma vez Trevize sentiu uma onda de paixão pela combinação de computador e nave que atendia tão prontamente aos seus desejos, como se fosse controlada diretamente por seus pensamentos, como se não passasse de uma extensão poderosa e obediente de sua vontade.

Não era de admirar que a Fundação a quisesse de volta; era mais do que compreensível que Comporellon desejasse conservá-la. A única coisa estranha era que a força da superstição tivesse sido suficiente para fazer Comporellon mudar de ideia.

Equipada com armamentos pesados, o *Estrela Distante* seria capaz de vencer em combate qualquer nave da Galáxia, ou mesmo qual-quer combinação de naves... contanto que não tivesse que se defrontar com outra nave da sua classe.

Naturalmente, no momento a nave não dispunha de armamentos pesados, ou de qualquer outro tipo de armamentos. Antes de entregar o *Estrela Distante* a Trevize, a prefeito Branno tinha mandado remover, por prudência, todos os sistemas de armas.

Pelorat e Bliss observaram atentamente enquanto o planeta Gallia rolava devagar, bem devagar, na tela do telescópio. O pólo superior ficou bem visível, rodeado por um grande círculo de turbulência, enquanto o pólo inferior escondeu-se atrás do planeta.

Na parte de cima, o lado escuro do planeta invadiu o disco de luz alaranjada e o belo círculo transformou-se pouco a pouco em um

crescente.

O mais interessante, porém, foi que a faixa central, que originalmente era reta, passou a exibir uma curvatura perceptível. O mesmo ocorreu, em menor grau, com as outras faixas acima e abaixo.

Agora a faixa central estendia-se nitidamente além do planeta e exibia uma curvatura acentuada nas extremidades. Não podia ser uma ilusão de ótica; não havia mais dúvidas quanto a sua natureza. Era um anel de matéria, girando em torno do planeta.

— Daqui já dá para vocês terem uma ideia — disse Trevize. Se nos colocássemos acima de um dos pólos, vocês veriam o anel em sua forma circular, concêntrico com o planeta, sem tocá-lo em ponto algum. Também devem estar reparando que não se trata de apenas um anel, mas de vários anéis concêntricos.

— Não pensei que uma coisa dessas fosse possível — disse Pelorat, admirado. — O que é que mantém o anel em posição?

— A mesma coisa que mantém um satélite no espaço — explicou Trevize. — Os anéis são constituídos por pequenas partículas, todas em órbita em torno do planeta. Os anéis estão tão próximos do planeta que o efeito de maré impede que as partículas se fundam para formar um único corpo.

Pelorat sacudiu a cabeça.

— Meu amigo, fico triste só de pensar. Como é possível que eu tenha passado a vida inteira estudando e saiba tão pouco de astronomia?

— E eu não sei nada a respeito de História antiga. Ninguém pode dominar todos os ramos do conhecimento... A verdade é que esses anéis planetários não têm nada de especial. Estão presentes, em maior ou menor escala, em quase todos os gigantes gasosos. Infelizmente, o sistema de Terminus não tem nenhum planeta que possa ser considerado um gigante gasoso, de modo que a menos que um terminiano seja um viajante espacial, ou tenha feito um curso de Astronomia, o mais provável é que nunca tenha ouvido falar em anéis planetários. Por outro lado, o anel que vocês estão vendo *é e*xcepcionalmente largo e brilhante. É lindo... deve ter no mínimo duzentos quilômetros de largura. Nesse momento, Pelorat estalou os dedos.

— Então *é isso!*

Bliss olhou para ele, espantada.

— Isso o quê, Pel? Pelorat explicou:

— Uma vez tive nas mãos um fragmento de uma poesia muito antiga, escrita em uma versão arcaica de galáctico que era difícil de entender mas que constituía, por si só, uma garantia da autenticidade do documento... Eu devia ser o último a reclamar dos dialetos arcaicos, meu amigo. Devido à minha profissão, tornei-me por

necessidade um especialista nas diversas variantes do galáctico antigo, o que, para mim, constitui motivo de orgulho, mesmo que não tenha utilidade alguma na vida prática... De que é mesmo que eu estava falando?

— De uma velha poesia, querido — disse Bliss.

— Obrigado, Bliss. — Voltou-se para Trevize: — Bliss se acostumou a prestar muita atenção no que estou dizendo para me colocar de novo nos trilhos quando eu me desvio do assunto, o que está sempre acontecendo.

— Isso faz parte do seu charme, Pel — disse Bliss, sorrindo.

— Seja como for, essa poesia supostamente continha uma descrição do sistema planetário do qual a Terra fazia parte. Não sabemos o que motivou o poeta, pois jamais conseguimos localizar o resto da obra. Sobreviveu apenas esse fragmento, talvez por conter informações de caráter astronômico. Falava de um anel tríplice, muito brilhante, no sexto planeta do sistema, um anel "mui grandes y bellos, elles phaziam o astro insigniphicante em comparaçam". Ainda me lembro de cor, como podem ver. Na época, não sabia o que podia ser um anel planetário. Pensei em três círculos flutuando acima da superfície do planeta. Parecia uma coisa tão sem sentido! Nem me dei ao trabalho de pesquisar mais a fundo. Agora estou arrependido. — Sacudiu a cabeça. — Ser um historiador nos dias de hoje é um trabalho tão solitário que a gente se esquece das vantagens de consultar os especialistas.

Trevize observou, à guisa de consolo:

— Provavelmente você estava certo quando não levou o poema a sério, Janov. Tudo não devia passar de uma imagem literária.

— Mas agora eu sei o que o poeta queria dizer! — exclamou Pelorat, apontando para a tela. — Três anéis enormes, concêntricos, mais largos que o próprio planeta!

— Nunca ouvi falar de nada parecido — disse Trevize. — Não acho que possa haver anéis tão largos. Comparados com o planeta que circundam, são sempre muito estreitos.

— Também nunca ouvimos falar de um planeta com um satélite gigantesco — objetou Pelorat. — Ou com uma crosta radioativa. Trata-se apenas de mais uma entre várias peculiaridades do sistema da Terra. Se encontrarmos um planeta radioativo com um grande satélite e outro planeta do mesmo sistema tiver grandes anéis, não terei a menor dúvida de que encontramos a Terra!

Trevize sorriu.

— De acordo, Janov. Se encontrarmos todos os três indícios, certamente teremos encontrado a Terra.

— Se! — exclamou Bliss, com um suspiro.

Estavam agora nos limites do sistema planetário de Comporellon. Depois de ultrapassarem a órbita do último gigante gasoso, estavam passando entre os dois planetas mais afastados do sistema, de modo que não havia nenhuma massa significativa em um raio de 1, 5 bilhão de quilômetros. À frente havia apenas a tênue nuvem de cometas, que, para todos os efeitos práticos, podia ser ignorada.

O *Estrela Distante* tinha atingido uma velocidade de 0, 1c, um décimo da velocidade da luz. Trevize sabia que, teoricamente, a nave era capaz de atingir uma velocidade próxima à da luz, mas sabia também que, na prática, 0, 1c era o limite razoável.

Nessa velocidade, qualquer objeto de tamanho apreciável podia ser evitado, mas não havia meio de impedir que a nave colidisse com partículas de poeira espacial ou mesmo com moléculas e átomos isolados, ainda mais numerosos. Em alta velocidade, mesmo esses pequenos objetos podiam causar danos, arranhando e corroendo o casco da nave. Em velocidades próximas à da luz, cada átomo que penetrava no casco tinha as propriedades de uma partícula de radiação cósmica. Submetida a essa radiação, a tripulação da nave não sobreviveria por muito tempo. As estrelas distantes pareciam imóveis na tela do telescópio; embora a nave estivesse se movendo a trinta mil quilômetros por segundo, era como se estivesse parada.

O computador esquadrinhava o espaço em todas as direções, em busca de objetos, grandes ou pequenos, que pudessem estar em rota de colisão, preparado para executar uma pequena mudança de curso no caso extremamente improvável em que ela fosse necessária. Graças ao pequeno tamanho da imensa maioria dos objetos, à velocidade com que passavam e à falta de qualquer efeito de inércia no caso de uma manobra brusca, os passageiros não tinham meios de saber se alguma vez haviam corrido perigo. Assim, Trevize não se preocupava com essas coisas. Em vez disso, concentrava a atenção dos três conjuntos de coordenadas que havia recebido de Deniador, particularmente no objeto que ficava mais próximo na posição atual da nave.

— Há alguma coisa errada com os números? — perguntou Pelorat, em tom ansioso.

— Ainda não sei — respondeu Trevize. — As coordenadas não servem para nada, a não ser que se conheçam o ponto de origem e as convenções usadas para marcá-las: direções, escalas, etc.

— E como se pode saber essas coisas? — perguntou Pelorat.

— Obtive as coordenadas de Terminus e de alguns outros pontos conhecidos em relação a Comporellon. Se eu as colocar no computador, ele calculará quais devem ser as convenções para que a localização de Terminus e dos outros pontos seja determinada

corretamente. Estou apenas tentando organizar as coisas na minha mente de modo a poder programar o computador de forma adequada para esta tarefa, Depois de conhecidas as convenções, os números de que dispomos para os Mundos Proibidos talvez adquiram algum significado.

— Talvez? — repetiu Bliss.

— Talvez — confirmou Trevize. — Esses números são muito antigos... pode ser que se baseiem nas convenções usadas em Comporellon, mas isto não é certo. E se as convenções forem outras?

— E se forem?

— Nesse caso, os números não terão nenhuma utilidade. Mas logo saberemos.

Trevize apertou as teclas do computador com dedos ágeis, fornecendo-lhe as informações necessárias. Depois, colocou as mãos sobre as "mãos" da escrivaninha. Esperou um momento, enquanto o computador determinava as convenções usadas nas coordenadas conhecidas, interpretava as coordenadas do Mundo Proibido mais próximo com base nas mesmas convenções e finalmente localizava essas coordenadas no mapa da Galáxia.

Um campo estelar apareceu na tela e começou a mudar rapidamente. Quando as estrelas se estabilizaram, a imagem foi ampliada ra-pidamente. A maioria das estrelas desapareceu nas bordas da tela. Afinal, restou apenas uma região cúbica com um décimo de parsec de lado (de acordo com o número que apareceu em um canto da tela). Não houve mais nenhuma alteração. A escuridão da tela era quebrada apenas por uma meia-dúzia de pontos pouco brilhantes.

— Qual deles é o Mundo Proibido? — perguntou Pelorat, em tom ansioso.

— Nenhum deles — respondeu Trevize. — Quatro são anãs vermelhas, uma é uma anã infravermelha e a última é uma anã branca. Nenhuma dessas estrelas pode ser orbitada por um planeta habitável.

— Como pode saber quais as que são anãs vermelhas? Não vejo nenhuma diferença.

— Não estamos olhando para estrelas de verdade — explicou Trevize. — Estamos olhando para uma parte do mapa da Galáxia, que está guardado na memória do computador. Junto com o mapa, estão armazenadas informações a respeito de todas as estrelas. O computador não mostra essas informações na tela, mas enquanto minhas mãos estiverem em contato com ele, posso obter os dados que quiser, bastando para isso fixar os olhos na estrela desejada.

— Então as coordenadas são inúteis — disse Pelorat, desanimado. Trevize olhou para ele.

— Não, Janov. Ainda não desisti. Temos que nos lembrar de que

esses registros são muito antigos. As coordenadas do Mundo Proibido são as de há vinte mil anos atrás. Nesse tempo, tanto ele como Comporellon têm girado em torno do centro da Galáxia, e podem muito bem estar girando com velocidades diferentes e em órbitas com diferentes inclinações e excentricidades. Com o tempo, portanto, os dois planetas podem ter se aproximado ou se afastado. Em vinte mil anos, a distância entre Comporellon e o Mundo Proibido pode muito bem ter variado de uns cinco parsecs, o que o colocaria bem fora do cubo de um décimo de parsec.

— O que vamos fazer, então?

— Vamos pedir ao computador para fazer a Galáxia voltar vinte mil anos no tempo em relação a Comporellon.

— Isso é possível? — perguntou Bliss, admirada.

— Pelo menos, o computador pode mudar a posição das estrelas no mapa da Galáxia, de modo a representá-las como eram há vinte mil anos atrás.

— O que vai acontecer na tela? — perguntou Bliss.

— Observe — disse Trevize. Muito lentamente, as seis estrelas começaram a se deslocar na tela. Uma nova estrela apareceu no lado esquerdo da tela e Pelorat apon-tou para ela, animado:

— Ali está! Ali está!

— Sinto muito — disse Trevize. — Outra anã vermelha. Elas são muito comuns. Pelo menos três quartos das estrelas da Galáxia são vermelhas.

As estrelas pararam de se mover na tela.

— E então? — perguntou Bliss.

— É isso aí — disse Trevize. — Era assim que era esse setor da Galáxia há vinte mil anos atrás. No centro da tela fica o ponto onde deveria estar o Mundo Proibido, se o seu sol acompanhou o movimento médio das estrelas da região.

— Deveria, mas não está — disse Bliss.

— Não, não está — repetiu Trevize, sem emoção. Pelorat deu um longo suspiro.

— É uma pena, Golan.

— Não se desespere — disse Trevize. — Eu não estava esperando encontrar nenhuma estrela nesse lugar.

— Não?

— Não. Já lhe disse que o que estamos vendo não é a Galáxia, mas um mapa da Galáxia que está guardado na memória do computador. Se uma estrela não está na memória, não aparece na tela. Ora, um planeta que é chamado de “Proibido” e que vem sendo chamado assim nos últimos vinte mil anos provavelmente não foi incluído no mapa e portanto não pode aparecer na tela.

— Por outro lado — argumentou Bliss —, pode ser que ele

simplesmente não exista. Talvez a lenda seja falsa ou as coordenadas estejam erradas.

— É verdade. Agora, porém, que o computador determinou o local onde o Mundo Proibido deveria ter estado há vinte mil anos atrás, ele pode calcular suas coordenadas no momento presente. Usando essas novas coordenadas, o que somente foi possível calcular com o auxílio do mapa estelar, podemos passar agora para uma vista da Galáxia de verdade.

— Você supôs que o sol do Mundo Proibido acompanhou o movimento médio das estrelas da região — disse Bliss. — E se isso *não* ocorreu? Ele pode estar longe da posição calculada!

— É verdade. Por outro lado, a posição das estrelas mudou tanto nos últimos vinte mil anos que mesmo uma correção com base em uma velocidade estimada é melhor que nenhuma correção. Espero que a posição que calculamos não esteja muito longe da posição real. — Você espera! — repetiu Bliss, em tom irônico.

— Exatamente. Não mais que isso — disse Trevize. — Agora, vamos dar uma olhada na Galáxia de verdade.

Bliss e Pelorat observaram atentamente enquanto Trevize (talvez para relaxar a tensão e adiar o momento da verdade) falava davagar, como se estivesse dando uma aula.

— A Galáxia de verdade é mais difícil de observar. O mapa do computador é uma estrutura artificial que pode ser manipulada à vontade. Se há uma nuvem de gás atrapalhando minha visão, posso removê-la. Se o ponto de vista não me satisfaz, posso mudá-lo, e assim por diante. No caso da Galáxia de verdade, porém, as coisas são como são. Se quero observá-la de outro ângulo, tenho que movimentar minha nave para a posição desejada, o que leva muito mais tempo que ajustar um mapa.

Enquanto falava, a tela mostrava um aglomerado de estrelas tão denso que parecia uma nuvem de poeira.

— Esta é uma vista geral da Via Láctea — disse Trevize. — Naturalmente, terei que aumentar bastante a ampliação para examinar o setor em que estamos interessados. O ponto cujas coordenadas calculamos está suficientemente próximo de Comporellon para que a imagem ampliada corresponda ao ponto de vista do mapa que vimos na tela há alguns minutos. Deixem-me fornecer as instruções necessárias para o computador. *Pronto.*

A imagem na tela se expandiu rapidamente. Milhares e milhares de estrelas começaram a se deslocar rapidamente para as bordas da tela, onde desapareciam. A sensação de movimento era tão forte que os três inclinaram o corpo para trás, como que para compensar uma aceleração inexistente.

Afinal, a tela mostrou uma imagem muito semelhante à do mapa

que haviam observado anteriormente. Entretanto, além das seis estrelas visíveis no mapa, havia uma nova estrela, muito mais brilhante que as outras.

— É ela — sussurrou Pelorat.

— Pode ser. Vou mandar o computador analisar o espectro. — Depois de algum tempo, Trevize disse: — Classe espectral G-4, o que a faz um pouquinho menor e mais fraca que o sol de Terminus, mas bem mais brilhante que o sol de Comporellon. Acontece que nenhuma estrela da classe G deveria ser excluída do mapa da Galáxia que está na memória do computador. Para mim, o fato de esta estrela não constar do mapa é uma forte indicação de que estamos na pista certa.

— É possível que, afinal de contas, não haja nenhum planeta girando em torno dessa estrela? — perguntou Bliss.

— Sim, é possível — respondeu Trevize. — Nesse caso, tentaremos localizar os outros dois Mundos Proibidos.

— E se também não conseguirmos nada com os outros dois? — insistiu Bliss.

— Tentaremos outra coisa.

— O quê?

— Gostaria de saber — disse Trevize, sombriamente.

PARTE TRÊS
AURORA

Capítulo 8
O Mundo Proibido

31

— Golan — disse Pelorat. — Você se incomoda se eu ficar olhando?

— Claro que não, Janov — disse Trevize. — E se eu fizer perguntas? — Vá em frente.

— Que é que você está fazendo? Trevize levantou os olhos da tela.

— Tenho que medir a distância a que estamos de todas aquelas estrelas que você está vendo na tela. Preciso conhecer as massas e as posições das estrelas para calcular o campo gravitacional na região. Sem essa informação, seria arriscado executarmos o Salto.

— Como é que você calcula tudo isso?

— Cada estrela que estou vendo tem suas coordenadas nos bancos de memória do computador e elas podem ser transformadas em coordenadas no sistema de Comporellon. Essas, por sua vez, podem ser corrigidas de modo a levar em conta a posição atual do *Estrela Distante* em relação ao sol de Comporellon. Isso me dá a distância a que nos encontramos de cada uma das estrelas. As anãs vermelhas parecem próximas do Mundo Proibido quando vistas na tela do telescópio, mas algumas podem estar muito mais próximas do que outras. O telescópio nos dá apenas uma visão bidimensional, você compreende?

Pelorat assentiu e disse: — E você já tem as coordenadas do Mundo Proibido...

— Sim, mas não é suficiente. Tenho que conhecer as distâncias a que se encontram as outras estrelas com uma precisão de aproximadamente um por cento. O campo gravitacional dessas estrelas nas vizinhanças do Mundo Proibido é tão fraco que um pequeno erro não faria nenhuma diferença. Entretanto, o sol do Mundo Proibido produz um campo gravitacional tão intenso nas proximidades do Mundo Proibido que preciso conhecer sua distância com uma precisão mil vezes maior. Nesse caso, não basta conhecer as coordenadas.

— O que vai fazer, então?

— Estou medindo a distância aparente entre o sol do Mundo Proibido e três estrelas que aparecem na tela mas que são tão fracas que devem estar muito mais longe de nós que o Mundo Proibido. Vou manter uma dessas estrelas do centro da tela e dar um Salto de um décimo de parsec na direção perpendicular à reta que liga nossa nave

à posição do Mundo Proibido.

”A estrela de referência continuará no centro da tela depois do Salto. Se as outras duas estrelas apagadas estiverem realmente muito distantes, sua posição não mudará apreciavelmente depois do Salto. Por outro lado, o sol do Mundo Proibido está muito mais próximo de nós, de modo que sua posição aparente deverá mudar, graças ao efeito de paralaxe. Medindo o deslocamento aparente do sol do Mundo Proibido, poderemos calcular a que distância se encontra de nós. Para ter certeza absoluta, pretendo escolher três outras estrelas e repetir tudo de novo.

— Quanto tempo vai levar? — perguntou Pelorat.

— Menos do que você pensa. O computador se encarrega do trabalho pesado; basta que eu lhe diga o que fazer. O que leva mais tempo é analisar os resultados, verificar se são razoáveis e se todas as instruções foram corretas. Se eu fosse um daqueles sujeitos que depositam fé ilimitada em si próprios e nos computadores, poderia executar toda a operação em poucos minutos.

— É fantástico — observou Pelorat. — Pense no que os computadores modernos são capazes de fazer!

— Penso nisso o tempo todo.

— O que faria sem o seu computador?

— O que faria sem uma nave gravítica? O que faria sem meus conhecimentos de astronáutica? Que faria sem vinte mil anos de tecnologia hiperespacial por trás de mim? O que importa é que sou eu mesmo... aqui... agora. Imagine que pudéssemos nos transportar para daqui a vinte mil anos. Que maravilhas tecnológicas encontraríamos? Ou será que daqui a vinte mil anos a humanidade estará extinta?

— Não diga isso — protestou Pelorat. — Mesmo que não nos tornemos parte de Gaia, ainda teremos a psico-história para nos guiar.

Trevize virou-se na cadeira, soltando a “mão” do computador.

— Vou deixá-lo calcular as distâncias e conferir os resultados à vontade... Não estamos com pressa.

Olhou de soslaio para Pelorat e exclamou:

— Psico-história! Você sabe, Janov, por duas vezes esse assunto surgiu em Comporellon, e por duas vezes foi chamado de superstição, primeiro por mim e depois por Deniador. Afinal de contas, como se pode definir a psico-história a não ser como a superstição favorita da Fundação? Não se trata de uma crença sem provas palpáveis? O que acha, Janov? Afinal, é mais do seu campo do que do meu.

— Por que está afirmando que não há provas? A imagem holográfica de Hari Seldon já apareceu muitas vezes no Cofre do Tempo, referindo-se a fatos que realmente ocorreram. Seldon não poderia ter conhecimento desses fatos se não pudesse prevê-los com o auxílio da psico-história.

Trevize assentiu.

— Realmente, os resultados que Seldon conseguiu são impressionantes. Ele não foi capaz de prever o aparecimento do Mulo, mas mesmo assim os resultados são impressionantes. Entretanto, o que ele fez parece mágica. Todo ilusionista tem seus truques.

— Nenhum ilusionista é capaz de prever o futuro.

— Nenhum ilusionista é capaz de fazer o que o público pensa que ele está fazendo.

— Deixe disso, Golan. Não consigo pensar em nenhum truque que me permita prever o que vai acontecer daqui a cinco séculos.

— Nem consegue pensar em nenhum truque que permita a um mágico conhecer o conteúdo de um envelope colocado em um satélite não-tripulado. Mesmo assim, já vi um mágico fazer isso. Já lhe ocorreu que o Cofre do Tempo, juntamente com a imagem holográfica de Hari Seldon, pode ser uma farsa do governo?

Pelorat pareceu revoltado com a ideia.

— Eles não teriam coragem. Trevize fez um muxoxo.

— E seriam desmascarados se tentassem — acrescentou Pelorat.

— Não estou tão certo. A verdade, porém, é que não sabemos como a psico-história funciona.

— Não sabemos como esse computador aí funciona, mas sabemos que funciona. — Acontece, meu amigo, que outras pessoas sabem como funciona. E se *ninguém* soubesse como ele funciona? Então, se por alguma razão ele parasse de funcionar, ninguém saberia consertá-lo. Se as previsões da psico-história de repente deixarem de se concretizar...

— A Segunda Fundação conhece os fundamentos da psico-história.

— Como sabe isso, Janov?

— Ouvi dizer.

— Isso não quer dizer que seja verdade... Ah, o computador calculou a distância a que estamos do sol do Mundo Proibido. Vamos ver se os números são razoáveis...

Trevize ficou olhando para a tela por muito tempo, movendo os lábios de vez em quando, como se estivesse fazendo cálculos de cabeça. Afinal, disse, sem levantar os olhos: — O que é que Bliss está fazendo?

— Ela está dormindo, meu amigo — disse Pelorat. Acrescentou, em tom defensivo: — Ela *precisa* dormir, Golan. Manter-se como parte de Gaia através do hiperespaço é uma atividade muito cansativa.

— Suponho que sim — disse Trevize, voltando-se de novo para o computador. Colocou as mãos na escrivaninha e murmurou: — Vou executar vários pequenos Saltos e verificar a distância depois de cada um. — Retirou de novo as mãos e disse: — Estou falando sério, Janov.

O que é que você *sabe* a respeito da psico-história?

Pelorat pareceu embaraçado.

— Nada. Ser um historiador como eu é muito diferente de ser um psico-historiador... Naturalmente, conheço os dois princípios fundamentais da psico-história, mas isso todos conhecem.

— Até eu. O primeiro princípio exige que o número de seres humanos envolvidos seja suficientemente grande para que as leis estatís-ticas tenham validade. Mas o que quer dizer "suficientemente grande"?

— De acordo com a última estimativa — disse Pelorat — a Galáxia tem uma população de pelo menos dez quatrilhões de habitantes. Este número certamente é suficientemente grande.

— Como é que você sabe?

— Porque a psico-história *funciona,* Golan. Diga você o que disser, ela funciona.

— O segundo princípio — prosseguiu Trevize — diz que os seres humanos não devem ter conhecimento da psico-história, para que esse conhecimento não afete o seu comportamento... mas acontece que eles *têm* esse conhecimento!

— Eles apenas sabem que a psico-história existe, meu amigo. Não é isso o que importa. O segundo princípio diz que os seres humanos não devem conhecer as *previsões* da psico-história, como realmente não conhecem... a não ser, talvez, os membros da Segunda Fundação... mas isso é um caso especial.

— E com base apenas nesses dois princípios foi desenvolvida toda a ciência da psico-história. Não acha difícil de acreditar?

— Não foi com base *apenas* nesses princípios — protestou Pelorat. — Foram usados métodos matemáticos e estatísticos bastante sofisticados. De acordo com a história... ou de acordo com a tradição, se você quiser... Hari Seldon chegou à psico-história tomando como modelo a teoria cinética dos gases. Os átomos ou moléculas de um gás se movem aleatoriamente e é impossível conhecer a posição ou velocidade de um deles. Mesmo assim, usando a estatística, podemos determinar com grande precisão as leis que governam o seu comportamento coletivo. Da mesma forma, Seldon pretendeu determinar o comportamento coletivo de sociedades inteiras, mesmo que as soluções não se apliquem ao comportamento individual dos seres humanos.

— Talvez, mas homens não são átomos.

— É verdade — concordou Pelorat. — Os homens têm consciência e seu comportamento é suficientemente complexo para dar a impressão de que possuem livre-arbítrio. Não sei como Seldon resolveu este problema e não sei se entenderia mesmo que alguém que soubesse tentasse me explicar... a verdade, porém, é que Seldon foi

bem-sucedido!

— E tudo depende de lidar com pessoas que sejam ao mesmo tempo numerosas e desprevenidas — acrescentou Trevize. — Não lhe parece um fundamento muito pouco sólido para uma imensa estrutura matemática? Caso um desses requisitos não seja atendido, toda a estrutura desaba!

— Acontece que o Plano não desabou...

— Por outro lado, se os requisitos forem atendidos apenas parcialmente, pode ser que a psico-história funcione adequadamente durante vários séculos e depois, em consequência de uma determinada crise, as previsões deixem repentinamente de funcionar... como já aconteceu uma vez, no caso do Mulo. E você já pensou que pode ser que exista um terceiro princípio?

— Que terceiro princípio? — perguntou Pelorat, franzindo a testa.

— Não sei — disse Trevize. — Um teorema pode parecer totalmente lógico e elegante e mesmo assim conter suposições implícitas. Talvez o terceiro princípio seja um requisito tão óbvio que ninguém se lembre de mencioná-lo.

— Um requisito tão óbvio que chega a ser esquecido deve ser satisfeito na imensa maioria dos casos, do contrário não se esqueceriam dele.

Trevize fez uma careta.

— Se você conhecesse a história da ciência tão bem quando conhece a história tradicional, Janov, saberia que não há um pingo de verdade no que acabou de afirmar... Mas estou vendo que chegamos às proximidades do sol do Mundo Proibido.

E realmente, no centro da tela, havia uma estrela muito brilhante... tão brilhante que a tela reduziu automaticamente sua luminosidade a tal ponto que todas as outras estrelas desapareceram.

32

As instalações destinadas a lavagem e higiene pessoal a bordo do *Estrela Distante* eram compactas e o uso da água devia ser limitado ao mínimo indispensável, de forma a não sobrecarregar as máquinas de reciclagem. Por várias vezes, Trevize já havia sentido a necessidade de falar a respeito com Bliss e Pelorat. Mesmo assim, Bliss mantinha um ar permanente de frescor; os longos cabelos negros estavam sempre reluzentes, as unhas faiscantes.

A moça entrou na sala de comando e exclamou:

— Aí estão vocês!

Trevize levantou os olhos e disse:

— Não vejo razão para a surpresa. Dificilmente teríamos deixado a nave e bastaria uma busca de trinta segundos para você nos localizar

dentro da nave, mesmo sem usar seus poderes mentais.

— A expressão foi apenas uma forma de cumprimento e não deve ser tomada literalmente, como você deve estar farto de saber — disse Bliss. — Onde é que estamos?... E não vá responder: "na sala de comando"!

— Bliss querida — disse Pelorat, estendendo o braço para a moça —, acabamos de penetrar no sistema planetário a que pertence o mais próximo dos três Mundos Proibidos.

Bliss se aproximou e apoiou o braço no ombro de Pelorat, que a abraçou pela cintura. A moça disse:

— Não deve ser muito proibido. Até agora, ninguém fez nada para nos deter.

Trevize explicou:

— Só é proibido porque Comporellon e os outros mundos da segunda onda de colonização decidiram voluntariamente manter-se afastados dos mundos colonizados pelos membros da primeira onda, os Espaciais. Se não nos sentimos obrigados a guardar distância, quem nos deterá?

— Pode ser que os Espaciais, se ainda existem, também não desejem manter contato com os mundos da segunda onda. Só porque não nos incomodamos de encontrar-nos com eles, não quer dizer que a recíproca seja verdadeira.

— É verdade — concordou Trevize. — *Se* eles ainda existirem. Até agora, porém, não sabemos nem ao menos se existe um planeta que eles possam habitar. Até agora, tudo o que encontramos foram os costumeiros gigantes gasosos. Dois deles, e não particularmente grandes.

— Isso não quer dizer que o mundo dos Espaciais não exista — interveio Pelorat. — Qualquer mundo habitável teria que ficar muito mais próximo do sol, seria muito menor e praticamente impossível de detectar a esta distância. Para podermos observar um planeta desse tipo, teremos que dar um pequeno Salto para mais perto do sol.

Parecia muito orgulhoso por estar falando como um astronauta experiente.

— Nesse caso — disse Bliss —, o que estamos esperando?

— Pedi ao computador para procurar qualquer vestígio de estruturas artificiais. Vamos nos aproximar aos poucos, com muita cautela. Não quero cair em uma armadilha, como aconteceu quando nos aproximamos de Gaia. Lembra-se, Janov?

— Bendita armadilha! Graças a ela, conheci Bliss — observou Pelorat, olhando para a moça com carinho.

Trevize sorriu.

— Está esperando encontrar outra Bliss?

Pelorat fez uma expressão magoada e Bliss observou, com certa

impaciência:

— Meu velho amigo... ou como quer que seja que Pelorat insiste em chamá-lo... não precisa perder mais tempo. Enquanto eu estiver com vocês, não cairão em nenhuma armadilha.

— O poder de Gaia?

— Para detectar a presença de outras mentes? Certamente.

— Tem certeza de que está suficientemente forte para isso, Bliss? Observei que você precisa dormir bastante para recuperar-se do esforço para manter-se em contato com Gaia através do hiperespaço. Posso confiar em sua capacidade, mesmo a uma distância tão grande da fonte?

Bliss enrubesceu.

— A ligação ainda está bem forte.

— Não fique ofendida. Estou apenas perguntando... Não acha que esta é uma desvantagem de você ser Gaia? Eu não sou Gaia. Sou um indivíduo completo e independente. Isso significa que posso me afastar o quanto quiser do meu mundo e do meu povo e continuar a ser Golan Trevize. Os poderes que eu tenho continuam a ser os mesmos, e no mesmo grau, onde quer que me encontre. Se estivesse sozinho no espaço, a milhares de anos-luz de qualquer ser humano, e impossibilitado, por alguma razão, de comunicar-me com outro ser vivente, ou mesmo de ver o brilho de uma única estrela no céu, seria e continuaria a ser Golan Trevize. Talvez não conseguisse sobreviver, mas morreria como Golan Trevize.

Bliss objetou:

— Sozinho no espaço, longe dos seus semelhantes, você não poderia recorrer aos talentos e à experiência de outros indivíduos da sua raça. Isolado de todos, você teria muito menos capacidade que como membro de uma sociedade integrada. É um fato inegável.

— No seu caso, Bliss, é muito pior. Existe uma ligação entre você e Gaia que é muitíssimo mais forte que a que existe entre mim e a minha sociedade. Para manter essa ligação através do hiperespaço, você consome uma quantidade tão grande de energia que chega a ficar exausta. Se essa ligação fosse rompida, você teria muito mais a perder do que eu ao me afastar dos meus semelhantes...

O rosto de Bliss assumiu uma expressão severa e por um momento pareceu mais Gaia do que Bliss. Ela disse:

— Mesmo que seja verdade tudo o que está dizendo, Golan Trevize, não acha que há um preço a pagar por tudo o que conquistamos? Não é melhor ser uma criatura de sangue quente como você do que um animal de sangue frio como um peixe ou sei lá o quê?

— As tartarugas são animais de sangue frio — interveio Pelorat. — Terminus não tem tartarugas, mas elas são comuns em outros planetas. Têm uma carapaça dura, movem-se devagar e vivem muito

tempo.

— Pois não é melhor ser um homem do que uma tartaruga? Não é melhor ser rápido do que vagaroso? Não é melhor dispor de um organismo capaz de consumir energia rapidamente, de músculos que se contraiam depressa, de fibras nervosas que permitam pensamentos complexos, do que arrastar-se pela existência, com apenas uma pálida ideia das vizinhanças e sem a menor possibilidade de um planejamento a longo prazo? Hein?

— Claro que sim — concordou Trevize. — E daí?

— Daí que você não sabe o preço que precisa pagar para ser um animal de sangue quente. Para manter a temperatura do seu corpo acima da temperatura ambiente, você precisa gastar energia, mesmo quando não está fazendo absolutamente nada. Assim, tem que alimentar-se constantemente para repor a energia perdida. Uma tartaruga pode passar muito mais tempo que você sem comer. Além disso, as tartarugas vivem mais tempo. Você preferiria ser uma tartaruga, viver devagar e ter uma existência mais longa? Ou prefere pagar o preço e ser uma criatura de movimentos rápidos, sentidos aguçados e raciocínio ágil?

— Esta analogia é correta, Bliss?

— Não, Trevize, a situação de Gaia é ainda mais favorável. Quando estamos juntos, não precisamos gastar uma grande quantidade de energia. É apenas quando uma parte de Gaia se encontra a uma distância considerável do resto de Gaia que o consumo de energia aumenta. Não se esqueça também de que você não optou apenas por um Gaia maior, pela expansão de apenas um planeta. Você escolheu a Galáxia Viva, um vasto complexo de mundos. Em qualquer ponto da Galáxia, você será parte da Galáxia Viva, estará cercado de perto por partes de uma entidade que se estenderá desde os traços mais distantes de poeira cósmica até o buraco negro central. Não será necessária muita energia para manter a coesão do todo. Nenhuma parte estará muito afastada de todas as outras partes. Foi por isso que você optou, Trevize. Como pode ter dúvida de que fez a escolha certa?

Trevize baixou a cabeça, pensativo. Depois de alguns momentos, olhou para Bliss e disse:

— Posso ter tomado a decisão correta, mas quero ter c*erteza* disso. A escolha que fiz é a mais importante da história da Humanidade. Não é suficiente que seja uma boa escolha. Preciso *saber* que foi uma boa escolha.

— O que mais é necessário além do que eu já lhe disse?

— Não sei, mas descobrirei quando encontrar a Terra — afirmou Trevize, com absoluta convicção.

Pelorat interrompeu:

— Golan, a estrela se transformou em um disco.

Era verdade. Enquanto os dois discutiam, o computador, obedecendo às instruções de Trevize, tinha levado a nave, através de pequenos saltos, até a posição determinada pelo rapaz.

Continuavam fora do plano da eclíptica e o computador dividiu a tela em três partes para mostrar simultaneamente os três planetas interiores. Desses planetas, o mais próximo do sol tinha uma atmosfera de oxigênio. Além disso, a temperatura da superfície estava dentro da faixa em que a água permaneceria líquida. Trevize esperou que o computador determinasse a órbita e a primeira estimativa grosseira pareceu razoável. O rapaz deixou que o computador continuasse o cálculo, pois quanto maior fosse o tempo de observação, mais precisos seriam os resultados.

— Temos um planeta habitável — afirmou Trevize, calmamente.

— Ah!

A expressão de felicidade no rosto de Pelorat era inconfundível.

— Infelizmente — disse Trevize —, não existe nenhum satélite gigantesco. Para dizer a verdade, o computador não detectou nenhum satélite natural, grande ou pequeno. Assim, não deve ser a Terra. Pelo menos, se as lendas estiverem corretas.

— Não se preocupe, Golan — disse Pelorat. — Suspeitei de que não se tratava da Terra desde o momento em que vi que nenhum dos gigantes gasosos possuía anéis.

— Muito bem, então — disse Trevize. — O próximo passo é verificar que tipo de vida existe no planeta. Como possui uma atmosfera de oxigênio, podemos ter certeza de que existe vida vegetal, mas...

— Vida animal, também — interrompeu Bliss. — E em grande quantidade.

— O quê? — exclamou Trevize, voltando-se para a moça.

— Posso senti-la. Apenas fracamente, a essa distância, mas asseguro-lhe que o planeta não só é habitável, mas também é habitado.

33

O *Estrela Distante* estava em órbita polar em torno do Mundo Proibido, a uma distância tão grande que levava quase seis dias para circundar o planeta. Trevize parecia não estar com pressa alguma para sair de órbita.

— Já que o planeta é habitado — explicou —, e já que, segundo Deniador, antigamente era habitado por seres humanos que eram muito adiantados do ponto de vista tecnológico e que representam a primeira leva de Colonizadores, os chamados Espaciais, pode ser que

os habitantes ainda sejam tecnologicamente avançados e não morram de amores por nós, que pertencemos à segunda leva que os substituiu. Gostaria que se mostrassem, para que pudéssemos observá-los um pouco antes de pousar.

— Talvez não saibam que estamos aqui — aventurou Pelorat.

— *Nós* saberíamos, se estivéssemos no lugar deles. Temos que supor que, se ainda existem, tentarão entrar em contato conosco. Talvez até queiram vir nos pegar.

— Mas se eles vierem e se são tão adiantados assim, estaremos perdidos...

— Vamos com calma — disse Trevize. — O progresso tecnológico nem sempre ocorre simultaneamente em todos os setores. Pode ser que estejam muito à nossa frente sob alguns aspectos, mas é evidente que não estão acostumados às viagens interestelares. Fomos nós, e não eles, que colonizamos a Galáxia, e em toda a história do Império não sei de nenhuma ocasião em que tenham deixado seus mundos. E se não estão habituados às viagens interestelares, como espera que tenham progredido muito na ciência da astronáutica? E se não progrediram muito, é impossível que disponham de uma espaçonave gravítica como a nossa. Podemos estar desarmados, mas se vierem atrás de nós, mesmo que seja com um encouraçado, jamais nos alcançarão... Não, não estaremos perdidos...

— E se eles progrediram muito no campo das ciências mentais? E se o Mulo era um Espacial?

Trevize fez um muxoxo de irritação.

— O Mulo não podia ser tudo ao mesmo tempo. Os gaianos o descreveram como um gaiano renegado. Outros o consideram como um mutante...

— Também há quem diga que o Mulo era uma máquina — observou Pelorat. — Um robô, em outras palavras.

— Se *houver* algum perigo mental, estou contando com Bliss para neutralizá-lo. Afinal, ela mesma disse que... a propósito, ela está dormindo?

— Estava — respondeu Pelorat. — Mas quando saí de lá, tinha começado a se mexer.

— Começado a se mexer, hein? Pois vai ter que estar bem acordada se algo acontecer. Estou contando com você para isso, Janov.

— Está bem, Golan.

Trevize desviou sua atenção para o computador.

— Uma coisa que me preocupa são as estações espaciais. Em geral, constituem um sinal seguro de que os habitantes do planeta desenvolveram uma tecnologia avançada. Neste caso, porém...

— Há algo de errado com elas?

— Várias coisas. Em primeiro lugar, são muito antigas. Podem ter mais de mil anos de idade. Em segundo lugar, a única radiação que emitem é radiação térmica.

— O que é isso?

— Radiação térmica é aquela que é emitida por um objeto mais quente que as vizinhanças. Consiste em uma larga faixa de frequências e apresenta um espectro bastante característico, que é função da temperatura. É isso que as estações espaciais estão irradiando. Se houvesse instrumentos funcionando a bordo das estações, provavelmente captaríamos uma radiação com um espectro diferente, mais compacto. Existem duas possibilidades: ou as estações estão vazias, e podem ter estado vazias, ao que sabemos, nos últimos mil anos, ou estão sendo ocupadas por seres com uma tecnologia tão avançada que seus equipamentos não produzem nenhum tipo de radiação.

— Talvez — propôs Pelorat — o planeta continue a ser habitado por uma civilização avançada, mas as estações espaciais estejam vazias porque o planeta está isolado há tanto tempo que ninguém se preocupa mais em vigiar o espaço.

— Pode ser. Pode ser também que se trate de algum tipo de armadilha.

Bliss entrou no aposento e Trevize, observando-a com o canto do olho, resmungou:

— Aqui estamos nós.

— Estou vendo — disse Bliss. — E continuamos na mesma órbita. Pelorat apressou-se a explicar:

— Golan está sendo cauteloso, querida. As estações espaciais parecem desertas e ainda não sabemos o que isso significa.

— Não precisa se preocupar — disse Bliss, com indiferença. — Não há sinais detectáveis de vida inteligente no planeta.

Trevize olhou para ela, admirado.

— De que está falando? Você disse...

— Eu disse que havia vida animal no planeta, e é verdade, mas de onde tirou a ideia de que onde há vida animal tem que haver vida humana?

— Por que você não me disse isso assim que detectou vida animal no planeta?

— Porque daquela distância, não podia ter certeza. Era capaz de perceber os traços inconfundíveis da atividade de neurônios, mas com um sinal tão fraco, seria impossível distinguir um homem de uma borboleta.

— E agora?

— Agora estamos muito mais próximos e você pode achar que eu estava dormindo, mas não estava... pelo menos, não o tempo todo. Eu

estava, para usar uma palavra pouco apropriada, escutando atentamente o planeta, à procura de uma atividade mental suficientemente complexa para indicar a presença de inteligência.

— E não encontrou nenhuma?

— Tenho a impressão — disse Bliss, com súbita cautela — de que se não consegui perceber nada a essa distância, não pode haver mais que alguns milhares de seres humanos no planeta. Se chegarmos mais perto, poderei fornecer-lhe uma informação mais precisa.

— Bem, isso muda tudo — observou Trevize, confuso.

— Acho que sim — concordou Bliss, que parecia estar sonolenta e, consequentemente, de mau humor. — Você pode parar com toda essa história de analisar radiações e tirar conclusões e tudo mais que possa ter estado fazendo. Meus sentidos gaianos podem fazer esse trabalho com muito maior eficiência e precisão. Talvez um dia você entenda o que quero dizer quando afirmo que é melhor ser um gaiano que um Isolado.

Trevize custou para responder. Era evidente que estava lutando para controlar-se. Quando falou, foi de forma polida, quase formal.

— Grato pela informação. Entretanto, espero que compreenda que, para usar uma analogia, a ideia de melhorar meu sentido de olfato não constitui incentivo suficiente para tornar-me um cão de caça.

34

Agora podiam ver claramente o Mundo Proibido, pois haviam ultrapassado a camada de nuvens. O planeta tinha um ar curiosamente decrépito.

As regiões polares eram geladas, como seria de se esperar, mas pouco extensas. As regiões montanhosas eram despidas de vegetação, com uma ou outra geleira, mas também não eram muito extensas. Havia pequenas áreas desérticas, bem espalhadas.

Deixando tudo isso de lado, o planeta era, potencialmente, muito bonito. As massas continentais eram grandes, mas sinuosas, de modo que havia longos litorais e ricas planícies costeiras. Havia vastas florestas tropicais e temperadas, entremeadas com prados e savanas. Mesmo assim, a impressão de decrepitude era geral. No meio das florestas havia grandes clareiras, e partes das savanas eram desprovidas de vegetação.

— Algum tipo de praga? — sugeriu Pelorat.

— Não — afirmou Bliss. — Alguma coisa muito pior e mais permanente.

— Conheço muitos planetas — disse Trevize —, mas nunca vi nada parecido.

— Conheço poucos planetas — declarou Bliss —, mas meus pensamentos são os pensamentos de Gaia e isto é o que se pode esperar de um mundo de onde a humanidade desapareceu.

— Por quê? — perguntou Trevize.

— Pense bem — disse Bliss, em tom mordaz. — Nenhum planeta habitado possui um equilíbrio ecológico real. A Terra deve ter tido um, pois foi o mundo em que a humanidade surgiu e muitos séculos se passaram antes que surgisse o ser humano, a única espécie capaz de modificar intencionalmente o equilíbrio natural. Nesse caso, o equilíbrio deve ter existido. Em todos os outros mundos habitados, porém, o homem transformou cuidadosamente os novos ambientes e introduziu a vida animal e vegetal, mas os sistemas ecológicos que introduziu eram necessariamente desequilibrados. Esses sistemas possuíam apenas um número limitado de espécies, apenas as que os seres humanos consideravam como desejáveis ou não podiam deixar de introduzir...

— Sabe o que isso me faz lembrar? — disse Pelorat. — Perdoe-me, Bliss, por interromper, mas é tão pertinente que gostaria de contar logo para você antes que eu me esqueça. Uma vez ouvi falar de uma lenda a respeito da criação. Nessa lenda, a vida tinha surgido em um planeta e consistia apenas em um pequeno número de espécies, aquelas que eram úteis ou agradáveis para a humanidade. Os primeiros seres humanos então cometeram um grande erro... não me pergunte qual, meu velho amigo, pois os velhos mitos geralmente contêm muitos elementos de simbolismo e não devem ser tomados ao pé da letra... e o solo do planeta foi amaldiçoado. “Maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante todos os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos”... é isso que diz a passagem, embora soe muito melhor no galáctico arcaico em que estava escrita. A questão, porém, é a seguinte: seria realmente uma maldição? As coisas que os seres humanos não querem, como os cardos e os abrolhos, podem ser necessárias para equilibrar a ecologia. Bliss sorriu.

— É realmente espantoso, Pel, como tudo faz você se lembrar de uma antiga lenda, e como essas lendas às vezes podem ser interessante. Quando se instalam em um planeta, os seres humanos tendem a deixar de fora os cardos e abrolhos e depois têm que trabalhar muito para manter o mundo funcionando. Os ecossistemas criados pelo homem não são organismos autossuficientes como Gaia, mas sim conjuntos heterogêneos de Isolados, conjuntos esses que não são suficientemente heterogêneos para atingirem o equilíbrio. Se a humanidade desaparece, se o seu controle sobre as outras formas de vida deixa de existir, o planeta inteiro entra em colapso.

— Se é isso que está acontecendo aqui, está acontecendo muito

devagar — observou Trevize ceticamente. — Este planeta pode estar abandonado há quase vinte mil anos e mostra muito poucos sinais de decadência.

— Isso depende muito da forma como o equilíbrio ecológico é estabelecido inicialmente — observou Bliss. — Se o equilíbrio inicial é razoável, o ecossistema pode durar muito tempo sem intervenção humana. Afinal, vinte mil anos não são nada em comparação com o tempo de vida de um planeta.

— Suponho — disse Pelorat, observando o planeta na tela do telescópio — que se o planeta está em decadência, é sinal de que os seres humanos se foram.

— Ainda não consegui detectar nenhum sinal de vida inteligente — disse Bliss. — Posso afirmar com razoável certeza que não há seres humanos lá embaixo. Por outro lado, estou captando sinais de consciências primitivas mas suficientemente complexas para representarem pássaros e mamíferos. Não estou certa, porém, de que a deterioração do ecossistema constitua uma indicação segura da inexistência de seres humanos. Um planeta habitado pode entrar em colapso se a população não compreender a importância da preservação do ambiente.

— Tenho certeza — disse Pelorat — de que uma sociedade assim seria rapidamente destruída. Não acredito que os seres humanos deixassem de compreender a importância de conservar os próprios meios que tornam possível a sua sobrevivência.

— Não compartilho da sua fé na racionalidade do homem — observou Bliss. — Para mim é bem possível que em uma sociedade planetária constituída apenas por Isolados, os interesses locais ou mesmo individuais tenham primazia sobre o bem coletivo.

— Sou forçado a concordar com Pelorat — disse Trevize. — Quando mais não seja, pelo fato de que milhões de planetas já foram colonizados e nunca ouvi falar de um caso como o que você descreveu. Bliss, acho que o medo que você tem das sociedades de Isolados não tem razão de ser. Nesse instante, a nave deixou o hemisfério iluminado. O efeito foi o de um rápido crepúsculo, logo seguido pela escuridão absoluta do lado de fora, quebrada apenas pelo brilho das estrelas no céu quase sem nuvens.

A nave conservava a altitude medindo com precisão a pressão atmosférica e a intensidade do campo gravitacional. Estavam a uma distância segura da superfície do planeta, que não possuía grandes elevações, já que o último ciclo de formação de montanhas havia ocorrido há muito tempo. Mesmo assim, o computador apalpava o caminho à frente com dedos de microondas, para ter certeza de que não havia perigo.

Trevize olhou para a escuridão aveludada e disse, pensativo:

— Na minha opinião, a prova mais convincente de que um planeta é desabitado é a ausência de luzes artificiais no lado escuro. Nenhuma civilização tecnológica suporta a escuridão... Assim que chegarmos ao lado iluminado, vamos baixar um pouco.

— Para quê? — perguntou Pelorat. — Não há nada lá embaixo!

— Quem foi que disse que não há nada lá embaixo?

— Bliss. E você, também.

— Não, Janov. O que eu disse foi que não havia conseguido captar nenhum tipo de radiação artificial. Bliss falou que não havia sinais de atividade mental de seres humanos. Isso, porém, não quer dizer que lá embaixo não exista nada que nos interesse. Mesmo que os seres humanos tenham abandonado o planeta, certamente deixaram algum tipo de ruínas. Estou atrás de informações, Janov, e os restos de uma tecnologia podem conter informações muito valiosas.

— Depois de vinte mil anos? — A voz de Pelorat tornou-se aguda. — Que material sobreviveria durante vinte mil anos? Não vamos encontrar filmes, nem livros, nem fitas. O metal estará enferrujado, a madeira, podre, o plástico, reduzido a pó. Até os artefatos de pedra terão sido atacados pela erosão a ponto de ficarem irreconhecíveis!

— Pode não ter sido vinte mil anos — explicou Trevize, pacientemente. — Falei em vinte mil anos porque, de acordo com as lendas comporelianas, naquela época havia uma civilização florescente habitando este planeta. Suponha, porém, que os últimos seres humanos tenham morrido ou deixado o planeta há apenas um milênio.

Chegaram de volta ao hemisfério iluminado e, depois de uma breve aurora, o sol tornou a brilhar do lado de fora.

O *Estrela Distante* reduziu a velocidade e diminuiu a altitude até que os detalhes da superfície do planeta se tornaram claramente visíveis. Naquela região, o litoral era semeado de pequenas ilhas, quase todas cobertas de vegetação.

— Acho que devemos concentrar nossa atenção nas áreas devastadas — disse Trevize. — No meu entender, os lugares em que havia maior densidade populacional foram aqueles em que o equilíbrio ecológico foi mais prejudicado. Esses foram provavelmente os núcleos iniciais da praga que está tomando conta do planeta. O que acha, Bliss?

— É possível. De qualquer forma, na falta de informações concretas, acho que devemos procurar onde for mais fácil. Os prados e florestas provavelmente engoliram todos os sinais de civilização, de modo que procurar ali poderia ser perda de tempo.

— Acaba de me ocorrer — observou Pelorat — que talvez este planeta possa um dia estabelecer um novo equilíbrio com o que lhe restou; que novas espécies se desenvolvam; que as regiões devastadas

tornem a ser colonizadas em novas bases.

— É possível, Pel — concordou Bliss. — Depende, suponho, do grau de desequilíbrio que lhe foi imposto. Entretanto, para um mundo curar suas feridas e atingir um novo equilíbrio através da evolução, seria preciso muito mais que vinte mil anos. Estaríamos falando em milhões de anos!

O *Estrela Distante* não estava mais em órbita em torno do planeta; sobrevoava lentamente uma clareira de quinhentos metros de largura na qual só cresciam algumas plantinhas raquíticas.

— Que acham disso? — disse Trevize de repente, apontando para baixo.

A nave reduziu ainda mais a velocidade até ficar parada, suspensa no ar. Um zumbido fraco mas persistente mostrou que os motores gravíticos estavam funcionando a toda força, neutralizando o campo gravitacional do planeta.

Não havia muita coisa para ver no local que Trevize havia indicado. Um terreno levemente ondulado, onde havia tufos esparsos de capim.

— Não estou vendo nada — disse Pelorat.

— Aquelas marcas no chão não são naturais... são linhas paralelas, e existem outras linhas perpendiculares às primeiras. Não está vendo? Sinais de arquitetura humana, vestígios de alicerces e paredes, tão nítidos como se as construções ainda estivessem de pé!

— Mesmo que você esteja certo — disse Pelorat —, não passam de ruínas. Para fazer uma pesquisa arqueológica, vamos ter que cavar muito. Os profissionais levam anos para desenterrar um único edifício...

— Não somos profissionais e não temos anos para perder. Parece que encontramos os restos de uma antiga cidade e talvez uma parte dela ainda esteja de pé. Vamos seguir essas linhas no chão e ver o que encontramos.

Foi quase no final da clareira que chegaram a um edifício que ainda estava intacto... ou quase intacto.

— É um bom lugar para começarmos — disse Trevize. — Vamos descer.

Capítulo 9
Enfrentando a Matilha

35

O *Estrela Distante* pousou na base de uma pequena colina, uma das poucas que havia na grande planície. Quase sem pensar, Trevize tinha escolhido o lugar para que a nave ficasse em um local pouco visível. Ele disse para os companheiros:

— A temperatura lá fora é de 24 graus centígrados, está soprando um vento de oeste para leste de onze quilômetros por hora e o céu está parcialmente encoberto. O computador não conhece o suficiente a respeito do clima do planeta para fazer uma previsão do tempo; entretanto, como a umidade relativa do ar é de 40%, não é provável que esteja para chover. No conjunto, parece que o tempo lá fora está muito agradável, o que, comparado com Comporellon, certamente constitui um alívio.

— Suponho que se o planeta continuar entregue à própria sorte, as condições climáticas se tornarão mais extremas — observou Pelorat.

— Tenho certeza disso — afirmou Bliss.

— Para nós, é o que menos importa — disse Trevize. — Temos milhares de anos de vantagem. No momento, ainda é um planeta bem agradável e continuará assim durante muito tempo.

Enquanto falava, o rapaz estava afivelando um cinto largo na cintura. Bliss perguntou, curiosa:

— O que é isso, Trevize?

— Estou lembrando meu treinamento militar — disse Trevize. — Não vou desembarcar desarmado em um planeta desconhecido.

— Está falando seriamente em carregar armas?

— Isso mesmo. Aqui na minha direita — mostrou um coldre que continha uma arma pesada, com um cano grosso —, está meu desintegrador, e na minha esquerda — uma arma menor, com um cano fino e fechado na ponta —, está meu chicote neurônico.

— Dois tipos de armas mortais — observou Bliss, com ar de desdém.

— Está enganada. Apenas o desintegrador é capaz de matar. O que o chicote neurônico faz é estimular os nervos, produzindo uma dor tão intensa que a pobre vítima preferiria estar morta. Pelo menos, foi o que me contaram; nunca tive o desprazer de estar do lado errado de um chicote neurônico.

— Para quê as armas?

— Já lhe disse. É um mundo desconhecido.

— Trevize, é um mundo *deserto!*

— É mesmo? Tudo leva a crer que não exista nenhuma civilização adiantada, mas já pensou em raças primitivas? Paus e pedras também matam, você sabe!

Bliss parecia irritada, mas baixou a voz em um esforço para ser razoável.

— Não fui capaz de detectar nenhuma atividade neurônica humana, Trevize. Isso elimina também as raças primitivas.

— Então não vou ter que usar minhas armas — disse Trevize. — Qual o problema de carregá-las comigo? Só me tornarão um pouquinho mais pesado, e como a gravidade na superfície deste planeta é 9% menor que a de Terminus, acho que não sentirei a diferença. Escute, a nave pode estar desarmada como nave, mas transporta um suprimento considerável de armas portáteis. Por que vocês dois também não...

— Não — interrompeu Bliss. — Jamais seria capaz de matar alguém... ou mesmo de causar sofrimento.

— Não é uma questão de matar, mas de não ser morto.

— Posso proteger-me de outras formas.

— Janov? Pelorat hesitou.

— Não usamos armas em Comporellon.

— Ora, vamos, Janov, Comporellon era terreno conhecido, um planeta aliado da Fundação. Além disso, fomos detidos assim que chegamos. Se estivéssemos armados, teriam tomado nossas armas. Não quer levar um desintegrador?

Pelorat sacudiu a cabeça.

— Nunca tive treinamento militar, meu velho amigo. Não saberia como usar uma dessas coisas e, em uma emergência, não sangue-frio suficiente para usá-la. Tentaria correr e... e seria morto. — Ninguém vai ser morto, Pel — disse Bliss. — Gaia tem sob a minha/nossa/sua proteção, tanto quanto esse bravo soldado aqui ao lado.

— Ótimo — disse Trevize. — Não tenho nenhuma objeção a sair protegido. Vou levar as armas simplesmente como precaução adicional e, asseguro-lhe, não pretendo usá-las a não ser um último caso Mesmo assim, *prefiro* não desembarcar sem elas.

Trevize deu um tapinha afetuoso no coldre e acrescentou:

— Agora vamos desembarcar neste mundo que pode não ter sentido o peso de pés humanos nos últimos milhares de anos.

36

— Tenho a sensação de que está para anoitecer — disse Pelorat —, mas, a julgar pela altura do sol, ainda deve ser por volta do meio-

dia.

— Isso é porque o sol aqui tem uma cor alaranjada — explicou Trevize —, o que dá à luz do dia a aparência de crepúsculo. Se ainda estivermos aqui ao entardecer, e se o tempo ajudar, você verá o céu ficar vermelho escuro. Não sei se vai ser um espetáculo bonito ou deprimente. A propósito: o pôr do sol em Comporellon também deve ser bem exótico, mas passamos o tempo todo em ambiente fechado.

Voltou-se devagar, examinando os arredores. Além da iluminação quase fantasmagórica, havia o odor característico do planeta... ou pelo menos daquela parte do planeta. Era um cheiro um pouco rançoso, mas estava longe de ser desagradável.

As árvores próximas eram de altura mediana e pareciam muito antigas, com a casca irregular e os troncos levemente inclinados em relação à vertical, embora fosse difícil dizer se por causa dos ventos dominantes na região ou devido às ondulações do solo. Seriam as árvores que emprestavam um aspecto algo ameaçador àquela paisagem ou seria alguma outra coisa... menos material?

Bliss perguntou:

— O que pretende fazer, Trevize? Certamente não veio até aqui para admirar a vista!

— Acho que no momento é a isso que vai se reduzir a minha participação. Minha sugestão é de que Janov vá explorar as ruínas. Está em melhores condições do que eu para julgar a importância de qualquer achado. Afinal, ele conhece galáctico arcaico e eu não. E suponho, Bliss, que você queira ir com ele para protegê-lo. Quanto a mim, ficarei aqui, do lado de fora das ruínas, montando guarda.

— Montando guarda contra quem? Um bando de nativos armados com paus e pedras?

— Talvez. — De repente, o sorriso desapareceu dos lábios de Trevize e ele acrescentou: — Não sei por que, Bliss, não me sinto à vontade neste lugar. Não sei por quê.

Pelorat disse:

— Vamos, Bliss. Tenho sido um colecionador de lendas durante toda a minha vida, mas nunca tive a oportunidade de descobrir um documento antigo. Imagine se encontrarmos...

Trevize ficou olhando enquanto os dois se afastavam, a voz de Pelorat desaparecendo ao longe enquanto ele se dirigia para as ruínas com passos ansiosos, acompanhado de perto por Bliss.

Trevize voltou a examinar as vizinhanças. Por que estava tão preocupado?

Nunca havia posto os pés em um mundo desabitado, mas tinha observado muitos desses mundos do espaço. Em geral, eram planetas pequenos, com gravidade insuficiente para reter a água e o ar, mas serviam como pontos de referência durante as manobras militares

(não tinha havido nenhuma guerra nos últimos dois séculos, mas mesmo assim as manobras militares prosseguiam) ou os exercícios de reparos de emergência simulados. A nave em que se encontrava tinha entrado em órbita em torno desses planetas, ou mesmo pousado em alguns deles, mas nessas ocasiões Trevize não havia desembarcado.

Seria o fato de que agora estava pisando em um mundo deserto? Teria a mesma sensação se tivesse pisado num daqueles planetas pequenos, sem ar e sem vida, que tinha conhecido nos tempos de estudante?

Sacudiu a cabeça. Não era a mesma coisa. Em primeiro lugar, estaria usando um traje espacial, como nas inúmeras ocasiões em que havia trabalhado no espaço, fora da nave. Era uma situação familiar e o simples contato dos pés com o solo não teria mudado grande coisa. Naturalmente!

Naturalmente... no momento, não estava usando um traje espacial.

Estava na superfície de um mundo habitável, de clima tão agradável quanto o de Terminus... muito mais agradável, por exemplo, que o de Comporellon. Sentiu o vento no rosto, o calor do sol, o sussurro das árvores. Tudo era familiar, a não ser o fato de que naquele mundo não havia mais seres humanos.

Seria isso? Seria isso que tornava aquele mundo tão soturno? Seria o fato de se tratar não apenas de um mundo inabitado, mas de um mundo *abandonado?*

Trevize nunca havia estado antes num mundo abandonado; nunca havia ouvido falar de um mundo abandonado; nunca havia imaginado que um mundo *pudesse* ser abandonado. De todos os mundos que conhecia, os que tinham sido colonizados pelo homem continuavam habitados para sempre.

Olhou para o céu. Apenas os seres humanos haviam abandonado o planeta. Um pássaro cruzou sua linha de visão, parecendo mais natural, de alguma forma, do que o céu azul-acinzentado e as nuvens alaranjadas. (Trevize tinha certeza de que, se passasse alguns dias no planeta, acabaria por acostumar-se com as cores do céu e das nuvens.). Ouviu o canto de pássaros nas árvores e o ruído mais suave dos insetos. Bliss havia falado em borboletas e ali estavam elas... em grande número e muitas variedades coloridas.

Havia também ruídos ocasionais nos tufos de capim em volta das árvores, mas Trevize não conseguiu descobrir sua causa.

A presença de vida animal nas vizinhanças não lhe trazia desconforto. Como Bliss havia dito, os mundos colonizados pelo homem jamais haviam abrigado seres perigosos. Os contos de fadas da infância e as fantasias heroicas da juventude invariavelmente se passavam em um mundo fabuloso que sem dúvida tinha sido inspirado

nos antigos mitos a respeito da Terra. Nos hiperdramas, a holotela estava sempre cheia de monstros: leões, unicórnios, dragões, baleias, brontossauros, ursos. Havia dezenas de animais, cujos nomes Trevize já havia esquecido, muitos certamente mitológicos, talvez todos. Havia animais menores que mordiam e picavam, até mesmo plantas venenosas... mas apenas nas histórias. Uma vez tinha ouvido falar que as abelhas primitivas eram capazes de picar, mas as abelhas que conhecia eram totalmente inofensivas.

Caminhou devagar para a direita, contornando a colina. O capim era alto e cerrado, mas esparso, crescendo em tufos. Passou por entre as árvores, que também formavam moitas.

A boca de Trevize se abriu em um bocejo. Tudo parecia tão calmo que teve vontade de voltar à nave para dormir um pouco. Não, não seria prudente. Era melhor continuar bancando a sentinela.

Talvez fosse melhor começar a portar-se como uma sentinela de verdade... começando a marchar, um, dois, um, dois, dando meia-volta e executando evoluções complicadas com um eletrobastão de parada. (Era uma arma que estava fora de uso há mais de três séculos, mas era considerada essencial nas paradas, por uma razão que ninguém saberia explicar.)

Trevize sorriu ao pensar no eletrobastão e imaginou se não seria melhor ir juntar-se a Pelorat e Bliss nas ruínas. Para quê? Em que poderia ajudá-los?

E se observasse alguma coisa que Pelorat havia deixado escapar? Ora, teria tempo para tentar depois que Pelorat voltasse. Se houvesse alguma coisa interessante a ser descoberta nas ruínas, preferia mil vezes que Pelorat a encontrasse primeiro.

E se os dois estivessem em dificuldades? Bobagem! Que tipo de dificuldades?

E se *houvesse* algum problema, bastaria que eles gritassem.

Parou para escutar. Não ouviu nada.

Foi então que sentiu uma vontade irresistível de marchar. Quando deu por si, estava batendo com os pés no chão, jogando para o alto um eletrobastão imaginário, agarrando-o de novo... jogando o bastão para o alto, agarrando-o de novo... Trevize fez meia-volta e se viu de frente para a nave, agora bem mais distante.

E assim que olhou naquela direção, Trevize ficou imóvel, não no papel de sentinela, mas de pura surpresa.

Não estava sozinho.

Até então, não tinha visto nenhuma criatura viva a não ser plantas, insetos e um ou outro passarinho. Não tinha visto nem ouvido ninguém se aproximar... mas agora havia um animal entre ele e a nave.

O inesperado da situação o privou, por um momento, da

capacidade de interpretar o que via. Foi apenas depois de um intervalo perceptível que reconheceu o que tinha diante de si.

Era apenas um cachorro.

Trevize nunca havia possuído um cão e não sentia nenhuma simpatia especial pelos cachorros que encontrava. Daquela vez não foi diferente. Apenas pensou, com certa impaciência, que não havia nenhum mundo colonizado pelo homem em que o cachorro não o houvesse acompanhado. Existia um número incontável de raças e Trevize se lembrava de haver pensado que cada planeta provavelmente teria pelo menos uma raça própria. Mesmo assim, todas as raças tinham algo em comum: fossem criados para entretenimento, para trabalhar em espetáculos ou para realizar algum tipo de trabalho útil, todos os cães eram criados para amar os seres humanos e confiar neles.

Era um amor e uma confiança que Trevize não apreciava nem um pouco. Uma vez morou com uma mulher que tinha um cachorro. Aquele cachorro, que Trevize tolerava por causa da mulher, tinha uma adoração inexplicável por ele, seguia-o por toda parte, cobria-o de saliva e pelos nos momentos mais inesperados e encostava-se na porta e começava a uivar toda vez que ele e a mulher tentavam fazer amor.

Depois daquela experiência, Trevize ficara com a firme convicção de que por alguma razão, conhecida apenas pelas mentes caninas e a capacidade delas de analisar odores, ele, Trevize, constituía um dos objetos preferidos da devoção canina.

Assim, depois de passada a surpresa inicial, observou o cachorro sem muito receio. Era um cachorro grande, magro e esguio, com pernas compridas. Olhava para ele sem nenhum sinal de adoração. A boca estava aberta no que poderia ser interpretado como um sorriso de boas-vindas, mas os dentes que apareciam tinham um aspecto perigoso.

Ocorreu-lhe, então, que o cachorro nunca tinha visto um ser humano, nem ele nem seus antepassados mais recentes. O cachorro devia ter ficado tão surpreso ao ver um ser humano quanto Trevize havia ficado ao ver o cachorro. Trevize, pelo menos, havia reconhecido rapidamente o animal, mas o cão não tivera a mesma vantagem. Ainda estava espantado, talvez até receoso.

Não convinha deixar que um animal daquele tamanho, e com aqueles dentes, permanecesse assustado por muito tempo. Trevize percebeu que era melhor conquistar a amizade do animal, e quanto mais depressa melhor.

Aproximou-se do animal, muito devagar (nenhum movimento brusco, naturalmente). Estendeu a mão, pronto a permitir que o cachorro a cheirasse, enquanto emitia sons tranquilizadores, do tipo “cachorrinho bonito”, que o deixaram profundamente envergonhado.

O cachorro, com o olhar fixo em Trevize, recuou um passo ou dois, como se estivesse desconfiado. Depois, o lábio superior se contraiu e a boca emitiu um som gutural. Embora Trevize nunca tivesse visto um cão se comportar assim, não podia deixar de interpretar a atitude do animal como ameaçadora.

Trevize parou onde estava. Percebeu um movimento com o canto dos olhos e virou a cabeça devagar. Dois outros cachorros estavam e aproximando. Pareciam tão assassinos quanto o primeiro.

Assassinos? A palavra só lhe havia ocorrido agora, mas lhe parecia estranhamente apropriada.

O coração de Trevize começou a bater com força. O caminho para a nave estava bloqueado. Não podia sair correndo sem rumo, pois aquelas longas patas caninas o alcançariam em questão de metros. Se ficasse onde estava e usasse o desintegrador, só teria tempo para matar um deles; os outros dois o fariam em pedaços. À distância, podia ver outros cachorros se aproximando. Será que se comunicavam de alguma forma? Será que caçavam em grupos?

Começou a andar de lado, bem devagar, para a esquerda, uma direção onde não havia nenhum animal... ainda. Devagar. Devagar. Os cachorros o acompanharam. Trevize tinha certeza de que a única coisa que o havia salvo de um ataque imediato era o fato de que os cachorros jamais haviam encontrado alguém como ele. Por essa razão, não sabiam o que esperar dele.

Se saísse correndo, isso representaria um comportamento familiar para os animais. Eles saberiam o que fazer se alguma coisa do tamanho de Trevize demonstrasse medo e saísse correndo. Correriam atrás dele. E o alcançariam sem dificuldade.

Trevize continuou a andar de lado, aproximando-se de uma árvore. Sentiu uma vontade súbita de estar lá em cima, onde os cachorros não poderiam alcançá-lo. Os cães se aproximaram mais, rosnando baixinho. Todos os três tinham os olhos fixos nele. Havia mais dois chegando. Mais além, Trevize podia ver muitos outros cachorros. Em uma certa hora, quando estivesse suficientemente próximo, teria que tentar. Não poderia esperar demais, nem precipitar-se, caso contrário estaria perdido.

Agora!

Trevize provavelmente nunca havia corrido tão depressa na vida, e mesmo assim escapou por um triz. Sentiu um par de mandíbulas se cravar no calcanhar da bota e ficou imobilizado até os dentes do cachorro escorregarem no duro material ceramóide.

O rapaz não tinha prática de subir em árvores. Da última vez que havia tentado, e mesmo assim sem sucesso, tinha dez anos de idade. Felizmente para ele, o tronco era inclinado e a casca bastante rugosa, com muitos pontos de apoio. Além do mais, o medo o impelia, e é

impressionante o que se pode fazer quando se está com medo.

Trevize se viu sentado em uma forquilha, a uns dez metros do solo. Por um momento, não se deu conta de que havia arranhado uma das mãos e que ela estava pingando sangue. Na base da árvore, cinco cachorros agora estavam sentados nas patas traseiras, olhando para cima, com a língua de fora, esperando pacientemente. E agora?

37

Trevize não estava em condições de pensar logicamente a respeito da situação. Em vez disso, experimentou lampejos de pensamento em uma sequência estranha e distorcida que, se fossem ordenados, resultariam no seguinte:

Bliss havia sustentado que, ao colonizarem um planeta, os seres humanos estabeleciam uma ecologia desequilibrada, que só eram capazes de manter através de constantes intervenções. Por exemplo: nenhum Colonizador havia jamais levado com ele os grandes predadores. Os pequenos animais nocivos, era impossível evitar: insetos, parasitas... até mesmo ratos.

E os animais dramáticos das lendas, alguns dos quais talvez tivessem realmente existido na Terra, os tigres, ursos, crocodilos? Quem os levaria para outros mundos, mesmo que houvesse alguma razão para isso? E qual seria a razão para isso?

O resultado era que o homem era o único predador de grande porte, e era sua responsabilidade cuidar das plantas e animais que, entregues à própria sorte, se reproduziriam de forma indiscriminada, sufocando-se no excesso de fertilidade.

E se os seres humanos desaparecessem, outros predadores teriam que tomar o seu lugar. Que predadores? Os maiores predadores tolerados pelo homem eram os cães e gatos, domesticados e vivendo da generosidade humana.

E se não houvesse mais seres humanos para alimentá-los? Então teriam que procurar alimento... tanto para a própria sobrevivência quanto, com toda a propriedade, para a sobrevivência das espécies das quais se alimentassem, cuja população, se não fosse mantida sob controle, aumentaria de forma explosiva, com um prejuízo cem vezes maior para a espécie do que as ações dos predadores.

Assim, os cães se multiplicariam, em todas as suas variedades, com as raças maiores atacando os grandes herbívoros e as raças menores se alimentando de pássaros e roedores. Os gatos caçariam à noite e os cachorros de dia; os primeiros, isoladamente, e os segundos, em matilhas.

Além disso, talvez a própria evolução se encarregasse de dar origem a novas raças para ocupar outros nichos ecológicos. Será que

alguns cachorros chegariam a desenvolver hábitos aquáticos que afinal lhes permitissem alimentar-se de peixes, enquanto certos gatos aprenderiam a planar para poderem perseguir no próprio ar os pássaros mais desajeitados?

Tudo isso passou pela mente de Trevize, em curtos lampejos, enquanto ele tentava decidir o que fazer.

O número de cães continuava aumentando. Contou 23 em volta da árvore e havia mais nas vizinhanças. Qual seria o tamanho da matilha? Que importava? Já havia cachorros demais no momento.

Trevize sacou o desintegrador, mas o peso da arma na mão não lhe transmitiu nenhuma sensação de segurança. Qual a última vez em que havia substituído a unidade de energia? Quantos tiros poderia disparar? Muito menos de 23.

E que dizer de Pelorat e Bliss? Se os dois aparecessem, os cachorros sairiam correndo atrás deles? Estariam seguros, mesmo que não aparecessem? Se os cachorros farejassem os dois seres humanos nas ruínas, nada os impediria de atacá-los lá mesmo.

Será que Bliss era capaz de detê-los ou mesmo de afugentá-los? O poder de Gaia, transmitido através do hiperespaço, seria suficiente? Por quanto tempo Bliss conseguiria mantê-los à distância?

Não seria melhor então gritar por socorro? Se gritasse, os dois viriam correndo e os cachorros fugiriam diante do olhar zangado de Bliss? (Seria preciso um olhar ou a moça afugentaria os cães através de um processo mental invisível para os não-iniciados?) Ou, se os dois aparecessem, seriam reduzidos a pedaços diante dos olhos de Trevize, obrigado a observar, impotente, da segurança relativa do seu posto na árvore?

Não, teria que usar o desintegrador. Se pudesse matar um dos cães e assustar os outros por alguns momentos, haveria tempo para descer da árvore, chamar Pelorat e Bliss, matar um segundo cachorro se a matilha tentasse aproximar-se de novo e então os três poderiam correr para a nave.

Trevize ajustou a intensidade do raio de microondas para três quartos da intensidade máxima. Seria o suficiente para matar um cachorro com um grande estrondo. O estrondo serviria para assustar os outros cães, e ele estaria poupando energia.

Apontou cuidadosamente para um cachorro no meio da matilha, aquele que parecia (pelo menos na imaginação de Trevize) irradiar mais maldade do que os outros... talvez apenas porque estivesse mais quieto e portanto parecesse mais frio e calculista. O cachorro estava agora olhando diretamente para a arma, como que em um gesto de desafio. Ocorreu ao rapaz que ele jamais havia disparado um desintegrador contra um ser vivo, ou visto alguém fazer isso. Durante o serviço militar, tinha atirado em bonecos de plástico cheios d'água;

a água se transformava quase que instantaneamente em vapor e o boneco explodia.

Mas quem, em tempo de paz, atiraria em um ser vivo? E que ser vivo desafiaria o poder de tiro de um desintegrador? Só ali, em um inundo que a ausência do homem havia tornado doente, era que...

Com aquela estranha capacidade do cérebro de observar detalhes totalmente irrelevantes, Trevize se deu conta de que uma nuvem havia escondido o sol... e então atirou.

Um feixe de luz trêmula ligou instantaneamente o cano da arma ao corpo do cachorro; uma luz tão tênue que poderia ter passado despercebida se o sol ainda estivesse iluminando diretamente a cena.

Ao sentir a onda inicial de calor, o cachorro fez um pequeno movimento, como se estivesse se preparando para pular; em seguida, explodiu, quando boa parte dos seus fluidos internos foi transformada em vapor.

A explosão fez um ruído decepcionante, pois o revestimento externo do animal era simplesmente muito menos rígido que o dos bonecos de treinamento. Entretanto, carne, pele, sangue e ossos voaram pelo ar e Trevize sentiu o estômago embrulhado.

Os cães, alguns dos quais tinham sido bombardeados pelos fragmentos ainda quentes da explosão, recuaram ligeiramente. Foi, porém, uma hesitação momentânea. No instante seguinte, estavam disputando os restos de carne que haviam caído do céu. O enjoo de Trevize piorou. Em vez de assustá-los, o que estava fazendo era alimentar os malditos animais! Desse jeito, nunca iriam embora. Na verdade, o cheiro de sangue fresco atrairia mais cachorros e talvez outros predadores.

Alguém chamou:

— Trevize! O que...

O rapaz olhou na direção da voz. Bliss e Pelorat tinham saído das ruínas. Bliss estava parada, com os braços abertos para impedir que Pelorat prosseguisse. Olhava para os cachorros. A situação era clara; não havia necessidade de nenhuma explicação.

Trevize gritou:

— Tentei afugentá-los antes que você e Janov voltassem. Pode mantê-los à distância?

— Vou tentar — disse Bliss, sem gritar, de modo que Trevize mal conseguiu ouvi-la, embora os cachorros tivessem parado de latir como que por encanto. Bliss falou:

— São muitos e não conheço direito os padrões de atividade neurônica desses animais. Em Gaia não existem animais ferozes.

— Nem em Terminus — gritou Trevize. — Nem em nenhum outro mundo civilizado. Vou matar quantos puder e você tenta cuidai dos restantes.

— Não, Trevize. Isso só servirá para atrair outros animais... Fique atrás de mim, Pel. Não há nada que você possa fazer... Trevize, sua outra arma!

— O chicote neurônico?

— Isso mesmo. A arma que produz dor. Use baixa potência. Baixa potência!

— Está com pena deles? — gritou Trevize, zangado. — Acha que isso é hora para pensar na santidade da vida?

— Estou pensando na vida de Pel. E também na minha. Faça o que eu digo. Baixa potência, e atire em um dos cachorros. Não posso agüentar muito tempo.

Os cachorros tinham se afastado da árvore e estavam em volta de Bliss e Pelorat, que haviam recuado até ficarem com as costas coladas a um muro em ruínas. Os cães mais próximos da dupla fizeram algumas tentativas frustradas de se aproximarem mais ainda, ganindo baixinho ao perceberem que alguma coisa os impedia de atacar. Outros tentaram, sem sucesso, subir o muro para atacá-los por trás.

A mão de Trevize tremia quando ele ajustou o chicote neurônico para baixa potência. A arma usava muito menos energia que o desintegrador e um único cartucho era suficiente para centenas de tiros, mas a verdade era que Trevize não se lembrava da última vez em que havia trocado o cartucho.

Não era importante apontar o chicote. Como não havia necessidade de poupar energia, Trevize poderia, se quisesse, disparar uma rajada de tiros contra a matilha. Era o método que os policiais usavam para manter as multidões sob controle.

Entretanto, o rapaz atendeu à sugestão de Bliss. Apontou para um dos cachorros e atirou. O cachorro caiu, contorcendo-se em dores. De sua boca saíam ganidos estridentes.

Os outros cães afastaram-se do companheiro ferido, as orelhas caídas, o rabo entre as pernas. Em seguida, começaram também a ganir, deram meia-volta e foram embora, primeiro devagar, depois mais depressa e, finalmente, a toda velocidade. O cachorro que tinha sido atingido levantou-se com esforço e saiu correndo atrás dos outros. O ruído desapareceu ao longe e Bliss falou:

— É melhor irmos para a nave. Eles vão voltar. E se não forem eles, serão outros.

Trevize teve a impressão de que nunca havia manipulado tão depressa o mecanismo de acesso ao interior da nave. E talvez tivesse razão.

38

Quando Trevize sentiu que estava voltando ao normal, já era

noite. A pequena tira de plastopele na palma da mão havia acalmado a dor física, mas havia uma ferida psíquica que era muito mais difícil de curar.

Não era a simples exposição ao perigo; Trevize sentia-se capaz de reagir ao perigo como qualquer pessoa medianamente corajosa. Era a direção totalmente imprevista de onde tinha vindo o perigo. Era a sensação de ridículo. Como se sentiria se os amigos descobrissem que linha sido posto para correr por um bando de *cachorros?* Não teria sido muito pior se ele tivesse sido afugentado por um grupo de canários furiosos.

Durante várias horas, o rapaz ficou muito quieto, esperando ouvir a qualquer momento o som dos latidos, o barulho das garras arranhando o casco da nave.

Pelorat, por outro lado, parecia bastante calmo.

— Não tenho a menor dúvida, meu velho amigo, de que Bliss seria capaz de enfrentar a situação, mas tenho que reconhecer que você sabe atirar com aquela arma!

Trevize amarrou a cara. Não estava com vontade de discutir o assunto.

Pelorat estava com a biblioteca na mão... o pequeno disco no qual estava armazenada uma vida inteira de pesquisa... e com ela retirou-se para a quarto de dormir, onde conservava uma unidade de leitura.

Parecia muito satisfeito consigo mesmo. Trevize não o seguiu. Teriam tempo para conversar quando ele não estivesse com a cabeça tão cheia de cachorros.

Quando os dois ficaram sozinhos, Bliss observou:

— Suponho que você foi apanhado de surpresa.

— Isso mesmo — confirmou Trevize, em tom pesaroso. — Quem diria que um dia eu teria que fugir de um bando de cachorros!

— Mais alguns milhares de anos sem homens e eles não serão mais cachorros. Aqueles animais devem ser atualmente os maiores predadores do planeta...

Trevize assentiu.

— Pensei a mesma coisa quando estava empoleirado naquela árvore. Você tinha toda a razão quando falou a respeito do que pode acontecer em uma ecologia desequilibrada.

— Desequilibrada, sim, do ponto de vista humano... mas considerando a forma eficiente como os cachorros assumiram seu novo papel, estou começando a achar que Pel está certo quando diz que um ecossistema pode atingir um novo ponto de equilíbrio, com os vário; nichos ecológicos sendo gradualmente preenchidos por modificações das poucas espécies que inicialmente povoavam o planeta.

— Sabe que a mesma ideia me ocorreu?

— Contanto, naturalmente, que o desequilíbrio não seja excessivo, pois do contrário o planeta poderá se tornar totalmente inviável antes que as espécies tenham tempo de se adaptar.

Trevize resmungou alguma coisa.

Bliss olhou para ele, pensativa.

— Como foi que você teve aquela ideia de desembarcar armado?

— De pouco me adiantou — disse Trevize. — Se não fosse você...

— Espere aí. Eu precisei da sua arma. Assim de repente, apenas um contato hiperespacial com o resto de Gaia, tendo que enfrentar tantos inimigos pouco familiares, eu não poderia ter feito nada sem o seu chicote neurônico.

— Meu desintegrador não serviu para nada, não foi?

— Quando você usa um desintegrador, Trevize, um cachorro simplesmente desaparece. Os outros podem ficar surpresos, mas não assustados.

— Pior que isso. Eles comeram os restos! O efeito foi o contrário do que eu pretendia.

— Entendo. Pois com o chicote neurônico é diferente. Ele causa dor, e um cachorro em agonia emite gemidos que os outros cães compreendem muito bem, e que os deixam assustados. Como já estavam predispostos a sentir medo, não foi preciso muito esforço da minha parte para fazê-los fugir em pânico.

— Sim, mas foi você que percebeu que nesse caso o chicote era uma arma mais eficaz que o desintegrador.

— Estou acostumada a lidar com mentes. Você, não. Foi por isso que insisti em que usasse baixa potência e apontasse para um dos animais. Não queria que o cachorro sentisse tanta dor a ponto de morrer e calar-se. Não queria que a dor se dispersasse entre vários cachorros. Era preciso uma dor intensa, concentrada em um ponto.

— E foi o que você teve, Bliss. Funcionou perfeitamente. Fico-lhe imensamente grato.

— Você está de mau humor — disse Bliss, muito séria — porque pensa que fez um papel ridículo. No entanto, repito, não poderia ter feito nada sem suas armas. O que não entendi ainda é por que você insistiu em desembarcar armado, mesmo depois que lhe assegurei que não havia seres humanos no planeta. Esperava encontrar cachorros ferozes?

— Não, claro que não. Pelo menos conscientemente. E também não costumo andar armado. Quando desembarcamos em Comporellon, nem pensei em armas... Por outro lado, recuso-me em acreditar em poderes mágicos. Desconfio que quando conversamos sobre ecossistemas desequilibrados, tive uma visão inconsciente do que poderia acontecer com os outros animais na ausência de seres humanos. Nada mais que isso.

— Não seja tão modesto. Participei da mesma conversa a respeito de ecossistemas desequilibrados e não tive o mesmo palpite. É por causa desse dom que você tem de chegar a conclusões corretas que Gaia está interessado em você. Posso ver, também, que deve ser irritante para você ter impulsos sem causa aparente; saber como agir, mas não saber por quê.

— A expressão que usamos em Terminus é "agir com base num palpite".

— Em Gaia, chamamos isso de "saber sem pensar". Você não gosta de saber sem pensar, gosta?

— Claro que isso me incomoda. Não gosto de ser movido por palpites. Sei que em geral existe uma razão oculta, mas o fato de não conhecer a razão me faz sentir como não tendo controle sobre meus próprios pensamentos... como se estivesse sofrendo de uma espécie de loucura mansa.

— Quando você decidiu a favor de Gaia e da Galáxia Viva, agiu com base em um palpite e agora quer saber a razão.

— Já lhe disse isso mais de mil vezes.

— E até agora eu não estava totalmente convencida. Peço desculpas. Não duvidarei mais dos seus motivos. Espero, porém, que me permita continuar a apresentar argumentos a favor de Gaia.

— À vontade — disse Trevize. — Contanto que reconheça o meu direito de discordar deles.

— Já lhe ocorreu, então, que esse Mundo Desconhecido está revertendo a um estado de selvageria, e talvez de total desolação e inabilabilidade, porque a única espécie que era capaz de agir com inteligência não está mais presente? Se o planeta fosse Gaia, ou melhor ainda, se o planeta fosse uma parte da Galáxia Viva, isso não aconteceria. A inteligência estaria presente na Galáxia como um todo e qualquer ecossistema tenderia sempre para o equilíbrio, mesmo que perdesse quase todas as suas espécies.

— Isso significa que os cachorros deixariam de comer?...

— É claro que eles teriam que comer. Sua alimentação, porém, atenderia a um objetivo maior, o de manter o equilíbrio ecológico, em vez de depender apenas do acaso. - A perda da liberdade individual pode significar pouco para um cão, mas é muito importante para os homens — disse Trevize. — E se *todos* os seres humanos deixassem de existir, em toda parte, e não apenas em um ou vários mundos? E se não houvesse mais nenhum ser humano na Galáxia? Ainda haveria inteligência? As outras formas de vida e a matéria inanimada conseguiriam, juntas, desenvolver uma inteligência comum que fosse suficientemente sofisticada para controlar o funcionamento do todo? Bliss hesitou.

— Uma situação assim nunca ocorreu — disse, afinal. — E não é

provável que venha a ocorrer no futuro.

— Mas não lhe parece óbvio que a mente humana é qualitativamente distinta de tudo o mais e que, se estivesse ausente, nada poderia substituí-la? Nesse caso, não reconhece que os seres humanos constituem um caso especial? Eles não devem ser fundidos nem mesmo uns com os outros, quanto mais com seres não-humanos!

— Mesmo assim, você decidiu a favor da Galáxia Viva.

— Por uma razão que desconheço.

— Talvez tenha pensado no perigo que representam os ecossistemas desequilibrados... Quem sabe não reconheceu, talvez inconscientemente, o fato de que todos os planetas da Galáxia estão na corda bamba, por assim dizer, e que apenas a Galáxia Viva poderá impedir uma sucessão de desastres, causados pela guerra, a corrupção e a incompetência!

— Não. No momento em que tomei a decisão, não estava pensando na instabilidade dos ecossistemas.

— Como pode estar tão certo?

— Mesmo que eu não saiba por que tomei uma decisão, se alguém me aponta um motivo, posso dizer se é razoável... como no caso em que talvez tenha previsto a existência de animais perigosos neste planeta.

— De qualquer maneira — disse Bliss —, poderíamos ter sido mortos por esses animais se não fosse uma combinação das nossas qualidades, a sua intuição e os meus poderes mentais. Então vamos ser amigos.

Trevize fez que sim com a cabeça.

— Se você quiser. Havia um gelo na voz do rapaz que fez Bliss franzir a testa, mas nesse instante Pelorat entrou, sacudindo a cabeça como se quisesse livrar-se dela.

— Descobri! — exclamou. — Acho que descobri!

39

Em geral, Trevize não acreditava em vitórias fáceis, mas naquele caso era perfeitamente compreensível que se deixasse iludir. Sentiu um nó na garganta, mas conseguiu dizer:

— A localização da Terra? Você descobriu onde fica a Terra, Janov?

Pelorat olhou para Trevize durante um momento e depois baixou os olhos.

— Não é bem isso — respondeu, visivelmente contrafeito. — Não, Golan, não é nada parecido. Para dizer a verdade, não estava nem pensando na Terra. Foi uma coisa que descobri nas ruínas. Nada de importante.

Trevize respirou fundo e conseguiu falar:

— Não diga isso, Janov. Qualquer descoberta é importante. O que é que você veio contar para nós?

— Acontece, meu velho amigo, que quase nada restou, depois de tanto tempo. Afinal, foram vinte mil anos de vento e chuva. Além do mais, as plantas e os animais também podem ser forças destrutivas. Mas não importa. O que interessa é que "quase nada" não é o mesmo que "nada".

"Entre as ruínas devia haver um edifício público, pois encontramos um pedaço de pedra, ou de concreto, com inscrições, As letras estavam quase invisíveis, você entende, mas tirei fotografias com uma dessas câmaras que nós temos a bordo, em que a imagem é processada por um computador... não pedi permissão a você para levara câmara, mas era importante, de modo que...

Trevize fez um gesto impaciente.

— Prossiga!

— Consegui decifrar parte da escrita, que era muito antiga. Mesmo com a ajuda do computador e dos meus conhecimentos de galáctico arcaico, só foi possível recuperar duas palavras completas. Nessas duas palavras, as letras eram maiores e um pouco mais nítidas que no resto do texto. Talvez tenham sido gravadas com mais capricho porque representavam o nome do próprio planeta. Essas palavras são: "Planeta Aurora", de modo que cheguei à conclusão de que este planeta se chama Aurora, ou pelo menos se *chamava* Aurora.

— Tinha que ter um nome — disse Trevize.

— Sim, mas os nomes raramente são escolhidos ao acaso. Acabo de realizar uma busca meticulosa em minha biblioteca e encontrei duas lendas, originárias, incidentalmente, de dois planetas muito afastados um do outro, de modo que podemos ter uma razoável certeza de que tiveram origem independente... Mas não importa. Na duas lendas, a palavra "aurora" é usada como sinônimo de "amanhecer". Na verdade, tudo indica que "aurora" *queria dizer* amanhecer em alguma língua antiga.

"Por outro lado, sabemos que palavras como "amanhecer", "nascer do dia", etc, são freqüentemente usadas para designar estações espaciais ou outras estruturas que são as primeiras do seu tipo". Se este planeta recebeu o nome de Amanhecer, pode ser que também seja o primeiro do seu tipo.

— Está querendo dizer que este planeta é a Terra e que foi chamado de Aurora porque representa o nascer do dia para a vida e para o homem? — perguntou Trevize.

— Eu não iria tão longe, Golan.

— Afinal, estão faltando a radioatividade, o satélite gigantesco, o gigante gasoso com imensos anéis — observou Trevize, com ironia na

voz.

— Isso mesmo. Mas Deniador, aquele historiador lá de Comporellon, achava que este foi um dos mundos habitados pela primeira leva de Colonizadores... os Espaciais. Se isso for verdade, então o nome, Aurora, pode indicar que este foi o primeiro planeta a ser colonizado pelos Espaciais. Podemos, neste instante, estar pisando no mais antigo planeta humano da Galáxia, com exceção da própria Terra. Não é emocionante?

— Claro que sim, Janov, mas não acha que está tirando conclusões demais de apenas um nome?

— Não é só isso — prosseguiu Pelorat, entusiasmado. — De acordo com o que pude verificar em minhas anotações, hoje em dia não existe nenhum planeta na Galáxia com o nome de "Aurora". Como já disse, existem muitos planetas e outros objetos chamados "Amanhecer" ou coisa parecida, mas ninguém usa a palavra "Aurora".

— E daí? Como você mesmo reconhece, é um termo arcaico.

— Acontece que os nomes tendem a ficar, mesmo que as palavras caiam em desuso. Se este foi o primeiro mundo a ser colonizado, deve ter sido famoso; talvez até, durante algum tempo, tenha sido o planeta dominante da Galáxia. Certamente teria que haver outros mundos com os nomes de "Nova Aurora", ou "Aurora Menor", ou alguma coisa assim. E no entanto...

— Talvez este não tenha sido o primeiro planeta a ser colonizado — interrompeu Trevize. — Talvez este planeta jamais tenha sido importante.

— Meu velho amigo, acho que encontrei uma explicação melhor.

— Pode me dizer qual é, Janov?

— Se, como Deniador nos contou, a primeira onda de colonização foi seguida por uma segunda onda, à qual todos os planetas da Galáxia hoje pertencem, provavelmente houve um período de hostilidade entre as duas ondas de Colonizadores. Os Colonizadores da segunda onda evitariam usar os nomes escolhidos pelos Colonizadores da primeira. Assim, do fato de que o nome "Aurora" jamais foi repelido podemos deduzir que realmente *houve* duas ondas de colonização e que este planeta pertence à primeira onda.

Trevize sorriu.

— Estou percebendo agora como vocês, mitologistas, trabalham. Constroem lindos castelos, mas não se preocupam com os alicerces. Dizem as lendas que os Colonizadores da primeira onda não podiam passar sem os robôs, e que esta era sua fraqueza. Ora, se você pudesse me mostrar um robô que fosse neste planeta, eu ainda poderia aceitar sua teoria, mas acontece que não...

Pelorat afinal conseguiu recuperar a voz.

— Mas, Golan, eu não lhe disse? Não, claro que não disse. Estou

tão nervoso que não consigo colocar os pensamentos em ordem. Eu *achei* um robô.

40

Trevize esfregou a testa, como se não estivesse acreditando no que ouvia.

— Um robô? Você viu um robô?

— Isso mesmo — confirmou Pelorat, movendo a cabeça para cima e para baixo.

— Como é que sabe?

— Ora, era um robô! Como poderia deixar de reconhecer um robô?

— Você já tinha visto um?

— Não, mas era um objeto de metal que se parecia com um ser humano. Cabeça, tronco, braços, pernas. Claro que estava muito enferrujado, e quando me aproximei, a vibração dos meus passos deve ter abalado sua estrutura, de modo que quando estendi a mão para tocá-lo...

— Para que iria tocá-lo?

— Acho que para ter certeza de que meus olhos não estavam me enganando. Foi uma reação involuntária. No momento em que o toquei, ele se desfez. Mas antes disso...

— Sim?

— Antes disso, os olhos do robô pareceram brilhar e ele fez um ruído, como se estivesse querendo dizer alguma coisa.

— Então ainda estava *funcionando?*

— Só funcionou um pouquinho, Golan. Trevize se voltou para Bliss.

— Você confirma tudo isso, Bliss?

— Era um robô, sim — disse Bliss.

— E ainda estava funcionando?

— Pouco antes de se desfazer, captei um fraco sinal de atividade neurônica...

— Como podia haver atividade neurônica? Um robô não tem um cérebro orgânico, feito de neurônios!

— Deve ter circuitos elétricos equivalentes a células nervosas — sugeriu Bliss. — Provavelmente, foi a atividade desses circuitos que eu captei.

— Você seria capaz de distinguir os pensamentos de um robô dos de um ser humano?

— Sim, mas não tive tempo suficiente.

Trevize olhou para Bliss, depois para Pelorat, e disse, em tom irritado:

— Isto muda tudo.

PARTE QUATRO
SOLARIA

Capítulo 10
Robôs

41

Durante o jantar, Trevize parecia perdido em pensamentos e Bliss concentrou-se na comida.

Pelorat, o único que parecia ansioso para falar, observou que se o mundo em que se encontravam era Aurora e se Aurora tinha sido o primeiro planeta a ser colonizado, então deveriam estar muito perto da Terra.

— Talvez valha a pena investigar as estrelas vizinhas — disse.

Trevize resmungou que só recorreria ao método de tentativa-e-erro como último recurso e que, mesmo que encontrasse a Terra, queria obter o máximo possível de informações antes de desembarcar no planeta. Depois não disse mais nada e Pelorat, muito a contragosto, também mergulhou em um silêncio profundo.

Depois da refeição, como Trevize continuasse calado, Pelorat perguntou:

— Vamos ficar aqui muito tempo, Golan?

— Pelo menos até amanhã — respondeu o rapaz. — Preciso pensar um pouco.

— Acha que é seguro?

— A menos que apareça algo pior do que os cachorros, estaremos perfeitamente seguros aqui dentro.

— Quanto tempo levaria para decolarmos, *se* aparecer alguma coisa pior que os cachorros?

— O computador está em alerta permanente. Acho que conseguiríamos decolar em menos de três minutos. E o computador nos avisará imediatamente se ocorrer algum fato inesperado, de modo que é melhor dormirmos um pouco. Amanhã de manhã decidiremos qual será nosso próximo passo.

É fácil de dizer, pensou Trevize, enquanto olhava para a escuridão. Estava deitado, parcialmente vestido, no chão da sala do computador. Era bastante desconfortável, mas o rapaz tinha certeza de que; não conseguiria dormir mesmo que fosse para o quarto. Ali, pelo menos, poderia tomar providências imediatas em caso de emergência.

Foi então que ouviu o ruído de passos e se sentou instintivamente, batendo com a cabeça na borda da escrivaninha... não com força suficiente para machucar-se, mas com força suficiente para dar um grito de dor e fazer uma careta.

— Janov? — perguntou em voz abafada, com os olhos

lacrimejando.

— Não. Sou eu, Bliss.

Trevize colocou uma das mãos no tampo da mesa para fazer contato com o computador e uma luz mortiça mostrou Bliss. A moça estava usando uma manta cor-de-rosa.

— O que foi? — perguntou Trevize.

— Procurei você no seu quarto, mas não o encontrei. Entretanto, não foi difícil localizá-lo pela atividade neurônica. Quando percebi que estava acordado, decidi entrar.

— Está bem, mas o que é que você quer?

A jovem se sentou com as costas apoiadas na parede e apoiou a cabeça nos joelhos levantados.

— Não se preocupe. Não pretendo acabar com o que resta da sua virgindade.

— Tenho certeza de que não — disse Trevize, em tom irônico. — Por que não está dormindo? Você precisa mais de sono do que eu.

— Acredite — disse Bliss, com voz sentida —, que o incidente com os cachorros foi muito cansativo para mim.

— Acredito.

— Eu tinha que falar com você enquanto Pel está dormindo.

— Falar sobre o quê?

— Quando ele lhe contou a respeito do robô, você afirmou que isso mudava tudo. O que queria dizer?

— É difícil de entender? Nós temos três conjuntos de coordenadas: três Mundos Proibidos. Quero visitar todos os três para descobrir o máximo possível a respeito da Terra antes de tentar chegar lá.

Aproximou-se da moça, para poder falar ainda mais baixo, mas mudou de ideia e recuou bruscamente.

— Escute, não quero que Janov apareça aqui à nossa procura. Não sei o que ele iria pensar.

— Não se preocupe. Pel está dormindo e tornei o sono dele ainda mais pesado. Além disso, se ele acordar, saberei imediatamente... Prossiga. Você quer visitar os três planetas. O que foi que mudou?

— Não pretendo passar mais tempo em um planeta que o estritamente necessário. Se este mundo, Aurora, não é habitado há quase vinte mil anos, é pouco provável que alguma informação útil tenha sobrevivido. Eu não estava disposto a passar semanas ou meses vagando na superfície de um planeta inóspito, defendendo-me de cachorros, gaios, touros e outros animais que possam ter revertido ao estado selvagem só com a esperança de encontrar um fragmento inteligível no meio do lixo secular. Pode ser que em um dos outros dois Mundos Proibidos haja seres humanos e bibliotecas intactas... Assim, estava disposto a deixar imediatamente este planeta. A esta

altura, podíamos estar no espaço...

— Mas... ?

— Mas, se ainda existem robôs funcionando neste mundo, podemos aprender muita coisa com eles. Será muito mais seguro lidar com eles do que com seres humanos, já que, pelo que sei, os robôs cumprem ordens sem pestanejar e são incapazes de fazer mal a um ser humano.

— Assim, você mudou de ideia e agora está disposto a passar algum tempo neste planeta procurando robôs.

— Ainda não cheguei a uma decisão, Bliss. A mim me parece impossível que um robô consiga durar vinte mil anos sem manutenção... mas já que você detectou sinais de atividade em um deles, é evidente que não posso confiar no meu bom senso quando se trata de robôs. Talvez sejam mais resistentes do que eu pensava, ou possuam uma capacidade limitada de automanutenção...

— Escute o que eu vou dizer, Trevize — interrompeu Bliss —, por favor, seja discreto.

— Discreto? — repetiu Trevize, surpreso, levantando a voz. — A quem não devo contar?

— Psiu! A Pel, é claro. Escute, você não precisa mudar os planos. Seu palpite estava certo. Não existe nenhum robô funcionando neste mundo. Não consegui detectar nenhum sinal de atividade neurônica.

— *A* não ser naquele robô. Se aquele robô estava funcionando, pode ser que outros...

— Não detectei nenhuma atividade naquele robô. Ele estava parado; estava parado *há muito tempo.*

— Mas você disse...

— Eu sei o que disse. Pel teve a impressão de que viu o robô mover-se e produzir ruídos. Pel é um romântico incurável. Passou a vida coletando informações, mas essa é a maneira mais difícil de alguém ficar famoso no mundo acadêmico. Pel adoraria ter uma descoberta importante a seu crédito. A descoberta do nome "Aurora" foi legítima e deixou-o mais feliz do que você pode imaginar. Ele queria desesperadamente encontrar mais alguma coisa.

— Está me dizendo que ele queria tanto fazer uma descoberta importante que se convenceu de que havia encontrado um robô ainda funcionando?

— O que ele encontrou foi um monte de ferrugem com tanta consciência quanto a pedra em que estava apoiado.

— Mas você confirmou a história dele.

— Não tive coragem de decepcioná-lo. Ele significa tanto para mim...

Trevize ficou olhando para a moça durante quase um minuto. Depois, disse:

— Você se incomodaria de explicar por *que* ele significa tanto para você? Quero saber. Quero mesmo saber. Para você, ele deve parecer um homem idoso e sem nenhum romantismo. É um Isolado e você sente desprezo pelos Isolados. Você é jovem e linda e deve haver outras partes de Gaia que têm os corpos de rapazes fortes e simpáticos. Com eles, você pode ter uma relação física capaz de levá-la ao auge do prazer. Então, o que foi que viu em Janov?

Bliss olhou para Trevize, muito séria.

— Você não o ama? Trevize franziu a testa e disse:

— Gosto muito dele. Acho que poderia dizer que o amo, de uma forma não sexual.

— Você não conhece Pel há muito tempo. Por que acha que o ama, dessa sua forma não sexual?

Quando Trevize deu por si, estava sorrindo.

— Ele é uma pessoa tão *diferente*... Acho sinceramente que nunca na vida pensou uma única vez em si mesmo. Pediram que viesse comigo e veio. Nenhuma objeção. Queria que fôssemos para Trantor, mas quando eu disse que preferia ir para Gaia, não discutiu. Agora, comigo nesta busca, embora saiba perfeitamente dos perigos que corremos. Tenho certeza de que se tivesse que sacrificar a vida por mim... ou por qualquer um... o faria sem pestanejar.

— E *você,* sacrificaria a vida por ele, Trevize?

— Acho que sim, se não tivesse tempo de pensar. Se tivesse tempo, hesitaria e talvez recuasse. Não sou tão *bom* quanto ele. Por isso mesmo, sinto esse impulso de protegê-lo e fazê-lo feliz. Não quero que a Galáxia o ensine a *não* ser bom. Está entendendo? E tenho que protegê-lo especialmente de *você.* Não suporto a ideia de vê-lo jogado fora quando você se cansar dele!

— Já desconfiava que você estivesse pensando alguma coisa desse tipo. Não percebe que eu vejo em Pel a mesma coisa que você, só que com muito mais clareza, já que posso ler diretamente os seus pensamentos? Já procedi alguma vez como se quisesse magoá-lo? Alimentaria a sua fantasia de encontrar um robô funcionando se não fosse por não suportar a ideia de vê-lo decepcionado? Trevize, estou muito acostumada ao que você chama de bondade, pois qualquer parte de Gaia está disposta a sacrificar-se pelo todo. Não conhecemos nem compreendemos outro tipo de atitude. Entretanto, não sacrificamos nada quando agimos assim, pois cada parte *é* o todo, embora seja difícil para você compreender isso. Com Pel é diferente...

Bliss não estava mais olhando para Trevize. Era como se estivesse falando para si mesma.

— Ele é um Isolado. Pel não é desprendido porque faz parte de um todo; é desprendido porque é desprendido. Está me entendendo? Ele tem tudo a perder e nada a ganhar, mas mesmo assim é como é.

Pel me deixa envergonhada de ser o que sou sem medo de perder, enquanto ele é o que é sem possibilidade de ganhar.

Olhou de novo para Trevize, muito séria.

— Sabe que eu conheço Pel muito melhor do que você? E que eu seria incapaz de magoá-lo?

— Bliss, há algumas horas atrás, você me disse: "Vamos ser amigos." Tudo o que eu repliquei foi: "Se você quiser." Eu estava de mau humor, porque estava pensando no sofrimento que você poderia causar a Janov. Agora é a minha vez de falar: Bliss, vamos ser amigos. Você pode continuar falando das virtudes da Galáxia Viva e eu posso continuar me recusando a aceitar seus argumentos, mas, mesmo assim, vamos ser amigos.

E estendeu a mão.

— Claro que sim, Trevize — disse a jovem, apertando-lhe a mão com força.

42

Trevize sorriu consigo mesmo. Era um sorriso apenas mental, pois os cantos da boca não se moveram.

Quando ele pedira ao computador para verificar se havia alguma estrela no ponto correspondente ao primeiro conjunto de coordena das, Pelorat e Bliss tinham observado atentamente e feito várias perguntas. Agora, ficavam no quarto e deixavam a tarefa inteiramente por sua conta.

De certa forma, era lisonjeiro, pois revelava que os dois tinham se convencido de que Trevize sabia o que estava fazendo e não precisava de supervisão ou de encorajamento. Na verdade, depois do primeiro episódio, Trevize tinha aprendido a confiar mais no computador e a deixar quase todas as operações por conta dele.

No ponto indicado pelo segundo conjunto de coordenadas havia outra estrela, que também não constava do mapa da Galáxia. Era mais luminosa que o sol do sistema de Aurora, o que tornava ainda mais estranho o fato de não estar registrada na memória do computador.

Trevize maravilhou-se com as peculiaridades da tradição. Séculos inteiros podiam ser relegados ao esquecimento. Civilizações podiam ser varridas das páginas da História. Entretanto, no meio desses séculos obscuros, legado de uma dessas civilizações, uma ou outra informação podia ser preservada sem distorções... como as coordenadas daqueles planetas.

O rapaz havia comentado a respeito com Pelorat e Pelorat lhe dissera que era exatamente isso o que tornava tão interessante e proveitoso o estudo de antigas lendas e mitos. "O segredo" — tinha dito Pelorat — "é descobrir quais as partes de uma lenda que

correspondem à verdade histórica. Isso não é nada fácil; diferentes mitologistas podem optar por partes diferentes, escolhendo, em geral, as que estão mais de acordo com suas teorias favoritas."

Fosse como fosse, a estrela estava bem no lugar onde as coordenadas de Deniador, atualizadas pelo computador, diziam que ela deveria estar. Naquele momento, Trevize seria capaz de apostar muito dinheiro no fato de que haveria uma estrela no local indicado pelo terceiro conjunto de coordenadas. E se houvesse, Trevize estava preparado para acreditar que a lenda também estava correta ao afirmar que havia cinquenta Mundos Proibidos (apesar do número redondo) e para imaginar onde estariam os outros quarenta e sete.

Havia um planeta habitável, um Mundo Proibido, em órbita em torno da estrela... o que não foi surpresa para Trevize. Ele colocou 1 *Estrela Distante* numa órbita conveniente.

A cobertura de nuvens era suficientemente rala para permitir uma vista razoável da superfície. Era um planeta muito úmido, como quase todos os mundos habitáveis. Havia um oceano tropical e dois oceanos polares. Em uma faixa de latitudes médias, havia um continente mais ou menos sinuoso que dava a volta ao planeta, com baias dos dois lados produzindo vários istmos bastante estreitos. Em outra faixa de latitudes médias, havia três grandes massas continentais, todas mais largas no sentido norte-sul que o continente mais comprido.

Trevize gostaria de entender o suficiente de meteorologia para poder prever, com base no que estava vendo, como seria o clima do planeta. Por um momento, brincou com a ideia de submeter o problema ao computador. Entretanto, tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Mais uma vez, o computador não havia detectado nenhum tipo de radiação artificial. Por outro lado, de acordo com o telescópio, não havia nenhuma região devastada ou mesmo desértica. O solo era coberto de vegetação; não havia vestígios de cidades do lado iluminado nem luzes no lado escuro.

Seria outro planeta habitado apenas por seres sem inteligência?

Trevize bateu na porta do outro quarto de dormir.

— Bliss? — chamou, enquanto batia de novo. Houve um barulho lá dentro e Bliss respondeu:

— O que é?

— Você pode vir aqui? Estou precisando de ajuda.

— Espere só um instante, enquanto dou um jeitinho na minha aparência.

Quando Bliss afinal apareceu, estava mais bonita do que nunca. Trevize sentiu uma ponta de irritação porque a moça o tinha feito esperar. Entretanto, como agora eram amigos, fez o que pôde para disfarçar.

— O que posso fazer por você, Trevize? — disse Bliss, com um sorriso.

Trevize apontou para a tela.

— Como pode ver, estamos em órbita em torno de um mundo que parece perfeitamente saudável, com plantas em abundância. Entretanto, não há luzes à noite nem qualquer radiação artificial. Escute, por favor, e verifique para mim se existe algum tipo de vida animal. Houve uma hora em que julguei ter visto uma manada de herbívoros, mas não tenho certeza.

Bliss "escutou" por alguns momentos. Pelo menos, seu rosto as sumiu expressão atenta. Afinal, disse:

— Oh, sim... é rico em vida animal.

— Mamíferos?

— Em quantidade.

— Humanos?

Bliss pareceu concentrar-se. Passou-se um minuto inteiro, depois mais um, até que ela declarou:

— É difícil dizer. De vez em quando, eu tinha a impressão de estar captando um sopro de inteligência suficientemente intenso para ser considerado humano. Mas era tão fraco e esporádico que, como no caso dos seus herbívoros, não tenho certeza. É como se...

A jovem parou para pensar e Trevize apressou-a com um "Como se o quê?"

— É como se fosse um tipo de inteligência a que não estou acostumada... Não consigo imaginar outra explicação a não ser...

O rosto de Bliss se contraiu enquanto ela "escutava" mais um pouco.

— A não ser o quê? — perguntou Trevize, ansioso.

— A não ser que sejam robôs — disse a moça afinal.

— Robôs!

— Robôs. E se estou conseguindo detectá-los, certamente poderia detectar seres humanos, também. Mas não há nenhum!

— Robôs! — repetiu Trevize, franzindo a testa.

— E pelo que posso julgar, são muito numerosos — acrescentou Bliss.

43

Quando soube da história, Pelorat exclamou "Robôs!" praticamente com a mesma entonação que Trevize. Depois, sorriu, meio sem graça.

— Você estava certo, Golan, e eu estava errado em duvidar de você.

— Quando foi que duvidou de mim?

— Acontece, meu amigo, que preferi não lhe contar as minhas dúvidas. No íntimo, achava que era um erro partirmos tão depressa de Aurora, onde havia boa probabilidade de encontrarmos um robô ainda funcionando. Agora compreendo que você sabia onde achar um número muito maior de robôs.

— Não é verdade, Janov. Eu não *sabia.* Foi apenas um palpite. Bliss me contou que, pelo que ela conseguiu verificar através das emissões mentais, os robôs parecem estar em bom estado. A mim me parece que os robôs não podem funcionar muito tempo sem a supervisão de seres humanos. No entanto, ainda não conseguimos localizar nenhum ser humano.

Pelorat olhou para a tela do telescópio.

— Este planeta é cheio de florestas, não é?

— É, sim. O resto são regiões cobertas de vegetação rasteira; praticamente não há desertos. Acontece, porém, que não encontramos nenhum vestígio de cidades e a única radiação que captamos é a radiação térmica.

— Então não existem seres humanos?

— Sei lá. Bliss está na cozinha, tentando concentrar-se. Defini arbitrariamente um meridiano de origem para o planeta, de modo que o computador conta com um sistema completo de latitudes e longitudes. Bliss está com um pequeno transmissor que aciona toda vez que encontra o que parece ser uma concentração incomum de atividade mental. O transmissor está ligado ao computador, que guarda na memória as coordenadas dos locais indicados. Vou deixar que ele escolha o lugar onde iremos pousar.

Pelorat parecia insatisfeito.

— Acha que devemos deixar a decisão por conta do computador?

— Por que não, Janov? É um computador muito competente. Além disso, não temos outra maneira melhor de escolher, temos?

Pelorat pareceu tranquilizar-se.

— Lembrei-me de uma coisa, Golan. Algumas lendas antigas falam de cubos que as pessoas usavam para tomar decisões.

— Como era isso?

— Cada face do cubo tinha uma opção diferente: sim, não, talvez, deixe para depois, etc. A pessoa jogava o cubo e seguia o conselho contido na face que caía para cima. Ou então fazia girar uma bolinha em uma roda com vários compartimentos, cada um com uma opção diferente, e seguia o conselho correspondente ao compartimento onde a bola caía. Alguns mitologistas acreditam que essas atividades representavam jogos de azar, e não de adivinhação, mas em minha opinião as duas coisas são muito parecidas.

— De certa forma — disse Trevize —, estamos jogando um jogo de azar ao escolhermos o local de aterrissagem.

Bliss entrou no aposento a tempo de ouvir o último comentário e emendou:

— Nada de jogos de azar. Depois de vários “talvez”, acabei encontrando um “sim”, e é para o “sim” que nós vamos.

— O que quer dizer com isso?

— Captei um pensamento humano. Sem sombra de dúvida.

44

Tinha chovido recentemente, pois a grama estava úmida. No céu, as nuvens se moviam rapidamente e estavam se dissipando.

O *Estrela Distante* pousou perto de um pequeno bosque. (O que viria a calhar se encontrassem cachorros selvagens, pensou Trevize, meio de brincadeira, meio a sério.). Estavam no meio do que parecia uma pastagem e durante a descida Trevize tinha visto o que pareciam pomares e plantações de cereais, além de, com toda a certeza, animais herbívoros.

Por outro lado, não havia nenhuma construção visível. Nada de artificial, se bem que a regularidade das árvores no pomar e as fronteiras nítidas que separavam os campos plantados fossem tão artificiais quanto teria sido uma estação receptora de microondas.

Poderia esse grau de artificialismo ter sido produzido por robôs? Sem a intervenção de seres humanos?

Trevize foi buscar o coldre. Dessa vez, fez questão de verificar se as duas armas estavam carregadas. Quando percebeu que Bliss estava olhando, interrompeu o que estava fazendo.

— Continue — disse a moça. — Não acho que serão necessárias, mas já pensei isso uma vez e estava enganada, não é mesmo?

— Quer uma arma para você, Janov? — perguntou Trevize. Pelorat estremeceu.

— Não, obrigado. Com você e suas defesas materiais e com Bliss e suas defesas mentais, eu me sinto perfeitamente seguro. Talvez seja covardia minha recorrer à proteção de vocês, mas não posso me sentir envergonhado quando estou tão grato por não precisar recorrer à força.

— Compreendo — disse Trevize. — Só lhe peço que não vá a lugar nenhum sozinho. Se Bliss e eu nos separarmos, fique com um de nós.

— Fique tranquilo, Trevize — disse Bliss. — Eu cuidarei dele.

Trevize foi o primeiro a saltar da nave. O vento era um pouquinho frio, mas agradável. Provavelmente tinha sido quente e úmido antes da chuva.

O rapaz respirou fundo e teve uma surpresa. O odor do planeta era delicioso. Cada planeta tinha um cheiro diferente, um cheiro

sempre estranho e em geral desagradável... talvez apenas porque era estranho. Por acaso um cheiro estranho não podia ser agradável? Ou seria uma coincidência de desembarcarem pouco depois da chuva, em uma certa estação do ano? Fosse como fosse...

— Venham — chamou. — Está muito agradável aqui fora. Pelorat saiu da nave e disse:

— Agradável é a palavra certa. Será que o planeta tem sempre Um cheiro tão bom?

— Não importa. Daqui a uma hora, vamos estar acostumados ao aroma, nossos receptores nasais estarão saturados e não sentiremos mais cheiro algum.

— Que pena! — exclamou Pelorat.

— A grama está molhada — observou Bliss, com reprovação na voz.

— Por que não? Afinal de contas, em Gaia também chove — disse Trevize. Enquanto falava, um raio de sol surgiu no meio das nuvens. Logo haveria outros.

— É verdade — disse Bliss. — Mas quando chove, estamos preparados.

— Pior para vocês. As coisas inesperadas têm muito mais graça.

— Tem razão. Vou procurar ser menos provinciana. Pelorat olhou em torno e disse, em tom desapontado:

— Não estou vendo nada.

— Estão atrás daquela lombada — explicou Bliss. A moça se voltou para Trevize. — Acha que devemos ir ao encontro deles?

Trevize sacudiu a cabeça.

— Não. Viajamos muitos anos-luz para encontrá-los. Deixe-os percorrer os poucos metros que faltam. Vamos esperar aqui mesmo.

Bliss era a única que podia acompanhar o progresso deles até que, na direção para onde estava apontando, um vulto surgiu na crista da lombada, logo seguido por mais dois.

— Acho que no momento são só esses — disse a moça.

Trevize observou-os com curiosidade. Embora jamais tivesse visto um robô, não tinha a mínima dúvida quanto à identidade dos recém-chegados. Tinham a forma de seres humanos estilizados, mas não a aparência metálica comumente associada a homens mecânicos. A superfície dos robôs era fosca e parecia macia, como se estivesse coberta de pelúcia.

Como o rapaz sabia que a maciez era ilusória? Sentiu uma vontade súbita de apalpar aquelas figuras que se aproximavam com tanta segurança. Se fosse verdade que aquele era um Mundo Proibido, do qual as espaçonaves nunca se aproximavam (e devia ser verdade, pois a estrela do sistema não constava do mapa da Galáxia), então o *Estrela Distante* e sua tripulação deviam representar uma experiência

totalmente nova para os robôs. Mesmo assim, estavam reagindo com toda a tranquilidade, como se estivessem executando um exercício de rotina. Trevize disse, em voz baixa:

— Esses robôs podem nos fornecer informações preciosas. Podemos perguntar a eles qual a localização da Terra em relação a este planeta; se souberem, terão que nos dizer. Quem sabe há quanto tempo essas máquinas existem? Podem ter vinte mil anos de memórias. Pensem nisso.

— Por outro lado — argumentou Bliss —, podem ter sido construídos recentemente e não saber de nada.

— Ou podem saber, mas se recusarem a nos contar — sugeriu Pelorat.

— Acho que não podem deixar de nos responder, a menos que tenham ordens estritas nesse sentido — disse Trevize. — E quem daria esse tipo de ordem, quando seguramente ninguém neste planeta esperava a nossa chegada?

Quando chegaram a três metros de distância, os robôs pararam. Não disseram nada nem fizeram mais nenhum movimento.

Trevize, com a mão no desintegrador, disse para Bliss, sem tirar os olhos dos robôs:

— Você pode saber se são hostis?

— Não tenho nenhuma experiência com os processos mentais deles, Trevize, mas até onde posso perceber, não consegui detectar nenhum sinal de hostilidade.

Trevize tirou a mão direita da coronha da arma, mas a manteve próxima. Levantou a mão esquerda, com a palma voltada para os robôs, no que esperava que fosse reconhecido como um gesto de paz, e disse, falando bem devagar:

— Saudações. Viemos a este mundo como amigos. O robô que estava no meio balançou levemente a cabeça no que um otimista poderia interpretar também como um gesto de paz e respondeu.

Trevize ficou de boca aberta. Aquela possibilidade não lhe havia ocorrido. O robô não estava falando em galáctico padrão ou em qualquer outra língua conhecida. Na verdade, Trevize não conseguiu compreender uma única palavra.

45

A surpresa de Pelorat foi tão grande quanto a de Trevize,. mas seu rosto assumiu um ar de satisfação.

— Não é estranho? — observou.

Trevize voltou-se para ele e disse, com certa aspereza na voz:

— Estranho, não. É incompreensível.

— Não exagere — disse Pelorat. — Ele está falando um dialeto

arcaico de galáctico. Consigo entender algumas palavras. Provavelmente, conseguiria compreender perfeitamente o que ele está dizendo, se estivesse escrito. O problema é a pronúncia...

— Então o que foi que ele disse?

— Acho que disse que não compreendeu o que você disse. Bliss interveio:

— Não sei o que ele disse, mas posso sentir que está surpreso, o que combina com a sua interpretação. Isso se posso confiar em minha análise das emoções de um robô... se é que um robô tem emoções.

Falando bem devagar e com muito esforço, Pelorat disse alguma coisa que fez os três robôs sacudirem a cabeça em uníssono.

— O que foi que você disse? — perguntou Trevize.

— Disse que não sabia falar muito bem a língua deles, mas estava disposto a tentar. Pedi que tivessem paciência. Golan, meu velho amigo, isto é extremamente interessante!

— Para mim, é uma grande decepção — resmungou Trevize.

— Na verdade — disse Pelorat —, cada planeta habitável da Galáxia tem seu dialeto próprio do idioma galáctico, de modo que existem milhões de dialetos, alguns dos quais quase incompreensíveis para homens de outros planetas. Entretanto, depois da adoção do galáctico padrão, todos os dialetos tendem a evoluir mais ou menos da mesma forma. Se este planeta esteve isolado do resto da Galáxia durante vinte mil anos, seu dialeto deveria ter divergido tanto que a esta altura teria que ser uma língua totalmente diferente. O fato de que não é sugere que o planeta tem um sistema social baseado em robôs, que podem compreender apenas a língua para a qual foram programados. Assim, a língua não evoluiu nada e o que temos agora é simplesmente um dialeto muito antigo do idioma galáctico.

— Eis um exemplo de como a robotização de uma sociedade pode impedir o seu progresso e fazê-la degenerar — disse Trevize.

— Meu caro amigo — protestou Pelorat —, manter uma língua intocada durante muitos séculos não é necessariamente um sinal de degeneração. Existem muitas vantagens. Documentos antigos podem ser lidos à vontade e emprestam autenticidade aos registros históricos. No resto da Galáxia, a linguagem empregada nos decretos imperiais do tempo de Hari Seldon já começa a parecer pouco natural.

— E você conhece esse galáctico arcaico?

— Não posso dizer que *conheço,* Golan, mas de tanto estudar mitos e lendas antigas acostumei-me com certas peculiaridades do galáctico arcaico. O vocabulário não é muito diferente, mas certas palavras são usadas com outro significado. Além disso, existem muitas expressões idiomáticas que já caíram em desuso e, como já disse, a pronúncia mudou totalmente. Posso funcionar como intérprete, mas um intérprete bastante medíocre.

Trevize suspirou fundo.

— Isso é melhor que nada. Prossiga, Janov.

Pelorat voltou-se para os robôs, pensou um pouco e depois olhou para Trevize.

— O que devo dizer a eles?

— Vá direto ao assunto. Pergunte a eles onde fica a Terra. Pelorat fez a pergunta destacando bem as palavras e acompanhando o que dizia com gestos exagerados.

Os robôs se entreolharam e fizeram alguns ruídos. Depois, o do meio disse alguma coisa para Pelorat, que replicou abrindo os braços como se estivesse esticando uma tira de elástico. O robô acrescentou alguma coisa, falando tão pausadamente quanto Perolat havia sugerido.

Pelorat disse para Trevize:

— Não sei se entenderam o que significa "Terra". Acho que pensam que estou falando de uma região qualquer deste planeta e insistem em dizer que não conhecem nenhuma região com esse nome.

— Sabe como eles chamam este planeta, Janov?

— Pelo que entendi, o nome deste planeta é Solaria.

— Conhece alguma lenda que mencione esse nome?

— Não... mas também nunca tinha ouvido falar de Aurora.

— Pergunte então para eles se existe algum lugar chamado Terra no céu... entre as estrelas. Aponte para cima.

Houve nova troca de palavras e depois Pelorat explicou:

— Tudo o que consegui deles, Golan, foi a informação de que não existem lugares no céu.

Bliss sugeriu:

— Pergunte a esses robôs quantos anos eles têm... ou por outra, há quanto tempo foram construídos.

— Não sei como dizer "construídos" — disse Pelorat, sacudindo a cabeça. — Acho que também não sei dizer "quantos anos". Como já disse, sou um intérprete *medíocre*.

— Faça o melhor que puder, Pel querido — disse Bliss. Depois de conversar mais um pouco com os robôs, Pelorat declarou:

— Eles foram construídos há 26 anos.

— Vinte e seis anos — murmurou Trevize, desapontado. — São pouco mais velhos que você, Bliss.

Bliss retrucou, ofendida:

— Acontece que...

— Eu sei. Você é Gaia, que tem milhares de anos de idade... Seja como for, esses robôs não têm idade suficiente para conhecer coisa alguma de primeira mão a respeito da Terra, e seus bancos de memória provavelmente não incluem informações supérfluas. Assim, por exemplo, não sabem nada a respeito de astronomia.

— Pode haver outros robôs no planeta que sejam bem mais antigos — sugeriu Pelorat.

— Duvido muito — disse Trevize. — Em todo caso, pergunte a eles, Janov... se conseguir encontrar as palavras certas.

Pelorat passou muito mais tempo falando com os robôs do que das vezes anteriores. Finalmente, interrompeu a conversa, com o rosto afogueado e um nítido ar de frustração.

— Golan — explicou —, não compreendi parte do que tentaram me dizer, mas parece que os robôs mais velhos são usados para trabalhos mais pesados e não sabem de nada. Se esse robô fosse um homem, eu diria que sente desprezo pelos robôs mais velhos. Esses três são robôs domésticos, dizem eles, que são substituídos antes de ficarem velhos. São eles que realmente sabem das coisas... afirmação deles, não minha.

— Não sabem muita coisa — observou Trevize, de mau humor.

— Pelo menos, não sabem o que nos interessa.

— Agora estou achando que não devíamos ter saído de Aurora — disse Pelorat. — Se encontrássemos um robô funcionando, o que seria bastante provável, já que logo o primeiro que vimos não estava totalmente parado, poderíamos perguntar a ele a localização da Terra e ele seria suficientemente velho para responder.

— Não sabemos quanto tempo dura a memória de um robô, Janov — fez Trevize. — Se for necessário, voltaremos a Aurora, mesmo que seja preciso enfrentar aqueles cachorros. Acontece que se esses robôs têm pouco mais de duas décadas, alguém os fabricou recentemente, e esses fabricantes devem ser humanos.

Voltou-se para Bliss.

— Você *tem certeza* de que captou... A moça levantou a mão para fazê-lo calar e disse, em voz baixa:

— Ele está chegando agora.

Trevize olhou para a lombada e viu aparecer o vulto inconfundível de um ser humano. Tinha pele clara e cabelos louros e compridos. O rosto era sério, mas de aparência muito jovem. Os braços e pernas não eram particularmente musculosos.

Os robôs abriram caminho para deixá-lo passar, e ele avançou até ficar no meio deles. Então falou, com uma voz muito melodiosa. As palavras, embora pronunciadas com sotaque desconhecido, eram de galáctico padrão e fáceis de entender.

— Saudações, visitantes do espaço. O que desejam dos meus robôs?

46

Trevize não tentou impressionar o desconhecido. Perguntou, sem

necessidade:

— Você fala galáctico?

— E por que não, já que não sou mudo? — respondeu o solariano, com um sorriso irônico.

— E eles? — Trevize apontou para os robôs.

— São robôs. Falam a língua do planeta, como eu. Mas eu sou solariano e escuto as transmissões hiperespaciais de outros mundos, de modo que aprendi a maneira de vocês falarem, como meus antecessores. Meus antecessores deixaram descrições da língua que vocês falam, mas estou sempre ouvindo novas palavras e expressões, como se vocês Colonizadores tivessem aprendido a dominar os mundos, mas não as palavras. Por que ficou surpreso quando descobriu que eu falava sua língua?

— Não devia ter ficado — disse Trevize. — Peço desculpas. Depois que ouvi os robôs, fiquei com a impressão de que não se falava galáctico neste planeta.

Observou o solariano. Estava usando um manto branco, de tecido fino, que pendia frouxamente dos ombros, com grandes aberturas para os braços. Era aberto na frente, expondo um peito nu e uma tanga mais abaixo. Um par de sandálias leves completava o traje.

Ocorreu a Trevize que era impossível dizer se o solariano era homem ou mulher. O peito era liso como o de um homem, mas não tinha pelos; a tanga não revelava nenhuma saliência.

O rapaz se voltou para Bliss e disse, em voz baixa:

— Pode ser outro robô, mas um robô muito... Bliss sussurrou:

— A atividade mental é de um ser humano. O solariano disse:

— Vocês não responderam à minha pergunta inicial. Vou desculpá-los porque foram pegos de surpresa. Perguntarei de novo e espero que não falhem pela segunda vez. O que desejam dos meus robôs?

Trevize respondeu:

— Somos viajantes e precisamos de informações para chegarmos ao nosso destino. Consultamos os robôs, mas eles não puderam nos ajudar.

— O que querem saber?

— Estamos indo para a Terra. Sabe onde fica? O solariano franziu a testa.

— Pensei que o seu primeiro objeto de curiosidade fosse a minha pessoa. Vou apresentar-me. Meu nome é Sarton Bander e estão em minha propriedade, que se estende até onde a vista pode alcançar e muito além. Não posso dizer que são bem-vindos, pois, ao pousarem aqui, desafiaram uma tradição. São os primeiros Colonizadores a pisarem no planeta em muitos milhares de anos e, ao que parece, vieram aqui simplesmente para se informar quanto ao melhor meio de

chegar a outro planeta. Nos velhos tempos, Colonizadores, vocês e sua nave teriam sido imediatamente destruídos.

— Seria uma forma injusta de tratar pessoas que vieram em paz — disse Trevize, cautelosamente.

— Concordo, mas quando os membros de uma raça em expansão se encontram com uma sociedade estática e indefesa, o simples contato pode ser perigoso. Enquanto temíamos esse contato, não permitíamos que nenhum forasteiro desembarcasse neste planeta. Agora, que não temos mais nada a temer, estamos, como veem, dispostos a conversar.

— Aprecio as informações que nos ofereceu espontaneamente — disse Trevize —, mas não respondeu à minha pergunta. Vou repeti-la. Sabe onde fica o planeta Terra?

— Quando fala em Terra, suponho que esteja se referindo ao mundo no qual se originou o homem, além de todas as espécies de plantas e animais.

Fez um gesto gracioso, indicando tudo que os cercava.

— Sim senhor.

O rosto do solariano adquiriu uma estranha expressão de repugnância. Ele disse:

— Por favor, chame-me apenas de Bander. Não use nenhuma palavra que tenha uma conotação de sexo. Não sou homem nem mulher. Sou *completo*.

Trevize assentiu (suas dúvidas tinham razão de ser, pensou).

— Como quiser, Bander. Pode nos dizer, então, onde fica a Terra, o mundo de origem de todos nós?

— Não sei. Não estou interessado em saber. Mesmo que soubesse, ou que pudesse descobrir, não adiantaria nada para vocês, pois a Terra não existe mais como mundo. Ah... — prosseguiu Bander, espreguiçando-se — … como é bom sentir o calor do sol. Não é sempre que venho à superfície; faço questão de que o sol esteja de fora. Quando mandei meus robôs ao encontro de vocês, o sol estava escondido atrás das nuvens. Só saí quando as nuvens se dissiparam.

— Por que a Terra não existe mais como mundo? — insistiu Trevize, lembrando-se da lenda a respeito da radioatividade da Terra.

Bander, porém, ignorou a pergunta, ou por outra, colocou-a de lado sem a menor cerimônia.

— É uma história comprida. Você me disse que vieram em paz.

— Isso mesmo.

— Então por que está armado?

— É apenas por precaução. Não sabia o que iria encontrar.

— Não importa. Suas armas não representam perigo para mim. Entretanto, estou curioso. Naturalmente, conheço alguma coisa a respeito das armas que usam e da história curiosamente bárbara de

sua raça, na qual as armas parecem desempenhar um papel tão importante. Mesmo assim, tive a oportunidade de examinar uma arma de perto. Posso ver a sua?

Trevize recuou um passo.

— Sinto muito, Bander. Bander pareceu achar graça.

— Perguntei apenas para ser educado. Não tinha necessidade de pedir.

Estendeu a mão e o desintegrador emergiu do coldre direito de Trevize, enquanto o chicote neurônico saía do coldre esquerdo. Trevize tentou segurar as armas, mas os braços se recusaram a obedecer-lhe, como se estivessem amarrados com uma tira de borracha. Pelorat e Bliss não conseguiram sair de onde estavam.

— Não tentem interferir. Vocês não podem — disse Bander. As armas voaram para suas mãos e ele as examinou com interesse.

— Esta aqui — disse, mostrando o desintegrador — gera um feixe de microondas que produz calor, vaporizando os fluidos de um corpo e fazendo-o explodir. A outra é mais sutil; teria que estudá-la com mais profundidade para compreender como funciona. De qualquer forma, já que vieram em paz, não precisam de armas. Assim, estou descarregando as fontes de energia das duas armas. Isso as torna inofensivas, a não ser que pretenda usá-las como tacapes, o que seria uma grande tolice.

O solariano largou as armas e elas flutuaram novamente no ar. Cada uma voltou para o seu coldre.

Trevize, percebendo que era novamente senhor dos seus movimentos, sacou o desintegrador e constatou que a fonte de energia estava totalmente descarregada. O mesmo havia acontecido com o chicote neurônico.

Olhou para Bander, que disse, sorrindo:

— Vocês estão inteiramente nas minhas mãos, forasteiros. Da mesma forma como descarreguei essas armas, poderia ter destruído vocês e a sua nave.

Capítulo 11
No Subsolo

47

Trevize estava atônito. Olhou para Bliss, procurando respirar normalmente.

A moça tinha passado o braço na cintura de Pelorat, num gesto protetor, e parecia muito calma. Sorriu levemente e fez um movimento ainda mais discreto com a cabeça.

Trevize olhou de volta para Bander. Tendo interpretado a atitude de Bliss como tranquilizadora e rezando aos céus para que a interpretação estivesse correta, perguntou para o solariano:

— Como foi que fez isso, Bander? Bander sorriu, satisfeito.

— Digam-me, pequenos forasteiros, acreditam em bruxaria?

— Não, não acreditamos, pequeno solariano — respondeu Trevize.

Bliss puxou Trevize pela manga da camisa e sussurrou ao seu ouvido:

— Não o provoque. Ele é perigoso.

— Já percebi — disse Trevize, controlando-se para não levantar o tom de voz. — Faça alguma coisa!

— Ainda não — cochichou Bliss. — Quero que ele se sinta seguro. Bander não prestou atenção ao curto diálogo. Afastou-se dos forasteiros. Os robôs abriram caminho para ele passar.

O solariano olhou para trás e dobrou o dedo languidamente.

— Venham. Sigam-me. Todos os três. Vou contar-lhes uma história que talvez não interesse a vocês, mas que interessa muito a mim.

Continuou a caminhar, sem pressa.

Trevize ficou por alguns momentos onde estava, sem saber o que lazer. Bliss, entretanto, deu um passo à frente, puxando Pelorat consigo. Afinal, Trevize os acompanhou; a alternativa era ficar para trás, na companhia dos robôs.

Bliss disse, em tom despreocupado:

— Se Bander quiser nos contar a história que talvez não nos interesse...

Bander voltou a cabeça e olhou para Bliss como se estivesse vendo a moça pela primeira vez.

— Você é a meio-humana feminina, não é? A metade inferior?

— A metade menor, Bander. Sou, sim.

— Esses dois são meio-humanos masculinos, então?

— Isso mesmo.

— Você já teve o seu filho, feminina?

— Bander, meu nome é Bliss. Ainda não tive nenhum filho. Este aqui é Trevize. Este é Pel.

— Qual desses dois masculinos vai ajudá-la quando chegar a hora? Ou serão os dois? Ou nenhum?

— Pel vai me ajudar, Bander. Bander voltou-se para Pelorat.

— Estou vendo que tem cabelos brancos.

— É verdade — disse Pelorat.

— Eles sempre foram assim?

— Não, Bander, ficaram assim com a idade.

— Quantos anos você tem?

— Cinquenta e dois, Bander — respondeu Pelorat. — Cinquenta e dois anos galácticos.

Bander continuou a caminhar (em direção à mansão distante, imaginou Trevize), mas mais devagar. Ele disse:

— Não sei quanto é um ano galáctico, mas não deve ser muito diferente do nosso. Com quantos anos você vai morrer, Pel?

— Não sei. Pode ser que eu viva mais uns trinta anos.

— Oitenta e dois anos, então. Vivem muito pouco e são apenas metade humanos. É incrível pensar que meus antepassados distantes eram como vocês e viviam na Terra... até que alguns deles deixaram a Terra e fundaram outros mundos, mundos maravilhosos, mundos organizados, uma infinidade deles.

— Infinidade, não — protestou Trevize, em voz alta. — Apenas cinquenta.

Bander olhou com desprezo para Trevize. Já não parecia tão bem humorado.

— Trevize. Você se chama Trevize.

— Meu nome completo é Golan Trevize. Eu disse que os Espaciais só colonizaram cinquenta planetas. *Nossos* mundos são milhões e milhões!

— Então já conhece a história que eu ia contar? — perguntou Bander.

— Se é a história de que os Espaciais colonizaram cinquenta planetas, nós já a conhecemos.

— Não são os números que importam, pequeno meio-humano, mas a qualidade. Eram cinquenta, sim, mas que valiam mais que todos os seus milhões. E Solaria foi o quinquagésimo, e, portanto, o melhor. Solaria estava tão acima dos outros mundos dos Espaciais quanto os mundos dos Espaciais estavam acima da Terra.

“Fomos nós, de Solaria, que aprendemos como a vida devia ser vivida”. Não nos juntamos em bandos, como animais, da forma como se fazia na Terra ou mesmo nos outros planetas dos Espaciais. Não,

vivíamos sozinhos, com robôs para nos ajudar, em contato eletrônico com os outros habitantes, mas raramente havia a oportunidade para um contato físico. Faz muitos anos que não me aproximo de seres humanos tanto quanto me aproximei de vocês. Entretanto, como são apenas metade humanos, sua presença não me incomoda mais que a de uma vaca, digamos, ou a de um robô.

"Acontece que no passado também éramos meio-humanos". Por mais que aperfeiçoássemos nossa liberdade, por mais que nos cercássemos de robôs capazes de atender a todas as nossas necessidades, nossa liberdade nunca era absoluta. Para reproduzir a espécie, era necessária a colaboração de dois indivíduos. Naturalmente, seria possível recolher óvulos e esperma e realizar a fecundação e o desenvolvimento do embrião em ambiente artificial. As crianças poderiam perfeitamente ser criadas por robôs. Tudo isso seria viável, mas os meio-humanos se recusavam a abrir mão do prazer associado à fecundação biológica. Em consequência, desenvolviam-se ligações anormais entre meio-humanos masculinos e femininos, o que punha em risco a nossa liberdade. Não compreendem que isso tinha que mudar?

— Não, Bander, porque o nosso conceito de liberdade é diferente do seu — observou Trevize.

— Isso é porque não conhecem a verdadeira liberdade. Passaram a vida em grupos, sendo constantemente forçados, até mesmo nas pequenas coisas, a ceder à vontade de outros, ou, o que é igualmente desprezível, a lutar para impor aos outros a sua vontade. Desse jeito, como pode haver liberdade? A liberdade consiste em viver como se quer! Exatamente como se quer!

"Então chegou a época em que o povo da Terra começou mais uma vez a migrar para o espaço". Os outros Espaciais tentaram compelir com eles. Nós, não. Mudamo-nos para o subsolo e rompemos todos os contatos com o resto da Galáxia. Estávamos decididos a proteger nossa liberdade, custasse o que custasse. Construímos robôs e sistemas de armas para proteger a superfície do planeta, e eles executaram a tarefa de forma admirável. Naves chegaram e foram destruídas, até que pararam de chegar. O planeta foi considerado deserto e todos se esqueceram dele.

"Enquanto isso, no subsolo, trabalhávamos para resolver nossos problemas". Começamos a manipular nossos genes. Muitas experiências fracassaram, mas algumas deram certo. Levamos muitos séculos, mas afinal nos tornamos seres humanos completos, combinando os princípios masculino e feminino em um só corpo, capaz de atender plenamente às próprias necessidades de prazer e de produzir, no momento próprio, óvulos fertilizados para serem criados pelos robôs.

— São hermafroditas — observou Pelorat.

— É assim que nos chamam na língua de vocês? — perguntou Bander, com indiferença. — Nunca tinha ouvido essa palavra antes.

— O hermafroditismo é um golpe mortal para a evolução — disse Trevize. — O filho passa a ser geneticamente idêntico ao pai.

— Não seja tolo — disse Bander. — Está falando como se a evolução só pudesse acontecer por tentativa e erro. Sabemos como mudar e aperfeiçoar os nossos genes e é o que fazemos, ocasionalmente... Mas já estamos quase chegando na minha casa. Vamos entrar. Está ficando tarde e daqui a pouco vai esfriar. Estaremos mais à vontade dentro de casa.

Passaram por uma porta que não tinha nenhum tipo de fechadura, mas que se abriu quando se aproximaram e se fechou depois que haviam passado. Não havia janelas, mas quando entraram em uma sala espaçosa, as paredes começaram a brilhar. O chão parecia nu, mas era macio e flexível. Em cada um dos quatro cantos da sala havia um robô, imóvel.

— Aquela parede — disse Bander, apontando para a parede em frente à porta, que não parecia diferente das outras — é a minha tela para o exterior. O mundo se abre para mim através dessa tela, mas isso de forma alguma limita a minha liberdade, pois não sou obrigado a usá-la.

— Nem pode obrigar outra pessoa se quiser vê-la através dessa tela e a pessoa não concordar — quis saber Trevize.

— Obrigar outra pessoa? Isso jamais me passaria pela cabeça — disse Bander, com arrogância.

Havia uma cadeira na sala, em frente à parede que servia de tela, e Bander sentou-se.

Trevize olhou em torno, como se esperasse que outras cadeiras se materializassem do ar.

— Podemos nos sentar também? — perguntou.

— Se quiserem — respondeu Bander.

Bliss sentou-se no chão, sorrindo. Pelorat sentou-se ao lado da moça. Trevize continuou teimosamente de pé. Bliss perguntou:

— Bander, quantos seres humanos vivem neste planeta?

— Diga solarianos, Bliss. A expressão “seres humanos” está contaminada pelo fato de que os meio-humanos se consideram seres humanos. Poderíamos nos referir a nós mesmos como “humanos completos”, mas preferimos ser chamados apenas de solarianos.

— Está bem. Quantos solarianos vivem neste planeta?

— Não sei ao certo. Talvez uns mil e duzentos.

— Apenas mil e duzentos em todo o planeta?

— Tenho que lembrar a você que não é a quantidade que conta, mas a qualidade... Também não entende o que é a verdadeira

liberdade. Se existe outro solariano para contestar minha soberania absoluta em relação a qualquer parte de minhas terras, em relação a qualquer robô ou outro objeto de minha propriedade, então minha liberdade não é completa. Para que minha liberdade seja total, é preciso que os outros solarianos estejam tão afastados de mim que um contato físico seja extremamente improvável. Para que isso seja possível, a população de Solaria não deve ultrapassar cerca de mil e duzentos habitantes. Se a população ultrapassasse esse limite, nossa vida se tornaria insuportável.

— Isso quer dizer que os nascimentos devem ser planejados, de modo a compensar as mortes — disse Pelorat, de repente.

— Claro que sim. Isso acontece em qualquer planeta com uma população estável... até mesmo no de vocês, suponho.

— E como vocês têm poucos falecimentos, também nascem poucas crianças.

— É verdade.

Pelorat fez que sim com a cabeça e não disse mais nada. Trevize disse:

— Quero saber como você fez minhas armas flutuarem no ar.

— Já propus uma explicação: bruxaria. Recusa-se a aceitá-la?

— Claro que me recuso! Por quem me toma?

— Será, então, que acredita nas leis de conservação de energia e de maximização da entropia?

— Acredito. Acredito também que nem em vinte mil anos vocês poderiam abolir essas leis ou modificá-las um milímetro que fosse.

— E tem razão, meio-humano. Mas acompanhe o meu raciocínio. Lá fora, temos a luz do sol. — O solariano fez um gesto gracioso para mostrar que o sol banhava toda a superfície do planeta. — Aqui dentro, estamos na sombra. É mais quente no sol do que na sombra e o calor passa espontaneamente das regiões iluminadas para as que estão na sombra.

— Tudo isso eu já sei — observou Trevize.

— Deixe-me continuar. À noite, a superfície de Solaria é mais quente que os objetos que estão além da atmosfera, de modo que o calor da superfície é irradiado para o espaço.

— Sei disso, também.

— E de dia ou de noite, o interior do planeta é mais quente que a superfície. Assim, o calor passa espontaneamente do interior para a superfície. Imagino que saiba disso, também.

— E daí, Bander?

— O fluxo de calor dos corpos mais quentes para os mais frios, que deve ocorrer de acordo com a segunda lei da termodinâmica, pode ser aproveitado para realizar trabalho.

— Teoricamente, sim, mas a luz do sol é diluída, o calor da

superfície do planeta é ainda mais diluído e a velocidade com que o calor escapa do interior do planeta torna essa fonte ainda mais diluída. A potência que você pode extrair não seria suficiente para mover uma pedra.

— Isso depende do aparelho usado para aproveitar essa energia — disse Bander. — O nosso levou milhares de anos para ser aperfeiçoado e é nada menos que uma parte do nosso cérebro.

Bander levantou o cabelo dos dois lados da cabeça, revelando a parte do crânio atrás das orelhas. Virou a cabeça para lá e para cá e Trevize pôde ver, atrás das orelhas, duas protuberâncias do tamanho e forma da extremidade mais achatada de um ovo de galinha.

— Esta parte do cérebro é que me faz diferente de vocês — disse o solariano.

48

Trevize olhou de soslaio para Bliss, que parecia inteiramente concentrada no que Bander dizia. O rapaz achava que sabia o que estava acontecendo.

Bander, apesar do seu amor pela liberdade, não pudera resistir àquela oportunidade única. Não podia conversar de igual para igual com os robôs, e muito menos com os animais. Conversar com os outros solarianos seria desagradável, além de representar uma intromissão na liberdade alheia.

Quanto a Trevize, Bliss e Pelorat, para Bander eram apenas parcialmente humanos e tinham tanto direito à liberdade quanto um robô ou uma vaca. Por outro lado, eram intelectualmente seus iguais (ou quase isso) e portanto conversar com eles constituía uma experiência rara.

Não admira, pensou Trevize, que esteja se divertindo tanto. E Bliss certamente estava encorajando essa atitude, pensou o rapaz. Provavelmente a moça estava partindo da suposição de que se Bander falasse bastante, talvez revelasse alguma coisa de útil a respeito da Terra. Trevize concordava com a ideia, de modo que, embora não estivesse muito interessado nas explicações do solariano, procurou manter a conversação acesa.

— Qual é a função desses lobos cerebrais? — perguntou.

— São transdutores — respondeu Bander. — São ativados pelo calor e transformam diretamente o calor em energia mecânica.

— Não posso acreditar. A energia térmica é insuficiente.

— Pequeno meio-humano, você não pensa. Se houvesse muitos solarianos vivendo juntos, todos tentando usar a energia térmica, aí sim, o suprimento seria insuficiente. Acontece que tenho mais de quarenta mil quilômetros quadrados que são meus, unicamente meus.

Posso recolher o calor de todos esses quilômetros quadrados e usá-los apenas para mim. Está entendendo?

— É tão fácil recolher o calor em uma grande região? O simples ato de concentrar-se representa um certo consumo de energia.

— Talvez, mas não tenho consciência disso. Meus lobos transdutores estão continuamente concentrando a energia térmica, de modo que posso usar essa energia na hora que quiser. Quando fiz suas armas flutuarem no ar, um certo volume da superfície iluminada pelo sol perdeu uma parte do seu excesso de calor em relação à outra parte da superfície que estava na sombra, de modo que, em última análise, usei a energia solar para fazer as armas se moverem. Só que, em vez de captar e utilizar essa energia através de um dispositivo mecânico ou eletrônico, fiz uso de um dispositivo neurônico. — Bander deu um tapinha em um dos lobos transdutores. — Ele trabalha com rapidez e eficiência... e sem nenhum esforço.

— É incrível — murmurou Pelorat.

— Não, não é incrível — protestou Bander. — Pense na sensibilidade do olho e do ouvido, na forma como conseguem transformar em informação quantidades diminutas de luz e de som. Pareceria incrível, se não estivesse familiarizado com eles. A mesma coisa acontece com os lobos temporais. Para nós, são um órgão como outro qualquer.

— E o que é que vocês fazem normalmente com esse órgão? — quis saber Trevize.

— Fazemos nosso mundo funcionar — respondeu Bander. — Todos os meus robôs são alimentados por mim... ou por outra, são alimentados pela energia solar, por meu intermédio. Quando um robô ordenha uma vaca ou derruba uma árvore, a energia que consome é reposta por transdução mental.

— E quando você está dormindo.

— Os lobos transdutores funcionam o tempo todo, pequeno meio-humano. Por acaso você não respira enquanto está dormindo? Seu cotação para de bater? À noite, o interior de Solaria esfria um pouquinho para que os meus robôs possam continuar funcionando. A mudança é extremamente pequena em termos relativos e somos apenas mil e duzentos, de modo que toda a energia que usamos não é suficiente para esfriar apreciavelmente o núcleo do planeta.

— Já lhe ocorreu que esse órgão poderia ser usado como arma? Bander olhou para Trevize como se estivesse dizendo um absurdo.

— Está insinuando que Solaria poderia enfrentar outros mundos com armas baseadas na transdução mental? Para quê? Mesmo que pudéssemos derrotá-los, o que não é certo, o que ganharíamos com isso? O domínio de outros planetas? Para que conquistar outros planetas, quando vivemos em um mundo ideal? Para dominar os

meio-humanos e usá-los como escravos? Temos nossos robôs, que são muito mais eficientes. Não, nós temos tudo o que desejamos. Não queremos nada... a não ser que nos deixem em paz. Escute aqui... vou contar outra história.

— Vá em frente — disse Trevize.

— Há vinte mil anos atrás, quando os meio-humanos da Terra invadiram o espaço e nós nos refugiamos no subsolo, os outros mundos dos Espaciais estavam dispostos a enfrentar os novos colonizadores vindos da Terra. Para isso, atacaram a própria Terra.

— Atacaram a própria Terra — repetiu Trevize, procurando disfarçar a satisfação que estava sentindo por afinal o assunto "Terra" ter surgido na conversa.

— Sim, o centro de tudo. Uma atitude sensata, de certa forma. Se você quer matar uma pessoa, não aponta para o braço ou para a perna, mas para o coração. E os nossos colegas Espaciais, cujas paixões ainda eram bastante primitivas, como as dos terráqueos, conseguiram tornar radioativa a superfície da Terra, de modo que o planeta ficou praticamente inabitável.

— Ah, então foi isso o que aconteceu! — exclamou Pelorat, sacudindo no ar o punho cerrado. — Sabia que não podia ser um fenômeno natural. Como foi que eles conseguiram isso?

— Não conheço os detalhes — disse Bander, com indiferença. — A verdade é que os Espaciais não ganharam muito com isso. É o que estou tentando mostrar. Os Colonizadores continuaram a se expandir e os Espaciais... desapareceram. Tinham tentado competir e foram extintos. Nós, solarianos, nos escondemos, nos recusamos a competir e ainda estamos aqui.

— Nós, Colonizadores, também — disse Trevize, agressivamente.

— Sim, mas não para sempre. Vocês têm que lutar, têm que competir, e acabarão por se destruir. Pode levar dezenas de milhares de anos, mas não temos pressa. Quando isso acontecer, nós, solarianos, completos, solitários, liberados, teremos a Galáxia inteira para nós. Poderemos então usar, ou não usar, qualquer planeta que quisermos além do nosso.

— Voltando à questão da Terra — disse Pelorat, estalando os dedos com impaciência. — O que nos contou é uma lenda ou um fato histórico?

— Qual a diferença, meio-humano? — perguntou Bander. — Toda lenda tem um fundo de verdade.

— Sim, mas o que dizem os seus registros? Posso ver os seus registros a respeito do assunto? Compreenda que essa questão de mitos, lendas e História antiga está dentro do meu campo de interesse. Sou um cientista especializado em História antiga, especialmente a da Terra.

— Estou me limitando a repetir o que me contaram — disse Bander. — Não existem registros a respeito. Nossos registros são apenas sobre os assuntos de Solaria; os outros mundos são mencionados apenas de passagem, quando a sua existência nos afeta de alguma forma.

— A existência da Terra certamente afetou vocês.

— Claro que sim, mas isso foi há muito, muito tempo, e a Terra, de todos os mundos, sempre foi o que nos causava mais repulsa. Se tivermos algum registro a respeito da Terra, estou certo de que foi destruído por pura aversão.

Trevize rangeu os dentes, furioso.

— Por vocês? — perguntou.

Bander voltou sua atenção para Trevize.

— Não havia ninguém mais para destruí-los. Pelorat não estava disposto a deixar o assunto morrer.

— Que mais você ouviu falar a respeito da Terra? Bander pensou um pouco. Depois, disse:

— Quando era moço, ouvi de um robô uma história a respeito de um terráqueo que uma vez visitou Solaria e de uma solariana que partiu com ele e ficou famosa em toda a Galáxia. Em minha opinião, a história foi inventada.

Pelorat mordeu o lábio inferior.

— Tem certeza?

— Como posso ter certeza? — disse Bander. — Apenas acho muito pouco provável que um terráqueo tivesse a coragem de vir a Solaria e que os solarianos permitissem a intrusão. É ainda menos provável que uma mulher solariana... ainda éramos meio-humanos, mas mesmo assim... abandonasse este mundo voluntariamente... Agora vamos, quero mostrar minha casa para vocês.

— Sua casa? — disse Bliss, olhando em torno. — Não estamos na sua casa?

— Não — disse Bander. — Esta é uma antessala. Uma sala de visitas. É aqui que, muito raramente, me encontro com outros solarianos. Suas imagens aparecem na parede, ou tridimensionalmente no espaço diante da parede. Assim, esta sala é um lugar público e não pode fazer parte de minha casa. Venham comigo.

O solariano atravessou o aposento sem olhar para trás para ver se estava sendo seguido, mas os quatro robôs haviam deixado seus cantos e Trevize sabia que se ele e os companheiros não o acompanhassem, os robôs os obrigariam a fazê-lo.

Os outros dois se puseram de pé e Trevize sussurrou para Bliss:

— Você o estimulou a falar? Bliss apertou-lhe a mão e assentiu.

— Mesmo assim, ficaria bem mais tranquila se soubesse o que pretende — acrescentou, com ar preocupado.

Os três seguiram Bander. Os robôs permaneceram a uma distância discreta, mas sua presença era uma ameaça permanente.

Estavam caminhando por um corredor e Trevize resmungou, desanimado:

— Já vi que não vamos descobrir nada de útil a respeito da Terra neste planeta. Apenas variações em torno do velho tema da radioatividade. — Franziu a testa. — Talvez seja melhor prosseguirmos para o terceiro conjunto de coordenadas.

Uma porta se abriu diante deles, revelando uma pequena sala. Bander disse:

— Entrem, meio-humanos, quero que vejam como vivemos. Trevize sussurrou:

— O sujeito tem um prazer infantil de se mostrar. Estou com vontade de amassar-lhe o nariz.

— Não tente competir com ele em infantilidade — disse Bliss. Bander fez os três entrarem no aposento. Um dos robôs os seguiu.

Bander mandou os outros robôs embora com um gesto e entrou também. A porta se fechou atrás dele.

— É um elevador! — exclamou Pelorat, surpreso.

— Isso mesmo — confirmou Bander. — Depois que nos retiramos para o subsolo, nunca mais voltamos a morar na superfície, embora eu goste de tomar sol de vez em quando. Entretanto, nunca vou lá fora à noite ou quando está nublado, pois tenho a impressão de estar em um lugar coberto sem realmente estar em um lugar coberto, se é que me entendem. É uma espécie de dissonância cognitiva que considero extremamente desagradável.

— Houve uma época em que os habitantes da Terra também moravam no subsolo — disse Pelorat. — As cidades eram chamadas de Cavernas de Aço. Trantor, a capital do antigo império, também tinha muitas construções subterrâneas. O mesmo acontece com Comporellon nos dias de hoje. Pensando bem, é uma tendência bastante comum.

— Meio-humanos amontoados debaixo da Terra e solarianos vivendo no subsolo com toda a privacidade e conforto têm muito pouco em comum — disse Bander.

— Em Terminus, todas as residências ficam na superfície — disse Trevize.

— Expostas às intempéries — disse Bander, em tom de reprovação. — Muito primitivo!

Depois da sensação inicial de perda de peso que havia revelado sua natureza a Pelorat, o elevador parecia totalmente imóvel. Trevize tinha começado a imaginar quanto tempo duraria a viagem quando houve uma breve sensação de aumento de peso e a porta se abriu.

Diante deles estava uma sala espaçosa e mobiliada com requinte. Estava iluminada com uma luz difusa, de origem desconhecida. Era como se o próprio ar fosse levemente luminoso.

Bander apontou com o dedo e, no lugar para onde havia apontado, a luz ficou mais forte. Apontou em outra direção e aconteceu a mesma coisa. Apoiou a mão esquerda em uma espécie de cano com a ponta arredondada que estava ao lado da porta e fez um gesto circular com a mão direita. No mesmo instante, toda a sala se iluminou como se estivesse ao sol, mas a sensação de calor estava ausente.

Trevize fez uma careta e exclamou, em voz não muito baixa:

— Esse homem é um charlatão! Bander protestou, zangado:

— Não diga "homem", e sim "solariano". Não sei o que significa "charlatão", mas pelo tom de sua voz, deve ser alguma coisa ofensiva!

Trevize explicou:

— Charlatão é quem não é autêntico, quem faz as coisas parecerem mais extraordinárias do que realmente são.

— Tenho que admitir que gosto de efeitos dramáticos — disse Bander —, mas o que mostrei a vocês não é nenhum truque. É de verdade!

Deu um tapinha no cano em que a mão esquerda estava pousada.

— Este cano condutor de calor atinge uma profundidade de vários quilômetros. Existem canos semelhantes em muitos outros pontos de minha propriedade. Sei que existem canos como este em outras propriedades. Os canos aumentam a velocidade com que o calor é transferido do interior de Solaria para a superfície e facilita a conversão da energia térmica em mecânica. Não precisava dos gestos para produzir a luz, mas assim foi muito mais interessante, não acham?

— Quantas oportunidades você tem de experimentar o prazer desses pequenos toques dramáticos? — perguntou Bliss.

— Não muitas — disse Bander, sacudindo a cabeça. — Meus robôs não se impressionam com essas coisas. Nem os outros solarianos. Esta oportunidade de mostrar a casa para meio-humanos é muito... divertida.

— Havia uma luz difusa na sala quando entramos — disse Pelorat. — Ela fica acesa o tempo todo?

— Fica. Isso representa um pequeno consumo de energia... como o necessário para manter os robôs funcionando. Minha propriedade está sempre ativada; as unidades que não se encontram empenhai das em nenhum serviço ativo são mantidas operando com capacidade reduzida.

— E você fornece constantemente energia para toda a propriedade?

— A energia é fornecida pelo sol e pelo núcleo do planeta; limito-me a canalizar essa energia. Além disso, nem toda a minha propriedade é produtiva. Conservo a maior parte em estado selvagem, abrigando uma boa variedade de animais; primeiro, para proteger os meus! domínios e segundo, porque isso me agrada. Na verdade, minhas fábricas e plantações são pequenas. Servem apenas para suprir minhas! necessidades e produzir alguns itens especiais, que troco com outros, solarianos. Tenho robôs, por exemplo, que são capazes de fabricar e instalar canos condutores de calor. Muitos solarianos contratam os serviços desses robôs.

— E a sua casa? — quis saber Trevize. — É muito grande? O rapaz devia ter feito a pergunta certa, pois um largo sorriso iluminou o rosto do solariano.

— Muito grande. Uma das maiores do planeta, acredito eu. Estende-se por quilômetros e quilômetros em todas as direções. Tenho tantos robôs cuidando da minha casa no subsolo quanto em todos os milhares de quilômetros quadrados da superfície.

— Você não pode morar nela toda, é claro — disse Pelorat.

— Pode haver um quarto ou outro que nunca visitei, mas e daí? ! Os robôs mantêm todos os aposentos limpos, arrumados e bem ventilados. Venham, venham.

Passaram por uma porta diferente da que haviam usado para entrar na sala e foram dar em outro corredor. Diante deles estava um pequeno carro sem teto, que corria em trilhos.

Bander fez um gesto para que subissem a bordo e os três obedeceram. Não havia lugar suficiente para todos os quatro e mais o robô, mas Pelorat e Bliss se apertaram de modo a deixar espaço para Trevize. Bander sentou-se na frente, ao lado do robô, e o carro se pôs em movimento, sem nenhum sinal de que o solariano estivesse usando algum tipo de controle.

— Na verdade, trata-se de um robô em forma de carro — declarou Bander, com ar de indiferença.

Prosseguiram com velocidade razoável, passando por portas que se abriam quando o carro se aproximava e tornavam a se fechar depois que ele passava. Cada porta estava pintada com um desenho geométrico diferente, como se os robôs tivessem recebido instruções para decorá-las com motivos escolhidos ao acaso.

O corredor à frente e atrás do carro estava sempre escuro. O local em que se encontravam, porém, estava sempre bem iluminado. As salas também se acendiam assim que as portas eram abertas.

A viagem parecia não ter mais fim. De vez em quando, o carro fazia uma curva, demonstrando que a casa se estendia em duas dimensões. (Não, em três dimensões, pensou Trevize, quando percebeu que o carro tinha descido uma rampa suave.).

Onde quer que passassem, havia robôs, dezenas, centenas de robôs... empenhados em trabalhos que Trevize era incapaz de precisar. Passaram uma grande sala na qual havia dezenas de robôs sentados diante de escrivaninhas.

— O que é que eles estão fazendo, Bander? — perguntou Pelorat.

— Contabilidade — explicou Bander. — Dados estatísticos, contas financeiras, coisas assim com as quais, felizmente, não preciso me preocupar. Esta propriedade é altamente produtiva. Cerca de um quarto da área cultivada é dedicado às árvores frutíferas. Também produzo vários cereais, mas meu orgulho são as frutas. Minhas frutas são as melhores do planeta. Em Solaria, os pêssegos de Bander são famosos. Ninguém mais se dá ao trabalho de cultivá-los. Tenho 27 diferentes variedades de maçãs... e assim por diante. Os robôs podem fornecer a você os dados completos.

— O que é que você faz com todas essas frutas? — perguntou Trevize. — Não pode comer todas.

— Claro que não! Pessoalmente, nem gosto muito de frutas. Elas são trocadas com os outros solarianos.

— O que é que você recebe em troca?

— Minérios, principalmente. Minha propriedade praticamente não tem recursos minerais. Também adquiro de vez em quando os espécimes necessários para manter o equilíbrio ecológico. Tenho uma grande variedade de animais e vegetais em minha propriedade.

— Os robôs tomam conta de tudo isso, suponho — disse Trevize.

— Tomam. E muito bem.

— Tudo para um solariano.

— Tudo para a propriedade e seus padrões ecológicos. Acontece que sou o único solariano a visitar as várias partes da propriedade... mas isso faz parte da minha liberdade absoluta.

Pelorat disse:

— Suponho que os outros... os outros solarianos também mantenham o equilíbrio ecológico nos pântanos, ou regiões montanhosas, ou litorais, ou seja qual for o tipo de terreno em que estão suas propriedades.

— Claro que sim. Este é um dos assuntos que discutimos nas conferências que às vezes as questões mundiais tornam necessárias.

— Com que frequência vocês se reúnem? — perguntou Trevize. Estavam passando por um corredor muito estreito e comprido, no qual não havia salas. Trevize imaginou que o terreno ali não devia ser apropriado para construção e que o corredor servia apenas para ligar duas alas da casa.

— Com maior frequência do que eu gostaria. É raro o mês em que não tenho que me reunir com os outros membros de uma das comissões de que faço parte. Embora não haja pântanos nem

montanhas em minha propriedade, meus pomares, viveiros de peixes e jardins botânicos são considerados os melhores de Solaria!

Pelorat disse:

— Meu velho amigo... quero dizer Bander... suponho que nunca saiu da sua propriedade para visitar outras...

— Claro que *não!* — exclamou Bander, com ar ofendido.

— Nesse caso — prosseguiu Pelorat —, como pode estar certo de que os seus produtos são os melhores?

— Posso avaliar — explicou Bander — pela forma como meus produtos são valorizados no comércio entre as propriedades.

— E as indústrias? — perguntou Trevize.

— Existem propriedades que fabricam máquinas e ferramentas. Como eu já disse, na minha propriedade fazemos canos condutores de calor.

— E os robôs?

— Os robôs são fabricados aqui e ali. No passado mais remoto, os robôs de Solaria já eram considerados os melhores da Galáxia.

— Hoje em dia também, suponho — disse Trevize, tomando cuidado para que o outro interpretasse a frase como uma afirmação e não como uma pergunta.

— Hoje em dia? Com quem vamos competir hoje em dia? Hoje em dia somos os únicos que fabricamos robôs. Vocês pararam de fabricá-los, se entendi corretamente o que ouvi nas transmissões hiperespaciais.

— E os outros mundos dos Espaciais?

— Já lhe disse que não existem mais.

— Todos eles?

— Não acredito que hoje exista um único Espacial vivo fora de Solaria.

— Então não existe ninguém que conheça a localização da Terra?

— Por que alguém iria se interessar em saber a localização da Terra?

— Estou interessado em saber — interrompeu Pelorat. — Afinal, é o meu campo de estudo.

— Pois é melhor estudar outra coisa — disse Bander. — Não sei onde fica a Terra, nunca ouvi falar de alguém que soubesse e não estou interessado no assunto.

O carro diminuiu a velocidade e por um momento Trevize pensou que Bander tivesse ficado ofendido. A parada, entretanto, foi suave e Bander, ao saltar do carro, parecia o mesmo de sempre.

A sala em que entraram era mal iluminada, mesmo depois que Bander aumentou a luz com um gesto. Dava para um corredor lateral, flanqueado por salas menores. Cada uma dessas salas continha um ou dois vasos decorados, às vezes acompanhados por objetos que

pareciam projetores de cinema.

— O que é isso, Bander? — perguntou Trevize.

— São as câmaras mortuárias dos meus ancestrais, Trevize.

50

Pelorat olhou em torno com interesse.

— As cinzas dos seus ancestrais estão enterradas aqui? — perguntou.

— "Enterradas" não é o termo que usamos — disse Bander. — As cinzas estão no subsolo, mas minha casa também. Na nossa língua, dizemos que, ao serem colocadas aqui, as cinzas foram "encasadas".

Trevize olhou rapidamente em torno.

— Esses são todos seus ancestrais? Quantos?

— Quase uma centena — respondeu Bander, sem disfarçar o orgulho na voz. — Noventa e quatro, para ser mais exato. Naturalmente, os primeiros não eram solarianos de verdade. Eram meio-humanos, masculinos e femininos. Foram colocados em urnas contíguas por seus descendentes imediatos. Naturalmente, não entro nas salas onde eles estão. Seria "vergonhífero" de minha parte. Pelo menos, esta é a expressão em solariano; não conheço a palavra equivalente em galáctico.

— E os filmes? — perguntou Bliss. — Essas máquinas são projetores, não são?

— Diários — explicou Bander. — A história de suas vidas. Cenas em que aparecem nos locais que gostavam de frequentar. Graças aos diários, não estão totalmente mortos. Parte deles permanece aqui, e é parte de minha liberdade a possibilidade de vir aqui sempre que quiser e juntar-me a eles. Posso ver o trecho de suas vidas que desejar.

— Mas não os... os vergonhíferos. Bander baixou os olhos.

— Não — admitiu. — Mas afinal, todos nós solarianos compartilhamos desse passado desagradável. É uma desgraça coletiva.

— Coletiva? Então os outros solarianos também têm câmaras como essas? — perguntou Trevize.

— Oh, sim, nós todos temos, mas as minhas são as melhores, as mais requintadas, as mais bem conservadas.

— Já preparou a sua câmara mortuária? — perguntou Trevize.

— Certamente. Está pronta para receber minhas cinzas. Foi a primeira coisa que fiz quando herdei a propriedade. Quando chegar a minha vez, meu sucessor fará a mesma coisa.

— Você tem um sucessor?

— Terei, quando chegar a ocasião. Ainda me restam muitos anos de vida. Quando partir, deixarei um sucessor adulto, suficientemente maduro para aproveitar a propriedade e com lobos transdutores

suficientemente desenvolvidos para fazê-la funcionar.

-- Será seu descendente, imagino.

— Oh, sim!

— E se as coisas não correrem conforme o previsto? — perguntou Trevize. — Mesmo aqui em Solaria devem ocorrer acidentes. O que acontece se um solariano tem que partir prematuramente e não deixa sucessor, ou deixa um sucessor que não está suficientemente maduro para aproveitar a propriedade?

— Isso é muito raro. Na minha família, só aconteceu uma vez. Acontece, Trevize, que existem outros sucessores em outras propriedades. Alguns desses sucessores têm idade bastante para herdar, mas seus pais são suficientemente jovens para poder gerar um segundo descendente e continuar vivos até que esse segundo descendente atinja a idade adulta. Um desses sucessores veteranos, como são chamados, seria escolhido para herdar rainha propriedade.

— Quem faria a escolha?

— Solaria é governado por um conselho. Uma das poucas atribuições do conselho é exatamente essa: escolher um sucessor em caso de partida prematura. Naturalmente, tudo é feito por holovisão.

Pelorat disse:

— Escute aqui, se os solarianos nunca se veem, como é que ficam sabendo quando alguém mor... quando alguém tem que partir, inesperadamente ou não?

— Quando um de nós tem que partir, a propriedade fíca sem energia; todas as máquinas deixam imediatamente de funcionar. Se um sucessor não assume o lugar, a situação anormal chega ao conhecimento dos outros solarianos e são tomadas medidas corretivas. Asseguro-lhe que nosso sistema social funciona perfeitamente.

— Poderia me mostrar alguns desses filmes que você tem aqui? O rosto de Bander revelou uma indignação genuína. Ele disse:

— Só a sua ignorância se justificaria como desculpa. O que está me propondo é obsceno.

— Peço desculpas — disse Trevize. — Não quero parecer insistente, mas já expliquei que estamos interessados em obter informações a respeito da Terra. Ocorreu-me que os filmes mais antigos que você tem podem ser da época em que a Terra ainda não era radioativa. Nesse caso, talvez mencionem a Terra. Pode ser até que digam alguma coisa a respeito da sua localização. É claro que não queremos nos intrometer em sua privacidade, mas não haveria uma forma de você mesmo examinar esses filmes, ou mandar um robô examiná-los, e nos transmitir qualquer informação que contenham a respeito da Terra? Naturalmente, se entende os nossos motivos e compreende que faremos o possível para respeitar os seus sentimentos, talvez nos permita examinar pessoalmente os filmes.

Bander disse secamente:

— Imagino que você não tem meios de saber que está me ofendendo cada vez mais. Entretanto, podemos encerrar de vez esta conversa, pois lhe asseguro que não há filmes nas câmaras que contêm as cinzas dos meus antepassados meio-humanos.

— Não? — O desapontamento de Trevize era evidente.

— Esses filmes existiram um dia. Até você, porém, pode imaginar o que continham. Dois meio-humanos mostrando interesse um pelo outro, ou mesmo... — Bander pigarreou e completou, com esforço — … ou mesmo interagindo. Naturalmente, todos os filmes a respeito dos meio-humanos foram destruídos há muitas gerações.

— E os filmes guardados por outros solarianos?

— Todos destruídos.

— Tem certeza?

— Conservá-los seria loucura.

— Pode ser que algum solariano *seja* louco, sentimental ou esquecido. Acho que não se incomodará se visitarmos seus vizinhos.

Bander olhou para Trevize, surpreso.

— Pensa que outros solarianos vão ser tão tolerantes quanto eu?

— Por que não?

— Vocês vão ver.

— Estamos dispostos a correr o risco.

— Não, Trevize. Não posso permitir. Havia robôs por perto e Bander parecia cada vez menos amistoso.

— Que foi que houve, Bander? — perguntou Trevize, pouco à vontade.

— Escute, não posso dizer que não me diverti conversando com vocês, conhecendo pessoas tão... tão diferentes. Foi uma experiência rara, que me trouxe prazer, mas não posso registrá-la no meu diário nem imortalizá-la em filme.

— Por que não?

— Falar com vocês, escutar vocês, recebê-los em minha casa, trazê-los aqui, nas câmaras mortuárias dos meus antepassados... tudo isso constitui grave violação das normas sociais de Solaria.

— Não somos solarianos. Para vocês, não somos mais importantes que um robô, não é verdade?

— Foi a desculpa que usei para mim mesmo. Os outros talvez não pensem da mesma forma.

— E daí? Você tem liberdade absoluta para fazer o que quiser, não tem?

— Claro que não. Se eu fosse o *único* habitante de Solaria, então sim, teria liberdade absoluta. Mas existem outros solarianos no planeta, de modo que minha liberdade, embora muito grande, tem suas limitações. Existem mil e duzentos solarianos neste planeta que

me desprezariam se soubessem o que fiz.

— Eles não precisam saber...

— É verdade. Tenho pensado nisso desde que vocês chegaram. Tenho pensado nisso o tempo todo. Os outros não devem saber.

Pelorat interveio:

— Se tem medo de que nossa visita às outras propriedades em busca de informações sobre a Terra lhe traga complicações, pode ficar tranquilo. Basta não revelarmos que estivemos aqui. Você tem nossa palavra.

Bander sacudiu a cabeça.

— Já me arrisquei demais. Não vou falar com os outros sobre vocês, é claro. Meus robôs não vão falar sobre vocês; vou providenciar para que se esqueçam de tudo a respeito da estada de vocês em Solaria. A nave será trazida cá para baixo e revistada...

— Espere! — protestou Trevize. — Quanto tempo acha que podemos esperar enquanto revista nossa nave? Queremos...

— Não estão em posição de querer nada — interrompeu Bander. Sinto muito. Gostaria de discutir muitas outras coisas com vocês, mas não estou disposto a correr o risco.

— Não entendo qual é esse risco.

— Não precisa entender, pequeno meio-humano. Vou fazer agora o que meus ancestrais teriam feito assim que vocês desembarcaram no planeta. Vou matá-los... todos os três.

Capítulo 12
Volta à Superfície

51

Trevize olhou imediatamente para Bliss. A moça estava com os olhos fixos em Bander. O rosto não revelava qualquer emoção. Parecia alheia ao que estava acontecendo.

Pelorat ficou de boca aberta, como se não acreditasse nos próprios ouvidos.

Trevize, sem saber exatamente o que Bliss seria capaz de fazer para salvá-los, lutou para superar uma imensa sensação de perda (não tanto a ideia de morrer, pensou, mas a ideia de morrer sem saber onde ficava a Terra, sem saber por que havia escolhido Gaia como futuro da humanidade). Era preciso ganhar tempo.

Fazendo o possível para conservar a voz firme, o rapaz começou:

— Bander, você se revelou uma pessoa gentil e educada. Não se irritou com nossa intrusão no seu planeta. Deu-se ao trabalho de nos mostrar pessoalmente sua propriedade e sua mansão, não se furtou de responder às nossas perguntas. Estaria muito mais de acordo com o seu caráter se nos deixasse partir agora. Ninguém jamais saberia que estivemos aqui e não temos nenhum motivo para voltar. Chegamos em paz, em busca de informação, e partiríamos em paz.

— O que está dizendo é verdade — concordou Bander, com um sorriso — e é por isso que até agora permiti que vivessem. No momento em que entraram na atmosfera de Solaria, suas vidas já não valiam mais nada. O que eu podia ter feito... o que devia ter feito... era matá-los assim que pousassem. Em seguida, meus robôs dissecariam os cadáveres e revistariam a nave. Informações a respeito dos Forasteiros são sempre bem-vindas.

"Não foi isso que fiz". Cedi à curiosidade e à minha generosidade natural. Agora basta. Não posso continuar. O que está em risco é a própria segurança de Solaria, pois se, por alguma fraqueza, permitisse que vocês me persuadissem a deixá-los partir, tenho certeza de que outros viriam.

"Entretanto, vocês têm um consolo". A morte será indolor. Vou simplesmente aquecer o cérebro de vocês até que ele deixe de funcionar. Não sentirão nada. Mais tarde, depois que os robôs acabarem de dissecar e examinar os corpos, eles serão reduzidos a cinzas por um pulso de calor intenso e tudo estará terminado.

— Se vou morrer — disse Trevize —, nada tenho a opor a uma morte rápida e indolor, mas por que temos que morrer, quando não

cometemos nenhum crime?

— A chegada de vocês a este planeta foi um crime.

— Não do ponto de vista moral, porque não tínhamos meios de saber que era um crime.

— É a sociedade local que define o que constitui um crime. Para vocês, pode parecer irracional e arbitrário, mas, para nós, não é. Como este é o nosso mundo, no qual temos todo o direito de decidir o que é certo e o que é errado, vocês cometeram um crime e merecem morrer.
.

Bander sorriu como se estivesse entretendo um grupo de convidados e prosseguiu:

— Também não podem se queixar com base em pretensas, virtudes morais. Você, por exemplo, carrega uma arma que utiliza um feixe de microondas para aquecer os tecidos da vítima até matá-la. Faz a mesma coisa que eu pretendo fazer com vocês, mas de forma muito mais cruel e dolorosa. Você, Trevize, não hesitaria em usá-la contra mim neste instante, se eu não tivesse tomado a precaução de descarregá-la e se fosse suficientemente tolo para permitir-lhe liberdade de movimentos.

Trevize protestou, desesperado, com medo de olhar para Bliss e atrair para ela a atenção de Bander:

— Por favor, não faça isso! Tenha pena de nós!

— Tenho que pensar primeiro em mim e no meu mundo. Por isso, vocês têm que morrer — disse Bander, subitamente sério.

Levantou a mão e imediatamente Trevize viu tudo escurecer.

52

Por um momento, Trevize sentiu a escuridão sufocá-lo e pensou consigo mesmo: Isto é a morte?

Como se fosse um eco para os seus pensamentos, ouviu um sussurro:

— Isto é a morte? Era a voz de Pelorat. Trevize tentou falar e descobriu que podia.

— Não precisa perguntar — disse, com uma imensa sensação de alívio. — O simples fato de estar falando significa que isto não é a morte.

— Muita gente acredita que existe vida depois da morte.

— Bobagem — resmungou Trevize. — Bliss? Você está aqui, Bliss?

Não houve resposta. Pelorat chamou também:

— Bliss? Bliss? Golan, que aconteceu?

— Bander deve estar morto — explicou Trevize. — Por isso, a propriedade ficou sem energia. Todas as luzes se apagaram.

— Mas como foi que... você acha que foi Bliss?

— Deve ter sido. Espero que não tenha saído ferida.

Trevize começou a rastejar na escuridão absoluta do complexo subterrâneo (sem contar o brilho ocasional, muito tênue, de um átomo radioativo desintegrando-se nas paredes).

De repente, sua mão tocou alguma coisa quente e macia. Apalpou-a e reconheceu uma perna, que segurou. Era muito pequena para pertencer a Bander.

— Bliss?

A perna se moveu com força, obrigando Trevize a largá-la.

— Bliss? Diga alguma coisa! — exclamou o rapaz.

— Estou viva — disse a voz de Bliss, curiosamente distorcida.

— Você está bem?

— Não.

Nesse momento, a luz voltou... muito fraca. As paredes começaram a brilhar, mas a luz aumentava e diminuía erraticamente.

Bander estava caído no chão, inerte. A seu lado, segurando-lhe a cabeça, estava Bliss.

A jovem olhou para Trevize e Pelorat.

— O solariano está morto — declarou, com os olhos marejados de lágrimas.

Trevize estava atônito.

— Por que está chorando?

— Não deveria chorar, depois de ter matado uma criatura viva e inteligente? Não era essa a minha intenção.

Trevize abaixou-se para ajudá-la a levantar-se, mas Bliss o repeliu. Pelorat ajoelhou-se ao lado da moça e disse baixinho:

— Por favor, Bliss, nem mesmo você é capaz de trazê-lo de volta à vida. Conte-nos o que aconteceu.

A jovem permitiu que Pelorat a levantasse e disse, sem emoção:

— Gaia pode fazer a mesma coisa que os solarianos. Gaia pode lazer uso da distribuição desigual de energia no universo e transformá-la em trabalho útil, usando apenas o poder mental.

— Sei disso — afirmou Trevize, procurando acalmar a moça, mas sem saber muito bem como fazê-lo. — Lembro-me do nosso encontro no espaço, quando você... ou melhor, quando Gaia capturou nossa nave. Pensei nisso quando Bander me imobilizou, depois de tomar minhas armas. Você foi imobilizada, também, mas eu tinha certeza de que você poderia resistir, se quisesse.

— Pois estava enganado. Quando eu/nós/Gaia capturamos sua nave, eu e Gaia éramos uma coisa só. Agora, minha ligação com Gaia tem que ser feita através do hiperespaço, o que limita consideravelmente o que eu/nós/Gaia podemos realizar. Além do mais, Gaia faz o que faz através da conjugação dos esforços de

cérebros humanos comuns; nenhum desses cérebros possui o equivalente aos lobos transdutores dos solarianos. Não podemos fazer uso da energia da mesma forma delicada, eficiente, descontraída que um ser como Bander. Não consigo nem iluminar direito esta sala... já estou ficando cansada apenas por manter a luz como está. Bander era capaz de fornecer energia para toda a propriedade, mesmo quando estava dormindo.

— Mas você o venceu — disse Trevize.

— Porque ele não conhecia meus poderes — explicou Bliss — e porque não fiz nada que chamasse sua atenção. Bander se preocupou muito mais com você, Trevize, o único que estava armado... mais uma vez, suas armas foram muito úteis... e tive a oportunidade de atingi-lo com um golpe rápido e inesperado, No momento em que se preparava para matar-nos, quando toda a sua atenção estava concentrada nessa tarefa, e em você, arrisquei nesse único golpe.

— E funcionou magnificamente.

— Como pode dizer uma coisa tão cruel, Trevize? Não pretendia matá-lo. Minha intenção era apenas impedi-lo de usar o transdutor. No momento de surpresa em que tentasse destruir nosso cérebro e descobrisse que continuávamos vivos, e que, além disso, a iluminação estava ficando cada vez mais fraca, usaria meus poderes para fazê-lo dormir e ao mesmo tempo liberaria o transdutor. Nesse caso, as luzes continuariam acesas e poderíamos sair da casa, entrar na nave e ir embora do planeta. Arranjaria as coisas de tal forma que, quando Bander finalmente acordasse, não se lembraria de nada a respeito da nossa visita. Gaia não tem desejo de matar ninguém, quando existem outros meios de atingir os mesmos objetivos.

— O que foi que deu errado, Bliss? — perguntou Pelorat.

— Eu nunca havia encontrado nada parecido com aqueles lobos transdutores e não tivera oportunidade de examiná-los de perto. Limitei-me a bloqueá-los mais ou menos às cegas, e, ao que parece, a manobra não funcionou da forma desejada. Não foi a entrada da energia nos lobos que foi bloqueada, mas a saída dessa energia. A energia está sempre entrando nos lobos, mas, normalmente, o cérebro se protege descarregando o excesso. Quando bloqueei a saída, porém, a energia se acumulou nos lobos e, em fração de segundo, a temperatura subiu a tal ponto que as proteínas do cérebro coagularam e as células morreram. As luzes se apagaram e removi imediatamente o bloqueio, mas era tarde demais.

— Não vejo como poderia ter agido de outra forma, querida — disse Pelorat.

— Grande consolo, considerando que eu o matei.

— Bander estava disposto a nos matar — disse Trevize.

— Tinha razões para impedi-lo, não para matá-lo. Trevize

hesitou. Não queria demonstrar a impaciência que estava sentindo; seria bobagem ofender ou irritar Bliss, que era, afinal de contas, sua única defesa naquele mundo extremamente hostil. Ele disse:

— Bliss, precisamos pensar nas consequências da morte de Bander. No momento, toda a propriedade está sem energia. Mais cedo ou mais tarde, talvez mais cedo do que pensamos, os solarianos se darão conta do fato e virão investigar. Não acho que você seja capaz de enfrentar simultaneamente vários nativos do planeta. Além disso, como você mesma confessou, não conseguirá nem mesmo manter as luzes desta sala acesas por muito tempo. É importante, portanto, que a gente volte sem demora para a superfície e para a nossa nave.

— Como vamos fazer isso, Golan? — perguntou Pelorat. — Para chegar até onde estamos, atravessamos quilômetros de túneis tortuosos. Aqui embaixo deve ser um verdadeiro labirinto! Não tenho a menor ideia do que devemos fazer para voltar à superfície. E você?

Trevize olhou em volta e se deu conta de que Pelorat tinha razão. Ele disse para o outro:

— Deve haver muitas comunicações com a superfície... não precisamos voltar pela mesma que usamos na vinda.

— Está certo, mas não sabemos onde estão as passagens. Como vamos encontrar uma delas?

Trevize voltou-se para Bliss.

— Você pode detectar algo, mentalmente, que nos ajude a localizar uma saída?

— Todos os robôs da propriedade estão inativos — respondeu a moça. — Estou captando alguns traços de vida animal acima de nós, mas isso apenas revela que a superfície fica para cima, coisa que estamos fartos de saber.

— Então vamos ter que procurar uma saída — disse Trevize.

— É uma agulha num palheiro — disse Pelorat. — Pode levar anos!

— Não temos alternativa — disse Trevize. — Se ficarmos aqui, mais cedo ou mais tarde os solarianos nos pegarão. Vamos, temos que tentar!

— Espere — disse Bliss. — Estou captando mais alguma coisa!

— O quê? — perguntou Trevize.

— Pensamentos.

— Inteligência?

— Sim, mas limitada. Uma emoção, porém, é muito forte.

— Qual? — perguntou Trevize, lutando novamente para controlar a impaciência.

— Medo! Um medo incontrolável! — explicou Bliss.

Trevize olhou em volta, desconsolado. Sabia por onde tinham entrado, mas não tinha nenhuma esperança de poder refazer o trajeto de vinda. Afinal, não tinha prestado nenhuma atenção às curvas do caminho. Quem teria imaginado que seriam forçados a voltar sozinhos, sem nenhuma ajuda, guiados apenas por uma luz mortiça?

— Acha que pode fazer o carro funcionar, Bliss? — perguntou para a moça.

— Tenho certeza, Trevize, mas isso não quer dizer que eu saiba como dirigi-lo.

— Acho que Bander dirigia o carro mentalmente — disse Pelorat — Pelo menos, não o vi mexer em nenhum controle durante a viagem.

— Eu sei, Pel — concordou Bliss. — Mas *como!* Suponha qual soubéssemos que Bander havia usado algum tipo de controles. Se não soubéssemos operar os controles, isso não ajudaria muito, não é?

— Você pode tentar — disse Trevize.

— Para tentar, vou ter que me concentrar tanto que duvido que consiga manter as luzes acesas. O carro não nos servirá de nada no escuro.

— Então vamos ter que procurar a saída a pé?

— Acho que sim.

Trevize olhou para a escuridão que cercava a área precariamente iluminada em que os três se encontravam. Não viu nada, não ouviu nada. Perguntou:

— Bliss, ainda está captando aquela criatura amedrontada?

— Estou, sim.

— Pode dizer onde está? Pode guiar-nos até lá?

— As ondas mentais se propagam em linha reta. Não são difratadas apreciavelmente pela matéria comum, de modo que tenho certeza de que está nessa direção.

A jovem apontou para um ponto na parede e disse:

— Acontece que não podemos atravessar a parede. O melhor que podemos fazer é seguir os corredores e escolher sempre o caminho para o qual as ondas se tornem mais fortes. Em outras palavras, acho que vamos ter que brincar de chicotinho-queimado!

— Então vamos logo.

— Espere, Golan — protestou Pelorat. — Tem certeza de que quer encontrar essa criatura? Se está assustada, talvez haja motivo para ficarmos assustados, também.

Trevize sacudiu a cabeça, impaciente.

— Não temos escolha, Janov. Assustado ou não, é um ser inteligente, que talvez possa nos mostrar o caminho para a superfície.

— Vamos deixar Bander aqui? — perguntou Pelorat. Trevize puxou-o pelo braço.

— Vamos, Janov. Nesse caso também não temos escolha. Um dia

algum solariano vai reativar a propriedade e um robô vai encontrar o corpo de Bander e cuidar dele... só espero que, quando isso acontecer, a gente esteja longe daqui!

Fez um gesto para que Bliss fosse na frente. A luz era sempre mais forte perto da jovem e ela parava em cada cruzamento, procurando localizar a fonte das transmissões mentais. Às vezes, experimentava um caminho, dava meia-volta e escolhia outra rota, enquanto Trevize a observava, impotente.

Cada vez que Bliss fazia uma escolha e se encaminhava com passos decididos em certa direção, a luz a precedia. Trevize observou que a luz parecia um pouco mais forte. Talvez seus olhos se estivessem habituando à penumbra. Podia ser também que Bliss estivesse aprendendo a energizar o sistema de iluminação de forma mais eficiente. A certa altura, quando passaram por um dos canos condutores de calor, a moça apoiou a mão na extremidade do cano e as luzes ficaram bem mais fortes. Bliss balançou a cabeça, como se estivesse satisfeita consigo mesma.

Nada parecia familiar. Trevize tinha certeza de que estavam em uma parte da mansão por onde não haviam passado para chegar às câmaras mortuárias.

O rapaz estava à procura de corredores que levassem para cima e também examinava constantemente o teto em busca de algo que lembrasse um alçapão. Como não apareceu nada semelhante, a única esperança continuava a ser a criatura amedrontada.

Caminhavam em silêncio, a não ser pelo som dos próprios passos, e no escuro, exceto pela luz que acompanhava Bliss. De vez em quando, encontravam um robô, sentado ou de pé, mas sempre imóvel. Uma vez, passaram por um robô que estava deitado no chão, os braços e pernas em posições grotescas. Tinha sido pego de surpresa pela falta de energia, pensou Trevize, e havia perdido o equilíbrio. Bander, vivo ou morto, não podia modificar a lei da gravidade. Provavelmente havia robôs inativos na superfície; talvez fosse a primeira coisa a atrair a atenção dos vizinhos.

Ou talvez não, pensou subitamente. Os solarianos deviam saber quando um deles estava para morrer de velhice. Nesse caso, a comunidade estaria preparada e alerta. Bander, porém, tinha morrido de repente, sem nenhum aviso, na flor da idade. Quem saberia? Quem estaria prestando atenção no comportamento dos seus robôs?

Pelorat murmurou, em tom preocupado:

— A ventilação deve ter parado! Um lugar como este, no subsolo, precisa de ventilação forçada. Com a morte de Bander, as máquinas de ventilação pararam de funcionar!

— Não se preocupe, Janov — disse Trevize. — O ar que existe aqui embaixo deve ser suficiente para vários anos.

— Já estou me sentindo meio sufocado...

— Janov, não vá me dizer que sofre de claustrofobia! Bliss, estamos chegando perto?

— Estamos quase lá, Trevize. A sensação é cada vez mais forte. A moça agora estava caminhando com mais segurança, hesitando menos nos cruzamentos.

— Está ali! — exclamou. — Bem à frente!

— Já estou ouvindo alguma coisa — observou Trevize.

Os três pararam e, instintivamente, prenderam a respiração. Ouviram alguém chorando baixinho. De vez em quando, o choro era interrompido por soluços.

Entraram em um salão e, quando as luzes se acenderam, verificaram, que, ao contrário de todos os aposentos que haviam visto até o momento, era ricamente mobiliado.

No meio do salão havia um robô, ligeiramente inclinado para a frente, com os braços estendidos no que parecia um gesto quase afetuoso. Naturalmente, o robô estava imóvel.

Houve um ruído atrás do robô. Um olho assustado apareceu por um instante. O choro continuou.

Trevize deu um passo em direção ao robô e, do outro lado, um pequeno vulto saiu correndo, gritando. Tropeçou, caiu e ficou onde havia caído, cobrindo os olhos, dando pontapés em todas as direções, como que para se defender de algum perigo iminente, gritando sem parar...

— É uma criança — observou Bliss, sem a menor necessidade.

54

Trevize parou, surpreso. O que estaria fazendo ali uma criança? Bander tinha falado com tanto orgulho de sua solidão, de sua privacidade...

Pelorat foi o primeiro a encontrar a explicação.

— Este deve ser o sucessor — disse.

— É o filho de Bander, sim — concordou Bliss. — Mas acho que é jovem demais para herdar a propriedade. Os solarianos vão ter que arranjar outro sucessor.

A moça olhou para a criança, não com os olhos arregalados, mas de uma forma suave, hipnótica, e pouco a pouco os gritos diminuíram. A criança abriu os olhos e olhou para Bliss. Os gritos se transformaram em soluços.

Bliss falou com a criança, palavras doces, que pouco significavam em si mesmas, mas que serviam para reforçar o efeito calmante dos pensamentos da jovem. Era como se estivesse acariciando mentalmente o cérebro da criança, confortando-a, tranquilizando-a.

Devagar, sem tirar os olhos de Bliss, a criança se pôs de pé. Ficou ali parada por um momento, com o corpo balançando para lá e para; depois, correu na direção do robô. Envolveu com os braços a perna da máquina, como se estivesse procurando refúgio.

— Acho que o robô é a ama da criança. Um solariano não pode cuidar de outro solariano, mesmo que seja seu filho.

— Suponho que seja hermafrodita — disse Pelorat.

— Tem que ser — afirmou Trevize.

Bliss, com a atenção concentrada na criança, aproximou-se lentamente, com as mãos à altura dos ombros, as palmas para trás, como que para mostrar à criaturinha que não tinha intenção de agarrá-la. A criança agora estava quieta, olhando fixamente para a moça enquanto segurava com força a perna do robô.

— Calma, criança — disse Bliss. — Está tudo bem... não há perigo... somos amigos...

Parou e, sem olhar para trás, disse em voz baixa:

— Pel, fale com ela. Diga-lhe que somos robôs e viemos cuidar dela porque faltou energia.

— Robôs? — exclamou Pelorat, chocado.

— Temos que nos fazer passar por robôs. A criança não tem medo de robôs. Ela nunca viu um ser humano, talvez nem mesmo saiba o que são os seres humanos.

— Vai ser difícil traduzir isso — disse Pelorat. — Não sei como é "robô" em galáctico arcaico.

— Então diga "robô" mesmo, Pel. Se a criança não entender, tente "coisa de metal". Faça o que puder.

Pelorat se dirigiu à criança, procurando falar bem devagar. A criança olhou para ele e franziu a testa, como se estivesse fazendo força para compreender.

— Aproveite para perguntar como se sai daqui — sugeriu Trevize.

— Não — disse Bliss. — Ainda não. Primeiro temos que conquistar a sua confiança para depois tentar obter informações.

A criança, que agora estava olhando para Pelorat, largou a perna do robô e começou a falar com uma voz musical, mas muito aguda.

— Está falando depressa demais para mim — disse Pelorat, preocupado.

— Peça-lhe para repetir mais devagar. Estou fazendo o possível para acalmá-la e remover seus temores.

Pelorat escutou de novo a criança e depois disse:

— Acho que está perguntando por que Jemby parou. Jemby deve ser o robô.

— Procure certificar-se, Pel. Pelorat falou com a criança, ouviu a resposta e disse para Bliss:

— Isso mesmo. Jemby é o robô. A criança se chama Fallom.

— Ótimo!

Bliss sorriu para a criança, um sorriso alegre, luminoso. Apontou para ela e disse:

— Fallom. Muito bem, Fallom. Você é valente. Colocou a mão no próprio peito e disse:

— Bliss.

A criança sorriu. Ficava muito bonita quando sorria.

— Bliss — repetiu, pronunciando mal o "s". Trevize interveio:

— Bliss, se você puder ativar o robô, talvez ele nos diga o que queremos saber. Se Pelorat consegue se entender com a criança, também vai conseguir se entender com o robô.

— Não — disse Bliss. — Isso seria um erro. A primeira obrigação do robô deve ser proteger a criança. Se for ativado e se vir diante de nós, diante de seres humanos desconhecidos, provavelmente nos atacará antes que tenhamos tempo de explicar nossa situação. Aqui não é lugar para seres humanos. Se eu tiver que desativá-lo de novo, não conseguiremos a informação e a criança, vendo o único pai que conhece ser desativado pela segunda vez... não, acho que não é uma boa ideia.

— Pelo que sei — disse Pelorat —, os robôs não podem fazer mal a seres humanos.

— Pode ser — concordou Bliss —, mas mesmo que ele não pretenda fazer mal a ninguém, terá que escolher entre o filho, ou a coisa mais próxima de um filho que um robô pode ter, e três objetos que talvez nem reconheça como seres humanos, mas apenas como intrusos perigosos. Naturalmente, escolherá a criança e nos atacará.

Voltou-se novamente para a criança.

— Fallom. Bliss. Apontou:

— Pel... Trev.

— Pel. Trev — repetiu a criança, obedientemente. Bliss chegou mais perto e estendeu os braços, bem devagar. A criança olhou para ela e recuou um passo.

— Calma, Fallom — disse Bliss. — Está tudo bem, Fallom. Venha, Fallom.

A criança deu um passo à frente e Bliss a encorajou:

— Isso mesmo, Fallom.

Bliss tocou com a mão o braço da criança, que estava exposto, já que ela usava, como o pai, apenas um manto aberto na frente e uma tanga. A moça retirou a mão, esperou um pouco e tornou a tocá-la de leve.

A criança semicerrou os olhos sob o efeito calmante da mente de Bliss.

As mãos de Bliss se moveram devagar, bem de leve, mal tocando a pele da criança, até os ombros, o pescoço, as orelhas e, finalmente,

por baixo dos cabelos castanhos, até um ponto atrás e acima das orelhas.

Afinal, Bliss disse para os outros:

— Os lobos transdutores são muito pequenos. Os ossos do crânio ainda não se consolidaram naquela região. Existe apenas uma camada de cartilagem, que provavelmente vai se expandir aos poucos, à medida que os lobos forem crescendo, para depois ser substituída por osso, quando os lobos estiverem totalmente desenvolvidos... no momento, não creio que seja capaz de ativar o robô, ou mesmo de controlá-lo. Pergunte quantos anos tem, Pel.

Depois de conversar um pouco com a criança, Pelorat disse:

— Se entendi direito, tem quatorze anos.

— Não parece ter mais que onze — disse Trevize.

— Talvez o ano oficial neste planeta não seja o Ano Galáctico Padrão. Além disso, os Espaciais vivem muito mais que os seres humanos comuns e, se os solarianos são como os outros Espaciais, sua infância também é mais prolongada. Assim, a idade em anos não significa muita coisa.

— Chega de antropologia — disse Trevize, com impaciência. — Temos que chegar à superfície e estamos perdendo tempo. Pode ser que a criança não saiba como chegar à superfície. Pode ser que nunca tenha estado na superfície!

Bliss exclamou:

— Pel!

Pelorat sabia o que ela queria e teve uma longa conversa com Fallom. Depois, disse para os outros:

— A criança conhece o sol. Ela disse que já viu o sol. Eu *acho* que já viu algumas árvores. Não parecia muito certa do significado da palavra "árvore"... ou pelo menos da palavra que *eu* usei para tentar transmitir o significado de "árvore"...

— Está bem, Janov — disse Trevize. — E daí?

— Disse a Fallom que se nos ajudasse a chegar à superfície, talvez pudéssemos reativar o robô. Na verdade, eu disse que nós *reativaríamos* o robô quando chegássemos à superfície. Acha isso possível?

— Veremos quando chegar a hora — disse Trevize. — A criança concordou em guiar-nos?

— Concordou. Achei que se prometesse reativar o robô, ela teria uma boa razão para colaborar. Não gostaria de desapontá-la...

— Vamos — disse Trevize. — Já perdemos muito tempo. Se formos pegos aqui embaixo, aí mesmo é que você não vai poder cumprir sua promessa.

Pelorat disse alguma coisa para a criança, que começou a andar, mas parou e olhou para Bliss.

Bliss estendeu a mão e os dois saíram andando de mãos dadas. — Sou o seu novo robô — disse a moça, sorrindo. — Parece que ela aceitou bem a mudança — disse Trevize. Fallom continuou a caminhar, saltitante, e Trevize ficou pensando se a criança parecia feliz por influência de Bliss ou se, além disso, havia a novidade de visitar a superfície e de possuir três novos robôs, ou se seria a perspectiva de ter Jemby de volta. Não que fosse tão importante assim... contanto que a criança os ajudasse a encontrar a saída.

A criança parecia saber muito bem para onde estava indo; nas bifurcações, nem ao menos reduzia o passo. Será que conhecia realmente o caminho ou estava apenas brincando com eles, vagando ao acaso \ pelo labirinto subterrâneo?

Logo Trevize percebeu, pelo esforço que estava fazendo, que o caminho que seguiam levava para cima. A criança, que ia na frente, muito orgulhosa, apontou para alguma coisa e começou a falar. Trevize olhou para Pelorat, que pigarreou e disse:

— Acho que o que ela está dizendo é “saída”.

— Espero que tenha entendido bem — disse Trevize. A criança largou a mão de Bliss e saiu correndo. Apontou para uma parte do piso que parecia mais escura que as vizinhanças. A criança chegou ali, pulou algumas vezes no mesmo lugar, com uma expressão cada vez maior de desapontamento no rosto, e começou a falar sem parar, com voz estridente.

Bliss disse, com uma careta:

— Vou ter que fornecer a energia... já estou ficando cansada disso! O rosto da moça ficou um pouco vermelho e as luzes piscaram, mas uma porta se abriu bem à frente de Fallom, que deu gritinhos de prazer. A criança passou correndo pela porta e os dois homens a seguiram. Bliss saiu por último e olhou para trás no momento em que as luzes no interior se apagaram e a porta tornou a se fechar. A moça parou para recuperar o fôlego. Parecia exausta.

— Até que enfim conseguimos sair — disse Pelorat. — Onde está a nave?

Estavam na superfície do planeta, banhados pela luz do crepúsculo.

— Acho que estava naquela direção — murmurou Trevize.

— Também acho — disse Bliss. — Vamos — acrescentou, estendendo a mão para Fallom.

Não havia nenhum ruído, a não ser o sussurro do vento e os sons dos animais. A certa altura, passaram por um robô que estava de pé, imóvel, ao lado de uma árvore, segurando um objeto de utilidade desconhecida.

Pelorat fez menção de aproximar-se, curioso, mas Trevize o deteve.

— Não temos nada com isso, Janov. Vamos andando. Passaram por outro robô, a uma distância um pouco maior, que estava caído no chão.

— Deve haver robôs espalhados por toda a propriedade — observou Trevize. Ah, ali está a nave! — exclamou, triunfante.

Apressaram o passo, mas de repente Fallom deu um grito agudo e todos pararam.

Próximo à nave estava estacionado um veículo aéreo primitivo, com um rotor que, além de frágil, dava a impressão de ser muito pouco eficiente. Ao lado do veículo, bloqueando o acesso do pequeno grupos de forasteiros a sua nave, havia quatro figuras humanas.

— Tarde demais — lamentou-se Trevize. — Perdemos muito tempo. E agora?

Pelorat observou, como se estivesse pensando em voz alta:

— Quatro solarianos? Não pode ser. Não ficariam juntos assim. Será que não passam de projeções holográficas?

— Eles são reais — afirmou Bliss. — Tenho certeza. Só que não são solarianos. Pelos padrões mentais, são todos robôs.

55

— Então — disse Trevize, com firmeza —, vamos em frente! Continuou a andar na direção da nave e os outros o seguiram.

— O que pretende fazer? — perguntou Pelorat.

— Se são robôs, têm que obedecer a ordens.

Os robôs permaneceram onde estavam. Quanto chegaram mais perto, Trevize os observou atentamente.

Sim, deviam ser robôs. Os rostos, embora parecessem humanos na cor e na textura, eram curiosamente desprovidos de expressão. Os quatro usavam uniformes que, a não ser pelo rosto, não deixavam de fora um único centímetro quadrado de pele. Até as mãos estavam cobertas por luvas feitas de um tecido fino mas opaco.

Trevize fez um gesto para que os robôs o deixassem passar.

Os robôs não se mexeram.

Trevize disse para Pelorat, em voz baixa:

— Fale com eles, Janov. Seja firme.

Pelorat pigarreou e falou devagar, em um tom de voz mais grave que o de costume, pedindo que os robôs abrissem caminho. Um dos robôs, que talvez fosse um pouquinho mais alto que os outros, disse alguma coisa com uma voz fria e incisiva.

Pelorat voltou-se para Trevize.

— Acho que ele disse que somos forasteiros.

— Diga que somos seres humanos e que deve nos obedecer.

O robô falou então em galáctico. Apesar do sotaque carregado,

Trevize não teve dificuldade para compreender.

— Entendi o que disse, forasteiro. Eu falo galáctico. Nós somos Robôs Guardiões.

— Então você me ouviu dizer que somos seres humanos e que portanto deve nos obedecer.

— Somos programados para obedecer apenas aos governantes, forasteiro. Vocês não são governantes e não são solarianos. O governante Bander não respondeu na hora normal de Contato e viemos investigar o que aconteceu. É o nosso dever. Encontramos uma espaçonave que não foi fabricada em Solaria, vários forasteiros presentes e descobrimos que todos os robôs do governante Bander foram desativados. Onde está o governante Bander?

Trevize sacudiu a cabeça e disse, com voz pausada:

— Não sei do que está falando. Tivemos problemas com o computador da nossa nave. Viemos parar perto deste planeta desconhecido contra a nossa vontade. Pousamos para verificar nossa posição. Encontramos todos os robôs desativados. Não sabemos o que aconteceu aqui.

— Não é uma história plausível. Se todos os robôs da propriedade estão desativados e além disso falta energia, o governante Bander deve estar morto. Não é lógico supor que o governante Bander, por coincidência, tenha morrido no momento em que vocês pousaram. Deve haver uma relação causal entre os dois acontecimentos.

— Mas não está faltando energia — protestou Trevize, com o único objetivo de mostrar a própria ignorância. — Caso contrário, você e os outros não estariam ativos.

— Nós somos Robôs Guardais — disse o robô. — Não pertencemos a nenhum governante, pertencemos a Solaria. Não somos movidos por nenhum governante, somos movidos por energia nuclear. Vou perguntar de novo: onde está o governante Bander?

Trevize olhou em torno. Pelorat parecia assustado. Bliss estava muito séria, mas tinha expressão serena. Fallom estava tremendo; Bliss colocou a mão no ombro da criança e ela se aquietou. (Será que Bliss a havia sedado?).

O robô disse:

— Vou perguntar pela última vez: onde está o governante Bander?

— Não sei — respondeu Trevize, de cara feia.

O robô fez um gesto e dois dos seus companheiros se afastaram.

— Meus companheiros vão revistar a casa — disse o robô. — Enquanto isso, prosseguirei o interrogatório. Passe-me os objetos que estão pendurados na sua cintura.

Trevize recuou um passo.

— São inofensivos.

— Fique onde está. Não perguntei se são perigosos. Pedi que me entregasse os objetos.

— Não.

O robô deu um passo à frente e esticou o braço. Antes que Trevize tivesse tempo de perceber o que estava acontecendo, a mão do robô pousou no seu ombro e começou a empurrá-lo para baixo. O rapaz caiu de joelhos.

— Passe os objetos — disse o robô, estendendo a outra mão.

— Não — gemeu Trevize.

Bliss se adiantou, tirou o desintegrador do coldre antes que Trevize, seguro pelo robô, pudesse impedi-la e ofereceu a arma ao robô.

— Tome, robô. Espere um instante... aqui está o outro. Agora solte meu companheiro.

O robô recuou com as duas armas na mão e Trevize se pôs de pé devagar, com o rosto contraído de dor, esfregando o ombro esquerdo. (Fallom começou a chorar baixinho e Pelorat segurou-o no colo.). Bliss disse para Trevize, furiosa:

— Para que está discutindo com ele? Pode matar você com dois dedos!

Trevize murmurou, entre os dentes:

— Por que *você* não cuida dele?

— Estou tentando. Pode demorar. Sua mente é programada logicamente, difícil de ser influenciada. Preciso estudá-la melhor. Procure ganhar tempo.

— Não estude a mente dele. Destrua-o — disse Trevize, baixinho. Bliss olhou furtivamente para o robô. Estava examinando as armas atentamente, enquanto o outro robô que havia ficado vigiava os. Nenhum dos dois parecia interessado na conversa entre Trevize e Bliss.

— Não. Nada de destruição — disse a moça. — No primeiro mundo, matamos um cachorro e ferimos outro. Neste mundo, você sabe o que aconteceu. — (Outro olhar furtivo para os Robôs Guardais). — Gaia não gosta de sacrificar vidas ou inteligências desnecessariamente. Preciso de tempo para encontrar uma solução pacífica. A moça recuou um passo e olhou fixamente para o robô.

— Estes objetos são armas — disse o robô.

— Não são, não — negou Trevize.

— São, sim — disse Bliss. — Acontece que não funcionam. Em tão descarregadas.

— É mesmo? Por que ele levaria armas descarregadas na cintura? Talvez não esteja falando a verdade.

O robô empunhou uma das armas e colocou o dedo no gatilho.

— É assim que se faz para disparar?

— É — disse Bliss. — Só que não vai acontecer nada, porque está descarregada.

— Tem certeza? — perguntou o robô, apontando a arma para Trevize. — Se eu disparar a arma agora, não vai acontecer nada?

— Não — disse Bliss. Trevize ficou onde estava, paralisado de medo. Tinha verificado o desintegrador depois que Bander o devolvera e estava realmente descarregado. Entretanto, a arma que o robô estava apontando para ele era o chicote neurônico, que ele não havia testado.

Se o chicote ainda tivesse algum resíduo de energia, por menor que fosse, o que Trevize ia sentir faria a pressão da mão do robô parecer um afago.

Durante o serviço militar, Trevize, como os outros cadetes, tinha sido exposto a uma chicotada neurônica de baixa intensidade, apenas o suficiente para saber como era. O rapaz não sentia nenhum desejo de repetir a dose.

O robô apertou o gatilho, Trevize retesou o corpo... e nada aconteceu. O chicote também estava totalmente descarregado.

O robô olhou para Trevize e jogou as duas armas no chão.

— Como foi que essas armas ficaram descarregadas? — perguntou. — Se não funcionam, por que as carrega na cintura?

— Estou tão acostumado com elas que gosto de levá-las comigo, mesmo agora que não têm mais nenhuma utilidade — explicou Trevize. - Isso não faz sentido — disse o robô. — Vocês três estão sob custódia. Serão interrogados novamente e, se os governantes assim decidirem, serão desativados... Como se faz para entrar na nave? Preciso revistá-la.

— Não vai adiantar nada — disse Trevize. — Você não vai entender como funciona.

— Se eu não entender, os governantes entenderão.

— Eles também não vão entender.

— Então você explicará a eles.

— Não.

— Então será desativado.

— Se me desativarem, continuarão sem entender como a nave funciona.

Bliss sussurrou:

— Agüente mais um pouco. Estou começando a entender como o cérebro dele funciona.

O robô ignorou Bliss. (Seria o poder mental da moça?, pensou Trevize, e rezou para que estivesse certo.)

Sem tirar os olhos de Trevize, o robô disse:

— Se não quiser cooperar, teremos que desativá-lo parcialmente. Então nos revelará tudo o que queremos saber.

De repente, Pelorat exclamou, com voz esganiçada:

— Ei, você não pode fazer isso! Guardião, você não pode fazer isso!

— Tenho minhas instruções — disse o robô tranquilamente. — Claro que posso fazer isso. Naturalmente, procurarei limitar os danos ao mínimo necessário para obter a informação.

— Escute! Somos forasteiros, eu e meus dois amigos, mas esta criança — Pelorat olhou para Fallom, que ainda estava no seu colo — nasceu em Solaria. Vocês têm que obedecer a ela.

Fallom olhou para Pelorat com olhos que estavam abertos, mas pareciam vazios.

Bliss fez que não com a cabeça, mas Pelorat pareceu não notar.

Os olhos do robô se detiveram em Fallom por um momento. Ele disse:

— A criança não tem importância. Ela não possui lobos transdutores.

— Os lobos transdutores ainda não estão desenvolvidos — disse Pelorat, ofegante — porque ele ainda é muito jovem. Mesmo assim, é um solariano.

— Enquanto não tiver lobos transdutores desenvolvidos, não será um solariano. Não sou obrigado a protegê-lo ou a obedecer a sua ordens.

— Mas ele é filho do governante Bander!

— É mesmo? Como sabe?

Pelorat começou a gaguejar, como costumava fazer quando ficava nervoso.

— Co... co... como poderia haver o... outra criança aqui?

— Como sabe que só há uma criança?

— Você viu mais alguma?

— Sou eu que faço as perguntas!

Nesse momento, a atenção do robô foi atraída pelo companheiro, que tocou-lhe o braço. Os outros dois robôs, que tinham sido enviados para examinar a casa, estavam voltando com passos rápidos, mas que, mesmo assim, tinham certa irregularidade.

Todos ficaram calados esperando que se aproximassem. Então, um deles disse alguma coisa em solariano e os quatro robôs pareceram perder toda a elasticidade. Era como se estivessem confusos e deprimidos.

— Encontraram Bander — disse Pelorat, antes que Trevize tivesse tempo de silenciá-lo com um gesto.

O robô se voltou para Pelorat e disse, com voz pastosa:

— O governante Bander está morto. Pelo que acaba de dizer, você já sabia disso. Como foi que ele morreu?

— Como é que ele vai saber? — interveio Trevize.

— Você sabia que ele estava morto — insistiu o robô, ignorando

Trevize. — Sabia que o encontraríamos dentro da casa. Como poderia saber se não tivesse estado lá... se não o tivesse matado?

O robô estava pronunciando melhor as palavras. Já se tinha recuperado do choque.

— Como poderíamos ter matado Bander? — perguntou Trevize. — Com seus lobos transdutores, ele não nos deixaria nem chegar perto...

— Como você sabe do que os lobos transdutores são capazes?

— Você mesmo falou desses lobos.

— Apenas os mencionei. Não os descrevi nem enumerei suas qualidades.

— O conhecimento me foi revelado em um sonho.

— Esta explicação não é plausível.

— Imaginar que fomos nós os culpados também não é uma explicação plausível para a morte de Bander.

Pelorat acrescentou:

— Seja como for, se o governante Bander está morto, esta propriedade agora pertence ao governante Fallom. Vocês devem obediência a ele.

— Já expliquei — disse o robô — que um descendente sem lobos transdutores desenvolvidos não é um solariano e portanto não pode ser um Sucessor. Outro Sucessor, da idade apropriada, será enviado para cá assim que comunicarmos a morte do governante Bander.

— O que será feito do governante Fallom?

— Não existe nenhum governante Fallom. Existe apenas uma Criança e temos um excesso de crianças. Ela será eliminada.

— Vocês não teriam coragem! — protestou Bliss. — Uma pobre criança indefesa!

— Não serei eu o executor da tarefa — disse o robô — nem muito menos o responsável pela decisão. A questão estará a cargo dos governantes. Sei, porém, o que os governantes costumam decidir quando há excesso de crianças.

— Não pode ser!

— A criança não vai sentir nada... Vejo que está chegando outra nave. Devemos entrar na casa que era do governante Bander e convocar o Conselho por holovisão para escolher um Sucessor e decidir o que será feito com vocês... Passe-me a criança.

Bliss arrancou o corpinho semiconsciente de Fallom das mãos de Pelorat. Apertando-o com força, disse para o robô:

— Não toque nesta criança!

O robô deu um passo à frente e estendeu o braço. Bliss desviou-se, mas o robô não interrompeu o movimento. Inclinou-se para a frente, equilibrou-se por um momento nas pontas do pés e depois caiu de bruços no chão. Os outros três ficaram imóveis, os olhos sem brilho.

Bliss estava soluçando de raiva e de tristeza.

— Estava quase descobrindo como controlá-los, mas ele me fez agir antes do tempo. Fui obrigada a desativar todos os quatro... Agora vamos sair daqui antes que a outra nave pouse. Chega de robôs por hoje!

PARTE CINCO
MELPOMENIA

Capítulo 13
Saindo de Solaria

56

A partida foi rápida. Trevize apanhou as armas no chão, abriram a escotilha e entraram correndo na nave. Só depois da decolagem foi que Trevize percebeu que Fallom também estava a bordo.

Provavelmente não teriam escapado a tempo se as aeronaves de Solaria não fossem tão primitivas. A segunda nave tinha levado um tempo enorme para pousar. Por outro lado, o computador do *Estrela Distante* não precisara de mais que alguns segundos para fazer a nave gravítica deixar o planeta.

Embora o fato de a nave não estar sujeita à atração gravitacional (e portanto à inércia) eliminasse os efeitos da aceleração sobre os passageiros, que de outra forma teriam sido intoleráveis, tal a pressa com que haviam decolado, a resistência do ar era uma realidade que não podia ser ignorada. A temperatura externa do casco aumentou rapidamente, atingindo valores maiores que os recomendados nas especificações da nave.

Enquanto subiam, podiam ver várias outras naves se aproximarem da casa de Bander. Trevize imaginou quantos robôs Bliss conseguiria enfrentar ao mesmo tempo e chegou à conclusão de que se tivessem ficado mais quinze minutos em Solaria, estariam perdidos.

Uma vez no espaço (ou quase no espaço, cercados apenas pela tênue exosfera planetária), Trevize dirigiu a nave para o lado noturno do planeta. Era apenas um pulo, já que haviam decolado no final da tarde. No escuro, o *Estrela Distante* poderia esfriar mais depressa, em quanto continuava a se afastar do planeta em uma órbita em espiral Pelorat saiu do quarto que dividia com Bliss e disse:

— A criança está dormindo tranquila. Nós a ensinamos a usar o banheiro e ela aprendeu depressa.

— Isso não me surpreende. Em casa, devia dispor de instalações parecidas com as nossas.

— Não vi nenhuma lá, e olhe que estava procurando — disse Pelorat. — Voltamos para a nave bem a tempo.

— É mesmo. Mas por que trouxemos a criança conosco? Pelorat encolheu os ombros.

— Bliss não queria deixá-la. Era como salvar uma vida para compensar a que ela tirou. Bliss ainda não se conformou...

— Eu sei — disse Trevize.

— É uma criança bem estranha — disse Pelorat.

— Sendo hermafrodita, era de se esperar — disse Trevize.

— Tem um par de testículos...

— Eu já imaginava.

— E o que eu só posso descrever como uma vagina muito pequena. Trevize fez uma careta.

— Repugnante.

— Nem tanto, Golan — protestou Pelorat. — É adaptada às necessidades locais. Dela sai apenas um óvulo fertilizado, ou um embrião muito pequeno, que é então cultivado em laboratório por robôs especializados.

— O que aconteceria se o sistema de robôs deixasse de funcionar? Os solarianos não poderiam mais ter filhos.

— Qualquer mundo enfrentaria sérios problemas se sua estrutura social entrasse em colapso.

— Não que eu fosse morrer de pena dos habitantes de Solaria...

— Tenho que admitir que não é um mundo simpático — disse Pelorat. — Acontece que os solarianos são muito diferentes de nós, meu velho amigo. Se não fosse a população local e os robôs, você teria um mundo...

— ... que em pouco tempo estaria tão devastado quanto Aurora — disse Trevize. — Como está Bliss, Janov?

— Exausta. No momento, está dormindo. Ela passou por um mau pedaço, Golan.

— Todos nós passamos. Trevize fechou os olhos e descobriu que também estava precisando dormir um pouco. Antes, porém, precisava certificar-se de que os solarianos não dispunham de naves espaciais.

Pensou com irritação nos dois planetas dos Espaciais que haviam visitado: um, habitado por cães selvagens; o outro, por hermafroditas hostis; em nenhum dos dois, nenhuma pista, por pequena que fosse, para a localização da Terra. Fallom era tudo o que havia restado da dupla visita.

Abriu os olhos. Pelorat ainda estava sentado do outro lado do computador, observando-o.

Trevize disse bruscamente:

— Devíamos ter deixado a criança em Solaria.

— Pobrezinha... eles a teriam matado!

— Mesmo assim. O lugar dela era lá. Ela pertence àquela sociedade. Ser executado por ser considerado supérfluo faz parte do jogo.

— Meu velho amigo, que coisa cruel de se dizer!

— Estou sendo *prático*. Não sabemos direito como cuidar da criança... pode ser que acabe morrendo de qualquer maneira. O que é que ela come?

— O mesmo que nós, suponho. O problema é: o que é que *nós*

vamos comer? Como estamos de suprimentos?

— Muito bem. Mesmo contando com o novo passageiro Pelorat não parecia entusiasmado com a resposta. Ele disse:

— Já estou farto da comida de bordo. Devíamos ter comprado alguns mantimentos em Comporellon... não que a cozinha deles fosse lá essas coisas, mas...

— Não pudemos, lembra-se? Tivemos que partir às pressas, como aliás aconteceu também em Aurora e em Solaria. Afinal, que há de errado com um pouco de monotonia? Pode estragar o prazer da gente, mas pelo menos nos mantém vivos.

— Seria possível reabastecer a nave em caso de necessidade?

— Claro, Janov. Com uma nave gravítica e motores hiperespaciais, a Galáxia passa a ser pequena. Em poucos dias, poderíamos atravessá-la de uma extremidade a outra. Acontece, porém, que metade dos planetas da Galáxia já deve saber que a Fundação quer sua nave de volta, de modo que prefiro manter-me afastado dos grandes centros.

— Faz muito bem... reparou que Bander não parecia interessado na nave?

— Até certo ponto, isso é compreensível. Há muito tempo que os solarianos devem ter renunciado às viagens espaciais. Seu desejo de isolamento é tão grande que seria uma contradição se saíssem do planeta para visitar outros mundos.

— Que vamos fazer agora, Golan?

— Temos um terceiro conjunto de coordenadas para verificar.

— A julgar pelo resultado das duas primeiras tentativas, nem sei se vale a pena...

— Nem eu, mas assim que eu puser o sono em dia, vou pedir ao computador para calcular o nosso curso para o terceiro planeta.

57

Trevize dormiu muito mais do que pretendia, mas aquilo não fez a menor diferença. A bordo da nave não havia nem dia nem noite e o ritmo circadiano nem sempre era obedecido. Ninguém dava muita importância ao relógio; era relativamente comum que Trevize, Pelorat e Bliss (principalmente esta última) comessem e dormissem a intervalos extremamente irregulares.

Trevize estava até pensando, enquanto enxugava a espuma (para economizar água, os três se tinham acostumado a enxugar a espuma em vez de tirá-la com água), em voltar para a cama por uma hora ou duas, quando se voltou e deu de cara com Fallom, inteiramente despido. O rapaz deu um pulo, o que, no espaço restrito do banheiro, não poderia fazer sem esbarrar violentamente em alguma coisa dura.

Praguejou.

Fallom estava olhando para ele com interesse e apontando para o pênis de Trevize. Suas palavras eram incompreensíveis, mas a criança parecia não acreditar no que via. Trevize instintivamente cobriu o pênis com as mãos.

Foi então que Fallom disse, com sua voz de soprano:

— Saudações.

Trevize teve um leve sobressalto quando percebeu que a criança estava falando em galáctico, mas a palavra parecia ter sido memorizada. Fallom prosseguiu com esforço, destacando as palavras:

— Bliss... dizer... você... me... lavar.

— É mesmo? — exclamou Trevize. Colocou as mãos nos ombros da criança.

— Você... fique... aqui. Apontou para o chão e Fallom, naturalmente, olhou para onde Trevize estava apontando. Não parecia ter compreendido a frase.

— Não saia daí — disse Trevize, segurando a criança com firmeza pelos dois braços e comprimindo-os contra o corpo, para indicar imobilidade. Enxugou-se rapidamente e vestiu-se mais depressa ainda. Saiu do banheiro e gritou, furioso:

— Bliss!

A moça apareceu imediatamente na porta do quarto e disse, sorrindo:

— Está me chamando, Trevize, ou o que ouvi foi o som da brisa suave acariciando as folhas das árvores?

— Não estou achando graça, Bliss. O que é isso? — perguntou Trevize, apontando para o banheiro.

A moça olhou na mesma direção e disse:

— Ora, parece a criança solariana que trouxemos ontem para bordo.

— A criança que *você* trouxe para bordo. Por que quer que eu dê banho nela?

— Pensei que você fosse gostar da ideia. É uma criatura muito inteligente. Está aprendendo a falar galáctico comigo. Nunca esquece nada que lhe ensino. Naturalmente, estou usando meus poderes mentais para facilitar as coisas.

— Naturalmente.

— Faço o que posso para mantê-la calma. Conservei-a em uma espécie de torpor enquanto estávamos no planeta. Depois que partimos, cuidei para que dormisse bastante e agora estou tentando fazê-la aceitar a perda de Jemby, de quem, aparentemente, gostava muito.

— De modo que ela vai acabar gostando daqui...

— Espero que sim. Tem a vantagem de ser muito jovem e

portanto adaptável. Vou ensiná-la a falar galáctico.

— Então *você* fica encarregada de dar banho nela, está bem? Bliss deu de ombros.

— Está bem, se você insiste, mas gostaria de que ela se sentisse à vontade com todos nós. Para isso, achei que uma boa ideia seria nós nos revezarmos no papel de pais. Posso contar com a sua cooperação?

— Não a ponto de dar banho na criança. E quando terminar, livre-se dela. Quero falar com você em particular.

Bliss perguntou, em tom hostil:

— O que quer dizer com "livre-se dela"?

— Não estou dizendo para jogá-la para fora da nave. Deixe-a no seu quarto. Mande-a sentar-se num canto. Preciso falar com você.

— Estarei ao seu dispor — disse Bliss, friamente.

Trevize ficou onde estava por um momento, procurando acalmar-se; depois, foi até a sala de comando e ligou o telescópio.

Solaria era um disco escuro, com um crescente luminoso do lado esquerdo. Trevize colocou as mãos sobre a mesa e imediatamente a raiva passou. A ligação entre homem e computador era uma atividade absorvente; através de um reflexo condicionado, o rapaz associava o contato com o computador a uma serenidade absoluta.

Não havia nenhum objeto artificial entre a nave e o planeta. Os solarianos (ou seus robôs) não os estavam seguindo.

Muito bem. Podiam então sair da sombra. Mesmo que não mudasse o curso, a nave acabaria por entrar na zona iluminada, pois, ao afastar-se de Solaria, o tamanho aparente do planeta ficaria menor que o do sol do seu sistema.

Instruiu o computador para tirar a nave do plano da eclíptica, já que isso lhe permitiria acelerar a nave com maior segurança. Assim, chegariam mais depressa a uma região em que a curvatura do espaço fosse suficientemente pequena para permitir um Salto seguro.

Como freqüentemente acontecia nessas ocasiões, Trevize ficou apreciando as estrelas, quase hipnóticas em sua imobilidade. Toda a turbulência e instabilidade eram eliminadas pela distância, que as transformava em pontinhos luminosos.

Um desses pontinhos podia muito bem ser o sol em torno do qual a Terra girava... o Sol original, cuja radiação havia banhado as primeiras formas de vida, cujo calor havia aquecido os primeiros seres humanos da Galáxia.

Se os mundos dos Espaciais giravam em torno de estrelas que eram membros brilhantes e proeminentes da família estelar e que mesmo assim não figuravam no mapa da Galáxia que estava na memória do computador, o mesmo podia acontecer com o sol da Terra.

Ou seriam apenas os sóis dos planetas dos Espaciais que tinham

sido omitidos, graças a algum tratado antigo que os havia deixado isolados do resto da Galáxia. Estaria o sol da Terra incluído no mapa da Galáxia, mas sem nada que o distinguisse dos milhares e milhares de estrelas da mesma classe?

Afinal, havia uns trinta bilhões de estrelas como o Sol na Galáxia, e dessas estrelas uma em cada mil, aproximadamente, possuía pelo menos um planeta habitável. Podia haver mais de mil planetas habitáveis em um raio de algumas centenas de parsecs da posição em que se encontravam no momento. Seria praticável investigar todas essas estrelas, uma por uma?

E se o Sol original nem estivesse naquele setor da Galáxia? Quantas outras regiões estavam convencidas de que o Sol estava nas vizinhanças, de que *eles* tinham sido os primeiros colonizadores?

Precisava de informações mais precisas que as que conseguira obter até o momento. Tinha quase certeza de que nem mesmo uma investigação minuciosa das ruínas milenares de Aurora revelaria alguma coisa a respeito localização da Terra. Duvidava também de que os solarianos pudessem contribuir para a solução do enigma.

Afinal, se todas as referências à Terra haviam desaparecida da grande Biblioteca de Trantor, se não restava nenhuma recordação da Terra na grande Memória Coletiva de Gaia, era pouco provável que restasse alguma informação útil a respeito da Terra nos mundos perdidos dos Espaciais.

O que aconteceria, se, por um golpe de sorte, conseguisse encontrar o sol da Terra e, consequentemente, a própria Terra? Alguma força estranha o obrigaria a esquecer-se do fato? As defesas da Terra seriam intransponíveis? Os atuais habitantes do planeta estariam decididos a permanecer ocultos do resto da Galáxia, custasse o que custasse?

Afinal de contas, o que é que estava procurando?

Seria a Terra? Ou uma falha no Plano de Seldon, que acreditava (por alguma razão obscura) poder encontrar na Terra?

O Plano de Seldon estava funcionando há mais de quinhentos anos e culminaria (assim se dizia) com o Segundo Império Galáctico, maior, mais justo e mais duradouro que o primeiro. Mesmo assim, ele, Trevize, havia votado contra o Segundo Império e a favor da Galáxia Viva.

A Galáxia Viva seria um organismo único, de tamanho descomunal, enquanto que o Segundo Império Galáctico, por mais organizado que fosse, não passaria de uma união de organismos independentes, cada um de dimensões microscópicas em comparação com o todo. O Império representaria mais um exemplo do tipo de associação de indivíduos livres que sempre havia caracterizado as aglomerações humanas. O Segundo Império Galáctico talvez fosse o

maior e mais desenvolvido dos exemplares da espécie, mas mesmo assim seria apenas mais um membro dessa espécie.

Para que a Galáxia Viva, um membro de uma espécie totalmente diferente de organização, fosse preferível ao Segundo Império Galáctico, era preciso que houvesse uma falha no Plano, alguma coisa que nem o próprio Hari Seldon houvesse previsto.

Mas se havia mesmo uma falha no plano, o que é que ele, Trevize, poderia fazer? Não era matemático; não sabia nada, absolutamente nada, a respeito dos detalhes do Plano; nem seria capaz de compreender, se alguém tentasse explicar-lhe.

Tudo o que conhecia eram as duas hipótese básicas. Primeira: que houvesse um grande número de seres humanos envolvidos. Segunda que nenhum deles conhecesse as previsões do Plano. A primeira hipótese era certamente realista, dada a enorme população da Galáxia; a segunda tinha que ser verdadeira, já que os únicos que conheciam os detalhes a respeito do Plano eram os membros da Segunda Fundação, que guardavam ciosamente o segredo.

Tudo o que podia restar era alguma hipótese adicional, não explicitada por Seldon, alguma coisa tão natural, tão óbvia que jamais tivesse sido mencionada... e que no entanto pudesse ser falsa. Uma hipótese que, *se fosse* falsa, impediria a conclusão triunfal do Plano e tornaria a Galáxia Viva preferível ao Império.

Mas se a hipótese era tão óbvia e natural que ninguém se lembrava de mencioná-la, como poderia ser falsa? E se ninguém se referia a ela, ou a levava em conta, como poderia Trevize ter conhecimento de sua existência?

Seria ele um homem com uma intuição infalível, como Gaia parecia acreditar? Saberia sempre o que fazer, mesmo que não conhecesse as próprias razões?

Agora estava visitando os mundos dos Espaciais... seria a coisa certa a fazer? A resposta estaria nos mundos dos Espaciais... ou pelo menos o início da resposta?

O que havia em Aurora além de ruínas e cães selvagens? (E, provavelmente, outras criaturas ferozes. Touros furiosos? Ratos gigantes? Gatos assassinos?) Solaria era habitado por seres inteligentes, mas qual a relação entre ele, Trevize, e aqueles estranhos homens e robôs? O que é que esses dois mundos tinham a ver com o Plano de Seldon, a menos que contivessem alguma pista para a localização da Terra?

Mesmo que isso fosse verdade, o que é que a *Terra* tinha a ver com o Plano de Seldon? Tudo aquilo seria loucura? Será que ele se tinha deixado levar por uma fantasia infantil?

Uma sensação de vergonha se apossou de Trevize a ponto de quase impedi-lo de respirar. Olhou para as estrelas, remotas,

impessoais, e pensou: devo ser O Grande Idiota da Galáxia.

58

A voz de Bliss interrompeu-lhe os devaneios.

— Então Trevize, o que é que você queria discutir... ei, aconteceu alguma coisa?

A moça parecia genuinamente preocupada. Trevize olhou para ela e, por um momento, não conseguiu sair da depressão em que se encontrava. Mesmo assim, respondeu:

— Não, não aconteceu nada... eu estava apenas pensando. Sabe, uma vez ou outra eu também penso.

A lembrança de que Bliss era capaz de detectar suas emoções o deixava inquieto. Tinha apenas a palavra da moça de que não tentaria examinar-lhe a mente.

Entretanto, Bliss pareceu aceitar a negativa sem pestanejar. Ela disse:

— Pelorat está com Fallom, ensinando-lhe algumas frases em galáctico. Parece que a criança pode comer o que nós comemos sem nenhum problema... mas afinal sobre que assunto você queria falar comigo?

— Aqui, não — disse Trevize. — No momento o computador não precisa de mim. Se quiser vir para o meu quarto, a cama está feita e você pode sentar-se nela enquanto eu me sento na cadeira. Ou o contrário, se preferir.

— Tanto faz.

Encaminharam-se para o quarto de Trevize. Bliss olhou para o rapaz, desconfiada.

— Você não parece mais furioso.

— Andou lendo meus pensamentos?

— Nada disso. Apenas reparei na sua expressão.

— Não estou furioso. Posso perder a paciência uma vez ou outra, mas isso é diferente de ficar furioso. Agora, se não se importa, gostaria de fazer-lhe algumas perguntas.

Bliss se sentou na cama de Trevize, com o corpo ereto e uma expressão solene nos olhos castanho-escuros. Os cabelos negros estavam penteados e o corpo exalava um leve odor de perfume.

Trevize sorriu.

— Você se enfeitou antes de vir para cá. Deve achar que eu não teria coragem de gritar com uma mocinha bonita.

— Pode gritar comigo quanto quiser, se isso o faz sentir-se melhor. O que não quero é que grite com Fallom.

— Não pretendo gritar com ele. Nem com você. Não resolvemos que íamos ser amigos?

— Gaia sempre foi seu amigo, Trevize.

— Não estou falando de Gaia. Sei que você é parte de Gaia e que você é Gaia. Mesmo assim, existe alguma coisa pessoal em você. Estou falando com alguém chamado Bliss. Não resolvemos que íamos ser amigos, Bliss?

— Resolvemos, Trevize.

— Então por que custou tanto para cuidar dos robôs em Solaria depois que saímos da casa de Bander? Eles me humilharam, me machucaram e você não fez nada. A cada momento nossa situação se tornava mais perigosa e você não fez nada.

Bliss olhou para ele, muito séria, e falou como se estivesse querendo explicar os seus atos e não justificá-los.

— Eu estava fazendo alguma coisa, Trevize. Estava estudando as mentes dos Robôs Guardiões, tentando descobrir como controlá-los.

— Eu sei que era isso que você estava fazendo. Pelo menos, foi o que me disse na ocasião. Acontece que não me parece razoável. Para que controlar os robôs quando você era perfeitamente capaz de desativá-los, como aliás acabou fazendo?

— Acha que é tão fácil destruir um ser inteligente?

Os lábios de Trevize se contraíram em uma expressão de desagrado.

— Ora, deixe disso, Bliss. Um *ser* inteligente? Era apenas um robô!

— Apenas um robô? — O tom de voz da moça perdeu um pouco da frieza. — É sempre o mesmo argumento. Apenas. Apenas! Por que o solariano hesitaria em matar-nos? Éramos apenas seres humanos sem transdutores. Por que deveríamos ter pena de Fallom? Era apenas uma criança de outra raça. Se começar a desprezar a tudo e a todos com um é apenas isso ou apenas aquilo, sentir-se-á livre para eliminar qualquer coisa que o esteja incomodando no momento. Sempre haverá uma desculpa.

— Não leve uma observação razoável a tornar-se ridícula. O robô era apenas um robô. Não há como negar isso. Ele não era humano. Não era inteligente. Era uma máquina projetada para imitar um comportamento inteligente.

— Com que segurança você fala de coisas que desconhece por completo! — exclamou Bliss. — Eu sou Gaia. Sim, sou Bliss, também, mas sou Gaia. Sou um mundo que considera cada átomo precioso e importante, e qualquer organização de átomos ainda mais preciosa e importante. Eu/nós/Gaia jamais desfazemos levianamente uma organização, mas temos o maior prazer em incorporá-la a uma organização mais complexa, contanto que isso não prejudique o conjunto.

“A mais alta forma de organização que conhecemos produz a

inteligência; a destruição da inteligência nos traz profundo pesar". O fato de se tratar de inteligência mecânica ou bioquímica é irrelevante. Na verdade, o Robô Guardião representava uma forma de inteligência que eu/nós/Gaia nunca havíamos encontrado. Estudá-la constituía uma experiência maravilhosa. Destruí-la seria inadmissível... a não ser como último recurso.

Trevize disse secamente:

— Havia três inteligências maiores em risco: a sua, a de Pelorat, o ser humano que você ama, e, se me permite, a minha.

— Quatro! Você se esqueceu de Fallom... Não, não estávamos correndo nenhum risco... pelo menos, foi o que pensei na ocasião. Escute... suponha que estivesse diante de uma pintura, uma obra-prima, cuja existência significasse a morte para você. Tudo o que teria a fazer seria dar uma pincelada ao acaso no meio da pintura e pronto, ela estaria mutilada para sempre e você estaria salvo. Suponha, porém, que se você examinasse a pintura com atenção e acrescentasse um retoque aqui, outro ali, removesse um pequeno trecho em um terceiro lugar c assim por diante, conseguiria modificar a pintura o suficiente para escapar à morte, mas ela continuaria a ser uma obra-prima. Naturalmente, as alterações teriam que ser feitas com extremo cuidado. Levaria tempo, mas se você dispusesse desse tempo, certamente seria preferível salvar tanto a sua vida como a pintura.

— Talvez — disse Trevize. — Mas no fim você mutilou a pintura. Deu uma pincelada ao acaso e acabou com todos os leves retoques, com todas as pequenas sutilezas de cor e de forma. E só fez isso quando achou que o pequeno hermafrodita estava em perigo. Enquanto as vidas em risco eram a minha, a de Pelorat e a sua própria, você não tez nada.

— Nós, forasteiros, não estávamos correndo um risco *imediato*. Com Fallom, porém, era diferente. Tive que escolher entre Fallom e os Robôs Guardiões, e tive que escolher depressa. Você já sabe que escolhi Fallom.

— Foi assim mesmo, Bliss? Uma avaliação instantânea, uma comparação entre duas inteligências, para decidir qual das duas valia mais a pena salvar?

— Isso mesmo.

— E se lhe disser que na hora só viu uma criança indefesa na sua frente? Uma pobre criança em perigo? O instinto maternal entrou em ação e você agiu rapidamente, ao passo que antes, quando as vidas de três adultos estavam em jogo, era toda lógica e moderação...

Bliss enrubesceu.

— Pode ser que eu tenha sentido pena da criança, mas não agi irracionalmente como você parece insinuar. Não, fiz o que me parecia mais lógico na ocasião.

— Não concordo. Se você estivesse pensando logicamente, perceberia que a criança estava sofrendo o mesmo tratamento que a maioria das crianças nascidas naquele planeta. Quem sabe quantos milhares de crianças foram mortas para manter a população de Solaria no nível considerado ideal pelos seus habitantes?

— Não é só isso, Trevize. A criança ia ser morta porque era jovem demais para ser um sucessor, e isso porque seu pai havia morrido prematuramente, e *isso* porque eu havia matado o seu pai.

— Em legítima defesa.

— Isso não importa. Eu matei o pai. Não podia ficar impassível e permitir que o filho sofresse as consequências do meu ato... Além disso, havia a oportunidade de estudarmos um cérebro que nunca foi estudado por Gaia.

— Um cérebro de criança.

— Não será um cérebro de criança por muito tempo. Em breve, os lobos transdutores começarão a se desenvolver. Esse lobos dão aos solarianos poderes maiores que os de Gaia. Tive que fazer um grande esforço apenas para manter umas poucas luzes acesas. Bander era capaz de fornecer energia para uma propriedade tão grande em tamanho e complexidade quanto a cidade que vimos em Comporellon... e fazer isso mesmo quando estava dormindo.

— Então você considera a criança como um interessante objeto de pesquisa neurológica.

— De certa forma, sim.

— Não é assim que eu a vejo. Para mim, ela é um passageiro perigoso. Muito perigoso.

— Perigoso por quê? A criança se adaptará perfeitamente... com a minha ajuda. É muito inteligente e parece que gosta de nós. Come o que comemos, irá para onde formos e eu/nós/Gaia aprenderemos muita coisa estudando o seu cérebro.

— E se tiver filhos? Ela não precisa de parceiros, você sabe.

— Ainda falta muito para que atinja a idade de procriar. Os Espaciais viviam vários séculos e os solarianos limitam estritamente a população do seu planeta. Provavelmente modificaram geneticamente os habitantes para que tivessem filhos o mais tarde possível. Não precisa se preocupar; Fallom não poderia se reproduzir mesmo que quisesse.

— Como sabe?

— Não *sei.* Estou apenas usando a lógica.

— E eu estou lhe dizendo que Fallom ainda vai nos trazer encrenca.

— Você também não sabe. Pior ainda, não está sendo lógico.

— É apenas um palpite, Bliss, sem base nos fatos... pelo menos, até o momento. E é você, e não eu, quem insiste que a minha intuição

é infalível.

Bliss franziu a testa, mas não disse mais nada.

59

Pelorat parou na porta da sala de comando e olhou para dentro, pouco à vontade. Parecia estar verificando se Trevize estava muito ocupado ou não.

Trevize tinha colocado as mãos sobre a mesa, como sempre fazia quando estava em contato com o computador, e seus olhos estavam fixos na tela. Pelorat concluiu, portanto, que o amigo estava trabalhando e esperou pacientemente, procurando não fazer barulho ou, de outra forma qualquer, incomodar o outro.

Por fim, Trevize desviou os olhos da tela e deu com Pelorat. Não pareceu tomar consciência imediatamente da presença do amigo. Os olhos de Trevize sempre pareciam um pouco vidrados e fora de foco quando estava em contato com o computador; era como se não estivesse olhando, pensando, vivendo da mesma forma que uma pessoa comum.

Mesmo assim, balançou a cabeça devagar para Pelorat, como se a visão, penetrando com dificuldade, tivesse finalmente conseguido impressionar os lobos ópticos. Depois de alguns instantes, levantou as mãos, sorriu e voltou a ser o Trevize de sempre.

— Desculpe pela interrupção, Golan — disse Pelorat.

— Não tem importância, Janov. Estava apenas verificando se estamos prontos para o Salto. De acordo com o computador, poderíamos saltar agora mesmo, mas decidi esperar mais algumas horas, para não abusar da sorte.

— O que é que a sorte... ou o acaso... têm a ver com isso?

— Foi apenas uma maneira de falar — disse Trevize, sorrindo —, mas a verdade é que todo Salto está sujeito a fatores aleatórios... O que é que você quer?

— Posso sentar-me?

— Claro, mas vamos para o meu quarto. Como está Bliss?

— Muito bem. — Pelorat pigarreou. — Está dormindo de novo. Ela precisa do sono, você entende.

— Compreendo perfeitamente. É a ligação hiperespacial que a deixa exausta.

— Exatamente, meu velho amigo.

— E Fallom?

Trevize reclinou-se na cama, deixando a cadeira para Pelorat.

— Sabe aqueles livros da minha biblioteca que você mandou o computador imprimir para mim? Os livros de histórias? Fallom está lendo esses livros. Ainda não consegue compreender muita coisa, mas

parece divertir-se com o som das palavras. Ele é... quando penso em Fallom, é sempre como alguém do sexo masculino. Por que será? Trevize deu de ombros.

— Talvez porque você seja homem.

— Talvez. Ele é uma criança muito inteligente.

— Já notei. Pelorat hesitou.

— Tenho a impressão de que você não gosta muito de Fallom.

— Não é nada pessoal, Janov. Nunca tive filhos e não me interesso especialmente por crianças. Você tem filhos, não tem?

— Um filho... ainda me lembro do prazer que sentia só de olhar para ele, quando era da idade de Fallom... talvez seja por isso que penso em Fallom como um menino. É como se estivesse voltando vinte anos no tempo.

— Não me incomodo de você gostar dele, Janov.

— Você gostaria também, se estivesse disposto a tentar.

— Tenho certeza que sim, Janov... um dia, quem sabe...

Pelorat hesitou novamente.

— Também deve estar cansado de discutir com Bliss.

— Acho que não vamos discutir mais, Janov. Na verdade, eu e Bliss estamos nos dando muito bem. Tivemos uma conversa bastante adulta outro dia... você sabe, sem gritos nem recriminações... a respeito do tempo que ela levou para desativar os Robôs Guardiões. Afinal, Bliss vive salvando nossas vidas, de modo que, pelo menos por gratidão, não devemos implicar com ela, não é mesmo?

— Está bem, entendo o que quer dizer, mas não estava falando em discutir no sentido de brigar. Estava me referindo à discussão a respeito do futuro da raça humana... a respeito das vantagens da Galáxia Viva em relação à individualidade.

— Ah, isso! Suponho que continuaremos a discutir o assunto... mas de forma educada.

— Você se importaria, Golan, se eu tentasse defender o ponto de vista de Bliss?

— Claro que não. Você está convencido de que a Galáxia Viva é uma boa ideia, ou simplesmente se sente mais feliz quando concorda com Bliss?

— Sinceramente, estou convencido. Acho que a Galáxia Viva é um passo natural na evolução humana. Você mesmo escolheu esse curso de ação e cada vez me convenço mais de que está certo.

— Só porque fui eu que escolhi? Isso não é motivo. Apesar do que pensa Gaia, eu posso perfeitamente me enganar. Não deixe Bliss convencê-lo com esse tipo de argumento.

— Não acho que você se tenha enganado. Quem me convenceu foi Solaria e não Bliss.

— Como?

— Para começar, somos Isolados, você e eu.

— Essa expressão é de Bliss, Janov. Prefiro pensar em nós como indivíduos.

— Uma questão de semântica, meu velho amigo. Chame você como quiser, estamos trancados dentro de nossa própria pele e pensando em primeiro lugar em nós mesmos. A autodefesa é a primeira lei da nossa natureza, mesmo que isso signifique fazer mal aos semelhantes.

— Muita gente deu a vida pelos semelhantes.

— Um fenômeno relativamente raro. Muito mais pessoas sacrificaram as necessidades e até mesmo as vidas dos semelhantes para satisfazer um mero capricho.

— O que é que isso tem a ver com Solaria?

— Em Solaria, tivemos oportunidade de observar os estágios finais de evolução dos Isolados... ou indivíduos, se preferir. Os solarianos aceitam a contragosto a ideia de compartilhar um planeta com os semelhantes. Para eles, a liberdade perfeita está em uma vida de total isolamento. Não têm pena nem mesmo das crianças, que eliminam friamente para evitar o excesso de população. Cercam-se de escravos mecânicos, que abastecem pessoalmente de energia, de modo que, quando morrem, toda a sua enorme propriedade morre também. Você considera isso um exemplo a ser seguido, Golan? Existe algum termo de comparação com a decência, bondade e respeito mútuo das partes de Gaia? Bliss não discutiu o assunto comigo. Estou dizendo exatamente o que penso.

— Sei disso, Janov. Eu concordo com você. Também achei horrível a sociedade dos solarianos, mas nem sempre foi assim. Eles descendem dos terráqueos e, mais recentemente, dos Espaciais, que levavam uma vida muito mais normal. Os solarianos escolheram um caminho, por alguma razão, que levou a uma situação extrema, mas não devemos julgar por extremos. Em toda a Galáxia, com seus milhões de mundos habitados, você já ouviu falar de algum planeta, no presente ou no passado, que tenha abrigado uma sociedade como a de Solaria, ou mesmo *remotamente* parecida com a de Solaria? Mesmo Solaria teria chegado ao ponto que chegou se não tivesse robôs? Pode imaginar uma sociedade como a de Solaria sem robôs?

Pelorat fez uma careta.

— Você parece muito à vontade defendendo o tipo de Galáxia contra o qual você mesmo votou, Golan.

— Não é bem assim. Deve haver alguma razão para eu haver optado pela Galáxia Viva. Quando encontrar essa razão, ficarei tranquilo. Isto é, *se* eu encontrar essa razão.

— Acha que talvez não a encontre? Trevize deu de ombros.

— Como vou saber? Sabe por que decidi esperar algumas horas

para dar o Salto e por que estou quase convencido a esperar mais alguns dias?

— Você me disse que isso tornaria o Salto mais seguro.

— Sim, foi o que eu disse, mas não é só isso. O que eu realmente temo é que aquelas coordenadas dos mundos dos Espaciais não tenham nenhuma utilidade para nós, afinal de contas. Começamos com três conjuntos de coordenadas e já usamos dois. Nos dois casos, tivemos sorte de escapar com vida e não conseguimos nenhuma pista nova a respeito da localização da Terra ou mesmo a respeito da própria existência da Terra. Agora estamos prestes a iniciar a terceira viagem. E se o resultado também for negativo?

Pelorat suspirou.

— Meu velho amigo, existem lendas antigas... na verdade, uma delas aparece no livro de histórias que emprestei a Fallom... nas quais uma pessoa tem direito a três desejos, não mais que três. Três parece ser um número muito importante nas lendas, talvez por se tratar do primeiro número ímpar maior que um e portanto o menor número decisivo. Você sabe, dois pontos em três significam a vitória. Acontece que, de acordo com as lendas, os três desejos nunca servem para nada. Ninguém sabe usá-los corretamente, o que reflete, de acordo com a minha interpretação, uma lição de moral no sentido de que devemos trabalhar para conseguir o que desejamos e não...

Interrompeu o que estava dizendo e baixou a cabeça, envergonhado.

— Sinto muito, Golan, por estar tomando o seu tempo. Quando começo a falar de história, não sei a hora de parar.

— Tenho sempre muito prazer em ouvi-lo, Janov. Achei a analogia interessante. Temos direito a três desejos e já gastamos dois sem nenhum sucesso. Só nos resta um. Estou com o pressentimento de que vamos fracassar de novo e é por isso que estou adiando o Salto o máximo possível.

— O que vai fazer se não encontrarmos nenhuma pista no terceiro planeta? Voltar para Gaia? Para Terminus?

— Oh, não! — protestou Trevize, sacudindo a cabeça. — Vou continuar a busca... como, ainda não sei.

Capítulo 14
O Planeta Morto

60

Trevize estava deprimido. As poucas vitórias que conseguira desde o início da busca não tinham sido decisivas; serviam apenas para adiar um pouco a derrota final.

Agora, tinha adiado o Salto para o terceiro planeta dos Espaciais a ponto de deixar os outros nervosos. Quando finalmente se decidiu a dar a ordem ao computador, Pelorat estava de pé na entrada da sala de comando, com ar muito solene, e Bliss estava logo atrás. Até mesmo Fallom lá estava, olhando com curiosidade para Trevize, mas sem largar a mão de Bliss.

Trevize levantou os olhos da tela do computador e comentou, de forma um tanto grosseira: — Mas que família!

Era, porém, uma forma de disfarçar o próprio mal-estar. Instruiu o computador para voltar ao espaço normal mais longe da estrela em questão do que o absolutamente necessário. Repetiu para si mesmo que estava sendo cauteloso em vista do que acontecera nos outros planetas dos Espaciais, mas sabia que não era verdade. No fundo, esperava completar o Salto a uma distância tão grande da estrela que não saberia imediatamente se ela possuía ou não um planeta habitável. Isso lhe daria mais alguns dias de viagem até que fosse forçado a enfrentar (talvez) uma amarga decepção.

Assim, observado atentamente pela "família", Trevize inspirou fundo, reteve o ar por alguns instantes e depois expulsou-o ruidosamente por entre os lábios semicerrados enquanto fornecia a instrução final para o computador.

A imagem vista pelo telescópio mudou bruscamente e a tela ficou mais vazia, pois haviam sido transportados para uma região em que as estrelas eram um pouco mais esparsas. Bem no meio da tela, havia um ponto luminoso.

Trevize deu um largo sorriso, pois aquilo era um bom sinal. Afinal de contas, o terceiro conjunto de coordenadas podia estar errado e podia não haver nenhuma estrela da classe G na posição indicada. Olhou para os outros três e disse:

— Aí está. A estrela número três. — Tem certeza? — perguntou Bliss.

— Observe! — disse Trevize. — Vou passar para o mapa da Galáxia, visto da mesma posição. Se a estrela desaparecer, é porque não consta do mapa e portanto é a que queremos.

O computador obedeceu ao comando e a estrela desapareceu instantaneamente, enquanto todas as outras permaneceram exatamente onde estavam, em sublime indiferença.

— É ela — disse Trevize.

Mesmo assim, fez com que o *Estrela Distante* se movesse à frente com metade da velocidade de cruzeiro. Ainda havia a questão da presença ou ausência de um planeta habitável e Trevize não estava com pressa de descobrir a verdade. Mesmo depois de três dias de viagem, ainda não era possível afirmar coisa alguma a respeito.

Será que não? Havia um gigante gasoso. Girava em torno da estrela em uma órbita muito distante e exibia um brilho amarelo-claro no lado iluminado, que, da posição em que estavam, parecia um grande crescente.

Trevize não gostou do que estava vendo, mas procurou não demonstrar e falou a respeito de uma forma tão impessoal quanto um guia turístico.

— Existe um gigante gasoso lá fora — disse. — Tem um par de anéis e dois satélites de bom tamanho.

— Muitos sistemas possuem gigantes gasosos, não é? — perguntou Bliss.

— Sim, mas este é maior do que a média. A julgar pelas distâncias dos satélites e seus períodos de revolução, o gigante gasoso é quase duas mil vezes maior do que qualquer planeta habitável que possa existir no sistema.

— Qual a diferença? — quis saber Bliss. — Gigantes gasosos são gigantes gasosos, independentemente do tamanho. Estão sempre a grandes distâncias da estrela que circundam. Para encontrarmos um planeta habitável, teremos que chegar muito mais perto da estrela.

Trevize hesitou e depois decidiu pôr as cartas na mesa.

— O problema é que os gigantes gasosos tendem a varrer o espaço planetário. O material que não absorvem em geral se condensarem corpos menores que acabam por se tornar satélites. Quanto maior um gigante gasoso, maior a probabilidade de que seja o único planeta do sistema.

— Está querendo dizer que não existe nenhum planeta habitável aqui?

— Quanto maior o gigante gasoso, menor a probabilidade de existir um planeta habitável. Acontece que este gigante gasoso é tão grande que pode ser considerado como estrela anã.

— Posso vê-lo? — perguntou Pelorat.

Os três olharam para a tela (Fallom estava no quarto de Bliss com os livros).

A vista foi ampliada até o crescente ocupar toda a tela. O crescente era cortado por uma linha fina e escura um pouco acima do

centro, a sombra do sistema de anéis, que também era visível, pouco acima da superfície do planeta, como uma curva brilhante que penetrava um pouco no lado escuro antes de ser oculta pela sombra do planeta.

Trevize disse:

— O eixo de rotação do planeta tem uma inclinação de cerca de 35 graus em relação ao plano de revolução, e o anel, naturalmente, está no plano do equador, de modo que a luz da estrela, neste ponto da órbita, vem de baixo e projeta a sombra do anel acima do equador.

Pelorat olhou para a tela, embevecido.

— Esses anéis são estreitos...

— Na verdade, são um pouco mais largos que a média — disse Trevize.

— De acordo com a lenda, os anéis que existem em volta de um dos gigantes gasosos do sistema planetário a que a Terra pertence são muito mais largos e possuem uma estrutura muito mais complexa que os que estamos vendo. Na verdade, o gigante gasoso chega a parecer pequeno comparado com os anéis.

— Isso não é de admirar — disse Trevize. — Quando uma história é transmitida de geração a geração por milhares de anos, é natural que ocorram alguns exageros.

— É lindo! — exclamou Bliss. — Olhando para o crescente, a gente tem a impressão de que está pulsando sem parar.

— São turbulências atmosféricas — explicou Trevize. — Em geral, ficam mais visíveis quando se escolhe o comprimento de onda apropriado. Deixe-me tentar.

Colocou as mãos sobre a mesa e mandou o computador varrer o espectro até encontrar o comprimento de onda que permitisse o maior contraste.

O crescente começou a mudar de cor tão rapidamente que era impossível acompanhar as transformações sem ficar tonto. Finalmente, a imagem se fixou em um vermelho alaranjado e, dentro do crescente, apareceram gigantescas espirais, que se deslocavam pela face do planeta, enrolando-se e desenrolando-se enquanto se moviam.

— É incrível! — murmurou Pelorat.

— Maravilhoso! — exclamou Bliss.

Não tinha nada de incrível, pensou Trevize de mau humor, e muito menos de maravilhoso. Nem Pelorat nem Bliss, perdidos na beleza do espetáculo, se haviam detido para pensar que o planeta que admiravam diminuía consideravelmente a probabilidade de desvendarem o mistério da localização da Terra. Mas por que se preocupariam com isso? Os dois concordavam com a escolha de Trevize e o haviam acompanhado na busca sem nenhum envolvimento emocional. Não havia como culpá-los por isso. Ele disse:

— O lado escuro parece totalmente negro, mas se nossos olhos fossem sensíveis a comprimentos de onda um pouquinho maiores que o da luz visível, sua cor seria vermelho escuro. O planeta está despejando radiação infravermelha no espaço em imensas quantidades, porque é suficientemente grande para ficar quase incandescente. É mais que um gigante gasoso: é uma subestrela.

Ficou calado durante algum tempo e depois disse:

— Agora, vamos esquecer esse astro e procurar o planeta habitável, se é que ele existe.

— Existe, sim, meu velho amigo — disse Pelorat, sorrindo. — Não desista.

— Não desisti — afirmou Trevize, com convicção. — A formação de planetas é complicada demais para ser explicada por uma teoria simples. Falamos apenas em probabilidades. Com esse monstro nas proximidades, a probabilidade diminui bastante, mas não cai para zero.

Bliss disse:

— Por que está tão pessimista? Se os dois primeiros conjuntos de coordenadas correspondiam a dois planetas colonizados pelos Espaciais, este terceiro conjunto, do qual já resultou uma estrela da classe correta, deve também corresponder a um planeta habitável. Por que falar em probabilidades?

— Espero que você esteja certa — disse Trevize, que não tinha se deixado convencer pela argumentação de Bliss. — Agora vamos sair do plano da eclíptica e aproximar-nos da estrela.

Assim que o rapaz manifestou sua intenção, o computador começou a agir. Trevize recostou-se à cadeira do piloto e pensou consigo mesmo, mais uma vez, que a única desvantagem de pilotar uma nave gravítica com um computador tão avançado era que jamais... *jamais* conseguiria pilotar novamente outro tipo de nave.

Onde encontraria disposição para executar pessoalmente todos os cálculos? Lembrar-se-ia de levar em conta a aceleração e limitá-la a um valor razoável? Não... provavelmente se esqueceria e continuaria a fornecer energia para os motores até que os passageiros fossem esmagados contra as paredes.

Pois então teria que continuar a pilotar aquela nave, ou outra exatamente igual, para o resto da vida.

Como não queria pensar na questão do planeta habitável, sim ou não, Trevize começou a cismar a respeito do fato de haver posicionado a nave acima do plano da eclíptica e não abaixo. Sempre que tinham escolha, os pilotos preferiam subir em vez de descer. Por quê? A propósito, por que essa preocupação em considerar uma direção como sendo “para cima” e outra como sendo “para baixo”? Na simetria do espaço, isso não passava de convenção.

Mesmo assim, Trevize instintivamente procurava saber em que sentido girava o planeta em que estava interessado e em que sentido se movia em torno da sua estrela. Quando os dois movimentos eram no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, o norte ficava na direção do braço levantado e o sul na direção dos pés. E em toda a Galáxia o norte era representado para cima e o sul para baixo.

Era uma convenção muito antiga, de origem desconhecida, mas que todos seguiam à risca. Quando alguém olhava um mapa com o sul para cima, ficava difícil reconhecê-lo. Em igualdade de condições, todos preferiam a direção norte ou "para cima".

Trevize se lembrou de uma batalha travada por Bel Riose, o general do Império, há trezentos anos, na qual havia posicionado sua esquadra abaixo do plano da eclíptica em um momento crucial, apanhando a esquadra inimiga totalmente despreparada. A manobra fora considerada desleal... pelos adversários, naturalmente.

Uma convenção tão antiga e tão universal devia ter começado na Terra... e aquilo trouxe de volta à mente de Trevize, com um sobressalto, a questão do planeta habitável.

Pelorat e Bliss continuaram a observar o gigante gasoso enquanto girava lentamente na tela. A parte iluminada aumentou e, como Trevize manteve o espectro concentrado nos comprimentos de onda correspondentes ao vermelho alaranjado, as ondulações tempestuosas se tornaram ainda mais frenéticas.

Foi então que Fallom apareceu e Bliss declarou que estava precisando dormir e levaria a criança com ela.

Trevize disse para Pelorat, que havia ficado:

— Tenho que tirar da tela o gigante gasoso, Janov. Vamos procurar um pontinho do tamanho certo.

Entretanto, era mais complicado do que isso. Não era apenas um pontinho do tamanho certo que o computador tinha que procurar, mas um pontinho do tamanho certo e à distância correta da estrela. Vários dias se passariam antes que pudessem ter certeza.

61

Trevize entrou no quarto, sério, solene, triste... e levou um susto. Bliss estava à sua espera e a seu lado estava Fallom, o manto e a tanga muito bem lavados e passados. O jovem ficava melhor naqueles trajes do que usando uma das camisolas de Bliss.

— Não queria incomodá-lo quando estava operando o computador, mas agora tem que escutar... Vá em frente, Fallom.

Fallom disse, com voz de soprano:

— Saudações, protetor Trevize. É com prazer que estou ad... at... acompanhando o senhor nesta viagem. Sinto-me feliz também por

estar com meus amigos Bliss e Pel.

Fallom sorriu timidamente e mais uma vez Trevize pensou consigo mesmo: Devo tratá-lo como menino, como menina ou como nenhum dos dois?

Balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Muito bem memorizado. A pronúncia está quase perfeita.

— Você está enganado — protestou Bliss, bem humorada. — Fallom escreveu sozinho este pequeno discurso e me perguntou se seria possível recitá-lo para você. Nem eu sabia o que ele iria dizer.

Trevize forçou-se a sorrir.

— Nesse caso, está realmente muito bom.

Bliss voltou-se para Fallom e disse:

— Eu tinha certeza de que Trevize iria gostar... Agora vá pegar outro livro com Pel, se quiser.

Depois que Fallom saiu, Bliss observou:

— É realmente incrível a rapidez com que Fallom está aprendendo a falar galáctico. Os solarianos devem ter um dom especial para línguas. Lembre-se de como Bander aprendeu galáctico apenas ouvindo as comunicações hiperespaciais. Aqueles cérebros devem ter outras qualidades especiais, além dos lobos transdutores.

Trevize deu um muxoxo.

— Não me diga que ainda não gosta de Fallom! — exclamou Bliss.

— Nem gosto nem desgosto. Simplesmente não me sinto à vontade em sua presença. Não estou acostumado a lidar com hermafroditas.

— Ora, Trevize, isso é ridículo! Fallom é um ser humano perfeitamente aceitável. Pense em como nós, homens e mulheres, devemos parecer estranhos para uma sociedade de hermafroditas. Cada um é apenas metade de um todo; para que a espécie sobreviva, tem que haver uma união, uma união temporária e artificial.

— A ideia não lhe agrada, Bliss?

— Não se faça de desentendido. Estou tentando imaginar o que somos do ponto de vista de um hermafrodita. Para eles, o ato sexual deve parecer repulsivo; para nós, é natural. Da mesma forma, Fallom pode parecer repulsivo para você, mas é apenas porque você tem uma visão muito estreita do problema.

— Francamente, até agora não sei que pronome usar quando me refiro à criatura, e isso me incomoda.

— A culpa é da língua e não de Fallom — argumentou Bliss. — Nenhuma língua humana foi desenvolvida por uma raça de hermafroditas. Mas foi bom você ter trazido este assunto à baila, porque é uma questão que também me preocupa. Por que não escolhemos arbitrariamente um dos pronomes? Costumo pensar em

Fallom como menina. Afinal, ela tem voz fina e é capaz de gerar um bebê, o que na nossa raça constitui um dos principais atributos da feminilidade. Pelorat já concordou; por que você não concorda também? De agora em diante, Fallom passa a ser "ela"...

Trevize deu de ombros.

— Muito bem. Vai parecer estranho comentar que *ela* possui testículos, mas está bem.

Bliss suspirou.

— Você tem este hábito desagradável de fazer graça com tudo, mas sei que está sob tensão e o perdôo. Mas de agora em diante, o pronome feminino quando se referir a Fallom, por favor.

— Está bem.

Trevize hesitou e depois, não conseguindo se conter, disse:

— Fallom está parecendo cada vez mais sua filha adotiva. Será que você queria ter filhos e Janov não lhe pode dar um?

Bliss arregalou os olhos.

— Fallom não está aqui para me dar filhos! Acha que eu o usaria para isso? Ainda não chegou a minha hora de procriar, e quando chegar, o pai terá que ser um gaiano!

— Então terá que livrar-se de Janov?

— Não disse isso. Um afastamento temporário, talvez. Ou pode ser que eu recorra à inseminação artificial.

— Presumo que você só será autorizada a ter um filho quando Gaia considerar isso necessário; quando houver uma lacuna em consequência da morte de um fragmento humano de Gaia.

— É uma forma um pouco grosseira de colocar a questão, mal em essência você está certo. Gaia deve manter todas as suas partes em equilíbrio.

— Como fazem os solarianos.

Bliss apertou os lábios e empalideceu ligeiramente.

— Você está enganado. Os solarianos produzem mais do que precisam e destroem o excesso. Nós produzimos exatamente o que precisamos e não temos necessidade de destruir... da mesma forma como você substitui as camadas externas da sua pele produzindo o número de células necessário para substituir as que morreram e nem uma a mais.

— Estou entendendo. Espero, porém, que você tenha pensado nos sentimentos de Janov.

— Com relação aos meus possíveis filhos? Ainda não discutimos o assunto.

— Não, não estava me referindo a isso... Acaba de me ocorrer que se você se mostrar cada vez mais interessada em Fallom, talvez Janov se sinta posto de lado.

— Não acredito. Pel está tão interessado em Fallom quanto eu. Ao

lado dela, nós nos sentimos mais unidos que nunca. Será que não é *você* que está se sentindo posto de lado?

— *Eu?* — exclamou Trevize, genuinamente surpreso.

— Você, sim. Não compreendo os Isolados melhor do que você compreende Gaia, mas tenho a impressão de que gosta de ser o centro das atenções e está com ciúmes de Fallom.

— É absurdo!

— Não mais absurdo que a sua insinuação de que estou deixando Pel de lado.

— Então vamos fazer as pazes e encerrar a discussão. Tentarei pensar em Fallom como uma menina e não vou me preocupar demais com os sentimentos de Janov.

Bliss sorriu.

— Obrigada. Está tudo bem, então. Trevize ia despedir-se da moça, mas ela disse:

— Espere!

O rapaz olhou para ela e perguntou, com ar cansado:

— Que foi?

— É evidente, Trevize, que você está triste e deprimido. Não pretendo ler a sua mente, mas talvez queira contar-me o que aconteceu. Ontem, você disse que havia descoberto um planeta apropriado neste sistema e parecia bastante satisfeito... o planeta ainda está lá, suponho. O achado não foi um engano do computador, foi?

— Existe um planeta apropriado e ele ainda está lá — declarou Trevize.

— É do tamanho certo? Trevize assentiu.

— Se não fosse do tamanho certo, não seria apropriado. Também está à distância certa da estrela.

— Então qual é o problema?

— Já estamos suficientemente próximos para analisar a atmosfera. Acontece que não existe nenhuma atmosfera para ser analisada.

— Não?

— Praticamente nenhuma. É um planeta inabitável e não existem outros neste sistema que possam ser habitáveis. Nossa terceira tentativa fracassou.

62

Pelorat não queria interromper o silêncio quase hostil que Trevize vinha mantendo. Ficou parado na porta da sala de comando, esperando que o outro tomasse a iniciativa. Trevize, porém, continuava teimosamente calado. Por fim, Pelorat não agüentou mais

e perguntou, timidamente:

— O que está fazendo?

Trevize levantou os olhos, fitou Pelorat por um momento, virou a cabeça e respondeu:

— Vamos pousar no planeta.

— Mas ele não tem atmosfera!

— O computador *disse* que não tem atmosfera. Até agora, o computador sempre me disse o que eu queria ouvir e acreditei. Desta vez, ele me disse algo que eu *não queria* ouvir e vou verificar. Se o computador é capaz de cometer erros, espero que esteja errado desta vez. Acha que ele está errado?

— Não, não acho.

— Pode pensar em alguma razão para ele estar errado? — Não, não posso.

— Então por que se dar ao trabalho de pousar no planeta, Golan? Trevize finalmente se virou no assento para olhar Pelorat de frente e disse, em tom quase desesperado:

— Não compreende, Janov, que não me resta mais nada para fazer? Nos dois primeiros mundos que visitamos não conseguimos nenhuma informação a respeito da Terra; este terceiro mundo nem é habitado. O que devo fazer? Vagar de planeta em planeta, perguntando a todos que encontrar: “Com licença, amigo. Sabe onde fica a Terra?” A Terra soube se esconder muito bem. Não deixou nenhuma pista para trás. Estou começando a pensar que mesmo que encontrássemos uma pista a Terra não nos deixaria segui-la.

Pelorat assentiu e disse:

— A ideia também me ocorreu. Que tal discutirmos o assunto? Sei que não está de muito bom humor, de modo que se preferir que eu vá embora, é só me dizer.

— Não, fique — disse Golan, com ar resignado. — Vamos discutir o assunto. Não tenho mesmo nada melhor para fazer...

— Seu entusiasmo é comovente. Mesmo assim, acho que a conversa lhe fará bem. Se achar que não agüenta mais, pode me interromper... A mim me parece, Golan, que a Terra não precisa tomar apenas medidas passivas e negativas para esconder-se. Não precisa limitar-se a eliminar todas as referências à sua localização. E se ela complementasse essas medidas com pistas falsas?

— O que quer dizer com isso?

— Por exemplo: ouvimos falar em vários lugares que a Terra está radioativa, e este é o tipo de informação que dissuadiria muita gente de procurá-la. Se a Terra estivesse realmente radioativa, seria inacessível. Provavelmente, jamais conseguiríamos pousar na superfície do planeta. Talvez nem mesmo robôs exploradores, se dispuséssemos de robôs exploradores, conseguissem sobreviver à

radiação. Nesse caso, para que procurar a Terra? Assim, se a Terra não estiver radioativa, o boato pode ajudar a mantê-la oculta, a não ser por algum contato acidental, pode ser que ela disponha de outros meios que ainda não conhecemos. Trevize conseguiu sorrir.

— É curioso, Janov, mas a ideia passou pela minha cabeça. Chegou a me ocorrer que o tal satélite gigantesco tenha sido incluído de propósito nas lendas a respeito da Terra, apenas para dificultar as buscas. O mesmo se aplicaria ao gigante gasoso com um sistema de anéis tão descomunal que provavelmente constitua uma impossibilidade física. Tudo isso pode ter sido forjado para nos fazer procurar por coisas que não existem. Nesse caso, poderíamos passar pelo sistema da Terra e não parar, poderíamos olhar para a Terra de perto e não reconhecê-la porque na verdade ela não tem um satélite gigantesco, um vizinho com anéis e uma crosta radioativa. Entretanto, também pensei coisa pior...

Pelorat parecia desanimado.

— O que é que pode ser pior?

— Quando você acorda no meio da noite e sua imaginação começa a trabalhar, surgem ideias muito estranhas. E se a Terra puder agir diretamente sobre nós? Se tiver o poder de nos tornar cegos à sua presença? Se pudermos passar ao lado da Terra, *com* seu satélite gigante, *com* seu vizinho cheio de anéis, e não enxergarmos nada porque os habitantes de Terra não querem ser vistos? E se isso já tiver acontecido?

— Se acredita nisso, por que ainda está...

— Não disse que acredito. Estou falando de fantasias desvairadas. Vamos continuar procurando a Terra.

Pelorat hesitou e depois disse:

— Por quanto tempo, Trevize? Vai chegar a hora, suponho, em que teremos que desistir.

— Nunca! — exclamou Trevize, com um brilho selvagem nos olhos. — Se tiver que passar o resto da vida vagando de planeta em planeta e perguntando aos passantes: "Desculpe, meu amigo, mas sabe onde fica a Terra?", é isso o que farei. Se quiserem, posso levar você, Bliss e Fallom de volta para Gaia e continuar a busca sozinho.

— Oh, não! Sabe que eu não o abandonaria, Golan. Nem Bliss. Passaremos o resto da vida viajando com você, se for preciso, mas qual a razão para isso?

— A razão é simples: *eu preciso* encontrar a Terra e vou encontrá-la, mais cedo ou mais tarde... Escute, estou chegando a uma posição de onde posso observar a superfície iluminada do planeta sem que minha visão seja ofuscada pelo brilho da estrela. Espere um instante.

Pelorat parou de falar, mas não foi embora. Continuou a observar enquanto Trevize examinava a imagem do planeta na tela. Mais da

metade da superfície estava iluminada. Para Pelorat, não era possível distinguir nenhum detalhe, mas ele sabia que para Trevize, em contato com o computador, a imagem aparecia com um contraste muito maior.

— Estou vendo uma névoa — sussurrou Trevize.

— Então existe atmosfera! — exclamou Pelorat.

— Sim, mas isso não quer dizer grande coisa. A atmosfera pode não ser suficientemente densa para sustentar formas de vida, mas suficiente para levantar a poeira do solo. As tempestades de poeira são comuns em planetas que possuem atmosferas rarefeitas. Podemos encontrar até mesmo pequenas calotas polares. Um pouquinho de gelo de água condensado nos pólos, você sabe. Este mundo é quente demais para que o dióxido de carbono se transforme em gelo seco... Acho melhor usar o radar. Se fizer isso, poderei examinar também o lado escuro. — Verdade?

— Verdade. Devia ter começado pelo radar, mas num planeta sem atmosfera e portanto sem nuvens, a ideia de usar a luz visível parecia tão natural...

Trevize permaneceu calado durante muito tempo, enquanto a tela mostrava os ecos do radar, produzindo uma imagem abstrata do planeta que poderia passar como a obra de um artista do período cleoniano. Finalmente, disse:

— Ora... Pelorat esperou um pouco e depois perguntou:

— O que quis dizer com esse "ora"? Trevize levantou os olhos.

— Não estou vendo nenhuma cratera.

— Nenhuma cratera? Isso é bom?

— Isso é totalmente inesperado — disse Trevize, com um largo sorriso. — E é *muito* bom. Na verdade, é maravilhoso!

63

Fallom estava com o nariz comprimido contra a vigia da nave, onde um pequeno segmento do Universo era visível exatamente como o olho o captava, sem nenhum auxílio do computador.

Bliss, que estava tentando explicar tudo à criança, suspirou e disse em voz baixa para Pelorat:

— Não sei até que ponto ela está entendendo, Pel querido. Para ela, o Universo era a casa do pai e uma pequena parte da propriedade em volta. Acho que ela nunca saía à noite, nunca havia visto uma estrela.

— Acha mesmo?

— Palavra de honra. Não tive coragem de mostrar-lhe as estrelas até que tivesse vocabulário suficiente para me entender pelo menos um pouquinho... ainda bem que você era capaz de conversar com ela

em sua própria língua.

— Mais ou menos — disse Pelorat, modestamente. — E o Universo é mesmo difícil de compreender para quem o vê pela primeira vez. Ela me disse que se aqueles pontinhos luminosos eram mundos inteiros, como Solaria... naturalmente, são muito maiores que Solaria... então não podiam ficar suspensos no ar, mas tinham que cair.

— E está certa, a julgar pelo que conhece. Fallom faz perguntas lógicas e, pouco a pouco, começará a compreender o Universo. O importante é que é curiosa e não tem medo de nós.

— Acontece, Bliss, que eu também sou curioso. Veja como Golan mudou depois que descobriu que não existem crateras no mundo para onde estamos indo. Não tenho a mínima ideia da diferença que isso faz. E você?

— Também não. Acontece que Trevize entende muito mais de planetologia do que nós. Deve saber o que está fazendo.

— Pois *eu* gostaria de saber.

— Por que não pergunta a ele? Pelorat fez uma careta.

— Estou sempre com medo de incomodá-lo. Parece que ele acha que eu devia ficar sabendo dessas coisas sozinho.

— Isso é bobagem, Pel. Trevize não hesita em consultá-lo a respeito das lendas e mitos sobre a Terra, não é mesmo? E você responde com a maior boa vontade. Por que ele não pode fazer a mesma coisa? Vá perguntar a ele. Se isso o incomodar, terá uma oportunidade de praticar a arte da sociabilidade, o que só poderá lhe fazer bem.

— Você vem comigo?

— Não, claro que não. Quero ficar com Fallom e continuar a explicar-lhe o conceito de Universo. Depois você me conta o resultado da conversa.

64

Pelorat entrou timidamente na sala de comando. Ficou aliviado ao constatar que Trevize estava assobiando baixinho e parecia de muito bom humor.

— Golan — começou, da maneira mais descontraída que pôde. Trevize levantou os olhos.

— Janov! Você sempre entra na ponta dos pés, como se fosse contra a lei me perturbar. Feche a porta e sente-se. Sente-se! Olhe para isso.

Apontou para o planeta na tela e disse:

— Não encontrei mais que duas ou três crateras, e das pequenas.

— Isso faz alguma diferença, Golan?

— Se faz diferença? Claro que sim! Como pode perguntar uma coisa dessas?

Pelorat deu de ombros.

— Tudo isso é um mistério para mim. Na universidade, diplomei-me em História. Além de história, estudei sociologia e psicologia. Também fiz alguns cursos de linguagem e literatura, especialmente literatura antiga. No curso de pós-graduação, especializei-me em mitologia. Nunca cheguei nem perto de planetologia ou outras ciências naturais.

— Isso não é nenhum crime, Janov. Prefiro que você saiba o que sabe. Seu conhecimento de línguas antigas e de mitologia tem sido extremamente valioso para nós... Quanto à planetologia, deixe por minha conta.

Trevize prosseguiu:

— Você sabe, Janov, os planetas se formam a partir da colisão de objetos menores. Os últimos objetos a se chocarem com a massa principal produzem marcas que são chamadas de crateras. Ou melhor, podem produzir. Se um planeta é suficientemente grande para ser um gigante gasoso, não possui crosta sólida e portanto as colisões finais não deixam marcas.

"Os planetas menores, que têm uma crosta sólida, de gelo ou de pedra, possuem marcas de crateras". Essas marcas duram indefinidamente, a não ser que sejam apagadas por algum agente natural. Existem três mecanismos capazes de apagar as marcas.

"Em primeiro lugar, um planeta pode ter uma superfície de gelo cobrindo um oceano líquido". Nesse caso, a colisão de um objeto faz um buraco no gelo. Depois que o objeto passa, o líquido no lugar do furo torna a congelar e tapa o buraco. Um mundo assim teria que ser muito frio e não seria do tipo normalmente considerado como habitável.

"Em segundo lugar, se a atividade vulcânica no planeta é muito Intensa, a lava e as cinzas estão continuamente obliterando as crateras que se formam". Um planeta desse tipo também provavelmente não seria habitável.

"O terceiro caso é o dos planetas habitáveis. Esses mundos podem possuir calotas polares, mas a maior parte da água está no estado liquido. Podem ter vulcões ativos, mas em pequeno número. As crateras são apagadas, não por congelamento ou por torrentes de lava, mas por processos de erosão. Lentamente, o vento e a água corrente destroem as crateras; se há vida, o processo é acelerado, pois os seres vivos constituem um poderoso agente erosivo. Está entendendo?".

Pelorat pensou um pouco e depois disse:

— Ainda não entendi, Golan. O planeta que vamos visitar...

— Pousaremos nele amanhã — disse Trevize, alegremente.

— O planeta que vamos visitar não tem oceanos.

— Apenas finas calotas polares.

— Também não tem atmosfera.

— A densidade do ar é um centésimo da de Terminus.

— Nem vida.

— Nada que possamos detectar.

— Então qual foi o processo de erosão que destruiu as crateras?

— Oceanos, uma atmosfera e seres vivos — disse Trevize. — Escute, se este planeta não tivesse água nem ar desde o princípio, toda a superfície estaria coberta de crateras. A ausência de crateras é uma prova de que não foi assim. Além disso, existem grandes depressões, visíveis ao telescópio, que um dia devem ter sido mares e oceanos, sem falar das marcas de rios hoje secos. Assim, você pode ver que *houve* erosão e que ela cessou há relativamente pouco tempo, pois ainda não se acumularam as marcas de novas crateras.

Pelorat não parecia convencido.

— Posso não ser um planetologista, mas me parece que se um planeta é suficientemente grande para reter uma atmosfera densa por talvez bilhões de anos, não vai perdê-la de um momento para outro, vai?

— Acredito que não — disse Trevize. — Meu palpitei que este mundo abrigou seres humanos antes que a atmosfera se dissipasse. Nesse caso, certamente foi transformado de modo a atender às necessidades humanas, como aconteceu com todos os outros planetas colonizados. O problema é que não sabemos em que condições se encontrava antes de chegarem os primeiros colonos, quais as transformações que sofreu e em que circunstâncias se tornou inabitável. Pode ter havido uma catástrofe que acabou ao mesmo tempo com a atmosfera e com todas as formas de vida. Ou talvez o planeta apresentasse algum estranho desequilíbrio que os seres humanos mantinham sob controle e quanto estavam aqui, mas que resultou na perda da atmosfera depois que eles foram embora. Talvez encontremos a resposta quando pousarmos no planeta, talvez não. Não importa.

— Mas também não importa que tenha havido vida no planeta. se hoje ele é um planeta morto. Qual a diferença entre um planeta que sempre foi inabitável e um que se tornou inabitável?

— No planeta que se tornou inabitável deve haver ruínas deixadas pelos antigos habitantes.

— Havia ruínas em Aurora...

— Sim, mas em Aurora essas ruínas foram submetidas a vinte mil anos de chuva e de vento, de frio e de calor. E também havia seres vivos... não se esqueça dos seres vivos. Assim como as crateras, as ruínas também sofrem o processo de erosão. É até mais rápido. Depois

de vinte mil anos, não restou nada de útil... Aqui neste planeta, porém, há muito tempo que não há chuva, nem vento, nem vida. Os ciclos de frio e de calor continuaram, admito, mas foi tudo. As ruínas n devem estar bem preservadas.

— A menos — murmurou Pelorat, ceticamente — que não existam ruínas. Não é possível que jamais tenha existido vida no planeta, ou pelo menos que ele nunca tenha sido habitado por seres humanos, e que a perda da atmosfera se deva a algum fenômeno puramente natural?

— Não, não — disse Trevize. — Seu pessimismo não tem razão de ser. Mesmo desta distância, consegui ver algumas marcas na superfície e estou certo de que se trata dos restos de uma cidade... É para lá que vamos amanhã.

65

Bliss disse, em tom preocupado:

— Fallom está convencida de que vamos devolvê-la a Jemby, o robô.

— Hummm... — fez Trevize, examinando a superfície do planeta que estavam sobrevoando. Então levantou os olhos, como se tivesse ouvido o comentário com certo retardo. — Afinal, foi o único pai que conheceu, não foi?

— Claro que sim, mas pensa que estamos de volta a Solaria.

— Este planeta não se parece com Solaria!

— Como ela poderia saber?

— Explique que não é Solaria. Olhe, vou lhe arranjar alguns manuais de bordo com ilustrações. Mostre a ela as fotografias de alguns planetas habitados e diga que existem milhões deles. Você terá tempo de sobra. Não sei quanto tempo eu e Janov vamos levar examinando as ruínas depois que pousarmos.

— Você e Janov?

— Isso mesmo. Fallom não pode vir conosco, mesmo que eu quisesse, e eu só quereria levá-la se fosse louco. Este mundo praticamente não tem ar, Bliss. Vamos ter que usar trajes espaciais. Não temos nenhum traje que sirva em Fallom. Assim, vocês duas vão ficar a bordo.

— Por que eu?

Os lábios de Trevize se contraíram em um sorriso amarelo.

— Admito que me sentiria mais seguro se você fosse conosco, mas não podemos deixar Fallom sozinha. Preciso levar Janov comigo porque é o único capaz de ler inscrições em galáctico arcaico. Achei que você não se importaria de ficar com Fallom...

Bliss parecia indecisa. Trevize disse:

— Bliss, foi você que quis trazer Fallom... eu sempre achei que ela seria um peso morto para nós. Agora, você vai ter que arcar com as consequências. Ela não pode ir conosco, de modo que você vai ter que ficar, também. Não há outro jeito.

Bliss suspirou.

— Acho que tem razão.

— Ótimo. Onde está Janov?

— Está com Fallom.

— Muito bem. Vá até lá e substitua-o. Preciso falar com ele.

Trevize ainda estava examinando a superfície do planeta quando Pelorat entrou, pigarreando para anunciar a sua presença.

— Alguma coisa errada, Golan? — perguntou.

— Não exatamente, Janov. Estou indeciso. É um mundo muito estranho... não sei o que aconteceu com ele. Os mares devem ter sido muito grandes, a julgar pelas depressões que deixaram, mas eram também extremamente rasos. Pelo que pude observar, este foi um mundo de dessalinização e de canais... ou talvez os oceanos não fossem muito salgados. Se não eram muito salgados, isso explica a ausência de depósitos de sal nas depressões. Ou então, quando os oceanos secaram, o sal foi removido... o que seria uma indicação segura de atividade humana.

— Desculpe minha ignorância, Golan, mas o que isso tem a vi com o que estamos procurando?

— Nada, talvez, mas não posso deixar de ficar curioso. Se eu soubesse como era este planeta antes de ser colonizado e quais as transformações a que foi submetido para se tornar mais habitável, talvez chegasse a compreender o que aconteceu com ele depois que foi abandonado... ou, talvez, pouco antes de ser abandonado. E se soubéssemos o que aconteceu com ele, poderíamos nos prevenir contra surpresas desagradáveis.

— Que tipo de surpresas? É um mundo morto, não é?

— Acho que sim. Muito pouca água; atmosfera tênue, irrespirável; e Bliss não detectou nenhum sinal de atividade mental.

— Então estamos seguros, não acha?

— A ausência de atividade mental não implica necessariamente a ausência de vida.

— Pode ser que não, mas qualquer forma de vida suficientemente desenvolvida para ser perigosa teria que apresentar algum tipo de atividade mental.

— Não sei... mas não era sobre isso que queria conversar com você. Existem duas cidades que parecem mais indicadas para nossa primeira expedição. Estão muito bem conservadas, como aliás todas as cidades do planeta; aparentemente, o fenômeno que destruiu a atmosfera e os oceanos não afetou as cidades. Seja como for, essas

duas cidades são particularmente grandes. A maior, porém, não tem espaços vazios. Existem espaçoportos nos arredores, mas nenhum lugar dentro da cidade onde a gente possa pousar. A outra possui uma grande praça central. Não é um campo de pouso, mas eu não teria problema algum para pousar ali.

Pelorat fez uma careta.

— Você quer que *eu* decida, Golan?

— Não, a decisão fica por minha conta. Eu só queria ouvir sua opinião.

— Para mim, a cidade maior, sem espaços vazios, foi provavelmente um centro comercial ou industrial. A cidade menor, com uma grande praça central, pode ter sido um centro administrativo. É no centro administrativo que estamos interessados. Você observou algum edifício governamental?

— Como é um edifício governamental? Pelorat sorriu.

— Eu mesmo não sei. A moda varia de planeta para planeta e de época para época. Desconfio, porém, que eles sempre parecem grandes, luxuosos e pouco práticos... como aquele lugar em que estivemos em Comporellon.

Foi a vez de Trevize sorrir.

— É difícil dizer aqui de cima, e quando eu tiver uma visão lateral, na hora do pouso, será tarde demais. Por que prefere o centro administrativo?

— Porque é lá que encontraremos os museus, bibliotecas, arquivos, universidades e assim por diante.

— Excelente. É para lá que vamos, então: para a cidade menor. Talvez encontremos alguma coisa que preste. Tivemos dois insucessos, mas desta vez pode ser que a gente acerte no alvo.

Capítulo 15
Musgo

66

O traje espacial deixara Trevize com aspecto grotesco. No momento, estava ocupado ajeitando os coldres, não os que usava habitualmente na cintura, mas uma peça mais volumosa, que podia ser adaptada externamente ao traje espacial. Cuidadosamente, introduziu o desintegrador no coldre da direita e o chicote neurônico no da esquerda. As armas estavam com a carga completa e desta vez, pensou, aborrecido, *nada* o faria separar-se delas. Bliss sorriu.

— Vai levar as armas, mesmo sabendo que nesse mundo não existe ar nem... deixe para lá! Faça como quiser.

— Ótimo! — exclamou Trevize, voltando-se para ajustar o capacete de Pelorat antes de vestir o seu.

Pelorat, que nunca havia usado um traje espacial, disse, em tom queixoso:

— Será que eu vou mesmo conseguir respirar aqui dentro, Golan?

— Juro que sim — disse Trevize.

Bliss observou-os, com a mão no ombro de Fallom, enquanto testavam as juntas dos trajes. A jovem solariana estava visivelmente assustada com aquelas figuras estranhas. Começou a tremer e Bliss abraçou-a, dirigindo-lhe palavras tranquilizadoras.

A porta interna se abriu e os dois entraram na câmara de descompressão, depois de acenarem para Bliss. A porta interna se fechou. A porta externa se abriu e os dois pisaram desajeitadamente no solo de um mundo morto.

Estava amanhecendo. O céu estava claro, de cor avermelhada, mas o sol ainda não havia nascido. No horizonte, perto do local onde apareceria o sol, havia uma pequena nebulosidade.

— Que frio! — exclamou Pelorat.

— Está com frio? — perguntou Trevize, surpreso.

Os trajes eram bem isolados e se havia um problema, de vez em quando, era o da necessidade de dissipar o calor do corpo. Pelorat respondeu:

— Não, não estou, mas veja...

A voz, transmitida pelo rádio, soava bem nítida nos ouvidos de Trevize, que virou a cabeça para olhar para onde Pelorat estava apontando.

À luz avermelhada da manhã, podiam ver que a fachada de pedra do edifício mais próximo estava coberta por uma fina camada de gelo.

Trevize explicou:

— Quando a atmosfera é rarefeita, as noites são muito frias e os dias muito quentes. Agora deve ser a hora mais fria; mesmo depois que o sol nascer, vai levar várias horas para ficar quente de verdade.

Nesse momento, como se suas palavras fossem mágicas, a borda do sol apareceu acima do horizonte.

— Não olhe para o sol — recomendou Trevize. — O visor do capacete tem um filtro de ultravioleta, mas mesmo assim pode ser perigoso.

Deu as costas para o sol nascente e deixou que sua sombra se projetasse no edifício. Enquanto olhava, o sol fazia o gelo derreter. A parede ficou mais escura por alguns momentos, por causa da umidade, mas depois a água evaporou também.

Trevize disse:

— As construções não estão tão bem conservadas quando pareciam. Algumas desabaram parcialmente e outras racharam. Deve ser resultado das variações de temperatura e também da formação de gelo nas fendas toda noite durante possivelmente vinte mil anos.

— Há uma inscrição gravada na pedra logo acima da porta de entrada, mas está tão gasta que é difícil de ler, — disse Pelorat.

— Sabe que edifício é esse, Janov?

— Um tipo de instituição financeira. Pelo menos, acho que uma das palavras é “banco”.

— Que é isso?

— Um edifício onde o dinheiro era guardado, retirado, invés do, emprestado...

— Um edifício inteiro só para isso? Sem computadores?

— Sem computadores.

Trevize deu de ombros. Às vezes achava a História antiga muito sem graça.

Circularam pela cidade, com uma pressa crescente, cada vez passando menos tempo nos edifícios. O ar de abandono era deprimente. O lugar parecia um esqueleto sem vida.

Estavam na zona temperada, mas Trevize teve a impressão de que podia sentir o calor do sol nas costas.

Pelorat, que estava uns cem metros à direita, exclamou de repente: — Olhe para isso!

— Não grite — advertiu Trevize, com os ouvidos doendo. — Posso ouvi-lo pelo rádio como se você estivesse pertinho de mim. Que foi Pelorat baixou a voz imediatamente e explicou:

— Este edifício é o “Palácio dos Mundos”. Pelo menos, é o que está escrito na fachada.

Trevize aproximou-se. Diante deles estava uma construção de três andares. O teto era irregular, coberto por grandes fragmentos de

pedra. como se tivesse sustentado uma escultura, agora desfeita em pedaços.

— Tem certeza? — perguntou Trevize.

— Vamos entrar para confirmar.

Subiram cinco degraus baixos e largos e atravessaram um vestíbulo espaçoso. Na atmosfera rarefeita, as botas produziam um som metálico que era mais uma vibração do que um ruído.

— Agora entendo o que você quis dizer com “grandes, luxuosos e pouco práticos” — murmurou Trevize.

Penetraram em um imenso saguão. Os raios de sol entravam pelas janelas, que ficavam muito acima do piso, e iluminavam o interior de forma desigual, produzindo um grande contraste entre luz e sombra. O ar rarefeito espalhava muito pouco a luz.

No centro do saguão havia uma estátua humana, em tamanho maior que o natural, feita do que parecia ser pedra sintética. Um dos braços tinha caído. O outro estava rachado na altura do ombro e Trevize teve a impressão de que se tocasse de leve naquele braço ele também cairia. Recuou um passo, como se temesse que, se chegasse mais perto, sentir-se-ia tentado a cometer um ato de vandalismo.

— Quem será? — disse Trevize. — Não vejo nenhuma inscrição. Talvez fosse tão famoso na época que não havia necessidade de identificá-lo, mas hoje...

Pelorat estava olhando para cima e Trevize inclinou a cabeça para olhar na mesma direção. Uma das paredes estava coberta de inscrições em baixo-relevo que eram incompreensíveis para o rapaz.

— É espantoso — observou Pelorat. — Talvez tenham mais de vinte mil anos de idade, mas aqui, protegidas do sol e da umidade, ainda são legíveis.

— Não para mim — disse Trevize.

— A caligrafia é antiga e muito estilizada. Vejamos... sete... uma... duas...

A voz de Pelorat morreu em um murmúrio. Após alguns momentos, ele falou de novo.

— A lista tem cinquenta nomes, a lenda diz que os Espaciais colonizaram cinquenta planetas e este edifício é chamado “Palácio dos Mundos”. A conclusão é inevitável: esses são os nomes dos cinquenta planetas dos Espaciais, provavelmente na ordem em que foram colonizados. Aurora é o primeiro e Solaria o último. Repare que existem sete colunas, com sete nomes nas primeiras seis colunas e oito nomes na última. É como se tivessem planejado um quadrado de sete por sete acrescentado o nome de Solaria à última hora. Meu palpite, Golan, é que Solaria foi colonizado depois da construção deste edifício!

— Como se chama o planeta em que estamos? Dá para saber?

— Repare, meu velho amigo, que o quinto nome da terceira coluna, o décimo nono da lista, está escrito com letras um pouco maiores. Ao que parece, quem gravou a lista quis dar pelo menos um pouco de destaque ao seu planeta natal. Além disso...

— Qual é o nome?

— Alguma coisa como Melpomenia. Para mim, é um nome totalmente desconhecido.

— Poderia ser a Terra?

Pelorat sacudiu a cabeça com veemência, mas o outro não pôde ver o gesto por causa do capacete. Ele disse:

— Nas lendas antigas, a Terra recebe vários nomes diferentes. Como você sabe, Gaia é um deles. Erda é outro. Todos são curtos. Não conheço nenhum nome comprido para a Terra, nem nenhum que se pareça com uma versão mais curta de Melpomenia.

— Então estamos em Melpomenia e não estamos na Terra.

— Isso mesmo. Além disso, como eu ia dizendo, uma indicação ainda mais direta do que as letras grandes é o fato de que as coordenadas de Melpomenia são 0, 0, 0. É de se esperar que a origem das coordenadas esteja neste planeta, já que aqui é que se encontra a lista.

— Coordenadas? — repetiu Trevize, interessado. — Então a lista também dá as coordenadas dos planetas?

— Existem três números ao lado de cada nome e eu presumo que sejam coordenadas. Que mais poderiam ser?

Trevize não respondeu. Abriu um pequeno compartimento na parte do traje espacial que cobria sua coxa direita e tirou um pequeno aparelho que era ligado por um fio ao interior do compartimento. Levantou-o à altura dos olhos e focalizou a inscrição na parede, as grossas luvas tornando difícil uma tarefa que normalmente não levaria mais que um momento.

— Uma câmara? — perguntou Pelorat sem necessidade.

— Vou transmitir a imagem diretamente para o computador da nave — disse Trevize.

Tirou várias fotografias de diferentes ângulos e depois disse:

— Espere! Preciso subir um pouco. Ajude-me, Pelorat. Pelorat juntou as mãos como se fossem um estribo, mas Trevize sacudiu a cabeça.

— Assim você não vai agüentar o meu peso. Fique de quatro. Pelorat obedeceu. Trevize guardou a câmara de volta no compartimento, subiu nas costas do amigo e daí passou para o pedestal. Empurrou a estátua para verificar se estava firme. Colocou o pé no joelho dobrado e usou-o como base para tomar impulso e alcançar o ombro do lado sem braço. Apoiando o bico da bota em uma

protuberância do peito, conseguiu finalmente, depois de várias tentativas, sentar-se no ombro. Para aqueles indivíduos, mortos há muitos séculos, que haviam reverenciado a estátua e o que ela representava, a atitude de Trevize teria parecido uma blasfêmia; o rapaz tinha consciência disso, tanto que sentou-se na beirada do ombro, pouco à vontade.

— Você vai cair e se machucar! — gritou Pelorat, preocupado.

— Não vou cair e a única coisa que está doendo são os meus ouvidos.

Trevize ligou de novo a câmara e tirou várias fotografias. Depois, guardou a câmara e desceu com cuidado para o pedestal. Pulou para o chão e aparentemente a vibração produzida pelo salto foi demais para a velha estátua, pois o outro braço se desprendeu e caiu no chão, partindo-se em vários pedaços. A queda não produziu praticamente nenhum ruído.

Trevize levou um grande susto; seu primeiro impulso foi procurar um lugar para esconder-se antes que o vigia viesse ralhar com ele. Interessante, pensou, depois de acalmar-se, como as memórias da infância voltavam depressa em uma situação como aquela, em que havia quebrado acidentalmente uma coisa valiosa. A sensação durou apenas um momento, mas deixou-o abalado.

A voz de Pelorat era hesitante, como convinha a alguém que acabava de testemunhar e mesmo de participar de um ato de vandalismo, mas ele conseguiu encontrar palavras de conforto.

— Não... não tem importância, Golan. O braço já devia estar mesmo para cair...

Como que para demonstrar o que estava afirmando, apanhou um dos pedaços que estavam espalhados no chão. Olhou para ele e exclamou:

— Golan, venha cá!

Trevize aproximou-se e Pelorat, apontando para o pedaço de pedra, que havia pertencido à parte superior do braço, disse:

— Que é isso?

Trevize olhou. Havia uma mancha esverdeada na pedra. Esfregou-a com o dedo e ela saiu com facilidade.

— Parece musgo — disse.

— A vida sem pensamentos a que você se referiu?

— Não sei até que ponto é verdade. Bliss provavelmente diria que isto também tem um pouquinho de consciência... o que não é vantagem, pois para ela até as pedras têm consciência...

— Será que é esse musgo que está fazendo a pedra se esfarelar? — perguntou Pelorat.

— Eu não ficaria admirado se isso fosse verdade. O planeta tem muito sol e um pouco de água. Metade da atmosfera é constituída por

vapor d'água; o resto é nitrogênio e gases inertes. Muito pouco dióxido de carbono, o que nos levaria a supor que não existe vida vegetal... mas pode ser que quase todo o carbono se tenha combinado com a crosta rochosa. Se a pedra da estátua possui carbonatos, talvez o musgo consiga decompô-la secretando ácido, o que liberaria o dióxido de carbono de que ele precisa para viver. Talvez estejamos diante da forma de vida dominante do planeta nos dias de hoje.

— Fascinante! — exclamou Pelorat.

— Pode ser que sim — concordou Trevize —, mas não responde às nossas perguntas. As coordenadas dos planetas dos Espaciais estão mais próximas do que estamos procurando, mas o que queremos na verdade são as coordenadas da *Terra.* Se não estão aqui, pode ser que estejam em outro lugar deste palácio... ou em outro edifício. Vamos, Janov.

— Você sabe... — começou Janov.

— Não, não — interrompeu Trevize, impaciente. — Deixe para depois. Temos que ver o que mais existe neste edifício. Está ficam cada vez mais quente.

Olhou para um pequeno termômetro que havia nas costas da luva esquerda.

— Vamos, Janov.

Exploraram os aposentos do palácio, pisando de leve, não para evitar fazer barulho, já que não havia ninguém para ouvi-los, mas para que as vibrações não voltassem a causar danos.

Os passos levantavam alguma poeira, que assentava rapidamente, graças à atmosfera rarefeita, e deixavam pegadas bastante nítida no chão.

Ocasionalmente, em algum canto escuro, um dos dois apontava em silêncio para mais uma colônia de musgo. A presença de vida, ainda que primitiva, parecia atenuar um pouco a sensação sufocante de caminhar em um mundo morto, especialmente um mundo que, como as ruínas atestavam, havia abrigado, no passado remoto, uma civilização extremamente sofisticada. De repente, Pelorat observou:

— Acho que aqui deve ter sido uma biblioteca. Trevize olhou em torno, curioso. Havia prateleiras e mais prateleiras, todas repletas de pequenas caixas. Estendeu a mão para uma delas e a abriu com cuidado. No interior havia vários discos. Eram bastante espessos e pareciam quebradiços.

— Incrivelmente primitivos — observou.

— Devem ter milhares de anos — replicou Pelorat, como que desculpando os antigos melpomenianos pelo atraso tecnológico.

Trevize apontou para a lombada da caixa, onde estavam alguns caracteres escritos na caligrafia elaborada dos antigos habitantes.

— É o título? Pode traduzir para mim? Pelorat examinou o texto.

— Não tenho bem certeza, meu velho amigo. Uma das palavras se refere à vida microscópica. Acho que quer dizer “micro-organismo”. O resto devem ser termos técnicos que eu não entenderia mesmo que estivessem escritos em galáctico padrão.

— Provavelmente — disse Trevize, de mau humor. — E não nos serviriam para nada mesmo que você conseguisse entendê-los. Não estamos interessados em germes... faça-me um favor, Janov. Dê uma olhada nos livros e veja se encontra algum com um título interessante. Enquanto isso, vou examinar esses aparelhos de leitura.

— É isso o que são? — perguntou Pelorat, admirado.

Eram móveis de forma cúbica, que serviam de suporte para telas inclinadas, ao lado das quais havia uma prancha que tanto podia servir para descansar o cotovelo como para apoiar um eletrobloco de notas... se é que havia eletroblocos em Melpomenia. Trevize disse:

— Se isto é uma biblioteca, tem que haver algum tipo de aparelho de leitura. Essas coisas aqui parecem promissoras...

Limpou com o dedo a poeira da tela e constatou, aliviado, que a tela, fosse qual fosse o material de que era feita, permanecia inteira mesmo depois de ter sido tocada. Experimentou os botões, um após outro. Nada aconteceu. Tentou outra leitora, e mais outra, com o mesmo resultado negativo.

Não era nenhuma surpresa. Mesmo que o aparelho ainda estivesse em condições de funcionar depois de vinte mil anos de exposição à umidade, havia a questão da fonte de energia. Qualquer forma de energia armazenada tinha uma tendência para vazar e esgotar-se, mais cedo ou mais tarde. Era um dos aspectos de uma lei universal, a segunda lei da termodinâmica.

Pelorat estava atrás dele.

— Golan?

— Sim?

— Achei um livro que deve ser interessante...

— Sobre que assunto?

— Acho que é sobre a história dos voos espaciais.

— Perfeito... mas não nos adiantará de nada se eu não conseguir fazer esta leitora funcionar.

— Podemos levar o livro para a nave.

— Certamente não serviria na leitora de bordo.

— Isso tudo é mesmo necessário, Golan? Se nós...

— Sim, é necessário, Janov. Não me interrompa. Estou tentando decidir o que fazer. Posso tentar alimentar esta leitora com eletricidade. Talvez seja tudo o que ela precisa para funcionar.

— Onde vai arranjar a eletricidade?

— Vejamos...

Trevize sacou as duas armas, examinou-as por um momento e

depois guardou o desintegrador de volta no coldre. Abriu o compartilhamento de carga do chicote neurônico e estudou o marcador de nível. Estava no máximo.

Trevize deitou-se no chão, arrastou-se para trás da leitora (continuava achando que o aparelho só podia ser uma leitora) e tentou empurrá-la para a frente. O móvel se deslocou um pouco e Trevize procurou interpretar o que estava vendo. Um daqueles cabos tinha que ser o cabo de alimentação. Ah, só podia ser o que saía da parede. Não havia nenhuma tomada. (Como se faz para compreender os artefatos de uma cultura alienígena quando os componentes mais prosaicos não funcionam da forma esperada?) Puxou o cabo de leve e depois com mais força. Nada aconteceu. Apertou a parede nas proximidades do cabo e depois torceu o cabo perto da parede. Nada. Voltou a atenção para o lugar em que o cabo entrava na parte traseira da leitora, mas também não descobriu nada de útil.

Apoiou-se no chão com uma das mãos para levantar-se e quando se pôs de pé viu que o cabo estava frouxo. Não tinha ideia do que havia feito para soltá-lo.

O cabo não parecia partido. A extremidade era lisa e no lugar da parede de onde ele havia saído não tinha ficado nenhuma marca. Pelorat disse, em voz baixa:

— Golan; posso...

Trevize silenciou-o com um gesto.

— Agora não, Janov. Por favor!

De repente, percebeu que a luva da mão esquerda estava manchada de verde. Devia haver um pouco de musgo atrás da leitora. A luva parecia um pouco úmida, mas secou enquanto o rapaz olhava para ela e a mancha mudou de cor; tornou-se castanha.

Trevize examinou de perto a ponta do cabo e descobriu que havia dois orifícios.

Sentou-se no chão e abriu o compartimento de carga do chicote neurônico. Soltou um dos fios de ligação e introduziu-o em um dos furos. Quando tentou arrancá-lo de novo, viu que estava preso, como se houvesse algum tipo de retentor dentro do cabo. Soltou o outro fio e introduziu-o no outro furo. Era possível que o que havia feito fosse suficiente para alimentar o aparelho com energia elétrica.

— Janov — disse —, você está acostumado a lidar com todos os tipos de máquinas de leitura. Veja se descobre como se coloca esse livro na leitora.

— Você acha mesmo que é pre...

— Por favor, Janov, não faça perguntas desnecessárias. Temos que andar depressa. Se ficar quente demais lá fora, seremos obrigados a passar a noite aqui.

— O livro deve entrar aqui — disse Janov —, mas...

— Ótimo — disse Trevize. — Se é uma história dos voos espaciais, deve começar com a Terra, pois foi na Terra que os voos espaciais foram inventados. Vamos ver se essa coisa está funcionando.

Pelorat, um pouco de má vontade, introduziu o livro no receptáculo e começou a examinar as inscrições que havia ao lado dos controles, tentando descobrir como funcionavam.

Enquanto esperava, Trevize começou a falar, em parte para aliviar a tensão que estava sentindo.

— Acho que também deve haver robôs neste mundo... e muito bem conservados, graças à atmosfera rarefeita. O problema é que a fonte de alimentação deve ter se esgotado há muito tempo. Mesmo que conseguíssemos energizar de novo os robôs, em que estado estará o cérebro deles? Alavancas e engrenagens podem durar milhares de anos, mas os microcircuitos e outros componentes de um cérebro artificial devem ser muito mais delicados. Provavelmente estão totalmente estragados. Mesmo que alguns ainda funcionem, talvez não saibam muita coisa a respeito da Terra. Por que os fabricantes...

— A leitora está funcionando, Golan. Observe.

A tela da leitora começou a brilhar fracamente na semiobscuridade. Trevize aumentou um pouco a potência do chicote neurônico e o brilho ficou mais forte. Como não havia muito ar para espalhar a luz, os objetos que não estavam iluminados diretamente pelo sol ficavam no escuro, o que tornava mais fácil observar a tela. Mesmo assim, a imagem era indistinta.

— Está tudo fora de foco — queixou-se Trevize.

— Eu sei — disse Pelorat —, mas isso é o melhor que consegui. Acho que foi o livro que se deteriorou.

As sombras iam e vinham na tela. De vez em quando, era possível entrever algumas palavras escritas. A imagem ficou nítida por um momento e depois saiu novamente de foco.

— Volte um pouco, Janov — disse Trevize.

Pelorat já estava mexendo nos controles. Voltou um pouco atrás e conseguiu encontrar uma página legível.

Trevize tentou ler o que estava escrito mas teve que desistir, frustrado.

— E você, consegue entender, Janov? — perguntou.

— Mais ou menos — respondeu Janov, olhando para a tela com os olhos semicerrados. — É a respeito de Aurora. Disso eu tenho certeza. Acho que fala da primeira expedição hiperespacial... pelo menos, menciona “os pioneiros no espaço”...

Virou a página e a imagem ficou novamente fora de foco. Afinal disse:

— Todos os trechos que consegui ler tratavam dos planetas dos Espaciais, Golan. Nem uma palavra a respeito da Terra.

— Nem uma palavra — repetiu Trevize, em tom irritado. — Todas as informações a respeito da Terra devem ter sido apagadas. Como em Trantor. Desligue essa coisa.

— Golan, isso não tem importância, porque... — começou Pelorat, desligando a máquina.

— Porque podemos procurar em outras bibliotecas? Também não vamos encontrar nada. Eles fizeram um serviço bem feito. Você sabe que...

Enquanto falava, Trevize tinha olhado para Pelorat, e agora sua expressão era uma mistura de medo e repugnância.

— Que foi que houve com o visor do seu capacete? — perguntou.

67

Instintivamente, Pelorat passou a mão enluvada no visor e depois olhou para ela.

— O que é isso? — exclamou, intrigado. Quando levantou os olhos, acrescentou, em tom preocupado: — Também há alguma coisa estranha com o *seu* visor, Golan.

Trevize olhou em volta, à procura de um espelho. Não encontrou nenhum e mesmo que encontrasse teria precisado de mais luz. Murmurou:

— Venha para a luz, depressa, Pelorat.

Puxou o companheiro para um lugar iluminado pelos raios de sol que entravam pela janela mais próxima. Podia sentir o calor do sol nas costas, apesar do efeito isolante do traje espacial.

— Olhe para o sol, Janov, e feche os olhos.

Logo percebeu o que havia de errado com o visor. No ponto em que o vidro se encontrava com o tecido metalizado do traje, havia uma grossa camada de musgo, que formava uma espécie de moldura. Trevize sabia que o seu capacete devia estar com o mesmo aspecto.

Passou o dedo no capacete de Pelorat e o musgo se desprendeu, manchando de verde o dedo da luva. Diante dos olhos do rapaz, o musgo, banhado pelos raios do sol, pareceu tornar-se mais seco e mais duro, até mudar de cor, assumindo uma tonalidade castanha. Esfregou com força as bordas do visor de Pelorat, procurando arrancar todos os vestígios do musgo.

— Faça a mesma coisa comigo, Janov — pediu. Algum tempo depois, disse:

— Meu capacete está limpo? Ótimo. O seu também... Vamos embora. Acho que não há mais nada para fazer aqui.

Fazia um calor desagradável na cidade abandonada. O sol se refletia nas construções de pedra clara, fazendo doer a vista. Trevize caminhava com os olhos semicerrados, escolhendo, sempre que

possível, o lado da sombra. Parou um instante para examinar uma fenda que havia na fachada de um dos edifícios, uma fenda da largura do seu dedo mínimo enluvado. Introduziu o dedo mínimo na fenda, murmurou "musgo" e saiu da sombra para examinar o dedo à luz do sol.

— O que limita o crescimento desse fungo é a quantidade de dióxido de carbono no ambiente — explicou. — Ele se desenvolve de preferência nas pedras calcárias em decomposição. Nós somos uma boa fonte de dióxido de carbono, talvez uma fonte mais rica que qualquer outra neste planeta quase morto. Provavelmente, um pouquinho de gás vaza pela junta do visor.

— Por isso é ali que o musgo se instala.

— Exatamente.

A caminhada de volta até a nave pareceu muito mais longa e, naturalmente, sentiram muito mais calor que na caminhada que haviam feito ao amanhecer. Quando chegaram à nave, porém, verificaram que ainda estava na sombra; pelo menos nisso os cálculos de Trevize tinham sido corretos.

— Veja! — exclamou Pelorat.

Trevize olhou. As bordas da escotilha estavam cobertas de musgo.

— Outro vazamento? — sugeriu Pelorat.

— Isso mesmo. Uma quantidade insignificante, tenho certeza, mas esse musgo parece ser melhor indicador de traços de dióxido de carbono do que qualquer outra coisa que eu conheço. Os esporos devem estar em toda parte e assim que encontram umas poucas moléculas de gás carbônico, começam a se dividir.

Ajustou o transmissor de rádio para o comprimento de onda da nave e chamou:

— Bliss! Está me ouvindo?

A moça respondeu imediatamente.

— Estou! Prontos para entrar? Alguma novidade?

— Estamos prontos para entrar — disse Trevize —, mas *não abra* a escotilha. Vamos abri-la daqui de fora. Repito: não abra a escotilha.

— Por que não?

— Bliss, faça o que estou pedindo, está bem? Depois eu explico. Trevize sacou o desintegrador, ajustou-o para intensidade mínima e depois ficou olhando para a arma, indeciso. Nunca tinha usado o desintegrador em intensidade mínima. Olhou em torno. Não havia nada suficientemente frágil para um teste adequado.

Afinal, na falta de ideia melhor, apontou-o para a encosta rochosa em cuja sombra estava o *Estrela Distante. O* alvo não ficou incandescente. Apalpou o lugar onde havia atirado. Estava quente? O isolamento térmico do traje espacial tornava impossível qualquer conclusão definitiva.

Hesitou de novo, mas pensou que o casco da nave teria que ser pelo menos tão resistente quanto a encosta. Voltou o desintegrador para a borda da escotilha e apertou o gatilho, prendendo a respiração.

Instantaneamente, uma faixa de musgo de alguns centímetros de comprimento mudou de cor, tornando-se castanha. O rapaz agitou a mão nas proximidades da escotilha e a leve brisa resultante foi suficiente para fazer com que os restos escurecidos do musgo se transformassem em uma nuvem de pó.

— Deu certo? — perguntou Pelorat, em tom ansioso.

— Deu certo — respondeu Trevize. — Transformei o desintegrador em um raio de limpeza.

Com um movimento circular, fez o calor percorrer toda a borda da escotilha. O efeito foi imediato. Todo o verde desapareceu. Trevize deu uma pancada na escotilha e uma poeira castanha se desprendeu, uma poeira tão fina que ficou flutuando no ar.

— Acho que agora podemos entrar — disse Trevize.

Usando o rádio de pulso, transmitiu o código que ligava o mecanismo de abertura da escotilha. Quando a escotilha ainda estava aberta pela metade, disse para o companheiro:

— Não fique aí parado, Janov. Entre logo. Não espere a escada descer. Suba!

Trevize subiu atrás e banhou novamente a borda da escotilha com o calor da arma. Fez o mesmo com a escada depois que ela desceu. Transmitiu então o sinal para fechar a escotilha e continuou usando o desintegrador até que ela se fechasse totalmente.

— Já entramos, Bliss — disse para a moça. — Vamos ficar aqui alguns minutos. Continue sem fazer nada!

— Você está bem? — perguntou Bliss. — E Pel?

— Estou aqui, Bliss — disse Pelorat. — Está tudo bem. Não se preocupe.

— Não vou me preocupar, Pel, mas vocês me devem uma explicação.

— Está prometido — disse Trevize, acendendo a luz da câmara de descompressão.

Os dois amigos olharam um para o outro. Trevize disse:

— Estamos bombeando para fora o máximo possível de ar do planeta, de modo que é melhor ter um pouco de paciência.

— E o ar da nave? Não vai deixá-lo entrar?

— Ainda não. Estou tão ansioso quanto você para me ver livre deste traje, Janov. Só quero ter certeza de que estamos livres de todos os esporos que entraram junto conosco na câmara.

Trevize apontou a arma para a junção entre a escotilha interna e o casco da nave e aplicou o calor metodicamente ao longo do chão, subindo pela parede, dando a volta pelo teto e descendo do outro

lado.

— Agora você, Janov.

Pelorat agitou-se nervosamente e Trevize disse:

— Você pode sentir um pouco de calor, mas não deve passar disso. Se começar a incomodá-lo, é só dizer.

Fez o raio invisível banhar o visor, concentrando-se principalmente nas bordas. Depois, foi a vez do resto do traje.

— Levante os braços, Janov — murmurou. Depois: — Apóie-se no meu ombro e levante um pé. Preciso limpar as solas. Agora o outro. Está muito quente?

— O suficiente para me fazer suar, Golan.

— Então deixe-me provar meu próprio remédio. Segure a arma.

— Nunca usei um desintegrador na minha vida.

— Pois desta vez é *preciso,* Segure firme e, com o polegar, comprima esse pequeno botão. Depois, aperte o gatilho e mantenha-o apertado. Certo. Aponte para o meu visor. Mantenha o raio em movimento, Janov, não o deixe parado muito tempo no mesmo lugar. Agora limpe o resto do capacete, e depois o pescoço e o peito.

Continuou a orientar o amigo até que todo o seu corpo tivesse sido submetido ao raio de calor. A essa altura, estava transpirando abundantemente. Apanhou a arma de volta e examinou o marcador de energia.

— Já usamos mais da metade da carga — disse, apontando o desintegrador para uma das paredes da câmara de descompressão.

Apertou o gatilho e varreu a parede de ponta a ponta. Depois, fez o mesmo com as outras paredes, o teto e o piso. Repetiu a manobra até a que arma estivesse totalmente descarregada. Quando terminou, o próprio desintegrador tinha esquentado visivelmente, por passar tanto tempo ligado. Ele guardou a arma no coldre.

Só então foi que Trevize transmitiu o sinal de código que fazia abrir a escotilha interna. Ouviu com satisfação o ruído do ar entrando na câmara. As correntes de convecção esfriariam o traje espacial muito mais depressa que se ele tivesse que perder calor apenas por radiação. Podia ser impressão, mas imediatamente sentiu-se melhor.

— Tire o seu traje, Janov, e deixe-o aqui na câmara — disse para o amigo.

— Se não se importa, a primeira coisa que vou querer vai ser um banho — disse Pelorat.

— Não senhor. Antes disso, antes mesmo de esvaziar a bexiga, você vai ter que falar com Bliss.

Bliss estava à espera deles, naturalmente, com uma expressão preocupada no rosto. Ao lado dela, de olhos arregalados, segurando com força no seu braço esquerdo, estava Fallom.

— O que aconteceu? — perguntou Bliss, muito séria. — O que é

que vocês estavam fazendo?

— Tentando evitar que a nave seja contaminada — explicou Trevize. — Vamos ter que ligar a luz ultravioleta. Traga os óculos escuros, por favor.

Depois que a iluminação ultravioleta foi ligada, Trevize começou a tirar as peças de roupa, uma por uma, e a sacudi-las diante da luz.

— É apenas precaução. Faça o mesmo, Janov. Bliss, vou ter que ficar totalmente despido. Se isso vai deixar você constrangida, pode esperar no seu quarto.

— Não vou ficar constrangida — disse Bliss. — Tenho uma boa ideia de como é a sua anatomia. Tenho certeza de que não vou ver nada de novo... Contaminada com o quê?

— Com uma espécie que, em determinadas condições, poderia ser extremamente perigosa para a humanidade — disse Trevize, com uma indiferença forçada.

68

Estava feito. A luz ultravioleta havia cumprido seu papel. Oficialmente, de acordo com o manual que Trevize havia encontrado a bordo do *Estrela Distante* quando embarcara em Terminus, as lâmpadas estavam ali justamente para fins de descontaminação. O rapaz suspeitava, entretanto, de que muitos se sentiam tentados a usá-la para conseguir um belo bronzeado antes de desembarcar nos planetas em que a pele morena estava na moda.

A nave decolou e Trevize a levou para perto do sol do sistema, manobrando-a de tal forma que todo o casco fosse exposto aos raios ultravioleta.

Depois, recolheram os dois trajes espaciais que haviam sido deixados na câmara de descompressão e Trevize os examinou até se convencer de que estavam livres de qualquer contaminação.

Por fim, Bliss observou:

— Todo esse trabalho por causa do musgo... foi isso o que você disse que era, não foi, Trevize? Musgo?

— Estou chamando de musgo porque é isso que parece — disse Trevize. — Mas pouco entendo de botânica. Tudo o que sei é que é verde e precisa de muito pouca luz para viver.

— Como sabe disso?

— O musgo é sensível ao ultravioleta e não sobrevive a uma iluminação direta. Os esporos estão em toda parte, mas o musgo só se desenvolve em cantos escuros, em fendas na pedra, na parte de baixo das lajes, alimentando-se de dióxido de carbono e aproveitando a energia de fótons de luz que chegam a ele por via indireta.

— Você disse que os considera perigosos — observou Bliss.

— E com muita razão. Se tivéssemos trazido alguns esporos presos na roupa, ou se eles entrassem com uma corrente de ar, encontrariam aqui dentro um suprimento inesgotável de luz, umidade e gás carbônico.

— O dióxido de carbono constitui apenas 0, 03% da nossa atmosfera — disse Bliss.

— Para eles, pode ser mais que suficiente. Além disso, a concentração de gás carbônico no ar que expiramos é muito maior, cerca de 4%. E se o musgo crescesse nas nossas narinas, na nossa pele? E se decompusesse e inutilizasse nossa comida? E se produzisse toxinas mortais? Mesmo que conseguíssemos matar o musgo, se restassem alguns esporos, poderiam contaminar outros mundos que visitássemos. Quem sabe o mal que poderiam causar?

Bliss sacudiu a cabeça.

— A vida não é necessariamente perigosa só porque é diferente. Em caso de dúvida, você não hesita em matar...

— É Gaia que está falando — disse Trevize.

— Claro que é, mas espero que mesmo assim você me escute. O musgo se adaptou às condições locais. É por isso que utiliza a luz em pequenas quantidades, mas não resiste à iluminação direta; é capaz de sobreviver com traços de dióxido de carbono, mas pode ser que uma quantidade maior do mesmo gás seja mortal para ele. Para mim, talvez Melpomenia seja o único planeta da Galáxia em que esse musgo é capaz de sobreviver.

— Você teria preferido que eu corresse o risco? — perguntou Trevize, em tom desafiador.

Bliss deu de ombros.

— Está bem. Não precisa ficar aborrecido. Entendo o que quer dizer. Como Isolado que é, provavelmente não tinha escolha a não ser fazer o que fez.

Trevize abriu a boca para responder, mas foi interrompido pela voz aguda de Fallom, falando sua própria língua.

— O que é que ela está dizendo? — perguntou Trevize para Pelorat.

Pelorat começou:

— Está dizendo que...

Nesse momento, porém, Fallom aparentemente se deu conta de que o único que entendia sua língua natal era Pelorat e começou de novo, desta vez em galáctico:

— Jemby estava no lugar onde vocês estiveram? Bliss sorriu e disse, em tom orgulhoso:

— Ela não está falando galáctico que é uma gracinha? E em tão pouco tempo...

Trevize falou em voz baixa:

— Tente explicar a ela, Bliss, que não encontramos nenhum robô no planeta.

— Deixe que eu explico — disse Pelorat. — Venha, Fallom. — Colocou o braço no ombro da criança. — Vamos até o quarto que eu arranjo outro livro para você ler.

— Um livro? Sobre Jemby?

— Não exatamente...

A porta se fechou atrás dos dois.

— Sabe de uma coisa? — disse Trevize, olhando de mau humor para a porta fechada. — Estamos perdendo tempo bancando as babás dessa criança.

— Perdendo tempo? De que forma isso interfere com a sua busca do planeta Terra, Trevize? De nenhuma forma. Por outro lado, essa criança precisa de amor, de carinho, de dedicação. Você não compreende?

— É Gaia que está falando de novo.

— Vamos ser práticos, então, Trevize. Visitamos três planetas dos Espaciais e não conseguimos nada de útil.

— É verdade.

— Na realidade, em cada um deles tivemos que enfrentar um perigo diferente, não é mesmo? Em Aurora, eram cachorros selvagens; em Solaria, homens estranhos e perigosos; em Melpomenia, um musgo ameaçador. Ao que parece, portanto, quando um mundo, habitado ou não por seres humanos, fica entregue à própria sorte, acaba por tornar-se perigoso para a comunidade interestelar.

— Você não deve generalizar.

— Por que não? Três em três me parece uma amostra bastante expressiva.

— E quais as consequências disso, Bliss?

— Vou lhe contar. Preste atenção. Se você tem milhões de mundos interagindo na Galáxia, como acontece na prática, e se cada um desses mundos é habitado exclusivamente por Isolados, como sabemos que é verdade, então, nesses mundos, os seres humanos são a espécie dominante e podem impor sua vontade às espécies vivas não-humanas, aos seres inanimados e até mesmo a outros seres humanos. A Galáxia é, portanto, um organismo bastante desorganizado e primitivo. Não funciona direito como unidade. Entende o que quero dizer?

— Entendo o que está tentando dizer... mas isso não significa que irei concordar com você quando terminar.

— Limite-se a escutar. Concorde ou não, como quiser, mas escute. A Galáxia na realidade não passa de uma proto Galáxia Viva, e quanto menos proto e mais Galáxia Viva, melhor. O Império Galáctico era um passo no sentido da unificação da Galáxia; quando ele caiu, seguiu-se

um período de crise. A Confederação da Fundação foi uma nova tentativa. O mesmo se pode dizer do Império do Mulo. Assim também o Império que a Segunda Fundação está planejando. Entretanto, mesmo que não houvesse impérios nem confederações; mesmo que todos os mundos estivessem em permanente conflito, pelo menos estariam interagindo, ainda que de modo hostil. De alguma forma, ainda estariam unidos e portanto não seria o pior caso de todos.

— Qual é então o pior de todos os casos?

— Você sabe qual é, Trevize. Você viu o resultado. Se um mundo habitado por seres humanos rompe as ligações com o resto da Galáxia, se deixa de interagir com os outros mundos habitados, acaba por se tornar uma força... maligna.

— Um câncer, então?

— *Exatamente.* Não é isso que é Solaria? Para os solarianos, todos os outros mundos são inimigos. No próprio planeta, os indivíduos não se toleram mutuamente. Você viu as consequências. Por outro lado, se os seres humanos abandonam um planeta, com eles desaparecem os últimos vestígios de disciplina. A disputa se torna irracional, como no caso dos cachorros, ou é substituída por uma força elementar, como aconteceu com o musgo. A conclusão só pode ser uma: quanto mais próxima está da Galáxia Viva, melhor é a sociedade. Então por que parar no meio do caminho?

Trevize ficou em silêncio por alguns momentos, olhando para Bliss. Depois, disse:

— Estou tentando ver as coisas do seu ponto de vista. O que não entendo é por que você parece pensar que se um pouquinho de uma coisa é bom, muito deve ser melhor ainda e uma grande quantidade deve ser maravilhoso... Não foi você mesma que observou que é possível que o musgo esteja acostumado a uma pequena concentração de dióxido de carbono e que uma concentração maior talvez possa até matá-lo? Um homem de dois metros de altura está mais bem equipado que um de metro, mas também leva vantagem em relação a um homem com três metros de altura. Se aumentarmos um rato até que ele fique do tamanho de um elefante, ele não sobreviverá muito tempo. O mesmo acontecerá se reduzirmos um elefante ao tamanho de um rato.

"Existe um tamanho natural, uma complexidade natural, uma medida ideal para tudo, desde um átomo até uma estrela; isto certamente se aplica a seres vivos e a sociedades humanas". Não digo que o velho Império Galáctico tenha sido perfeito, e posso ver muitos defeitos na Confederação da Fundação, mas não estou preparado para afirmar que, se o Isolamento total é mau, a Unificação total tem que ser boa. Os dois extremos podem ser igualmente indesejáveis e um Império Galáctico no estilo antigo, ainda que imperfeito, pode

constituir afinal a melhor solução.

Bliss sacudiu a cabeça.

— Está sofismando, Trevize. Daqui a pouco, vai dizer que um vírus e um ser humano são igualmente insatisfatórios e propor uma solução intermediária... como uma colônia de fungos.

— Isso não, mas posso dizer que um vírus e um super-homem são igualmente insatisfatórios e propor uma solução intermediária... como uma pessoa comum. A verdade, porém, é que essa discussão é inútil. Terei a resposta quando encontrar a Terra. Em Melpomenia, conseguimos as coordenadas de 47 outros planetas dos Espaciais.

— Pretende visitar todos?

— Se for necessário.

— Enfrentando os perigos de cada um?

— Se for preciso para encontrar a Terra.

Pelorat tinha entrado na sala e parecia prestes a dizer alguma coisa quando foi surpreendido pela rápida troca de palavras entre Bliss e Trevize. Ficou olhando de um para outro enquanto discutiam.

— Quanto tempo vai levar? — perguntou Bliss.

— O tempo que for necessário — respondeu Trevize. — Pode ser que eu encontre o que estou procurando no próximo planeta que visitarmos.

— Ou não encontre em nenhum.

— Isso não podemos saber de antemão. Finalmente, Pelorat conseguiu uma brecha para falar.

— Para que tanto trabalho, Golan? Já temos a resposta. Trevize levantou a mão para silenciar o amigo, interrompeu o gesto no meio, olhou para Pelorat e exclamou, com os olhos arregalados:

— O quê?

— Já temos a resposta, Golan. Tentei contar-lhe pelo menos uma dúzia de vezes, mas você estava tão ocupado que...

— De que resposta está falando? Quer explicar?

— A respeito da localização da Terra. Acho que já sei onde fica a Terra.

PARTE SEIS
ALFA

Capítulo 16
O Centro dos Mundos

69

Trevize ficou olhando muito tempo para Pelorat, com uma expressão de desagrado no rosto. Afinal, disse:

— Foi alguma coisa que você viu e eu não vi, e que não me contou?

— Não — respondeu Pelorat, timidamente. — Você também viu e, como acabo de dizer, tentei explicar, - mas não quis me ouvir.

— Então tente de novo, ora!

— Não fale desse jeito com ele, Trevize! — protestou Bliss.

— Acho que mereço uma explicação. E pare de tratá-lo como se fosse um bebê!

— Por favor — pediu Pelorat —, parem de discutir e me escutem. Você se lembra, Golan, de que discutimos as tentativas anteriores de descobrir a origem da espécie humana? O projeto de Yariff? Você sabe, registrar as datas em que os vários planetas foram colonizados, na suposição de que os planetas mais próximos do mundo de origem seriam colonizados em primeiro lugar...

Trevize fez que sim com a cabeça.

— Pelo que eu me lembro, o método não funcionou porque as datas de colonização não eram confiáveis.

— Isso mesmo, meu velho amigo. Acontece que os mundos que Yariff usou faziam parte da segunda onda de expansão da raça humana. Àquela altura, as viagens hiperespaciais já estavam bastante desenvolvidas, o que tornou o padrão muito mais complexo. Percorrer grandes distâncias já não era problema e portanto a colonização não prosseguiu em simetria radial. Isso complicou o problema a ponto de tornar a solução extremamente problemática.

"Pense, porém, nos planetas dos Espaciais". Eles faziam parte da primeira onda de colonização. Viajar pelo hiperespaço naquela época ainda era bastante arriscado, de modo que ninguém se aventurava percorrer distâncias maiores que o absolutamente necessário. Enquanto milhões de mundos foram colonizados, provavelmente de forma caótica, durante a segunda expansão, apenas cinquenta foram colonizados provavelmente de forma sistemática, durante a primeira. Enquanto os milhões de mundos da segunda expansão foram colonizados durante um período de vinte mil anos, os cinquenta da primeira expansão foram colonizados durante um período de uns poucos séculos... quase instantaneamente, em comparação. Esses

cinquenta devem estar dispostos em simetria quase radial em relação ao mundo de origem.

"Temos as coordenadas dos cinquenta mundos". Você as fotografou na parede daquele palácio. Seja quem for que esteja eliminando as informações a respeito da Terra, deve ter se esquecido daquelas coordenadas ou pensado que seríamos incapazes de extrair delas as informações de que precisamos. Tudo o que você tem a fazer, Golan, é corrigir as coordenadas para levar em conta os últimos vinte mil anos de movimentos estelares e depois determinar o centro da esfera. Você acabará muito perto do sol da Terra, ou pelo menos do lugar onde ele estava há vinte mil anos atrás.

Enquanto Pelorat falava, o queixo de Trevize caía devagar. Ele levou alguns momentos para fechar a boca depois que o outro terminou.

— Por que não pensei nisso? — disse, afinal.

— Tentei conversar com você a respeito enquanto ainda estávamos em Melpomenia.

— Claro. Me desculpe, Janov, por não prestar atenção em você. A verdade é que não pensei que tivesse...

Interrompeu o que estava dizendo, sem saber como completar a frase.

Pelorat riu baixinho.

— ... não pensou que eu tivesse alguma coisa importante para dizer. Em outras circunstâncias, provavelmente estaria certo, mas isso era alguma coisa dentro da minha especialidade. Acredito que, na maioria dos casos, você teria toda a razão em não prestar atenção em mim.

— De maneira alguma! — protestou Trevize. — Isso não é verdade, Janov. Agi como um tolo. Aceite de novo minhas desculpas... e agora preciso consultar o computador.

Ele e Pelorat foram para a sala de comando e Pelorat, como sempre, observou com uma combinação de admiração e incredulidade enquanto as mãos de Trevize se fundiam com as "mãos" do computador de se tornava o que era quase um organismo híbrido homem/máquina.

— Vou ter que fazer certas hipóteses, Janov — disse Trevize. — Terei que supor que a primeira coordenada é a distância em parsecs que as outras duas são ângulos em radianos, a primeira indicando a declinação e a segunda o azimute. Vou supor ainda que no caso dos ângulos o uso dos sinais positivo e negativo obedece à mesma convenção que em Terminus e que as coordenadas zero, zero, zero correspondem ao sol de Melpomenia.

— Parece razoável — observou Pelorat.

— É mesmo? Existem seis maneiras possíveis de dispor os

números, quatro maneiras possíveis de escolher os sinais, as distâncias podem ser em anos-luz em vez de parsecs e os ângulos em graus, em vez de radianos. Só aí temos 96 possibilidades distintas. Acrescente o fato de que se as distâncias forem em anos-luz, fica difícil saber exatamente qual a duração do ano. Isso sem falar de que não sabemos qual a convenção usada para medir os ângulos... as declinações devem ser em relação ao equador de Melpomenia, mas qual o meridiano de origem para os azimutes?

Pelorat franziu a testa.

— Do jeito que você fala, está começando a parecer quase impossível.

— Nem tanto. Aurora e Solaria fazem parte da lista e conheço a posição deles no espaço. Vou entrar com as coordenadas no computador e ver se consigo localizá-los. Se não der certo, mudarei as suposições iniciais e tentarei de novo. Só começarei a procurar o centro da esfera quando tiver certeza de que estou interpretando corretamente as coordenadas.

— Mesmo assim, as possibilidades são tantas que você pode levar anos tentando...

— O quê? — perguntou Trevize, ocupado com o computador. Quando Pelorat repetiu o comentário, ele disse:

— Janov, o mais provável é que todas as convenções sejam iguais às que aprendemos na escola. Nesse caso, não será difícil descobrir qual é o meridiano de origem. Os sistemas para indicar pontos no espaço são muito antigos; a maioria dos astrônomos acredita que tenham sido inventados antes da primeira viagem interestelar. Os seres humanos são extremamente conservadores para algumas coisas e as convenções numéricas são uma delas. Em certos casos, chegam mesmo a ser confundidas com leis naturais. Pensando bem, é natural que seja assim. Se cada mundo adotasse um sistema diferente, que mudasse a cada cem anos, o progresso científico se tornaria praticamente impossível. Estava trabalhando no computador enquanto falava, de modo que as palavras saíam aos arrancos. Completada a explicação, murmurou:

— Agora fique quieto, Janov.

Depois disso, concentrou-se totalmente na tarefa de programar o computador até que, depois de alguns minutos, recostou-se na cadeira e deu um longo suspiro.

— As convenções são as que eu esperava. Acabei de localizar Aurora. Está vendo?

Pelorat olhou para a tela, que mostrava um grupo de estrelas, com uma estrela mais brilhante quase no centro.

— Tem certeza?

— Minha opinião não importa — disse Trevize. — O *computador*

tem certeza. Afinal, estivemos em Aurora. Conhecemos todas as características da estrela do sistema: diâmetro, massa, luminosidade, temperatura, classe espectral, para não falar na configuração das estrelas vizinhas. O computador diz que é Aurora.

— Então acho que devemos aceitar sua palavra.

— Eu também acho. Deixe-me ajustar a tela e o computador fará o resto sozinho. Ele vai mostrar a posição das cinquenta estrelas, uma de cada vez.

Enquanto falava, Trevize fornecia as instruções ao computador para representar as estrelas em um mapa tridimensional. Nos cálculos, o computador usava as quatro dimensões do espaço-tempo, mas raramente era programado para mostrar na tela mais que duas dimensões. No momento, porém, a tela havia sido transformada em um volume escuro, que além de altura e largura também tinha profundidade. Trevize reduziu bastante a iluminação da sala, para aumentar a visibilidade da tela.

— Vai começar agora — sussurrou.

Pouco depois, apareceu uma estrela, logo seguida por outra e uma terceira. A cada nova estrela, o volume de espaço representado na tela era ampliado para que nenhuma ficasse de fora. Era como se a vista se tornasse cada vez mais distante.

Finalmente, havia na tela cinquenta pontos luminosos, que pareciam flutuar no espaço tridimensional.

Trevize disse:

— Eu teria apreciado encontrar uma bela distribuição esférica, mas isto parece mais uma bola de neve feita por alguém que estava com muita pressa e que além disso usou neve muito dura e empedrada.

— Então a tentativa não deu certo?

— Eu não seria tão pessimista. Afinal, uma certa irregularidade é natural. As estrelas não estão distribuídas uniformemente no espaço e muito menos os planetas habitáveis. O computador vai colocar cada um desses pontos em sua posição atual, estimando o deslocamento que sofreu nos últimos vinte mil anos... para uma estrela, vinte mil anos é pouca coisa; a correção não deve fazer muita diferença... e depois vai calcular a “melhor esfera”. Em outras palavras: vai descobrir qual a superfície esférica para a qual a distância a todos os cinquenta pontos é mínima. A Terra deve estar próxima do centro dessa esfera. Pelo menos, é o que esperamos... Não vai demorar.

70

NÃO DEMOROU nada. O próprio Trevize, que estava acostumado com os milagres do computador, ficou surpreso com a rapidez com

que ele chegou a um resultado.

Trevize tinha instruído o computador para tocar uma nota musical quando encontrasse as coordenadas do centro da melhor esfera. Não havia nenhuma razão para isso, a não ser a satisfação de ouvir o som e saber que talvez a busca estivesse finalmente terminada.

O computador não levou mais que alguns minutos para avisar que havia encontrado uma solução. Foi como o soar de um gongo melodioso. O som aumentou de volume até ser possível sentir a vibração na pele e depois desapareceu lentamente.

Bliss apareceu imediatamente na porta da sala de controle.

— O que foi que houve? — perguntou, com os olhos arregalados. — Uma emergência?

— Nada disso — disse Trevize. Pelorat acrescentou, excitado:

— Talvez a gente tenha localizado a Terra, Bliss. O som que ouviu foi o sinal de que o computador tinha acabado de fazer os cálculos.

A moça entrou na sala.

— Vocês podiam ter me avisado.

— Desculpe, Bliss — disse Trevize. — Esqueci-me de regular o volume.

Fallom havia seguido Bliss e perguntou:

— Que barulho foi aquele, Bliss?

— Estou vendo que ela também ficou curiosa — disse Trevize Recostou-se na cadeira, sentindo-se esgotado. O passo seguinte seria usar o telescópio para verificar se nas coordenadas do ponto centrai dos planetas dos Espaciais havia realmente uma estrela do tipo G. Mais uma vez, relutava em prosseguir, temeroso de que a solução encontrada pelo computador não correspondesse à realidade dos fatos.

— É verdade — disse Bliss. — E por que não? É tão humana quanto nós.

— O pai dela não pensava assim — disse Trevize, distraidamente. — Essa criança me preocupa. Ainda vai nos trazer encrenca.

— De onde tirou essa ideia? — perguntou Bliss, em tom defensivo, Trevize deu de ombros.

— É apenas um palpite.

Bliss olhou para ele com desprezo e voltou-se para Fallom.

— Estamos tentando encontrar a Terra, Fallom.

— O que é a Terra?

— A Terra é outro mundo, mas um mundo muito especial. É o mundo de onde vieram os nossos antepassados. Sabe o que significa “antepassado”, Fallom?

— Não quer dizer ----?

A última palavra não era em galáctico. Pelorat explicou:

— O que ela disse foi uma palavra arcaica que significa “antepassado”.

— Muito bem — disse Bliss, com um sorriso. — A Terra é o planeta de onde vieram os nossos antepassados, Fallom. Os seus, os meus, os de Pel e os de Trevize.

— Os seus, Bliss... e os meus também? — Fallom parecia intrigada. — Os dois?

— Só existe um conjunto de antepassados — explicou Bliss. — Nós todos tivemos os mesmos antepassados.

— Tenho a impressão de que a criança percebe muito bem que é diferente de nós — disse Trevize.

— Não diga isso! — protestou Bliss, em voz baixa. — Quero que ela se sinta igual a nós. Pelo menos, no essencial.

— Não considera o hermafroditismo essencial?

— Estou falando no plano mental.

— Os lobos transdutores também são essenciais.

— Não seja implicante, Trevize. Ela é um ser humano inteligente, e pronto!

Voltou-se para Fallom e disse em voz alta:

— Pense nisso, Fallom. Eu e você temos os mesmos ancestrais. Todas as pessoas de todos os mundos... muitos, muitos mundos... todas têm os mesmos ancestrais, que viviam em um planeta chamado Terra. Isso quer dizer que somos parentes, não é mesmo? Agora volte para o quarto e pense nisso.

Fallom olhou pensativamente para Trevize, fez meia-volta e saiu correndo, depois de receber um tapinha afetuoso de Bliss no traseiro. A moça disse para Trevize:

— Quero que me prometa que não vai fazer nenhum comentário na frente da menina que a faça pensar que é diferente de nós.

— Prometo. Não tenho nenhuma intenção de desmoralizá-la diante da menina. Acontece, Bliss, que ela *é* diferente de nós.

— Apenas superficialmente. Como eu sou diferente de você, como Pel é diferente de você.

— Não se faça de ingênua, Bliss. No caso de Fallom, as diferenças são muito maiores.

— Um *pouquinho* maiores. As semelhanças são muito mais importantes. Um dia, ela e seu povo serão parte da Galáxia Viva, e uma parte muito útil, tenho certeza.

— Está bem. Não vamos discutir. — Trevize voltou-se para o computador, com visível relutância. — Enquanto isso, sou obrigado a verificar a suposta posição na Terra no espaço real.

— Obrigado?

— Já pensou se não encontrarmos nenhuma estrela no lugar indicado?

— Não será o fim do mundo.

— Pensando bem, não há nenhuma vantagem em fazer isso agora.

Só poderemos executar o Salto daqui a alguns dias.

— E você passará esses dias sofrendo sem necessidade. Descubra logo. Esperar não vai resolver nada.

Trevize pensou um pouco e depois disse:

— Você tem razão. Vamos em frente!

Colocou as mãos sobre as "mãos" do computador e a tela ficou escura.

— É melhor eu esperar lá fora — disse Bliss. — Minha presença vai deixar você nervoso.

A moça saiu da sala, com um aceno de despedida.

— Na verdade — murmurou Trevize —, primeiro vamos usar o mapa da Galáxia que está na memória do computador. Mesmo que a Terra esteja na posição calculada, ela não deve estar no mapa. Em seguida, porém, nós vamos...

A tela ficou coalhada de estrelas e Trevize interrompeu o que estava dizendo com uma expressão de surpresa no rosto. Quase todas tinham um brilho bastante modesto, com uma ou outra mais brilhante se destacando aqui e ali, distribuídas de maneira mais ou menos uniforme na tela do computador. Quase no centro da tela, porém, havia uma estrela que era a mais brilhante de todas.

— Encontramos! — exclamou Pelorat, radiante. — Só pode ser ela, meu velho amigo. Veja como é brilhante!

— Qualquer estrela perto do centro da tela pareceria mais brilhante que as outras — argumentou Trevize, prevenindo-se contra uma possível decepção. — Afinal, o computador está mostrando a vista que teríamos se estivéssemos a uma distância de um parsec do centro da esfera. Mesmo assim, está claro que aquela estrela não é nem uma anal branca, nem uma gigante vermelha, nem uma gigante azul. Espere um momento... o computador está consultando o banco de dados.

Trevize ficou em silêncio por alguns segundos e depois disse:

— Classe espectral G-2. — Outra pausa e depois: — Diâmetro 1, 4 milhões de quilômetros... massa: 1,02 vezes a do sol de Terminus... temperatura da superfície: 6.000 graus absolutos... período de rotação: pouco menos de trinta dias... nenhum sinal de atividade incomum.

— Não é uma estrela do tipo que possui planetas habitáveis? perguntou Pelorat.

— É, sim — concordou Trevize. — E o sol da Terra teria que se assim, já que foi nesse sistema que surgiu a vida.

— Então é provável que encontremos um planeta habitável, não *é*.

— Não há necessidade de especularmos — disse Trevize, que ainda parecia intrigado com a presença da estrela. — No mapa da Galáxia consta que esta estrela possui um planeta habitado por seres

humanos... mas há um ponto de interrogação ao lado da informação.

O entusiasmo de Pelorat aumentou.

— É exatamente o que eu esperava, Golan. A Terra está aí, mas alguém tentou camuflá-la. É por isso que a pessoa que fez o mapa não tem certeza.

— Não, Janov, é por isso que estou intrigado. Isso *não é* o que eu esperava. Esperava muito mais. Considerando a eficiência com que os vestígios da existência da Terra foram apagados, a pessoa que fez o mapa não deveria conhecer nem a existência deste sistema, quanto mais a existência de vida humana no sistema. Os mundos dos Espaciais não estão no mapa. Por que a Terra estaria?

— O que importa é que ela está. De que adianta discutir por quê? Que mais o computador sabe a respeito da estrela?

— O nome.

— Ah! Qual é?

— Alfa.

Depois de uma pequena pausa, Pelorat exclamou, triunfante:

— É isso, meu velho amigo! A última prova que faltava! Pense no significado do nome!

— O nome significa alguma coisa? Para mim, é apenas um nome, e estranho, por sinal. Não parece galáctico...

— E *não é* galáctico. É uma palavra da língua que era falada na Terra, a mesma que nos deu Gaia como nome do planeta de Bliss.

— Então o que quer dizer "alfa"?

— Alfa é a primeira letra do alfabeto daquela língua antiga. É uma das poucas coisas que sabemos com certeza. Além disso, "alfa" era também usado como número ordinal, para significar "primeiro". Assim, se uma estrela é chamada de "Alfa", é porque é a primeira. E a primeira estrela não teria que ser aquela em torno da qual gira o primeiro planeta em que a vida humana se desenvolveu... a Terra?

— Tem certeza do que está dizendo?

— Absoluta.

— Existe alguma coisa nas lendas antigas... afinal, o mitologista é você... que atribua ao sol da Terra alguma característica incomum?

— Não, claro que não! O sol da Terra tem que ser, por definição, uma estrela comum. O que, aliás, está de acordo com as características que o computador nos forneceu, não é?

— O sol da Terra é uma estrela isolada?

— Naturalmente! — exclamou Pelorat. — Pelo que sei, todo os planetas habitados giram em torno de estrelas isoladas.

— Eu já desconfiava disso — disse Trevize. — O problema é me a estrela que estamos vendo no centro da tela é uma binária. A mais brilhante do par é realmente uma estrela comum; os dados que o computador nos forneceu se aplicam a ela. Entretanto, girando em

torno dessa estrela, com um período de aproximadamente oitenta anos, existe outra, com uma massa um pouco menor: quatro quintos da massa da estrela mais brilhante. Com a ampliação atual, não podemos ver as duas estrelas como pontos distintos, mas o computador nos diz que elas estão lá.

— Tem certeza, Golan? — perguntou Pelorat, desanimado. — O computador não poderia se enganar. E se o que estamos vendo é uma estrela binária, então não é o sol da Terra. Não pode ser.

71

Trevize interrompeu o contato com o computador e fez as luzes da sala voltarem ao normal.

Aparentemente, era o que Bliss estava esperando para entrar, seguida de perto por Fallom.

— Então, o que foi que você descobriu? — perguntou a moça.

— Nada de muito animador. No lugar onde esperava encontrar a Terra, o que havia era uma estrela binária. Como sabemos que o sol da Terra é uma estrela isolada, estamos de volta ao ponto de partida.

— E agora, Golan? — perguntou Pelorat. Trevize deu de ombros.

— Na verdade, não tinha grandes esperanças de encontrar a Terra na primeira tentativa. Nem mesmo os Espaciais colonizariam os planetas vizinhos de forma perfeitamente simétrica. Aurora, o mais antigo dos planetas dos Espaciais, pode ter servido como um centro secundário de colonização, o que deformaria a esfera. Além do mais, o sol da Terra pode não ter se deslocado nos últimos vinte mil anos da mesma forma que os mundos dos Espaciais.

— Então a Terra pode estar em qualquer lugar. É isso o que você está dizendo?

— Não, Janov. Em qualquer lugar, não. Todas essas fontes de erro somadas não devem produzir uma grande diferença. O sol da Terra deve estar *nas proximidades* da posição calculada. É curioso que exista um vizinho com características tão parecidas com as que esperamos do sol da Terra (exceto, naturalmente, pelo fato de ser uma estrela binária), mas deve ser mera coincidência.

— Nesse caso, não veríamos a Terra no mapa? Perto de Alfa, quero dizer?

— Não senhor. Tenho certeza de que o sol da Terra não consta do mapa. Foi isso que me fez desconfiar de Alfa logo que a encontramos. Por mais que se parecesse com o sol da Terra, o simples fato de estar no mapa me fez suspeitar de que estávamos na pista errada.

— Então é muito fácil descobrir a verdade — disse Bliss. — Por que não observa a mesma região do espaço com o telescópio? Se houver uma estrela perto de Alfa, uma estrela muito parecida com

Alfa, mas que não conste do mapa do computador nem seja binária, não poderá ser o sol da Terra? Trevize suspirou.

— Se encontrar uma estrela como a que acaba de descrever, serei capaz de apostar metade do que tenho em que haverá um planeta habitável girando em torno da estrela e que esse planeta será a Terra... Acontece que ainda não tive coragem de experimentar.

— Porque está com medo de não encontrar nada? Trevize assentiu.

— Entretanto — disse —, dê-me um minuto ou dois para recuperar o fôlego e me forçarei a agir.

Enquanto os três adultos se entreolhavam, Fallom aproximou-se do computador e ficou olhando, curiosa, para as marcas de mãos que havia no tampo da mesa. Estendeu a mão para uma das marcas e Trevize bloqueou o movimento, segurando o braço da menina e dizendo:

— Não toque nisso, Fallom.

A criança olhou para Trevize, assustada, e foi aninhar-se nos braços de Bliss.

Pelorat disse:

— Temos que encarar os fatos, Golan. O que acontece se não encontrarmos nada no espaço real?

— Teremos que voltar ao nosso plano anterior — disse Trevize. — Seremos obrigados a visitar os 47 planetas dos Espaciais, um por um.

— E se mesmo assim não conseguirmos nada?

Trevize sacudiu a cabeça, como que para impedir que aquela ideia se instalasse na sua mente. Olhando para a ponta dos pés, disse, simplesmente:

— Então vou ter que pensar em outra coisa.

— E se o mundo dos antepassados não existir? A voz aguda deixou Trevize sobressaltado.

— Quem foi que disse isso? — perguntou.

Era uma pergunta desnecessária. Passado o primeiro momento de surpresa, o rapaz sabia muito bem quem era o autor do comentário.

— Fui eu — disse Fallom.

Trevize olhou para ela e franziu a testa.

— Você sabe do que estamos falando?

— Estão procurando o mundo dos antepassados, mas ainda não o encontraram — disse Fallom. — Talvez esse mundo não exista.

— Não acredito nisso, Fallom — disse Trevize. — Sabemos que alguém está fazendo tudo o que pode para esconder o mundo dos antepassados. Isso quer dizer que existe alguma coisa importante par ser escondida. Você está me entendendo?

— Estou — disse Fallom. — Você não me deixou tocar nas mãos que estão desenhadas na mesa. Isso quer dizer que se eu tocasse nelas

aconteceria alguma coisa importante.

— Fallom, você está ficando impossível!... Bliss, você criou um monstro que ainda nos vai destruir a todos. Não deixe mais a menina entrar nesta sala a menos que eu esteja presente. Entendido?

O pequeno aparte pareceu ter arrancado Trevize de sua indecisão. Ele disse:

— É melhor eu voltar ao trabalho. Se ficar aqui parado, esse monstrinho vai acabar tomando conta da nave.

As luzes ficaram mais fracas e Bliss disse, em voz baixa:

— Você prometeu, Trevize. Seja educado com a criança.

— Então tome conta dela e ensine-lhe boas maneiras. Diga-lhe que as crianças são para serem vistas raramente e jamais ouvidas.

Bliss fez uma careta.

— Sua atitude em relação às crianças é simplesmente revoltante, Trevize.

— Talvez, mas não é hora de discutirmos o assunto. Foi então que disse, com um misto de alívio e satisfação:

— Ali está Alfa no espaço real... e à esquerda, ligeiramente para cima, uma estrela quase tão brilhante e que não consta do mapa do computador. Só pode ser o sol da Terra. Aposto *todo* o meu dinheiro nisso.

72

— Acontece — disse Bliss — que não vamos aceitar o seu dinheiro se você perder. Sendo assim, por que não esclarecemos logo o assunto? Vamos visitar a estrela assim que você puder dar o Salto.

Trevize sacudiu a cabeça.

— Não. Agora não se trata de medo ou indecisão. Temos que ser prudentes. Por três vezes visitamos um mundo desconhecido e por três vezes tivemos que enfrentar um perigo imprevisto. Mais que isso: por três vezes tivemos que fugir às pressas. Desta vez, não estou disposto a correr riscos desnecessários. Até o momento, tudo o que temos a respeito da Terra são histórias vagas sobre radioatividade, o que não nos ajuda muito. Acontece que, por uma estranha coincidência, existe um planeta habitado a pouco mais de um parsec da Terra...

— Não sabemos se o planeta que gira em torno de Alfa é habitado — interveio Pelorat. — Você disse que na memória do computador este dado estava acompanhado por um ponto de interrogação.

— Mesmo assim, vale a pena tentarmos — disse Trevize. — Por que não damos uma olhada primeiro em Alfa? Se encontrarmos seres humanos, tentaremos descobrir o que sabem a respeito da Terra. Para eles, afinal, a Terra não é apenas uma lenda distante; é um planeta vizinho.

— Não é má ideia — disse Bliss. — Acaba de me ocorrer que se Alfa for habitado e se os habitantes forem amistosos, talvez a gente consiga uma comida decente para variar.

— Além de fazer novos conhecimentos — disse Trevize. — Isso também é importante. Concorda com o plano, Janov?

— A decisão é sua, meu velho amigo. Para onde for, eu irei.

— Vamos encontrar Jemby? — perguntou Fallom, abruptamente.

— Vamos procurar por ele, Fallom — disse Bliss depressa, antes que Trevize tivesse tempo de abrir a boca.

— Então está decidido — disse Trevize. — Vamos para Alfa.

73

— Duas estrelas grandes — disse Fallom, apontando para a tela.

— É isso mesmo — disse Trevize. — Duas estrelas... Bliss, fique de olho nela. Não quero que mexa em nada.

— As máquinas a fascinam — disse Bliss.

— Pode ser, mas a fascinação dela não me fascina — disse Trevize —, embora, para falar a verdade, esteja tão fascinado como ela por ver duas estrelas tão brilhantes na tela ao mesmo tempo.

As duas estrelas eram tão brilhantes que faltava pouco para aparecerem como discos na tela do telescópio. A intensidade da imagem tinha sido automaticamente reduzida, de modo que poucas estrelas eram visíveis; as duas componentes do sistema binário reinavam em altiva solidão.

— A questão é que nunca estive tão perto de uma estrela binária — disse Trevize.

— Verdade? — exclamou Pelorat, surpreso. — Como isso é possível?

Trevize riu.

— Tenho dado minhas voltinhas, Janov, mas não sou o vagabundo espacial que você pensa que eu sou.

— Nunca tinha estado no espaço antes de conhecer você, Golan mas sempre pensei que as pessoas acostumadas a viajar...

— Conheciam de tudo. Eu sei. É natural. O problema com que nunca saiu do seu planeta natal é que, por mais que tente, jamais conseguirá imaginar o verdadeiro tamanho da Galáxia. Poderíamos passar a vida viajando e não conseguiríamos visitar mais que uma parte insignificante da Galáxia. Além disso, ninguém se interessa por binária.

— Por que não? — perguntou Bliss, curiosa. — Nós gaianos não entendemos tanto de astronomia quanto os Isolados, mas tinha a impressão de que as binárias eram relativamente comuns...

— E são mesmo — disse Trevize. — Existem mais estrelas

binárias na Galáxia do que estrelas isoladas. Acontece, porém, que a existência de um sistema binário perturba o processo de formação do planetas. As binárias dispõem de menos material para que os planeta se condensem. Os planetas que chegam a se formar possuem órbita extremamente excêntricas e raramente são habitáveis.

"Acredito que os primeiros exploradores tenham estudado as binárias de perto". Depois de um certo tempo, porém, chegaram à conclusão de que as estrelas isoladas eram muito mais promissoras e termos da probabilidade de encontrarem planetas colonizáveis. Naturalmente, depois que a Galáxia foi povoada, praticamente todas as viagens passaram a ter finalidade comercial ou turística e portanto passaram a ser executadas apenas entre planetas habitados, que via de regra orbitavam estrelas isoladas. Suponho que uma vez ou outra um mundo mais belicoso se dispunha a montar um base militar em um planeta de uma estrela binária que por acaso estava em uma posição estratégica, mas com o advento das viagens hiperespaciais essas bases se tornaram desnecessárias.

— É incrível a quantidade de coisas que eu não sei — observou Pelorat, com humildade.

Trevize limitou-se a sorrir.

— Não fique tão impressionado, Janov. Quando servi na Marinha, tive que assistir a um número interminável de aulas a respeito de táticas militares ultrapassadas que nunca tinham sido usadas na prática e que só eram ensinadas por força do hábito. Estava apenas recitando de cor o que ouvi... Pense em tudo o que sabe a respeito de mitologia, folclore e línguas antigas, coisas que eu não conheço, que todos ignoram, a não ser uns poucos estudiosos como você.

Bliss objetou:

— Acontece que essas duas estrelas formam um sistema binário e mesmo assim uma delas possui um planeta habitável.

— Esperamos que possua, Bliss — disse Trevize. — Toda regra tem exceções. No nosso caso, a exceção vem acompanhada por um ponto de interrogação, o que a torna ainda mais intrigante... Não, Fallom, esses botões não são para brincar... Bliss, acho melhor tirá-la daqui.

— Ela não vai quebrar nada — disse Bliss, em tom defensivo, mas mesmo assim puxando a menina para longe do computador. — Se está tão interessado naquele planeta habitável, por que não pousamos ainda?

— Em primeiro lugar — disse Trevize —, não é sempre que tenho a oportunidade de observar de perto um sistema binário. Em segundo lugar, estou sendo cauteloso para variar. Como já disse, se existe uma lição que podemos extrair de nossas visitas anteriores, é a de que devemos ser extremamente cautelosos.

— Qual das duas estrelas é Alfa? — perguntou Pelorat.

— Não se preocupe, Janov, que não vamos nos perder. O computador sabe exatamente qual delas é Alfa e, para dizer a verdade, eu também sei. É a mais quente e a mais amarela das duas, porque também é a maior. Repare que a estrela da direita é levemente alaranjada, como o sol de Aurora, se é que você se lembra. Está vendo?

— Sim, agora que você chamou minha atenção.

— Muito bem. Essa é a menor... Qual é a segunda letra daquele antigo alfabeto?

Pelorat pensou por um momento e depois respondeu:

— Beta.

— Então vamos chamar a estrela menor de Beta e a maior de Alfa. No momento, estamos rumando para Alfa.

Capítulo 17
A Nova Terra

74

— Quatro planetas — murmurou Trevize. — Todos pequenos, mais um cinturão de asteroides. Nenhum gigante gasoso.

— Está desapontado? — perguntou Pelorat.

— Não. Já esperava isso. Quando a distância entre duas estrelas binárias é pequena, não pode haver planetas em órbita de apenas uma delas. Um planeta pode girar em torno do centro de gravidade do sistema, mas é muito pouco provável que possa ser habitado, pois estará longe demais dos dois sóis.

"Por outro lado, se as binárias estiverem razoavelmente afastadas, poderá haver planetas girando em torno de cada uma, contanto que estejam suficientemente próximos da estrela em questão". Essas duas estrelas, de acordo com os dados do computador, têm uma separação média de 3, 5 bilhões de quilômetros e, mesmo no periastro, ou ponto de máxima aproximação, estão a cerca de 1, 7 bilhão de quilômetros de distância uma da outra. Para ter uma órbita estável, um planeta teria que estar a menos de duzentos milhões de quilômetros de uma delas. Isso significa que não pode haver gigantes gasosos, já que planetas desse tipo só se formam a distâncias bem maiores. E daí? Os gigantes gasosos não são habitáveis...

— Sim, mas um dos quatro planetas pode ser habitável, não pode?

— Na verdade, o único candidato real é o segundo planeta. Para começar, é o único suficientemente grande para ter atmosfera.

Aproximaram-se do segundo planeta e durante dois dias sua imagem aumentou constantemente na tela do telescópio, devagar a princípio, mas, depois, quando não houve sinal de nenhuma nave decolando para interceptá-los, com uma rapidez quase assustadora.

O *Estrela Distante* estava se movendo suavemente em uma órbita temporária mil quilômetros acima da camada de nuvens quando Trevize observou, de mau humor:

— Estou vendo por que o computador colocou um ponto de interrogação depois da informação de que o planeta era habitado. Não há nenhum sinal de radiação, seja de luz artificial no hemisfério onde agora é noite, seja de ondas de rádio nos dois hemisférios.

— A camada de nuvens parece bastante espessa — observou Pelorat.

— Não o suficiente para ocultar a radiação.

Ficaram observando o planeta abaixo deles, uma sinfonia de nuvens brancas, que de vez em quando, através de uma brecha ocasional, deixavam entrever uma mancha azul que só podia significar água.

Trevize disse:

— Esse planeta deve ter um clima muito deprimente, com o céu sempre nublado... O que não entendo — acrescentou, enquanto entravam mais uma vez no lado escuro — é que não há nenhuma estação espacial para nos receber.

— Do jeito que fizeram em Comporellon? — perguntou Pelorat.

— Do jeito que fazem em todos os planetas habitados. Teríamos que mostrar nossos papéis, explicar o motivo da visita, etc, etc.

— Talvez, por alguma razão, não tenhamos captado as transmissões deles.

— Nosso computador teria detectado transmissões em qualquer comprimento de onda. Além disso, estamos enviando nossos próprios sinais e até agora não tivemos resposta. Mergulhar abaixo da camada de nuvens sem autorização das autoridades locais constitui grave violação do protocolo espacial, mas não vejo alternativa.

O *Estrela Distante* diminuiu a velocidade e, ao mesmo tempo, para manter a altitude, reforçou o campo antigravitacional. Voltou ao lado iluminado do planeta e diminuiu ainda mais a velocidade. Trevize, auxiliado pelo computador, descobriu uma abertura nas nuvens. A nave mergulhou e passou pela abertura. Abaixo deles, o oceano se estendia a perder de vista, o azul profundo quebrado apenas por finas linhas de espuma.

Saíram do trecho iluminado pelo sol. Imediatamente, a cor da água mudou para cinza e a temperatura do ar caiu apreciavelmente. Fallom, que estava olhando com interesse pela vigia, falou por alguns momentos em sua língua natal, rica em consoantes, e depois mudou para galáctico. A voz era trêmula.

— O que é que estou vendo lá embaixo?

— É um oceano — disse Bliss, carinhosamente. — Uma grande quantidade de água.

— Por que não seca?

Bliss olhou para Trevize, que explicou:

— Porque é tanta água que não dá para secar.

Fallom disse, em tom choroso:

— Não quero toda aquela água. Vamos embora!

A criança deu um grito agudo quando o *Estrela Distante* penetrou em uma massa de nuvens de tempestade e a vigia ficou quase opaca, de cor leitosa, riscada pelas marcas das gotas de chuva.

As luzes da sala de comando piscaram e a nave sofreu um pequeno solavanco.

Trevize olhou para a criança, surpreso, e gritou:

— Bliss, os lobos transdutores de Fallom já estão funcionando. Ela está usando a energia elétrica para tentar manipular os controles. Faça-a parar!

Bliss abraçou a criança.

— Está tudo bem, Fallom, tudo bem. Não tenha medo. É apenas um outro mundo.

Fallom pareceu menos assustada, mas continuou a tremer. Bliss disse para Trevize:

— A criança nunca viu um oceano e talvez não saiba o que é chuva nem neblina. Você não pode ser mais gentil?

— Não se ela fica mexendo com os controles da nave. Está colocando todos nós em perigo. Leve-a para o seu quarto e trate de acalmá-la!

Bliss assentiu secamente.

— Vou com você — disse Pelorat.

— Não, Pel — protestou Bliss. — Fique aqui. Eu acalmo Fallom e você acalma Trevize.

A moça saiu da sala.

— Não preciso ser acalmado! — vociferou Trevize. — Não devia ter falado daquele jeito com Bliss, mas não posso deixar a criança brincar com os controles, posso?

— Claro que não, mas Bliss foi pega de surpresa. Ela pode controlar Fallom, que está se comportando muitíssimo bem para uma criança que foi tirada de casa, separada do seu... do seu robô e forçada a participar de uma viagem que está além da sua compreensão.

— Eu sei. Eu não queria trazê-la conosco, lembra-se? A ideia foi de Bliss.

— A criança teria morrido, se a deixássemos lá.

— Está bem, mais tarde vou pedir desculpas a Bliss. E à criança também.

Mas ele ainda estava de cara amarrada e Pelorat perguntou:

— Golan, meu velho amigo, há mais alguma coisa incomodando você?

— O oceano — respondeu Trevize.

Tinham saído há muito tempo das nuvens de tempestade, mas o céu continuava nublado.

— Que há de errado com o oceano?

— É grande demais, Janov.

Pelorat não pareceu haver compreendido e Trevize explicou:

— Faltam os continentes. Até agora, não vimos nenhum. A atmosfera é perfeitamente normal, com oxigênio e nitrogênio em proporções decentes, de modo que o planeta deve ter sido adaptado; além disso, deve haver pelo menos vida vegetal para manter a

concentração de oxigênio. Atmosferas como essa não ocorrem naturalmente... a não ser, talvez, na Terra, onde tudo começou, não se sabe como. Acontece que nos planetas adaptados existe sempre uma proporção razoável de terra firme, entre um quinto e um terço da superfície total. Onde está essa terra?

— Talvez, por fazer parte de um sistema binário, este não seja um planeta típico — sugeriu Pelorat. — Quem sabe se a atmosfera surgiu naturalmente, uma atmosfera que nunca se formaria sem a intervenção humana nos planetas que giram em torno de estrelas isoladas? Quem sabe se aqui a vida surgiu espontaneamente, como na Terra, mas está restrita a espécies aquáticas?

— Se isso for verdade — disse Trevize — então estamos perdendo tempo. No mar, o progresso tecnológico é impossível. A tecnologia sempre se baseia no fogo, e o fogo e a água são incompatíveis. Um planeta habitado por seres primitivos não nos interessa.

— Compreendo o seu ponto de vista, mas estou apenas procurando raciocinar em voz alta. Afinal de contas, pelo que sabemos, o progresso tecnológico só ocorreu em um planeta... na Terra. Os Espaciais levaram essa tecnologia para os outros planetas. Você não pode dizer que a tecnologia é "sempre" alguma coisa se dispõe de apenas um exemplo.

— Para se deslocar na água, o corpo tem que ter uma forma aerodinâmica. Os animais marinhos não possuem apêndices que possam ser usados para manipular objetos, como as nossas mãos.

— Os polvos têm tentáculos.

— Se está pensando em alguma coisa como polvos inteligentes, que, além de surgirem espontaneamente neste planeta, ainda desenvolveram uma tecnologia independente do fogo, então, na minha opinião, está propondo uma situação extremamente improvável.

— Na sua *opinião* — disse Pelorat, sem se perturbar. De repente, Trevize deu uma gargalhada.

— Muito bem, Janov. Você está mexendo comigo para se vingar por eu ter falado de mau modo com Bliss, e tenho que confessar que está fazendo um bom trabalho. Prometo que se não encontrarmos nenhum continente vamos examinar os oceanos para ver se encontramos os seus polvos civilizados.

Enquanto falava, a nave entrou de novo na sombra do planeta e a vigia ficou negra. Pelorat estremeceu.

— Estava pensando... acha que é seguro? — perguntou.

— O que que é seguro, Janov?

— Correr no escuro desse jeito. Podemos perder altitude e mergulhar no oceano. Nossa nave ficaria em pedaços!

— Isso não pode acontecer, Janov. Juro! O computador nos mantém em uma linha de força gravitacional. A nave permanece em

uma posição tal que a intensidade da força de atração do planeta é sempre a mesma, o que equivale a dizer que nossa altitude em relação ao nível do mar é praticamente constante.

— Qual é essa altitude?

— Cerca de cinco quilômetros.

— Isso não me tranquiliza nem um pouco, Golan. Não podemos chegar a um continente e bater de frente em uma montanha que não estamos vendo?

— *Nós* não estamos vendo, mas o radar da nave se encarregará de detectar a montanha e informar ao computador, que então fará o resto.

— E se o continente for plano? No escuro, poderemos passar por ele sem saber.

— Não, Janov, é impossível. A água e a terra não refletem da mesma forma as ondas de radar. A água é lisa; a terra é irregular. O computador é capaz de perceber a diferença e me avisará imediatamente se houver terra à vista. Mesmo que fosse dia e o tempo não estivesse nublado, provavelmente o computador detectaria a terra antes de mim. Horas depois, estavam de volta ao lado iluminado do planeta. Abaixo deles, o oceano ainda se estendia interminavelmente em todas as direções, a não ser quando passavam por dentro de uma das numerosas nuvens de tempestade e a visibilidade se tornava nula por alguns instantes. Em uma dessas ocasiões, o vento fez com que o *Estrela Distante* mudasse de rumo. O computador havia alterado o curso, explicou Trevize, para evitar um consumo exagerado de energia e minimizar os riscos de acidente. Depois que a turbulência passou, a nave voltou ao curso anterior.

— Provavelmente passamos perto de um furacão — disse Trevize.

— Escute aqui, meu velho amigo — disse Pelorat. — Tenho a impressão de que estamos viajando de oeste para leste... ou de leste para oeste. Nesse caso, tudo o que estamos examinando é a região próxima do equador.

— Isto seria uma tolice, não seria? Na verdade, Janov, estamos viajando na direção noroeste-sudeste, ao longo de um círculo máximo. Isso nos faz passar pelos trópicos e pelas duas zonas temperadas. Além disso, cada vez que completamos a órbita, nossa trajetória se desloca para oeste, pois o planeta está girando em torno de si mesmo abaixo de nós. Assim, estamos explorando metodicamente a superfície do planeta. No momento, já que ainda não encontramos terra, a probabilidade de existir um continente de proporções razoáveis, de acordo com o computador, é menor que 1097o; a de existir uma ilha relativamente grande, menor que 25%. Naturalmente, essas probabilidades tendem a diminuir a cada órbita.

— Sabe o que eu teria feito? — disse Pelorat, sem pressa,

enquanto eram novamente tragados pela sombra do planeta. — Teria permanecido longe do planeta e explorado um hemisfério inteiro usando o radar. As nuvens não atrapalhariam em nada, não é verdade?

— Então iríamos para o outro lado e faríamos o mesmo — disse Trevize. — Ou esperaríamos o planeta dar a volta... Isso é fácil de dizer agora, Janov. Quem iria esperar chegar a um planeta habitável e não parar em uma estação espacial para receber uma licença... ou ser barrado? E depois de atravessar a camada de nuvens sem parar em nenhuma estação, quem iria prever que não encontraríamos terra logo de saída? Afinal, os planetas habitáveis são... terra!

— Não necessariamente — protestou Pelorat.

— Não é disso que estou falando! — exclamou Trevize. — Estou dizendo que encontramos terra! Fique quieto!

Então, com um autocontrole que não escondia o seu entusiasmo, Trevize colocou as mãos sobre a mesa e tornou-se parte do computador. Ele disse:

— É uma ilha com cerca de 250 quilômetros de comprimento por 65 quilômetros de largura. Deve ter uns quinze mil quilômetros quadrados de superfície. Não chega a ser grande, mas é respeitável. Mais que um pontinho no mapa. Espere...

A luz da sala de comando diminuiu de intensidade até a sala ficar totalmente escura.

— O que está fazendo? — disse Pelorat, falando instintivamente por sussurros, como se a escuridão fosse uma coisa frágil que não devesse ser quebrada.

— Esperando que meus olhos se adaptem ao escuro. A nave está parada sobre a ilha. Preste atenção. Consegue ver alguma coisa?

— Não... alguns pontinhos luminosos, talvez. Não tenho certeza.

— Eu também. Vou ligar o telescópio.

Havia luz! Claramente visível. Formando manchas irregulares.

— A ilha é habitada — disse Trevize. — Talvez seja a única região habitada do planeta.

— Que vamos fazer?

— Esperar que amanheça. Assim teremos algumas horas de descanso.

— E se eles nos atacarem?

— Com quê? Não detectei nenhuma radiação, a não ser calor e luz visível. O lugar é habitado e os habitantes são inteligentes. Entretanto, ainda devem estar na era pré-eletrônica, de modo que não temos nada a temer. Se estiver enganado, o computador nos avisará a tempo.

— E depois que amanhecer?

— Vamos pousar, naturalmente.

Começaram a descer quando os primeiros raios do sol da manhã brilharam através de uma brecha nas nuvens para revelar parte da ilha... coberta de verde, com o interior marcado por uma série de colinas que desaparecia na distância.

Quando chegaram mais perto, puderam ver bosques isolados e um ou outro pomar, mas a maior parte da ilha era constituída por fazendas bem tratadas. Imediatamente abaixo do ponto em que se encontravam, no litoral sudeste da ilha, havia uma praia prateada que terminava em uma linha de grandes pedras, além da qual se estendia um imenso gramado. Aqui e ali, podiam ver habitações, mas elas não se agrupavam em nada que se parecesse com uma cidade.

Chegando ainda mais perto, puderam distinguir uma rede de estradas, ao longo das quais se concentravam as casas. Então, no frio ar da manhã, observaram ao longe um veículo aéreo. Só podiam garantir que se tratava de um veículo aéreo, e não de um pássaro, pela forma como se movia. Era o primeiro sinal indiscutível de vida inteligente que haviam encontrado no planeta.

— Pode ser um veículo automático, se é que é possível construir um veículo automático sem recorrer à eletrônica — observou Trevize.

— Pode ser — concordou Bliss. — A mim me parece que se houvesse um ser humano nos controles, estaria vindo na nossa direção. Devemos ser um espetáculo e tanto... uma nave descendo quase na vertical, mas sem usar foguetes para reduzir a velocidade.

— Um espetáculo estranho em qualquer planeta — disse Trevize, pensativo. — Não foram muitos os mundos que já presenciaram a descida de uma espaçonave gravítica... A praia seria um ótimo lugar para pousarmos, mas não quero ver a nave toda molhada se houver algum contratempo. Vou descer naquele gramado, do outro lado das pedras.

— As naves gravíticas têm uma vantagem: não deixam a propriedade alheia toda queimada quando pousam — disse Pelorat.

A nave desceu suavemente, apoiando-se nas quatro patas que haviam saído do casco durante os últimos estágios da manobra. O peso fez as patas se enterrarem um pouco no chão.

— Infelizmente, estou vendo que vamos deixar marcas — disse Pelorat.

— Pelo menos — disse Bliss, em um tom que não era exatamente de aprovação —, estou vendo que o clima é ameno... talvez até quente.

Havia um ser humano no gramado, observando a descida da nave sem demonstrar medo ou surpresa. A expressão no rosto era de interesse.

A mulher usava trajes bastante sumários, o que explicava o comentário de Bliss a respeito do clima. As sandálias pareciam ser de lona e havia um pano com um motivo floral enrolado nos quadris. Estava nua da cintura para cima. Os cabelos eram negros, compridos e muito brilhantes, descendo quase até a cintura. A pele era castanho clara e os olhos, puxados nos cantos.

Trevize olhou em torno e não viu nenhuma outra criatura viva. Deu de ombros e disse:

— E cedo ainda. Quase toda a população deve estar dormindo. Mesmo assim, não diria que se trata de uma região muito populosa. Voltou-se para os outros e disse:

— Vou sair e conversar com a mulher, se conseguir fazer-me entender. Enquanto isso, vocês...

— Na minha opinião — disse Bliss, com firmeza —, nós todos devemos desembarcar. A mulher parece inofensiva e, de qualquer maneira, estou precisando esticar as pernas e respirar ar puro, além de tentar arranjar uma comida decente, se for possível. Fallom deve estar ansiosa para pisar de novo em terra firme. Quanto a Pel, acredito que gostaria de examinar aquela mulher mais de perto.

— Quem? Eu? — perguntou Pelorat, enrubescendo. — Nem pensei nisso, Bliss, mas, afinal de contas, eu *sou* o linguista do nosso pequeno grupo.

Trevize deu de ombros.

— Vamos, vamos todos. Mas embora a mulher pareça inofensiva, acho melhor levar minhas armas.

— Duvido que tivesse coragem de usá-las naquela jovem — disse Bliss.

Trevize riu.

— Ela é muito bonita, não acha?

Trevize foi o primeiro a saltar. Depois foi a vez de Bliss, que desceu de mãos dadas com Fallom. Pelorat foi o último.

A mulher de cabelos negros continuava a observá-los com interesse. Não recuou um milímetro de onde estava.

Trevize murmurou:

— Vou tentar.

Abriu os braços e disse:

— Saudações.

A jovem pensou por um momento e depois disse:

— Saudações para vós e vossos companheiros.

— Que bom! — exclamou Pelorat, alegremente. — Ela fala galáctico clássico, e com uma pronúncia perfeita!

— Eu também consigo entender o que está dizendo — afirmou Trevize, balançando a mão para mostrar que a compreensão era sofrível. — Espero que *ela* me compreenda.

Sorriu para a moça e disse, no tom mais amistoso que pôde:

— Viemos do espaço. Somos de outro mundo.

— Sede bem-vindos — disse a jovem, com sua voz de soprano. — Vossa nave vem do Império?

— Vem de uma estrela distante e seu nome é *Estrela Distante*.

A jovem olhou para as letras que estavam pintadas no casco da nave.

— É verdade o que dizeis? Se é assim, e se a primeira letra é E, então está escrita ao contrário.

Trevize abriu a boca para protestar, mas Pelorat interrompeu-o, radiante.

— Ela está certa! Há dois mil anos atrás, a letra E era escrita ao contrário. Que oportunidade única para estudar galáctico clássico como uma língua viva!

Trevize examinou a mulher com os olhos. Não podia ter mais que um metro e meio de altura e os seios, embora bem formados, eram muito pequenos. Mesmo assim, não parecia imatura. Os bicos eram grandes e as aréolas escuras, embora isso em parte pudesse ser atribuído à pele morena. Ele disse:

— Meu nome é Golan Trevize; meu amigo se chama Janov Pelorat; a mulher é Bliss e a criança é Fallom.

— É costume, então, na estrela distante de onde vindes, que os homens recebam um nome duplo? Eu sou Hiroko, filha de Hiroko.

— E o seu pai? — quis saber Pelorat. Hiroko respondeu, com indiferença:

— Seu nome, segundo minha mãe, é Smool, mas isso não tem importância. Não o conheço.

— Onde estão os outros? — perguntou Trevize. — Você parece ser a única que está aqui para nos receber.

— Muitos homens saíram de barco para pescar; muitas mulheres estão trabalhando nos campos. Fiquei de folga nos últimos dois dias e tive a felicidade de presenciar este grande acontecimento. Meu povo, porém, é curioso e vossa nave deve ter sido avistada de longe, enquanto descia. Em breve outros estarão aqui.

— Esta ilha tem muitos habitantes?

— Mais de 25 mil — disse Hiroko, com orgulho.

— Existem outras ilhas no oceano?

— Outra ilhas?

A moça parecia surpresa.

Trevize compreendeu. Aquela ilha era o único lugar habitado em todo o planeta. Perguntou:

— Como se chama o seu mundo?

— O nome é Alfa. Na verdade, aprendemos que o nome correto é Alfa Centauri, mas nós o chamamos apenas de Alfa, e, como podeis

ver, é um mundo deveras airoso.

— Um mundo *o quê?* — exclamou Trevize, voltando-se para Pelorat como quem pede socorro.

— Ela quer dizer um mundo bonito — explicou Pelorat.

— Isso ele é — disse Trevize —, pelo menos aqui e neste momento. Olhou para o céu azul da manhã, quase sem nuvens.

— Hoje está fazendo um belo dia de sol, Hiroko, mas imagino que não haja muitos dias assim em Alfa.

Hiroko fez uma expressão ofendida.

— Tantos quantos quisermos. As nuvens podem vir quando precisamos de chuva, mas a maior parte das vezes preferimos que faça bom tempo. Certamente um céu azul e um mar tranquilo são preferíveis quando os homens saem para pescar.

— Então vocês são capazes de controlar o tempo?

— Se não fôssemos, senhor Golan Trevize, choveria todos os dias.

— Mas como fazem isso?

— Não sendo engenheira treinada, não saberia dizer.

— Saberia dizer o nome desta ilha onde viveis com o vosso povo? — disse Trevize, procurando, com sucesso relativo, imitar a maneirai rebuscada de falar da moça (e torcendo para que a concordância verbal estivesse correta).

Hiroko respondeu sem pestanejar:

— Nossa ilha celestial, no meio do grande oceano, é chamada de Nova Terra. Trevize e Pelorat olharam um para o outro, com uma expressão que era um misto de júbilo e surpresa.

76

Não houve tempo para perguntar mais nada. Outros habitantes estavam chegando. Dezenas. Devem ser aqueles, pensou Trevize, que não estavam nos barcos nem nos campos quando pousamos. Quase todos chegavam a pé, mas o rapaz pôde ver dois veículos terrestres, ambos muito velhos e primitivos.

Não havia dúvida de que se tratava de uma sociedade bastante atrasada do ponto de vista tecnológico, mas que ainda assim era capaz de controlar o tempo.

Era um fato bem conhecido que o progresso tecnológico nem sempre ocorria de maneira uniforme; que o atraso em certos setores não impedia necessariamente que ocorressem grandes avanços em outros setores... mesmo assim, aquele exemplo de desenvolvimento irregular era bastante incomum.

Entre os que agora estavam admirando a nave, pelo menos metade era de homens e mulheres idosos; havia também três ou quatro crianças. Do resto, havia mais mulheres que homens. Nenhum

deles demonstrava medo ou insegurança.

Trevize disse para Bliss, em voz baixa:

— Está manipulando os locais? Parecem tão... serenos!

— Nem toquei neles — disse Bliss. — Evito mexer com as mentes dos Isolados, a não ser que seja absolutamente necessário. É com Fallom que estou preocupada.

Para alguém que já tivesse sido exposto às multidões de curiosos de outros planetas da Galáxia, os recém-chegados podiam ser poucos; para Fallom, porém, que mal se acostumara a conviver com os três adultos do *Estrela Distante,* pareciam uma turba ameaçadora. A criança estava respirando muito depressa, com os olhos semicerrados. Parecia prestes a entrar em estado de choque.

Bliss passou a mão na cabeça da criança enquanto murmurava alguma coisa em tom suave. Trevize tinha certeza de que a moça estava acompanhando o gesto por um rearranjo sutil das ligações nervosas no cérebro de Fallom.

Fallom respirou fundo e sacudiu-se, no que talvez fosse um tremor involuntário. Levantou a cabeça e olhou para os locais com uma expressão quase normal; depois, enterrou a cabeça no espaço entre o braço e o corpo de Bliss.

A jovem deixou-a permanecer onde estava, enquanto com o braço, passado em torno dos ombros de Fallom, a apertava periodicamente, como que para manifestar repetidas vezes sua presença protetora. Pelorat olhava de um alfano para outro, com uma expressão incrédula no rosto. Disse para Trevize:

— Golan, eles são tão diferentes uns dos outros! Trevize tinha reparado naquilo, também. Havia vários tons de pele e de cor de cabelo, incluindo uma ruiva de olhos azuis e pele sardenta. Pelo menos três adultos eram tão baixos quanto Hiroko e um ou dois eram mais altos que Trevize. Muitos tinham olhos apertados como os de Hiroko, e Trevize se lembrou de que esses olhos eram considerados a marca registrada dos habitantes do setor de Fili, mas nunca havia visitado aquele setor.

Todos os alfanos estavam nus da cintura para cima e todas as mulheres tinham seios pequenos. Era a mais geral de todas as características físicas que pudera observar até o momento.

Bliss disse de repente:

— Hiroko, esta criança não está acostumada a viajar no espaço e teve um dia muito cheio. Poderia arranjar um lugar para ela descansar e, se possível, comer e beber alguma coisa?

Hiroko olhou para moça, intrigada, e Pelorat repetiu o que Bliss havia dito no galáctico mais elaborado da era imperial.

Hiroko levou a mão à boca e fez uma reverência para Bliss.

— Mil perdões, senhora — disse. — Não pensei nas necessidades

da criança, nem nas vossas. A novidade da vossa visita me distraiu o pensamento. Seria uma honra se a senhora... se todos me acompanhassem até o refeitório para o desjejum. Podemos comer todos juntos.

— É muita bondade sua — disse Bliss, falando devagar, na esperança de que assim se fizesse compreender melhor. — Seria preferível, porém, que apenas você nos acompanhasse. É por causa da criança... ela não está acostumada a ficar com muita gente ao mesmo tempo.

— Será como dissestes — prometeu Hiroko.

A jovem os conduziu, sem muita pressa, ao longo de um caminho que cortava o gramado. Outros alfanos se aproximaram. Pareciam particularmente interessados no vestuário dos recém-chegados. Trevize tirou o blusão e passou-o para um homem que estava caminhando a seu lado e tinha colocado o dedo no blusão, como se quisesse saber de que era feito.

— Tome — disse. — Pode examiná-lo à vontade, mas não se esqueça de devolvê-lo.

Voltou-se para Hiroko.

— Vou querer meu blusão de volta, ouviu?

— Oh, podeis ficar tranquilo que ele vos será restituído — assegurou a moça, muito séria.

Trevize sorriu e continuou a caminhar. Sentia-se mais à vontade sem o blusão naquele clima ameno.

Entre as pessoas que o cercavam não havia ninguém armado. Curiosamente, os locais não pareciam demonstrar medo ou desconfiança com relação às armas que Trevize levava na cintura. Na verdade, nem pareciam notar que elas existiam. Talvez não soubessem que eram armas. A julgar pelo que havia visto até o momento, Alfa podia muito bem ser um mundo totalmente sem violência.

Uma mulher aproximou-se de Bliss para examinar-lhe a blusa e disse:

— Tendes seios, respeitável senhora?

Como se não tivesse paciência para esperar a resposta, pousou a mão de leve no peito de Bliss.

Bliss sorriu e disse:

— Como acabais de descobrir, tenho seios. Talvez não sejam tão bem-feitos quanto os vossos, mas não é por esse motivo que os escondo. No meu mundo, não é costume deixá-los à mostra.

Sussurrou para Pelorat, que estava ao seu lado:

— Acha que estou pegando o jeito do galáctico clássico?

— Bliss, você está se saindo muito bem — assegurou-lhe Pelorat. A sala de refeições era grande, com longas mesas ladeadas por bancos do mesmo comprimento. Era evidente que os alfanos comiam em

grupo.

Trevize sentiu uma dor na consciência. Graças ao pedido de Bliss, o refeitório tinha sido reservado para cinco pessoas e todos os alfanos, com exceção de Hiroko, tiveram que permanecer do lado de fora. Alguns deles, porém, posicionaram-se a uma distância respeitosa das janelas (que não eram mais que aberturas na parede, sem vidraças nem cortinas), presumivelmente para observar os estranhos enquanto comiam.

Pensou involuntariamente no que aconteceria se começasse a chover. Certamente a chuva cairia apenas quando fosse necessário, uma chuva suave e controlada, sem vento, durando apenas o suficiente para molhar a terra. Além do mais, os alfanos saberiam quando ela iria chegar e estariam preparados.

A janela em frente ao rapaz dava para o mar e lá longe, perto do horizonte, Trevize teve a impressão de que podia entrever um banco de nuvens semelhantes às que cobriam os céus de todo o planeta, com exceção daquele pequeno oásis.

O controle do tempo tinha suas vantagens. Afinal, uma mocinha que andava nas pontas dos pés chegou para servi-los. Ninguém perguntou o que queriam comer; foram simplesmente servidos. Havia um pequeno copo de leite, um copo maior de suco de uva, e um ainda maior de água. Cada pessoa recebeu dois ovos escaldados de bom tamanho, acompanhados por fatias de queijo branco. Cada um também ganhou um grande prato de peixe grelhado com pequenas batatas assadas e enfeitado com folhas de alface.

Bliss olhou, assustada, para a quantidade de comida que haviam colocado diante dela, sem saber por onde começar. Fallom, porém, não pensou duas vezes. Bebeu o suco de uva de um gole só e atacou imediatamente o peixe e as batatas. Ia pegar a comida com a mão, mas Bliss passou-lhe uma colher de sopa de metal que também podia ser usada como garfo e Fallom aceitou-a.

Pelorat sorriu de satisfação e começou pelos ovos. Trevize o acompanhou, comentando:

— Já tinha até me esquecido do gosto que tem um ovo de verdade.

Hiroko, que estava tão entretida observando os estranhos comerem (pois até Bliss finalmente havia começado, com visível apetite) que havia esquecido o próprio desjejum, perguntou, afinal:

— Está tudo bem?

— Tudo bem — respondeu Trevize, de boca cheia. — Aparentemente, comida é o que não falta por aqui... ou será que nos serviram mais que habitualmente, por pura gentileza?

Hiroko escutou com atenção e pareceu compreender o sentido das palavras do rapaz, pois respondeu:

— Não, não senhor. A terra é generosa, o mar ainda mais. Os patos põem ovos, as cabras dão leite e queijo. Também temos os nossos cereais. Além de tudo, o mar está cheio de peixes, em grande variedade e números incontáveis. O Império inteiro poderia vir comer à nossa mesa e ainda haveria peixes em abundância no mar.

Trevize sorriu discretamente. A jovem alfana não parecia ter a menor ideia do tamanho da Galáxia. Ele disse:

— Você chama esta ilha de Nova Terra, Hiroko. Onde é que fica a Velha Terra?

A moça olhou para ele, espantada.

— A *Velha* Terra? Sinto muito, mas não conheço nenhum lugar com esse nome.

— Antes de haver uma Nova Terra, seu povo deve ter vivido em algum lugar. Como se chama esse lugar de onde vocês vieram?

— Não sei de nada a respeito disso — disse a jovem, constrangida. — Esta terra é a minha terra e foi a terra da minha mãe e da minha avó; assim como antes, com toda a certeza, foi a terra da avó da minha avó. Não conheço nenhuma outra.

— Hiroko — insistiu Trevize, com muito tato —, você chama esta ilha de *Nova* Terra. Sabe por que tem esse nome?

— Meu senhor — explicou a jovem, com toda a paciência —, eu chamo esta ilha de Nova Terra porque é assim que ela é chamada por todas as pessoas que conheço.

— Sim, mas o nome é *Nova* Terra, o que significa uma Terra mais recente. Nesse caso, deve ter havido uma *Velha* Terra, ou seja, uma Terra mais antiga, a primeira a receber o nome de Terra. Toda manhã começa um novo dia, o que significa necessariamente que deve ter existido um dia anterior. Não compreende que tem que ser assim?

— Não, respeitável senhor. Sei apenas como se chama a terra em que vivo. Não sei de nada além disso, nem consigo acompanhar o vosso raciocínio. Sinto muito.

Trevize balançou a cabeça, sentindo-se derrotado.

77

Trevize inclinou a cabeça na direção de Pelorat e sussurrou no ouvido do amigo:

— Em todo lugar é a mesma coisa. Ninguém nos fornece nenhuma informação a respeito da Terra.

— Que importa, se já sabemos onde fica? — disse Pelorat, quase sem mover os lábios.

— Queria chegar lá sabendo pelo menos alguma coisa.

— Ela é quase uma criança... você perguntou à pessoa errada. Trevize pensou um pouco no que o amigo havia dito e depois

concordou.

— Tem razão, Janov. Voltou-se para Hiroko e disse:

— Hiroko, não quer saber o que viemos fazer aqui na sua terra? A moça baixou os olhos e respondeu:

— Não seria cortês fazer esse tipo de pergunta antes que estivésseis repousados e alimentados, respeitável senhor.

— Mas agora já comemos e descansamos, de modo que vou lhe contar por que estamos aqui. Meu amigo, o Dr. Pelorat, é um cientista famoso no nosso mundo, um homem muito sábio. Ele é um mitologista. Sabe o que isso significa?

— Sinto muito, respeitável senhor, mas não sei.

— Ele estuda histórias antigas, na forma como são contadas em diferentes mundos. Essas histórias são chamadas de lendas e mitos e o Dr. Pelorat se interessa muito por elas. Sabe de alguém em Nova Terra que conheça as histórias antigas deste mundo?

A testa de Hiroko ficou ligeiramente franzida, como se ela estivesse indecisa. Afinal, disse:

— Não sou a pessoa indicada para responder, pois não conheço quase nada a respeito. Sei de um velho que adora falar do passado. Onde ele pode ter aprendido essas coisas, eu não sei; pessoalmente, acho que tudo não passa de fantasias. Talvez o vosso amigo se interessasse pelas histórias que ele conta, mas não quero que vos enganeis. Na minha opinião — a jovem olhou para os lados, como se tivesse receio de que outros alfanos a escutassem —, aquele velho não passa de um mentiroso, embora muitos acreditem nas coisas que ele diz.

Trevize fez que sim com a cabeça.

— Estamos muito interessados nesse tipo de histórias. Você poderia apresentar meu amigo a esse velho...

— O nome dele é Monolee.

— ... a Monolee, então. Acha que Monolee se importaria de falar com o meu amigo?

— Se ele se importaria de falar? — repetiu Hiroko, com ar de desdém. — O difícil vai ser fazê-lo calar! Monolee é um homem e portanto é capaz de falar, sem interrupção, durante horas e horas. Não tenho a intenção de ofender-vos, respeitável senhor.

— Não se preocupe. Dá para você levar o meu amigo agora para falar com esse Monolee?

— Se assim o desejardes. O velho está sempre em casa e está sempre pronto para receber um bom ouvinte.

— Talvez você possa também arranjar uma mulher mais velha para fazer companhia a Bliss. Ela tem que tomar conta da criança e por isso não pode ir conosco. Acho que gostaria de ter alguém com que conversar, porque as mulheres, você sabe, são muito...

— Tagarelas? Isso é o que dizem os homens, mas tenho observado que são eles os grandes faladores. Sempre que voltam das pescarias, passam o resto do dia contando uns para os outros a respeito dos peixes enormes que quase conseguiram pegar e outras mentiras que inventam na hora. Ninguém presta atenção nessas histórias nem acredita nelas, mas isso não os impede de falar. Mas chega de conversa. Eu mesma já estou falando demais... Vou pedir a uma amiga da mamãe; que estou vendo pela janela, para ficar com madame Bliss e a criança. Antes disso ela levará o vosso amigo, o sábio doutor, para conhecer o velho Monolee. Se o seu amigo for um ouvinte à altura da tagarelice de Monolee, será difícil separá-los mais tarde. Perdoaríeis minha ausência por um momento?

Quando a jovem se afastou, Trevize voltou-se para Pelorat e disse:

— Janov, consiga o que puder do velho. Bliss, faça a mesma coisa com a mulher que vai ficar com você. Estou falando de informações a respeito da Terra.

— E você? — quis saber Bliss. — O que vai fazer?

— Vou ficar com Hiroko e tentar descobrir uma terceira pessoa. Bliss sorriu.

— Ah, estou entendendo. Pel vai conversar com um velho; eu, com uma senhora. Enquanto isso, você faz o sacrifício de ficar com essa mocinha quase sem roupa. É isso que chamo de divisão equitativa de trabalho.

— Acredite, Bliss, a divisão *é* razoável!

— Mas você não fica nem um pouquinho triste com a cota que lhe cabe nesta divisão, não é mesmo?

— Claro que não. Por que ficaria?

— É mesmo... por que ficaria?

Hiroko estava de volta e tornou a sentar-se à mesa.

— Está tudo combinado. O sábio Dr. Pelorat irá falar com Monolee e a respeitável madame Bliss, juntamente com a criança, terá companhia. Posso ter a honra, então, respeitável senhor Trevize, de continuar a conversar com vossa pessoa, talvez a respeito dessa Velha Terra a respeito da qual vós tanto...

— Fantasiais? — perguntou Trevize.

— Não — protestou Hiroko, rindo. — Fazeis graça de mim, mas na verdade fui pouco cortês ao não responder a vossas perguntas. Anelo por redimir-me.

Trevize voltou-se para Pelorat.

— Anela?

— Deseja ardentemente — explicou Pelorat.

Trevize disse:

— Hiroko, não acho que você tenha sido pouco cortês, mas se isso a fará sentir-se melhor, terei todo o prazer em conversar com você.

— Muito obrigada — disse Hiroko, levantando-se.

Trevize levantou-se também.

— Bliss, tome conta de Pelorat — disse.

— Pode deixar. Quanto a você, tem as suas... A moça fez um gesto com a cabeça na direção das armas.

— Acho que não vou precisar delas — disse Trevize, pouco à vontade.

Ele e Hiroko saíram da sala de refeições. O sol estava mais alto no céu e chegava a fazer um pouquinho de calor. Como sempre, estava sentindo um odor estranho no ar. Trevize lembrou-se de que havia sentido um cheiro opressivo em Comporellon, um odor de mofo em Aurora e um perfume delicioso em Solaria. (Em Melpomenia, tinham usado trajes espaciais, de modo que o único cheiro que sentira tinha sido o do próprio corpo.). Em todos os casos, o cheiro havia desaparecido em algumas horas, tempo necessário para que os centros olfativos do nariz ficassem saturados.

Ali, em Alfa, o cheiro era uma agradável fragrância de mato fresco, ativada pelo calor do sol, e Trevize sentiu uma ponta de triste ao pensar que em pouco tempo deixaria de senti-lo.

Estavam se aproximando de uma pequena construção que parecia feita de argamassa cor-de-rosa.

— Esta é a minha casa — anunciou Hiroko. — Pertencia à ir mais moça da minha mãe.

A jovem entrou e fez um gesto a Trevize para que a seguisse, porta estava aberta ou, como Trevize reparou ao entrar, seria mais preciso dizer que não havia nenhuma porta.

— O que é que vocês fazem quando chove? — perguntou.

— Nós nos preparamos. Vai chover daqui a dois dias, durante três horas, de manhã cedo, quando está mais fresco e o solo recebo melhor a água. Então eu vou puxar esta cortina, que é grossa mas não absorve água, e usá-la para tapar a entrada.

Enquanto falava, Hiroko puxava a cortina. Era feita de uma espécie de lona.

— Vou deixá-la no lugar — explicou. — Assim todos saberão que estou ocupada com alguma coisa e não quero ser perturbada.

— Não parece grande coisa em termos de isolamento.

— Por quê? Não cobre completamente a entrada?

— Sim, mas qualquer um poderia empurrá-la para o lado e entrar assim mesmo.

— Desrespeitando a vontade do morador? — Hiroko parecia chocada. — No seu mundo fazem coisas assim? Seria uma falta de respeito!

Trevize riu.

— Eu só perguntei...

Hiroko conduziu-o até o segundo dos dois aposentos e convidou-o para sentar-se em uma cadeira estofada. A casa era pequena e tinha muito pouca mobília, mas parecia servir para pouco mais que isolamento e repouso. As aberturas das janelas eram pequenas e próximas do teto, mas havia algumas tiras de material metálico, dispôs tas estrategicamente nas paredes, que refletiam a luz de forma difusa. Havia fendas no chão das quais saía uma brisa suave. Trevize não viu nenhum sinal de iluminação artificial e ficou imaginando se os alfanos se levantariam com o nascer do sol e iriam para a cama no crepúsculo.

Quando abriu a boca para perguntar, Hiroko falou primeiro:

— Madame Bliss é vossa mulher? Trevize replicou, cautelosamente:

— Está perguntando se ela é minha parceira sexual? Hiroko enrubesceu.

— Rogo-vos que modereis vossa linguagem, mas *estou* me referindo aos prazeres da intimidade.

— Não, ela é mulher do meu amigo.

— Sois mais jovem e mais bonito!

— Muito obrigado, mas Bliss pensa diferente. Ela gosta muito mais do Dr. Pelorat do que de mim.

— Fico muito surpresa. Ele não quer dividi-la convosco?

— Não perguntei isso a ele, mas tenho certeza de que a resposta seria não. Eu mesmo não estou interessado.

Hiroko assentiu gravemente.

— Eu sei. São os fundamentos da madame.

— Fundamentos?

— Sabeis muito bem do que estou falando. Disto! A jovem deu um tapinha no próprio traseiro.

— Oh, isso! Sim, Bliss tem quadris avantajados. Desenhou uma curva com as mãos e piscou para Hiroko. A moça deu uma risadinha.

— Acontece — disse Trevize — que muitos homens apreciam uma anatomia generosa.

— Não posso acreditar. Seria uma espécie de gula desejar em excesso aquilo que é agradável em quantidades moderadas. Agradar-vos-ia mais minha figura se meus seios fossem volumosos e caídos, com os bicos apontando para o chão? Já vi mulheres assim e os homens não se interessam por elas. Algumas chegam a cobrir suas deformidades... como faz madame Bliss.

— Também não é do meu gosto, embora esteja certo de que Bliss não cobre os seios por causa de alguma imperfeição que possa ter.

— Então não desaprovais as formas do meu corpo?

— Seria um louco se o fizesse. Você é linda!

— Que fazeis para satisfazer às vossas necessidades de prazer

enquanto viajais de mundo para mundo em vossa nave, já que não podeis contar com madame Bliss?

— Não faço nada, Hiroko. Não há nada para fazer. De vez em quando penso no prazer e isso me traz desconforto, mas aqueles que viajam pelo espaço sabem muito bem que existem ocasiões em que não há nada a fazer. Procuramos compensar em outras ocasiões.

— Se é um desconforto, como pode ser removido?

— Meu desconforto aumentou consideravelmente desde que você puxou o assunto. Acho que não seria polido responder à sua pergunta.

— Seria polido se eu sugerisse uma solução?

— Depende inteiramente da sugestão.

— Sugiro que proporcionemos prazer um para o outro.

— Quando você me trouxe aqui, Hiroko, já estava pensando nisso?

— Sim — respondeu Hiroko, com um sorriso malicioso. — Era meu dever de cortesia, mas também o meu desejo.

— Nesse caso, tenho que admitir que é também o meu desejo. Para falar a verdade, eu... hum... eu *anelo* por proporcionar prazer a você.

Capítulo 18
O Festival de Música

78

O almoço foi na mesma sala de refeições que o desjejum. Estava cheia de alfanos e com eles Trevize e Pelorat, que já se sentiam em casa. Bliss e Fallom comeram à parte, em um pequeno anexo.

Foram servidos vários tipos de peixe e uma sopa com pedaços do que poderia ser cabrito cozido. A refeição era acompanhada por pão à vontade, com manteiga e geleia. Depois veio uma salada, rica e abundante. Não houve sobremesa, mas vários sucos de fruta foram passados em jarros aparentemente inesgotáveis. Os dois visitantes comeram pouco, por causa do desjejum reforçado, mas os locais se fartaram.

— Como é que eles não engordam? — comentou Pelorat, em voz baixa.

Trevize deu de ombros.

— Muito exercício, talvez.

Era óbvio que naquela sociedade não se dava muito valor à etiqueta à mesa. Os gritos se misturavam com as risadas e muitos batiam com os copos, que pareciam ser feitos de um material inquebravel. As mulheres eram tão barulhentas quanto os homens, embora em um tom mais agudo.

Pelorat parecia atordoado, mas Trevize, que não sentia mais nenhum vestígio do desconforto que mencionara a Hiroko, estava de muito bom humor. Ele disse para o amigo:

— Pensando bem, acho que eu gostaria de morar aqui. As pessoas parecem apreciar a vida e praticamente não têm preocupações materiais. O clima é o que eles querem e a comida, incrivelmente abundante. Sob vários aspectos, esta ilha é um paraíso.

Estava gritando para conseguir fazer-se ouvir e Pelorat gritou de volta:

— Pode ser, mas é um paraíso tão ruidoso!

— Eles estão acostumados.

— Não sei como conseguem se entender nesta bagunça. Realmente, para os dois visitantes, a conversação dos locais era totalmente incompreensível. A combinação de um sotaque estranho com uma gramática arcaica e um alto nível de ruído faziam aquilo parecer mais um jardim zoológico do que uma sala de refeições.

Depois do almoço, foram juntar-se a Bliss em uma pequena casa, que Trevize achou muito parecida com a de Hiroko, e que lhes havia

sido destinada como alojamento temporário. Fallom estava no segundo cômodo, enormemente aliviada por ficar sozinha, segundo Bliss, e tentando dormir.

Pelorat olhou para o buraco da porta e disse:

— Aqui é tudo tão aberto... como vamos poder conversar à vontade?

— Posso lhe garantir — assegurou Trevize — que se puxarmos essa cortina para a frente da porta não seremos perturbados. É o sinal de que queremos ficar a sós.

Pelorat olhou para as janelas.

— Eles podem escutar.

— Não precisamos gritar. Os alfanos não são indiscretos. Mesmo quando ficaram do lado de fora da sala de refeições, durante o desjejum, mantiveram-se a uma distância respeitosa das janelas.

Bliss sorriu.

— Você parece ter aprendido muita coisa com aquela mocinha a respeito dos costumes locais. O que aconteceu exatamente durante o tempo que passou com ela?

— Se você percebeu que os meus neurônios sofreram uma mudança para melhor e adivinhou a razão, só lhe posso pedir que deixe minha mente em paz — disse Trevize.

— Sabe muito bem que Gaia só tocaria na sua mente se estivesse correndo perigo de vida, e sabe por quê. Mesmo assim, não sou mentalmente cega. Poderia perceber o que aconteceu a um quilômetro de distância. Não consegue pensar em outra coisa, seu maníaco sexual?

— Maníaco sexual? Deixe disso, Bliss. Duas vezes apenas, em toda a viagem. Duas!

— Só passamos por dois mundos em que havia mulheres disponíveis. Você não desperdiçou nenhuma oportunidade...

— Sabe muito bem que em Comporellon não tive escolha.

— É, você tem razão. Lembro-me muito bem daquele mulherão... — Bliss deu uma gargalhada sonora. Depois, prosseguiu: — Por outro lado, não acho que Hiroko seja suficientemente forte para obrigá-lo.

— Claro que não. Eu estava mesmo querendo. Mas a ideia foi dela.

Pelorat perguntou, com um traço de inveja na voz:

— Isso acontece sempre com você, Golan?

— Claro que sim, Pel — disse Bliss. — As mulheres são irresistivelmente atraídas para ele.

— Gostaria que fosse verdade — disse Trevize —, mas não é. Pensando bem, é melhor que não seja. Há outras coisas que desejo fazer na vida. Neste caso, porém, tenho que admitir que Hiroko realmente se sentiu irresistivelmente atraída. Afinal, a moça nunca

havia conhecido alguém de outro planeta... nem ela nem, aparentemente, nenhum outro alfano vivo. Por algumas coisas que deixou escapar, observações casuais, percebi que estava com a ideia, muito excitante para ela, de que eu seria diferente dos alfanos, fosse anatomicamente, fosse nas técnicas de fazer amor. Pobrezinha... deve ter ficado desapontada.

— Verdade? — exclamou Bliss. — E você?

— Eu, não — respondeu Trevize. — Já estive em vários mundos e tive algumas experiências. O que descobri é que as pessoas são pessoas e o sexo é sexo em toda parte. Quando existem diferenças, em geral são triviais e desagradáveis. Os perfumes que já tive que suportar! Lembro-me de uma mocinha que não conseguia sentir nada a não ser quando a música estava tocando a todo volume, uma música constituída inteiramente por sons estridentes e dissonantes. Aí era *eu* que não conseguia sentir nada! Não, Bliss... fico muito satisfeito quando a coisa é exatamente como estou acostumado.

— Por falar em música — disse Bliss —, fomos convidados para um concerto depois do jantar. Um acontecimento muito formal, ao que parece, que foi programado em nossa homenagem. Ouvi dizer que os alfanos têm muito orgulho da sua música.

Trevize fez uma careta.

— O orgulho deles não vai fazer a música soar melhor aos nossos ouvidos.

— Isso não é importante — disse Bliss. — Soube que eles sabem tocar com desembaraço instrumentos arcaicos. *Muito* arcaicos. Talvez, através desses instrumentos, a gente consiga descobrir mais alguma CQM a respeito da Terra.

Trevize levantou as sobrancelhas.

— Uma ideia interessante. E isso me lembra que talvez vocês dois já tenham conseguido alguma informação. Janov, você falou com esse tal de Monolee?

— Falei, sim — respondeu Pelorat. — Passei três horas com ele e Hiroko não exagerou nem um pouquinho. Foi praticamente um monólogo da parte dele e quando tive que sair para almoçar, não me largou até que prometesse voltar assim que pudesse para ouvir o resta das histórias.

— Ele contou alguma coisa que nos interesse?

— De acordo com Monolee... e não é o único que pensa assim, você sabe... a Terra está perigosamente radioativa. Os ancestrais dos alfanos foram os últimos a deixarem o planeta; se ficassem, teriam morrido. Golan, ele falava com tanta convicção que não pude deixar de acreditar. Estou convencido de que a Terra é um planeta morto, o que torna nossa busca, afinal, totalmente sem propósito.

Trevize recostou-se na cadeira, olhando fixo para Pelorat, que estava sentado em um catre estreito. Bliss levantou-se de onde estava, ao lado de Pelorat, e ficou olhando de um para o outro. Finalmente, Trevize disse:

— Deixe por minha conta julgar se nossa busca é sem propósito ou não, Janov. Limite-se a contar o que o velho tagarela tinha para lhe dizer... resumidamente, é claro Pelorat começou:

— Tomei notas enquanto Monolee falava. Ajudaram a compor minha imagem de estudioso, mas não precisarei consultá-las. O velho era bem tortuoso na sua maneira de falar. Tudo o que dizia o fazia lembrar-se de outra história completamente diferente da que estava contando, mas, naturalmente, passei a vida tentando organizar informações em busca de fatos relevantes e significativos, de modo que se tornou uma segunda natureza para mim a capacidade de condensar um discurso longo e incoerente.

— Em algo mais longo e incoerente ainda? — interrompeu Trevize, rindo. — Vá direto ao ponto, Janov!

Pelorat pigarreou, meio sem graça.

— Está bem, meu velho amigo. Vou tentar transformar as histórias do velho em uma narrativa concatenada. A Terra foi o berço da humanidade e de milhões de espécies de plantas e animais. Era o único planeta habitado até serem inventadas as viagens hiperespaciais. Então foram colonizados os mundos dos Espaciais. Eles romperam seus laços com a Terra, desenvolveram culturas próprias e passaram a sentir desprezo pelo planeta de origem e mesmo a oprimi-lo.

"Alguns séculos depois, a Terra conseguiu recuperar a liberdade, embora Monolee não tenha explicado exatamente como isso aconteceu". Evitei fazer perguntas com receio de que isso o induzisse a novos rodeios. Ele chegou a mencionar um herói da Terra chamado Elijah Baley, mas suas supostas façanhas eram tão características do hábito de atribuir a um único indivíduo as conquistas de várias gerações que não valia a pena tentar...

— Está bem, Pel querido, entendemos esta parte — disse Bliss Pelorat interrompeu-se novamente e retomou a narrativa.

— É claro. Desculpe. A Terra começou um novo surto de colonização, fundando muitos mundos novos, de acordo com novos métodos. Esses novos Colonizadores eram mais dinâmicos que os Espaciais, a quem derrotaram, vindo eventualmente a fundar o Império Galáctico. Foi durante as guerras entre os Colonizadores e os Espaciais... não, guerras não, Monolee usou a palavra "conflitos", e fez questão de frisar que não se tratava de guerras... foi durante esses

conflitos que a Terra ficou radioativa.

— Isso é ridículo, Janov! — exclamou Trevize, sem disfarçar a irritação. — Como é que um mundo pode *ficar* radioativo? Todo planeta é ligeiramente radioativo no momento da sua formação e depois essa radioatividade diminui lentamente. Nenhum planeta *fica* radioativo.

Pelorat deu de ombros.

— Estou só repetindo o que ele disse. E ele estava só repetindo o que alguém lhe disse... alguém que estava só repetindo o que ouviu de outra pessoa, e assim por diante. É uma história popular, contada e recontada por muitas gerações, sofrendo sabe-se lá quantas distorções no percurso.

— Isso eu entendo, mas será que não existe nenhum livro ou documento onde os acontecimentos tenham sido registrados quando ainda eram recentes? Eles nos dariam uma ideia bem mais precisa do que realmente aconteceu.

— Acontece que fiz essa pergunta para o velho e a resposta foi não. Ele me disse que havia livros nos tempos antigos e que esses livros foram perdidos há muito tempo, mas que não tinha importância, porque ele sabia tudo o que estava nos livros.

— Sim, mas com muitas distorções. É sempre a mesma história. Em todo planeta que visitamos, acabamos descobrindo que os registros a respeito da Terra desapareceram, de um modo ou de outro... Escute, ele explicou como foi que a Terra ficou radioativa?

— Não, ele não sabia ao certo. O mais perto que chegou de uma explicação foi quando me disse que os responsáveis tinham sido os Espaciais. Logo percebi, porém, que os Espaciais eram os demônios a quem o povo da Terra atribuía todas as suas desgraças. A radioatividade...

Nesse ponto, foi interrompido por uma voz de soprano.

— Bliss, eu sou um Espacial?

Fallom estava de pé no estreito corredor que ligava os dois quartos, com cara de sono, o cabelo desgrenhado. A camisola (que estava muito larga, pois pertencia a Bliss) havia escorregado de um ombro, revelando um peito infantil.

Bliss disse:

— Nós nos preocupamos com ouvintes de fora e nos esquecemos de quem está aqui dentro... Fallom, por que disse isso? — perguntou, levantando-se e caminhando em direção à criança.

— Eu não tenho o que eles têm — afirmou Fallom, apontando para os dois homens — nem o que você tem, Bliss. Sou diferente. Isso é porque sou um Espacial?

— Você é uma Espacial, Fallom — disse Bliss, com carinho —, mas pequenas diferenças não são importantes. Volte para a cama.

Fallom tornou-se submissa, como sempre acontecia quando Bliss falava daquele jeito. Mesmo assim, perguntou, em tom preocupado:

— Eu sou um demônio? Eu sou um demônio? Bliss disse para os dois homens, por cima do ombro:

— Esperem por mim. Já volto.

Cinco minutos depois, estava de volta, abanando a cabeça.

— Ela vai dormir até que eu a acorde. Devia ter feito isso antes, mas não gosto de mexer nas mentes alheias a não ser quando é absolutamente necessário. — Acrescentou, em tom defensivo: — Não quero que fique cismada com as diferenças entre o seu aparelho genital e os nossos.

— Um dia ela vai ter que saber que é hermafrodita — disse Pelorat.

— Um dia — disse Bliss —, mas não agora. Continue a história, Pel.

— Isso — disse Trevize. — Continue antes que mais alguém nos interrompa.

— Como eu ia dizendo, a radioatividade tomou conta da Terra, ou pelo menos da crosta. Na época, a Terra tinha uma enorme população, que vivia em cidades gigantescas, quase todas subterrâneas...

— Agora você foi longe demais — interrompeu Trevize. — Essa lenda não passa de uma tentativa ingênua de glorificar o passado de um planeta. O que você descreveu foi a antiga Trantor, a capital do Império, e não a Terra.

Pelorat olhou para o amigo de cara feia e disse:

— Francamente, Golan, às vezes você faz pouco da minha inteligência. Nós mitologistas sabemos muito bem que os mitos e lendas contêm imitações, lições de moral, ciclos naturais e centenas de outras influências perturbadoras. Nosso trabalho é justamente abstrair essas influências e chegar aos fatos. Na verdade, as mesmas técnicas devem ser aplicadas à história convencional, já que nenhum historiador pode ser considerado totalmente isento. No momento, estou me limitando a repetir mais ou menos o que Monolee me contou, embora provavelmente esteja acrescentando novas distorções, se bem que de forma totalmente involuntária...

— Está bem, está bem... — disse Trevize. — Prossiga, Janov. Não fique ofendido.

— Não fiquei. As cidades gigantescas, se é que existiram, foram diminuindo à medida que a radioatividade se tornava mais intensa, até que a população ficou reduzida a apenas uma fração do que havia sido. Essas pessoas se agrupavam precariamente nas poucas regiões onde a radioatividade ainda não era mortal. Para que a população não aumentasse, praticava-se o controle da natalidade e a eutanásia dos

velhos de mais de sessenta anos.

— É horrível! — exclamou Bliss, chocada.

— Sem dúvida — concordou Pelorat. — Entretanto, foi o que eles fizeram, segundo Monolee, e pode muito bem ser verdade, pois não depõe a favor dos terráqueos e não é provável que os próprios terráqueos e seus descendentes inventassem uma mentira desabonadora. Os terráqueos, que tinham sido desprezados e oprimidos pelos Espaciais, eram agora desprezados e oprimidos pelo Império, embora neste caso a lenda possa conter uma certa dose de exagero devido à autopiedade, que é um sentimento muito forte. Vejam, por exemplo, o caso...

— Fica para outra vez, Pelorat. Continue com a história da Terra, por favor.

— Desculpe. O Império, em um acesso de bondade, concordou em remover o solo contaminado e substituí-lo por solo novo, proveniente de outros planetas. Não é preciso dizer que era uma tarefa monstruosa, da qual o Império logo se cansou, ainda mais porque esse período... se meu palpite estiver certo... coincidiu com a queda de Kandar V, depois da qual o Império tinha coisas muito mais importantes para se preocupar do que a Terra.

"A radioatividade continuou a aumentar, a população continuou a diminuir e afinal o Império, em outro acesso de bondade, ofereceu-se para transportar o restante da população para um planeta próximo"... *este* planeta, para ser exato.

"Parece que anteriormente uma expedição havia semeado o oceano, de modo que quando surgiu a ideia de trazer para cá a população da Terra, Alfa já dispunha de uma atmosfera de oxigênio e de um suprimento adequado de alimentos". O desinteresse que os mundos do Império Galáctico sempre manifestaram em relação a Alfa pode ser explicado por um preconceito, até certo ponto natural, em relação a 1 planetas de sistemas hinários. A probabilidade de sistemas desse tipo possuírem planetas habitáveis é tão pequena que mesmo quando um planeta é perfeitamente adequado, todos o rejeitam na suposição de que deve haver algo de errado com ele. Este tipo de falácia é mais comum do que vocês imaginam. Um caso clássico é o do...

— Deixe o caso clássico para depois, Janov — disse Trevize. — O que aconteceu depois que resolveram trazer a população da Terra para cá?

— A única coisa que faltava — prosseguiu Pelorat, atropelando um pouco as palavras — era terra firme. Os engenheiros localizaram uma parte rasa do oceano e a aterraram com sedimentos removidos de partes mais profundas, formando assim a ilha de Nova Terra. Pedras e recifes de coral foram usados como uma espécie de quebra-mar.

Plantas de raízes profundas foram semeadas ao longo do litoral e também ajudaram a evitar a erosão. Mais uma vez, o Império se havia imposto uma missão gigantesca. Talvez o plano inicial fosse construir continentes inteiros, mas quando esta ilha ficou pronta; o Império já estava envolvido em outros projetos de maior prioridade.

"O que restava da população da Terra foi trazido para cá". As naves do Império transportaram homens e máquinas. Os terráqueos passaram a viver em Nova Terra, em total isolamento.

— Total? — repetiu Trevize. — Monolee disse a você que somos os primeiros a visitar este planeta desde aquele tempo?

— Quase total — corrigiu Pelorat. — Alfa não possui nenhum atrativo especial e além disso existe o preconceito com relação aos planetas de estrelas binárias. Uma vez ou outra, muito raramente, alguém pousava aqui, como nós fizemos, mas ia embora e tudo ficava na mesma.

— Você perguntou a Monolee onde ficava a Terra? — quis saber Trevize.

— Claro que perguntei. Ele não sabia.

— Como pode saber tanta coisa a respeito da história da Terra sem conhecer sua localização?

— Perguntei a ele diretamente, Golan, se a estrela que ficava a apenas um parsec e pouco de Alfa podia ser o sol em torno do qual a Terra girava. Monolee perguntou o que era um parsec e eu expliquei que era uma distância pequena, em termos astronômicos. Então ele disse que não sabia se a Terra ficava perto ou longe de Alfa e que, na sua opinião, procurá-la seria um erro. A Terra tinha o direito de viajar em paz pelo espaço, explicou.

— Você concorda com ele? — perguntou Trevize, Pelorat sacudiu a cabeça.

— Sabe que não. Entretanto, Monolee disse também que a radioatividade continuou a aumentar, de modo que o planeta deve ter ficado totalmente inabitável logo depois que os últimos terráqueos foram evacuados e hoje em dia seria perigoso até aproximar-se dele.

— Bobagem! — exclamou Trevize, com convicção. — Um planeta não pode ficar radioativo. Mesmo que ficasse, sua radioatividade não aumentaria continuamente. A tendência da radioatividade é sempre no sentido de diminuir.

— Você não falou com Monolee. Ele parecia estar bastante seguro do que afirmava. Todos com quem conversamos são unânimes quanto a isto: a Terra está radioativa. Assim sendo, não vejo vantagem em prosseguirmos.

Trevize respirou fundo e disse, em tom controlado:

— É bobagem, Janov. É tudo mentira.

— Meu velho amigo, não deve acreditar em alguma coisa apenas porque isso conveniente para você.

— Minha conveniência não tem nada a ver com o caso. Em mundo após mundo descobrimos que todos os registros sobre a Terra foram apagados. Por que seriam apagados se não há nada para esconder, se a Terra é um mundo morto, radioativo, inatingível?

— Não sei, Golan.

— Sabe, sim. Quando estávamos chegando a Melpomenia, você disse que a radioatividade poderia ser o reverso da medalha. Destruíram registros para suprimir informações corretas; forjar a história da radioatividade para fornecer informações falsas. Nos dois casos, o objetivo seria desencorajar qualquer tentativa de localizar a Terra. Não devemos cair nessa armadilha.

Bliss interveio:

— Trevize, ao que parece você está convencido de que a estrela mais próxima de Alfa é o sol da Terra. Nesse caso, porque continua a argumentar contra a história da radioatividade? O que importa? Por que não vamos até a estrela mais próxima e verificamos pessoalmente como é a Terra?

— Porque tudo indica que os atuais habitantes da Terra são muito poderosos... na verdade, gostaria de saber mais a respeito do planeta e seus ocupantes antes de nos aproximarmos dele. Como não foi possível descobrir grande coisa aqui em Alfa, considero qualquer tentativa de aproximação como uma ação extremamente perigosa. Por isso, estou disposto a deixar vocês todos aqui em Alfa e prosseguir sozinho. Para que arriscar mais de uma vida?

— Não, Golan! — protestou Pelorat, com veemência. — Bliss e a criança podem ficar aqui, mas eu vou com você. Antes de você nascer eu já estava procurando a Terra. Sejam quais forem os riscos, não posso ficar para trás quando a meta está tão próxima!

— Bliss e a criança *não vão* ficar aqui — disse Bliss. — Eu sou Gaia e Gaia pode proteger-nos, até mesmo na Terra.

— Espero que tenha razão — disse Trevize, em tom de dúvida. — Lembre-se de que Gaia não pôde evitar que todas as suas memórias a respeito da Terra fossem apagadas.

— Isso foi feito há muito tempo, quando Gaia ainda não tinha nem uma fração do poder que possui atualmente. Hoje a situação é outra.

— Tomara que você esteja certa... ou será que conseguiu obter novas informações a respeito da Terra que ainda não teve tempo de nos contar? Lembro-me de que lhe pedi para interrogar as velhas da aldeia com quem tivesse contato.

— Foi o que fiz.

— O que descobriu?

— A respeito da Terra, nada além do que Pelorat nos contou.

— Ah...

— Por outro lado, fiquei sabendo que os alfanos são excelentes biotecnologistas.

— São?

— Nesta ilha, desenvolveram e testaram numerosas variedades de plantas e animais, chegando a implantar um ecossistema estável e autossustentado, apesar do pequeno número de espécies de que dispunham para começar. Aperfeiçoaram as formas de vida aquáticas que encontraram quando aqui chegaram há alguns milhares de anos, aumentando o seu valor nutritivo e tornando-as mais saborosas. Foi através da biotecnologia que chegaram à fartura de que desfrutam atualmente. No momento, estão pensando até em modificar a si próprios.

— Como assim?

— Eles sabem muito bem que na situação atual, confinados como se encontram à única extensão de terra firme que existe no planeta, que não passa de uma pequena ilha, não podem se dar ao luxo de permitir que a população aumente. Por esse motivo, pretendem tornar-se anfíbios.

— Tornar-se *o quê?*

— Anfíbios. Querem ter guelras, além de pulmões. Nesse caso, poderiam construir cidades no fundo do oceano. A mulher com quem conversei parecia entusiasmada com a ideia, mas admitiu que os alfanos vêm perseguindo este objetivo há vários séculos e que o progresso tem sido muito lento.

Trevize disse:

— Aí estão dois campos em que talvez estejam mais adiantados do que nós: controle do tempo e biotecnologia. Gostaria de conhecer as técnicas que usam.

— Para isso, teríamos que encontrar os especialistas — disse Bliss. — E pode ser que eles não queiram conversar a respeito.

— É claro que este não é o nosso objetivo principal — disse Trevize —, mas a Fundação estaria interessada no que pudéssemos aprender com este mundo em miniatura.

— Nosso controle do tempo em Terminus não é nada mau, Golan — observou Pelorat.

— Muitos planetas possuem um controle razoável do tempo — disse Trevize. — Acontece que esse controle é sempre feito em escala global. Aqui, os alfanos controlam o tempo em uma pequena parte do seu mundo, o que exige técnicas diferentes das nossas... Mais alguma coisa, Bliss?

— Convites sociais. Parece que essa gente adora festas. Quando não estão pescando ou trabalhando na lavoura, estão comemorando alguma coisa. Como já comentei com vocês, hoje à noite, depois jantar, vai haver um festival de música. Amanhã, durante o dia, haverá uma festa na praia: em todo o litoral da ilha, os que não estiverem de serviço se encontrarão para tomar banho de mar e aproveitar o s pois no dia seguinte vai chover. De manhã, antes da chuva, os barcos pesqueiros estarão de volta; à noite haverá um festival de comida, base de peixe. Pelorat riu.

— As refeições normais são o que são. Como será um festival comida?

— Tenho a impressão de que não é a quantidade que conta, mas a variedade. Seja como for, nós quatro estamos convidados para participar de todos os festivais, especialmente do festival de música desta noite.

— Ele vão tocar instrumentos antigos? — perguntou Trevize.

— Exatamente.

— A propósito: o que é que os torna antigos? Computadores primitivos?

— Não, não. Aí é que está. Os instrumentos não são eletrônico e sim mecânicos. Eles me descreveram alguns deles. São feitos de cordas esticadas, tubos ocos e peles de animais.

— Você deve estar brincando! — exclamou Trevize, chocado.

— Não, estou falando sério. Ouvi dizer que a sua Hiroko vai soprar um tubo... esqueci-me do nome do instrumento. Você vai ter que agüentar firme.

— Para mim vai ser uma experiência e tanto — observou Pelorat. — Conheço muito pouco a respeito da música primitiva e terei muito prazer em ouvi-la.

— Ela não é “minha Hiroko” — protestou Trevize. — Acha que os instrumentos são do tipo usado na Terra?

— Acho que sim — disse Bliss. — Pelos menos, as mulheres disseram que foram inventados muito antes de seu povo se mudar para este planeta.

— Nesse caso — disse Trevize —, pode valer a pena sujeitarmos nossos ouvidos a uma possível tortura. Quem sabe descobrimos alguma coisa importante a respeito da Terra?

81

Estranhamente, a pessoa mais animada para ir ao concerto era Fallom. Ela e Bliss tomaram banho em uma casinha atrás da casa principal. Havia um chuveiro com água quente e fria (ou melhor: morna e fria), uma pia e uma privada. Era um banheiro extremamente

limpo e funcional e, com o sol do fim da tarde, chegava a ser um lugar alegre e bem iluminado.

Como sempre, Fallom ficou fascinada com os seios de Bliss e Bliss teve que dizer (agora que Fallom compreendia galáctico) que era assim que as pessoas eram no seu mundo. Quando Fallom perguntou por quê, Bliss, depois de pensar um pouco e chegar à conclusão de que não havia nenhuma maneira lógica de responder, limitou-se a dizer:

— Por que sim!

Quando terminaram, Bliss ajudou Fallom a vestir a roupa de baixo que os alfanos haviam emprestado e colocou uma saia por cima. Deixar Fallom despida da cintura para cima parecia bastante natural. Para si própria, Bliss escolheu uma saia de Alfa (que ficou um pouquinho justa demais nos quadris) e uma de suas blusas. Parecia uma tolice ter vergonha de mostrar os seios em uma sociedade em que todas as mulheres o faziam, especialmente quando seus seios eram pequenos e bem-feitos, mas era assim que Bliss se sentia.

Logo em seguida, foi a vez de os homens usarem o banheiro, Trevize resmungando as costumeiras queixas masculinas a respeito do tempo que as mulheres tinham levado para tomar banho.

Bliss fez Fallom dar uma volta completa para certificar-se de que a saia estava no lugar e disse:

— É uma saia muito bonita, Fallom. Você gosta dela? Fallom olhou-se no espelho.

— Gosto, sim... mas será que não vou ficar com frio? — perguntou, passando as mãos pelo peito nu.

— Acho que não, Fallom. As noites neste mundo são quentes.

— Mas *você* está usando mais roupa do que eu.

— Porque é assim que a gente se veste no meu mundo. Escute, Fallom, esta noite vamos estar com muitos alfanos. Você acha que agüenta?

Fallom fez cara de choro e Bliss prosseguiu:

— Vou sentar do seu lado direito e segurar a sua mão. Pel vai sentar do lado esquerdo e Trevize no lugar à sua frente. Não vamos deixar ninguém falar com você e você não vai ter que falar com ninguém.

— Vou tentar, Bliss — disse Fallom, com uma voz ainda mais fina que de costume.

— Depois — disse Bliss —, alguns alfanos vão tocar música para nós. Sabe o que é música?

Começou a cantarolar. Fallom logo se interessou.

— Você quer dizer_____?

A última palavra era incompreensível para Bliss.

Fallom começou a cantar. Era uma música muito bonita, embora a harmonia fosse estranha, e rica em trinados.

— Isso mesmo. Música — disse Bliss. Fallom disse, toda animada:

— Jemby costumava tocar... — hesitou e depois se lembrou da palavra em galáctico — … música o tempo todo. Ele tocava um _____!

Outra palavra na sua língua natal. Bliss tentou repetir a palavra.

— Jemby tocava um fiful? Fallom deu uma risada.

— Não é um fiful, é um_____!

Ouvindo a criança, Bliss percebeu que não havia pronunciado a palavra corretamente, mas não se aventurou a tentar de novo. Em vez disso, pediu:

— Quer me explicar como ele é?

O vocabulário ainda limitado de Fallom não permitia uma descrição precisa e seus gestos não fizeram a moça imaginar nenhuma forma definida.

— Jemby me ensinou a tocar_____ — disse Fallom, com orgulho. — Eu usava os dedos, mas ele me disse que um dia vou poder tocar só com o pensamento.

— Isso é maravilhoso, querida — disse Bliss. — Depois do jantar, vamos ver se os alfanos tocam tão bem quanto Jemby.

Os olhos da criança brilharam. A perspectiva de ouvir música a fez suportar a refeição com estoicismo, mantendo-se calma no meio do barulho e das risadas. Apenas uma vez, quando alguém derrubou um prato perto dela, foi que Fallom pareceu um pouco assustada, mas Bliss logo a tranquilizou com um abraço apertado.

— Será que ficariam ofendidos se eu dissesse que preferimos comer em um lugar separado? — murmurou a moça para Pelorat. — Já basta ter que comer toda essa proteína de animais Isolados, ainda sou obrigada a fazê-lo no meio deste tumulto!

— Os alfanos são um povo alegre. Estão apenas dando vazão a toda essa alegria — disse Pelorat, que parecia disposto a suportar qualquer coisa para estudar de perto aquela sociedade primitiva.

Pouco depois, o jantar chegou ao fim e anunciaram que o festival de música estava para começar.

82

O salão onde seria realizado o festival de música era tão grande quanto a sala de refeições e havia cadeiras dobráveis (muito pouco confortáveis, pensou Trevize) para cerca de 150 pessoas. Como convidados de honra, os visitantes foram levados para a primeira fila e vários alfanos elogiaram os seus trajes.

Os dois homens estavam despidos da cintura para cima. De vez em quando, Trevize contraía os músculos abdominais e baixava a cabeça, olhando com orgulho para o próprio peito coberto de pelos

escuros. Pelorat estava tão interessado em tudo que o cercava que parecia alheio à própria aparência. A blusa de Bliss atraiu olhares curiosos, mas não houve nenhum comentário.

Trevize observou que apenas metade dos lugares estavam ocupados e que a maioria absoluta dos espectadores era de mulheres. Provavelmente, a população masculina estava quase toda no mar.

Pelorat cutucou Trevize e sussurrou:

— Eles têm eletricidade.

Trevize olhou para os tubos verticais nas paredes e para outros no teto. Brilhavam com uma luz difusa.

— Lâmpadas fluorescentes — observou. — Bastante primitivas.

— Pode ser, mas fazem um bom trabalho. Existem coisas parecidas com essas nos nossos quartos e no banheiro, mas pensei que fossem apenas peças de decoração. Se conseguirmos descobrir como se faz para ligá-las, não teremos que ficar no escuro.

— Eles podiam ter nos contado — disse Bliss, com irritação na voz.

— Na certa pensaram que não era necessário — disse Pelorat. Quatro mulheres saíram de trás de uma cortina e se sentaram em grupo na frente da plateia. Cada uma segurava um instrumento de madeira envernizada. Todos tinham a mesma forma, que não era fácil de descrever. A principal diferença entre os instrumentos estava no tamanho. Um era bem pequeno, dois razoavelmente grandes e o quarto muito grande. As mulheres também carregavam uma vara comprida na outra mão.

Quando as mulheres entraram, a plateia assobiou baixinho e ela fizeram uma reverência. Todas tinham uma tira de gaze prendendo o seios, como que para evitar que interferissem com o instrumento.

Interpretando os assobios dos alfanos como um sinal de aprovação, Trevize achou que seria educado imitá-los. Fallom então acrescentou um trinado que era muito mais que um assobio e começava atrair a atenção quando Bliss a fez sossegar, apertando-lhe a mão com força.

Três das mulheres colocaram os instrumentos debaixo do queixo o maior dos instrumentos ficou no chão, entre as pernas da quarta mulher. As quatro então começaram a fazer passar as varas comprida pelas cordas dos instrumentos, enquanto os dedos da mão esquerda se moviam rapidamente, comprimindo a extremidade superior dessa cordas.

Este, pensou Trevize, era o “barulho” que estava esperando, e que não soava como um barulho. Na verdade, era uma sucessão suave e melodiosa de notas musicais; cada instrumento tocava uma música diferente, mas os sons se fundiam de modo muito agradável.

Naturalmente, não tinha a complexidade infinita da música

eletrônica (da “música de verdade”, como Trevize não pôde deixar de pensar), mas parecia uma peça pobre, repetitiva. Mesmo assim, com o passar do tempo, quando o ouvido se acostumou com aqueles sons exóticos, começou a reconhecer sutilezas. Era preciso um certo esforço para isso, e pensou, com saudade, na clareza, na precisão matemática, na variedade da música a que estava acostumado. Ocorreu-lhe, porém, que se escutasse a música daqueles instrumentos simples de madeira durante mais algum tempo, poderia muito bem vir a apreciá-la.

O concerto já devia ter começado há mais de 45 minutos quando Hiroko apareceu para o seu número. A jovem viu Trevize na primeira fila e sorriu para ele. Trevize uniu-se à plateia no assobio de boas-vindas. Hiroko estava linda com uma saia comprida, estampada com cores vivas, uma grande flor no cabelo e nada acima da cintura. Aparentemente, os seios não interfeririam com o instrumento que tocava.

O instrumento era um tubo de madeira com uns setenta centímetros de comprimento e dois de diâmetro. Hiroko levou-o aos lábios e soprou em uma abertura próxima a uma das extremidades, produzindo um som agudo que mudava constantemente enquanto seus dedos manipulavam objetos metálicos localizados ao longo do tubo.

Assim que ouviu a primeira nota, Fallom agarrou o braço de Bliss e disse:

— Bliss, isso é um_____!

Estava usando a palavra que soava como “fiful” para Bliss. A moça sacudiu a cabeça, mas a criança insistiu:

— É, sim!

Alguns alfanos olharam na direção de Fallom. Bliss tapou a boca da criança com a mão e murmurou, em tom enérgico:

— Fique quieta!

Daí em diante, Fallom escutou em silêncio a exibição de Hiroko, mas seus dedos se moviam espasmodicamente, como se estivesse manipulando os objetos metálicos localizados ao longo do instrumento.

O último artista a apresentar-se no concerto foi um senhor, já idoso, que tocava um instrumento com os lados estriados, que levava pendurado no ombro por uma correia. Ele abria e fechava o instrumento, enquanto com uma das mãos apertava uma série de objetos brancos e pretos.

Trevize achou aquele som particularmente cansativo. Ele o fez lembrar-se dos cães selvagens de Aurora... não que o som fosse parecido com o de latidos, mas as emoções que despertava eram semelhantes. Bliss parecia a ponto de tapar os ouvidos com as mãos, enquanto Pelorat escutava com o cenho franzido. Só Fallom parecia estar gostando, pois batia de leve com o pé no chão, e Trevize

percebeu, com espanto, que havia um ritmo na música que correspondia perfeitamente às batidas da criança.

O número terminou e houve uma verdadeira tempestade de assobios, no meio da qual se podia ouvir distintamente os trinados de Fallom.

Depois, a plateia se dividiu em pequenos grupos e se tornou tão barulhenta e agitada quanto os alfanos pareciam ser em todas as cerimônias públicas. Os vários indivíduos que haviam tocado no concerto ficaram na frente do salão, conversando com as pessoas que chegavam para cumprimentá-los.

Fallom largou a mão de Bliss e correu na direção de Hiroko.

— Hiroko! — exclamou, ofegante. — Deixe-me ver o_____.

— Que foi que você disse, querida?

— A coisa que você estava tocando.

— Ah... — Hiroko riu. — O nome é flauta, querida.

— Posso vê-la?

— Está bem.

Hiroko abriu a caixa e tirou o instrumento. Estava dividido em três partes, mas ela o montou rapidamente, aproximou o bocal dos lábios de Fallom e disse:

— Sopre aqui..

— Eu sei, eu sei — disse Fallom, impaciente, estendendo a mão para a flauta.

Hiroko recuou instintivamente, mantendo a flauta fora do alcance da criança.

— É para soprar, menina, e não para pegar. Fallom parecia desapontada.

— Posso só olhar para ela, então? Prometo não pegar.

— Está bem, querida.

Hiroko segurou a flauta diante de Fallom, que olhou fixamente para o instrumento.

De repente, as lâmpadas fluorescentes piscaram e ouviu-se o som de uma flauta, um som fraco e hesitante.

Hiroko, de tão surpresa, quase deixou cair a flauta no chão. Fallom exclamou:

— Consegui! Consegui! Jemby estava certo!

— Foi você que produziu este som? — perguntou Hiroko.

— Sim! Sim! Fui eu!

— Como conseguiu fazer isso, criança?

— Sinto muito, Hiroko — disse Bliss, sem jeito. — Vou levá-la para fora.

— Não, não! — exclamou Hiroko. — Quero que ela faça de novo. Alguns alfanos haviam se aproximado para observar. Fallom franziu a testa, como se estivesse se concentrando. As lâmpadas tornara a piscar

e a flauta emitiu de novo um som, só que dessa vez puro e firme. Em seguida, o som mudou quando os objetos de metal ao longo da flauta começaram a se mover sozinhos.

— É um pouquinho diferente do_____ — disse Fallom, ofegante, como se o sopro para tocar a flauta tivesse vindo dos seus pulmões.

Pelorat disse para Trevize:

— Ela deve estar usando a energia da corrente elétrica que alimenta as lâmpadas.

— Faça isso de novo — disse Hiroko, quase sem voz. Fallom fechou os olhos. A nota saiu mais suave, demonstrando um controle seguro. A flauta tocava sozinha, manipulada à distância pelos lobos transdutores ainda imaturos do cérebro de Fallom. As notas, que inicialmente eram quase aleatórias, passaram a obedecer a uma sequência harmoniosa e agora todos os presentes se haviam agrupado em torno de Hiroko e Fallom. A moça segurava a flauta pelas extremidades com o polegar e o indicador de cada mão, enquanto a criança, de olhos fechados, controlava as correntes de ar e o movimento das chaves.

— É a peça que eu toquei — sussurrou Hiroko.

— Eu me lembro dela — disse Fallom, balançando a cabeça de leve, tentando não perder a concentração.

— Você não perdeu uma única nota — disse Hiroko, quando Fallom terminou.

— Mas não está certo, Hiroko. Não está certo do jeito que você tocou.

— Fallom! — exclamou Bliss. — Não seja mal-educada! Você não deve...

— Por favor, não interfira — interrompeu Hiroko. — Por que não está certo, criança?

— Porque eu tocaria de outro modo.

— Mostre-me, então.

A flauta começou a tocar de novo, mas de forma mais complicada, pois as forças que movimentavam as chaves o faziam com maior velocidade, em uma sucessão mais rápida e em combinações mais elaboradas que anteriormente. A música era mais complexa e infinitamente mais emotiva e cativante. Hiroko ficou imóvel e todos fizeram o mais absoluto silêncio.

Mesmo depois que Fallom parou de tocar, o silêncio continuou até que Hiroko respirou fundo e perguntou:

— Querida, você já tocou assim antes?

— Não — respondeu Fallom. — Antes eu tinha que usar os dedos, e não posso tocar assim com os dedos. — Acrescentou, com naturalidade: — Ninguém pode.

— Sabe tocar outra coisa?

— Posso inventar na hora.

— Quer dizer... improvisar?

Fallom não entendeu a palavra e olhou para Bliss. Bliss assentiu e Fallom respondeu:

— Sim.

— Então toque, por favor — disse Hiroko.

Fallom pensou por um minuto ou dois e começou devagar, com uma sucessão de notas muito simples, de efeito global quase hipnótico. A iluminação ficava mais forte ou mais fraca, de acordo com a energia usada pela criança. Ninguém pareceu notar, pois parecia ser efeito da música e não a causa, como se um espírito elétrico estivesse obedecendo aos ditames das ondas sonoras.

A combinação de notas foi repetida um pouco mais alto, depois com maior complexidade e afinal em variações que, sem se desviarem da linha melódica inicial, tornaram-se cada vez mais vibrantes até que era quase impossível respirar. No fim, a música desceu muito mais depressa do que havia subido, com o efeito de um mergulho súbito que levou os ouvintes para o chão enquanto ainda mantinham a impressão de estarem voando.

Seguiu-se um verdadeiro pandemônio. Até Trevize, que estava acostumado com um tipo totalmente diferente de música, pensou com tristeza:

— Nunca mais vou ouvir uma coisa tão linda!

Quando os vivas cessaram, Hiroko ofereceu a flauta para Fallom:

— Tome, menina, é sua!

Fallom fez menção de aceitar o presente, mas Bliss segurou o braço estendido da criança e disse:

— Não podemos ficar com ela, Hiroko. É um instrumento de valor inestimável!

— Eu tenho outra, Bliss. Não tão boa quanto esta, mas é assim que deve ser: quem toca melhor merece o melhor. Nunca ouvi ninguém tocar como essa menina toca e seria errado conservar um instrumento cujo potencial não sei explorar. Gostaria de saber tocar flauta desse jeito, sem tocar no instrumento.

Fallom recebeu a flauta e a apertou contra o peito com uma expressão de profundo contentamento.

83

Cada um dos dois quartos da casa que haviam reservado para eles dispunha de uma lâmpada fluorescente. Havia uma terceira no banheiro. A luz era fraca, mal dava para ler, mas pelo menos não teriam que ficar no escuro.

No momento, porém, não estavam ansiosos para se recolher.

Fazia um noite estrelada, coisa que era sempre fascinante para os nativos de Terminus, onde o céu noturno era praticamente sem estrelas, mostrando apenas o perfil indistinto da Galáxia.

Hiroko os havia acompanhado até em casa, com medo de que tropeçassem ou se perdessem no escuro. Durante todo o percurso havia caminhado de mãos dadas com Fallom e no momento, depois de acender as lâmpadas fluorescentes, estava do lado de fora da casa conversando com eles, ainda segurando a mão da criança.

Bliss tentou de novo, pois para ela era evidente que Hiroko estava passando por um difícil conflito de emoções.

— Sério, Hiroko, não podemos ficar com a sua flauta.

— Não, ela já é de Fallom — insistiu Hiroko, mas de forma pouco convincente.

Trevize continuou a olhar para o céu. Era uma noite escura, escuridão essa que praticamente não era quebrada pela luz que vinha da casa e muito menos pelas luzes das casas vizinhas. Ele disse:

— Hiroko, está vendo aquela estrela? A mais brilhante do céu? Como se chama?

Hiroko olhou para cima e disse, sem demonstrar nenhum interesse especial:

— É a Companheira.

— Por que tem esse nome?

— A Companheira dá uma volta em torno do nosso sol a cada oitenta anos. Nesta época do ano, aparece de noite, mas existem ocasiões em que aparece de dia.

Ótimo, pensou Trevize. Ela conhece alguma coisa de astronomia.

— Você sabia que Alfa tem outra companheira, uma estrela menor e muito mais afastada que aquela que estamos observando, que só pode ser vista com um telescópio? — (Trevize havia descoberto essa informação nos bancos de memória do computador.).

— Aprendemos isso na escola — disse a jovem, com indiferença.

— Está bem. Agora responda a outra pergunta. Está vendo aquelas seis estrelas em ziguezague?

— É Cassiopéia — disse Hiroko.

— Verdade? — exclamou Trevize, espantado. — Qual das estrelas?

— Todas elas. As seis estrelas são chamadas de Cassiopéia.

— Por quê?

— Não sei.

— Está vendo a estrela que fica na ponta de baixo do ziguezague? A mais brilhante das seis? Como se chama?

— Não sei.

— Acontece que, com exceção das duas Companheiras, aquela é a estrela mais próxima de Alfa. Está a pouco mais de um parsec de

distância.

— É mesmo? Eu não sabia.

— Será que não é a estrela em torno da qual gira a Terra? Hiroko olhou para a estrela com um pouquinho mais de interesse.

— Não sei. Nunca ouvi ninguém dizer isso além de vós.

— Acha que é possível?

— Como posso achar alguma coisa? Ninguém sabe onde fica a Terra. Eu... agora preciso ir. Vou ter que trabalhar no campo amanhã cedo, antes da festa na praia. Nós nos encontraremos na praia, logo depois do almoço. Está bem?

— Está bem, Hiroko.

A jovem foi embora com passos apressados. Trevize seguiu-a com os olhos até desaparecer na escuridão. Depois, ele e os outros entraram na casa.

Trevize perguntou para Bliss:

— Você sabe se ela estava mentindo a respeito da Terra, Bliss? Bliss sacudiu a cabeça.

— Acho que disse a verdade. Ela está sob uma enorme tensão, uma coisa que só percebi depois do concerto. Entretanto, já estava assim antes de você perguntar a respeito das estrelas.

— Acha que foi porque ela deu a flauta a Fallom?

— Pode ser. É difícil dizer. Voltou-se para Fallom.

— Agora, Fallom, quero que vá para o seu quarto. Quando estiver pronta para dormir, vá até o banheiro, use a privada, lave as mãos e escove os dentes.

— Eu queria tocar flauta, Bliss.

— Só um pouquinho, e *bem* baixinho. Está entendendo, Fallom? E pare quando eu disse para parar.

— Está bem, Bliss.

Os três ficaram sozinhos, Bliss na única cadeira do aposento e os homens sentados cada um na sua cama.

— Há alguma razão para ficarmos mais tempo neste planeta? — perguntou Bliss.

Trevize deu de ombros.

— Ainda não tivemos oportunidade de perguntar se aqueles instrumentos musicais são semelhantes aos que eram usados na Terra. Também vale a pena esperarmos a volta da frota pesqueira. Talvez o homens que estão no mar possam nos fornecer alguma informação importante.

— É muito pouco provável — disse Bliss. — Tem certeza de que não são os olhos negros de Hiroko que estão retendo você aqui?

— Não entendo você, Bliss — disse Trevize, irritado. — O que tem a ver com a minha vida sexual? O que é que lhe dá o direito de me julgar em questões de moral?

— Não é uma questão de moral. Estou preocupada é com a nossa expedição. Você quer encontrar a Terra para finalmente poder decidir se estava certo quando escolheu Gaia como o futuro da Galáxia. Quero que você decida logo. Você diz que precisa visitar a Terra para tomar a decisão e parece estar convencido de que a Terra gira em torno daquela estrela que estamos vendo no céu. Por que, então, não vamos até lá? Concordo que seria bom se tivéssemos mais informações a respeito da Terra, mas estou convencida de que aqui não é o lugar para consegui-las. Não quero ficar simplesmente porque você gostou de Hiroko.

— Talvez você tenha razão — disse Trevize. — Dê-me algum tempo para pensar. Prometo que não deixarei que Hiroko influencie minha decisão.

Pelorat disse:

— Acho que devemos ir já para a Terra, nem que seja só para verificar se está radioativa ou não. Não vejo nenhuma razão para ficarmos mais tempo aqui em Alfa.

— Têm certeza de que não são os olhos negros de Bliss que estão fazendo você querer sair daqui? — disse Trevize, ironicamente. Logo em seguida, corrigiu-se: — Não, não, retiro o que disse, Janov. Estou sendo infantil. Entretanto... este é um mundo maravilhoso, mesmo sem falar em Hiroko. Em outras circunstâncias, sentir-me-ia tentado a permanecer aqui indefinidamente... Não acha, Bliss, que Alfa acaba com a sua teoria a respeito dos Isolados?

— De que forma? — perguntou Bliss.

— Você tem sustentado que todos os mundos isolados se tornam perigosos e hostis.

— Até mesmo Comporellon — disse a moça —, que está um pouco afastado das atividades principais da Galáxia, embora, teoricamente, seja um planeta associado à Fundação.

— Mas não Alfa! Este mundo é totalmente isolado, mas nem por isso deixa de ser um mundo amistoso e hospitaleiro. Eles nos dão comida, roupas e abrigo, organizam festivais em nossa homenagem, aceitam-nos como somos. Acha que vou me queixar deles?

— Claro que não. Hiroko chegou a oferecer a você seu próprio corpo...

— Bliss, por que insiste neste assunto? Ela não me ofereceu o corpo. Nós nos oferecemos nossos corpos. Foi muito agradável, muito natural. Você não faz o que quer com o seu corpo?

— Por favor, Bliss — disse Pelorat. — Golan está certo. Você não tem nada com seus prazeres pessoais.

— Contanto que não nos afetem — insistiu Bliss.

— Eles não nos afetam — assegurou Trevize. — Partiremos em breve. Prometo.

— Não confio em Isolados — disse Bliss — mesmo quando trazem presentes.

Trevize levantou os braços.

— Começa pela conclusão e depois distorce as provas de acordo com as conveniências. Uma atitude tipicamente...

— Não diga isso! — advertiu Bliss, muito séria. — Não sou uma mulher. Eu sou Gaia. É Gaia que está preocupado.

— Não há razão para...

Trevize ouviu alguém bater de leve à porta. — Quem é? — perguntou, em voz baixa. Bliss franziu a testa.

— Por que não abre para ver? Não é você que está dizendo que este mundo é amistoso e não oferece nenhum perigo?

Mesmo assim, Trevize hesitou até que uma voz melodiosa se fez ouvir do outro lado da porta. — Abri, por favor. Sou eu! Era a voz de Hiroko. Trevize abriu a porta. Hiroko entrou rapidamente. O rosto estava molhado.

— Fechai a porta — disse, ofegante.

— Que foi que houve? — perguntou Bliss. Hiroko agarrou Trevize pelo braço.

— Não pude deixar que acontecesse. Tentei, mas não tive forças. Vão embora, todos vós. Levai a criança. Fugi de Alfa antes que amanheça.

— Por quê? — perguntou Trevize.

— Porque, se ficarem, morrereis, todos vós.

84

Os três adultos ficaram olhando para Hiroko sem saber o que pensar. Finalmente, Trevize perguntou:

— Está dizendo que seu povo está disposto a nos matar? Hiroko explicou, com as lágrimas a rolar pelo rosto:

— Já estais a caminho da morte, meu querido Trevize. E os outros convosco... Há muito tempo, nossos cientistas criaram um vírus que é inofensivo para nós, mas mortal para qualquer estrangeiro. Nós já nascemos imunes. Vós fostes infectado.

— Como?

— Quando tivemos prazer juntos. É uma das maneiras...

— Mas estou me sentindo muito bem! — protestou Trevize.

— O vírus ainda está inativo. Ele só será ativado depois que os pescadores voltarem. De acordo com as nossas leis, a decisão terá que ser tomada por todos, até mesmo os homens. Sabemos qual será a decisão, mas fomos encarregados de manter-vos aqui durante os próximos dois dias. Se partirdes agora, enquanto ainda está escuro, ninguém vai desconfiar.

— Por que vocês fazem isso? — perguntou Bliss.

— Por uma questão de segurança. Somos poucos e temos muito. Não queremos ser invadidos por intrusos de outros planetas. Se alguém desembarcar aqui e voltar ao seu mundo para contar o que viu, outros virão. Por isso, quando uma nave nos visita, o que não é muito comum, tomamos providências para que nunca mais saia de Alfa.

— Então por que está nos ajudando a fugir? — perguntou Trevize.

— Agora mesmo estais ouvindo o motivo, prestai atenção No quarto ao lado, Fallom estava tocando uma melodia muito suave... e extremamente doce — Não pude suportar a ideia de ver essa música destruída, porque a criança também teria que morrer.

— Foi por isso que deu a flauta a Fallom? — perguntou Trevize em tom de censura. — Porque pretendia recuperá-la depois que ela morresse?

Hiroko pareceu horrorizada.

— Não, não foi isso que pensei. E quando a ideia me veio à mente, percebi que não teria coragem de permitir que acontecesse. Parti com a criança e levai a flauta. Estareis a salvo no espaço e, se não for ativado, o vírus que está no vosso corpo morrerá em pouco tempo. Como retribuição, peço que não conteis a ninguém a respeito deste mundo.

— Não vamos contar a ninguém — assegurou Trevize.

Hiroko perguntou em voz baixa:

— Não quereis me dar um beijo de despedida?

— Não — disse Trevize. — Já fui infectado uma vez e é o suficiente.

Acrescentou, em tom mais carinhoso:

— Não chore, Hiroko. As pessoas vão perguntar por que está chorando e você não poderá explicar... Vou perdoando que fez comigo, em vista do esforço que está fazendo para nos salvar.

Hiroko endireitou o corpo, enxugou o rosto com as costas da mão, respirou fundo e disse, antes de ir embora:

— Obrigada por tudo.

Trevize disse para os outros:

— Vamos apagar as luzes, esperar um pouco e partir. Bliss, diga a Fallom para parar de tocar. Não se esqueça de levar a flauta... Vamos direto para a nave, se conseguirmos encontrá-la no escuro.

— Pode deixar comigo — disse Bliss. — Há algumas roupas minhas a bordo e elas também são Gaia. Gaia não tem dificuldade para localizar Gaia.

A moça saiu para ir chamar Fallom. Pelorat disse:

— Será que os alfanos danificaram nossa nave para ter certeza de que não poderíamos fugir do planeta?

— Eles não têm tecnologia para isso — disse Trevize. Quando Bliss voltou, levando Fallom pela mão, Trevize apagou as luzes.

Ficaram sentados no escuro pelo que pareceu metade da noite, mas que na verdade não passou de meia hora. Então, Trevize levantou-se e abriu a porta com cuidado. O céu parecia um pouco mais nublado, mas ainda eram visíveis muitas estrelas. Cassiopéia estava alta no céu, com a estrela que poderia ser o sol da Terra em uma das extremidades. Não havia vento e o silêncio era total.

Trevize saiu da casa e fez um gesto para que os outros o seguissem. Uma das mãos procurou, quase automaticamente, a coronha do chicote neurônico. Tinha certeza de que não precisaria usá-lo, mas...

Bliss foi na frente, segurando a mão de Pelorat, que segurou de Trevize. A outra mão de Bliss segurava Fallom e a outra mão de Fallom segurava a flauta. Apalpando o caminho com os pés na obscuridade quase total, Bliss guiou os outros para o local onde sentia, fracamente, a presença de Gaia em suas roupas a bordo do *Estrela Distante.*

PARTE SETE
TERRA

Capítulo 19
Radioativa?

85

O *Estrela Distante* decolou silenciosamente, deixando para trás a ilha escura. Os poucos pontos de luz que havia na terra foram ficando mais fracos até desaparecerem. Quando a altitude tornou a atmosfera mais rarefeita, a velocidade da nave aumentou e os pontos de luz que havia no céu ficaram mais fortes e mais numerosos.

Pouco depois, o planeta Alfa estava reduzido a um crescente iluminado, quase totalmente coberto por nuvens.

— Duvido que eles tenham naves espaciais — disse Pelorat. — Conseguimos escapar.

— Isso não me serve de consolo — disse Trevize, tristemente. — Estou contaminado.

— O vírus não está ativo — disse Bliss.

— Mas pode ser ativado. Eles tinham um método. Qual é o método?

Bliss deu de ombros.

— Hiroko disse que se o vírus não fosse ativado, morreria rapidamente.

— Foi? E como é que ela sabe? Pior ainda, como é que nós sabemos que estava dizendo a verdade? Mesmo que estivesse, será que o método de ativação não pode ser duplicado naturalmente? Um certo produto químico, um tipo de radiação, um... um sabe lá o quê? Posso ficar doente a qualquer momento e nesse caso vocês três também morrerão. Se isso acontecer depois que chegarmos a um planeta habitado, pode haver uma grande epidemia, que os viajantes se encarregarão de espalhar por toda a Galáxia! Olhou para Bliss.

— Há alguma coisa que você possa fazer? A moça balançou a cabeça.

— Não é fácil. Gaia tem muitos parasitas: micro-organismos, vermes. Eles estão perfeitamente integrados ao ecossistema. Vivem e contribuem para a consciência global, mas jamais se reproduzem em excesso. O problema, Trevize, é que o vírus que contaminou você não é parte de Gaia.

— Você disse que “não é fácil”. Dadas as circunstâncias, pode se dar ao trabalho de fazer alguma coisa, mesmo que seja difícil? Capaz de localizar o vírus dentro do meu organismo e destruí-lo? S não for, pode pelo menos reforçar minhas defesas imunológicas?

— Faz ideia do que está me pedindo, Trevize? Não estou

familiarizada com a flora microscópica que habita o seu corpo. Não será fácil distinguir o material genético do vírus do seu material genético. Pode ser ainda mais difícil distinguir o vírus em que estamos interessado dos vírus inofensivos que vivem nas suas células. Vou tentar, Trevize mas levará tempo e não posso garantir nada.

— Leve o tempo que quiser — disse Trevize —, mas tente!

— Está bem — disse Bliss Pelorat interveio:

— Se Hiroko disse a verdade, Bliss, talvez você possa procura um vírus cuja vitalidade esteja diminuindo e acelerar esse declínio.

— Boa ideia — disse Bliss.

— Não vai fraquejar? — perguntou Trevize. — Quando mata os vírus, estará destruindo preciosos pedaços de vida, você sabe...

— Está sendo irônico, Trevize, mas o que disse não deixa de ser verdade. Acontece que você é mais importante que o vírus. Não se preocupe: se tiver uma oportunidade de matar o vírus, não hesitarei. Mesmo que não fosse por você — os lábios da moça se contraíram, com se ela estivesse reprimindo um sorriso —, teria que pensar em Pelorat e Fallom, que correm praticamente o mesmo risco. Eu mesma estou correndo perigo...

— Não confio muito no seu instinto de autopreservação — murmurou Trevize. — Você estaria perfeitamente disposta a dar a vi por alguma causa nobre. Entretanto, acredito na sua preocupação com o bem-estar de Pelorat e da criança... por falar nisso, não estou ouvindo a flauta de Fallom. Alguma coisa de errado com ela?

— Não — respondeu Bliss. — Está dormindo. Um sono perfeitamente normal. Sugiro que, depois que você calcular o Salto até a estrela que pensamos ser o sol da Terra, nós todos vamos para a cama. Estou muito cansada e suponho que você também esteja.

— Claro que estou, mas não sei se vou conseguir dormir. Bliss, você tinha razão.

— A respeito de quê?

— A respeito dos Isolados. Apesar das aparências, a Nova Terra não era um paraíso. Inicialmente, eles nos trataram bem apenas para nos deixar à vontade, para que pudessem contaminar um de nós sem que percebêssemos. Depois, toda aquela encenação, com festivais disso e daquilo, tinha por objetivo ganhar tempo até que os pescadores chegassem e o vírus pudesse ser ativado. E teria dado certo, se não fosse por causa de Fallom e sua música. Nesse ponto você também estava certa.

— Está falando de Fallom?

— Isso mesmo. Eu não queria trazê-la e sua presença a bordo sempre me desagradou. Foi exclusivamente graças a você, Bliss, que ela está aqui, e foi ela que involuntariamente nos salvou a todos. Mesmo assim...

— Mesmo assim o quê?

— Mesmo assim, *ainda* me sinto pouco à vontade na presença de Fallom. Não sei por quê.

— Se isso o faz sentir-se melhor, Trevize, acho que o mérito não foi apenas de Fallom. Hiroko usou a música de Fallom como desculpa para cometer o que os alfanos devem considerar como ato de traição. Talvez acreditasse nisso, mas havia outra coisa no seu subconsciente, algo que percebi mas não pude identificar com clareza, algo que talvez tivesse vergonha de encarar de frente. Tenho a impressão de que Hiroko se sentia atraída por você e não teve coragem de sentir-se responsável pela sua morte.

— Acha mesmo? — perguntou Trevize, sorrindo pela primeira vez desde que haviam partido de Alfa.

— Acho. Deve ser alguma coisa na maneira como trata as mulheres. Conseguiu convencer a ministro Lizalor a nos deixar partir e agora, graças a você, Hiroko decide poupar nossas vidas. Está de parabéns.

O sorriso de Trevize aumentou.

— Obrigado... bom, vamos para a Terra!

Dirigiu-se para a sala de comando em um passo quase saltitante.

— Você acabou encontrando um jeito de acalmá-lo, não é, Bliss?

— Não, Pelorat, não mexi na mente de Trevize.

— Claro que mexeu, quando gratificou a sua vaidade masculina de forma tão escandalosa.

— Se mexi, foi apenas de forma indireta — disse Bliss, sorrindo.

— Mesmo assim, obrigado, Bliss.

86

Depois Do Salto, a estrela que poderia ser o sol da Terra ainda estava a um décimo de parsec de distância. Era de longe o astro mais brilhante do céu, mas ainda não passava de uma estrela.

Trevize examinou-a na tela do telescópio. Ele disse:

— É muito parecida com Alfa, a estrela da Nova Terra. No entanto, Alfa consta do mapa do computador e esta estrela, não.

— Não é o que devíamos esperar se essa estrela fosse o sol da Terra? — perguntou Pelorat. — Não se esqueça de que, aparentemente, alguém está empenhado em eliminar todas as informações que existem a respeito da Terra.

— Sim, mas pode ser também que se trate de um planeta dos Espaciais que não conste da lista que encontramos naquele palácio de Melpomenia. Nada nos garante que aquela lista estivesse completa. Pode ser também que esta estrela não tenha nenhum planeta e por isso não apareça no mapa do computador, que é usado principalmente

para fins comerciais e militares... Janov, existe alguma lenda a respeito de um estrela semelhante ao sol da Terra a pouco mais de um parsec de distância?

Pelorat balançou a cabeça.

— Sinto muito, Golan, mas não me lembro de nenhuma história desse tipo. Isso, porém, não quer dizer que não exista. Minha memória não é perfeita. Se quiser, posso dar uma busca na biblioteca de bordo.

— Não é importante. O sol da Terra tem um nome?

— O sol da Terra tem vários nomes. Acho que deve haver um nome para cada uma das antigas línguas da Terra.

— Esqueci-me de que a Terra tinha várias línguas.

— Deve ter tido. Muitas das lendas se referem diretamente a esse fato.

— O que faremos, então? — disse Trevize, irritado. — A essa distância, não podemos dizer nada sobre os planetas dessa estrela se é que existem. Vamos ter que chegar mais perto. Gostaria de ser cauteloso, mas não quero exagerar; a verdade é que não vejo nenhum sinal de perigo. Provavelmente, qualquer coisa suficientemente poderosa para apagar as informações existentes sobre a Terra em toda a Galáxia seria suficientemente poderosa para acabar conosco agora mesmo, se quisesse. Não é racional ficarmos aqui para sempre só porque estamos com medo de que algo aconteça se chegarmos mais perto.

— Presumo que o computador não detectou nada que possa ser interpretado como perigoso — disse Bliss.

— Quando disse que não via sinais de perigo, estava me referindo exatamente às observações do computador. É evidente que não estou vendo nada a olho nu. Seria impossível.

— Então o que você está fazendo é perguntar se concordamos com uma decisão que considera arriscada. Por mim, está bem. Não viemos até aqui para desistir sem uma boa razão, não é mesmo?

— É o que eu acho — disse Trevize. — E você, Pelorat?

— Também acho que devemos prosseguir, nem que seja por mera curiosidade. Seria insuportável voltar para casa sem termos certeza de que encontramos a Terra.

— Então estamos todos de acordo — disse Trevize.

— Não sei — disse Pelorat. — Você não perguntou a Fallom. Trevize parecia indignado.

— Está querendo que eu consulte a criança? De que vale a opinião dela, mesmo que tenha uma? Além disso, provavelmente tudo o que quer é voltar a Solaria!

— Pode culpá-la por isso? — perguntou Bliss.

Como haviam falado de Fallom, Trevize de repente se deu conta de que a criança estava tocando a flauta. Era uma marcha com um

ritmo alegre e contagiante.

— Escutem só — disse ele. — Quem lhe ensinou a tocar marchas?

— Talvez tenha aprendido com Jemby. Trevize sacudiu a cabeça.

— Duvido. Provavelmente o robô só tocava cantigas de ninar, coisas assim... Escute, Fallom me dá arrepios. Ela aprende depressa demais!

— Eu *ensinei* muita coisa a ela, não se esqueça — disse Bliss. — Além disso, é uma criança *muito* inteligente e foi bastante estimulada desde que está conosco. Sua mente foi inundada por novos conhecimentos e sensações. Viajou pelo espaço, visitou um outro mundo, esteve pela primeira vez com muitas pessoas.

A marcha que Fallom estava tocando ficou mais frenética. Trevize suspirou e disse:

— Seja como for, ela está aqui, tocando uma música que irradia otimismo e entusiasmo. Vou tomar isso como um voto para prosseguirmos. Vamos em frente, então. Daqui a pouco estaremos em condições de examinar o sistema planetário.

— Se é que ele existe — disse Bliss. Trevize sorriu.

— Claro que existe. Aposto quanto quiser. Escolha a quantia.

87

— Você perdeu — disse Trevize, distraidamente. — Quanto foi mesmo que apostamos?

— Nada. Não concordei com a aposta — disse Bliss.

— Dá no mesmo. Eu não aceitaria o seu dinheiro. Estavam a dez bilhões de quilômetros do sol. Ainda parecia uma estrela; seu brilho era apenas 1/4.000 do que seria quando visto da superfície do planeta habitável.

— Estou vendo dois planetas no telescópio — disse Trevize. — Pelo diâmetro e pelo espectro da luz refletida, são dois gigantes gasosos.

A nave estava bem acima do plano da eclíptica e Bliss e Pelorat, olhando por cima do ombro de Trevize, viram na tela dois pequenos crescentes esverdeados. O menor estava em uma fase que tornava o! crescente menos estreito que o outro.

Trevize perguntou:

— Janov, não é verdade que o sistema da Terra tem quatro gigantes gasosos?

— É o que dizem as lendas.

— O maior é o que fica mais próximo do sol; o segundo mais próximo do sol é o que tem anéis. Estou certo?

— Anéis muito grandes, Golan. Sim. Acontece, meu velho amigo, que as lendas geralmente exageram muito. Mesmo que não

encontremos um planeta com anéis gigantescos, isso não quer dizer que este não seja o sistema da Terra.

— De qualquer forma, os planetas que estamos vendo devem ser os dois mais afastados; os dois gigantes gasosos mais próximos podem muito bem estar do outro lado do sol, difíceis de distinguir das estrelas. Vamos ter que chegar ainda mais perto... e passar para o outro lado do sol.

— Podemos fazer isso tão perto da massa do sol?

— Podemos tentar. Se o computador achar que é muito arriscado, ele se recusará a obedecer-me e teremos que fazer a viagem em saltos menores.

Trevize transmitiu as instruções para o computador e a imagem na tela do telescópio mudou bruscamente. A estrela ficou muito mais brilhante e depois saiu da tela quando o telescópio começou a esquadrinhar o céu à procura de outro gigante gasoso. Afinal, teve sucesso.

Os três adultos ficaram olhando, atônitos, enquanto Trevize, quase paralisado de espanto, tentava ajustar o telescópio para aumentar a ampliação.

— É incrível... — murmurou Bliss.

88

O telescópio mostrava um gigante gasoso, visto de um ângulo tal que quase toda a superfície estava iluminada. Em volta do planeta havia um anel largo e muito brilhante, dividido em dois por uma fenda escura.

Trevize conseguiu afinal aumentar a ampliação e o anel se dividiu em centenas de pequenos anéis concêntricos. Apenas uma parte do sistema de anéis era visível na tela e o planeta havia ficado de fora. Uma nova instrução de Trevize e um canto da tela passou a mostrar a imagem do planeta e seus anéis, vistos com uma ampliação menor.

— Esse tipo de coisa é comum? — perguntou Bliss, admirada.

— Não — respondeu Trevize. — Quase todo gigante gasoso tem anéis, mas em geral eles são estreitos e pouco luminosos. Na verdade, nunca vi nada parecido com isso, nem imaginava que fosse possível.

— É sem dúvida o gigante com anéis de que falam as lendas — disse Pelorat. — Se anéis assim são tão raros como está dizendo...

— Nunca ouvi falar de um caso semelhante. Nem o computador.

— Então este *tem* que ser o sistema planetário da Terra. Ninguém poderia inventar um planeta como o que estamos vendo.

— Depois disso, estou preparado para acreditar em qualquer coisa que suas lendas afirmem — disse Trevize. — Este é o sexto planeta e a Terra seria o terceiro?

— Isso mesmo, Golan.

— Então eu diria que estamos a menos de um e meio bilhão de quilômetros da Terra e ninguém ainda fez nada para nos deter. Lembra-se do que Gaia fez quando nos aproximamos?

— Vocês estavam mais próximos de Gaia quando foram interceptados — disse Bliss.

— Acontece — disse Trevize — que na minha opinião a Terra é mais poderosa do que Gaia, de modo que considero isso um bom sinal. Se ainda não fomos detidos, deve ser porque a Terra não se importa de ser visitada.

— Ou porque a Terra não existe — disse Bliss.

— Vamos fazer uma aposta desta vez? — propôs Trevize, irritado.

— Acho que o que Bliss quis dizer — interveio Pelorat — é que pode ser que a Terra ainda esteja radioativa, como todo mundo parece pensar, e que ainda não fomos detidos porque não existe vida na Terra.

— Não! — protestou Trevize, com veemência. — Posso acreditar em tudo que disseram sobre a Terra *menos* nisso. Vamos chegar mais perto e logo saberemos a verdade.

89

Os gigantes gasosos tinham ficado para trás. Depois do gigante gasoso mais próximo do sol, haviam passado por um cinturão de asteroides. (Aquele gigante gasoso era o maior de todos, exatamente como diziam as lendas.). Depois do cinturão de esteroides havia quatro planetas.

Trevize examinou-os com cuidado.

— O maior é o terceiro. O tamanho e a distância do sol são apropriados. Pode ser habitável.

Pelorat captou o que parecia ser um traço de insegurança na voz de Trevize. Perguntou:

— O planeta tem atmosfera?

— Oh, sim! — respondeu Trevize. — O segundo, terceiro e quarto planetas têm atmosfera. Como naquela história infantil, a do segundo é densa demais, a do quarto não é suficientemente densa e a do terceiro tem a densidade certa.

— Então acha que pode ser a Terra?

— Se eu acho? — explodiu Trevize. — Não preciso achar! *É* a Terra. Com o satélite gigante e tudo!

— Verdade?

O rosto de Pelorat se abriu no sorriso mais largo que Trevize jamais havia visto.

— Tenho certeza! Olhe você mesmo.

Pelorat viu dois crescentes, um muito maior e mais brilhante que o outro.

— O menor é o satélite? — perguntou.

— É. Está mais longe do planeta do que se poderia imaginar, mas se trata indiscutivelmente de um satélite. Seu tamanho é o de um pequeno planeta; na verdade, é menor que qualquer dos quatro planetas interiores. Mesmo assim, é bem grande para um satélite. Tem pelo menos dois mil quilômetros de diâmetro, o que o torna tão grande quanto os maiores satélites dos gigantes gasosos.

— Só isso? — Pelorat parecia desapontado. — Então não é um satélite gigantesco?

— É, sim. Um satélite de dois ou três mil quilômetros de diâmetro girando em torno de um gigante gasoso é uma coisa. O mesmo satélite girando em torno de um pequeno planeta rochoso é outra completamente diferente. O diâmetro daquele satélite é um quarto do diâmetro da Terra. Acha isso normal?

— Não entendo dessas coisas — disse Pelorat, timidamente.

— Então acredite em mim, Janov. É uma coisa raríssima! O que estamos vendo é praticamente um planeta duplo, enquanto que os satélites dos planetas habitáveis em geral são muito pequenos... Janov, se você pensar naquele gigante gasoso com um sistema de anéis e neste planeta com um satélite gigantesco, ambos correspondendo exatamente ao que as lendas descreviam, e que nos parecia um despropósito, verá que não há engano possível: este planeta *tem* que ser a Terra. Nós a encontramos, Janov! Nós a encontramos!

90

Estavam viajando há dois dias em direção à Terra e Bliss bocejou enquanto jantavam. Ela disse:

— Parece que passamos mais tempo nos aproximando e nos afastando dos planetas do que fazendo qualquer outra coisa.

— Em geral isso acontece porque é perigoso executar o Salto quando estamos muito perto de uma estrela — disse Trevize. — Neste caso, porém, estamos indo ainda mais devagar porque não quero arriscar mais que o necessário.

— Você não disse que tinha o palpite de que não seremos interceptados?

— Disse, mas não quero ser imprudente por causa de um mero palpite.

Trevize olhou para o conteúdo da colher antes de levá-la à boca disse:

— Sinto falta do peixe de Alfa. Pensando bem, só comemos três refeições lá.

— Uma pena — concordou Pelorat.

— Até agora visitamos cinco planetas. Pois de todas as vezes tivemos que partir com tanta pressa que não houve tempo para abastecermos a nave com alimentos locais. Mesmo quando havia facilidade de obter comida, como em Comporellon, em Alfa e provavelmente em...

A jovem não completou a frase porque Fallom foi mais rápida.

— Em Solaria? Vocês não conseguiram comida em Solaria? Há muita comida lá. Melhor do que a de Alfa.

— Eu sei disso, Fallom — disse Bliss. — Só que não tivemos tempo.

Fallom olhou para a jovem, muito séria.

— Será que vou tornar a ver Jemby, Bliss? Diga-me a verdade.

— Pode ser, se voltarmos a Solaria — respondeu Bliss.

— Vamos voltar a Solaria? Bliss hesitou e depois disse:

— Isso eu não sei.

— Agora estamos indo para a Terra, não é? Para o planeta de onde todos nós viemos?

— De onde nossos *antepassados* vieram — disse Bliss.

— Eu já sei dizer "ancestrais" — disse Fallom.

— Sim, estamos indo para a Terra.

— Para quê?

— Não é interessante conhecer o mundo dos nosso ancestrais?

— Acho que não é só isso. Vocês três parecem tão preocupados...

— É porque nunca estivemos na Terra. Não sabemos o que esperar.

— Acho que não é só isso. Bliss sorriu.

— Você já acabou de comer, Fallom querida. Por que não vai até o seu quarto e toca um pouco de flauta para nós? Você está tocando cada vez melhor. Vá, vá.

Deu um tapinha no traseiro da criança e Fallom foi para o quarto, parando uma vez no caminho para olhar desconfiada para Trevize.

Trevize olhou de volta com manifesto desagrado.

— Será que essa coisa é capaz de ler pensamentos?

— Não a chame de "coisa", Trevize! — protestou Bliss.

— Será que ela é capaz de ler pensamentos? Você deve saber.

— Não, ela não é capaz. Nem ela, nem Gaia, nem os membros da Segunda Fundação. Ler pensamentos, no sentido de ter uma ideia exata do que uma pessoa está pensando, é uma coisa que ninguém pode fazer atualmente, nem no futuro previsível. Podemos sentir, interpretar e, até certo ponto, manipular as emoções alheias, mas isso não é a mesma coisa.

— Como pode saber que ela não é capaz de fazer essa coisa que supostamente não pode ser feita?

— Como você mesmo disse, eu saberia.

— Talvez ela esteja manipulando você para que não perceba que está lendo pensamentos.

Bliss revirou os olhos.

— Seja razoável, Trevize. Mesmo que Fallom tivesse poderes extraordinários, não poderia fazer nada comigo, porque eu não sou Bliss, eu sou Gaia. Faz uma ideia do poder mental de um planeta inteiro? Pensa que um Isolado, por mais talentoso que fosse, seria capaz de me iludir?

— Você não sabe tudo, Bliss — insistiu Trevize. — Essa coi... *Ela* está conosco há pouco tempo. Nesse tempo, eu mal teria conseguido aprender os rudimentos de uma língua, e no entanto ela fala galáctico praticamente sem sotaque e com um extenso vocabulário. Sim, eu sei que você a tem ajudado, mas gostaria que parasse.

— Eu lhe disse que estava ajudando Fallom, mas também disse que ela é uma criança extraordinariamente inteligente. Tão inteligente que gostaria que fizesse parte de Gaia. Ela ainda é suficientemente imatura para adaptar-se a nós. Talvez um dia, com sua ajuda, possamos absorver todos os solarianos. Seria uma excelente aquisição para nós.

— Já lhe ocorreu que os solarianos são Isolados patológicos, mesmo de acordo com os *meus* padrões?

— Eles mudariam quando passassem a fazer parte de Gaia.

— Acho que você está errada, Bliss. Acho que a criança solariana é perigosa e que devemos nos livrar dela.

— Como? Vamos jogá-la no espaço? Vamos matá-la, parti-la em pedaços e comê-la no jantar?

— Oh, Bliss! — exclamou Pelorat.

— Você está sendo desagradável sem necessidade — disse Trevize. Escutou por um momento. A flauta estava tocando sem hesitação e a conversa toda era em voz baixa. — Quando tudo isso terminar, vamos levá-la de volta para Solaria e tomar providências para que Solaria deixe de ser uma ameaça para os viajantes incautos. Em minha opinião, talvez fosse melhor destruir o planeta de uma vez.

Bliss pensou um pouco e disse:

— Trevize, sei que você tem o dom de tomar as decisões corretas, mas também sei que implicou com Fallom desde o princípio. Acho que isso aconteceu porque foi humilhado em Solaria e por isso desenvolveu um ódio violento pelo planeta e seus habitantes. Como não quero intrometer-me em sua mente, não posso ter certeza. Não se esqueça, porém, de que se não tivéssemos trazido Fallom conosco, ainda estaríamos em Alfa... mortos e provavelmente enterrados.

— Sei disso, Bliss, mas mesmo assim...

— A inteligência da criança é para ser admirada e não invejada!

— Não invejo Fallom. Tenho medo dela!

— Da inteligência dela?

Trevize passou a língua nos lábios, pensativamente.

— Não, não da inteligência.

— De quê, então?

— Não sei. Bliss, se eu soubesse do que tenho medo, talvez o medo desaparecesse. É alguma coisa que não consigo compreender muito bem. — Passou a falar mais baixo, como se estivesse conversando consigo mesmo. — A Galáxia parece estar cheia de coisas que não compreendo. Por que optei por Gaia? Por que tenho que encontrar a Terra? A psico-história inclui uma suposição desconhecida? Nesse caso, qual é essa suposição. Além de tudo, por que Fallom me deixa nervoso?

— Infelizmente, não posso responder a essas perguntas — disse Bliss.

A moça se levantou e saiu da sala.

— Não precisa ficar tão preocupado, Golan — disse Pelorat. Estamos cada vez mais próximos da Terra; quando chegarmos lá, to dos os mistérios serão esclarecidos. E até agora, ninguém fez nada para nos deter.

Trevize olhou para Pelorat e disse em voz baixa: --- Preferia que alguém fizesse alguma coisa.

— É mesmo? Por quê?

— Pelo menos, seria um sinal de vida. Pelorat arregalou os olhos.

— Acha que a Terra está mesmo radioativa?

— Ainda é cedo para dizer. Descobri, porém, que ela está quente. Bem mais quente do que seria de esperar.

— Isso é mau?

— Não necessariamente. O fato de a superfície estar quente não a torna inabitável. A camada de nuvens é espessa e as nuvens são de vapor d'água, de modo que essas nuvens, juntamente com um oceano, poderiam manter a superfície em condições toleráveis, apesar do calor que detectamos através das emissões de microondas. Ainda não tenho certeza. Só que...

— Sim, Golan?

— Só que se a Terra *estiver* radioativa, a temperatura da superfície será maior que o esperado.

— Mas a recíproca não é necessariamente verdadeira, não é mesmo? Se a temperatura é maior que o esperado, isso não significa que a Terra *está* radioativa.

— Tem razão. Não adianta especularmos, Janov. Dentro de um dia ou dois, teremos certeza.

Quando Bliss entrou no quarto, Fallom estava sentada na cama, imersa em pensamentos. A criança olhou rapidamente para Bliss e tornou a baixar os olhos.

— Que foi que houve, Fallom? — perguntou a moça.

— Por que Trevize me detesta tanto, Bliss?

— O que é que faz você pensar que ele a detesta?

— Ele olha para mim com impaciência... é essa a palavra?

— Pode ser.

— Ele olha para mim com impaciência o tempo todo. Além disso, faz cara feia.

— Trevize está passando por momentos difíceis, Fallom.

— Porque está procurando a Terra?

— Sim.

Fallom pensou um pouco e disse:

— Ele fica mais impaciente ainda quando faço um objeto mover-se com a força do pensamento.

— Fallom, eu já não lhe disse para não fazer mais isso, principalmente na presença de Trevize?

— Pois aconteceu ontem, aqui mesmo neste quarto. Ele estava na porta e eu não reparei. Não sabia que estava me observando. Então, fiz um dos livros de Pel ficar de pé sem tocar nele. Que mal há nisso?

— Isso deixa Trevize nervoso, Fallom. Não quero que faça de novo, mesmo que ele não esteja olhando.

— Ele fica nervoso porque não é capaz de fazer a mesma coisa?

— Pode ser.

— Você é capaz?

Bliss balançou a cabeça devagar.

— Não, não sou.

— Mesmo assim, *você* não fica nervosa. Nem Pel.

— As pessoas são diferentes.

— Eu sei — disse Fallom, com uma amargura súbita que surpreendeu Bliss e a fez franzir a testa.

— Que é que você sabe, Fallom?

— Que *eu* sou diferente.

— Claro que sim. Foi o que eu disse. As pessoas são diferentes.

— Eu sou mais diferente. Eu posso fazer as coisas se moverem sem tocar nelas.

— É verdade.

Fallom disse, com um traço de rebeldia na voz:

— Eu *preciso* fazer as coisas se moverem. Trevize não deve ficar zangado com isso. Você não deve me impedir.

— Por que precisa fazer as coisas se moverem?

— Para praticar. Para me exercitar... é essa a palavra?

— Quase. Para se exercitar.

— Isso mesmo. Jemby sempre dizia que eu ia ter que treina meus... meus...

— Lobos transdutores?

— Isso. Só assim eles seriam fortes. Jemby me disse que quando eu crescesse poderia fornecer energia para todos os robôs. Até Jemby.

— Fallom, o que é que fornecia energia para os robôs da sua casa.

— Bander — disse a criança, sem se perturbar.

— Você conhecia Bander?

— É claro. Vi Bander muitas vezes. Eu era o seu sucessor. A propriedade de Bander um dia se tornaria a propriedade de Fallom. Foi Jemby que me contou.

— Quer dizer que Bander esteve no seu..

A boca de Fallom formou um O de espanto. Ela disse, em tom chocado:

— Bander nunca viria ao meu...

A criança pareceu ficar sem ar. Ofegou um pouco e depois explicou:

— Eu vi a *imagem* de Bander. Bliss perguntou:

— Como é que Bander tratava você? Fallom olhou para Bliss, surpresa.

— Bander sempre me perguntava se eu precisava de alguma coisa, se estava me sentindo bem. Acontece que Jemby estava sempre perto de mim, de modo que eu nunca precisava de nada e sempre me sentia bem.

A criança parou de falar e olhou para o chão. Depois, tapou os olhos com as mãos e disse:

— Mas Jemby parou de funcionar. Acho que foi porque Bander... Bander também parou de funcionar.

— Por que está dizendo isso? — perguntou Bliss.

— Estive pensando. Quem fornecia energia para todos os robôs era Bander. Se Jemby parou e todos os robôs também pararam, deve ter sido porque Bander parou. Não parece lógico?

Bliss ficou calada. Fallom disse:

— Mas quando vocês me levarem de volta para Solaria, vou fornecer energia para Jemby e o resto dos robôs e tudo estará bem de novo.

Começou a soluçar.

— Não se sente feliz conosco, Fallom? — perguntou Bliss. — Nem um pouquinho? Nem às vezes?

Fallom levantou o rosto coberto de lágrimas para Bliss, sacudiu a cabeça e disse, com voz trêmula:

— Eu quero Jemby!

Bliss abraçou a criança com força.

— Oh, Fallom, como eu gostaria de poder devolver você a Jemby.

De repente, a moça percebeu que também estava chorando.

92

Pelorat entrou e encontrou as duas abraçadas. Perguntou, surpreso:

— Que foi que houve?

Bliss levantou-se e começou a procurar um lenço de papel para enxugar os olhos. Sacudiu a cabeça e Pelorat perguntou de novo, preocupado:

— Que foi que houve, afinal? Bliss disse:

— Fallom, descanse um pouco. Vou pensar em alguma coisa que a faça sentir-se melhor. Não se esqueça... eu amo você tanto quanto Jemby.

A jovem segurou Pelorat pelo braço e puxou-o para fora do quarto, dizendo:

— Não é nada, Pel. Nada.

— É Fallom, não é? Ela ainda sente falta de Jemby.

— Demais. E não há nada que eu possa fazer. Posso dizer que a amo... o que é verdade. Como posso deixar de amar uma criança tão sensível e inteligente? Muito inteligente. Inteligente *demais,* na opinião de Trevize. Sabia que conheceu Bander? Ou por outra, que viu a sua imagem holográfica? Entretanto, não fica nem um pouquinho comovida quando se lembra de Bander e posso compreender por quê. A propriedade pertencia a Bander e, quando ela morresse, passaria a pertencer a Fallom. Essa era a única relação entre as duas.

— Fallom sabe que Bander era seu pai?

— Sua *mãe.* Se combinamos que Fallom seria considerada como mulher, o mesmo se aplica a Bander.

— Está bem, Bliss querida. Fallom sabe que Bander era sua mãe?

— Não sei se ela compreende bem o que isso significa. Se compreende, não deixou transparecer. Acontece, Pel, que Fallom já se deu conta de que Bander está morta. Ela percebeu que a desativação de Jemby foi consequência de uma falta de energia; como toda a energia da propriedade era fornecida por Bander... isso me assusta.

— Por quê, Bliss? Afinal de contas, é uma conclusão lógica.

— Fallom pode tirar outra conclusão lógica. As mortes devem ser raras em Solaria, onde a população é pequena e vive muito tempo. Para uma criança da idade dela, a morte certamente parece um acontecimento extremamente improvável. Se continuar a pensar na morte de Bander, vai querer saber *por que* Bander morreu. Então vai se lembra de que isso aconteceu quando chegamos ao planeta e chegará à única conclusão possível.

— De que nós matamos Bander?

— Não fomos nós que matamos Bander, Pel. Fui *eu.*

— Isso ela não pode adivinhar.

— Não, mas talvez tenha que contar-lhe. Fallom já não gosta muito de Trevize e ele é claramente o líder da expedição. Provavelmente vai considerar Trevize como responsável pela morte de Bander e não posso permitir que cometa essa injustiça.

— Por que não, Bliss? A criança não sentiu a morte do pai... a morte da mãe. Ficou triste foi com a perda do robô, Jemby.

— Acontece, Pel, que a morte da mãe significou a morte do robô. Quase contei a ela que eu fui a responsável.

— Por quê?

— Porque assim teria uma oportunidade de explicar o que aconteceu. Porque assim poderia confortá-la, antecipando-me a uma descoberta que a fará pensar que Bander foi morta sem nenhuma razão.

— Acontece que *houve* uma razão. Se você não agisse, Bander teria matado todos nós.

— É isso o que eu pretendia dizer a Fallom, mas não tive coragem. Tive medo de que não acreditasse em mim.

Pelorat sacudiu a cabeça e disse:

— Acha que seria melhor se não tivéssemos trazido a criança? Você parece tão triste com a situação...

— Não diga isso! — protestou Bliss, com veemência. — Ficaria muito mais triste se uma criança tivesse sido executada friamente por causa de um ato que eu cometi.

— No mundo de Fallom, isso é normal.

— Não, Pel, não comece a falar como Trevize. Os Isolados conseguem aceitar essas coisas como naturais. O objetivo de Gaia, porém, é salvar vidas, e não destruí-las... nem ficar impassível enquanto vidas são destruídas. Sabemos muito bem que vidas de todos os tipos devem terminar para que outras vidas possam surgir, mas jamais gratuitamente, jamais sem um objetivo. A morte de Bander, embora inevitável, já foi penosa para mim; a de Fallom teria sido insuportável.

— Está bem — disse Pelorat. — Acho que você tem razão. De qualquer forma, não foi sobre Fallom que vim conversar com você, e sim sobre Trevize.

— Que é que há com Trevize?

— Bliss, estou preocupado com ele. Está cada vez mais obcecado com a Terra. Não sei se conseguirá resistir à tensão.

— Não tenha medo. Trevize é uma pessoa sensata e equilibrada.

— Todos nós temos os nossos limites. Bliss, a Terra é bem mais quente do que Trevize esperava. Ele mesmo me disse isso. Acho que está desconfiado de que é quente demais para ser habitável, embora

esteja tentando convencer-se do contrário. Mesmo que a temperatura permita a existência de vida, Trevize admite que é possível que o calor seja causado pela radioatividade. Em um dia ou dois, estaremos suficientemente próximos para ter certeza. E se a Terra *for* inabitável?

— Então ele terá que aceitar o fato.

— Mas... não sei como dizer isso. E se Trevize..

Bliss esperou um pouco e depois completou, com uma careta:

— Entrar em parafuso?

— Isso mesmo. Entrar em parafuso. Não pode fazer alguma coisa para prevenir? Mantê-lo calmo e controlado?

— Não, Pel. Não posso acreditar que Trevize seja tão frágil e, de qualquer maneira, existe uma firme decisão por parte de Gaia de não interferir em sua mente.

— Mas é justamente isso o que me preocupa. Trevize tem esse dom de sempre tomar a decisão correta, esse "instinto", se é que podemos chamá-lo assim. O choque de ver todo o projeto reduzir-se a nada no momento em que parecia próximo de uma conclusão feliz pode não abalar o seu juízo, mas acabar com o "instinto". Você disse que Trevize não é uma pessoa frágil. Como pode ter certeza de que o mesmo se aplica ao seu dom?

Bliss pensou um pouco e depois deu de ombros:

— É, talvez seja melhor não perdê-lo de vista.

93

Durante as 36 horas que se seguiram, Trevize percebeu vagamente que Bliss e Pelorat, este em menor grau, pareciam segui-lo para onde quer que fosse. Entretanto, tinha mais coisas com que se preocupar No momento, enquanto trabalhava com o computador, sabia que os dois estavam de pé na porta da sala de comando. Levantou a cabeça e olhou para eles, com o rosto sem expressão.

— E então? — disse, sem levantar a voz.

— Como está se sentindo, Golan? — perguntou Pelorat, pouco à vontade.

— Pergunte a Bliss — disse Trevize. — Ela está me vigiando há horas. Aposto que andou lendo minhas emoções... não é verdade, Bliss?

— Não, não é verdade — declarou Bliss, com firmeza. — Mas se quiser minha ajuda, posso tentar. Você está precisando de ajuda?

— Não. Por que estaria? Deixem-me em paz. Vocês dois!

— Conte-nos o que está acontecendo, Golan — disse Pelorat.

— Adivinhe!

— A Terra está...

— Sim, está. Aquilo que todo mundo insistia em nos dizer é uma

verdade irrefutável.

Trevize apontou para a tela, onde aparecia o lado escuro da Terra eclipsando o sol. Era um círculo negro contra o céu estrelado, a circunferência marcada por uma linha interrompida de cor alaranjada.

— Esse laranja é a radioatividade? — perguntou Pelorat.

— Não. É apenas a luz do sol refratada pela atmosfera. Seria uma linha contínua se não houvesse tantas nuvens na atmosfera. A radioatividade é invisível. Todas as radiações de alta energia, incluindo os raios gama, são absorvidas pela atmosfera. Entretanto, produzem radiações secundárias que podem ser detectadas pelo computador. Mesmo as radiações secundárias são invisíveis a olho nu, mas o computador pode produzir uma imagem da Terra em cores falsas mostrando a distribuição das ondas e partículas que está recebendo do planeta. Observem!

O círculo negro começou a brilhar com várias tonalidades de azul.

— Qual é o nível de radioatividade? — perguntou Bliss. — É suficiente para termos certeza de que não existe vida humana?

— O suficiente para termos certeza de que não existe nenhum tipo de vida — disse Trevize. — O planeta é inabitável. A última bactéria, o último vírus já morreu há muito tempo.

— Podemos explorar o planeta? — perguntou Pelorat. — Em trajes espaciais, quero dizer.

— Por algumas horas... se ficarmos mais tempo, começaremos a sofrer os efeitos da radiação.

— Então o que vamos fazer, Golan?

— Fazer? — Trevize olhou para Pelorat sem demonstrar qualquer emoção. — Sabe o que eu gostaria de fazer? Gostaria de levar você, Bliss e a criança de volta a Gaia e deixá-los lá para sempre. Então voltaria a Terminus para devolver a nave. Depois, renunciaria a minha posição no Conselho, para satisfação da prefeito Branno. Minha pensão de ex-conselheiro seria suficiente para viver confortavelmente o resto dos meus dias, sem me preocupar com a Galáxia. Não estou mais interessado no Plano de Seldon, na Fundação, na Segunda Fundação, nem em Gaia. A Galáxia que escolha seu próprio caminho. Que me importa o que vai acontecer depois que eu estiver morto e enterrado?

— Golan, você não pode estar falando sério! — exclamou Pelorat.

Trevize ficou olhando para o amigo por alguns, momentos e depois suspirou fundo.

— Não, não estou, mas como seria bom se pudesse fazer exatamente o que disse!

— Deixe para lá. Exatamente *o que* pretende fazer?

— Manter a nave em órbita em torno da Terra, descansar, recuperar-me do choque e pensar no que fazer em seguida. Só que...

— Sim? Trevize explodiu:

— Será que existe *alguma coisa* para fazer? Onde mais vou procurar? Que mais posso descobrir?

Capítulo 20
O Mundo Vizinho

94

JÁ fazia quatro refeições que Pelorat e Bliss viam Trevize apenas *durante* as refeições. O resto do tempo ele passava sozinho no quarto ou na sala de controle. Enquanto estavam à mesa, não dizia nada e comia muito pouco.

Na quarta refeição, porém, Pelorat teve a impressão de que o semblante do amigo parecia menos anuviado. Pelorat pigarreou duas vezes, como se estivesse se preparando para dizer alguma coisa, mas continuou calado.

Por fim, Trevize olhou para ele e perguntou:

— O que é?

— Você já... você já decidiu o que fazer, Golan?

— Por que pergunta?

— Está parecendo menos desanimado.

— Ainda estou desanimado, mas andei pensando. Pensando muito.

— Podemos saber em quê? — perguntou Pelorat.

Trevize olhou rapidamente na direção de Bliss. A jovem não havia tirado os olhos do prato à sua frente e mantinha-se em silêncio, como se achasse que Pelorat teria mais sucesso que ela em arrancar alguma coisa de Trevize.

— Também está curiosa, Bliss? — perguntou Trevize.

Bliss levantou os olhos.

— Claro que sim.

Fallom chutou uma perna da mesa e perguntou:

— Nós achamos a Terra?

Bliss deu um beliscão na criança. Trevize ignorou o gesto. Ele disse:

— Temos que começar com um fato sabido: todas as informações que havia a respeito da Terra em vários planetas desapareceram. Isto nos leva à conclusão de que alguma coisa está sendo escondida na Terra. Acontece que, como sabemos agora com certeza, a Terra apresenta níveis muito elevados da radioatividade, de modo que tudo o que existe na Terra está automaticamente oculto. Ninguém pode pousar na superfície e desta distância, perto dos limites da magnetosfera... e acho que se chegássemos um pouco mais perto não faria a menor diferença... não há nada para ser descoberto.

— Tem certeza? — perguntou Bliss.

— Passei horas no computador, analisando a Terra de todas as formas possíveis. Não há nada. Além do mais, estou *sentindo* que não há nada. Por que, então, as informações sobre a Terra foram eliminadas? Não basta a radioatividade para impedir que qualquer ser humano tenha acesso aos segredos da Terra?

— Pode ser — disse Pelorat — que houvesse realmente alguma coisa escondida na Terra na época em que os índices de radioatividade não eram tão elevados e ainda era possível desembarcar no planeta. Nesse caso, os habitantes da Terra teriam motivo para temer que alguém descobrisse os seus segredos. Foi *naquela época* que a Terra tentou apagar todos os vestígios a respeito de sua existência. O que temos agora são os vestígios daquele tempo de insegurança.

— Não, não pode ser — disse Trevize. — As informações que haviam na Biblioteca Imperial de Trantor foram removidas há muito pouco tempo. Não é verdade, Bliss? — perguntou, voltando-se para a moça.

— Pelo menos, foi o que eu/nós/Gaia conseguimos detectar n mente de Guendibal, da Segunda Fundação, durante o encontro que eu, você e ele tivemos com a prefeito de Terminus.

— Nesse caso — disse Trevize —, o que quer que tenha sido escondido na Terra ainda está escondido e pode ser descoberto, apesar do fato de a Terra estar radioativa.

— Como é possível isso? — perguntou Pelorat.

— Pense bem. E se o que estava na Terra não está mais lá, ma foi retirado quando o perigo da radioatividade se tornou muito grande? Nesse caso, embora o segredo não esteja mais na Terra, o conhecimento da localização da Terra poderia ser usado para deduzir o local em que está escondido atualmente. Daí a necessidade de suprimir as informações sobre a Terra.

Fallom interveio novamente:

— Porque se encontrarmos a Terra, Bliss disse que me levará de volta para Jemby.

Trevize olhou zangado para Fallom, e Bliss disse para a criança, em voz baixa:

— Eu disse *talvez,* Fallom. Depois a gente conversa sobre isso. Agora vá para o seu quarto. Por que não lê um pouco, ou toca flauta, ou faz qualquer outra coisa que esteja com vontade de fazer? Vá... vá.

Fallom deixou a mesa de má vontade. Pelorat disse:

— Ainda não entendi muito bem, Golan. Nós estamos aqui. Localizamos a Terra. Estamos em condições de deduzir para onde foi levado o segredo?

Trevize precisou de alguns instantes para se recuperar do mau humor causado por Fallom. Depois, disse:

— Por que não? Imagine que a radioatividade na superfície da

Terra tenha aumentado de forma gradual. A população estaria diminuindo rapidamente, tanto por causa das doenças quanto das fugas para outros planetas. O perigo para o segredo seria cada vez maior. Em pouco tempo, não restaria ninguém para protegê-lo. A única solução seria transferi-lo para outro mundo, antes que fosse tarde demais. Desconfio que houvesse uma grande relutância em fazê-lo, de modo que a transferência só deve ter sido executada no último minuto. Pois então, Janov, lembra-se do que aquele velho da Nova Terra lhe contou a respeito da Terra?

— Monolee?

— Ele mesmo. Monolee não disse que os últimos remanescentes da população da Terra foram levados para Alfa?

— Golan, está querendo dizer que o segredo que procuramos pode estar em Nova Terra, levado para lá pelos últimos sobreviventes da Terra?

— Não acha possível? Quase ninguém na Galáxia conhece a existência da Nova Terra, e, pelo que vimos, seus habitantes fazem tudo para que nenhum visitante saia de lá com vida.

— Estivemos lá e não encontramos nada — argumentou Bliss.

— Quando estivemos lá, só estávamos interessados em informações a respeito da Terra — disse Trevize.

Pelorat disse:

— Acontece, meu velho amigo, que estamos procurando algo ou alguém que disponha de uma tecnologia muito avançada; algo ou alguém capaz de apagar informações debaixo do nariz da Segunda Fundação e mesmo... desculpe, Bliss... e mesmo debaixo do nariz de Gaia. Os habitantes de Nova Terra podem controlar o tempo e talvez sejam desenvolvidos no campo da biotecnologia, mas acho que terá que admitir que sua tecnologia não é muito avançada. Bliss fez que sim com a cabeça.

— Concordo com Pel.

— Não temos elementos para julgar — argumentou Trevize. — Nem chegamos a ver aqueles pescadores. Conhecemos apenas uma pequena parte da ilha em que pousamos. Quem sabe o que teríamos encontrado se explorássemos melhor a superfície do planeta? Afinal, só reconhecemos as lâmpadas fluorescentes quando as vimos funcionar. Se tivemos a impressão de que os alfanos não dispõem de uma tecnologia avançada, se tivemos essa *impressão,* repito...

— Sim? — disse Bliss, ceticamente.

— Isso pode ser parte de uma tática para esconder a verdade.

— Impossível — disse Bliss.

— Impossível? Foi você que me disse, quando ainda estávamos em Gaia, que em Trantor os membros da Segunda Fundação se disfarçaram por trás da fachada de uma sociedade de camponeses. Por

que a mesma estratégia não poderia ser usada na Nova Terra?

— Está propondo, então, que a gente volte a Nova Terra para correr o risco de uma nova infecção... desta vez com a certeza de que o vírus será ativado? As relações sexuais podem ser uma forma muito agradável de adquirir uma infecção... mas não são a única!

Trevize deu de ombros.

— Não estou ansioso para voltar a Nova Terra, mas pode ser que não haja alternativa.

— *Pode ser?*

— Pode ser! Estou pensando em outra possibilidade.

— Qual é?

— Nova Terra gira em torno de uma estrela que os locais chamam de Alfa. Acontece que Alfa faz parte de um sistema binário. Será que também não existe um planeta habitável girando em volta da companheira de Alfa?

— É pouco provável — disse Bliss, balançando a cabeça. — Afinal, a companheira tem apenas um quarto da luminosidade de Alfa.

— Isso não é tão sério. O planeta poderia estar muito mais próximo da estrela, para compensar.

— O que é que o computador tem a dizer? — perguntou Pelorat.

Trevize sorriu.

— Já verifiquei. A companheira tem cinco planetas de porte médio. Nenhum gigante gasoso.

— Algum dos cinco planetas é habitável?

— O computador não tem nenhuma informação a respeito dos planetas além do seu número e tamanho.

— Oh... — fez Pelorat, desanimado.

— Não fique desapontado — disse Trevize. — Afinal, os mundos dos Espaciais nem constavam do mapa do computador. As informações sobre Alfa são extremamente escassas. Essas coisas foram escondidas deliberadamente e se não encontramos quase nada a respeito da companheira de Alfa, isso quase pode ser considerado um bom sinal.

— Então o que você está planejando é isso — disse Bliss, sem emoção. — Visitar a companheira e, se não der certo, desembarcar de novo em Alfa.

— Exatamente. Desta vez, estaremos preparados. Pretendo sobrevoar a ilha de Nova Terra antes de pousarmos e você, Bliss, poderia usar sua capacidade mental para...

Nesse momento, o *Estrela Distante* estremeceu, como se tivesse dado um soluço gigantesco, e Trevize exclamou, com um misto de raiva e perplexidade:

— Quem está nos controles?

A pergunta era desnecessária; sabia muito bem quem era.

95

Fallom, sentada em frente ao computador, estava totalmente absorta. As mãozinhas de criança, com dedos longos e finos, repousavam sobre as marcas no tampo da escrivaninha. As mãos pareciam atravessar a superfície da mesa, embora Fallom pudesse sentir que ela era dura e escorregadia.

A criança tinha visto Trevize usar as mãos dessa forma em várias ocasiões e para ela era evidente que era assim que o rapaz controlava a nave.

Fallom também tinha visto Trevize fechar os olhos, e fechou os seus. Depois de alguns instantes, começou a ouvir uma voz distante... distante, mas que parecia vir de dentro de sua cabeça, mais precisamente (compreendeu, sem saber como) dos lobos transdutores. Eles eram ainda mais importantes que as mãos. Esforçou-se para compreender o que a voz dizia.

— *Instruções* — dizia a voz, em um tom quase queixoso. — *Quais são as suas instruções?*

Fallom não disse nada. Nunca tinha visto Trevize dizer nada para o computador... mas sabia o que queria com todas as forças do seu ser. Queria voltar para Solaria, para a segurança da mansão, para Jemby... Jemby... Jemby...

Queria voltar para casa e, quando pensou no planeta que amava, imaginou que o estava vendo na tela, como havia visto outros mundos que não queria. Abriu os olhos e olhou para a tela desejando ver outro mundo que não aquela detestável Terra, e então ficou olhando para o planeta que estava lá, imaginando que fosse Solaria. Odiava a Galáxia em que tinha sido introduzida contra a vontade. Seus olhos se encheram de lágrimas e a nave estremeceu. Fallom sentiu o tremor e ficou um pouco assustada..

Foi então que ouviu o ruído de passos no corredor e fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, o rosto de Trevize, distorcido, enchia o seu campo de visão, ocultando a tela e o planeta amado. Estava gritando alguma coisa, mas a criança não prestou atenção. Tinha sido ele que havia matado Bander, causando assim a morte de Jemby. Tinha sido ele que a havia tirado do planeta contra a vontade. Agora, era ele que queria impedi-la de voltar. Mas não lhe daria ouvidos. Levaria a nave de volta para Solaria, custasse o que custasse. A emoção foi tão forte que fez a nave estremecer novamente.

96

Bliss agarrou Trevize pelo braço.

— Pare! Pare!

Puxou-o para trás, enquanto Pelorat observava a cena, sem saber o que fazer.

Trevize estava gritando:

— Tire as mãos do computador!... Bliss, não se meta. Não quero machucar você.

— Não ameace a criança — disse Bliss, em tom cansado. — Se insistir, vou ter que machucar *você*.

Os olhos de Trevize se fixaram em Bliss.

— Então tire-a daí, Bliss. Agora!

Bliss empurrou-o para o lado com uma força surpreendente (resultado, pensou Trevize mais tarde, de sua ligação com Gaia).

— Fallom — disse. — Levante as mãos.

— Não! — exclamou Fallom, com voz estridente. — Quero levar a nave de volta para Solaria. Quero ir para lá. Para lá!

Apontou com a cabeça para a tela do computador, sem tirar as mãos da escrivaninha.

Bliss estendeu os braços para Fallom e quando suas mãos tocaram o corpo da criança, ela começou a tremer.

— Agora, Fallom — disse Bliss, carinhosamente —, diga ao computador para fazer tudo voltar a ser como era antes e venha comigo. Venha comigo...

Acariciou a criança, que teve um acesso de choro.

As mãos de Fallom deixaram a escrivaninha e Bliss, segurando-a pelas axilas, colocou-a de pé. Virou-a de frente para si e apertou-a contra o peito.

Bliss disse para Trevize, que assistia passivamente à cena:

— Saia da frente, Trevize, e não toque em nós quando passarmos. Trevize deu um passo para o lado.

Bliss parou por um momento ao lado do rapaz e disse em voz baixa:

— Tive que entrar na mente de Fallom por um momento. Se causei algum dano, a culpa é toda sua.

Trevize teve vontade de dizer que estava pouco ligando para a mente de Fallom; que era o computador que o preocupava. Entretanto, percebendo que teria que enfrentar a ira de Gaia (aquela expressão no rosto de Bliss não podia refletir apenas os sentimentos da moça), preferiu ficar calado.

Depois que Bliss e Fallom saíram da sala de controle, Trevize ficou muito tempo onde estava. Permaneceu assim, na verdade, até Pelorat dirigir-lhe a palavra:

— Golan, você está se sentindo bem? Bliss não fez nada com você, não é?

Trevize sacudiu a cabeça vigorosamente, como que para afastar a paralisia que o havia assaltado.

— Estou bem. A questão é saber se *ele* está bem. Sentou-se em frente ao computador e colocou as mãos sobre as marcas que recentemente tinham sido cobertas pelas, mãos de Fallom.

— Como é? — perguntou Pelorat, ansioso. Trevize deu de ombros.

— Parece que está tudo normal. Pode ser que mais tarde eu descubra alguma coisa fora do lugar, mas no momento está tudo funcionando bem. — Prosseguiu, com certa irritação: — O computador foi programado para só responder às minhas mãos, mas essa hermafrodita conseguiu assumir o controle. Deve ter sido por causa dos lobos transdutores...

— Mas o que foi que fez a nave estremecer? Isso não devia acontecer, não é?

— Não. É uma nave gravítica e não devia ter esse tipo de efeito inercial. Acontece que essa monstrinha...

Fez uma pausa. Parecia cada vez mais irritado.

— Sim?

— Desconfio que ela forneceu ao computador duas instruções conflitantes, com tal intensidade que o computador não teve escolha a não ser tentar cumpri-las simultaneamente. Na tentativa de fazer o impossível, o computador deve ter perdido momentaneamente o controle do neutralizador de inércia. Pelo menos é isso que acho que aconteceu.

De repente, Trevize pareceu acalmar-se.

— E pode ter sido até bom, pois acaba de me ocorrer que toda essa minha conversa a respeito de Alfa e a companheira foi perda de tempo. Já sei para onde a Terra transferiu o seu segredo.

Pelorat olhou para o amigo, admirado, e depois resolveu ignorar a última observação e esclarecer um ponto que havia ficado pendente.

— Quais foram as instruções conflitantes que Fallom forneceu ao computador?

— Ela queria que a nave fosse para Solaria.

— Claro. É claro que sim.

— Sim, mas como a criança poderia transmitir essa ideia para o computador? Ela não pode reconhecer Solaria no telescópio. Na verdade, nunca viu Solaria de longe; estava dormindo quando deixamos o planeta às pressas. E apesar de todos os livros que leu em sua biblioteca, apesar de tudo o que Bliss lhe contou, duvido que consiga apreender o conceito de uma Galáxia com centenas de bilhões de estrelas e milhões de planetas habitados. Educada, como foi, debaixo da terra e em total solidão, tudo o que pode fazer é compreender que existe mais de um mundo... mas quantos? Dois? Três? Quatro? Para ela, qualquer planeta que veja na tela pode ser Solaria, ou melhor, dada a sua ansiedade para voltar ao planeta local,

qualquer mundo que veja na tela *é* Solaria. E já que provavelmente Bliss tentou acalmá-la garantindo que se não encontrarmos a Terra voltaremos a Solaria, ela pode até ter ficado com a impressão de que Solaria e a Terra estão muito próximos no espaço.

— Como pode saber de tudo isso, Golan?

. — Pelo que a própria criança nos disse, Janov, logo que entramos nesta sala. Ela gritou que queria ir para Solaria e acrescentou: "Quero ir para lá! Para lá!", apontando com a cabeça para a tela. Sabe o que estava na tela? O satélite da Terra. Não estava lá quando me levantei para ir jantar; quem estava era a Terra. Mas Fallom deve ter pensado no satélite quando pediu para ir para Solaria e o computador, em resposta, deve ter mostrado o satélite na tela. Acredite em mim, Janov, eu sei como esse computador funciona.

Pelorat olhou para o crescente que estava na tela e disse, pensativamente:

— Era chamado de "lua" em pelo menos uma das línguas da Terra; "moon", em outra língua. Provavelmente tinha muitos outros nomes... Imagine a confusão, meu velho amigo, em um mundo em que eram faladas várias línguas... imagine os mal-entendidos, as complicações, os...

— Lua? — repetiu Trevize. — Pelo menos é um nome curto.. Pensando melhor, pode ser que a criança tenha tentado, instintivamente, mudar o curso da nave usando os lobos transdutores para agir diretamente sobre a fonte de energia, o que teria perturbado o funcionamento do neutralizador de inércia... Mas nada disso importa, Janov. O que importa é que essa confusão toda fez com que a lua (sim, eu gosto do nome) aparecesse na tela do computador. E continua lá. Quando olho para ela, fico imaginando...

— Imaginando o quê, Golan?

— Janov, para um satélite, a lua é enorme! Em geral, a gente não liga para os satélites. Afinal, são pouco mais que pedaços de pedra girando no espaço. A lua, porém, é diferente. A lua é um *mundo.* Tem um diâmetro de cerca de três mil e quinhentos quilômetros.

— Um mundo? Não pode chamá-la de mundo. A lua é inabitável. Mesmo com três mil e quinhentos quilômetros de diâmetro, é pequena demais para ter atmosfera. Posso dizer isso só de olhar para ela. Nenhuma nuvem; uma linha nítida separando a zona iluminada da escuridão do espaço e outra linha nítida separando a parte clara da parte que está na sombra.

Trevize assentiu.

— Você fala como um espaçonauta veterano, Janov. Tem razão.Nada de ar. Nada de água. Isso quer dizer que a superfície da lua é inabitável. E o subsolo?

— Subsolo? — repetiu Janov, intrigado.

— Isso mesmo. Por que não? As cidades da Terra eram subterrâneas, não eram? Quase toda a população de Trantor vivia abaixo da superfície. Lembra-se da capital de Comporellon? A mesma coisa. As mansões de Solaria ficam debaixo da terra. Um estado de coisas muito comum.

— Acontece, Golan, que em todos esses casos, as pessoas estavam vivendo em um planeta habitável. A superfície também era habitável, havia uma atmosfera, um oceano. É possível viver no subsolo quando a superfície é inabitável?

— Ora, Janov, pense! Onde estamos vivendo neste exato momento? O *Estrela Distante* é um pequeno mundo com uma superfície inabitável. Não existe ar nem água do lado de fora do casco. Mesmo assim, vivemos confortavelmente aqui dentro. A Galáxia está cheia de bases e estações espaciais dos tipos mais variados, para não falar das naves espaciais, e todas são inabitáveis a não ser do lado de dentro. Considere a lua como uma gigantesca espaçonave.

— Com uma tripulação no interior?

— Isso mesmo. Pelo que sabemos, podem ser milhões de pessoas, além de animais, plantas e uma tecnologia avançadíssima... Tudo isso faz muito sentido, Janov! Se a Terra, nos seus últimos dias, foi capaz de enviar um grupo de Colonizadores para um planeta em órbita da estrela Alfa; se, possivelmente com a ajuda do Império, pôde reformar o planeta, semear os oceanos com peixes, construir um pequeno continente; será que a Terra também não poderia mandar um grupo para a lua e reformar o interior do satélite?

— Suponho que sim — concordou Pelorat, com certa relutância.

— Seria a solução mais lógica. Se a Terra tinha alguma coisa para esconder, por que fazê-la viajar mais de um parsec, se podia ser escondida em um mundo situado a uma distância cem milhões de vezes menor? Além disso, a lua seria um esconderijo mais eficiente do ponto de vista psicológico. Os satélites não atraem a atenção. Veja o meu exemplo. Com a lua a um centímetro do meu nariz, todos os meus pensamentos estavam em Alfa. Se não fosse Fallom... — Trevize fez uma careta e balançou a cabeça. — Justiça seja feita. Se não fosse Fallom, eu jamais teria pensado na lua.

— Escute aqui, meu velho amigo — disse Pelorat —, se há alguma coisa escondida sob a superfície da lua, como vamos fazer para encontrá-la? A superfície da lua deve ter milhões de quilômetros quadrados...

— Quarenta milhões, aproximadamente.

— E teríamos que examinar toda essa imensa área à procura do quê? De uma passagem? De alguma espécie de comporta?

— Da forma como você fala, parece uma tarefa dificílima, mas não estamos apenas procurando objetos inanimados. Estamos atrás de

seres vivos, ou melhor, de seres inteligentes. E Bliss é especialista em detectar vestígios de inteligência, não é?

98

Bliss disse para Trevize, em tom acusador:

— Afinal consegui fazê-la dormir. Não foi fácil. Fallom estava *histérica!*. Felizmente, parece que não causei nenhum dano.

— Você bem que podia tentar remover a fixação em Jemby, já que eu não tenho a mínima intenção de voltar a Solaria — disse Trevize, secamente.

— Remover a fixação, não é? O que é que você sabe a respeito dessas coisas, Trevize? Você nunca entrou na mente de outra pessoa. Não sabe como são complexas as mentes humanas. Se soubesse, não falaria em remover uma fixação como se fosse igual a arrancar um dente.

— Pelo menos atenue um pouco a fixação.

— Isso eu talvez pudesse fazer, depois de passar um mês desembaraçando...

— Desembaraçando? Como assim?

— É difícil de explicar para quem não sabe.

— Então o que é que você vai fazer com a criança?

— Ainda não sei. Vou ter que pensar.

— Nesse caso, vou lhe dizer o que vamos fazer com a nave.

— Sei muito bem o que vai fazer. Vai voltar a Nova Terra e à bela Hiroko, se ela prometer não contaminá-lo desta vez.

— Está enganada, Bliss — disse Trevize, sem se perturbar. — Mudei de ideia. Vamos para a lua... isto é, para o satélite da Terra.

— Para o satélite? Porque é o astro mais próximo da Terra? Não tinha pensado nisso!

— Nem eu. Ninguém teria pensado nisso. Nenhum outro satélite, na Galáxia inteira, merece ser lembrado... mas este satélite é diferente, graças ao seu tamanho. Além do mais, o segredo da sua localização está tão bem guardado quanto o da localização da Terra.

— É habitável?

— Não na superfície, mas como não é radioativo, o subsolo pode ser habitado. Quando chegarmos mais perto, vou precisar de você para saber se existem formas de vida no satélite.

Bliss deu de ombros.

— Está bem. Por que se lembrou de repente do satélite?

— Por causa de uma coisa que Fallom fez quando tentou controlar a nave — explicou Trevize.

Bliss ficou olhando para Trevize como se esperasse algum esclarecimento adicional. Depois, disse:

— Então, não teria tido a inspiração se obedecesse ao seu primeiro impulso e a matasse.

— Jamais tive intenção de matar a criança, Bliss.

— Está bem, está bem. Já estamos viajando na direção do satélite?

— Estamos. Prefiro não ir muito depressa, por uma questão de prudência, mas se tudo correr bem, chegaremos lá em trinta horas.

99

A lua era um astro desolado. Trevize ficou observando pela vigia enquanto a parte iluminada desfilava lá embaixo, um panorama monótono de crateras circulares e regiões montanhosas. De vez em quando, o cinza predominante dava lugar a sutis gradações de cor, em geral associadas a vastas planícies semeadas de pequenas crateras.

Quando se aproximaram do lado escuro, as sombras foram ficando mais longas e finalmente cobriram toda a superfície. Durante alguns instantes, atrás deles, os picos continuaram a brilhar ao sol, como estrelas de primeira grandeza. Então os picos desapareceram e só restou a Terra, um grande crescente azul e branco, iluminando o terreno com sua luz difusa. A nave ultrapassou a Terra, também, que desapareceu abaixo do horizonte, de modo que abaixo deles só havia a escuridão profunda e acima o cintilar de incontáveis estrelas, visão que para Trevize, um nativo de Terminus, onde o céu praticamente não tinha estrelas, era motivo de perpétuo deslumbramento.

Então, novas estrelas brilhantes apareceram à frente, primeiro apenas uma ou duas, depois outras, cada vez maiores e mais ofuscantes. De repente, cruzaram o terminador e entraram no lado iluminado. O sol surgiu no horizonte com esplendor infernal e a paisagem lá embaixo explodiu em um labirinto de luzes e sombras.

Trevize podia ver muito bem que seria inútil tentar encontrar uma entrada para o interior habitado (se é que esse interior existia) através de uma simples inspeção visual.

Olhou para Bliss, sentada ao seu lado. A jovem estava imóvel, com os olhos fechados. Trevize perguntou em voz baixa:

— Detectou mais alguma coisa? Bliss balançou a cabeça.

— Não — murmurou. — Foi só naquele lugar. É melhor voltarmos. Sabe onde foi?

— O computador sabe.

A região ficava no lado escuro e, exceto pelo fato de que a Terra estava perto do horizonte, iluminando a superfície com uma luz fantasmagórica, não havia nada de especial para ser visto, mesmo depois de apagarem as luzes da sala de comando para facilitar a observação.

Pelorat havia chegado e estava observando a cena com interesse.

— Encontramos alguma coisa? — perguntou.

Trevize silenciou-o com um gesto. Estava esperando a reação de Bliss. Sabia que levaria vários dias para que a. luz do sol voltasse àquela parte da lua, mas também sabia que, para aquilo que a jovem procurava, a luz era totalmente irrelevante.

Afinal, Bliss falou:

— Está lá embaixo.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— É o único lugar?

— Até o momento, sim. Já cobrimos toda a superfície da lua?

— Uma boa parte.

— Pois nessa boa parte, este é o único lugar em que detectei alguma coisa. Agora o sinal está mais forte, como se *ele* tivesse detectado a *nossa* presença. Não parece perigoso. Estou captando uma atitude amistosa.

— Tem certeza?

— É o que estou captando. Pelorat interveio:

— Ele não poderia estar disfarçando?

— Pel, não é fácil me enganar — disse Bliss, orgulhosamente. Trevize murmurou qualquer coisa a respeito do excesso de confiança e depois disse:

— O que você está detectando é um ser inteligente, não é?

— Sim, é um ser inteligente. Acontece que.

— Acontece o quê?

— Psiu! Não me distraia. Preciso me concentrar. Momentos depois, Bliss anunciou, com um misto de surpresa e satisfação:

— Não é humano!

— Não é humano! — repetiu Trevize. — Estamos lidando de novo com robôs? Como em Solaria?

— Não — respondeu Bliss, sorrindo. — Também não é um robô.

— Tem que ser um ou outro. Bliss deu uma risada.

— Nenhum dos dois. Não é humano, mas também não se parece com nenhum dos robôs que conheci.

— Essa eu tenho que ver — disse Pelorat, excitado. — Uma coisa nova... diferente!

— Uma coisa nova — murmurou Trevize, com um entusiasmo que não sentia há muito tempo.

Nesse instante, uma inspiração súbita pareceu iluminar como um relâmpago o interior do seu crânio.

Desceram alegremente em direção à superfície da lua. Até mesmo Fallom tinha se juntado a eles e saltitava com despreocupação infantil, como se estivesse realmente voltando para Solaria.

Quanto a Trevize, sentia dentro de si um resto de sanidade a advertir-lhe que era estranho que a Terra (ou o que quer que fosse da Terra que se havia mudado para a lua), depois de tomar medidas tão extremas para evitar a presença de estranhos, agora estivesse fazendo o possível para atraí-los. Poderia tudo ser parte do mesmo plano? Seria um caso de "se é impossível mantê-los à distância, atraia-os e destrua-os"? Seria uma outra forma de proteger o segredo da Terra?

As preocupações do rapaz desapareceram na torrente de otimismo que se despejou sobre todos quando se aproximaram da superfície da lua. Mesmo assim, não esqueceu a inspiração que o havia assaltado no momento em que iniciavam o longo mergulho em direção à superfície do satélite da Terra.

Parecia não haver mais dúvida quanto ao destino final da nave. Já estavam na altura dos picos mais elevados e Trevize, em ligação com o computador, não sentia necessidade de fazer coisa alguma. Era como se tanto ele como o computador estivessem sendo guiados; sentiu uma enorme euforia ao perceber que o peso da responsabilidade tinha sido retirado de seus ombros.

Agora estavam se deslocando paralelamente ao solo, em direção a um penhasco que se erguia à distância como uma perigosa barreira; uma barreira que brilhava fracamente à luz da Terra e dos faróis do *Estrela Distante.* A colisão iminente parecia não significar coisa alguma para Trevize; não foi surpresa para ele quando uma parte do rochedo se abriu, revelando um corredor iluminado por luzes artificiais.

A nave diminuiu de velocidade, aparentemente por conta própria, e se enfiou na abertura... devagar... até parar. A passagem se fechou atrás dela e outra se abriu à sua frente. A nave passou pela segunda abertura e entrou em uma caverna gigantesca, que parecia ter sido cavada no interior de uma montanha.

A nave parou e todos a bordo correram para a câmara de descompressão. Nenhum deles, nem mesmo Trevize, pensou em verificar se o ar do lado de fora era respirável... ou se pelo menos havia ar.

Havia ar, sim. Era respirável e era gostoso. Olharam em torno, com o ar satisfeito de pessoas que estão chegando em casa. Levaram algum tempo para reparar em um homem que os observava de longe, esperando educadamente que se aproximassem.

O homem era alto e tinha expressão muito séria. O cabelo era cor de bronze, cortado rente. Tinha as maçãs do rosto salientes, os olhos muito vivos e vestia-se como em um livro de História antiga. Embora parecesse forte e saudável, tinha um certo ar de cansaço... não em

algum traço concreto, mas de uma forma vaga, indefinível.

Fallom foi a primeira a reagir. Deu um grito de alegria e saiu correndo na direção do homem, gritando:

— Jemby! Jemby!

Os outros se aproximaram mais devagar e Trevize disse, destacando bem as palavras (será que esse sujeito sabe falar galáctico?):

— Desculpe, senhor. Esta criança perdeu o seu protetor e só pensa nele. Não sei por que se fixou no senhor, já que foi criada por um robô, uma máquina...

O homem falou pela primeira vez. Tinha uma voz impessoal e um sotaque arcaico, mas falava galáctico com fluência.

— Sejam bem-vindos — disse.

Apesar de não haver mudado de expressão, parecia amistoso.

— Quanto a esta criança — prosseguiu —, talvez seja mais perceptiva do que pensam, pois eu sou um robô. Meu nome é Daneel Olivaw.

Capítulo 21
O Fim da Busca

101

Trevize se encontrava em um estado de total confusão, depois de passada a estranha euforia que sentira durante o pouso na lua... uma euforia provavelmente provocada por aquele pretenso robô que agora tinha diante de si.

O rapaz se sentia no perfeito controle das faculdades mentais, mas isso não o impedia de encarar com assombro uma réplica tão perfeita de um ser humano.

Não admira, pensou Trevize, que Bliss tivesse detectado algo que não era nem humano nem robô, "uma coisa nova", nas palavras de Pelorat. Palavras que haviam despertado em Trevize uma súbita inspiração... que no momento estava relegada a um segundo plano.

Bliss e Fallom tinham se afastado para explorar a grande caverna. A ideia tinha sido de Bliss, mas Trevize observara que, momentos antes, ela e Daneel haviam trocado um rápido olhar. Quando Fallom se recusou a ir e pediu para ficar com o ser que insistia em chamar de Jemby, uma palavra e um gesto de Daneel convenceram a criança do contrário. Trevize e Pelorat haviam ficado.

— Senhores, elas não pertencem à Fundação — disse o robô, como se aquilo explicasse tudo. — Uma é Gaia e a outra é uma Espacial.

Trevize permaneceu calado enquanto o robô os conduzia a um conjunto de cadeiras debaixo de uma árvore. Os dois se sentaram, atendendo a um gesto do robô, e quando o robô se sentou também, com movimentos perfeitamente humanos, Trevize perguntou:

— Você é mesmo um robô?

— Sim senhor — disse Daneel.

O rosto de Pelorat parecia brilhar de contentamento. Ele disse:

— As velhas lendas falam de um robô chamado Daneel. Você foi batizado em homenagem a esse robô?

— Eu sou esse robô — disse Daneel. — Não são lendas.

— Não é possível! — exclamou Pelorat. — Se você é esse robô, deve ter milhares de anos de idade!

— Vinte mil anos — declarou Daneel, com naturalidade. Pelorat olhou para Trevize, que disse, com um traço de irritação na voz:

— Se é um robô, ordeno a você que fale a verdade.

— Essa ordem é desnecessária, senhor. Eu *tenho* que falar a verdade. Acontece, senhor, que existem três possibilidades. Posso ser

um homem que está mentindo; posso ser um robô que foi programado para acreditar que tem vinte mil anos quando, na realidade, é muito mais recente; e posso ser realmente um robô com vinte mil anos de idade. O senhor precisa decidir qual dessas possibilidades é a verdadeira.

— Chegarei a uma conclusão conversando com você — disse Trevize secamente. — Mudando de assunto: é difícil acreditar que a gente esteja no interior da lua. Nem a luz — o rapaz olhou para cima enquanto falava e a luz era uma claridade difusa com a cor exata da luz do sol, embora o sol não estivesse visível no céu, ou por outra, nem o sol nem o céu estivessem visíveis — nem a gravidade correspondem ao que seria de se esperar. Este mundo deveria ter uma gravidade na superfície menor que 0, 2g.

— O valor exato da gravidade na superfície é de 0, 16g, senhor. Acontece que aqui onde estamos uma gravidade muito maior é mantida artificialmente pelas mesmas forças que dão aos senhores, na sua nave, a sensação de peso normal, mesmo quando estão em queda livre. Outras demandas de energia, inclusive a de iluminação, também são atendidas graviticamente, mas também usamos a energia solar quando ela é mais conveniente. Nossas necessidades de matérias-primas são todas supridas pelo solo lunar, com exceção dos elementos leves, hidrogênio, carbono e nitrogênio, que são extremamente escassos na lua. Obtemos esses elementos capturando um ou outro cometa. Uma captura por século é mais que suficiente para as nossas necessidades.

— Presumo que estejam impedidos de usar os recursos da Terra.

— Infelizmente, é verdade. Nossos cérebros positrônicos são tão sensíveis à radioatividade quanto as proteínas humanas.

— Você falou no plural e estou vendo uma mansão que me parece bonita, espaçosa e requintada... pelo menos, é a impressão que se tem do lado de fora. Então existem outros seres na lua? Homens? Robôs?

— Sim senhor. Temos um ecossistema da lua e uma enorme cavidade subterrânea que abriga esse ecossistema. Todos os seres inteligentes são robôs, mais ou menos como eu. Infelizmente, o senhor não verá nenhum deles. Quanto a essa mansão, foi construída para meu uso exclusivo. É uma réplica de uma casa onde eu morei há vinte mil anos atrás.

— E da qual você se lembra nos mínimos detalhes, não é mesmo?

— Exatamente. Fui fabricado e vivi durante algum tempo no planeta Aurora, um dos mundos dos Espaciais.

— Aquele dos... — Trevize não chegou a concluir.

— Sim senhor. Aquele dos cachorros.

— Então você sabe dos cachorros!

— Sim senhor.

— Que está fazendo aqui, se vivia em Aurora?

— Vim para cá há muitos anos atrás, para tentar impedir que a Terra se tornasse radioativa. Comigo veio um outro robô, chamado Giskard, que era capaz de detectar as emoções humanas e modificá-las.

— Como Bliss faz?

— Isso mesmo, senhor. Nosso sucesso foi apenas parcial e Giskard parou de funcionar. Antes disso, porém, transferiu para mim os seus poderes e me encarregou de zelar pela Galáxia e particularmente pela Terra.

— Por que a Terra?

— Em parte por causa de um homem chamado Elijah Baley, um terráqueo.

— É o herói mitológico de quem lhe falei outro dia, Golan — interrompeu Pelorat.

— Herói mitológico, senhor?

— O que o Dr. Pelorat quer dizer é que ele é uma pessoa à qual muitos feitos fantásticos são atribuídos, e que pode ser uma combinação de várias pessoas que realmente existiram ou um personagem totalmente fictício.

Daneel pensou um pouco e depois disse, com toda a calma:

— Isso não é verdade, senhores. Elijah Baley realmente existiu e foi um único homem. Não sei quais são as façanhas que as lenda atribuem a ele; o que sei é que, sem Baley, a Galáxia talvez nunca tivesse sido colonizada. Em sua memória, procurei salvar tudo o que foi possível da Terra depois que começou a ficar radioativa. Meus companheiros robôs se espalharam por toda a Galáxia em uma tentativa de influenciar as pessoas certas. Houve uma época em que, por nossa sugestão, chegaram a remover parte do solo radioativo da Terra, substituindo-o por solo não contaminado. Mais tarde, consegui que fosse iniciada a reforma de um planeta de uma estrela vizinha, chamada Alfa. Nenhum dos dois projetos, porém, chegou a ser concluído. Nunca senti inteira liberdade para agir sobre as mentes humanas, pois havia sempre o risco de que um ser humano sofresse algum tipo de dano no processo. Os senhores compreendem que das Leis da Robótica constituem um pesado fardo para nós robôs.

— Sim? Não era preciso um ser com os poderes mentais de Daneel para perceber, pelo tom com que Trevize havia pronunciado aquele monossílabo, que o rapaz jamais ouvira falar da Leis da Robótica.

— A Primeira Lei — explicou — é a seguinte: “Um robô não pode fazer mal a um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.” A Segunda Lei: “Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em

que essas ordens contrariem a Primeira Lei.” A Terceira Lei: “Um robô deve proteger a própria existência, desde que essa proteção não entre em conflito com a Primeira ou a Segunda Lei.” Naturalmente, tive que traduzir as leis para a linguagem humana; na verdade, elas representam complicadas configurações dos nossos circuitos positrônicos cerebrais.

— E você acha difícil obedecer a essas leis?

— Sim senhor. Por causa da Primeira Lei, fico quase totalmente impedido de usar meus poderes mentais. Quando se lida com uma Galáxia inteira, é impossível deixar de causar mal a seres humanos, qualquer que seja o curso de ação escolhido. O que procuro fazer é encontrar o caminho que minimize o sofrimento humano. Entretanto, o número de possibilidades é tão grande que às vezes o tempo gasto na análise se torna proibitivo...

— Compreendo — disse Trevize.

— Durante toda a história da Galáxia, fiz o que pude para evitar as guerras e injustiças que parecem assolar todas as civilizações humanas. Posso ter conseguido alguma coisa em casos isolados, mas se o senhor estudou História, sabe que meus sucessos não foram frequentes nem retumbantes.

— Acho que tem razão — concordou Trevize, com um sorriso irônico.

— Pouco antes de deixar de funcionar, Giskard imaginou uma lei ainda mais poderosa que a primeira. Por falta de um nome melhor, nós a chamamos de Lei Zero. A Lei Zero diz o seguinte: “Um robô não pode causar mal à Humanidade ou, por omissão, permitir que a Humanidade sofra algum mal.” Isto significa que a Primeira Lei deve ser modificada para: “Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal, exceto nos casos em que isso seja necessário para obedecer à Lei Zero”. “Modificações semelhantes devem ser feitas na Segunda e Terceira Leis.”.

Trevize franziu a testa.

— Como é que vocês vão saber o que é bom e o que não é bom para a Humanidade como um todo?

— Aí é que está o problema, senhor. Teoricamente, a Lei Zero era a solução para todos os nossos conflitos; na prática, jamais pôde ser aplicada. Um ser humano é um objeto concreto. O mal causado a uma pessoa pode ser estimado e medido. A Humanidade é uma abstração. Que fazer?

— Não sei — disse Trevize.

— Espere! — disse Pelorat. — Você podia... você podia converter toda a Humanidade em um único organismo: Gaia!

— Foi o que tentei fazer, senhor. Fui eu o responsável pela

fundação de Gaia. Se a Humanidade se transformasse em um único organismo, passaria a ser um objeto concreto, fácil de analisar. Entretanto, não foi tão fácil criar um superorganismo quanto eu havia imaginado. Em primeiro lugar, isso não seria possível se os seres humanos não dessem maior valor ao superorganismo do que à própria individualidade, e eu tinha que encontrar um modelo mental que respeitasse essa premissa. Afinal, lembrei-me das Leis da Robótica.

— Ah, então os gaianos *são* robôs. Desconfiei desde o princípio!

— Nesse caso, suas suspeitas foram infundadas, senhor. Eles são seres humanos, mas nos seus circuitos neurônicos foram implantadas configurações equivalentes às Leis da Robótica. Mesmo depois que isso foi feito, porém, ainda restava um problema sério. Um superorganismo constituído unicamente por seres humanos é necessariamente instável. É preciso combinar os seres humanos com outros animais, com plantas, até com a matéria inorgânica. O menor superorganismo verdadeiramente estável é um planeta inteiro, um planeta suficientemente grande e complexo para possuir um ecossistema estável. Levamos muito tempo para compreender esse fato, de modo que foi apenas neste último século que demos como concluída a fundação de Gaia e iniciamos a fase seguinte do projeto, a fundação da Galáxia Viva.

— Mas precisavam de mim para tomar a decisão, não é?

— Sim senhor. As Leis da Robótica não permitiam que a decisão fosse tomada nem por mim nem por Gaia, pois havia o risco de causarmos algum tipo de mal à Humanidade. Enquanto isso, há cinco séculos atrás, quando parecia que eu jamais iria conseguir resolver os problemas ligados à fundação de Gaia, resolvi tentar outra coisa e ajudei a criar a ciência da psico-história.

— Eu devia ter adivinhado — murmurou Trevize. — você sabe, Daneel, estou começando a acreditar que você *tem* vinte mil anos de idade.

— Obrigado, senhor.

— Espere um momento — disse Pelorat — Acabei de pensar em uma coisa. Você também é parte de Gaia, Daneel? Foi assim que soube dos cachorros de Aurora? Através de Bliss?

— De certa forma, senhor, sua conclusão é acertada. Estou associado a Gaia, embora não seja propriamente parte de Gaia.

Trevize interveio:

— Essa sua explicação me faz lembrar Comporellon, o planeta que visitamos logo depois que partimos de Gaia. Os locais insistem em que não fazem parte da Fundação, mas são apenas um dos Planetas Associados.

Daneel fez que sim com a cabeça.

— A analogia é válida, senhor. Posso, como associado de Gaia,

fazer uso de todos os conhecimentos de Gaia.. na pessoa daquela mulher, por exemplo. Gaia, porém, não pode fazer uso dos meus conhecimentos, de modo que conservo minha liberdade de ação. Essa liberdade de ação é necessária até que a Galáxia Viva seja uma realidade.

Trevize olhou fixamente para o robô por um momento e depois disse:

— Através de Bliss, você estava presente o tempo todo na nossa viagem, não estava? Usou seus poderes para trazer-nos para cá, não usou?

Daneel suspirou de forma curiosamente humana.

— Não pude fazer muita coisa, senhor. As Leis da Robótica não me permitem. Mesmo assim, ajudei Bliss a lidar com os cães de Aurora e com o Espacial de Solaria. Além disso, influenciei duas mulheres, uma em Comporellon e outra em Nova Terra, para que ajudassem o senhor.

— Devia ter adivinhado que não foi por minha causa — disse Trevize, com um sorriso amarelo.

— Pelo contrário — disse Daneel. — As duas mulheres simpatizaram com o senhor desde o princípio. Limitei-me a reforçar esse sentimento, dentro das limitações impostas pelas Leis da Robótica. Devido a essas limitações... e também por outros motivos... foi com grande dificuldade que consegui trazê-lo para cá. Em várias ocasiões estive a ponto de perdê-lo.

— Agora, que *estou* aqui, o que deseja? Que confirme minha decisão a favor da Galáxia Viva?

O rosto de Daneel, sempre inexpressivo, assumiu ar preocupado.

— Não senhor. A decisão já foi tomada e não precisa de confirmação. Trata-se de algo muito mais urgente. Estou morrendo.

102

Talvez tenha sido a naturalidade com que Daneel se referiu ao fato; ou talvez porque uma existência de vinte mil anos fez com que a morte não parecesse nenhuma tragédia para alguém condenado a viver menos que meio por cento desse período de tempo; a verdade é que Trevize não sentiu nenhuma pena do robô.

— Está morrendo? Uma máquina pode morrer?

— Posso deixar de existir, senhor. Use o nome que quiser. Estou velho. Em toda a Galáxia, nenhum ser inteligente que estava vivo quando fui construído ainda vive hoje em dia; nem homem nem robô. Eu mesmo mudei muito.

— Como assim?

— Não existe nenhuma parte do meu corpo que não tenha sido

substituída, não uma, mas várias vezes. Até o meu cérebro positrônico foi substituído em cinco diferentes ocasiões. Cada vez que isso aconteceu, todo o conteúdo do cérebro antigo foi transferido para o cérebro novo. Cada cérebro novo era maior e mais complexo que o anterior, de modo que havia espaço para mais memórias e ao mesmo tempo eu me tornava capaz de decidir e agir com maior rapidez. Entretanto...

— O quê?

— Quanto mais avançado e complexo é um cérebro positrônico, maior a instabilidade e mais depressa ele se deteriora. Meu cérebro atual é cem mil vezes mais sensível que o primeiro e tem uma capacidade dez milhões de vezes maior; por outro lado, enquanto o meu primeiro cérebro durou mais de dez mil anos, a atual tem apenas seiscentos anos e já começa a dar sinais de senilidade. Minha capacidade de tomar decisões já não é a mesma; a capacidade de detectar e induzir emoções através do hiperespaço praticamente desapareceu. Não adianta tentar construir um sexto cérebro. As tentativas de conseguir uma miniaturização maior esbarrariam no princípio da incerteza; qualquer aumento adicional na complexidade tornaria o cérebro tão instável que ele se deterioraria em poucos minutos.

— Mas agora, Daneel, Gaia pode muito bem prosseguir sem você — disse Pelorat. — Agora que Trevize optou pela Galáxia Viva...

— Acontece que perdemos muito tempo, senhor — disse Daneel, como sempre sem revelar qualquer emoção. — Tive que esperar até que Gaia estivesse perfeitamente estabelecido. Quando consegui localizar um ser humano... o Sr. Trevize... que fosse capaz de tomar a decisão crucial, era tarde demais. Não pensem, porém, que não tomei medidas para prolongar minha vida. Pouco a pouco fui reduzindo minhas atividades. Quando não podia mais contar com medidas ativas para manter o isolamento do sistema Terra/Lua, adotei medidas passivas. Nos últimos anos, os robôs humaniformes que trabalham comigo também tiveram que ser reunidos aqui. Uma de suas últimas tarefas foi remover todas as referências à Terra dos arquivos planetários. Entretanto, sem a nossa ajuda, Gaia não conseguirá absorver toda a Galáxia.

— Você sabia de tudo isso quando tomei minha decisão? — perguntou Trevize.

— Um certo tempo antes, senhor — respondeu Daneel. — Gaia, naturalmente, não sabia.

— Então com que objetivo levou a trama até o fim? — perguntou Trevize, zangado. — De que adiantou? Desde que tomei a decisão, estou vasculhando a Galáxia à procura da Terra e do que considerava como o seu "segredo"... sem saber que o segredo era *você*... na

esperança de confirmar a minha decisão. Pois ela *está* confirmada. Agora sei que a Galáxia Viva é absolutamente essencial... só que isso não serve para nada. Por que não deixou a Galáxia entregue a si própria... e eu aos meus afazeres?

— Porque, senhor, ainda tinha esperanças de encontrar uma saída. E acho que encontrei. Ao invés de substituir o meu cérebro por outro cérebro positrônico, o que seria impraticável, poderia fundi-lo com um cérebro humano, um cérebro humano que não esteja sujeito às Três Leis e que por isso me permita maior liberdade de ação. Foi para isso que os trouxe aqui.

Trevize parecia horrorizado.

— Quer dizer que você planeja fundir um cérebro humano com o seu? Fazer com que um homem perca a sua individualidade para que você não morra?

— Sim senhor. Isso não me tornaria imortal, mas me daria tempo suficiente para implantar a Galáxia Viva.

— E você me trouxe aqui para *isso?* Quer que minha independência em relação às Três Leis e o meu bom senso se tornem parte de você? Pois a resposta é não!

— O senhor mesmo acabou de dizer que a Galáxia Viva é essencial para o bem-estar da Humanidade...

— Sim, mas estava imaginando que a Galáxia Viva levaria muito tempo para se tornar realidade, que até lá eu estaria morto e enterrado como um indivíduo independente. Por outro lado, se a Galáxia Viva fosse estabelecida rapidamente, todos perderiam a individualidade e eu não teria muito que lamentar. O que me recuso terminantemente é a abrir mão da minha individualidade enquanto o resto da Galáxia conserva a sua.

— Então é exatamente como eu pensava — disse Daneel. — O senhor não concorda com a fusão e, de qualquer forma, seu cérebro pode ser mais bem aproveitado como unidade independente.

— Quando foi que mudou de ideia? Você disse que me trouxe aqui para fundir o seu cérebro com o meu!

— O senhor talvez não tenha notado, mas usei a frase no plural: "Foi para isso que os trouxe aqui."

Pelorat se remexeu no assento.

— Diga-me, Daneel, um cérebro humano que se fundisse com o seu compartilharia todas as suas memórias... todas as memórias dos últimos vinte mil anos?

— Sim senhor.

Pelorat respirou fundo.

— Isso para mim seria a realização suprema da minha carreira de pesquisador. Para conseguir isso, abriria mão de minha individualidade de muito bom grado. Por favor, conceda-me o

privilégio de compartilhar do seu cérebro.

— E Bliss? — lembrou Trevize. — O que será de Bliss? Pelorat hesitou apenas por um momento.

— Bliss vai entender. De qualquer forma, ela estará melhor sem mim...

Daneel sacudiu a cabeça.

— Sua oferta é generosa, Dr. Pelorat, mas não posso aceitá-la. Seu cérebro é antigo e não sobreviverá por mais que duas ou três décadas, mesmo depois de fundir-se com o meu. Preciso de um cérebro mais jovem... Vejam! Ela está de volta!

Bliss estava chegando do passeio, com passos saltitantes e uma expressão de felicidade no rosto. Pelorat levantou-se, alarmado.

— Bliss! Oh, não!

— Não se preocupe, Dr. Pelorat — disse Daneel. — Não posso usar Bliss. Bliss é Gaia e, como expliquei, não devo fundir-me com Gaia.

— Nesse caso — disse Pelorat — quem...

Trevize, olhando para a figurinha que acompanhava Bliss, explicou:

— Era Fallom que o robô queria o tempo todo, Janov.

103

Bliss chegou sorridente. Parecia estar de muito bom humor.

— Não pudemos sair da propriedade — disse —, mas achei isso aqui tão parecido com Solaria! Fallom, naturalmente, está convencida de que *estamos* em Solaria. Perguntei-lhe se não achava Daneel um pouco diferente de Jemby... afinal, Jemby era metálico... e Fallom respondeu "Não, no fundo, não". Não faço ideia do que ela quis dizer com "no fundo".

A moça olhou para Fallom, que estava a uma certa distância, tocando a flauta para Daneel, que balançava a cabeça no ritmo da música. Era uma linda melodia.

— Vocês sabiam que Fallom tinha trazido a flauta? — perguntou Bliss. — Acho que tão cedo não vamos conseguir tirá-la de perto de Daneel...

O comentário foi recebido com um silêncio pesado e Bliss olhou para os dois, assustada. ...

— Que foi que houve?

Trevize fez um gesto na direção de Pelorat. Era melhor que ele explicasse a Bliss, o gesto parecia dizer. Pelorat pigarreou e disse:

— Na verdade, Bliss, acho que Fallom vai ficar permanentemente com Daneel.

— É mesmo?

Bliss franziu a testa e fez menção de aproximar-se de Daneel, mas Pelorat segurou-a pelo braço.

— Bliss querida, é melhor não se meter. Esse robô é mais poderoso do que Gaia, e além disso, para que a Galáxia Viva se torne realidade, vai precisar da ajuda de Fallom. Deixe-me explicar... Golan, por favor, corrija-me se achar que estou distorcendo os fatos.

Bliss escutou o relato com uma expressão cada vez mais triste.

Trevize tentou consolá-la:

— Você pode ver que é a solução mais lógica, Bliss. A criança é uma Espacial e Daneel foi projetado e construído por Espaciais. A criança foi criada por um robô em uma propriedade não muito diferente desta aqui. Fallom tem poderes que poderão ser muito úteis para Daneel e viverá mais uns três ou quatro séculos, tempo que pode ser necessário para a consolidação da Galáxia Viva.

Bliss disse, com o rosto vermelho e os olhos úmidos:

— Acho que o robô nos fez passar em Solaria antes de virmos para cá porque precisava da criança.

Trevize deu de ombros.

— Ele pode estar simplesmente aproveitando a oportunidade. Não acho que tenha poderes suficientes no momento para controlar nossas ações através do hiperespaço.

— Não! Foi de propósito! Ele me fez sentir uma atração especial pela criança para que eu a trouxesse comigo, em vez de deixá-la em Solaria para ser morta; para que eu a protegesse de você, que sempre implicou com Fallom e teria se livrado dela na primeira oportunidade.

— Como sabe que isso é verdade? A afeição que você sente pela criança pode muito bem ser genuína, e permitir que os solarianos a matassem não estaria de acordo com o código de ética dos gaianos, mesmo sem a intervenção de Daneel. Pense, Bliss, você não tem nada a ganhar. Suponha que o robô a *deixasse* partir com Fallom; para onde a levaria? De volta para Solaria, onde seria certamente executada; para algum mundo cheio de gente, onde não teria um momento de paz; para Gaia, onde morreria de saudade de Jemby; ou em uma viagem sem fim pela Galáxia, na qual ela confundiria com Solaria todo planeta novo que encontrássemos? E onde você encontraria um cérebro para fundir-se com o de Daneel, o que é indispensável se queremos que a Galáxia Viva se torne uma realidade?

Bliss ficou calada.

Pelorat estendeu timidamente a mão para a moça.

— Bliss, ofereci meu cérebro a Daneel. Ele recusou, alegando que eu era muito velho. Gostaria que tivesse aceitado, pois assim estaria salvando Fallom para você.

Bliss segurou-lhe a mão e beijou-a.

— Obrigado, Pel, mas o preço teria sido alto demais, mesmo que

fosse para que eu pudesse ficar com Fallom. — A moça respirou fundo e tentou sorrir. — Talvez, quando voltarmos a Gaia, eu possa ter um filho... e certamente colocarei Fallom entre as sílabas do seu nome.

Como se soubesse que a questão tinha sido resolvida, Daneel caminhou na direção deles, com Fallom trotando ao seu lado.

A criança começou a correr e chegou primeiro. Disse para Bliss:

— Obrigado, Bliss, por me trazer de volta para Jemby e por cuidar de mim enquanto estávamos viajando. Nunca me esquecerei de você.

Atirou-se nos braços de Bliss e as duas se abraçaram com força.

— Espero que você seja muito feliz — disse Bliss. — Eu também nunca vou me esquecer de você.

Fallom voltou-se para Pelorat e disse:

— Obrigado a você, também, Pel, por me emprestar os seus livros.

Em seguida, sem dizer mais nada, e depois de um momento de hesitação, estendeu a mão para Trevize. O rapaz apertou-a.

— Boa sorte, Fallom — murmurou. Daneel disse:

— Agradeço a todos pelo que fizeram, cada um a seu modo. Estão livres para partir, pois a busca terminou. Quanto ao meu trabalho, agora poderá prosseguir, com grande probabilidade de sucesso.

— Espere, ainda falta uma coisa — disse Bliss. — Não sabemos se Trevize ainda pensa que o melhor futuro para a humanidade é a Galáxia Viva e não um gigantesco aglomerado de Isolados.

— Ele já manifestou sua opinião há muito tempo — disse Daneel. — Trevize é a favor da Galáxia Viva.

— Preferia ouvir diretamente dos seus lábios — disse Bliss. — Como vai ser, Trevize?

— Como quer que seja, Bliss? — perguntou Trevize, calmamente. — Se eu decidir contra a Galáxia Viva, você terá Fallom de volta.

— Eu sou Gaia — disse Bliss. — Preciso conhecer a sua decisão e os motivos que o levaram a ela.

— Diga para ela, senhor — pediu o robô. — Sua mente, como Gaia bem sabe, está livre de qualquer influência externa.

— Escolho a Galáxia Viva — disse Trevize. — Já não resta mais nenhuma dúvida de que esta é a opção correta.

104

Bliss ficou calada durante o tempo que alguém levaria para contar sem pressa até cinquenta, como que para permitir que a informação chegasse a todas as partes de Gaia. Depois, perguntou:

— Por quê?

— Eu explico — disse Trevize. — Sabia desde o princípio que

havia dois futuros possíveis para a humanidade: a Galáxia Viva, de um lado, e o Segundo Império do Plano de Seldon do outro. A mim me parecia que esses dois futuros eram mutuamente exclusivos. Não poderíamos ter a Galáxia Viva a menos que, por algum motivo, houvesse um erro fundamental no Plano de Seldon.

”Infelizmente, não conhecia nada a respeito do Plano de Seldon, a não ser os dois axiomas em que se baseia: primeiro, que o número de seres humanos envolvidos seja suficientemente grande para que a humanidade possa ser tratada estatisticamente como um grupo de indivíduos interagindo aleatoriamente; segundo, que a humanidade não conheça os resultados das análises psico-históricas antes que esses resultados sejam atingidos.”

”Como já havia optado pela Galáxia Viva, achei que devia conhecer inconscientemente alguma falha no Plano de Seldon e que essa falha só podia estar nos axiomas, que eram a única parte do plano que eu conhecia. Entretanto, não conseguia ver nada de errado nos axiomas. Decidi, então, partir à procura da Terra, sentindo que devia haver alguma razão para a Terra ter sido escondida com tanto cuidado. Tinha que descobrir qual era essa razão.

”Na verdade, não tinha nenhum motivo para acreditar que ao encontrar a Terra encontraria também a solução para as minhas dúvidas; acontece que a ideia se insinuou em minha mente, plantada talvez por Daneel, que precisava de uma criança de Solaria.

”De qualquer forma, conseguimos afinal chegar à Terra e depois à Lua. Bliss detectou a mente de Daneel, que, naturalmente, estava procurando comunicar-se com ela. Ela descreveu aquela mente como nem humana nem robótica. Sob certo aspecto estava certa, pois o cérebro de Daneel é muito mais avançado que o de qualquer outro robô e portanto não podia ser percebido como simplesmente robótico. Entretanto, também não podia ser percebido como humano. Pelorat referiu-se a ele como 'uma coisa nova' e isso serviu para despertar 'uma coisa nova' nas minhas ideias.

”Assim como, há muitos anos atrás, Daneel e seu amigo chegaram a uma quarta lei da robótica que era mais fundamental que as outras três, de repente me dei conta de que existia um terceiro axioma da psico-história que era mais fundamental que os outros dois; um terceiro axioma tão fundamental que ninguém se havia preocupado em torná-lo explícito.

”Aqui está ele. Os dois axiomas conhecidos se referem a seres humanos e se baseiam implicitamente no axioma de que os seres humanos são a *única* espécie inteligente da Galáxia e portanto os únicos organismos cujas ações são importantes para a evolução da sociedade. Este é o terceiro axioma: que existe uma única espécie de inteligência na Galáxia e que essa espécie é o *Homo Sapiens.* Se

existisse 'uma coisa nova', se houvesse outra espécie inteligente além do Homem, então seu comportamento não seria descrito adequadamente pela matemática da psico-história e o Plano de Seldon seria um mero exercício acadêmico. Estão entendendo?

Trevize estava quase tremendo no seu esforço para fazer-se compreender. Repetiu:

— Estão entendendo?

— Sim, estamos, meu velho amigo — disse Pelorat. — Entretanto, como advogado do diabo...

— Sim? Prossiga.

— ... devo lembrar a você que os seres humanos *são* a única espécie inteligente da Galáxia.

— E os robôs? — perguntou Bliss. — E Gaia? Pelorat pensou um pouco e depois disse:

— Os robôs não desempenharam um papel significativo na história humana desde o desaparecimento dos Espaciais. Gaia não desempenhou papel significativo até recentemente. Os robôs foram criados por seres humanos e Gaia foi criado pelos robôs. Tanto os robôs quanto Gaia não podem deixar de obedecer aos seres humanos, já que estão sujeitos às Três Leis da Robótica. A despeito dos vinte mil anos de trabalho de Daneel, e do longo tempo que Gaia levou para se desenvolver, uma única palavra de Golan Trevize, um ser humano, tornaria inútil tudo que fizeram. Segue-se, portanto, que a Humanidade é a única espécie inteligente que conta e portanto a psico-história continua a ser válida.

— A única forma de inteligência da Galáxia — disse Trevize, devagar. — Eu concordo. Entretanto, falamos tanto da Galáxia que às vezes nos esquecemos de que ela não é tudo. A Galáxia não é o Universo. Existem outras galáxias.

Pelorat e Bliss se remexeram, inquietos. Daneel escutou gravemente, enquanto acariciava a cabeça de Fallom.

— Prestem atenção — disse Trevize. — Perto da nossa Galáxia ficam as Nuvens de Magalhães, que jamais foram visitadas por naves humanas. Um pouco mais longe existem outras pequenas galáxias, e logo depois está a gigantesca Galáxia de Andrômeda, maior que a nossa. No Universo conhecido, existem bilhões de galáxias.

”Na nossa Galáxia surgiu apenas um tipo de inteligência capaz de desenvolver uma sociedade tecnológica, mas o que sabemos a respeito das outras galáxias? A nossa pode ser atípica. Em algumas das outras, talvez na maioria, pode haver várias espécies inteligentes em competição, todas incompreensíveis para nós. Talvez essa competição as mantenha ocupadas, mas imaginem o que pode acontecer se, em alguma galáxia, uma das espécies conseguir dominar as outras e tiver tempo para pensar na possibilidade de explorar outras galáxias.

”Do ponto de vista do hiperespaço, a Galáxia não passa de um ponto... ou por outra, todo o Universo não passa de um ponto. Ainda não visitamos nenhuma outra galáxia e, pelo que sabemos, nenhuma espécie inteligente de outra galáxia jamais nos visitou. Entretanto, isso pode mudar de uma hora para outra. E se os invasores vierem, certamente encontrarão meios de voltar alguns seres humanos contra outros seres humanos. Estamos acostumados a lutar contra nós mesmos. Um invasor que nos encontre assim divididos não terá dificuldade para dominar-nos ou mesmo exterminar-nos. Nossa única defesa é criar a Galáxia Viva, que não pode ser voltada contra si mesma e que pode unir todos os seres humanos contra os invasores.

— O quadro que você pintou é assustador — disse Bliss. — Será que teremos tempo para criar a Galáxia Viva?

Trevize olhou para cima, como se sua visão pudesse penetrar na grossa camada de rochas lunares que o separava da superfície e do espaço; como se estivesse enxergando galáxias distantes, atravessando lentamente o espaço. Ele disse:

— Em toda a história humana, nenhuma outra inteligência tentou nos escravizar. Se essa situação continuar durante mais uns poucos séculos, talvez pouco mais que um décimo milésimo da idade da nossa civilização, estaremos seguros. Afinal de contas — e nesse instante Trevize sentiu uma leve desconfiança, que tentou ignorar —, não é como se o inimigo já estivesse aqui, no nosso meio.

Ele não teve coragem de olhar para baixo, de enfrentar os olhos de Fallom — hermafrodita, transdutor, diferente — que o observavam de forma enigmática.

A História por Trás da Fundação

Em 1º de agosto de 1941, eu tinha 21 anos de idade, estava fazendo pós-graduação em química na Universidade de Colúmbia e escrevia ficção científica profissionalmente há três anos. Naquele dia, iria encontrar-me com John Campbell, editor da revista *Astounding, a* quem já havia vendido cinco dos meus contos. Estava ansioso para falar-lhe de uma nova ideia para uma história de ficção científica.

Seria uma espécie de romance histórico do futuro; a história da queda do Império Galáctico. Meu entusiasmo deve ter sido contagiante, porque Campbell ficou animadíssimo. Não queria que eu escrevesse apenas um conto; queria uma série de contos, descrevendo os mil anos de agitação entre a queda do Primeiro Império Galáctico e o surgimento do Segundo Império Galáctico. Por trás de tudo estaria a ciência da "psico-história", que eu e Campbell inventamos naquele dia.

O primeiro conto foi publicado no número de maio de 1942 da revista *Astounding* e o segundo no número de junho do mesmo ano. Eles foram um sucesso imediato e Campbell me fez escrever mais seis até o final da década. Os contos foram ficando cada vez mais longos. O primeiro tinha apenas doze mil palavras; dois dos últimos três tinham mais de cinquenta mil.

Quando terminou a década, já estava cansado da série; abandonei-a e dediquei-me a outras atividades. Naquela ocasião, porém, várias editoras estavam começando a publicar livros de ficção científica. Uma delas era uma pequena firma semiprofissional, a Gnome Press. Ela publicou a minha série da Fundação em três volumes: *Foundation (Fundação)* em 1951; *Foundation and Empire (Fundação e Império)* em 1952; e *Second Foundation (Segunda Fundação)* em 1953. O conjunto dos três livros passou a ser conhecido como a *Trilogia da Fundação.*

Os livros não venderam muito bem, pois a Gnome Press não dispunha de capital suficiente para anunciá-los e promovê-los. A editora não me enviava relatórios de vendas e nunca me pagou um centavo de direitos autorais.

No início de 1961, meu editor na Doubleday, Timothy Seldes, me contou que havia recebido uma solicitação de uma editora estrangeira para republicar os livros da Fundação. Como os livros não eram da Doubleday, estava passando o pedido para mim. Dei de ombros. "Não estou interessado, Tim. Esses livros não me rendem direitos autorais."

Seldes ficou horrorizado e na mesma hora decidiu entrar em contato com a Gnome Press (que na época já estava quase falida) para comprar os direitos sobre os meus livros. Em agosto do mesmo ano, os

livros da Fundação, juntamente com *I, Robot (Eu, Robô),* passaram a ser propriedade da Doubleday.

Daquele momento em diante, a série da Fundação deslanchou. A Doubleday publicou a *Trilogia* em um único volume e o distribuiu através do Science Fiction Book Club (Clube de Livros de Ficção Científica), o que contribuiu em muito para a popularidade da série.

Na Convenção Mundial de Ficção Científica de 1966, reunida em Cleveland, os fãs tiveram a oportunidade de escolher a "Melhor Série de Todos os Tempos". Foi a primeira vez (e, até agora, a única) em que a categoria foi incluída entre as indicações para o Prêmio Hugo. A *Trilogia da Fundação* ganhou o prémio, o que tornou a série ainda mais conhecida.

Nos anos que se seguiram, recebi inúmeros pedidos dos leitores para continuar a série. A princípio, recusei, de forma educada mas firme. Mesmo assim, fiquei fascinado com o fato de que pessoas que nem eram nascidas na época em que eu havia escrito a obra se interessassem tanto por ela.

Por outro lado, a Doubleday estava levando muito mais a sério as exigências do público. Durante vinte anos, aceitaram a minha recusa; entretanto, quando a pressão dos leitores se tornou excessiva, perderam a paciência. Em 1981, fui simplesmente intimado a escrever outro romance a respeito da Fundação. Para dourar a pílula, a Doubleday me ofereceu uma quantia dez vezes maior que o adiantamento usual.

Concordei, embora um pouco apreensivo. Afinal, fazia 32 anos que não escrevia uma história sobre a Fundação e agora estavam me pedindo um romance de 140. 000 palavras, duas vezes maior que qualquer dos livros anteriores da série e quase três vezes maior que o maior dos contos! Li de novo a *Trilogia da Fundação,* respirei fundo e comecei a trabalhar.

O quarto livro da série, *Foundation's Edge (Fundação II),* foi lançado em outubro de 1982 e, para minha surpresa, em pouco tempo estava na lista de *bestsellers* do *New York Times.* Na verdade, ficou na lista durante 25 semanas. Era a primeira vez que isso acontecia com um dos meus livros.

Diante disso, a Doubleday me encomendou novos romances de ficção científica e escrevi dois, *Os Robôs do Amanhecer* e *Os Robôs e o Império,* que faziam parte de outra série, a dos livros sobre robôs. Estava na hora de voltar à Fundação.

Assim, escrevi *Foundation and Earth (A Fundação e a Terra),* que começa exatamente no ponto em que *Foundation's Edge (Fundação II)* termina, e que é o livro que você tem nas mãos. Talvez seja interessante você passar os olhos por *Fundação II* para recordar os pontos principais, mas isso não é indispensável; *A Fundação e a Terra* é

uma obra independente. Espero que seja do seu agrado.

Isaac Asimov
Nova York, 1986